



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE CIBERPSICOLOGIA E HUMANIDADES DIGITAIS

RENATA GUARANÁ DE SOUSA LORENA

**A VIRTUALESCÊNCIA SERTANEJA NAS REDES SOCIAIS:
EM CENA EXPRESSÕES DO ADOLESCER**

RECIFE

2025

RENATA GUARANÁ DE SOUSA LORENA

**A VIRTUALESCÊNCIA SERTANEJA NAS REDES SOCIAIS:
EM CENA EXPRESSÕES DO ADOLESCER**

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco e à banca examinadora, na linha de pesquisa Ciberpsicologia e Humanidades Digitais, como requisito para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Véronique Donard.

RECIFE

2025

L868v Lorena, Renata Guaraná de Sousa.
 A virtualescência sertaneja nas redes sociais : em
 cena expressões do adolescer / Renata Guaraná de
 Sousa Lorena, 2025.
 395 f. : il.

 Orientador(a): Véronique Donard.
 Tese (Doutorado) - Universidade Católica de
 Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia.
 Clínica. Doutorado em Psicologia Clínica, 2025.

 1. Psicanálise. 2. Psicologia do adolescente.
 3. Redes sociais on-line. 4. Internet e adolescentes.
 5. Sofrimento - Aspectos psicológicos. I. Título.

CDU 159.964.2

Luciana Vidal – CRB4/1338

RENATA GUARANÁ DE SOUSA LORENA

**A VIRTUALESCÊNCIA SERTANEJA NAS REDES SOCIAIS:
EM CENA EXPRESSÕES DO ADOLESCER**

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco e à banca examinadora, na linha de pesquisa Ciberpsicologia e Humanidades Digitais, como requisito para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica.

Recife, 25 de abril de 2025.



Prof. e orientadora **Veronique Donard, Dra.**

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Documento assinado digitalmente

gov.br

ANNA CAROLINA FRANCO BENTES

Data: 17/06/2025 09:33:19-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

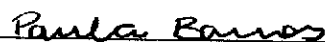
Prof. Anna Carolina Franco Bentes, Dra.

Fundação Getúlio Vargas - FGV



Prof. Monah Winograd, Dra.

Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ



Prof. Paula Cristina Monteiro de Barros, Dra.

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Documento assinado digitalmente

gov.br

VANINA COSTA DIAS

Data: 17/06/2025 14:00:40-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Vanina Costa Dias, Dra.

Faculdade Pedro Leopoldo - MG

Dedico esta tese às minhas filhas,
Valentina e Alice,
e ao meu marido, George,
cujo amor, paciência, compreensão e incentivo
tornaram possível esta jornada e, com muito
carinho, dedico à adolescente que eu fui.

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao final desta tese, estou absolutamente convicta de que um trabalho de tamanha magnitude somente foi possível porque contei com o envolvimento de inúmeras pessoas que lutaram ao meu lado de tantas maneiras. É preciso agradecê-los neste espaço, como um gesto simbólico de uma gratidão profunda.

Em primeiro lugar, agradeço ao Senhor, por ter me dado saúde, renovado minhas forças diariamente para que eu pudesse conciliar tantas funções e me dedicar à pesquisa.

Agradeço à minha família, em especial às minhas filhas pela tolerância com as minhas ausências e ao meu marido por ser a sustentação necessária que me permitiu escrever. Minha mãe, por ter ocupado incansavelmente o posto de principal leitora deste texto. Minhas irmãs pelo encorajamento de sempre. Ao meu pai, meus avós Guaraná, Edi e Maria Dulce, meus sogros e minha rede de suporte: Rose, Maria, Karina, Aline e Olímpia.

Lançar-se na escrita psicanalítica exige coragem para escavar nossas raízes e apenas podemos avançar até onde a análise nos levou. Agradeço à minha analista, Sandra Walter, por ter escutado as mazelas desse processo e desvendado junto comigo o desejo que se manteve aceso, atuante e tornou possível esse trabalho.

Agradeço à minha orientadora Profa. Véronique, por ter viabilizado essa ousada pesquisa e pelos nossos encontros que me desafiaram e me lançaram a trabalhar arduamente. Agradeço ao corpo docente do PPGPSI da UNICAP, pelo empenho, dedicação e seriedade com a qual desempenham suas funções. Agradeço à Leda Bernardino e ao grupo de estudo “Adolescência”. Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro.

Agradeço à UNIFIS, aos docentes da instituição e, em especial aos alunos que participaram do programa de extensão Adolescência Conectada, cujo trabalho viabilizou a robusta coleta de dados desta tese.

Agradeço à Prefeitura de Serra Talhada por abrir as portas das instituições de ensino, em especial às Profas. Evani, Coquinha, Taciana, Maria de Lourdes por todo apoio e acolhimento. Aos meus amigos de jornada, Alessandro, Bárbara, Samara, Dany, Karla.

Agradeço enormemente aos participantes da pesquisa, sem vocês essa tese jamais seria possível! Obrigada por compartilharem intimidades, viabilizando uma troca rica e profunda e por permitirem o acesso ao perfil.

Metade, Oswaldo Montenegro

*Que a força do medo que tenho
não me impeça de ver o que anseio.
Que a morte de tudo em que acredito
não me tape os ouvidos e a boca.*

*Porque metade de mim é o que eu grito,
mas a outra metade é silêncio.*

*Que a música que ouço ao longe
seja linda ainda que tristeza.
Que a mulher que eu amo seja pra sempre amada
mesmo que distante.*

*Porque metade de mim é partida,
mas a outra metade é saudade.*

*Que as palavras que eu falo
não sejam ouvidas como prece
nem repetidas com fervor,
apenas respeitadas,
como a única coisa que resta a um homem
inundado de sentimentos.*

*Porque metade de mim é o que ouço,
mas a outra metade é o que calo.*

*Que essa minha vontade de ir embora
se transforme na calma e na paz que eu mereço.
E que essa tensão que me corrói por dentro
seja um dia recompensada.*

*Porque metade de mim é o que penso,
mas a outra metade é um vulcão.*

*Que o medo da solidão se afaste,
e o convívio comigo mesmo
se torne ao menos suportável.
Que o espelho reflita em meu rosto
um doce sorriso que me lembro ter dado na infância.*

*Porque metade de mim é a lembrança do que fui,
a outra metade eu não sei.*

*Que não seja preciso mais do que uma simples alegria
para me fazer aquietar o espírito.
E que o teu silêncio me fale cada vez mais.*

*Porque metade de mim é abrigo,
mas a outra metade é cansaço.*

*Que a arte nos aponte uma resposta,
mesmo que ela não saiba.
E que ninguém a tente complicar,
porque é preciso simplicidade
para fazê-la florescer.*

*Porque metade de mim é plateia,
e a outra metade é canção.*

*Que a minha loucura seja perdoada.
Porque metade de mim é amor
e a outra metade... também.*

RESUMO

A presente tese teve como objetivo investigar as expressões de sofrimento compartilhadas pelos adolescentes nas redes sociais. Fundamentou-se no termo *virtualescência*, que eleva à máxima potência o adolecer no ciberespaço, através dos processos de virtualização e atualização. Adotou-se uma metodologia híbrida, articulando a conversação psicanalítica — técnica que utiliza conceitos da psicanálise aplicados à pesquisa e à intervenção social — e a *netnografia*, que possibilitou a análise das postagens dos participantes. As conversações foram realizadas com três grupos de adolescentes, com idades entre 11 e 15 anos, em duas escolas da cidade de Serra Talhada-PE. Paralelamente, foi realizada a coleta de dados digitais, com o acompanhamento dos perfis dos participantes no Instagram. Dada a especificidade da população investigada, destacam-se aspectos da cultura sertaneja: o tradicionalismo, que incide especialmente sobre a esfera da sexualidade; a preservação do contato com a natureza; e a manutenção de um estereótipo de masculinidade ancorado na figura mítica de Lampião — representação do homem valente, viril e resolutivo pela ação. A análise do material permitiu a categorização das postagens em cinco eixos temáticos: cultura adolescente, simbolização do sofrimento, o corpo nas redes sociais, amizades e outros. A interpretação dessas categorias foi articulada com os dados produzidos nas conversações, permitindo uma compreensão do fenômeno a partir da escuta singular dos participantes. A segunda categoria evidenciou que os adolescentes utilizam as redes sociais para colocar em cena o mal-estar inerente ao adolecer. Suas postagens operam como tentativas de simbolização do sofrimento, ao mesmo tempo em que funcionam como mecanismos de descarga pulsional. Por outro lado, o consumo recorrente de “conteúdos tóxicos” e violentos indica um deslocamento do sofrimento para uma posição de espectador da crueldade. Como principal contribuição, a tese aponta o mal-estar inerente à experiência do adolescente conectado, atravessado simultaneamente por vivências analógicas e digitais, e afetado tanto pelo que expõe em seu perfil quanto pelos conteúdos que consome. Dessa forma, as redes sociais configuram-se não apenas como espaços de interação e pertencimento, mas também como campos de elaboração psíquica e experimentação dos impasses próprios da adolescência. Os efeitos dessa dinâmica são complexos e variam em um contínuo que vai desde experiências subjetivantes e potencialmente benéficas até a intensificação do mal-estar, produzindo entraves para a construção saudável de si.

Palavras-chave: Adolescência; Virtualescência; Psicanálise; Redes Sociais; Mal-Estar.

ABSTRACT

This thesis aimed to investigate the expressions of suffering shared by adolescents on social media. It is grounded in the concept of *virtualessence*, which amplifies the adolescent experience in cyberspace through processes of virtualization and actualization. A hybrid methodology was adopted, combining psychoanalytic conversation — a technique that applies psychoanalytic concepts to research and social intervention — and netnography, which enabled the analysis of participants' posts. The conversations were conducted with three groups of adolescents, aged 11 to 15, in two public schools in the city of Serra Talhada, Pernambuco. In parallel, digital data were collected by monitoring the participants' Instagram profiles. Given the specificity of the studied population, certain aspects of the *sertão* culture stand out: traditionalism, particularly regarding sexuality; the preservation of contact with nature; and the maintenance of a masculinity stereotype anchored in the mythical figure of *Lampião* — a representation of the brave, virile man who solves conflicts through action. The material analysis allowed the categorization of posts into five thematic axes: youth culture, symbolization of suffering, the body on social media, friendships, and others. The interpretation of these categories was articulated with the data produced in the conversations, allowing for an understanding of the phenomenon from the singular listening of the participants. The second category revealed that adolescents use social media to stage the unease inherent to adolescence. Their posts operate as attempts to symbolize suffering while also functioning as mechanisms of drive discharge. On the other hand, the recurrent consumption of toxic and violent content indicates a displacement of suffering into a position of spectator of cruelty. As its main contribution, the thesis points to the unease inherent in the experience of the connected adolescent, simultaneously traversed by analog and digital experiences, and affected both by what is exposed on their profiles and by the content they consume. In this way, social media is configured not only as a space for interaction and belonging but also as a field for psychic elaboration and experimentation of the impasses typical of adolescence. The effects of this dynamic are complex and may vary along a continuum ranging from subjectivating and potentially beneficial experiences to the intensification of unease, generating obstacles to a healthy construction of the self.

Keywords: Adolescence; Psychoanalysis; *Virtualessence*; Social Media; Discomfort.

RESUMEN

La presente tesis tuvo como objetivo investigar las expresiones de sufrimiento compartidas por los adolescentes en las redes sociales. Se fundamenta en el concepto de virtualescencia, que lleva al máximo la experiencia de la adolescencia en el ciberespacio, a través de procesos de virtualización y actualización. Se adoptó una metodología híbrida, articulando la conversación psicoanalítica —técnica que aplica conceptos del psicoanálisis a la investigación y a la intervención social— y la netnografía, que permitió el análisis de las publicaciones de los participantes. Las conversaciones se realizaron con tres grupos de adolescentes, de entre 11 y 15 años, en dos escuelas públicas de la ciudad de Serra Talhada. Paralelamente, se llevó a cabo la recolección de datos digitales mediante el seguimiento de los perfiles de Instagram de los participantes. Dada la especificidad de la población investigada, se destacan aspectos de la cultura sertaneja: el tradicionalismo, especialmente en lo que respecta a la sexualidad; la preservación del contacto con la naturaleza; y el mantenimiento de un estereotipo de masculinidad anclado en la figura mítica de Lampião, representación del hombre valiente, viril y resolutivo a través de la acción. El análisis del material permitió la categorización de las publicaciones en cinco ejes temáticos: cultura adolescente, simbolización del sufrimiento, el cuerpo en las redes sociales, amistades y otros. La interpretación de estas categorías fue articulada con los datos producidos en las conversaciones, lo que permitió comprender el fenómeno desde una escucha singular de los participantes. La segunda categoría evidenció que los adolescentes utilizan las redes sociales para escenificar el malestar inherente a la adolescencia. Sus publicaciones operan como intentos de simbolización del sufrimiento y, al mismo tiempo, como mecanismos de descarga pulsional. Por otro lado, el consumo recurrente de contenidos “tóxicos” y violentos indica un desplazamiento del sufrimiento hacia una posición de espectador de la crueldad. Como principal aporte, la tesis señala el malestar inherente a la experiencia del adolescente conectado, atravesado simultáneamente por vivencias analógicas y digitales, y afectado tanto por lo que expone en sus perfiles como por los contenidos que consume. De este modo, las redes sociales se configuran no solo como espacios de interacción y pertenencia, sino también como campos de elaboración psíquica y experimentación de los *impasses* propios de la adolescencia. Los efectos de esta dinámica son complejos y pueden variar en un continuo que va desde experiencias subjetivantes y potencialmente beneficiosas hasta la intensificación del malestar, generando obstáculos para la construcción saludable del sí mismo.

Palabras clave: Adolescencia; Virtualescencia; Psicoanálisis; Redes Sociales; Malestar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Atividade PASI.....	41
Figura 2 - Atividade Corpo.....	42
Figura 3 - Atividade Cyberbullying	42
Figura 4 - Ciclo do eu adolescente	93
Figura 5 - Post indireta para “melhores amigos”.....	104
Figura 6 - Atividade corpo - Bárbara.....	139
Figura 7 - Atividade corpo - Rafaela	140
Figura 8 - Atividade corpo - Maria Alice	144
Figura 9 - Atividade Corpo - Eduardo.....	197
Figura 10 - Ciclo do adolescente conectado	205

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Cultura adolescente “A”	105
Foto 2 - Cultura adolescente “B”	105
Foto 3 - Cultura adolescente “C”	105
Foto 4 - Cultura sertaneja “A”	107
Foto 5 - Cultura sertaneja “B”	107
Foto 6 - Cultura sertaneja “C”	107
Foto 7 - Cultura sertaneja “D”	108
Foto 8 - Cultura sertaneja “E”	108
Foto 9 - Cultura sertaneja “F”	108
Foto 10 - Cultura sertaneja “G”	109
Foto 11 - Cultura sertaneja “H”	109
Foto 12 - Cultura sertaneja “I”	109
Foto 13 - Homem “macho”	110
Foto 14 - Resposta a desafios “A”	111
Foto 15 - Resposta a desafios “B”	111
Foto 16 - Felicitações digitais.....	111
Foto 17 - Amizade “A”	118
Foto 18 - Amizade “B”	118
Foto 19 - Amizade “C”	119
Foto 20 - Amizade “D”	119
Foto 21 - Amizade “E”	119
Foto 22 - Mônica tem seu grupinho.....	122
Foto 23 - Scooby tem seu grupinho.....	122
Foto 24 - Robin tem seu grupinho	122
Foto 25 - Meu grupinho.....	122
Foto 26 - Categoria Outros – “A”	123
Foto 27 - Categoria Outros – “B”	123
Foto 28 - Categoria Outros – “C”	123
Foto 29 - Fofocas e julgamentos	137
Foto 30 - Captura do vídeo “A”	166
Foto 31 - Captura do vídeo “B”	166
Foto 32 - Captura do vídeo “C”	166

Foto 33 - Diferentes contextos Postagem de Ana.....	171
Foto 34 - Capturas do vídeo “A”	177
Foto 35 - Capturas do vídeo “B”	177
Foto 36 - Capturas do vídeo “C”	177
Foto 37 - Postagem sobre dormir	180
Foto 38 - Sono	181
Foto 39 - Autolesão	188

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dados digitais - Central 01	48
Gráfico 2 - Dados digitais - Central 02	51
Gráfico 3 - Dados digitais - Campestre	53
Gráfico 4 - Postagens conforme o conteúdo.....	103

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	PERCURSO METODOLÓGICO	23
2.1	Da clínica para a pesquisa	23
2.2	A conversação psicanalítica	24
2.3	Adentrando nas escolas	27
2.4	Netnografia para acessar expressões do adolescer	30
2.5	O sertão nordestino e seus traços na população pesquisada	34
2.6	Participantes da pesquisa	37
2.7	O movimento das conversações	38
2.8	Efeitos da transferência e a análise dos dados	43
3	APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	45
3.1	Ponto de partida: conhecendo os grupos de pesquisa	45
3.2	“Mexer no celular” e os usos das redes sociais	53
3.3	Desligar-se do mundo, expressar a dor	58
3.4	Do “jardim da infância” aos “desejos estranhos”	61
3.5	“Essa coca é fantá”: bullying, sexualidade e intolerância.....	65
3.6	Corpos imperfeitos ou padrão inatingível?	70
4	VIRTUALESCÊNCIA SERTANEJA	78
4.1	O virtual e a adolescência	79
4.2	A virtualização de si dos adolescentes	87
4.3	A exigência de visibilidade <i>versus</i> a lógica da visualização	97
4.4	As duas faces complementares da virtualescência	126
5	SIMBOLIZAÇÃO DO SOFRIMENTO.....	148
5.1	A simbolização do sofrimento adolescente.....	149
5.2	Consumo de conteúdo tóxico	156
5.3	A intensidade dos afetos e seus contornos psicopatológicos: “Adolescentes no galho da vida e da morte”	172
5.4	“Dormir é o melhor remédio”	180
5.5	“Tchau minhas queridas”: cortes silenciosos, dores que gritam	183
5.6	Cento e cinquenta e sete razões para ser visto: delinquência em ato, laço em construção	189
5.7	Carta descartada, vínculo construído: rascunhos de um eu rejeitado	194

6	ENTRE O PONTO FINAL E AS RETICÊNCIAS.....	201
	REFERÊNCIAS	215
	APÊNDICE A – RELATÓRIOS CONVERSAÇÃO	223
	ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA	390
	ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .	391
	ANEXO C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	394

1 INTRODUÇÃO

No início de 2021, em um contexto ainda marcado pelos desdobramentos da pandemia de COVID-19, esta tese teve seu ponto de partida. Desde a elaboração do projeto, buscou-se articular os efeitos da pandemia sobre adolescentes imersos no ciberespaço, ainda que os impactos a médio e longo prazo permanecessem incertos. No entanto, uma transformação era evidente: o mundo não seria mais o mesmo. A tecnologia, já caracterizada por um ritmo acelerado de desenvolvimento, avançou freneticamente, tornando-se um instrumento essencial na contenção não farmacológica do vírus, especialmente por meio do distanciamento social.

Para os adolescentes daquela época, a recomendação de permanecer em casa contrariava a necessidade própria deste período de buscar os pares e se distanciar da presença parental. Com o fechamento das escolas, as aulas virtuais tentaram minimizar atrasos pedagógicos, enquanto os estudantes passaram mais tempo online, recorrendo, sobretudo, às redes sociais para entretenimento e interação.

Nesse contexto, um adolescente de 15 anos utilizou seu perfil no Twitter, atual X, para publicar um bilhete suicida. A reduzida audiência não se limitou a visualizar a postagem, mas interveio ativamente, notificando os responsáveis. Como resultado, Fabrício foi encaminhado para tratamento psiquiátrico e psicológico. Quando o recebi em meu consultório, percebi algo que hoje parece evidente: os adolescentes não recorrem às redes sociais apenas para se distrair, bisbilhotar a vida alheia, interagir ou se informar. Eles utilizam-nas como espaço de expressão do mal-estar, buscando ajuda e emitindo apelos por meio de mensagens/imagens. Utilizam uma variedade de símbolos que podem passar despercebidos para a maioria dos usuários, mas que seguem regras ocultas, compartilhadas e compreendidas por esse público.

Diante dessa constatação, senti-me convocada a desenvolver uma pesquisa de natureza híbrida, cuja metodologia permitisse adentrar o universo digital sem, no entanto, se restringir a ele, visando compreender as formas de expressão do sofrimento vivenciado e compartilhado por adolescentes nas redes sociais. Partimos da hipótese de que a virtualização desse sofrimento se manifesta por meio de postagens que operam como apelos, verdadeiros pedidos de socorro — um autêntico SOS. O mal-estar experimentado por esses sujeitos exige uma via de expressão, e as redes sociais podem funcionar como um espaço de descarga pulsional, ao possibilitarem a manifestação do sofrimento e, potencialmente, sua simbolização.

Dessa maneira, a presente pesquisa adquiriu um caráter interventivo ao propor a escuta de grupos de adolescentes nas escolas por meio do método de conversação psicanalítica, um instrumento de aplicação da psicanálise desenvolvido por Jacques-Alain Miller. Essa

abordagem, concebida como estratégia de trabalho para pesquisas acadêmicas com propostas interventivas no campo da educação, aposta na oferta da palavra, possibilitando que os participantes utilizem um espaço de fala e escuta (Miranda; Santiago, 2011). Tem como premissa a possibilidade de uma associação livre coletivizada, através da qual o significante trazido à tona por um participante toca e faz eco em outro participante que, afetado pelo que escutou, pode contribuir com suas próprias representações, fazendo assim deslizar a cadeia significante (Ferreira, 2018).

Além da coleta de dados por meio das conversações, os participantes autorizaram o acompanhamento de suas publicações no Instagram, a rede social mais utilizada por eles. Sendo assim, a metodologia híbrida articulou os dados produzidos na escola com a netnografia, possibilitando uma análise das expressões do adolescer tanto no espaço presencial quanto no virtual.

A concepção de adolescência que fundamenta esta tese está ancorada na teoria psicanalítica, que a compreende como uma operação psíquica levada adiante em um tempo lógico. Nesse percurso, o sujeito se desloca de uma posição infantil, predominantemente vinculada ao ambiente familiar, para a complexa tarefa de construir a si mesmo, a partir das novas relações estabelecidas com seus pares e do contexto social mais amplo. Nesta delicada transição, tecem novos vínculos para se sentirem amados.

Por se sustentar na psicanálise, é pertinente resgatar a concepção do pioneiro das pesquisas sobre o inconsciente. Sigmund Freud (1905) dedicou um ensaio de seu estudo sobre a sexualidade para elucidar as transformações da puberdade, por considerar que esta irrupção cumpre a função de reatualizar as escolhas objetais iniciadas na infância a fim de fazê-las avançar e levar o sujeito para uma posição quanto à sexuação. Nesse contexto, Freud destacou dois desafios estruturantes: o afastamento da autoridade parental e a ascensão à posição de homem ou de mulher que permite o encontro com o objeto sexual. A partir de sua concepção pulsional da dinâmica psíquica, Freud descreveu a reorganização da pulsão sexual, inicialmente dispersa em múltiplas zonas autoerógenas, que, na puberdade, converge para o primado da genitalidade.

Por meio das conversações com três grupos em duas escolas – uma na área urbana e outra na zona rural –, constatamos que a irrupção da puberdade continua sendo um momento delicado do desenvolvimento, marcando uma ruptura com o “ser criança” e trazendo mudanças que vão além das transformações físicas. Os participantes descreveram esse percurso como um caminho que vai do jardim da infância aos “desejos estranhos”, evidenciando o destaque das questões sexuais nessa fase.

Os dados produzidos pelas conversações iniciam-se com a caracterização das distintas populações estudadas – adolescentes da área urbana de Serra Talhada e de um distrito rural –, evidenciando as particularidades de cada grupo acompanhado. Independentemente da localidade, “mexer no celular” configurou-se como a atividade predominante entre os adolescentes, consolidando-se como um hábito do qual é difícil se desconectar. Nesse contexto, as redes sociais emergem como o espaço privilegiado de interação com os pares e de experimentação subjetiva, muitas vezes à margem do olhar parental.

Apesar das novas formas de socialização proporcionadas pelo ambiente digital, o sofrimento adolescente permanece atravessado por questões já apontadas desde Freud. O mal-estar característico dessa fase mantém-se intrinsecamente ligado às transformações psíquicas e corporais, que exigem uma reorganização identitária. A irrupção da puberdade impõe desafios significativos, frequentemente acompanhados por sentimentos de solidão, angústia e incompreensão, temas recorrentes tanto nas conversações quanto nas postagens analisadas. Além do mal-estar inerente ao processo de adolecer, a vivência da sexualidade – especialmente aquelas que se afastam dos padrões tradicionais – entra em conflito com o “pensamento travado” da população sertaneja.

Nesse contexto, em que o sofrimento psíquico se articula às vicissitudes da adolescência conectada, a presente pesquisa se sustenta no conceito de *virtualescência*, proposto pela psicanalista francesa Angélique Gozlan (2016). De acordo com essa perspectiva, a rede social atua como um vetor de virtualização, permitindo que os adolescentes criem perfis para marcar sua presença, interagir e se expressar. Esse movimento possibilita que a plataforma digital funcione como um espaço psíquico ampliado, no qual projetam seus conflitos pubertários, elaboram angústias e constroem narrativas sobre si mesmos. Os usuários são afetados pelas respostas recebidas — *feedbacks* — cuja função é promover atualizações na constituição do eu-adolescente. Esses processos de virtualização e atualização encontram respaldo na teoria do virtual desenvolvida por Pierre Lévy (2011).

Segundo Gozlan (2016), a *virtualescência* pode assumir duas valências distintas. A primeira, de natureza positiva e subjetivante, refere-se à possibilidade de a vivência digital contribuir para a constituição psíquica do sujeito, favorecendo processos de simbolização, expressão de conflitos e construção de si. A segunda, por sua vez, é descrita como dessubjetivante e se caracteriza por experiências marcadas por instabilidade, desvalorização e esvaziamento da imagem de si, que atuam como entraves ao processo de subjetivação, especialmente sensível durante a adolescência. Importa destacar que a valência negativa não é definida apenas por seu potencial danoso, mas por representar uma perda, uma subtração

daquilo que existia e se desorganiza sob o impacto da experiência virtual. Como exemplo paradigmático dessa valência, a autora cita a disseminação involuntária de imagens íntimas — como no caso de um nude que escapa ao controle do sujeito e circula amplamente, gerando efeitos devastadores. No entanto, as experiências adolescentes nas redes não se distribuem de forma estanque entre esses polos. Os dados da presente pesquisa indicam que a relação dos adolescentes com as plataformas digitais é marcada por nuances, alternâncias e ambivalências, revelando um uso que transita entre as duas valências propostas por Gozlan. Assim, a virtualescência não se apresenta como fenômeno homogêneo, mas como um campo dinâmico em que os mesmos sujeitos podem, a depender do momento, do conteúdo publicado ou da resposta recebida, experienciar tanto efeitos subjetivantes quanto dessubjetivantes.

O sujeito adolescente deseja ser visto, reconhecido e incluído em um grupo de pares com quem compartilha traços em comum. Em meio à intensa construção de si e à busca por um lugar no mundo, anseia por validação, expressa simbolicamente no desejo de ser “curtido, valorizado e aceito”. Atualmente, esse desafio se manifesta sobretudo nas redes sociais, onde as postagens só adquirem pleno sentido a partir das reações e interações que recebem. O engajamento da publicação — medido pelo número de curtidas, comentários e visualizações — torna-se um indicador de sucesso ou fracasso do usuário. No entanto, diante do receio da exposição excessiva, da vulnerabilidade aos comentários públicos e da insatisfação com a imagem projetada, observa-se uma crescente adesão às postagens efêmeras no Instagram, que desaparecem automaticamente após 24 horas e mantêm privadas as interações, oferecendo uma forma de controle sobre a própria visibilidade digital.

A partir da análise dos dados, que articulou a pesquisa netnográfica ao material produzido nas conversações, foi possível identificar que as publicações efêmeras podem ser organizadas em cinco categorias temáticas recorrentes. A primeira refere-se a aspectos culturais, organizados em três eixos principais: cultura adolescente; cultura sertaneja e cultura digital.

A segunda categoria está diretamente alinhada ao objetivo principal desta pesquisa, pois abrange conteúdos que expressam o sofrimento dos adolescentes. Considerando que tais postagens desempenham uma função de simbolização do mal-estar — ao traduzirem em palavras e imagens as angústias vivenciadas, funcionando também como uma forma de descarga pulsional —, essa categoria foi nomeada simbolização do sofrimento.

A conversa revelou uma forma mais velada de sofrimento dos adolescentes nas redes sociais, que a coleta de dados netnográfica, por si só, não seria capaz de evidenciar: o consumo repetitivo de mídias com conteúdos de violência extrema. Os próprios participantes

denominaram esse material como “conteúdos tóxicos”, referindo-se a vídeos e imagens que exibem cenas de chacinas, torturas, estupros, assassinatos e suicídios sem qualquer véu ou mediação simbólica.

Retornando às categorias dos conteúdos publicados, a terceira foi denominada “o corpo nas redes sociais” e corresponde à maioria das postagens realizadas pelos adolescentes. A quarta categoria, denominada “amizade”, foi incluída devido à alta frequência de postagens que evidenciam, enfatizam e reforçam os vínculos estabelecidos entre os adolescentes. Por fim, a última categoria abrange conteúdos classificados como “Outros”, que não se enquadravam nas temáticas anteriormente identificadas.

O conceito de virtualescência, conforme formulado por Gozlan (2016), abarca tanto uma valência subjetivante, ao favorecer processos de elaboração psíquica, quanto uma valência dessubjetivante, ao dificultar as formulações próprias do adolecer. Compreendemos que o uso das plataformas digitais pode operar de modo construtivo ou destrutivo, a depender das condições subjetivas de cada adolescente. No entanto, essa polaridade não deve ser entendida como excludente ou dicotômica, mas como parte de um *continuum* dinâmico, cujos efeitos assumem contornos singulares conforme a trajetória e o modo de inserção de cada sujeito na rede.

Constatamos a dificuldade, por parte do público adolescente, tanto em regular o tempo dedicado às atividades digitais, quanto em gerenciar os conteúdos que acessam. Essa limitação favorece uma posição de desorientação diante da enxurrada de informações oferecidas tanto pela rede de contatos quanto pelas recomendações algorítmicas. Torna-se evidente, nesse contexto, a necessidade de mediação por figuras de referência capazes de estabelecer limites, introduzir pontos de interrupção e, sobretudo, auxiliar os adolescentes nos processos de simbolização e elaboração psíquica.

Visando alcançar o objetivo proposto, esta tese foi estruturada da seguinte forma. Inicia-se pelo percurso metodológico, apresentado em um capítulo que se dedica a explicitar a proposta da pesquisa empírica, que produziu dados a partir de duas fontes complementares: as conversações psicanalíticas com adolescentes em escolas públicas e o acompanhamento, realizado de forma concomitante, dos perfis desses participantes no Instagram — rede social de maior adesão entre eles. Neste capítulo, são também abordadas as características da população sertaneja e detalhadas as técnicas metodológicas adotadas. A opção por iniciar pela metodologia justifica-se pelo fato de que o caminho percorrido constituiu o eixo estruturante das elaborações teóricas desenvolvidas ao longo do trabalho.

O terceiro capítulo apresenta, de forma sintética e articulada, os dados produzidos ao longo da pesquisa, organizados a partir dos temas mais recorrentes e significativos para a elucidação do objetivo central da tese. São analisadas as particularidades das duas populações investigadas — adolescentes residentes em áreas urbanas e rurais —, destacando-se suas especificidades socioculturais. Em seguida, os dados são agrupados em cinco eixos temáticos: o uso do celular como atividade habitual; as manifestações de sofrimento entre os adolescentes; a irrupção da puberdade; os contornos da sexualidade no contexto sertanejo; e o mal-estar com o corpo púbere diante de um ideal inatingível.

O quarto capítulo é dedicado à explanação do conceito de virtualescência, articulando-o e atualizando-o à luz da análise dos dados produzidos. Nesse percurso, exploramos as noções de virtual, processo de virtualização e lógica da visualização, com o intuito de fundamentar as categorias de análise das postagens e evidenciar como os adolescentes respondem à demanda de visibilidade imposta pela lógica escópica das redes sociais. Neste ponto do trabalho, optou-se por privilegiar os temas mais recorrentes e significativos, conduzindo a análise segundo a lógica da escuta ética da psicanálise, cuja orientação se dá pela singularidade do sujeito — o um a um. Desse modo, ainda que sejam propostas categorias temáticas a partir das recorrências observadas, o olhar analítico permanece voltado para as especificidades de cada participante.

O quinto capítulo concentra-se especificamente nas expressões do adolescer nas redes sociais enquanto tentativas de simbolização do sofrimento psíquico. Inicia-se com a delimitação do que se compreende por simbolização, evidenciando como determinadas postagens funcionam como recursos de descarga pulsional. Em seguida, é analisada a reversão da pulsão escópica, por meio da qual, em vez de exibir as mazelas do adolescer, o sujeito consome conteúdos tóxicos, sinalizando uma desregulação entre as pulsões de vida e de morte.

O capítulo avança na análise do sofrimento adolescente interpretado por meio de significantes comumente utilizados no discurso psicopatológico, como “depressão” e “ansiedade”. O comportamento autolesivo é abordado como uma inscrição no real do corpo da dor psíquica, enquanto o ato de dormir é interpretado como estratégia subjetiva — ao mesmo tempo remédio e tentativa de suspensão do sofrimento.

A seção final é dedicada à apresentação de dois casos específicos. O primeiro, de Bruno, evidencia a relação entre o desamparo e as condutas transgressivas. O segundo, de Eduardo, usuário de rede social que se mantém na posição de espectador, revela condutas agressivas decorrentes do conflito entre a autoimagem e o ideal do eu que almeja alcançar.

Conclui-se esta tese destacando que as vivências adolescentes na contemporaneidade estão profundamente atravessadas pela articulação entre as esferas analógica e digital. As experiências no campo virtual não se configuram como um mero complemento da vida offline, mas como dimensões inseparáveis da constituição subjetiva. As redes sociais, em especial, tornaram-se espaços privilegiados de elaboração psíquica, inscrição do desejo e busca de reconhecimento.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Da clínica para a pesquisa

A presente pesquisa foi despertada a partir de um fato clínico, de tal forma que seu percurso teve início antes de seu começo. Tal como os bebês são marcados por uma pré-história enlaçada nos desejos e expectativas de seus pais, esse estudo foi provocado e convocado por um fato clínico. Minha principal atividade profissional é o consultório particular de psicologia clínica, no qual atendo um público diverso, mas, principalmente, adolescentes. O consultório está situado em uma pequena cidade do sertão pernambucano. Um dos meus pacientes, aqui chamado de Fabrício, 15 anos, foi encaminhado para tratamento psicológico pela médica psiquiátrica após ter sido atendido em caráter de urgência, pois o adolescente havia publicado em sua rede social digital um bilhete suicida. Apesar de ter apenas três seguidores nessa plataforma, a postagem rapidamente se disseminou e seus familiares foram convocados a intervir.

Em pouco tempo de tratamento, Fabrício teve uma melhora do quadro clínico depressivo e da ideação suicida, até que um novo e duplo encontro com a morte (do seu cachorro e do suicídio de uma prima) lhe desorganizou e levou Fabrício a fazer novas postagens nas redes sociais sinalizando seu desejo de morrer. Nessa nova circunstância, recebi suas postagens através de um vídeo enviado pelo WhatsApp, de alguém que não se identificou, mas me pedindo que intervisse para “salvar sua vida”. Apesar de adotar a postura ética de não ser seguidora dos meus pacientes nas redes sociais, essa situação específica me levou a ter contato com o conteúdo publicado, revelador de uma urgência subjetiva, e me fez questionar qual deveria ser a conduta de um clínico mediante tal fato (Lorena; Donard, 2023a).

Esta situação clínica me levou a refletir sobre as postagens dos adolescentes nas redes sociais em momentos de intenso sofrimento e como elas rompem com aquilo que se espera de uma publicação - a melhor versão, a imagem lapidada, filtrada. Uma vez que a adolescência, hoje, é atravessada pelos efeitos da hiperconectividade, não deveria ser foco de interesse e de pesquisa o seu sofrimento nas plataformas? Para além de apenas visualizar tais publicações, como escutar o singular do sujeito que vem a público revelar sua dor de existir?

Com essa questão em pauta, buscamos uma metodologia de pesquisa que pudesse dar conta do objetivo principal de compreender as expressões de sofrimento dos adolescentes nas

redes sociais, porém de forma a articular uma escuta com esse público, através de encontros coletivos em escola, e ao mesmo tempo o acompanhamento dos perfis digitais dos participantes. Para tal, a metodologia precisava viabilizar o contato com as publicações nas redes sociais e permitir o encontro e espaço de fala e escuta com os adolescentes. Dessa maneira, nomeamos a presente pesquisa como híbrida, pois articulou duas metodologias em um único estudo: a conversação psicanalítica e a netnografia.

2.2 A conversação psicanalítica

A conversação psicanalítica é um instrumento de aplicação da psicanálise, pensada por Jacques-Alain Miller, como estratégia de trabalho para pesquisas acadêmicas com propostas interventivas no campo da educação. Inicialmente, esta metodologia foi pensada como alternativa para as reuniões clínicas do Campo Freudiano que deveriam passar de uma escuta passiva a um debate entre os participantes, de maneira a fomentar uma reflexão e discussão mais ativa e diversa. A partir do compartilhamento de um insucesso clínico, a ideia foi franquear a palavra entre os presentes para que o fracasso se desdobrasse em perguntas e das perguntas pudesse emergir uma troca capaz de impulsionar um passo além no conhecimento. Em outras palavras, do tropeço clínico às novas interpretações (Miller, 2003).

Como método em pesquisas acadêmicas é feita uma aposta na oferta da palavra, através da qual os participantes podem fazer uso de um espaço de fala e de escuta. Tem como premissa a possibilidade de uma associação livre coletivizada, através da qual o significante trazido à tona por um participante toca e faz eco em outro participante que, afetado pelo que escutou, pode contribuir com suas próprias representações, fazendo assim deslizar a cadeia significante. Miller (2003, p. 15) nomeia esse movimento como a própria ficção presente na Conversação: “produzir não uma ‘enunciação coletiva’, mas uma ‘associação livre coletivizada’, da qual esperamos um certo efeito de saber”. O psicanalista ainda destaca que ninguém é dono de um significante, sendo possível que os significantes trazidos por outro possam suscitar ideias, ajudar na elaboração de um impasse e ter como efeito a produção de um novo ponto de vista, em suas palavras, “perspectivas inéditas” (Miller, 2003, p. 16).

Sendo assim, a conversação é um método que alia tratamento à pesquisa, uma vez que tem por objetivo ao mesmo tempo levantar dados sobre o tópico pesquisado, como também produzir efeitos discursivos em seus participantes. A “associação livre coletivizada” permite a escuta do sujeito do inconsciente, discurso esse que ao vacilar, toca seu real. Apesar da

atividade ser coletiva, busca-se a singularidade do um a um. É a escuta atenta aos atos falhos, às palavras não ditas, ao que fica nas entrelinhas. Através da ética da psicanálise é possível tomar os adolescentes como sujeitos do discurso e como sujeitos desejantes (Miranda; Santiago, 2011).

Na atividade proposta, o espaço aberto para circulação da palavra produz duas subversões (Santiago, 2008). A primeira diz respeito à enunciação, uma vez que na Conversação não se pretende falar com os alunos ou falar dos alunos, mas promover um espaço para que os alunos possam falar entre si daquilo que consideram como uma questão. A segunda subversão concerne ao saber em consequência da solicitação de que os participantes falem sobre um conteúdo que eles conhecem, diferente da posição de aluno que está na escola e em sala de aula para aprender com o professor. Assim sendo, os participantes foram convidados a nos *ensinar* sobre a maneira que utilizam as redes sociais em momentos de sofrimento psíquico.

Como metodologia de pesquisa, Lacadée (2007, p. 7) destaca que a conversação precisa ser conduzida por um psicanalista que, sem exercer esta função, atue como aquele que tem introjetado o *modus operandi* psicanalítico e, por isso, pode garantir um espaço onde a palavra do outro é valorizada como portadora de uma mensagem inédita. Caso a atuação seja eficaz, ele pode contribuir para um avanço, resultado do valor de uma escuta realizada por aquele que “sabe o que falar quer dizer”.

A presença do pesquisador na conversação é uma aposta sobre o corte, capaz de produzir uma interrupção no blábláblá para convocar os sujeitos a uma fala autoral capaz de produzir um saber sobre o inconsciente (Lacadée, 2007). O pesquisador precisa sustentar uma posição de não-saber justamente para abrir o espaço necessário para produção de um saber. Ferreira (2018) amplia a possibilidade de condução do dispositivo da conversação por alguém que não é necessariamente psicanalista, mas que seja atravessado pela “experiência da palavra”, isso significa alguém que consiga distinguir um “enunciado” (aquilo que se diz) de uma “enunciação” (aquilo que se quis dizer) e que, ao fornecer o espaço de palavra, suporte os pontos de mal-estar presentes no “não-saber”, resultado dos lapsos do discurso dos participantes.

Como a metodologia requer uma equipe de pesquisa, além do pesquisador principal, este estudo foi articulado com um projeto de extensão promovido pela UNIFIS, através do curso de psicologia. O projeto, nomeado como “Adolescência Conectada”, foi uma parceria entre a UNICAP, instituição na qual a pesquisa de doutorado está vinculada e a UNIFIS, instituição localizada no Município de Serra Talhada, local onde a pesquisa aconteceu. Foi

feita uma seleção dos estudantes de psicologia interessados e como critério de seleção eles deveriam ter cursado as disciplinas de metodologia de pesquisa, de introdução à psicanálise e de desenvolvimento humano II, ou seja, graduandos a partir do quinto período. Dos alunos inscritos, nove foram selecionados e subdivididos em três grupos, de tal forma que cada grupo de pesquisa foi composto pela pesquisadora principal, três estudantes de psicologia e até dez participantes.

Trata-se, então, de uma pesquisa-intervenção que buscou produzir conhecimento a respeito do uso dos adolescentes das redes sociais nos momentos de intenso sofrimento psíquico. Segundo Santiago (2008) a pesquisa interventiva se caracteriza por produzir: (1) efeitos terapêuticos nos participantes que apresentam um certo mal-estar; (2) efeitos de transmissão na formação de pesquisadores iniciantes, no caso do presente estudo, os efeitos de aprendizagem para os estagiários que acompanharam e participaram ativamente da coleta de dados; (3) conhecimento com base no que os participantes da pesquisa têm a nos ensinar, de tal forma que há uma inversão no lugar do saber, o pesquisador adentra ao ambiente escolar para aprender com os alunos sobre o uso das redes sociais. Ferreira (2018, p. 130) destaca que a pesquisa em psicanálise comporta a particularidade de adentrar ao campo de investigação com o saber em suspenso, colocando-se justamente no lugar de não-saber para “supor um saber no sujeito que nos fala”.

Viola, Lima e Nobre (2020) apontam a metodologia da conversação como amplamente utilizada pelo Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança (CIEN), especificamente no grupo de pesquisa e extensão na cidade de Belo Horizonte articulado na UFMG, intitulado “Além da Tela: Psicanálise e Cultura Digital”. As escolas endereçam demandas de intervenções ao núcleo de pesquisa, as quais normalmente versam sobre o uso excessivo da tecnologia, dos conflitos entre os alunos que se iniciam nas redes sociais e repercute na instituição de ensino, e sobre as condutas de risco online. Segundo os pesquisadores, a escola “é o palco dos sintomas e atuações dos adolescentes”, e os educadores estão se sentindo impotentes diante dos conflitos identificados entre seus alunos. Os profissionais têm a sensibilidade de perceber que os estudantes enfrentam questões de ordem subjetiva com desdobramentos comportamentais cuja demanda de um olhar atento e interventivo ultrapassa sua esfera de atuação.

Nessa proposta, a conversação como método interventivo nas escolas parte de uma demanda da instituição que enfrenta alguma dificuldade e solicita a intervenção da psicanálise, entretanto na presente pesquisa não foi a escola quem identificou um problema e procurou os especialistas a fim de ajudarem a saná-lo. Nós, enquanto pesquisadores

interessados em produzir conhecimento sobre as postagens nas redes sociais digitais nos momentos de sofrimento psíquico, recorreremos à escola como local onde encontraríamos o público-alvo, pressupondo também que a instituição escolar está enfrentando dificuldades para se posicionar e compreender as interferências e desdobramentos do meio digital na educação e na vida dos seus estudantes.

Por fim, torna-se importante destacar alguns aspectos sistematizados por Miranda, Vasconcelos e Santiago (2006), a respeito da prática da conversação aplicada à pesquisa:

- Não existe uma delimitação inicial sobre o ponto de chegada, é preciso assumir uma postura aberta para aquilo que emergirá;
- Não se propõe a resolver problemas ou solucioná-los;
- O número de reuniões deve ser delimitado inicialmente;
- A pesquisadora que conduzirá as rodas de conversa deve ficar atenta às surpresas e mal-estar que surgirão na atividade como produção do discurso dos participantes. É nesse rico momento que acontece a emergência do real e abre-se a possibilidade de novas construções.

2.3 Adentrando nas escolas

Após o projeto ter sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAEE nº 7318823.0.0000.5206), a equipe se dirigiu à escola indicada pela Secretaria de Educação do Município de Serra Talhada. Existem algumas particularidades da instituição de ensino indicada que merecem destaque. Trata-se de uma escola de ensino fundamental II em regime integral, localizada na área urbana e central da cidade. Apesar de ser uma escola antiga, tinha acabado de passar por uma ampla reforma. Os alunos chegam às 7h15 e ficam até às 17h, fazendo três refeições no ambiente escolar. Além das salas de aula e do pátio principal, o espaço conta com um ginásio fechado, uma quadra poliesportiva e um campo de futebol com pista de atletismo, ou seja, tem uma área verde robusta e um amplo espaço para circulação e interação.

No primeiro contato com a instituição, a professora responsável pelo sistema integral solicitou à equipe que a pesquisa se ampliasse para a outra escola integral do município, localizada na área rural, a cerca de 40 km do centro. A equipe aceitou o desafio de alargar o campo de pesquisa, suscitada pela curiosidade de como seria investigar o uso das redes sociais

digitais por adolescentes de uma área rural com acesso à internet mais recente e mais restrito. Através desse pedido, compreendemos que, apesar da inversão da demanda, rapidamente a instituição de ensino validou nosso lugar e nos fez importantes solicitações, algumas que ultrapassaram nossas possibilidades (como atendimento psicoterápico), denunciando uma urgente necessidade de profissionais da psicologia no campo educacional.

Para distinção mais clara e objetiva das instituições de ensino que serviram como campo da pesquisa, chamaremos Escola Central, a instituição localizada na área urbana, e Escola Campestre, a escola para a qual ampliamos a pesquisa e se localiza na área rural. Após apresentação dos objetivos e procedimentos da pesquisa, a diretora da Escola Central abriu um espaço para a equipe se encontrar com os professores que indicaram estudantes como prováveis participantes da pesquisa. Foi possível perceber que os educadores vislumbraram os efeitos terapêuticos das Conversações e indicaram alunos conhecidos por suas dificuldades no ambiente escolar, fossem elas de caráter pedagógico, educacional ou interpessoal¹.

A equipe apresentou a proposta da pesquisa aos alunos indicados, e, aos que demonstraram interesse, foi realizada a leitura dos termos. No entanto, muitos consideraram o processo burocrático, e, nos dias subsequentes, ao retornarmos ao Colégio Central para coletar os documentos assinados, enfrentamos desafios como esquecimentos e negativas por parte dos responsáveis. Embora os professores tenham indicado diversos alunos, a exigência documental dificultou a adesão.

Além disso, nos primeiros encontros, observamos que alguns estudantes do colégio ridicularizavam os participantes, sugerindo que a pesquisa era destinada a quem era problemático, associando-a a uma espécie de terapia na escola. Diante desse estigma, alguns alunos optaram por desistir antes mesmo da primeira conversa, temendo a exposição e o julgamento dos colegas.

Na Escola Campestre, a própria diretora indicou os alunos, e a proposta foi apresentada da mesma forma, resultando na recusa de apenas um estudante. Os demais entregaram os termos diretamente à diretora, que, além de recolher a documentação, dialogou com os responsáveis, ressaltando a importância do estudo. Esse suporte institucional garantiu a adesão integral dos alunos indicados.

¹ Estamos chamando aqui dificuldades pedagógicas as queixas ligadas ao processo ensino-aprendizagem; as educacionais mais relacionadas ao cumprimento das regras e normas da instituição, normalmente relacionadas aos alunos mais agitados, agressivos, barulhentos; e dificuldades interpessoais como queixas no vínculo com os pares ou com os educadores.

A diferença observada entre as escolas evidencia a relevância do envolvimento e da parceria da instituição de ensino para o sucesso de projetos dessa natureza, demonstrando que o apoio da gestão escolar pode ser um fator determinante na participação dos estudantes.

A previsão inicial era levar adiante um encontro por semana com cada grupo e ao total realizar 10 encontros, com duração em torno de uma hora a uma hora e meia, cada encontro. Em consequência de dificuldades enfrentadas em alguns dias agendados para a pesquisa, como os alunos estarem envolvidos em outras atividades e problemas elétricos na instituição, tivemos oito encontros com o primeiro grupo e sete com o segundo. Já na Escola Campestre, devido a distância e dificuldade com apoio de veículo e motorista para conduzir a equipe, acordamos que os encontros seriam quinzenais e teríamos cinco encontros. Entretanto, a relação transferencial com os estudantes dessa escola foi tão intensa e os dados de suma importância que após o segundo encontro foi ajustado com a equipe e com os participantes para uma frequência semanal. Ao final tivemos oito conversações. Em ambas as escolas os encontros ocorriam sempre pela manhã em dias alternados (terça, quarta e quinta) para não acarretar prejuízos pedagógicos significativos para os participantes.

Na Escola Campestre, a participação dos alunos foi facilitada pelo envolvimento da diretora, que organizava a convocação para os encontros na biblioteca. Já na Escola Central, a equipe inicialmente chamava os alunos nas salas de aula, enfrentando resistência de alguns professores que não autorizavam a saída dos estudantes. A situação exigiu um novo acordo com a direção, delegando a um funcionário da escola essa responsabilidade, embora alunos dos anos finais (8º e 9º ano) continuassem frequentemente impedidos de participar. Além disso, a escolha do espaço para os encontros, uma sala de aula em um prédio de apoio, comprometeu a dinâmica das conversações devido à acústica deficiente, dificultando a escuta e impactando a fluidez das interações.

Inicialmente, a equipe de pesquisa definiu que a coleta de dados digitais teria início apenas após alguns encontros com os participantes, visando garantir maior conforto na decisão sobre a autorização de acesso aos seus perfis em redes sociais. No entanto, devido ao rápido e espontâneo estabelecimento da relação transferencial, já ao final do segundo encontro falamos sobre o perfil da pesquisa no Instagram e no TikTok, principais plataformas utilizadas pelos adolescentes. Os participantes que se sentissem à vontade foram convidados a solicitar seguir o perfil da pesquisa, que, em seguida, os seguiria de volta, viabilizando a coleta de dados.

A adesão foi expressiva, e a maioria dos participantes autorizou o acesso às suas postagens, com alguns incluindo o perfil da pesquisa em suas listas de “melhores amigos”, um

espaço altamente restrito para compartilhamento de conteúdos mais íntimos. Essa fase da pesquisa baseou-se na metodologia netnográfica, que será detalhada a seguir.

2.4 Netnografia para acessar expressões do adolescer

De maneira geral, a netnografia é uma adaptação da etnografia ao ambiente digital. Para melhor compreensão desta metodologia é necessário retornar aos preceitos da etnografia, cujo objetivo é analisar e compreender os fenômenos culturais e interacionais de uma determinada população. Neste tipo de estudo, o pesquisador precisa adentrar completamente ao campo investigado e levantar dados através de entrevistas, observações e interações com as pessoas e com o lugar propriamente dito. É um método utilizado há mais de um século que cumpre o objetivo de compreender o comportamento de pessoas de variadas culturas, raças, idades. Dada a diversidade dos campos de estudo, ela pode se adaptar a diferentes contextos e ser utilizada de maneira integrada com métodos adicionais de investigação (Kozinets, 2014).

A netnografia surge como um método de pesquisa cuja coleta de dados acontece intermediado pela comunicação por computadores e mantém o objetivo de adentrar ao campo pesquisado para levantar informações, preservando os detalhes, a respeito de determinada cultura. Kozinets compreende que a netnografia surge a partir da necessidade de ampliar as pesquisas incluindo o ciberespaço, podendo ser um método complementar de coleta de dados. Apesar de complementar, ela exige uma grande dedicação e empenho do pesquisador que emprega seu tempo neste tipo de investigação por reconhecer a importância do meio digital na cultura de hoje.

O uso do termo netnografia, representaria a tentativa do pesquisador de reconhecer a importância das comunicações mediadas por computador nas vidas dos membros da cultura, de incluir em suas estratégias de coleta de dados a triangulação entre diversas fontes online e offline [...]. O uso do termo e abordagem da netnografia no projeto geral sinalizaria não apenas a presença, mas o peso do componente online. Significaria que um tempo significativo foi gasto interagindo e tornando-se parte de uma comunidade ou cultura online (Kozinets, 2014, p. 62).

Dias (2016, p. 121) discorda, entretanto, que a netnografia seja considerada apenas uma transposição da etnografia ao meio digital, “uma vez que as dinâmicas comunicacionais, tanto entre os objetos observados como na relação pesquisador objeto, podem diferir, principalmente em relação à noção de tempo-espaço”. As ideias propostas por Kozinets (2014) acompanham essa distinção apontando para a importância de uma nomenclatura

própria, a fim de validar, tanto para aqueles que pesquisam, quanto para os que são pesquisados, como também aos que patrocinam e financiam as pesquisas, as particularidades deste método que guarda semelhanças e aproximações com a etnografia, mas não pode ter suas características peculiares desconsideradas. Apesar da amplitude e flexibilidade do método, Kozinets (2014) alerta para a necessidade de sua utilização de forma cuidadosa e criteriosa, para que este recurso se fundamente como prática investigativa detalhada e rigorosa.

No desenho metodológico prévio à coleta de dados, nos deparamos com um questionamento de cunho ético que nos fez questionar se deveríamos ir adiante na investigação no ciberespaço, uma vez que nos perguntamos quão invasivo seria para os adolescentes o acompanhamento diário de seus perfis digitais pelos pesquisadores. Ainda que tomados pela incerteza, porém norteados pelo cuidado ético com os participantes, traçamos duas alternativas para protegê-los: (1) estabelecer previamente um vínculo dos pesquisadores com os participantes através das conversações, para somente em seguida solicitar o acesso aos conteúdos digitais; (2) deixar que cada participante autorizasse o acesso aos seus dados pela pesquisadora, pedindo para seguir o usuário da pesquisa e enviando uma mensagem privada no Instagram, identificando-se como participante e formalizando a sua autorização.

Apesar das dúvidas iniciais, acompanhamos e nos ancoramos na ideia de Dias (2016, p. 120) de que “é preciso caminhar no sentido de romper as barreiras da tradição em nossas pesquisas e investir de forma consciente e criativa na diversidade e variedade que o ambiente virtual nos apresenta a cada momento”. Aliar as conversações com a coleta de dados digitais foi uma maneira de ampliar e atualizar o método de pesquisa mais tradicional para dar conta das novas questões que a era digital e o nosso tempo nos colocam.

Sendo assim, foi criado o perfil @pesq.adolescenciaconectada nas principais plataformas utilizadas pelos participantes, para que desde sua nomeação ficasse claro o objetivo investigativo. Para identificação de quem teria acesso ao conteúdo visualizado, foi acordado com os participantes que o perfil da pesquisa seria acessado primordialmente pela pesquisadora principal, com eventual acesso dos estagiários caso fosse necessário. Visando o rigor da sistematização de coleta de dados, caso a pesquisadora principal não pudesse acessar os perfis, um estagiário o faria para não perder o registro e coleta. Apesar do recurso de substituição como plano alternativo, a pesquisadora conseguiu se manter na função ao longo de todo período de coleta de dados, de setembro a dezembro de 2023.

Foi comunicado que acompanharíamos as postagens diariamente, fazendo os registros que julgássemos importantes, mas que não teríamos interação online, como curtidas e

comentários ou troca de mensagens por direct. Destaca-se que o método de interação da pesquisadora com os sujeitos da pesquisa no ambiente online foi apenas observacional, nomeado por Braga (2007) como *lurking*². Nesse formato, o pesquisador investiga as práticas culturais e comportamentais sem interferir. Consideramos que essa postura apenas observacional seria mais adequada para que os participantes não ficassem na expectativa de um feedback de suas postagens pela pesquisadora.

Rapidamente foi possível perceber que os participantes usavam com mais intensidade o Instagram e apesar de passarem algum tempo no TikTok, o faziam como consumidores de conteúdo e não como produtores. Para eles, a rede social mais importante é o Instagram, local onde interagem com os amigos da escola, familiares, conhecidos e onde podem ser vistos. O TikTok é considerado plataforma de conteúdo, semelhante ao Youtube, porém com vídeos mais curtos e que aparecem “aleatoriamente”.

O objetivo principal da coleta de dados digitais foi identificar postagens que expressassem o sofrimento psíquico vivenciado pelos adolescentes. Todas as publicações foram arquivadas, uma vez que, em muitos casos, apenas uma análise mais aprofundada — ou informações obtidas posteriormente — permitia reconhecer o sofrimento presente nas postagens. Observou-se que grande parte do conteúdo relacionado a insatisfações, frustrações, decepções e manifestações de sofrimento consistia, na verdade, em repostagens: conteúdos previamente acessados pelos adolescentes e que, por despertarem identificação, eram compartilhados em seus próprios perfis.

Ainda que não tenha sido possível analisar o conteúdo consumido por eles, entendendo a importância do que é visto nas redes sociais, o perfil da pesquisa seguiu os influenciadores mais citados pelos adolescentes. A intenção foi se aproximar do conteúdo acessado pelos participantes, em um tipo de observação mais livre e sem registro. A coleta de dados digitais e suas anotações criteriosas e detalhadas se centrou apenas nos perfis dos participantes, em uma tabela para cada participante, alimentada diariamente.

Quadro 1 - Exemplo de registro das atividades online da participante 01

Data:	Conteúdo da publicação	Feedback digital	Impressões da pesquisadora	Anexos (caso seja importante incluir imagens/vídeos das postagens)	Tipo de postagem

² Tradução para português: à espreita.

O rigor sistemático foi fundamental para a coleta de dados digitais, uma vez que as postagens da ferramenta de “Stories” do Instagram, mais intensamente utilizadas, se apagam automaticamente 24h depois de postadas. Através desse tipo de publicação, o usuário recebe de forma privada o feedback de seu público, através das curtidas, das reações e dos comentários. Sendo assim, não foi possível registrar e verificar os desdobramentos das postagens. Como exceção, algumas fotos e vídeos eram primeiro compartilhadas nos Stories e depois republicadas no feed. Somente nesses casos tivemos acesso aos comentários e curtidas dos usuários que interagiram com os participantes.

Através dos registros das postagens foi possível perceber temáticas que se repetiam entre os participantes, como os estilos de postagens de cada um. À medida que entrávamos em contato com as publicações, surgiam questões e dúvidas que serviam de pauta e temática para as conversações. Por exemplo, no Dia das Crianças houve uma série de postagens sobre o tema, com alguns participantes se colocando no lugar do homenageado, revelando ainda se considerar no universo infantil, enquanto outros, parabenizavam irmãos, primos e conhecidos mais novos, colocando-se em uma etapa evolutiva posterior. Na Conversação seguinte ao feriado, o tópico veio à tona e foi possível escutar a respeito da passagem da infância para a juventude. Curiosamente, os participantes destacaram o papel das redes sociais nessa travessia e o precoce contato com temas adolescentes através das plataformas digitais.

A análise dos dados digitais foi feita em paralelo com os dados das conversações interligando os temas abordados e as publicações dos participantes. Foram considerados os temas que mais se repetiram entre os conteúdos compartilhados pelos participantes e os objetivos da pesquisa: (1) Cultura adolescente sertaneja; (2) Simbolização do sofrimento; (3) Corpo nas redes sociais; (4) Amizades; (5) Outros. É importante ressaltar que a presente pesquisa não possui caráter quantitativo, e a classificação das postagens por temáticas tem como objetivo orientar a análise psicanalítica dos dados coletados. Além disso, algumas postagens realizadas pelos participantes serão apresentadas na análise, contudo, para preservar o sigilo e a privacidade dos adolescentes, apenas imagens que não contenham sua identificação serão utilizadas.

Dentro da temática “Cultura adolescente sertaneja”, elencamos três aspectos culturais diferentes e interligados: a cultura adolescente (escola, romance, música); a cultura sertaneja (vaquejada, paisagens, relação com os animais) e a cultura digital (desafios, felicitações de aniversário).

“Simbolização do sofrimento” foi a temática mais alinhada com o objetivo principal da pesquisa e recolheu dados sobre a maneira como os adolescentes expressam suas

insatisfações nas redes sociais. Fomos surpreendidos por publicações que são menos autorais e mais repostagens de conteúdos com os quais se identificaram. A análise dessas postagens será aprofundada no quinto capítulo.

Verificamos que as queixas relacionadas à autoimagem foram recorrentes nas conversações, especialmente entre as participantes do sexo feminino. Na análise dos dados digitais, identificamos um número significativo de postagens em que os adolescentes aparecem em selfies, geralmente utilizando filtros ou outras estratégias para disfarçar características físicas que consideram indesejáveis. Essas postagens, classificadas como “Corpo nas redes sociais”, serão analisadas detalhadamente no terceiro capítulo.

Um aspecto que ficou evidente nos conteúdos compartilhados pelos participantes foi a importância do vínculo de amizade com os pares. Dada a sua recorrência e pertinência para esta fase de vida, delimitamos em nossa classificação as publicações que versaram sobre amizade.

Os demais conteúdos compartilhados que não se encaixaram nos quatro eixos brevemente descritos acima – registros familiares, comidas, pensamentos aleatórios, alguns memes – foram considerados “Outros”.

2.5 O sertão nordestino e seus traços na população pesquisada

Conforme descrito anteriormente, a amostra da pesquisa se centrou em duas escolas integrais do Município de Serra Talhada. Além das caracterizações particulares de cada escola e dos grupos estudados, consideramos necessário detalhar algumas características peculiares da população do Sertão do Pajeú, a começar pela sua figura pública de maior destaque, Virgulino Ferreira da Silva, o famoso Lampião, ao lado de sua companheira, Maria Gomes de Oliveira, conhecida como Maria Bonita. O famoso casal rendeu produções cinematográficas premiadas e conhecidas mundialmente, além de ser fonte de inspiração para diferentes expressões artísticas: peças teatrais, letras de músicas, telas de quadros, caricaturas.

Segundo De Araújo Clemente (2007, p. 2), o cangaço não se resume a Lampião, porém ele condensa e representa o movimento de “banditismo típico do sertão nordestino”. A representatividade de Lampião se justifica pela sua posição de liderança e por ser reconhecido como “valente, habilidoso em combate e tinha o exemplo acima da palavra”. O pesquisador do movimento destaca que além dessas características marcantes, Lampião construiu uma boa relação com o jornalismo de sua época e, à revelia das intensas perseguições que sofria pela

polícia e por sua legião de inimigos, se deixava fotografar, uma vez que estava empenhado em construir sua imagem pública. Seu “reinado” se estendeu de 1920 a 1938, quando foi assassinado em Angico. Na ocasião, além do casal modelo do cangaço, outros integrantes do grupo foram decapitados e suas cabeças foram fotografadas para registrar e confirmar a ruína do movimento. As cabeças seguiram sendo expostas por anos, tendo sido negado o direito aos ritos fúnebres.

Apesar de sua expressividade, a história de Lampião e do cangaço levanta controvérsias, principalmente no que se refere à questão ética do movimento visto por alguns como bandidagem e por outros como traços de heroísmo. A possibilidade de heroísmo se justifica pela premissa de que o cangaço era um agrupamento de justiceiros, empenhados em distribuir aos pobres a riqueza concentrada nas mãos dos coronéis. Essa justificativa foi utilizada por Francisco Julião em 1969 quando exigiu que as cabeças expostas dos cangaceiros fossem finalmente enterradas, em suas palavras: “Lampião foi o primeiro a lutar contra os latifúndios e a injustiça dos poderosos” (Chandler, 1980 *apud* De Araújo Clemente, 2007). A crueldade na exposição dos restos mortais dos integrantes do grupo mortos em Angico, reforça a marca registrada do cangaço: a violência. O grupo era conhecido pelas práticas de estupro, torturas, matança, executadas sem piedade.

A cidade de Serra Talhada segue sendo conhecida pela violência praticada nas ruas. Atualmente, sua maior expressão se concentra nas brigas entre famílias e o tráfico de drogas. É comum acontecerem execuções com armas de fogo a plena luz do dia, em ambientes abertos, públicos e com grande circulação de pessoas, como praças, bares, calçadas. A vítima normalmente é executada sem possibilidade de reação ou defesa e quem está ao redor assiste à cena, correndo algum risco de se ferir acidentalmente, porém as execuções costumam ser eficazes em mirar apenas na vítima (Sá, 2024).

Os participantes da pesquisa são atravessados por essa cultura cangaceira presente nas ruas por onde circulam e apresentam em seus discursos efeitos subjetivos do contato frequente com a violência. Esse será um dos tópicos discutidos mais adiante. É possível perceber que o ideal masculino é marcado pelas características de Lampião de valentia, liderança, escassez de palavras e atos brutos, uso de arma de fogo como expressão de poder e status. O estereótipo do machismo é muito presente e ressoa nas dinâmicas familiares, por exemplo na intolerância à homossexualidade desdobrada em proibições aos meninos de contato com qualquer atividade ou brincadeira que pareça feminina (dançar, brincar de boneca, ajudar nos afazeres domésticos, chorar). Por outro lado, aparecem novas figuras de referência, como jogadores de

futebol e influenciadores digitais, representando beleza, riqueza, conquista. Outras faces da masculinidade tentando fazer furo na caricatura do bruto homem sertanejo.

Segundo nossos participantes da pesquisa, as atividades de lazer preferidas, após “mexer no celular”, são corridas de motocicleta, às vezes substituídas por bicicletas motorizadas, nas quais os adolescentes conduzem o veículo em alta velocidade levantando o guidom e avançando com apenas uma roda no solo. As meninas ocupam o lugar denominado “mochilinha”, a pessoa que é conduzida como passageiro. A conduta de risco é relatada pelos participantes entre risos e receios, mas principalmente como sinônimo de conquista, valentia e força. Alguns referem terem aprendido “a pilotar” com figuras masculinas de referência (os pais, os primos mais velhos, amigos) e relatam situações de perigo cujo resultado foi sentido nas lesões provocadas no corpo. As cicatrizes foram mostradas como sinais de sobrevivência às duras provas.

Outro interesse recorrente e que marca a cultura local são atividades praticadas com animais, tendo como seu representante mais emblemático a vaquejada³. Esse esporte se estende para além das corridas a cavalo com o objetivo de “derrubar o boi”, mas engloba uma determinada maneira de se vestir (calça jeans, bota, chapéu), um tipo musical (forró e sertanejo) e eventos festivos que reúnem a população circunvizinha.

Entre as meninas participantes da pesquisa se destacou o desejo de engravidar cedo⁴, por volta dos 18 anos, e se casar. Enquanto os rapazes referiam como plano para o futuro trabalhar e ganhar dinheiro. Essas ideias reforçam a cristalização do lugar da mulher no cuidado com a prole e do homem como provedor e trabalhador.

Foi possível constatar um consumo precoce do álcool e contato com outras drogas ilícitas (principalmente maconha). Apesar dos participantes não terem feito referência ao consumo do *Cannabis*, postaram e falaram sobre a alta frequência de circulação da substância próxima a eles. Interessante esclarecer que a cidade de Serra Talhada faz parte do polígono da maconha, e mesmo não sendo citada como uma das regiões que cultivam o *Cannabis*, se situa entre os principais polos de plantação, localizados em Salgueiro, Belém do São Francisco, Mirandiba, entre outras (Patriota; Sá; Sato, 2021).

³ “A vaquejada é uma atividade cultural do Nordeste brasileiro, provavelmente de origem mexicana citada por alguns como um esporte, na qual dois vaqueiros montados a cavalo têm de derrubar um boi, puxando-o pelo rabo, entre duas faixas de cal do parque de vaquejada” (Wikipédia, 2024).

⁴ O significante “cedo” foi apontado pelas próprias participantes.

2.6 Participantes da pesquisa

Participaram das Conversações um total de 34 estudantes do Ensino Fundamental II, com idades variando entre 11 e 15 anos. No projeto a faixa etária delimitada era de 12 a 15 anos, atendendo ao objetivo de investigar o início da adolescência. No entanto, foi necessário um pequeno ajuste para se alinhar ao público das escolas indicadas. Essa adaptação permitiu o contato com alunos no momento crucial de irrupção da puberdade, nos permitindo acompanhar os conflitos, dúvidas e impasses característicos do início da metamorfose.

Interessante retornar ao momento de indicações dos participantes pelos professores da Escola Central. A imensa maioria eram estudantes do 6º ano, de tal forma que a pesquisadora precisou provocar indicações de alunos em outras séries para diversificar a amostra e se aproximar da proposta inicial. Dos 24 participantes desta instituição, 11 foram estudantes do 6º ano. Segundo os educadores, como todos os alunos dessa série são novatos e precisam se adaptar ao ambiente escolar e ao turno integral, é natural que apresentem mais dificuldades. Além disso, acreditam que eles entram na escola ainda na condição de criança e terminam o ano letivo como adolescentes, enfatizando o rápido e intenso crescimento nesse curto período. Eles verificaram que entre as meninas dessa série tem sido muito comum os comportamentos autolesivos como sinalizadores do sofrimento e da angústia vivenciada. A indicação dessas garotas para participarem da pesquisa foi um “pedido de socorro” dos educadores que se veem diante de situações de difícil manejo e que escapa à função do professor.

Além da classificação etária, o outro pré-requisito para participar da pesquisa era ser usuário das redes sociais digitais, o que não representou impedimento para nenhum dos indicados. Todavia, no primeiro encontro com um dos grupos, um determinado participante falou que estava sem celular porque havia quebrado e, sendo assim, não estava ativo nas redes. Não consideramos a situação um impeditivo para sua participação e ele seguiu na atividade.

Como critério de exclusão apontamos os estudantes que não fossem usuários de redes sociais digitais e quem apresentasse diagnóstico psiquiátrico prévio como TDAH, Transtorno Depressivo Maior, Esquizofrenia ou outra patologia que o deixasse vulnerável à situação da pesquisa. Nenhum dos participantes foi apontado pela escola como portador de um desses diagnósticos, entretanto, para nossa surpresa, uma das participantes do primeiro grupo ao se apresentar referiu fazer terapia porque tinha TDAH. Após a conversação a equipe de pesquisa se reuniu para avaliar a possibilidade de permanência da participante e consideramos mais prudente mantê-la, com alguns ajustes na dinâmica de funcionamento (de maneira discreta e

sutil uma estagiária sempre se sentava ao seu lado). Em diversos momentos sua participação gerou polêmicas, como também importantes bons efeitos.

Embora a presente pesquisa tenha um caráter qualitativo, interventivo, explicativo e sua análise estar direcionada ao singular de cada sujeito, consideramos importante apresentar alguns dados demográficos a respeito da amostra de participantes. Ao total tivemos 34 integrantes, distribuídos em três grupos com 11, 13 e 10 estudantes, os dois primeiros grupos na Escola Central e o último na Escola Campestre. Em relação ao sexo, tivemos uma maior expressão feminina, sendo 23 deste gênero e 11 do masculino. As idades variaram entre 11 e 15 anos, no início do estudo⁵, sendo 12 participantes com 11 anos; nove com 12 anos; três com 13 anos; oito com 14 anos e dois com 15 anos.

Todos os nomes utilizados neste estudo são fictícios, com o objetivo de preservar a identidade dos participantes. Além disso, algumas informações foram levemente modificadas, sem comprometer a integridade dos dados, a fim de evitar qualquer possibilidade de identificação. Também não serão apresentadas imagens dos participantes, exceto em casos pontuais nos quais foram aplicadas técnicas de censura adequadas. Tais medidas constituem estratégias de cuidado ético com os dados produzidos ao longo da pesquisa, em conformidade com os princípios de confidencialidade e respeito aos sujeitos envolvidos.

2.7 O movimento das conversações

O caminho metodológico traçado, iniciando com os encontros promovidos pelas conversações e ampliando para a coleta de dados digitais, buscou dar voz e fazer falar o que é visto/visualizado através das performances de ruptura, oportunizando o deslocamento da encenação para a nomeação do mal-estar vivido. A aposta na palavra foi feita na tentativa de produzir um efeito de subjetivação, além do levantamento de informações a respeito desta temática. Apesar da conversação convocar esse ponto de sofrimento, não se buscou tratar psicanaliticamente os participantes, mas produzir um saber, por acreditar que a comunicação pode ter uma função transformadora, conforme nos ensina Lacan (1953).

Apesar da ideia inicial de sustentação do lugar de não-saber e da espera pelo movimento do grupo para fomentar a associação livre coletivizada percebeu-se que seria necessária uma atitude mais interventiva e provocativa para fomentar uma discussão com os

⁵ Como a pesquisa teve uma duração de três meses, alguns participantes fizeram aniversário nesse período. Entretanto, aqui está sendo considerada a idade que estavam no início da intervenção.

participantes, principalmente os grupos da Escola Central, tanto pela estrutura acústica na qual os ruídos interferiam na escuta, como também pela dificuldade dos participantes de se respeitarem.

Nas atividades de conversação tentamos sustentar o método de escuta equiflutuante, através da qual se aguarda pelo que o grupo tenha a nos dizer, entretanto em diversos momentos foi preciso suscitar temas, convocar com perguntas disparadoras porque o grupo ficava em uma postura mais passiva de aguardar pelo direcionamento. Sendo assim, ao longo da atividade foi sendo construída uma lista de questões disparadoras ou situações/postagens que serviram como suporte para suscitar o diálogo ou como pontos que poderiam suscitar falas que se relacionasse ao objetivo específico de investigação das expressões de sofrimento. Dentre elas as seguintes questões:

1. Que tipo de postagem faz mais sucesso?
2. Quais são as postagens má-vistas?
3. Você já adicionou alguém nas redes sociais e depois se arrependeu?
4. Você já excluiu alguém das suas redes sociais? Já foi excluído por alguém? Quais as repercussões?
5. Quem vê suas publicações pode imaginar como você é, saber sobre o seu cotidiano?
6. Recentemente teve um movimento nas redes sociais sobre #PostNãoPostados. Você se identifica? Tem alguma postagem elaborada e não publicada? O que lhe fez suspender a publicação?
7. Você consegue distinguir o que seria íntimo o bastante para não ser divulgado (comparação entre o que deve/pode ser exposto do que deve permanecer privado)?
8. Você se sente exposto nas redes sociais?
9. O que você acha das pessoas que tornam públicas suas vidas na internet?
10. O que você acha dos pais que monitoram conteúdo dos filhos nas redes sociais e na internet?
11. O que aconteceria se você decidisse não participar das redes sociais?
12. Como você reage quando posta e ninguém curte ou comenta?

Manter essas questões como pano de fundo foram fundamentais para propor polêmicas e lançar enigmas, principalmente nas primeiras conversações. Depois que tivemos acesso ao

perfil dos participantes nos aproximamos da realidade vivida por eles e as indagações e os tópicos levantados foram ficando mais contextualizados. Foi possível perceber um movimento interessante de deslocamento do tema de redes sociais e o aprofundamento dos compartilhamentos sobre a própria vida, as dificuldades enfrentadas, os enlaces familiares, os conflitos com os pares, as contradições do ambiente escolar. Tal modificação nos tópicos das conversações nos leva a pensar em um aprofundamento das temáticas diante da relação transferencial bem estabelecida.

Sendo assim, à medida que as conversações avançaram, foram elaboradas algumas atividades para serem usadas como instrumento de intervenção, caso se verificasse a oportunidade e necessidade para sua aplicação. A primeira foi construída após ter entrado em contato com algumas brincadeiras que se repetiam nos Stories dos participantes, como a OPN e outra PP. Somente na conversação foi possível compreender que a OPN se trata de uma brincadeira em que o usuário da plataforma abre uma caixinha de pergunta com o título OPN, que é uma abreviação da palavra “opina”. Seus seguidores que quiserem entrar na brincadeira respondem a caixinha com seu nome ou indicando algo que aquele que propôs a caixinha deve opinar. Foi observado que a maioria dos usuários que aderiram à brincadeira pediam opinião sobre si mesmo, em uma clara tentativa de validação de si através do olhar do outro.

Já a brincadeira PPP é uma sigla para “Pego, Passo e Penso”, que tem uma conotação mais sexual. Nesta brincadeira o usuário abre a caixinha de perguntas com esse título PPP e seus seguidores respondem com nomes de pessoas que o usuário deve responder se pega, passa ou pensa. As brincadeiras serão palco de análise mais adiante, entretanto sua apresentação aqui cumpre a finalidade de descrever como as conversações foram construídas.

A primeira atividade desenvolvida se chamou PASI, na qual os participantes deveriam escrever sobre as publicações que postam, apagam, salvam e ignoram. A intenção foi se aproximar do conteúdo consumido e produzido por eles nas redes sociais, abrindo espaço para que pudessem falar sobre o que acontece no ciberespaço. Como a coleta de dados netnográfica permitia apenas o contato com as postagens feitas pelos participantes, essa atividade pretendeu investigar como eles percebem aquilo que postam, bem como as postagens que costumam apagar, visto que a página inicial dos participantes praticamente não tinha nenhuma foto. O que antes foi considerado como álbum de recordação online, entre os participantes pesquisados havia um esvaziamento. Ficou a questão, o que leva os adolescentes a evitarem postar no feed (postagens que permanecem na plataforma) e o que faz com que apaguem as postagens feitas nessa modalidade?

Além disso, a atividade pretendeu se aproximar do conteúdo consumido pelos adolescentes através das questões do que salvam e do que ignoram. Quais conteúdos despertam interesse e são buscados e aqueles que são descartados?

A atividade ficou como recurso auxiliar e foi utilizada com os dois grupos da Escola Central. Entretanto, com o grupo campestre não vislumbramos necessidade para sua utilização de tal forma que não foi aplicado. A atividade também cumpriu a finalidade de trazer à tona a discussão sobre essas brincadeiras feitas nos Stories e suas repercussões.

A atividade seguinte surgiu diante da constatação de um frequente mal-estar sinalizado pelas participantes em relação ao seu corpo. Ele sempre era apontado a partir de suas falhas e imperfeições e em comparação com os corpos idealizados projetados nas redes sociais. Foi acordado com os grupos que a pesquisadora faria uma proposta de intervenção com a temática objetivando propor um espaço de reflexão acerca da imagem do corpo e das influências sobre sua avaliação. Sendo assim foi proposta a segunda atividade, aplicada em momentos distintos com os três grupos da pesquisa, através da qual foi solicitado que cada participante escrevesse ou desenhasse a maneira como se vê, como gostaria de ser e como se imagina no futuro. No último eixo constatamos uma dificuldade dos adolescentes de se projetarem aos 20 anos e adaptamos pedindo que eles fizessem em relação ao futuro que conseguiam se projetar e nos sinalizasse a que tempo estavam se referindo. A maioria só conseguia se imaginar até terminar a escola.

Figura 1 - Atividade PASI

Adolescência Conectada	
Nome	
Grupo	
Data	
POSTO	APAGO
SALVO	IGNORO

Fonte: a autora (2025)

Figura 2 - Atividade Corpo

ADOLESCÊNCIA CONECTADA

Nome: _____ Grupo: _____



Como eu me vejo

Como eu gostaria de ser



Como me imagino aos 20 anos



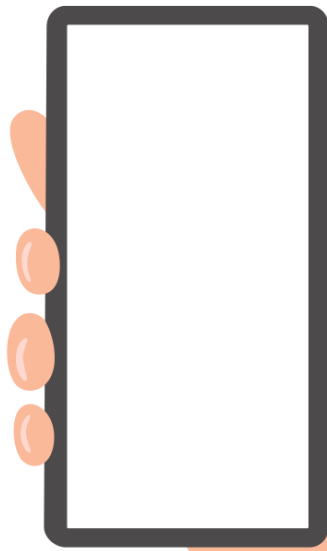
Fonte: a autora (2025)

A terceira e última atividade surgiu diante da constatação de diversas vivências violentas e de bullying no ambiente escolar. Entretanto, quando o tópico vinha à tona nas conversações estranhamente os participantes silenciavam, como se estivessem paralisados no sofrimento e sem possibilidade de nomeação ou reação. Sendo assim, propomos uma atividade sobre *ciberbullying*, tendo aberto a possibilidade para falarem, relatarem ou desenharem o que lhes tocava sobre essa temática. O recurso foi fundamental para que os participantes pudessem dar voz ao mal-estar antes petrificado e silenciado.

Figura 3 - Atividade Ciberbullying

**ADOLESCÊNCIA CONECTADA
CIBERBULLYING**

Meu nome: _____ Grupo: _____



Fonte: a autora (2025)

2.8 Efeitos da transferência e a análise dos dados

Os dados produzidos serão analisados a partir dos conceitos psicanalíticos de inconsciente, transferência, projeção, identificação, levando-se em consideração os aspectos tópicos, dinâmicos e econômicos do aparelho psíquico. A presente pesquisa adotou um caráter interventivo grupal, a partir da oferta de um espaço para a associação livre coletivizada, por acreditar que esta técnica é capaz de extrair a singularidade do sujeito e ainda provocar um efeito de subjetivação (Klautau; Pacheco; Macedo, 2022). Segundo Mezan (1993), o trabalho de pesquisa em psicanálise é sempre da ordem do singular, entretanto a investigação da singularidade dos sujeitos pode apontar para a dimensão do universal.

Para sistematizar a coleta dos dados e poder extrair o singular, foram feitas anotações sobre as falas, interações, associações e silenciamentos dos participantes nas atividades realizadas. Além dessas anotações em tempo real, após cada conversa foi feita pelos estagiários uma descrição mais detalhada e pormenorizada dos dados produzidos. Buscando captar o singular na escuta coletiva, o diário de campo tem a finalidade “de transformar a experiência do pesquisador em registros capazes de fomentar discussões e fornecer contribuições ao campo psicanalítico” (Klautau; Pacheco; Macedo, 2022, p. 112).

Por se tratar de uma pesquisa em psicanálise é importante destacar que os dados foram produzidos “no encontro dos corpos e das psiques do pesquisador e do objeto pesquisado”. As falas dos participantes da pesquisa foram dirigidas à pesquisadora e esse discurso é portador “de conteúdos inconscientes a ela endereçado”. Por outro lado, a análise dos dados é atravessada pelos fenômenos contratransferenciais, uma vez que a pesquisadora também produz “novos conteúdos inconscientes suscitados pela transferência do objeto de pesquisa” (Donard, 2022, p. 51).

Pesquisar em psicanálise sem negligenciar os efeitos contratransferenciais significa identificar e compreender o fenômeno que se expressa no encontro com uma dupla finalidade: (1) evitar a contaminação dos dados e (2) utilizar a contratransferência como técnica inerente a este tipo de pesquisa (Donard, 2022).

A análise dos dados nesta tese foi conduzida a partir da articulação entre dois eixos metodológicos complementares: as conversações psicanalíticas realizadas com os adolescentes em contexto escolar e a observação netnográfica de seus perfis nas redes sociais. A integração desses dois materiais foi fundamental, pois permitiu que um contribuísse para a compreensão do sentido do outro, aprofundando a leitura dos fenômenos subjetivos em jogo. A escuta clínica, ancorada na ética da psicanálise, possibilitou a captação das ressonâncias

inconscientes presentes nas falas, enquanto a análise das postagens ofereceu uma dimensão visível e performativa da subjetividade, marcada pela lógica escópica das redes.

Os pontos que se sobressaíram, seja pela frequência com que emergiram nos discursos, seja pela repetição de determinados conteúdos nas postagens, foram destacados e organizados nos seguintes eixos temáticos: (1) Cultura; (2) Simbolização do sofrimento; (3) O corpo nas redes sociais; (4) Amizades; e (5) Outros. Importa ressaltar que, embora o material tenha sido agrupado por eixos temáticos, a análise manteve-se qualitativa e clínica, sustentada por uma escuta atenta à singularidade dos participantes. A recorrência de certos conteúdos foi considerada não como dado estatístico, mas como expressão de modos de subjetivação que, ao se repetirem, revelam aspectos relevantes da experiência adolescente na contemporaneidade.

A análise foi orientada pela lógica do “um a um”, buscando preservar a complexidade de cada percurso subjetivo. Assim, mesmo ao propor e descrever temas comuns — como o uso habitual do celular, o sofrimento psíquico, a irrupção da puberdade, os contornos da sexualidade ou o mal-estar com o corpo —, o enfoque analítico permaneceu atento às formas singulares com que cada adolescente se relaciona com essas experiências e às maneiras que encontra para expressá-las, simbolizá-las ou silenciá-las.

Essa metodologia permitiu sustentar uma análise que, ao mesmo tempo em que reconhece a existência de fenômenos compartilhados por adolescentes conectados, resguarda o lugar do sujeito e sua forma própria de significar o mundo, o corpo e o mal-estar, em uma travessia marcada pela articulação entre o real, o simbólico e o imaginário, profundamente atravessada pelas dinâmicas do digital.

3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentados os dados produzidos a partir das conversações realizadas com os três grupos de adolescentes, articulados às postagens consideradas mais significativas, com o intuito de, em seguida, desenvolver uma análise detalhada dos pontos que se sobressaíram e dialogam diretamente com os objetivos delineados para este estudo. As atividades de conversação não foram gravadas; entretanto, contaram com a presença de estagiários que acompanharam os encontros e realizaram anotações em tempo real. Posteriormente, a equipe sistematizou esse material na forma de relatórios descritivos mais completos.

A apresentação dos dados será conduzida de forma fluida e não linear no tempo. Serão destacados os tópicos que mais se relacionam com os objetivos da pesquisa, entrelaçando-os com os dados obtidos por meio da observação digital, cujas postagens apontam para temas recorrentes no material analisado. Embora este capítulo apresente recortes específicos, o texto integral — contendo o registro mais completo das conversações, bem como das postagens coletadas nas redes sociais dos adolescentes — segue em anexo, para aqueles leitores que desejarem aprofundar-se nos materiais empíricos.

No primeiro encontro com cada grupo, foi entregue um crachá de identificação e solicitado que cada participante se apresentasse. Nesse momento inicial, foram estabelecidos dois acordos fundamentais: o primeiro, relativo ao sigilo, reforçou que todas as informações compartilhadas naquele espaço deveriam permanecer confidenciais; o segundo, relacionado ao respeito mútuo, enfatizou a importância da escuta atenta e do reconhecimento do direito de cada um se expressar — ou se reservar ao silêncio.

Antes de iniciar a exposição dos dados propriamente dita, serão descritas algumas particularidades de cada grupo participante, a fim de evidenciar, desde o início, suas características singulares e contextos específicos.

3.1 Ponto de partida: conhecendo os grupos de pesquisa

O primeiro grupo da pesquisa, o Central 01, foi formado por estudantes indicados pelos professores, quase todos do 6º ano. A maioria dos alunos tinha apenas 11 anos, fora da faixa etária proposta de 12 a 15 anos. Consideramos necessário atender à demanda da escola,

que identificou como público de maior vulnerabilidade os alunos daquela série. A justificativa elaborada pelos docentes era que os alunos novatos⁶ entram na instituição educativa ainda crianças e são exigidos, pressionados a amadurecer. Dessa forma, terminam o ano letivo como adolescentes, precisando evoluir com rapidez para se integrar à intensa rotina escolar. Os alunos permanecem na escola das 7h às 17h, realizando três refeições no local, o que representa mais tempo na escola do que em suas próprias casas. A intensa convivência com os colegas reforça a necessidade de amadurecimento. Segundo os professores mais atentos, as meninas dessa série inicial padecem e expressam o sofrimento através de cortes na pele, tendo aumentado significativamente o número de garotas se cortando no banheiro da escola. As professoras percebem o comportamento como sinalização de um mal-estar, mas sentem-se incapazes de ajudar. Percebem o efeito contágio, através do qual uma menina observa ou fica sabendo que a amiga se cortou e, por imitação, quando enfrenta um conflito e se entristece, recorre aos cortes como forma de expurgar o sofrimento e sinalizar a dor sentida.

Antes mesmo do início das conversações, verificou-se a recorrência de autolesões. Em uma das visitas à Escola Central para informar sobre a aprovação do Comitê de Ética, uma aluna do 6º ano foi encontrada no banheiro em prantos e com cortes nos braços. A diretora solicitou que eu realizasse um acolhimento, mencionando a dificuldade em lidar com o crescente número de casos de automutilação entre as novas estudantes. Fiz uma escuta e acolhimento à aluna que apresentou dificuldade em decodificar seu tormento, entretanto foi possível constatar a origem difusa dos conflitos: situações familiares em que se sentia negligenciada pelos principais cuidadores, inclusive havia ido morar com um tio materno e teve a ingrata surpresa de descobrir que ele agredia a esposa e um desentendimento resultando em grande decepção com alguém que supunha ser sua melhor amiga e agiu com descaso e traição. Sentindo-se insignificante, sem valor, horrorosa, burra e desconhecendo uma forma eficaz de remanejar as frustrações e desapontamentos, cortou-se como forma inconsciente de autopunição e para sinalizar seu sofrimento. Precisou cortar-se na escola para ser vista. Maria Luiza foi convidada por mim a participar da pesquisa e aceitou prontamente.

Dias depois, enquanto duas alunas do 6º ano me guiavam apresentando as instalações do colégio, uma garota se aproximou para lhes contar, em tom de fofoca, que uma colega de classe havia sido encontrada no banheiro se cortando. Como o relato não continha nenhuma novidade, as meninas esboçaram pouca reação e nenhuma surpresa. Aproveitei para perguntar o que elas supunham como motivador para os cortes e percebi uma banalização do

⁶ Como a escola atende apenas ao público do ensino fundamental II, todos os alunos do 6º ano são novatos.

comportamento por ser uma situação cotidiana de uma escola agitada e populosa. Apesar de não articularem as causas, relataram que as meninas costumam se mobilizar para dar suporte: chamam para conversar, aconselham, pensam alternativas e estratégias para conter o ato de cortar-se.

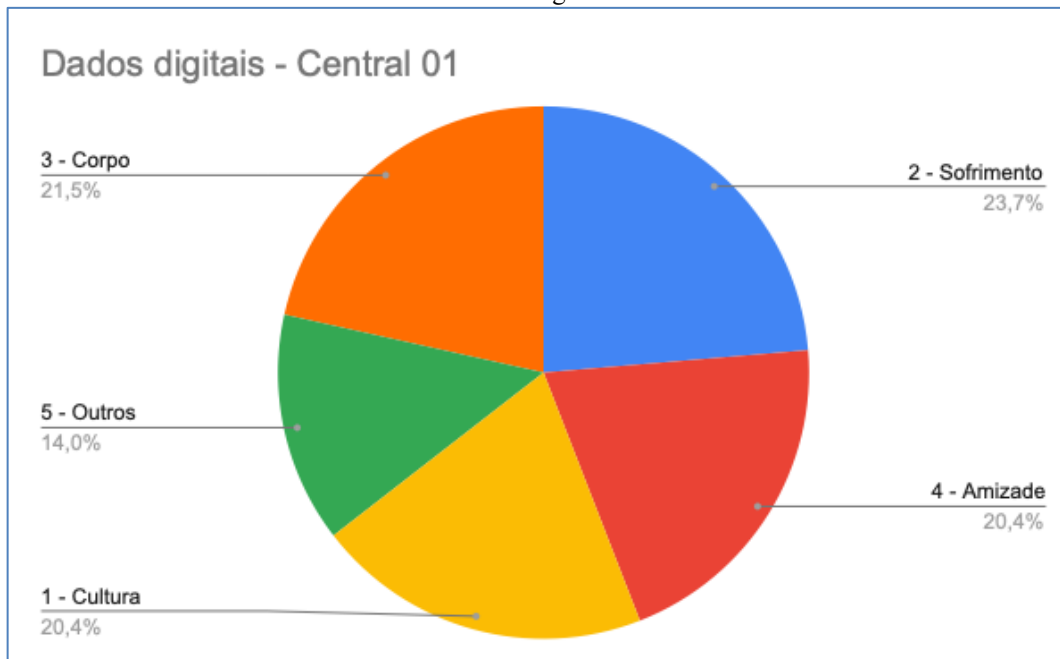
O sofrimento dos alunos do 6º ano levou os professores a indicações maciças e enfáticas desse público, de tal maneira que dos 11 participantes do primeiro grupo, sete estavam nesta série. À princípio, estiveram mais caladas, como se precisassem de um tempo para se situar, aos poucos foram compartilhando suas ideias. Maria Luiza e Antonella se mantiveram mais quietas ao longo de toda a atividade, sinalizando traços de timidez e inibição. Em contraponto, Maria Alice era muito falante e compartilhava freneticamente suas histórias bizarras e seu interesse por jogos eletrônicos e animes. Sua necessidade excessiva por um espaço de fala lhe levou a ser hostilizada pelos demais participantes que não faziam questão de esconder o incômodo despertado pela colega. Maria Alice esboçava um desejo de ser incluída nas “panelinhas” incompatível com sua habilidade social. Inúmeras vezes precisei intervir tanto para cortar sua “falação” como para lembrar os integrantes da regra do respeito ao momento de fala de cada um. Vicaelly não perdia uma oportunidade para alfinetar Maria Alice com seus comentários ácidos e depreciativos. Gabriel, único menino do 6º ano, era muito observador, falava pouco, mas quando o fazia comunicava muito. Ao ser convidado para participar da pesquisa alegou que, no momento, estava sem celular porque havia quebrado. Ao longo da atividade ficou evidente, entretanto, que Gabriel nunca tinha sido usuário das redes sociais. Para além dos alunos da série inicial, tinha um pequeno grupo de amigos composto por Ana, Bárbara, ambas do 7º ano, e Bruno, do 8º e ainda Larissa, a mais velha do grupo, do 9º ano.

Neste grupo acompanhamos as postagens da maioria dos participantes, inclusive Ana, Bárbara, Bruno, Larissa incluíram o perfil da pesquisa na lista restrita de melhores amigos. Bruno praticamente só postava para esse público mais restrito, o conteúdo versava basicamente sobre suas desilusões amorosas e frustrações com a ausência de resposta da pessoa amada. Sentia-se ignorado e fracassado. Sua participação no grupo foi surpreendente desde sua apresentação inicial quando confessou alguns atos delinquentes como furtar pequenos objetos em grandes lojas e disseminar vírus virtual. Era bastante amigo de Ana e Bárbara. Os três compartilhavam entre si vídeos pesados retratando cenas de tortura, chacina, mortes violentas, suicídios e foram os participantes que mais fizeram postagens revelando o sofrimento que enfrentavam. Por outro lado, evidenciavam o forte vínculo de amizade nas publicações.

Larissa mantinha dois perfis, um mais privado e outro com um maior número de seguidores. Ela mencionou que cancelou uma conta com um número significativamente maior de seguidores para evitar expor sua vida a pessoas curiosas. Mais tarde, Larissa revelou que sua família se envolveu em um escândalo violento, uma cena familiar envolvendo tiros e tentativa de assassinato foi amplamente divulgada na cidade e ela passou a ter mais prudência em expor sobre sua vida pessoal.

Os integrantes deste grupo compartilhavam selfies, conteúdos relacionados a amizade e aos seus hobbies preferidos, como vaquejada, futebol e músicas. Também era comum reflexões através de pensamentos, frases, ideias. Algumas mensagens pareciam ser direcionadas a colegas como resultado de desentendimentos. Mariana e Eva respondiam às perguntas e brincadeiras nos stories, solicitando a opinião dos seguidores. Segue abaixo um gráfico com as publicações desse grupo por categorias.

Gráfico 1 - Dados digitais - Central 01



Fonte: a autora (2025)

Nem todos os estudantes indicados, convidados e aptos para participar da pesquisa (entrega dos documentos necessários: TCLE e TALE devidamente assinados) puderam ser incluídos no primeiro grupo da Escola Central, devido ao limite adequado de integrantes para o bom funcionamento da conversação. Os excedentes motivaram a equipe de pesquisa a formar o segundo grupo naquela instituição. A tarefa, inicialmente facilitada pelos professores, tornou-se mais difícil para composição do segundo grupo. Enfrentamos uma

reação mais defensiva dos alunos que passaram a recusar o convite ou simplesmente não entregar a documentação solicitada. Soubemos que estava circulando pelos corredores da escola a interpretação de que só participava da pesquisa quem tinha algum problema grave. Para se poupar deste rótulo e dos comentários, os alunos se recusavam a participar. Mudamos a estratégia e passamos a convidar participantes a partir das indicações dos próprios alunos. Enfim, 13 estudantes entregaram a documentação e iniciamos a atividade. O novo grupo foi composto de forma mais diversa em relação à série em que se encontravam e ao sexo. Quatro do 6º ano, três do 7º, três do 8º e três do 9º. Os integrantes dos anos finais tiveram mais dificuldade em comparecer aos encontros porque frequentemente estavam em provas e apresentações de trabalho e não podiam se ausentar da sala de aula. Em relação ao sexo, tivemos sete meninas e seis meninos.

As únicas desistências ocorreram no segundo grupo, aumentando o desinteresse de alguns adolescentes em prosseguir. O tópico foi pauta em um dos encontros e ao oportunizar espaço para falarem dos efeitos da desistência dos colegas, o grupo se implicou e aprofundou as discussões, anteriormente mantidas na superficialidade e na brincadeira. Um dos participantes, Hariel, adotou uma postura de zoação e dava a impressão que participava da pesquisa para fugir das aulas. Foram frequentes suas brincadeiras, desrespeito com os colegas e baixa implicação. Em determinado momento, foi necessária uma conversa em particular para compreender sua motivação para estar na pesquisa. Na ocasião, Hariel reconheceu seu comportamento inadequado, compartilhou já ter sido chamado a atenção por professores e se comprometeu a repensar suas atitudes.

Diante das dificuldades e características do grupo, foi necessário adotar uma abordagem mais interventiva e convocar os participantes a utilizarem o espaço de fala. Diversas vezes, essas convocações não resultaram em efeito, levando a contribuições superficiais e desinteressadas. Silva, Emília e Adriana eram as participantes mais novas. Adriana, frequentemente envergonhada, faltou a vários encontros devido à sua assiduidade irregular na escola. Por outro lado, Silva e Emília estabeleceram um vínculo de cuidado mútuo, trocando elogios, compreensão e incentivo. As publicações de Silva foram notáveis, contendo diversas selfies que exibiam parcialmente seu corpo, do pescoço às coxas. Sua insatisfação com a própria imagem, especialmente em relação ao rosto e ao cabelo, ficou evidente tanto nas postagens quanto nos breves comentários feitos em conversações.

Certo dia, encontrei Emília no corredor da escola sentada em um banco chorando compulsivamente e sendo consolada por duas amigas. Perguntei se queria conversar, ela aceitou o convite. Neste momento, falou sobre seus conflitos familiares, o afastamento do pai

após a separação conjugal, a sensação de ser insuficiente para as pessoas. Após esse contato íntimo, sua participação no grupo ficou mais implicada, compartilhava questões mais profundas.

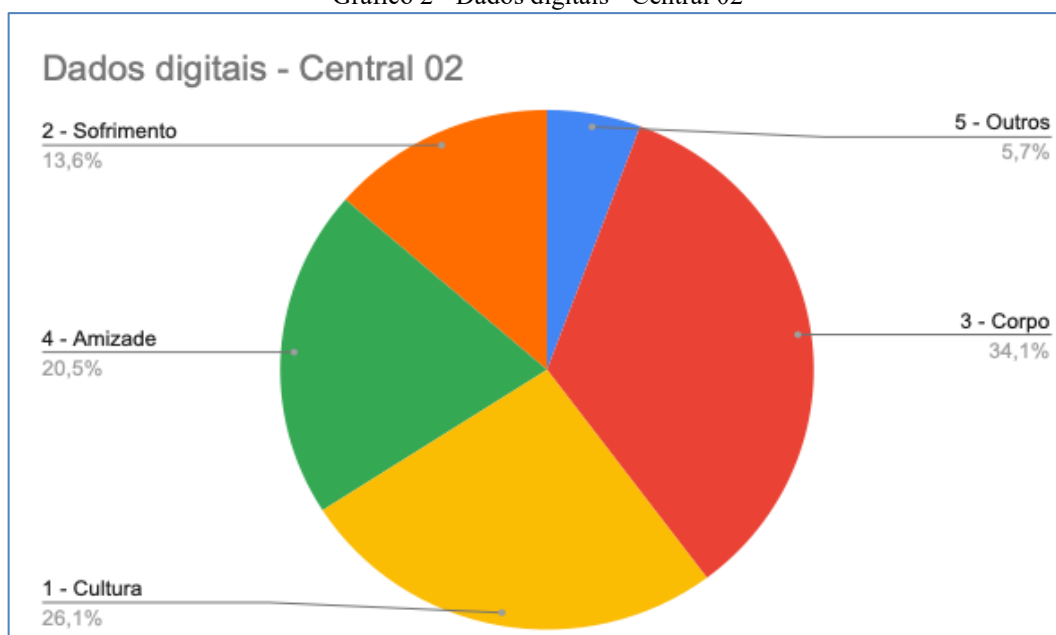
A participação tardia de Paulo, aluno do 9º ano e inicialmente impedido de participar devido ao envolvimento em provas, fez muita diferença e ressoou no grupo positivamente. Era evidente a sua maturidade, a clareza das informações compartilhadas. Ele foi o primeiro a contar sobre sua família e levou outros participantes a relatarem sobre a dinâmica familiar. Paulo escutava o que os colegas diziam e fazia pontuações, comentários, ora discordando ora concordando, mas sempre valorizando o que era dito.

Neste grupo conseguimos acompanhar as postagens de Silva que versavam basicamente sobre o seu corpo e algumas publicações com amigas. Suas selfies retratavam apenas uma parte de si, do tórax à coxa e as mesmas imagens se repetiam com frequência, ora em fotos ora em vídeos com música e montagens de suas selfies. Além de Silva, Hariel também postava repetidamente selfies com filtros ou figurinhas em seu rosto. Enquanto Silva até nas conversações falava sobre seu incômodo com sua imagem, Hariel tentava transmitir a ideia de que estava muito seguro e satisfeito com sua aparência, entretanto as postagens evidenciavam sua necessidade de camuflar traços que lhe desagradavam. Hariel postava conteúdos com lições que deveriam ser aprendidas, como se fossem transmitidas por um mestre. Todas as lições eram numeradas e passavam mensagens diretas, como: *Lição 449: “Muitos falsos, poucos são amigos”*. Neymar postou poucas vezes, sempre sobre sua paixão por motos e corridas arriscadas. Paulo regularmente publicava seus jogos de futebol ou quando seu time ganhava uma partida. À princípio o perfil da pesquisa foi incluído na lista de melhores amigos de Manuela, quando tivemos acesso as suas postagens cotidianas sobre lazer com os amigos, muitas publicações respondendo a caixa de perguntas, algumas selfies sempre escondendo parte do seu corpo, o rosto. Na próxima página, segue gráfico com as publicações dos participantes deste grupo divididas por categorias.

O grupo Campestre foi uma grata surpresa para a pesquisa. O convite para ampliar a proposta de intervenção para a escola situada em um distrito de Serra Talhada, foi compreendido como uma oportunidade inédita de produzir dados a respeito dos adolescentes nas redes sociais em uma área rural. O elo entre as duas escolas é o regime integral, na qual os alunos permanecem os dois turnos no ambiente educacional. Durante o trajeto do centro urbano até a escola, o motorista apresentou a região e as características da população. Descobrimos que os habitantes locais frequentemente participam de trabalhos voluntários para melhorar as condições da instituição. Desde a chegada, fomos recepcionados

calorosamente pelos funcionários. A diretora, que está à frente da escola há vários anos, mostrou a instituição reformada e ampliada. Ela e o professor da disciplina Projeto de Vida indicaram os alunos para participar da pesquisa, demonstrando conhecimento profundo sobre cada estudante, suas histórias de vida, dificuldades enfrentadas.

Gráfico 2 - Dados digitais - Central 02



Fonte: a autora (2025)

Com exceção de um estudante que se considerou muito tímido, todos os indicados aceitaram o convite para participar da pesquisa. A diretora organizou os documentos e comunicou-se com as famílias, esclarecendo dúvidas para que as exigências burocráticas não impedissem a participação dos alunos na pesquisa. A biblioteca foi disponibilizada para os encontros, sendo adequada e climatizada. Mesmo quando usada por outros profissionais, o ambiente era liberado sem resistência. Não houve dificuldades para a liberação dos alunos pelos professores para participarem das atividades semanais. Eventualmente, algum participante se atrasava por estar terminando uma prova, mas chegava assim que possível.

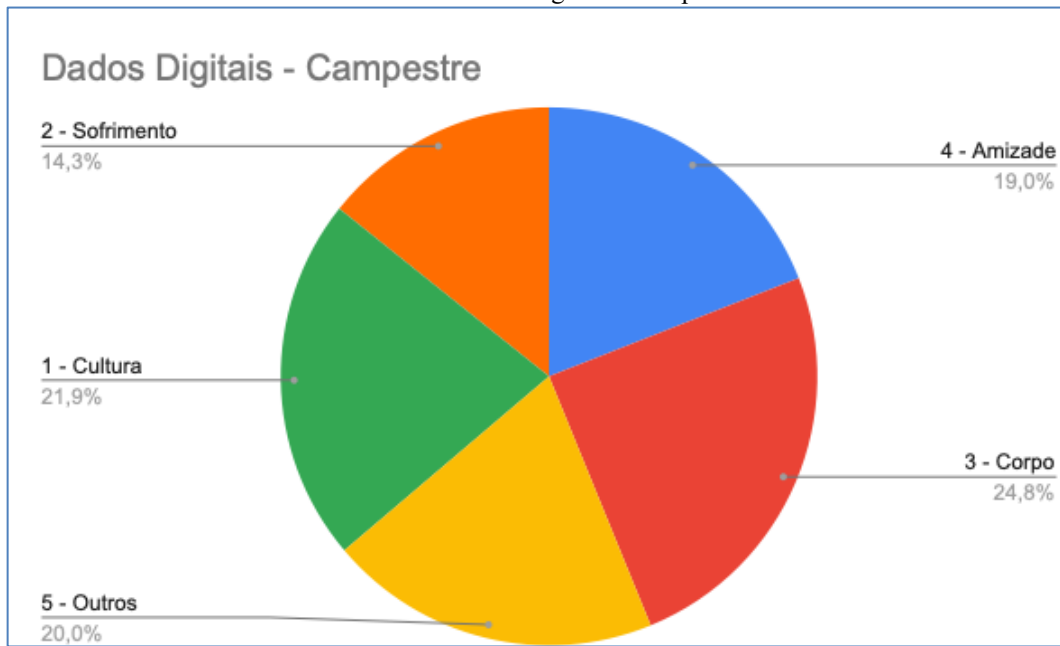
Os participantes foram predominantemente meninas (sete) e apenas três meninos. Destes, três eram do 6º ano, três do 7º, dois do 8º e dois do 9º ano. As conversações ocorreram de maneira mais fluida com este grupo, onde os participantes escutavam uns aos outros com respeito e eram influenciados pelos relatos dos colegas. Os significantes se deslizavam em uma associação livre coletivizada. Desde o primeiro encontro, os relatos foram profundos e íntimos. Influenciados pelo compartilhamento mútuo, chegaram a oferecer conselhos, como “Em caso de tristeza, contemple a natureza”.

Por outro lado, foi o único grupo que tivemos um problema de vazamento de informações para a escola, obstáculo que foi contornado pelos participantes e pela equipe de forma que a conversação não foi paralisada. A relação transferencial foi muito bem estabelecida, ao ponto de ter sido a mola propulsora para situações conflituosas e seu posterior desfecho. A situação será esmiuçada na análise no tópico sobre a participação de Eduardo.

Apesar da presença de pessoas tímidas e inibidas, como Yasmim, Alana, Kelvin que pouco falaram no grupo, percebemos a importância que todos dedicaram à pesquisa. Houve uma identificação maciça das garotas com os relatos de Rafaela, uma das mais velhas. O grupo ficou tocado pelo relato de Luísa acerca do seu pai o que acabou revelando um preconceito insistente e presente quanto a qualquer vivência sexual que se afastasse do padrão estabelecido. Apesar das críticas formuladas ao “discurso travado” das gerações precedentes, ficou evidente que os adolescentes reproduzem comportamentos, atitudes e ideias preconceituosas. O estereótipo do homem sertanejo valente, “cabra macho”, atrelado à imagem de Lampião, continua sendo incompatível com qualquer colorido da sexualidade. Quem se afasta desse ideal, afronta ideias rígidas e, conseqüentemente, precisa ser banido.

Os participantes deste grupo frequentemente postavam cenas rurais e registros de contato com a natureza, como andar a cavalo e observar as fases da plantação. Os aspectos culturais estavam alinhados com características sertanejas, incluindo vaquejada e encontros familiares nos finais de semana, destacando um lazer mais doméstico. Também foram comuns postagens relacionadas à família e religião. Mesmo residindo em área rural, os adolescentes estavam conectados à cultura digital, mantinham perfil nas principais redes sociais e interagiam intensamente nessas plataformas. Os usos do Instagram incluíam participar das brincadeiras dos stories, conhecer pessoas online, publicar sobre o cotidiano, postar mensagens de parabéns e engajar-se em desafios e caixas de perguntas. Além disso, acompanhavam a vida das celebridades através dos perfis digitais e se informavam sobre as tendências. Uma das participantes, Aurora, postava diariamente uma série de selfies em diferentes ângulos, com e sem filtro. Na próxima página, segue gráfico com as publicações dos participantes deste grupo por categoria:

Gráfico 3 - Dados digitais - Campestre



Fonte: a autora (2015)

3.2 “Mexer no celular” e os usos das redes sociais

Nas apresentações iniciais, os participantes falavam nome, idade e completavam dizendo o que gostavam de fazer ou algo mais pessoal. Foi recorrente a expressão “mexer no celular” como uma das principais atividades realizadas diariamente, normalmente apontada como lazer ou distração. Em alguns casos pontuais, os adolescentes foram capazes de fazer uma distinção entre “fazer coisas legais”, que se referiram ao contato com os colegas através de futebol, conversa na praça, andar de bicicleta, e “mexer no celular”, quando estava em casa, como recurso para prolongar a interação com os colegas. Os participantes da Escola Central confessaram que passam o dia usando o celular, mesmo estando na escola, pois, apesar de ser proibido, todos encontram uma maneira para permanecer conectado. Na Escola Campestre a conectividade é precária pela localidade de tal forma que o acesso à internet é apenas via Wi-Fi, sendo mais limitado.

Sobre “mexer no celular”, os adolescentes referiram usar principalmente redes sociais enquanto outros também jogam. Eles mantêm perfil em mais de uma plataforma e preferem o Instagram por ser uma rede de maior interatividade com pessoas conhecidas. Eles postam regularmente na opção de Stories, um tipo de publicação que fica disponível 24h e se apaga automaticamente, e todas as interações (curtidas, comentários, reações) são privadas. Esclarecem que postam selfies, repostam aquilo que se identificam, paisagens e hobbies. O

Instagram é a plataforma preferida porque facilita a comunicação, é menos imediata que o WhatsApp e as postagens ajudam a “puxar assunto”.

Considerada uma válvula de escape, os adolescentes mexem no celular quando se sentem tristes, entediados, sozinhos. Apontam que é um recurso para se desligar do mundo, das dores e uma distração quando se sentem estressados. Utilizam bastante à noite, uma vez que passam o dia na escola. Eduardo, um dos participantes da Escola Campestre, elucidou o que acontece com alguns adolescentes. Eles usam as redes sociais para se distrair, porém são capturados e se sentem “presos à tela”, não conseguem parar de consumir os conteúdos e depois são acometidos por uma sensação de culpa por ter gastado tanto tempo de forma irrelevante. De válvula de escape, o uso se torna adicto promovendo exaustão e por vezes elevando o nível de ansiedade. Em consequência, no dia seguinte estão cansados e o rendimento escolar diminui.

Eles compreendem que tiveram um acesso precoce às telas, alguns desde os 3 anos de idade já tinham sua própria ferramenta tecnológica para assistir vídeos e todos ganharam um smartphone ou tablet ainda na infância. Entretanto, o uso dos aparelhos se intensificou na pandemia, o tempo que deveria ser dedicado às aulas online eram momentos para acessar vídeos no TikTok, Instagram, Youtube.

Ainda sobre os comentários a respeito das redes sociais, vários participantes se nomearam como “usuários que só olham”, apenas consomem os conteúdos ali depositados sem divulgar nada sobre a própria vida. Outros participantes esclareceram que apenas repostam conteúdos que se identificaram. Apesar da identificação revelar algo do sujeito, as postagens são menos autorais pois trata-se da voz ou das palavras do outro tomadas como expressões de si.

Além das postagens de si estarem mais escassas, os participantes frequentemente apagam suas fotos após postadas por considerarem que não estão adequadas. Antonella falou sobre ter apagado todas as suas fotos do feed e atualmente não posta nada. Outras participantes concordaram e explicaram que evitam postar no feed para não se expor a comentários maldosos sobre a aparência e a imagem. Esses comentários costumam destacar aspectos corporais que são o ponto fraco de cada um. Quando, porventura, chegam a postar, normalmente é algo que já havia sido postado nos Stories e como tiveram uma boa repercussão, passaram para o feed. Ainda assim, após um curto tempo, eles se incomodam e apagam a postagem. De fato, chamou atenção que os perfis no Instagram de quase todos os participantes não tinham uma foto sequer na página principal.

Enquanto alguns limitam-se a apagar as fotos do perfil, uma das participantes, Rafaela, comentou sobre ter desativado sua conta no Instagram porque estava se sentindo exausta em manter contato com tantas “pessoas tóxicas”. O curioso é que no mesmo dia fez outra conta, dessa vez sendo mais criteriosa em aceitar as solicitações de contato. Acredita que ter feito um novo perfil teve um efeito de um recomeço, uma oportunidade de zerar e refazer os vínculos online. Neste caso foi possível constatar a importância e o efeito das redes sociais para os adolescentes: o ato de cancelar um perfil e fazer um novo foi como um renascimento. Por outro lado, a própria Rafaela acredita que as redes sociais reduzem a capacidade de dialogar, uma vez que substitui as conversas face-a-face pela troca de mensagens nos chats. Sendo assim, fazer um novo perfil, foi uma estratégia para restringir seu contato com pessoas que deseja evitar. Pelo seu poder de troca e interação, torna-se impensável se desligar das redes sociais. É necessário manter o perfil ativo para saber sobre o que acontece com os amigos, conhecidos, celebridades, informar-se da vida alheia e habitar o local onde a comunicação flui através dos vídeos enviados quando se identificam com o conteúdo. Não é necessário usar as próprias palavras, tampouco elaborar pretextos, só mandar um vídeo, um meme, uma frase que transmita o que se deseja falar.

Se para Rafaela foi necessário cancelar um perfil e fazer outro “novinho em folha”, a maioria dos adolescentes empregam técnicas mais brandas para restringir o público com que interagem. A principal estratégia é a lista de melhores amigos, um recurso que permite transmitir a publicação apenas para alguns de seus contatos. Outra estratégia é manter mais de um perfil ativo, sendo um normalmente destinado para um menor grupo que terá acesso a conteúdos mais íntimos. Ana, do grupo Central 01, esclareceu que quando quer postar algo divertido, interessante, mas se considera feia na imagem, publica apenas para os melhores amigos. Larissa mantém dois perfis, mas já deletou um anterior que tinha mais de dois mil seguidores por considerar que não precisava expor sua vida para tantas pessoas que enxergavam com olhar de maldade e fofoca. Bárbara tem uma lista restrita de melhores amigos, porém com mais de 500 contatos, o que espantou a todos os participantes. Para essa lista, ela posta fotos mais sensuais e aguarda pelos comentários que reforçam seu corpo feminino e suas curvas de mulher. Apesar do bom feedback que agora recebe, anteriormente lhe fazia muito mal postar suas fotos e não ser curtida como esperava. Reconhece que o feedback alguém do que desejava teve um efeito na forma como se avaliava: gordinha, inadequada. Essa autocrítica lhe levou a adotar medidas para diminuição do peso: pular refeições, entrar na academia. Agora, aos 12 anos, se sente melhor com sua imagem e a exibe para se sentir validada e reconhecida.

Isabelle, participante do grupo Central 02, reconhece que é “outra pessoa para os melhores amigos”. Para sua grande rede de contatos costuma postar fotos relacionada a temática religiosa, na escola, estudando, paisagens, em resumo: o que seus pais e familiares querem e podem ver. Enquanto para os melhores amigos se sente na liberdade de compartilhar vídeos dançando, rebolando e imagens mais ousadas de si. Reconhece que posta para receber elogios sobre sua aparência que a legitimam como mulher.

Os participantes do grupo Central 01 explicaram que toda postagem tem uma mensagem implícita e um objetivo. Alguém que posta seu caderno na escola quer passar a ideia de que é estudioso, certinho, dedicado e comprometido em aprender. Quem posta um prato de comida saudável quer dizer que cuida do corpo, se alimenta bem. Quem acaba um namoro, posta foto indo para festa, todo arrumado. Quando posta no carro, quer ostentar, mostrar luxo. Eles também explicaram sobre as indiretas que sempre tem um destinatário. Eva falou sobre postar besteiras apenas com a intenção de interagir com as pessoas, chamou essas postagens de biscoitando, um termo popular, justamente para caracterizar esse tipo de conteúdo irrelevante que não transmite nenhuma mensagem.

Para além do que postam, as plataformas de redes sociais tornaram-se um espaço em que consomem diversos conteúdos, desde informações sobre o mundo até o cotidiano banal dos amigos. Alguns participantes destacaram se incomodar com conteúdos racistas e machistas. Sobre as publicações que causam desconforto, as participantes destacaram o recebimento de nudes por desconhecidos e sem ter sido solicitado. Chamaram de assédio virtual e abriu-se uma discussão sobre enviar/receber nudes. Bárbara contou que aos 10 anos mandou uma foto íntima para um rapaz que havia solicitado e ela sequer sabia do que se tratava, precisou procurar no Google. Apesar da situação de risco, não teve maiores repercussões. Os demais participantes estavam conscientes dos riscos envolvidos e parecem adotar atitudes mais protetivas. Bruno confessou ter tido um namoro online onde trocaram fotos íntimas, mas ele procurou uma imagem no Google para enviar como se fosse sua. A atitude aponta para uma insegurança com o corpo, mas também uma medida de proteção quanto a exposição.

Um recurso utilizado pelos adolescentes atualmente é brincadeiras nos stories com a finalidade de ter acesso à opinião sincera da sua rede de contatos. Pode parecer uma brincadeira inofensiva, mas na verdade eles precisam estar dispostos a ouvir qualquer coisa como resposta, afinal os usuários das redes sociais podem ser cruéis ao compartilhar seu ponto de vista, desconsiderando que do outro lado da tela existe uma pessoa que se afeta com as mensagens recebidas. A grande questão que apareceu é que ninguém está preparado para

escutar qualquer coisa, principalmente de forma tão exposta. A brincadeira que tem a intenção de conhecer a opinião dos pares acaba gerando situações constrangedoras e muita intriga. Algumas brincadeiras têm uma conotação mais sexual, como a PPP (sigla para pego, penso e passo) e ser dispensado publicamente causa efeitos nada desejados. Vicaelly esclareceu que costuma aderir às brincadeiras nos stories, mas já ficou chateada com os comentários que recebeu. Não somente nas redes sociais, mas também na escola costuma ser alvo de piadas e apelidos. A própria Vicaelly é conhecida na escola como alguém que coloca apelidos, faz brincadeiras inapropriadas, mas nesse momento da conversa ela falou sobre seu mal-estar quando fazem o mesmo com ela.

Ficou evidente a continuidade entre os universos online e offline dos adolescentes. Os relatos deslizam de um para outro com extrema facilidade, revelando que “mexer no celular” está absolutamente presente no cotidiano. Entretanto, Emília, do grupo Central 02, revelou ter passado um tempo de castigo, proibida de usar o aparelho. A punição durou um mês e a princípio ela se sentiu perdida, percebeu sua dependência da tecnologia, não sabia o que fazer no tempo que estaria usando as redes sociais. Precisou se reencontrar consigo e com aquilo que gostava de fazer offline: pintar, costurar, cozinhar. À medida que o tempo foi passando percebeu que a experiência estava sendo enriquecedora, porém bastou resgatar seu direito de acesso para se ver novamente dependente. Outros participantes referiram um castigo semelhante e um desdobramento similar, inicialmente muito difícil e depois ganhos relevantes. Para além da questão do castigo, ficar sem celular porque esqueceram o aparelho em casa ou porque perdem ocasionalmente desperta insegura, ansiedade e aflição. Na escola, apesar de ser proibido, eles permanecem com os smartphones próximos a si, no bolso, na bolsa, embaixo da camisa. A separação física do celular que é sentida com angústia. Tornou-se evidente uma dificuldade para os adolescentes gerirem o tempo online, necessitando de reguladores externos para auxiliar nesta dosagem.

Os participantes do Grupo Campestre concordaram que os pais devem ter acesso ao celular dos filhos e monitorar as interações online. Apesar de se sentirem “invadidos” por essa atitude, enxergam como proteção e cuidado e compreendem que precisam de ajuda para evitar riscos online. As participantes referiram situações constrangedoras vividas nas redes sociais, como receber nudes de homens mais velhos, e o receio de compartilhar o que tinha se passado com os pais porque imaginaram que a medida adotada por eles seria proibir o uso das plataformas. Elas se sentiram vulneráveis e não sabiam quais medidas tomar para se proteger. Situações como essa apontam a necessidade de os pais atuarem como mediadores das atividades online dos filhos, não apenas de forma punitiva, mas orientadora.

Os adolescentes acabam aprendendo sobre os riscos online nas próprias plataformas e conteúdos que acessam nas redes sociais. Luigi, participante do grupo Campestre, referiu ter relações próximas com pessoas desconhecidas que começou a conversar nas redes sociais por compartilharem vulnerabilidades. Ele funcionava como conselheiro o que aprofundava rapidamente as relações. Os demais participantes reconheceram o alto risco no comportamento digital de Luigi e o advertiram com instruções aprendidas na internet. Esta situação aponta para a necessidade de as próprias plataformas ofertarem materiais atraentes sobre os riscos que porventura podem causar. Friso “materiais atraentes” porque não se trata de instruções como “bula de remédio” ou os termos de uso que mais afastam do que informam, mas materiais produzidos com base naquilo que o público-alvo em situação de risco consome. No caso dos adolescentes, vídeos curtos produzidos por jovens com linguagem compatível para eles.

Além de “mexer no celular”, os participantes compartilham interesses em comum: vaquejada, moto, bicicleta, forró, sertanejo, festas de rua, parques. Os participantes do grupo campestre costumam se encontrar com os familiares em suas casas como principal opção de lazer. O uso de álcool é autorizado e até consumido nesses momentos. Provavelmente devido à restrição de opções de divertimento, é mais comum interagir e se encontrar com os vizinhos, normalmente familiares. Eles referiram ter uma vida mais próxima da natureza, costumam andar a cavalo, aproveitar a paisagem rural, se envolvem nas atividades do campo, ajudam os pais na produção de queijo, no cuidado com a terra, com as plantações, com as crianças, os idosos e os enfermos. Viveram uma infância repleta de brincadeiras de rua compartilhadas com outras crianças, brincaram de boneca, de casinha, fazendo de conta que a terra era comidinha, como também brincaram de se esconder, correr, barra bandeira, queimada. Acreditam que o uso do celular substituiu os brinquedos de forma precoce e acreditam que caso não usassem redes sociais poderiam “voltar a ser crianças”, porém não conseguem sequer imaginar a vida sem manter um perfil nas principais plataformas.

3.3 Desligar-se do mundo, expressar a dor

Desde o primeiro contato, os adolescentes falaram sobre o uso das redes sociais em momentos de sofrimento como estratégia para se desligar do mundo, da dor vivenciada. Os participantes do grupo campestre elucidaram como fontes de sofrimento as decepções com as pessoas: os pais, os amigos, os vínculos amorosos e consigo mesmo, sendo essa última a mais

sofrida e persistente. As decepções geram emoções difíceis de serem remanejadas ou contornadas. A dificuldade de gerir as emoções foi compartilhada em coro pelos participantes, alguns referiram recorrer aos cortes na pele como alternativa para extravasar o sofrimento. No que concerne a decepção consigo, Bianca apontou o uso nocivo das redes sociais que ampliam a sensação de mal-estar com o corpo devido à comparação com ideais inatingíveis e disseminados online. A degradação do próprio corpo, incluindo aspectos da cognição resultando em uma péssima autoavaliação foi tema recorrente em várias conversações, sendo um tópico abordado mais adiante, pela sua relevância para a pesquisa.

A expressão do sofrimento por meio de postagem de vídeos e frases depressivas foi um tópico que se destacou no grupo Campestre e no grupo Central 01. Luísa explicou que é comum os adolescentes consumirem no TikTok e no Instagram conteúdos depressivos e em seguida, postarem para sinalizar que não estão bem. Rafaela tenta se controlar para não postar sobre suas mazelas para evitar “passar vergonha”. Bianca e Luísa concordaram que expor de forma intensa e repetitiva o sofrimento nas redes sociais é passar vergonha porque quem assiste percebe que é uma estratégia para chamar atenção e eles invalidam os infortúnios alheios. Luísa distingue dois tipos de postagem: (1) vídeos dramáticos com legendas que apontam para uma desistência da vida, segundo ela uma forma exagerada e desproporcional de sinalizar os tormentos enfrentados; (2) vídeos retratando uma tristeza com lamentações suaves sugerindo uma resignação e apontando para uma possível superação, normalmente com frases motivacionais.

Nessa discussão a respeito das postagens que apontam para o sofrimento de forma mais dramática e exagerada, Eduardo lembrou ao grupo que a angústia do outro pode ser realmente intensa, como um alerta de que não é possível quantificar o sofrimento alheio. Eles estranham o fato dessas postagens dramáticas serem seguidas de outro tipo de publicação cuja mensagem sinaliza um momento de divertimento. Surge a questão: como é possível em um curto período postagens tão discrepantes? Visivelmente eles se sentem incomodados com a virulência em que os colegas retratam as mazelas cotidianas. Enquanto outros, como Eduardo e Rafaela, sinalizam que precisam se controlar para não cair nesta cilada de expor seus tormentos e acabar sendo motivo de chacota para quem visualiza.

Bárbara sinalizou que costuma postar vídeos depressivos quando se sente triste por se identificar com o conteúdo. Quando Ana enfrenta momentos de tristeza e decepção, chorar não lhe parece uma boa opção porque não “adanta de nada”, não lhe leva a lugar algum. Como alternativa posta frases e vídeos nas redes sociais na tentativa de se sentir compreendida. Ao que parece, Ana se identifica com o conteúdo que tem acesso, ela própria

encontra vozes que ressoam seus sentimentos e posta para que os outros também lhe entendam.

A denúncia oculta feita pelos participantes da pesquisa é que existe uma enorme gama de postagens e conteúdos patologizantes nas redes sociais, traduzindo tristeza como depressão e tornando a ansiedade um fator doentio. Ao ter acesso a esse material, os adolescentes republicam porque se identificam e se torna uma explicação para o que vivenciam. Eles esperam que quem veja compreenda seus sentimentos.

Em algumas circunstâncias, Ana se sente angustiada, tem dificuldade de nomear o que se passa consigo, traduz como “aperto no peito”. Relatou que em plena sala de aula, acometida por esse sufocamento, cortou-se no tórax, próximo ao peito. O professor foi solicitado para conversar com Ana, entretanto ele lhe levou para a direção da escola, onde foi cogitado entrar em contato com sua mãe. A situação foi pavorosa para Ana porque sua mãe, sem compreender o sofrimento da filha, havia ameaçado cortar seu braço com um facão caso soubesse que a filha continuava se cortando. Aqui surge o questionamento se as postagens seriam uma alternativa simbólica para o sofrimento psíquico fazer algum contorno que não passe pelo real do corpo.

Ana relatou que costuma assistir a muitos vídeos com conteúdos considerados “pesados”, como cenas de tortura, chacinas, suicídios e mortes brutais. Segundo ela, esses vídeos geralmente aparecem de forma cortada ou censurada nas redes sociais, mas, quando despertam seu interesse, ela busca acessá-los na íntegra por meio de plataformas como o Google ou o X (antigo Twitter). Seus amigos, sabendo do seu interesse por esse tipo de conteúdo, costumam enviar vídeos pelo WhatsApp sempre que encontram algo que acreditam que ela vá gostar. Ana também mencionou que, anteriormente, havia um site específico que concentrava esse tipo de material, mas que foi banido da internet.

Sem palavras para descrever um que havia assistido recentemente, Ana mostrou para o grupo através de seu celular. O vídeo era de uma moça, adolescente ou adulta jovem, caminhando em uma estrada à noite. Ao longe se aproximava uma carreta e quando o veículo se aproximou dela, a moça se jogou na sua frente. Várias rodas passaram por cima dela e no final ainda aparecia o estado do corpo após a colisão, completamente desconfigurado, ensanguentado. Uma cena bruta que me provocou um enorme impacto. Entretanto, todos que assistiam ao vídeo junto comigo não esboçaram nenhuma reação, como se estivessem vendo uma cena comum e trivial. Neste momento da conversa, precisei provocá-los para falarem sobre o impacto do vídeo e as repercussões e, para minha surpresa, constatee a naturalidade daquela cena para eles. Inclusive destacaram que esses são os vídeos mais consumidos e

curtidos. O único participante que questionou quem tinha coragem de gravar um vídeo como aquele sem interferir foi o que não tem acesso às redes sociais. Entretanto, foi rapidamente repreendido por Ana, quem considerava natural tirar a própria vida, caso assim a pessoa desejasse e por isso não deveria ser impedida por ninguém. Em outra ocasião no mesmo grupo, comentaram sobre o vídeo de uma garotinha de três anos, vítima de uma bala perdida na cabeça enquanto caminhava na calçada. Mais uma vez, o grupo teve uma reação incompatível com o tamanho da tragédia. Esses vídeos foram denominados pelos participantes como conteúdos tóxicos, tais como postagens com conteúdos racistas, homofóbicos, xenofóbicos, machistas. Nesta pesquisa vamos considerar esses vídeos que retratam cenas reais de violência com muita crueldade de “conteúdos tóxicos”, acompanhando a nomenclatura proposta pelos próprios participantes.

3.4 Do “jardim da infância” aos “desejos estranhos”

Logo após o feriado de 12 de outubro, data em que se celebram simultaneamente a Padroeira do Brasil e o Dia das Crianças, as discussões conduzidas com os três grupos abordaram a forma como os participantes compreendem sua posição no ciclo da vida. Nesse contexto, emergiu a questão: vocês se percebem como crianças? Esse questionamento foi motivado pelas publicações realizadas durante o feriado, nas quais se observaram diferentes formas de identificação. Enquanto alguns participantes expressaram pertencimento ao grupo infantil que estava sendo homenageado, outros direcionaram felicitações a irmãos, primos e sobrinhos, evidenciando um distanciamento dessa categoria etária.

Bárbara destacou que, no momento de vida em que se encontram, há uma oscilação entre serem considerados crianças para se envolverem em certas atividades e maduros o suficiente para outras. Essa classificação fica à mercê dos critérios parentais, cuja definição dos limites entre um polo e outro lhe parece arbitrária. Os demais participantes concordaram com essa percepção, ainda que alguns se identificassem mais com a infância, enquanto outros se sentissem mais maduros.

Essa experiência subjetiva encontra respaldo na perspectiva de Le Breton (2014), que descreve a adolescência como um período de suspensão, no qual as vivências infantis parecem distantes e desprovidas de sentido, ao mesmo tempo em que o jovem experimenta uma autonomia relativa e progressiva na construção de uma nova forma de estar no mundo. De modo semelhante, Calligaris (2014, p. 49) enfatiza a contradição inerente à adolescência:

apesar de o indivíduo já ter internalizado valores sociais e adquirido maturação corporal para participar do universo adulto, é-lhe imposta uma espera até que possa efetivamente acessar esse status. Esse intervalo é vivenciado como um “limbo preparatório”, uma condição intermediária característica da adolescência.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define como adolescente o indivíduo com idade entre 12 e 18 anos incompletos, podendo estender essa condição até os 21 anos em casos específicos. Para a psicanálise, a adolescência é concebida como uma travessia – nas palavras de Lacadée (2011, p. 45), “a mais delicada das transições da vida”, deslocando-se de uma compreensão apenas cronológica. Em vez de ser apenas uma passagem da infância para a vida adulta, esse período é compreendido como um processo de ampliação dos vínculos e das experiências, na qual o sujeito adolescente vai se deslocando do ambiente familiar e desejando se integrar cada vez mais na esfera social.

A adolescência é frequentemente associada à noção de “crise”, devido ao afrouxamento dos laços identificatórios com os pais – as primeiras figuras de apego – e à exigência de uma construção singular de si. Do ponto de vista psicanalítico, esse processo envolve múltiplas operações psíquicas relacionadas à pulsão, ao gozo, às identificações e à constituição subjetiva, configurando um campo dinâmico de transformações e reelaborações.

Assim como a teoria enfrenta impasses ao delimitar os limites tênues entre infância e adolescência, Larissa, a participante mais velha do grupo Central 01, recorreu a dois critérios que, em sua percepção, ainda a caracterizam como criança: (1) não namorar e (2) brincar com frequência. Maria Alice compreendeu seus argumentos, mas contestou a validade desses critérios, argumentando que a brincadeira, em alguma medida, é uma prática presente em todas as idades. Nesse momento, os participantes se sentiram confortáveis em compartilhar seus passatempos favoritos, como esconde-esconde, pega-pega e o jogo de “verdade ou consequência”. Este último gerou risos entre o grupo, pois foi considerado inadequado para crianças, confirmando que as brincadeiras não são exclusivas da infância.

A controvérsia em torno do jogo “verdade ou consequência” levou à discussão sobre o ato de beijar, que foi interpretado por Ana como um marco simbólico do abandono da infância e da emergência de características associadas à maturidade. Para ela, o processo de deixar de ser criança se inicia com o surgimento dos “desejos estranhos”. Diante do constrangimento em nomear o desejo sexual, Maria Alice rapidamente recorreu à expressão “aquilo que começa com a letra S”. Apesar dos embaraços gerados pelo tema, o grupo reconheceu que as transformações da puberdade se iniciam pelo corpo e, posteriormente,

repercutem no psiquismo, promovendo mudanças na forma de pensar e agir. Esse amadurecimento progressivo se reflete na evolução das atitudes visando a construção de si.

Apesar de não ter dado ênfase à adolescência na construção da teoria psicanalítica, Freud, em seu texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905), indicou que a constituição psíquica plena ocorre apenas na puberdade, embora os elementos essenciais já estejam estabelecidos desde o Édipo. Para o fundador da psicanálise, entre a infância e a puberdade há o período de latência, cujo funcionamento pode ser comparado a um dique, na medida em que tem a função de restringir o curso da pulsão. Neste momento, as questões edípicas perdem sua força – dada a constatação de sua impossibilidade e o medo da castração – a pulsão sexual é desviada para outras finalidades, como o interesse em aprender. Em consequência, a curiosidade sexual cede lugar para a fantasia. Viola e Vorcaro (2015, p. 63) enfatizam que para Freud “a pulsão de saber e a pulsão sexual são duas faces de um mesmo movimento pulsional”. O fim do período da latência ocorre através da irrupção da puberdade a qual impõe a tarefa de renúncia aos objetos infantis (o amor dirigido às principais figura de apego, normalmente os pais) e a inauguração de novas escolhas objetais, agora orientadas por uma corrente sensual.

O entrelaçamento das operações psíquicas ocorridas no Complexo de Édipo, na latência e na puberdade obedecem a uma temporalidade lógica, subjetivante e inerente ao sujeito.

Vorcaro e Capanema (2011) ressaltam, de forma pertinente, que, embora Freud não tenha diferenciado explicitamente os termos puberdade e adolescência, psicanalistas posteriores, ao aprofundarem a discussão sobre o tema, passaram a estabelecer distinções e articulações entre esses conceitos. Enquanto a puberdade está associada à emergência da genitalidade, configurando-se como um fenômeno corporal resultante das transformações físicas impulsionadas pela intensa atividade hormonal, a adolescência refere-se à resposta subjetiva a essas mudanças, marcada pela irrupção da libido. Nesse processo, a pulsão, antes autoerótica e difusa, ainda desprovida de uma finalidade sexual, redireciona seu objetivo. Nessa fase, as pulsões parciais convergem na direção do encontro com o objeto sexual, vinculando-se progressivamente à sua função reprodutiva.

Nesse sentido, Lacan (2003) destaca e enfatiza a dimensão traumática da relação sexual na adolescência. A possibilidade desse encontro, embora desejada, gera um mal-estar, escapa à simbolização e deixa o sujeito “sem palavras”. Essa dificuldade de articulação pôde ser observada entre os participantes ao abordarem o tema da puberdade, evidenciada pelo constrangimento e pela hesitação em nomear diretamente a sexualidade. Ao recorrer

estrategicamente à expressão “aquilo que começa com a letra S”, Maria Alice sinaliza esse impasse, revelando a complexidade e os limites da simbolização diante das transformações dessa fase.

Reconhecem que o assunto sobre menstruação, puberdade segue sendo um tabu. Os adolescentes ficam constrangidos pelas alterações corporais e pela exposição que os pais fazem sobre o amadurecimento dos filhos, com destaque especial para o tópico das meninas terem “virado mocinha”.

Mediante as dúvidas que surgem nesse processo, os púberes recorrem aos amigos, buscam informações na internet, mas seguem sem recorrer aos pais. Rafaela explica que o constrangimento em falar com os pais é uma via de mão dupla: tantos os filhos ficam envergonhados como os pais evitam abordar esses tópicos.

No grupo Campestre, também foi mencionado o critério ainda gostar de brincar como fator para se considerarem criança. Eles sinalizaram que continuam gostando de desenho animado e de algumas brincadeiras, como queimada, barra-bandeira. Yasmim, entretanto, ganhou um presente em alusão ao Dia das Crianças e considerou absolutamente inadequado. Eduardo, por outro lado, acredita que os adultos aceleram e provocam o movimento de saída do jardim da infância ao pontuarem os comportamentos que são inadequados para a idade em que se encontram. Luigi concordou com Eduardo, enfatizando as advertências paternas para “deixar de ser menino”. Valéria relatou sua experiência de ter se forçado a abandonar tudo aquilo que era apontado como sendo infantil para não parecer mais criança, por exemplo, deixou de usar tiara no dia que a mãe lhe disse que o adereço era infantil. Apesar do processo ter se iniciado de forma imposta, gradativamente foi se afastando do universo infantil por uma legítima falta de interesse.

Rafaela e Luísa apontaram que desejaram muito vivenciar a fase da puberdade, principalmente ao observar e conviver com meninas mais velhas. Entretanto, a irrupção dos hormônios foi uma grande frustração, tendo sido difícil se acostumar com as mudanças do corpo, as oscilações de humor. A expectativa de alcançar um “corpão” não se realizou como gostariam e se decepcionaram. A menarca, apesar de aguardada, foi vivida com muita surpresa, dúvidas, inseguranças. Valéria compartilhou que chorava bastante e se sentia ainda pior porque sua mãe ridicularizava sua reação. Enquanto pranteava, a mãe ria.

Para Bianca, a puberdade ampliou sua distância entre as demais garotas porque enquanto elas encorparam, ganharam curvas e volumes, Bianca permaneceu magrinha e mais alta. Além das transformações na imagem, sentiu-se sem energia. Rafaela sentiu essa diminuição da disposição, quando menina era agitada, tinha ânimo para se envolver em várias

atividades e agora se sente “morta e sedentária”. Acredita que o uso contínuo do celular também acelerou sua entrada na puberdade, porque passou a desejar intensamente vivenciar a realidade de outras meninas que acompanhava nas redes sociais. Começar a ver vídeos no TikTok, Instagram, acompanhar séries no Netflix contribuíram para que perdesse o interesse nas brincadeiras e nas interações com pessoas da sua idade que ainda aproveitavam essa forma de divertimento.

Para as meninas do grupo Campestre, a menarca mudou absolutamente tudo em suas vidas. Começando pelas transformações corporais, atingindo um amadurecimento psíquico que teve impactos no comportamento, nas atitudes. Também perceberam os desdobramentos na autoestima, como as mudanças que não aconteceram conforme esperavam, passaram a achar o cabelo mais feio, o corpo desproporcional, passaram a se avaliar de forma mais negativa. Rafaela, tal como Bárbara e outras participantes, confessam que se olham no espelho e percebem que não são perfeitas como as mulheres que veem no Instagram. Nesta fase, são atravessadas por um ideal compartilhado e altamente consumido nas redes sociais. Esse “corpo padrãozinho” eleva as insatisfações com a própria imagem.

Outro aspecto que merece destaque foi o desconhecimento da possibilidade de gestação a partir da menstruação. A informação de que a menarca marca o início da vida fértil da mulher foi recebida com tamanha surpresa pelo grupo que me senti impelida a falar sobre a discrepância entre o preparo do corpo para gestar e as condições psíquicas e sociais para uma gestação na adolescência, seguido de algumas orientações sobre métodos contraceptivos e preventivos de Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Em outro momento, também considerei necessária uma intervenção no sentido de adotar uma postura ética de cuidado com o que estava ouvindo de produção de sofrimento entre os adolescentes. Quando eles se comparam com imagens perfeitas no Instagram cujos personagens não estão na mesma fase de vida que eles. Precisei apontar que enquanto adolescentes eles estão em uma avalanche de transformações e ainda não chegaram à forma final. Entretanto, são altamente influenciados por pseudocelebridades que vendem uma imagem inacessível e incompatível com a idade deles.

3.5 “*Essa coca é fantá*”: bullying, sexualidade e intolerância

Ocasionalmente nas conversações se tocava no tópico sobre bullying ou situações constrangedoras na escola envolvendo apelidos, xingamentos. Apesar da tentativa de abordar o tópico com mais profundamente, os adolescentes silenciavam, entretanto, passavam a

sensação de ser uma ferida sensível ao ponto de não conseguirem articular através de palavras. A equipe de pesquisa considerou que deveria tentar outra estratégia para abordar o tópico entre os grupos e por isso foi desenvolvida a atividade chamada ciberbullying, com uma imagem de uma mão segurando um celular, na qual a tela aparecia como espaço em branco para uma produção individual sobre o tema. Em momentos distintos das conversações, a atividade foi proposta.

Ao retornar ao tópico sobre os vídeos tóxicos compartilhados entre os amigos, Ana falou sobre ter planejado um massacre na escola para atingir todas as pessoas que tinham lhe feito mal. Maria Alice se identificou com Ana e confessou já ter tido uma vontade passageira de matar uma pessoa na escola. A partir dessas falas, foi sugerida a atividade sobre ciberbullying. Antonella, uma das participantes mais tímidas e que raramente se posiciona, compreende bullying como xingamento às pessoas, principalmente por aspectos da aparência, destacando o peso como um dos mais abordados. Ela acredita que pequenos traços se tornam grandes problemas pela maneira que são apontados pelos colegas. Bruno destaca a questão do racismo e dos inúmeros vídeos em que pessoas negras são xingadas pela sua cor. Para ele, os vídeos disseminados nas redes sociais influenciam e incentivam outras pessoas a terem a mesma atitude. Ana pontua que escutar repetidamente que é feia, nojenta, fedorenta, “ninguém gosta de você”, pode levar uma pessoa a cometer suicídio. Bárbara destaca que ofensas sobre o peso também são muito danosas.

Além de sofrer bullying, Vicaelly foi capaz de reconhecer que também pratica, afinal costuma xingar os colegas. Inicialmente, fazia para se defender, mas gradativamente foi se tornando sua marca registrada. Na escola é famosa por sua atitude agressiva com os colegas, tanto através dos xingamentos como por alguns comportamentos (empurrar, machucar). Bárbara contribuiu com a discussão apontando que uma das alternativas para o bullying é ter amigos e se afastar de quem faz mal. O tópico incomodou Vicaelly de tal forma que a garota pediu para se ausentar do grupo alegando que precisava voltar para a aula de matemática.

Nas conversações foram frequentes os comentários depreciativos de Vicaelly, normalmente dirigidos a Maria Alice. Ficou evidente que ela não perdia a oportunidade de dizer algo ácido para atingir os colegas. No grupo Central 02 chegaram a comentar sobre a fama de Vicaelly como sendo alguém que “se acha”, é insuportável e, apesar dos seus comportamentos inadequados, nunca era punida. Vicaelly, inspirada no meu caderno de anotações que me acompanhava nas atividades para pequenos registros, passou a usar um “caderno de fofocas”, no qual registrava suas próprias observações sobre os estudantes. Seus

apontamentos lhe colocaram em uma enrascada quando outras meninas se sentiram ameaçadas de serem expostas para a direção.

Maria Alice se sente vítima de bullying cometido por várias pessoas na escola, chegou a citar uma das participantes, Mariana. Na ocasião, compartilhou uma situação no refeitório em que os alunos estavam cantando uma música trend no TikTok e ela achou que era para lhe provocar. Mariana se defendeu argumentando que ninguém sabia que a incomodava e evidenciou uma reação desproporcional de Maria Alice, incluindo machucar o braço de uma garota. Além das situações no ambiente escolar, Maria Alice destacou o bullying que acontece nos jogos quando um jogador não tem recursos para adquirir “skins” mais sofisticadas e adereços pagos.

De fato, nas conversações presenciadas situações em que os participantes eram grosseiros com Maria Alice. Sua necessidade por um espaço de fala, o compartilhamento de histórias bizarras, comentários inadequados eram rechaçados pelos colegas sem nenhum zelo. Quando porventura faltava, a sua ausência era comemorada pelo grupo. Ela foi vista pelos colegas como alguém que atrapalhava, tinha um comportamento infantil e chorava quando se frustrava. Em uma das conversações chegaram a questionar se Maria Alice era capaz de perceber quando seus interlocutores não estavam interessados no que ela estava falando, mas a garota confessou ser desprovida dessa habilidade social. Na ocasião, fez um movimento para se retirar da sala, entretanto o gesto de acolhimento e identificação de outros colegas amenizou a situação ao ponto de ela ter conseguido permanecer. Entretanto, na conversa seguinte Maria Alice não compareceu, apesar de estar na escola, alegando que não queria perder aula. Na esperança por tempos melhores, Maria Alice fez questão de sinalizar que acredita em uma possível mudança no comportamento dos colegas, quando vítima e agressor podem se tornar amigos. Apesar dos poucos recursos de socialização, Maria Alice desejava se sentir incluída e respeitada pelo grupo.

O grupo Central 02 não distingue xingamento de bullying, para eles trata-se do mesmo problema e denunciam ser uma situação cotidiana e recorrente na escola. Emília acredita que uma medida eficaz para combater o bullying é falar com um adulto responsável: os pais, professores, coordenador, gestor. Nesta direção, Manuela acrescenta que é necessária uma intervenção com quem pratica o bullying. Ela considera que a motivação para este comportamento é destacar as falhas do outro através da ridicularização para se sentir superior. As falhas apontadas remetem a aspectos da imagem: peso, cabelo, cor. Chegaram a citar exemplos em que os negros são chamados de macaco. Emília relatou que já fizeram figurinha com sua foto para lhe depreciar e ela ficou muito constrangida. Reconheceram o maior

potencial destrutivo do cyberbullying devido a sua exposição maximizada e constante. Rafaela esclareceu sua percepção de que as pessoas são mais cruéis atrás das telas, falam aquilo que evitariam no face-a-face. Reconhece inclusive suas práticas desse tipo.

As situações de violência escolar não se limitam aos alunos, professores também são vítimas de bullying e constrangimento. Pedro relatou sobre o caso de uma professora considerada insuportável. Aproveitando-se do fato dela não saber se defender, os alunos colocaram cola em sua cadeira. Na ocasião, a professora não soube como reagir e os alunos a ridicularizaram. Os participantes concordaram que ela é “saco de pancada” e a melhor solução deveria ser sair da escola. A partir desse compartilhamento, falaram sobre outro garoto que diariamente apanha dos colegas, mas nem se defende, nem se afasta. Eles concluíram que o garoto não se incomoda com a situação, por isso, permanece.

Emília, entretanto, foi capaz de constatar que os adolescentes são capazes de fazer tudo para serem aceitos no grupo de amigos. Sem dar maiores detalhes, Silva comenta que com ela “fazem ainda pior”. Paulo se sente julgado por sua religião, mas os comentários maldosos não lhe impedem de permanecer fazendo o que acredita. Neste ponto, chegou a ser invejado por Emília que não tem autonomia para fazer suas próprias escolhas. Inicia-se uma discussão sobre as diferenças de gênero e eles concluem que as meninas têm menos liberdade porque os pais ficam com medo de que elas engravidem.

Surge uma série de relatos sobre a maneira depreciativa com a qual os pais enxergam os filhos. Silva compartilhou que seu pai constantemente a compara com sua mãe que “só sabe colocar filho no mundo” e depois desaparece. Também é comparada com pessoas mais inteligentes e com as primas que ajudam nos afazeres domésticos. Emília se identificou com o relato porque sua mãe lhe diz que todo mundo é melhor do que ela. Cecília concordou dizendo que na sua casa é do mesmo jeito. Elas enfatizaram que além dessas comparações no cenário familiar, elas próprias se comparam com as pessoas nas redes sociais, de tal forma que sempre se sentem em desvantagem e insuficientes.

Os participantes do grupo Campestre acrescentaram outra perspectiva para as situações envolvendo bullying: a sexualidade. Assim que o tópico começou a ser discutido, Luísa compartilhou que foi vítima de comentário depreciativo sobre seu pai mesmo após seu falecimento. Uma das garotas da escola achava inadmissível Luísa admirar o pai, uma vez que ele era conhecido por ser homossexual. Na ocasião, o comentário desagradou vários alunos que passaram a ver a garota como maldosa. Para esclarecer a Eduardo como era possível seu pai ser gay e ter tido uma filha, Luísa compartilhou sua história familiar com mais detalhes, explicando que o pai tinha sido casado e somente depois de ter tido a filha assumiu ser

homossexual, entretanto continuou ocupando sua função paterna e tinha um bom relacionamento com a mãe de Luísa. No início, foi difícil para a família aceitar essa característica de seu pai, mas gradativamente foram compreendendo, seu pai não escondia sua opção e à medida que crescia e tinha condições para entender, Luísa foi sendo comunicada. O pai provou ser possível continuar sendo um bom filho, um pai presente e um excelente profissional, independente da sua sexualidade.

Foi unânime a percepção de que a população rural segue sendo preconceituosa em relação a diversidade sexual. Quem se afasta do padrão estabelecido é discriminado e tratado de forma pejorativa. Segue o uso de termos depreciativos como sapatona, veado, boiola e a ideia de pecado cujo destino para os desviantes é o inferno. Reconheceram atitudes exageradas como ser expulso de casa, ser proibido de frequentar a casa dos familiares, afinal essa condição é motivo de constrangimento. Para o pai de Eduardo é inadmissível aceitar um homossexual, essa condição sendo interpretada como “falta de Deus”. Luigi relatou sobre um primo que para assumir que era gay precisou se mudar e morar bem longe. Concluíram que essa população tem o “pensamento travado”.

Curioso que apesar de se queixarem da visão retrógrada e inadequada dos pais, os próprios adolescentes descreveram situações nas quais foram preconceituosos, sinalizando a dificuldade de avançar nessas questões. Ao vislumbrarem qualquer traço desviante do que seria esperado, começam as brincadeiras, inclusive em postagens nas redes sociais. Rafaela deu um exemplo, publica foto de um amigo e escreve: “Essa coca é fanta”. Até Luísa, sensível às causas LGBTQIA+, confessou que chega a imitar e debochar de um amigo que age como se fosse uma mulher. Ao compartilhar com o grupo seu envolvimento com homens e mulheres, Rafaela nomeou-se como bissexual, Eduardo lhe questionou se ela não seria pansexual e explicou ao grupo as diferenças entre os termos apontando para sua curiosidade e pesquisas acerca do assunto. A própria Rafaela, quem pediu aos colegas sigilo absoluto sobre sua revelação, sequer percebeu a incoerência entre querer ser respeitada e sua exposição depreciativa dos colegas.

As condutas preconceituosas se ampliam em todas as direções e atinge também os professores. Relataram a situação de um docente homossexual que foi muito mal-recebido pelos alunos. Suas atitudes eram sempre interpretadas como maliciosas. Um simples tocar no ombro para conduzir à sala de aula foi visto como uma tentativa de sedução. O professor não usava o banheiro para fazer suas necessidades, mas para assediar os meninos ou ver órgãos sexuais. Entretanto, ao serem questionados por algum fato que pudesse apontar para uma

conduta desrespeitosa do professor, silêncio, ninguém sabia informar. Ainda assim, os alunos eram grosseiros, resistentes a sua presença e ele permaneceu pouco tempo na escola.

Na conversação em que esse tema foi abordado, uma das estagiárias se sentiu profundamente tocada porque lhe remeteu à sua própria história de enfrentamento de preconceitos e da necessidade de se afastar para viver sua sexualidade. Na tentativa de “fazer furos” nesse discurso “travado”, aponte o pai de Luísa como um homem digno, enfrentou os preconceitos, manteve-se nas suas funções. Resgatar exemplos de séries atuais famosas que sinalizam a necessidade de rever o discurso religioso de forma a respeitar e incluir a diversidade sexual e de gênero, além de ter compartilhado sobre uma situação familiar para propor outras leituras acerca do fenômeno. Trazer à tona esses elementos foi uma maneira de levar os adolescentes a não reproduzir simplesmente a cultura em que estão inseridos, mas levantar possibilidades colocar esses “pensamentos travados” em questão e assim possibilitar uma abertura para construírem a própria história com mais liberdade.

3.6 Corpos imperfeitos ou padrão inatingível?

Ao longo das conversações foi chamando atenção da equipe de pesquisa uma insatisfação recorrente ligada à imagem e como os adolescentes se avaliavam negativamente. As postagens nas redes sociais apontavam para um desconforto em mostrar o rosto, usando-se várias técnicas para esconder a face, desde o celular na frente do rosto nas selfies, mas principalmente o uso de filtros. Com base nessa constatação, preparou-se uma atividade na qual eles deveriam desenhar ou escrever em três espelhos. No primeiro como se viam, no segundo como gostariam de ser e por fim como se imaginavam no futuro. Em diferentes circunstâncias, a atividade foi utilizada com todos os grupos.

De uma maneira geral, os meninos se avaliaram de forma mais branda, sem tantas críticas a si mesmo. Bruno se via magro, em suas palavras “um palito”, enquanto Gabriel se via legal, mas ambos desejam ser mais fortes, o primeiro utilizou o significante malhado, o segundo, “maromba”. Everton também deseja ser forte, musculoso e ter olhos verdes. Por ora, se considera pequeno, magrinho, burro, às vezes inteligente, mas com muitos sonhos. Luigi chegou a quantificar sua aparência, 70%, e se considera brincalhão e inteligente. Por outro lado, Henrique se considera feio assim como Neymar, que ainda completou com palavras mais fortes sua autoavaliação depreciativa: horrível e burro. Independente de como se viam atualmente, no futuro todos se imaginam trabalhando, com uma profissão e os aspectos físicos foram diminuindo sua relevância. Apenas Hariel se imagina no futuro apenas “grande”.

Hariel inicialmente descreveu-se como uma pessoa normal, contudo, em um momento anterior, caracterizou-se como “feio”, tendo posteriormente riscado essa palavra. Da mesma forma, rasurou um desenho de um rosto com nariz e orelhas proeminentes, cuja forma facial remetia a uma caveira. Nas postagens nas redes sociais em que aparecia, Hariel sempre usava filtros com efeitos na face ou usava emojis e figurinhas para esconder algumas características. Na atividade sobre o corpo na parte em como gostaria de ser, registrou uma anotação de difícil compreensão sobre sua percepção idealizada de si mesmo. Quanto à sua visão de futuro, expressou apenas a expectativa de tornar-se “alguém grande”.

Em contraste com sua autoavaliação, que revelou indícios de insatisfação com sua própria imagem, Hariel sempre adotou uma postura confiante, frequentemente assumindo a identidade de um “garanhão” e apresentando-se como “Mister”, título conferido ao menino considerado mais bonito da escola. Seu melhor amigo, Neymar, reiteradamente elogiava sua aparência e chegou a expressar o desejo de se parecer com ele em diversos aspectos, incluindo a tonalidade da pele, o cabelo liso e um corpo proporcional e esbelto. Diante desse comentário, Hariel se envergonhou.

A amizade entre os dois exerceu um impacto significativo na trajetória de Neymar. Em um momento de vulnerabilidade, ele compartilhou com o grupo que enfrentara um período turbulento, marcado por conflitos familiares e episódios de bullying escolar, nos quais era pejorativamente chamado de “Fofão” devido ao seu sobrepeso e à cor de sua pele escura. Durante essa fase, chegou a cogitar um ato extremo, considerando atirar-se, junto com sua bicicleta, diante de uma carreta ao retornar para casa.

Eduardo foi uma situação à parte. Sempre conversador e falante, nesta atividade ele estava calado e incomodado. Representou-se através de três desenhos diferentes, mas ao ser convocado para falar se limitou a dizer que seus desenhos “eram qualquer coisa”. Insisti para que ele explicasse algo, mas ele ficou irritado. Pontuei algumas diferenças entre os desenhos para ver se lhe convocava, mas ele lamentou por não ter feito todos iguais. Pouco tempo depois, se retirou da sala de forma agressiva. Tentei contato com ele após a finalização da conversação, mas ele sequer quis sair da sala para falar comigo.

Entre as meninas a insatisfação com o corpo foi amplamente pontuada. Na atividade ficou evidente a capacidade artística de Maria Alice para desenhar. Ela se representou através de figuras que lembravam os personagens de anime. A diferença entre eles é que ela se vê “mais cheinha”, de óculos e cabelo bagunçado. Gostaria de emagrecer, mas fez questão de esclarecer que não era com a finalidade de se adequar aos padrões de beleza, mas para preservar sua saúde e sobreviver. Em vários momentos, Maria Alice destacou compreender e

refutar o ideal proposto pela sociedade para os corpos femininos, mas mesmo justificando outros motivos, também buscava alcançar um corpo mais esbelto.

Algumas meninas, incluindo Ana, expressaram a percepção de si mesmas como se estivessem “sem corpo”. Essa concepção foi interpretada por Maria Alice de maneira literal, levando-a a questionar se Ana seria apenas uma “cabeça flutuante”. Diante dessa provocação, Ana esclareceu que sua fala se referia à ausência de um corpo definido e musculoso. Além disso, descreve-se como bochechuda, com cabelo considerado “horrível” e olhos grandes. Seu ideal corporal está associado à obtenção de um “corpão”, e para alcançar essa meta, planeja iniciar atividades físicas em uma academia.

Observa-se que essa percepção corporal não é isolada, mas compartilhada por outras meninas, que frequentemente utilizam expressões como “não ter corpo” ou “gostaria de ter corpo”, sugerindo que apenas um corpo malhado e musculoso, conforme os padrões estéticos atuais, é validado. Outras funções e características corporais são ignoradas, de modo que os corpos que não atendem a esse ideal são simbolicamente desconsiderados, reforçando uma noção restrita e excludente de beleza e aceitabilidade.

O termo “feia” foi o significante mais recorrente entre as meninas ao descreverem sua autoimagem. Vicaelly, por exemplo, evitou comentar sobre seu próprio desenho, mas registrou na atividade que se percebe como “feia e malfeita”. Expressou o desejo de ser bonita, ter um corpo considerado ideal e, de maneira surpreendente, ser gentil, sugerindo uma associação entre aparência e atitude. Mariana compartilha uma percepção semelhante, descrevendo-se como “feia”, além de se considerar muito alta e magra para sua idade. Seu ideal de transformação inclui não apenas tornar-se bonita, mas também “ter corpo”, projetando-se dessa forma aos 16 anos.

Da mesma forma, Maria Luiza se autodefine como feia e avalia seu cabelo de maneira negativa. Para expressar essa insatisfação, desenhou a imagem de uma menina chorando. Seu desejo é ser linda e poder dedicar-se ao autocuidado. No entanto, ao se projetar no futuro, limitou-se a se imaginar de maneira mais ativa e, possivelmente, em uma condição subjetiva melhor. Essas percepções indicam um padrão de insatisfação corporal generalizado entre as meninas, reforçando a centralidade dos ideais estéticos normativos na construção da autoimagem.

A resposta de Eva surpreendeu. Considera-se alta e mais ou menos bonita, as pessoas falam que ela é inteligente, mas não concorda. É legal e engraçada. Gostaria de melhor aspectos na aparência (ser bonita, magra), mas também ser feliz e inteligente. O que mais

deseja, entretanto, é que os pais tenham orgulho dela. Por isso, no futuro se imagina formada em direito ou medicina e trabalhando em seu consultório.

As meninas do grupo Campestre projetaram-se no futuro conciliando trabalho e estudos, enquanto as preocupações com a aparência parecem perder relevância com o tempo. No presente, no entanto, as questões relacionadas à autoimagem ainda são predominantes. Rafaela, por exemplo, expressa-se de maneira extremamente crítica e avalia-se de forma negativa, além de relatar um estado de exaustão.

Sua narrativa teve um impacto significativo no grupo, gerando um efeito de identificação tão intenso que resultou em um momento de silêncio coletivo. As demais participantes, sentindo-se representadas por suas palavras, não acrescentaram novos comentários, sendo necessário incentivá-las a falar em nome próprio.

A dureza da autocrítica de Rafaela preocupou Luísa, que interpretou a fala da amiga como um indicativo de sofrimento emocional. Um elemento comum entre as meninas foi a lembrança da infância como o último período em que se sentiram plenamente confortáveis com seus corpos. Esse dado sugere que a puberdade marca não apenas transformações físicas, mas também uma perda significativa do bem-estar com a própria imagem.

Luísa rompeu o clima tenso instaurado pelo relato de Rafaela ao descrever-se como uma pessoa feliz, que busca se relacionar bem com os outros e evita conflitos. Diferentemente da postura predominantemente autodepreciativa do grupo, ela reconhece aspectos positivos em sua autoimagem e até se considera bonita. No entanto, manifesta o desejo de modificar traços específicos, como o nariz, o sorriso, o corpo e o cabelo, evidenciando não escapar da influência dos padrões estéticos em sua percepção de si.

Apesar dessa visão relativamente mais equilibrada, Luísa compartilha um sentimento comum entre as meninas: a exaustão. Esse cansaço, associado tanto às demandas externas quanto às pressões internas relacionadas à aparência reforça a complexidade das vivências adolescentes.

Foi interessante observar, em um momento posterior, que, apesar de algumas meninas do grupo Campestre terem registrado avaliações mais brandas sobre si mesmas e destacado aspectos positivos de sua personalidade, a influência do relato de Rafaela foi tão marcante que muitas delas evitaram expressar suas percepções pessoais durante a discussão em grupo.

Yasmim, por exemplo, descreve-se como uma pessoa feliz, engraçada e inteligente, embora também se veja, em alguns momentos, como “insuportável”. Apesar dessa autocrítica pontual, afirma sentir-se bonita do jeito que é. Valéria, por sua vez, considera-se chata, mas

também engraçada, humilde e triste, revelando uma visão mais ambígua de si mesma. Um aspecto em comum entre ambas é o desejo de desenvolver maior autoconfiança.

Bianca apresenta uma autoimagem relativamente positiva, descrevendo-se como feliz, alta, bonita, divertida, magra e esperta, mas ressalta que, apesar dessas características, sente-se insegura. Já Aurora expressa uma percepção mais negativa de si mesma, descrevendo-se como feia e gorda, e manifestando o desejo de ser bonita e magra. No entanto, ao enfatizar que gostaria de ser magra “mas nem tanto”, revela uma ambivalência em relação a esse traço. Seu posicionamento sugere uma consciência das nuances dos padrões estéticos, nos quais o corpo considerado padrão não é apenas magro, mas também forte e definido, com baixa taxa de gordura e musculatura evidente.

Alana, por fim, além de relatar insatisfação com seu corpo, compartilha o sentimento de exaustão, reforçando um padrão recorrente entre as meninas do grupo. Essas narrativas evidenciam que, mesmo quando há reconhecimento de atributos positivos, a insegurança, o cansaço e as exigências impostas pelos padrões de beleza seguem sendo fatores determinantes na maneira como se veem e se avaliam.

Outro significante recorrente entre os participantes para se descrever foi “insuficiente”. Muitos relataram sentir que nunca são “o bastante”, atribuindo essa percepção à constante comparação com os outros, que parecem sempre melhores e ostentam uma vida idealizada. Essa sensação é amplificada pelo ambiente das redes sociais, onde a exposição seletiva das conquistas e qualidades alheias reforça um sentimento de inadequação.

No entanto, para além da influência digital, os adolescentes também identificaram um forte impacto dos comentários feitos por familiares. Participantes como Emília, Silva e Cecília, do grupo Central 02, destacaram como as falas da família contribuem para uma autoavaliação negativa. Durante a discussão, surgiram diversos relatos de insinuações depreciativas vindas de parentes, que frequentemente os rotulam de “preguiçosos”, acusam-nos de “só querer saber de celular” e, independentemente de seus esforços, fazem parecer que nunca fazem o suficiente.

Essa mesma dinâmica já havia sido evidenciada em outras ocasiões, quando Luigi e Eduardo relataram as duras palavras que escutam de seus pais, frequentemente acompanhadas de comparações desfavoráveis. Esses relatos indicam que, além dos padrões idealizados projetados nas redes sociais, a desvalorização expressa no ambiente familiar desempenha um papel crucial na construção da sensação de inadequação e na fragilização da autoestima dos adolescentes.

Durante a conversação sobre questões corporais no grupo Campestre, o ambiente tornou-se carregado de tensão e mal-estar, refletindo o impacto emocional das falas autodepreciativas dos participantes. Diante dessa atmosfera negativa e da dificuldade de finalizar a atividade sem que permanecessem afetados pelas percepções negativas sobre si mesmos, propus a realização de uma dinâmica chamada “Leque de Elogios”, inspirada em uma aplicação que havia observado anteriormente, mas adaptada para atender às especificidades do grupo e às limitações de recursos disponíveis.

A atividade consistiu em distribuir uma folha para cada participante, onde deveriam escrever seus nomes. Em seguida, essas folhas foram redistribuídas aleatoriamente, e cada pessoa foi convidada a escrever um elogio sincero para o colega cujo nome constava no papel recebido. Os papéis circulavam de forma que todos tiveram a oportunidade de contribuir com um comentário positivo para cada integrante do grupo.

Um aspecto interessante observado foi a dificuldade dos participantes em elaborar um elogio para si mesmos ao receberem de volta suas próprias folhas. Esse momento revelou um contraste significativo entre a facilidade de reconhecer qualidades nos outros e a resistência em valorizar aspectos positivos da própria identidade.

Ao final da dinâmica, cada participante recebeu sua folha com os elogios escritos pelos demais. Nesse momento, surgiu um espaço espontâneo de acolhimento, no qual expressaram palavras de incentivo e encorajamento uns aos outros. A experiência demonstrou o potencial da valorização mútua como um instrumento para suavizar as percepções autodepreciativas e promover um olhar mais gentil sobre si mesmos.

Na conversação seguinte, o grupo se mostrou visivelmente abalado pelo comportamento de Eduardo ao longo da semana. Ele havia compartilhado com outros colegas tópicos discutidos no grupo, rompendo a confidencialidade da atividade, além de ter proferido xingamentos direcionados à equipe de pesquisa e, por fim, desistido de participar.

Apesar de ter sido surpreendida por essas informações, procurei tranquilizar o grupo, enfatizando que tais comentários não nos paralisariam e que buscaria conversar com Eduardo para reforçar sua liberdade de deixar a pesquisa, entretanto deveria continuar respeitando o compromisso com a confidencialidade dos relatos compartilhados.

Os demais participantes interpretaram a atitude de Eduardo como reflexo da forma como ele era tratado em outros contextos, sugerindo que suas reações poderiam estar vinculadas a experiências prévias de desvalorização ou exclusão. Com essa compreensão, discutimos alternativas para lidar com a situação sem reproduzir a mesma lógica de retaliação

ou hostilidade, buscando estratégias para manter um ambiente de acolhimento e respeito dentro do grupo.

Inesperadamente, Eduardo apareceu na biblioteca para pegar dicionários. Na ocasião, sua ausência foi mencionada com um tom de lamento, e reforçou-se que ele poderia retornar ao grupo caso desejasse. Poucos minutos depois, ele voltou e pediu para falar comigo em particular. Solicitei que aguardasse até o término do encontro, mas ele expressou o desejo de entrar e participar. Durante sua reintegração ao grupo, reforcei a importância da confidencialidade das informações compartilhadas. Eduardo reagiu de maneira arisca, questionando por que estavam sendo reiteradas regras que ele já conhecia. Expliquei que algumas informações haviam sido vazadas e, por isso, a necessidade de reforçar esse compromisso com todos os participantes.

Aproveitei a oportunidade para situá-lo sobre o tema que estava sendo discutido na conversação: o uso de filtros para o aprimoramento da imagem nas redes sociais. Em resposta, Eduardo recordou uma frase que havia visto no Instagram: *“Em uma sociedade que insiste em nos vender um padrão inatingível, se amar incondicionalmente é revolucionário.”* Seu comentário trouxe uma nova perspectiva ao debate, ressaltando a influência dos padrões estéticos impostos e a importância da autoaceitação em meio a essas pressões.

Na ocasião, Rafaela compartilhou com o grupo sua experiência ao tirar uma foto com filtro e, ao compará-la com seu reflexo no espelho, percebeu uma discrepância significativa entre as duas imagens. Sentiu-se deslumbrada com o efeito, que alterava suas feições como se tivesse realizado uma rinoplastia e suavizava completamente a textura da pele, removendo qualquer mancha ou imperfeição. Além de evidenciar sua dependência do uso de filtros, a experiência revelou um deslocamento em sua autoavaliação: a foto modificada passou a ter mais peso do que a própria imagem refletida no espelho. Rafaela confessou que, em algumas ocasiões, chegou a se produzir exclusivamente para tirar fotos, revelando a importância da imagem projetada na tela.

Atualmente, ela está ansiosa pela sua formatura do 9º ano, mas carrega uma insegurança marcante: teme arrumar-se, sentir-se bonita no momento, mas não corresponder a essa expectativa nas fotos. Para Rafaela, não basta apenas estar maquiada ou bem-vestida; caso o registro captado pelo celular não a favoreça, todo o esforço perde o sentido. Essa preocupação constante a leva a se preparar deliberadamente apenas para obter um bom clique, sentindo-se frustrada quando o resultado não atende às suas expectativas. Em sua própria definição, sua relação com a aparência pode ser resumida em uma necessidade quase compulsiva: ter uma foto bonita é essencial para que sua autoestima se fortaleça.

“Aumentar a autoestima” foi um objetivo frequentemente citado pelos participantes, especialmente quando não se sentiam satisfeitos com sua aparência ou se avaliavam de forma negativa. A autoestima, para eles, é entendida como uma apreciação subjetiva de si: quando se sentem bem, consideram que está elevada; caso contrário, dizem que “a autoestima está no chão”. Identificaram duas principais estratégias para elevar a autoestima: o uso de filtros, que permitem ajustar a imagem de acordo com padrões, e receber elogios. No entanto, destacaram que os elogios são menos comuns, pois enfrentam tanto dificuldades para enaltecer os colegas quanto para aceitar reconhecimentos positivos sobre si mesmos.

Bianca ressalta que nem todo filtro tem a função de promover beleza, mas todos servem para camuflar aspectos considerados indesejáveis. Alana e Valéria, por exemplo, mencionam que utilizam filtros especificamente para clarear a pele, evidenciando a influência de padrões raciais na construção da autoimagem. É frequente o uso de filtros que criam uma espécie de máscara facial com brilhos semelhantes a glitter e pontos de luz, além daqueles que substituem o nariz e as orelhas por traços de animais, como cachorro ou vaca, em estilo desenho animado. Esse tipo de modificação não apenas suaviza imperfeições, mas também introduz um elemento lúdico, que pode funcionar como um amortecedor da insegurança em relação à própria aparência.

Bianca compartilha uma frase que considera pertinente ao tema: *“Enquanto houver filtros, só serei feita pessoalmente. Paz!”*. Ela explica que encontrou a citação aleatoriamente no Instagram, mas, por não tirar fotos nem publicar imagens, sente que não necessita do uso de filtros. Eduardo, por sua vez, compartilha uma postura semelhante: evita tirar fotos e nunca posta imagens suas, mas admite que gostaria de encontrar um filtro que o favorecesse, pois, até o momento, não ficou satisfeito com nenhum.

4 VIRTUALESCÊNCIA SERTANEJA

As transformações da puberdade, descritas por Freud (1905) em seu célebre texto sobre a teoria da sexualidade, aponta os dois trabalhos psíquicos dessa fase da vida: (1) o desligamento da autoridade dos pais; (2) o encontro com o objeto sexual. A presente pesquisa é ancorada na teoria psicanalítica e continua compreendendo essas duas tarefas como eixos cruciais para o processo do adolescer, entretanto apostamos que esses desafios são atravessados pela cultura do nosso tempo, marcadamente digital.

Del Prete e Pantoja (2020) constataram que a entrada nas redes sociais coincide com o início da puberdade, momento no qual o púbere se encontra em um processo de metamorfose, distanciando-se do corpo infantil e adquirindo características de um corpo sexualizado.

Os dados coletados nesta pesquisa sinalizaram um uso mais precoce das redes sociais digitais, porém a irrupção da puberdade tem desdobramentos na maneira como utilizam as plataformas. Os participantes desta pesquisa nasceram entre os anos 2008 e 2012, de tal forma que cresceram em um mundo profundamente afetado pela revolução digital. Os integrantes da área urbana desfrutaram um contato intenso com a tecnologia precocemente, a maioria apontou ter ganho um dispositivo eletrônico ainda na infância, momento em que consumiram conteúdos online, como desenhos animados, filmes, jogos, vídeos em plataformas de conteúdo, como Youtube e TikTok, alguns usaram Facebook e Instagram aos 5 e aos 8 anos. Por volta dos 10 anos, eles criaram perfis em redes sociais digitais, algumas inclusive sem o conhecimento dos responsáveis. O período pandêmico foi apontado como catalizador do uso desses dispositivos, pelo tempo ocioso e a falta de interação social. Quando deveriam estar participando e assistindo as aulas online, eles aproveitavam para navegar nas redes sociais e consumir o conteúdo ali ofertado.

Já os participantes moradores da área rural sinalizaram ter tido uma infância mais articulada com brincadeiras de rua cuja marca principal era a interação com outras crianças e com a natureza. O contato com os dispositivos eletrônicos ocorreu de forma mais tardia e teve um efeito de achatamento dessas atividades de lazer, afinal a curiosidade e o interesse pelos conteúdos online suscitavam um fechamento em si mesmo, intensificando o movimento de afastamento das “coisas de criança”. Para os púberes com menor acesso à conectividade, por serem moradores de uma região onde sequer existe sinal de telefonia, sendo necessária a utilização de rede Wi-Fi, o uso contínuo e imersivo de redes sociais aconteceu de forma mais tardia, de tal maneira que eles conseguem perceber os impactos da troca das “brincadeiras de criança” na rua pelo ciberespaço. Luísa e Rafaela, principalmente, destacaram o impacto de

terem percebido a existência de um determinado padrão de beleza feminina, traçado como modelo a ser seguido e causador de intensa ansiedade por ser profundamente desejado, porém inatingível. Donard (2016) aponta que a tecnologia digital impacta de forma intensa a percepção do indivíduo acerca do espaço e do tempo, além de afetar a compreensão da materialidade das coisas, dos outros e a leitura do próprio sujeito a respeito de si mesmo. Trata-se, portanto, de uma nova realidade emergente.

A vivência da puberdade atualmente, seja para os moradores do centro da cidade ou para os habitantes de zonas rurais, é largamente atravessada pelo consumo dos conteúdos online, acessados sobremaneira pelas redes sociais digitais. Essa afirmação é embasada nos dados produzidos no presente estudo e compatível com os últimos dados divulgados pela TIC Kids Online (2023), pesquisa cujo objetivo é investigar o comportamento digital das crianças e adolescentes brasileiros entre 9 e 17 anos. Segundo o estudo, existe uma pequena diferença entre o número de usuários da internet entre moradores da área urbana 95%, e rural, 92%. Entre os adolescentes de 11 a 14 anos, 96% são usuários da internet. De uma maneira geral, 98% das crianças e adolescentes acessam os conteúdos principalmente em casa. O número de usuários que acessam à internet na escola cai para menos da metade, 44%, porém 82% referiram ter usado a internet para realizar trabalhos escolares. As principais plataformas utilizadas são: Instagram, seguido de Youtube e TikTok. Os números evidenciam a ampla utilização dos dispositivos tecnológicos e a influência do conteúdo consumido por essa geração em seus comportamentos e escolhas.

Buscando compreender os efeitos e desdobramentos deste uso maciço das redes sociais, a presente pesquisa propõe um diálogo com o conceito nomeado e descrito por Gozlan (2016) como “virtualescência”. Com este neologismo, a autora eleva à máxima potência a relação dos adolescentes com o mundo digital e compreende que habitar o ciberespaço, seja através da utilização das redes sociais digitais ao criar um perfil, seja através dos jogos online na representação de si pelo avatar, cumpre o objetivo de expressar os conflitos pubertários a fim de elaborá-los, apesar de não garantir que este uso será necessariamente benéfico. Pela importância que o conceito representa para esta pesquisa, em seguida será apresentado e detalhado alguns pontos a respeito da virtualescência.

4.1 O virtual e a adolescência

Para compreender a relação entre os conceitos de virtual e adolescência, faz-se necessária uma breve digressão sobre a noção de virtual. O termo “virtual” remete a distintos

campos do saber: à filosofia aristotélica e escolástica, à física óptica e à simulação computacional (Donard, 2016).

Na física óptica, uma imagem é definida como um sinal captado pelo olho. No entanto, a óptica faz uma distinção entre imagem real e imagem virtual. A imagem real incide diretamente sobre o olho e pode ser projetada em uma tela, enquanto a imagem virtual só se torna perceptível por meio de um dispositivo intermediário, como um binóculo ou um microscópio, que possibilita sua manifestação. Ao contrário da definição da física óptica, na informática, o virtual “deve compreender-se como o efeito de uma simulação que produz um resultado igual à realidade do que é simulado” (Donard, 2016, p. 46), tendo a denominação se estendido progressivamente a tudo o que é gerado por meio computacional, extrapolando o seu sentido exato no campo da tecnologia digital.

É no campo da filosofia em que autores como Pierre Lévy buscaram sua inspiração para a definição do termo “virtual”. Conforme sinalizado, a noção é originariamente aristotélica e significa o que está em potência e não em ato. O termo grego originário *dunamis* foi traduzido para o latim em *virtus* pelos filósofos escolásticos da Idade Média, termo que deu origem a “virtual”.

O virtual corresponde, portanto, àquilo que existe em potência, mas ainda não se concretizou em ato, referindo-se a um estágio anterior à realização efetiva. Para ilustrar essa distinção, Lévy (2011) recorre à analogia entre a árvore e a semente: a árvore está virtualmente presente na semente, mas precisa passar pelo processo de atualização para atingir sua forma robusta. Assim, “o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (Lévy, 2011, p. 15).

Entre a semente e a árvore, há um processo longo, não linear e desprovido de uma programação prévia, sem garantia de sucesso. A atualização representa justamente a solução para a questão central: como a semente se transformará em árvore? Trata-se de um processo criativo, no qual diversas forças e dinâmicas interagem para possibilitar seu desenvolvimento. No caso específico da árvore, esse processo de atualização envolve a necessidade de um solo fértil, recursos hídricos, exposição adequada à luz solar e resistência a fatores adversos. Em outras palavras, sua transformação ocorre por meio de sucessivas atualizações de sua condição. Donard (2016, p. 45) esclarece que “a realidade do nosso mundo se revela em um encadeamento sem fim de potências e atos: a árvore está em potência na semente, a flor na árvore, o fruto na flor, a semente no fruto”.

Para evitar a concepção equivocada de que o virtual se reduz àquilo que não possui existência ou seria desprovido de realidade, Lévy (2011) argumenta que o virtual não se opõe

ao real, mas sim ao atual. Aplicando o termo à realidade sustentada pelas tecnologias digitais, Lévy (2011) explica que o virtual não se restringe à informação e à comunicação, mas afeta os corpos, a economia e até o funcionamento da inteligência. Com o avanço exponencial da tecnologia, as transformações ocorrem de maneira cada vez mais acelerada e desestabilizadora. Contudo, o autor não confere ao virtual um valor intrinsecamente positivo, negativo ou neutro; em vez disso, o concebe como um processo de “devir outro”, marcado pela abertura a novas formas de perceber o mundo, estabelecer relações e até mesmo construir a própria subjetividade. Ele propõe então considerar que as tecnologias da informação e da comunicação tornam possível um processo de “virtualização”, que efetuará um movimento inverso à atualização. Do atual surge então o virtual, compreendido como desmaterialização, ou desterritorialização, de uma realidade efetiva.

Esse processo dinâmico permite que o elemento virtualizado se torne um habitante ubíquo do ciberespaço. Lévy (2011) ilustra esse fenômeno com o exemplo de uma empresa que, ao se virtualizar, deixa de ocupar um espaço físico definido, como um prédio ou departamento. Em vez disso, seus funcionários passam a integrar uma rede de comunicação eletrônica sustentada por sistemas e programas que viabilizam o trabalho em equipe. Esse processo de virtualização gera duas transformações fundamentais: (1) a dissociação do aqui e agora, alterando a relação com a temporalidade; e (2) a desterritorialização, fazendo com que a entidade virtualizada passe a existir no ciberespaço, em vez de estar vinculada a um endereço físico específico.

Para exemplificar a complexidade da desterritorialização, Lévy (2011) recorre ao exemplo de comunidades virtuais, nas quais indivíduos que compartilham interesses em comum se encontram para discuti-los, independentemente de sua localização geográfica. A pandemia de COVID-19 evidenciou esse fenômeno, tornando indispensáveis os encontros virtuais para manter o contato entre familiares, amigos e colegas de trabalho diante das restrições impostas pelo isolamento social. Diferentemente dos encontros presenciais, que exigem a convergência dos participantes em um local e horário específicos — como um encontro combinado no Marco Zero às 17h —, as interações virtuais operam sob uma lógica distinta. Lévy observa que esses encontros são caracterizados por um “desengate” do espaço físico e da temporalidade convencional, uma vez que o horário pode variar conforme o fuso de cada participante, e a presença ocorre independentemente de um local fixo. Assim, longe de ser um oposto da realidade ou de se restringir ao imaginário, o virtual deve ser compreendido em sua própria natureza, cada vez mais presente e familiar no cotidiano.

Nesta pesquisa, adota-se esta concepção de virtual proposta por Pierre Lévy, com respaldo nas contribuições de Primo (2024) e Gozlan (2016), compreendendo a virtualização como um processo que viabiliza as trocas mediadas por tecnologias digitais. Parte-se do pressuposto de que o virtual emerge com a inserção da subjetividade no circuito, sendo, portanto, um conceito mais amplo do que o digital, que se restringe à transposição para a tela.

Lévy (2011, p. 33) apontou a possibilidade de virtualização do corpo, recurso que interessa aos objetivos da presente pesquisa. Segundo suas ideias, o corpo é capaz de transcender sua materialidade, “sair de si mesmo”, adquirir novas velocidades e conquistar novos espaços. A partir desta concepção, conclui: “ao se virtualizar, o corpo se multiplica” apontando para o enriquecimento das possibilidades e de sua ampliação. Completa afirmando que não se trata de uma desencarnação do corpo, mas uma reinvenção, reencarnação, multiplicação, uma nova forma de “ser-aí” e de existir.

Neste sentido, a criação de um perfil em redes sociais é considerada um vetor da virtualização (Gozlan, 2016), pois possibilita atualizações contínuas e se concretiza na interatividade com a rede de contatos. As publicações e interações nessas plataformas configuram uma montagem singular do sujeito, construída a partir das relações estabelecidas. O processo de atualização ocorre com base no conteúdo acessado, nas identificações e rejeições manifestadas, bem como nos feedbacks recebidos, evidenciando o caráter dinâmico e processual da virtualização.

Com base nos fundamentos teóricos de Lévy, Primo (2024), em sua obra “A Virtualização da Experiência de Si”, desenvolvida a partir de sua tese de doutorado, apresenta e argumenta a hipótese de que as redes sociais, que configuram uma nova tecnologia comunicacional, impactam significativamente a produção da subjetividade dos indivíduos.

Segundo Primo (2024), a virtualização da experiência de si é resultado de um deslocamento do campo da visibilidade através da qual o indivíduo expõe para um grande público virtual aspectos da sua interioridade, demandando nesse processo o exercício da sua subjetividade através de performances narrativas composta tanto por textos como por imagens (fotos e vídeos). O Primo (2024, p. 33) interpreta as redes sociais como uma ambiência na qual “formas de vida acontecem e são produzidas”.

A crescente imersão da vida cotidiana nos dispositivos tecnológicos resultou em uma transformação profunda implicando na reorganização dos sentidos e das formas de apreensão da realidade. Nesse contexto, Primo (2024, p. 169) retoma as ideias de Brubaker, destacando que “a hiperconectividade alterou profundamente a experiência do espaço e do tempo, ensejando uma nova disposição das maneiras de pensar, sentir, desejar, de perceber o mundo e

as relações, bem como viabilizando novas possibilidades de imaginar, apresentar e performar o si-mesmo.” Essa transformação evidencia que a virtualização da experiência de si não se restringe a uma mera transposição do sujeito para o ambiente digital, mas implica um reordenamento estrutural das subjetividades, em que as dinâmicas identitárias passam a ser mediadas, moduladas e, em certa medida, redefinidas pelas tecnologias comunicacionais, sendo capazes de “transformar o próprio ser” (Primo, 2024, p. 33).

A percepção do mundo e das relações interpessoais tornou-se indissociável das experiências online, uma vez que a mediação digital reconfigura a maneira como os indivíduos constroem e expressam suas identidades. Nesse contexto, as redes sociais não apenas ampliam as possibilidades de interação do ambiente analógico para o digital, mas também evidenciam a complementaridade entre essas modalidades de presença. Apesar das distinções entre os espaços físico e virtual, ambos requerem a ancoragem do aparato corporal, ainda que operem por meio de dinâmicas e demandas diferenciadas.

A partir dessa reorganização dos sentidos, as redes sociais e os jogos virtuais introduziram uma nova forma de interação caracterizada pela “quase presença”, em que a experiência compartilhada entre indivíduos independe da ocupação de um mesmo espaço físico. Esse fenômeno possibilita uma conexão contínua e imersiva, na qual a mediação digital viabiliza a convivência sem a necessidade da presença física no mesmo espaço.

Nesse sentido, a interação foi significativamente intensificada, promovendo uma “afetabilidade incorpórea”, ou seja, um engajamento sensível e emocional que, apesar de não depender da proximidade física, gera efeitos subjetivos concretos sobre os indivíduos. Essa nova configuração das relações interpessoais demonstra que a virtualização não implica um distanciamento do real, mas sim uma reconfiguração das formas de vivenciar a presença, o vínculo e a subjetividade.

Para sustentar sua hipótese sobre a virtualização da experiência de si, Primo (2024) retoma as reflexões de Michel Foucault acerca do papel da escrita no processo de subjetivação e na construção da compreensão de si do sujeito. O autor estabelece uma articulação entre essa função da escrita e a criação de um perfil na rede social, compreendendo-o como uma nova modalidade de “escrita de si” na era digital.

Nesse contexto, a criação de uma conta em uma plataforma digital inaugura a possibilidade de uma “atualização de si que se virtualiza” (Primo, 2024, p. 160), configurando um processo contínuo de construção identitária mediado pela interação digital. As mensagens veiculadas por meio de postagens, comentários e engajamentos não apenas comunicam informações, mas expressam valores pessoais, preferências, padrões de consumo e dinâmicas

relacionais. Dessa forma, as redes sociais intensificam a relação do sujeito consigo mesmo através de suas performances online.

A psicanalista francesa Gozlan (2015, p. 80), reconhecendo que “os mundos com os quais interagimos separados pelas telas são mundos digitais, que nada têm de virtual a partir do momento em que nos envolvemos em relações que implicam pessoas reais”, escolhe, no entanto, fundamentar-se na teoria de Pierre Lévy sobre o virtual, com ênfase nos processos de virtualização e atualização, para conceituar a noção de “virtualescência”.

A autora justifica sua escolha pelo conceito de espaço “virtual” em vez de “digital”, baseando-se igualmente na perspectiva de Gilles Deleuze, segundo a qual o virtual possui plena realidade e apresenta uma complexidade singular. Embora concorde com Serge Tisseron na ideia de que o interlocutor “por trás do objeto digital que o representa” existe no mundo real, Gozlan (2016, p. 19) ressalta que, no contexto da interação, esse indivíduo permanece virtual, pois “só existe na potência de sua presença digital, não em uma presença corpórea e carnal e, conseqüentemente, atual. Sua presença é, portanto, virtual, podendo se atualizar pontualmente por meio de suas ações no espaço virtual”.

Com base nesses referenciais, Gozlan (2016) compreende que os adolescentes se virtualizam em diferentes espaços digitais, especialmente nas redes sociais e nos jogos online, o que viabiliza a interação com outras pessoas também virtualizadas. Conforme ressalta a autora:

Os espaços virtuais não se abrem para um mundo de possibilidades, mas para um mundo com plena realidade. O virtual, ao contrário do possível, está em movimento, trata-se de uma problematização cuja resolução é a atualização. A controvérsia com a filosofia escolástica reside aqui: o virtual se opõe ao possível e está intimamente ligado ao atual. O atual e o virtual coexistem, são faces do mesmo objeto. Sua articulação é geradora de criação, cuja multiplicidade de formas enriquece esse movimento de virtualização-atualização⁷ (Gozlan, 2016, p. 16).

Embora trate-se de pessoas reais manuseando com as pontas dos seus dedos os clicks que viabilizam o contato, sua existência para aqueles com quem interage ocorre em sua manifestação na tela, às vezes com amparo da voz, mas o toque, a consistência carnal é subtraída. A interação mediada pelas telas, mesmo que ocorra de forma síncrona e cada vez

⁷ Tradução livre do trecho: “Les espaces virtuels n’ouvrent pas sur un monde des possibles, mais sur un monde possédant une pleine réalité. Le virtuel, contrairement au possible, est en mouvement, il est une problématisation appelant à une résolution qu’est l’actualisation. La controverse avec la philosophie scolastique se situe ici : le virtuel s’oppose au possible et est intimement lié à l’actuel. L’actuel et le virtuel coexistent, ils sont deux faces d’un même objet. Leur articulation est porteuse d’une création dont la multiplicité des formes fait la richesse de ce mouvement de virtualisation-actualisation”.

mais aprimorada, é limitada a atualizações através do processo de virtualização e se apresenta pelas suas representações imagéticas.

O conceito de adolescência se entrelaça ao virtual sendo compreendida como o processo pelo qual o púbere terá sua consistência física modificada para adquirir a corporeidade adulta. A travessia abrange uma promessa de alcançar um novo status como exige um árduo trabalho na criação de si. Tal como a semente contém a árvore em estado de potência que poderá ser concretizado a partir da sua atualização, o adulto que um dia será, está potencialmente presente no adolescente. Longe de ser um processo linear, contínuo, previamente programado, a adolescência está profundamente atrelada à noção de crise transformacional, na qual o púbere percebe seu corpo em acelerada mudança sem que ele tenha poder para gerenciá-las, como tampouco lhe é concedido o tempo necessário para elaborá-las. Gozlan aposta que o trabalho psíquico da adolescência é afetado e atravessado pelo que ocorre no virtual, propondo justamente o termo *virtualescência*. Para justificar sua tese, aponta três fundamentos teóricos que confirmam esta interrelação.

Em primeiro lugar, sustenta a hipótese de que neste momento de metamorfose corporal com repercussões na subjetividade, a virtualização se oferece como um local onde projetar uma imagem de si aprimorada, uma possível versão pós-crise. Como o momento pubertário é repleto de angústia pela boa forma ainda não materializada, o virtual se torna o espaço no qual é possível se exprimir de forma criativa e autoral se distanciando desse aqui e agora impregnado de incertezas. Segundo as palavras da autora: “A *virtualescência* designa o processo pelo qual o adolescente encontra no espaço virtual um espaço para elaboração dos seus conflitos pubertários”⁸ (Gozlan, 2016, p. 33).

Em segundo lugar, Gozlan (2016) compreende o processo da *virtualescência* em dois movimentos retroalimentados. No primeiro trata-se da passagem do atual para o virtual. Podemos pensar que nesse momento está em jogo a colocação de si através das imagens e das publicações nas redes sociais, por exemplo. O que está sendo vivenciado no aqui e agora ganha consistência e é formatado para ser posto na tela. O segundo movimento é a atualização, um movimento de retorno do virtual para o atual. Trata-se, nesse segundo momento, dos efeitos psíquicos do que foi projetado na tela. Uma publicação de uma imagem de si só se completa a partir do que o adolescente recebe como feedback que nas redes sociais é traduzido através de aplausos, curtidas, comentários, reações. As interações virtuais entre os

⁸ Tradução livre do trecho: “La *virtualescence* est le processus par lequel l’adolescent va trouver au sein du virtuel un espace d’élaboration de ses conflits pubertaires”.

usuários, aquele que publicou e aqueles que interagiram (ou não interagiram) produzem efeitos e transformações psíquicas em quem se colocou em cena, atualizando sua condição, seu estado, sua percepção de si. Como a questão da adolescência está centrada na autocriação, a complementariedade entre esses dois movimentos é fundamental, pois permite que o indivíduo se coloque em cena para advir um outro através da percepção de uma nova forma de si. Mais adiante, será descrito o “ciclo do eu adolescente”, conforme proposto pela autora Gozlan (2016) e que versa justamente sobre a implicação entre esses dois movimentos presentes no adollescere.

Por último, a terceira teoria que serve como suporte para a virtualescência é um conceito pensado por Jeammet a respeito do adolescente necessitar de um suporte na realidade exterior para criação de si a fim de elaborar os conflitos pubertários. Segundo o autor, esse suporte externo é chamado de “espaço psíquico ampliado” cuja função principal é assegurar um ambiente que servirá de apoio para evitar a ameaça da desorganização. Gozlan, então, propõe que o virtual pode ser compreendido como esse espaço psíquico ampliado, que está fora do sujeito e através do qual ele pode colocar diante de si, na máquina virtual, aquilo que o inquieta desde seu interior: os desentendimentos com os amigos, a insegurança com a imagem, a necessidade de vinculação com pessoas que compartilham os mesmos interesses, as mudanças no cenário familiar. A partir desta aproximação entre a virtualescência como espaço psíquico ampliado, Gozlan avança e afirma que parte da realidade interna do adolescente é depositada na tela com o objetivo de apoiar os processos psíquicos em jogo.

Ao associar a teoria de Jeammet ao conceito de virtualescência no contexto do espaço psíquico ampliado, a autora recorre à explicação de Gutton (2003) sobre a importância do suporte externo na construção do sujeito adolescente. Segundo Gutton (2003), o Eu neste momento de vida necessita de novos objetos de amor para se estruturar, uma vez que já não é o olhar dos primeiros cuidadores que valida sua existência. Em vez disso, a confirmação de sua identidade e pertencimento emerge das novas relações que estabelece. Diferentemente da fase em que a mãe reafirma a identidade do bebê ao espelho – dizendo “Sim, esse é você, Joãozinho!” –, na adolescência, essa validação provém dos pares e do grupo de pertencimento, que reafirmam sua existência e posição dentro da coletividade.

A autora adverte sobre os riscos envolvidos na busca de suportes narcísicos no ambiente, destacando a possível ameaça ao Eu, que pode comprometer a autonomia e a identidade do adolescente. Para ilustrar esse perigo, Gozlan (2016) enfatiza o aumento do investimento na realidade externa em detrimento da interna, ressaltando que esse deslocamento da libido se intensifica no ambiente virtual. No ciberespaço, a dificuldade de

desconexão e o impacto dos desdobramentos tornam as experiências potencialmente destrutivas ainda mais intensas.

A vivência de situações adversas online pode ter consequências graves, tanto pela seriedade dos eventos em si quanto pela imaturidade do adolescente para lidar com seus efeitos. Nesse período de reorganização psíquica, em que o Eu se encontra fragilizado, um ataque à sua imagem digital pode ter efeitos devastadores. Exemplos disso incluem episódios de cyberbullying e a superexposição do corpo por meio do vazamento de imagens íntimas.

O agravamento desses problemas está diretamente relacionado ao avanço das ferramentas digitais, que, quando mal utilizadas, tornam-se instrumentos de violência. Um caso emblemático é o uso de inteligência artificial para manipular imagens comuns, criando montagens de nudez falsas e disseminando-as como autênticas. Embora essas imagens não correspondam à realidade objetiva, os danos emocionais e sociais gerados são profundos, reais e de difícil manejo.

Em síntese, a efetivação da virtualescência exige que o processo de virtualização-atualização encontre um lugar, o que se dá em três etapas interligadas: (1) o afastamento do corpo físico em direção ao corpo-imagem, que se projeta na tela, seja por meio de selfies nas redes sociais, seja na criação de avatares em jogos online; (2) o deslocamento do aqui e agora, permitindo ao sujeito registrar e acompanhar a metamorfose do próprio corpo por meio de imagens digitais, que atuam como marcadores de sua trajetória na construção de si; (3) a transição contínua entre o interior e o exterior, mediada pelo espaço virtual, um movimento que Lévy (2011) explica com base na estrutura da Banda de Moebius.

A virtualescência pode ser analisada sob duas valências distintas: positiva e negativa. A valência positiva é considerada subjetivante, pois oferece suporte à elaboração de si, possibilitando uma representação criativa do processo de adolecer. Em contraste, a valência negativa, decorrente maus-encontros e experiências adversas no ambiente virtual, compromete essa elaboração, impondo barreiras ao desenvolvimento psíquico e, por isso, é caracterizada como dessubjetivante. Posteriormente, essas duas dimensões serão aprofundadas em articulação com os achados da pesquisa.

4.2 A virtualização de si dos adolescentes

Em 1923, Freud formulou a emblemática afirmação: “O Eu é antes de tudo corporal”, ressaltando a primazia do corpo como fundamento incontornável da existência psíquica. Nesse sentido, o corpo, delimitado pela pele, constitui-se como um suporte essencial da

subjetividade, fornecendo informações fundamentais sobre o indivíduo. Anteriormente, em suas formulações a respeito da sexualidade, mais especificamente no tópico “As transformações da puberdade”, Freud (1905) destacou o processo de genitalização do corpo no adolecer e suas repercussões tanto no âmbito corporal quanto psíquico.

Após o período de relativa estabilidade característico da latência, a puberdade instaura uma intensa ativação hormonal, promovendo a transição do corpo infantil para a conformação sexuada de homem ou mulher. A sexualidade infantil, compreendida como autoerótica, passa por um processo de reorganização, preparando-se para o encontro com o objeto, o encontro com o outro sexualizado. Nesse contexto, as mudanças corporais vinculam a pulsão sexual à função reprodutiva, conferindo ao corpo uma nova significação. O período pubertário, caracterizado por uma sucessão de transformações abruptas e intensas, impõe ao sujeito a vivência de um corpo sexualizado, muitas vezes experienciado de forma estranhada e disruptiva.

A puberdade promove um corte na infância, incidindo principalmente do afastamento da relação com os pais. Em consequência, ecoa uma crise narcisista marcada por três perdas: (1) do corpo infantil, que não causava nenhum desconforto e sensação de inadequação; (2) da criança ideal que se sentia amada pelos seus cuidadores; (3) dos pais como suporte do ideal do eu infantil (Tubert, 1999b).

Do ponto de vista imaginário, mas sem reduzir as problemáticas do adolecer a esse registro, o adolescente, recém-saído da infância, depara-se com modificações corporais marcantes, tais como o crescimento de pelos, o aumento dos órgãos genitais, a mudança na tonalidade da voz nos meninos, além da menarca e do desenvolvimento das mamas nas meninas. Tais transformações cumprem a função de elevar o corpo ao status de homem e mulher. Na pesquisa realizada, os participantes relataram que a puberdade representou uma reconfiguração substancial de suas vidas, impactando a percepção de si mesmos, suas relações interpessoais e, de modo particular, a dinâmica com os pais. Independentemente de ter sido ansiosamente aguardada, como no caso de Rafaela e Luísa, ou indesejada, como ocorreu com Valéria, sua irrupção suscitou incertezas, inseguranças, sentimentos de inadequação e frustração.

Segundo Tubert (1999b), mediante às dúvidas despertadas pelo adolecer, o mundo passa a ser interpretado como perigoso. A solução encontrada para fugir da ameaçadora realidade é se refugiar na fantasia, através de livros, músicas, televisão, computador. Atualmente, consideramos “mexer no celular” como a principal estratégia para mergulhar em

um mundo paralelo com abertura para as atividades criativas e fantasmáticas do sujeito adolescente.

Retomando a percepção dos participantes da pesquisa acerca dos efeitos da puberdade, destaca-se outro aspecto relevante: o intenso desconforto em relação às transformações corporais, sobretudo na medida em que tais mudanças se tornavam objeto de observação e comentários por parte de familiares e pessoas próximas. Pela insensibilidade em perceber o constrangimento dos púberes, os comentários ampliam o embaraço daqueles que já se sentem sobremaneira expostos pelo amadurecimento e estão atravessando um processo de difícil adaptação marcado por tensões e inseguranças. Acompanhamos a interpretação de Jeammet e Corcos (2005) de que a imagem de si se modifica com uma rapidez superior à capacidade psíquica de elaboração dessas mudanças, gerando um descompasso profundamente angustiante. Na mesma leitura a respeito dos desdobramentos psíquicos para os púberes no atravessamento da metamorfose, Gozlan (2016, p. 43) esclarece:

O corpo é o lugar de uma inquietante estranheza. Ao mesmo tempo familiar, atual e estrangeiro, vivido como perturbador, desarmonico, tornando-se, por vezes, lugar de ataques sintomáticos. O corpo adolescente é um território para se reapropriar. Ele se encontra no cruzamento dos remanejamentos identitários, narcísicos, sexuais e psicopatológicos. Vetor das transformações, espelho dos conflitos internos, o corpo do adolescente é ancorado em um atual biológico cujo desafio é se separar dele para sonhar com outra forma⁹.

Em uma perspectiva adicional, Philippe Gutton (2003) compreende que as transformações corporais, cujas mudanças conferem ao corpo do púbere uma nova potência sexual, reatualizam as fantasias incestuosas, uma vez que, ao perceber-se sexualizado, ele passa a reconhecer essa mesma carga sexual nos pais. Como consequência, instaura-se um afastamento corporal abrupto, uma defesa necessária para evitar o perigo do incesto. Se, no atravessamento do complexo de Édipo – momento decisivo da constituição psíquica na infância –, a interdição do incesto era imposta pela figura parental, na puberdade, essa proibição passa a ser exercida pelo supereu, instância psíquica que se estrutura justamente como herdeira do complexo de Édipo.

⁹ Tradução livre do trecho: “Le corps est le lieu d’une inquiétante étrangeté, à la fois un corps familial, actuel et un corps qui leur est étranger, vécu comme inquiétant, dysharmonique et parfois devant le lieu d’attaques symptomatiques. Le corps adolescent est un territoire à se réapproprier. Il se trouve au croisement des remaniements identitaires, narcissiques, sexuels, et psychopathologique. Vecteur des transformations, miroir des conflits internes, le corps à l’adolescence est ancré dans un actuel biologique dont l’enjeu est de s’en détacher pour se rêver autrement”.

Tais modificações psíquicas repercutem diretamente na dinâmica das relações entre pais e filhos, promovendo reconfigurações nos vínculos familiares e exigindo novos arranjos na forma como a proximidade e a distância são reguladas no cotidiano. Essas mudanças são amplamente percebidas pelos adolescentes e, inclusive, foram citadas pelos participantes da pesquisa. O lugar que havia sido concedido aos pais durante a infância – como heróis, modelos a serem copiados – torna-se obsoleto, e essas primeiras identificações com os pais são negadas (Alberti, 2004). Segue-se um período de indefinição, decorrente do afrouxamento dos processos identificatórios. O púbere sente-se sozinho, lançado na árdua tarefa de se construir e de tecer novos laços sociais no âmbito exterior à família.

Nesse contexto, as relações com outros adolescentes tornam-se fundamentais. Como resposta ao empuxo da autonomia e da liberdade, os adolescentes buscam se agregar, constituindo uma verdadeira comunidade na qual adotam alguns traços identificatórios para serem reconhecidos como sujeitos: compartilham suas queixas, escolhas, maneiras de se vestir e adotam uma linguagem repleta de gírias, entre outros aspectos (Calligaris, 2014). Em resumo, diante da demanda de separação dos pais, os adolescentes tendem a se reunir em grupos ou “tribos” distantes do olhar e do controle parental.

Se, em tempos anteriores, esses agrupamentos ocorriam predominantemente em espaços físicos compartilhados, na contemporaneidade, a digitalização das interações promove novos cenários de socialização. Vivemos em uma era digital caracterizada pela hiperconectividade, que permeia a vida humana em múltiplas dimensões. Esse fenômeno não apenas transforma as formas de comunicação e interação, mas também se configura como uma experiência subjetiva por meio da qual os indivíduos exploram aspectos de sua identidade e se inserem em diferentes grupos sociais (Dias *et al.*, 2019). No caso dos adolescentes, para quem o afastamento da autoridade parental (Freud, 1905) e a construção de novas relações com os pares são tarefas centrais, as redes sociais assumem um papel privilegiado. Essas plataformas tornam-se espaços fundamentais de convivência e socialização, permitindo interações que ocorrem à margem do olhar vigilante dos pais (Dans, 2015).

A recente pandemia pela COVID-19 elevou ainda mais a necessidade de interação com os amigos através do espaço digital, uma vez que havia o impedimento do contato corpo-a-corpo (Costa *et al.*, 2021; Deslandes; Coutinho, 2020). Mesmo após a reabertura dos espaços públicos, os adolescentes permaneceram mais conectados às plataformas digitais, de tal maneira que a forma de estar junto com os amigos é atravessada pela conectividade. Manter um perfil online nas principais redes sociais se tornou condição *sine qua non* de

pertencimento, pois favorece o contato fácil e constante com os pares. Estar nas redes sociais é uma resposta ao movimento tipo gangorra: o desligamento dos pais favorece a aproximação e a conectividade com as pessoas da mesma faixa etária e do seu ciclo social.

O estabelecimento de vínculos de amizade entre pares constitui uma das principais tarefas do desenvolvimento na adolescência, sendo alvo de intenso investimento psíquico. A inserção em um grupo de amigos revela-se fundamental para a construção subjetiva do adolescente, que compartilha com essa “tribo” traços identificatórios. Corso, D. e Corso, M. (2018) conceituam determinadas amizades inseparáveis como a representada no filme “Aos Treze”, como uma “paixão fraterna”, na qual o adolescente estabelece um convívio estreito, marcado por uma identificação maciça. Atualmente, os adolescentes nomeiam através da sigla BFF (best friends forever) essa relação próxima e fusional estabelecida entre melhores amigas. O termo aponta, além do vigor, a perspectiva de infinitude da união, absolutamente coerente com a intensidade característica desse momento de vida.

A análise dos dados obtidos por meio da pesquisa netnográfica permitiu constatar que as relações de amizade são amplamente expostas nas redes sociais, tornando-se, assim, uma categoria relevante de investigação. Além de o Instagram atuar como mediador da comunicação por meio das mensagens diretas – recurso denominado Direct –, verificou-se que os vínculos amistosos eram frequentemente exibidos de forma ostensiva. Observou-se, ainda, que os grupos compartilhavam conteúdos similares, indicando uma ressonância simbólica entre seus membros.

Bruno, Ana e Bárbara, participantes do grupo Central 01, frequentemente publicavam conteúdos sobre as dificuldades do cotidiano, os desencontros amorosos e as frustrações vivenciadas. Em diversas situações, a relação entre as duas meninas foi interpretada como um elemento central de proteção e amparo para enfrentar adversidades. Nesse sentido, o vínculo estabelecido entre elas pode ser compreendido como um fator de sustentação narcísica. Compreendemos que as interações mediadas pelas redes sociais desempenham um papel essencial tanto na manutenção das amizades quanto na exibição pública desses laços.

Essa centralidade das redes sociais na construção e exibição dos vínculos amistosos está diretamente relacionada ao papel do smartphone na vida dos adolescentes. Sendo o principal meio de contato com os amigos e uma estratégia de distração, o dispositivo torna-se parte essencial do cotidiano, estabelecendo uma relação tão intensa que chega a ser descrita por Gozlan (2016, p. 25) como um “prolongamento do próprio corpo”. Embora não esteja fisicamente fundido à máquina, sua existência parece depender dela, assumindo uma função vital em sua rotina.

Para além da interação social, a conexão contínua ao ambiente digital possibilita ao adolescente um espaço de experimentação, permitindo-lhe lidar com as inquietações provocadas pelas transformações corporais e pela necessidade de inserção no grupo de pares. Nesse contexto, as redes sociais tornam-se um território no qual ele pode testar e construir sua imagem perante os outros, negociando sua posição no coletivo.

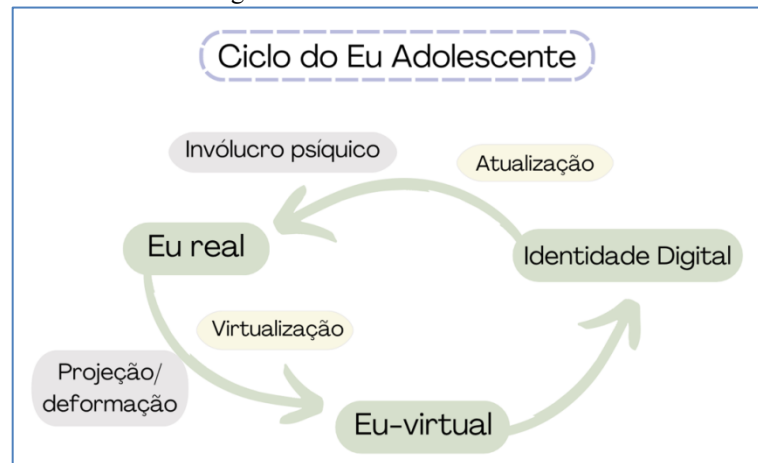
Através dessa ligação estreita com o smartphone e do uso constante das redes sociais, o adolescente projeta sua presença no ciberespaço por meio das imagens que escolhe para se representar, como fotos e vídeos. Esse processo possibilita uma transposição simbólica do corpo físico para o ambiente digital, ampliando suas formas de existência e interação. Intermediado por uma virtualização sempre parcial, ele desloca sua presença para um espaço que transcende sua materialidade e favorece novas formas de expressão e reconhecimento social.

Segundo Gozlan (2016), o corpo físico refletido na tela dá origem ao corpo-virtual, cujos contornos assumem um caráter utópico na tentativa de se alinhar tanto aos ideais sociais quanto às expectativas do próprio indivíduo. Trata-se de um corpo construído a partir de imagens aprimoradas, porém fragmentadas, de modo que não pode ser simplesmente considerado uma cópia da materialidade física, tampouco trata-se de uma fantasia.

Para o adolescente, que vivencia um período de intensa turbulência em sua relação com o próprio corpo e se percebe passivo diante das transformações que ocorrem independentemente de sua vontade, o corpo-virtual surge como uma possibilidade de redefinição. Esse espaço digital permite a atenuação de aspectos considerados indesejáveis e a construção de uma autoimagem mais alinhada aos seus anseios. Como destaca Gozlan (2016, p. 49): “O insatisfatório corpo adolescente cuja forma definitiva não é conhecida, poderá encontrar através do corpo-virtual a possibilidade de ser aprimorado em uma forma não atualizada, mas potencial”.

A partir da virtualização do corpo, Gozlan (2016) propõe o ciclo do eu adolescente apoiado pelos processos subjetivos de projeção/deformação para explicar a transposição de si mesmo para a tela. O eu-físico do adolescente é o agente da virtualescência cuja atividade consiste em projetar aspectos da sua vida psíquica para o meio digital através de um ciclo retroalimentado. O eu-físico é projetado/deformado através da publicação de imagens, como construção de avatar, gravação de vídeo, fotos, entre outros, e o resultado de todas essas produções constitui a identidade digital cuja função é apresentar o adolescente no ciberespaço. Em contrapartida, como movimento de retorno, o eu-virtual se constitui como invólucro psíquico do eu.

Figura 4 - Ciclo do eu adolescente



Fonte: a autora (2025)

O adolescente se engaja ativamente na criação do seu eu-virtual, sendo este uma espécie de eu-protético, possuidor de uma linha contínua entre o psiquismo e o virtual. Sendo assim, é possível delimitar três funções do eu-virtual para o adolescente: (1) regular as angústias dessa fase de vida; (2) colocar em imagens o que se passa internamente e escapa ao seu controle; (3) promover uma existência e marcar a sua presença no ciberespaço.

Desprendido da materialidade, o corpo-virtual torna-se um corpo imaginário, recriado, imortalizado, tal como o primeiro tempo do narcisismo no qual o bebê é o centro da existência dos seus principais cuidadores que reagem com entusiasmo às suas menores conquistas, por estarem deslumbrados pela “majestade, o bebê”. Deste lugar, o bebê é ele próprio o ideal dos pais, nomeado por Freud (1914) em Eu-Ideal. Fazendo um paralelo com este ponto da teoria psicanalítica, o corpo-virtual possibilita ao adolescente se criar como diferentes Eu-Ideais através das imagens. As ferramentas disponíveis nas redes sociais, principalmente os filtros do Instagram, permitem rapidamente lapidar a imagem de si, fornecendo desde um embranquecimento da pele até a substituição de partes do rosto humano, como nariz e orelha, por traços de animais (vaca, cachorro) viabilizando uma forma jocosa de camuflar aquilo que incomoda. É possível considerar a imagem de si projetada no perfil das redes sociais como representantes de um corpo todo narcísico, autocentrado. Há um enorme investimento libidinal nesta imagem, elevada à condição de objeto desejável.

Em sua conferência a respeito do enigma adolescente, Tubert (1999b, p. 63) vislumbra o “fenômeno de duplos” como possibilidade de elaboração das perdas geradas pela puberdade – do corpo infantil, da criança ideal, dos pais idealizados da infância. Esse objeto, elevado a posição de um duplo, passa a ocupar o lugar da própria imagem especular, isso quer dizer que o objeto tem uma existência própria, mas é considerado pelo sujeito como parte dele mesmo.

Segundo a psicanalista, o objeto será demasiadamente investido e varia conforme a eleição do adolescente, podendo ser um diário, um amigo íntimo ou alguém que exerça uma função de referência e modelo a ser seguido (um primo ou tio mais velho, um professor, uma celebridade). Essa figura do duplo permite recuperar de forma imaginária a imagem narcísica outrora perdida ao se apresentar “como aquilo que possui a perfeição que falta ao eu para alcançar o ideal; é uma imagem de si mesmo idealizada e engradecida, que permite estancar o narcisismo ferido”. Aproximamos essa teorização ao eu-virtual, compreendendo este último como o principal “fenômeno duplo” construído pelo adolescente na atualidade. Le Breton (2017) aponta para o semblante de real presente na construção dos avatares e dos perfis nas redes sociais e os eleva a condição de duplos de si.

O funcionamento das redes sociais pode ser comparado a uma cena teatral, composta pelos atores e pela plateia, na qual existe um espetáculo a ser exibido e contemplado pelo público, pronto para avaliá-lo através de críticas ou aplausos (Gozlan; Masson, 2013). Na rede social, cada protagonista exhibe seu próprio show de intimidades (Sibilia, 2016) e a publicação completa seu circuito através da interação com a plateia, aqui formada pela rede de contatos do usuário, pessoas conhecidas e desconhecidas, que são convocadas a dar seu feedback. A interatividade constitui um elemento central no funcionamento dessas plataformas, afinal o usuário divulga informações sobre si mesmo e aguarda validação por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos. Essas reações às postagens configuram o feedback digital, que pode tanto legitimar e reforçar o conteúdo publicado quanto sinalizar a falta de credibilidade da mensagem que se pretendia transmitir (Polivanov; Carrera 2019).

O conceito de virtualescência elaborado por Gozlan (2016) teve como cenário de pesquisa a rede social do Facebook, principal plataforma utilizada naquele momento pelos adolescentes. É preciso destacar que este site forneceu um espaço para que seus usuários elaborassem uma escrita de si. Além da utilização das imagens, um espaço que convocava para contar algo de si através da pergunta que o usuário se deparava ao entrar no seu perfil: “*O que você está pensando?*”, em uma tentativa de buscar algo da ordem da interioridade. No perfil ficavam registradas as comunidades das quais a pessoa participava, suas publicações ao longo do tempo, álbuns de fotos com registros de viagens, férias, pertencimento ao grupo de amigos, sendo possível conhecer diversas esferas da vida daquele usuário.

Além do rápido avanço tecnológico que exigem ferramentas mais atuais, os adolescentes demandam o aparecimento de novas plataformas, entre outras razões, para evitar o encontro com os pais, o confronto geracional nas redes sociais (Del Prete; Pantoja, 2019). Se para eles é um enorme constrangimento ser levado na porta da escola pela mamãe, um

comentário da titia em sua publicação com os amigos torna-se um vexame potencialmente maior. Sendo assim, para a geração mais nova, público-alvo desta pesquisa, o Facebook se tornou obsoleto. Eles utilizam o Instagram como principal ferramenta de interatividade e o TikTok apenas como “consumidores de conteúdo” (Duarte; Dias, 2021), ou seja, eles visualizam vídeos nesta última plataforma, mas não postam sobre si. Para a coleta de dados netnográfica, centramo-nos apenas no Instagram, e por esse motivo essa rede social será melhor detalhada aqui.

Para entrar na rede social do Instagram, o indivíduo deve realizar um cadastro na plataforma, processo comumente denominado “abrir uma conta”. O primeiro passo é a escolha de um nome de usuário, que funcionará como sua identificação na plataforma. Esse nome deve ser único, ou seja, não pode ser igual a outro já existente, garantindo assim a singularidade de cada perfil. Após a criação da senha, é preciso informar a data de nascimento, mas há um alerta de que essa informação não ficará visível. A idade mínima para participar do Instagram é 13 anos e caso seja informado uma idade inferior, o acesso à plataforma não é autorizado. Entretanto, não há nenhuma verificação nem cruzamento de dados para comprovar a veracidade da informação prestada. Nesta circunstância, para contornar a restrição de acesso, basta uma pequena alteração no ano de nascimento. Caso a restrição de faixa etária fosse um critério válido para acender à plataforma, a maioria dos participantes desta pesquisa não poderiam sequer ser usuários.

Uma vez criado o perfil com o nome singular do usuário, a plataforma convida para completar o perfil através de quatro ações: (1) Adicione seu nome: adicione seu nome completo para que seus amigos saibam quem é você; (2) Adicione uma foto do perfil: escolha uma foto que represente você no Instagram; (3) Adicione uma bio¹⁰: conte aos seus seguidores um pouco sobre você; (4) Encontre pessoas para seguir: seguir 5 ou mais contas. Após uma sucinta apresentação de si no perfil, através do nome, da foto e de uma breve descrição, o usuário é convidado a interagir, buscar contas para seguir, colocando-se em contato e, posteriormente, aceitar¹¹ as solicitações para ser seguido. Os participantes da pesquisa, entretanto, adotaram nomes de usuário que em nada correspondia ao nome próprio, tampouco seguiam a orientação de fornecer o nome completo para serem identificados. Ao invés disso, os nomes de usuário pareciam códigos que revelavam uma outra vertente de si,

¹⁰ Bio é uma abreviação para a palavra “biografia”. A abreviação do termo sugere ao usuário que a informação deve ser breve, sucinta.

¹¹ O perfil pode ser aberto ou fechado. Caso seja aberto qualquer usuário pode seguir a conta e o usuário é apenas informado pelo novo seguidor. Caso o perfil seja fechado, quem quiser seguir envia uma solicitação que será avaliada pelo usuário que poderá “confirmar” ou “excluir”.

mais atrelado a preferências do que uma identificação civil. Por exemplo, utilizar o nome de um personagem de anime, como foi o caso de Silva, do grupo Central 02, ou Bruno que em seguida ao nome que escolheu para si, tinha o número do código penal que versa sobre furto, apontando sua identificação aos adolescentes delinquentes.

Além da dificuldade de identificação através do nome de usuário, as fotos do perfil tampouco ajudavam a reconhecê-los, pois eram utilizadas estratégias para esconder o rosto: imagens cortadas ou com baixa nitidez, personagens para representá-los. Se na época do Facebook, a imagem do perfil era bastante investida e representava o melhor registro do usuário (Gozlan; Masson, 2013), para os adolescentes hoje no Instagram, há uma tentativa de esconder os traços faciais. O rosto é o lugar das primeiras identificações, inclusive tem se tornado cada vez mais comum o reconhecimento facial automatizado como conferência da identidade para liberação de acesso. Na adolescência, o rosto causa maior desconforto, tanto que foram frequentes selfies modificando ou cobrindo a face e, neste sentido, as fotos do perfil sequer cumpriam a função de apresentá-los conforme seus traços físicos, apontando justamente para a possibilidade de ao se virtualizar criar uma nova imagem de si.

Os recursos do Instagram são o feed, os stories e os reels. Cada usuário tem no seu perfil uma espécie de página principal, chamada feed, através da qual ficam expostas as publicações feitas nessa modalidade. São fotos ou vídeos com uma pequena legenda, na qual os seguidores podem curtir, comentar ou enviar a publicação para outro usuário. Essa é a ferramenta mais antiga do Instagram. Inicialmente, apenas era possível fazer publicações nesse formato. À medida que vai sendo construído, o feed torna-se um álbum de recordações colecionando momentos significativos da vida do usuário. São publicações que permanecem a não ser que sejam arquivadas ou excluídas pelo usuário.

Com as atualizações da plataforma para se adequar às novas demandas, foi criado o recurso de “Stories”, um novo tipo de postagem mais volátil que permanece apenas 24h, sendo apagada automaticamente após esse período. As interações através desse tipo de postagem são privadas: as reações, curtidas e comentários são dirigidos apenas ao usuário e não ficam expostas. Em uma recente atualização, é possível fazer comentários públicos das publicações nos Stories, mas durante a coleta de dados dessa pesquisa esse recurso ainda não estava disponível, de tal forma que não tivemos acesso às interações intermediadas pelas postagens nos stories.

O terceiro recurso, mais moderno, é o Reels, um novo aprimoramento da plataforma para competir com a recente rede social TikTok, e se adequar às preferências dos usuários. Os reels são vídeos curtos, com duração de até 90 segundos, publicado em uma aba específica

para esse tipo de postagem. Eles permanecem vinculado ao perfil do usuário em uma grade que lembra o feed. Sua capa pode ser uma imagem capturada do próprio vídeo ou escolhida aleatoriamente. Atualmente, esse tipo de postagem rende o maior engajamento na plataforma, alcançado um público mais vasto do que as publicações no feed.

Em relação à pesquisa aqui analisada, foi possível verificar na coleta de dados digitais que os participantes utilizam, quase exclusivamente, o tipo de postagem nos Stories. Os feeds estão esvaziados, sem nenhum registro que tenha permanecido. Essa constatação será tema de análise do próximo tópico.

4.3 A exigência de visibilidade *versus* a lógica da visualização

A transição do limitado número de cliques das antigas câmeras analógicas para a instantaneidade das lentes ultramodernas acopladas aos smartphones, aliada ao uso contínuo das redes sociais, resultou em uma ampliação exponencial da exibição de si. Nessas plataformas, os usuários podem compartilhar cenas do cotidiano e imagens íntimas com um público amplo, composto tanto por amigos íntimos quanto por desconhecidos. Para Le Breton (2017), a rede social provoca um efeito de intensificação da relação do sujeito consigo mesmo, funcionando como uma “caixa de ressonância”, ampliando o sentimento de existir.

Além de permitir a exposição da própria vida, as redes sociais oferecem acesso à intimidade alheia. Ao seguir outro usuário, é possível conhecer detalhes pessoais como sua residência, ambientes cotidianos, viagens, refeições, encontros com amigos, horários de sono e atividades de lazer ou trabalho. A imagem de si apresentada nas redes sociais tem como objetivo implícito averiguar o próprio valor, sendo este validado pelas interações digitais, como curtidas, comentários e número de seguidores.

Para o antropólogo francês Le Breton (2017), mais do que transmitir uma mensagem através das publicações nas redes sociais, os usuários desejam estabelecer e sustentar o contato com sua rede. O objetivo principal da movimentação na plataforma é interagir e não necessariamente transmitir um conteúdo. Trata-se de uma comunicação fática, centrada no canal de transmissão da mensagem cuja finalidade principal é testar, prolongar o processo de comunicação.

O funcionamento das redes está intrinsecamente ligado à busca do olhar do outro e, consequentemente, da sua validação o que acontece através de curtidas, comentários, reações cujo mosaico compõe o engajamento da publicação. As funcionalidades das plataformas

favorecem um retorno positivo, afinal somente é possível sinalizar através de um pequeno clique sua curta, não havendo um botão no qual facilmente se denunciaria a desaprovação do material exposto. Entretanto, os “olhos que tudo veem”, são ligeiros para tecer julgamentos, rechaçar e cancelar um usuário que apresenta conteúdo avaliado como inadequado. Segundo Gomes, Pedrosa Filho e Teixeira (2021, p. 93): “A internet permite a combinação, aparentemente ‘bem-sucedida’, de voyeurismo, exibição e vigilância. Tripé contemporâneo que movimenta os sujeitos em torno de uma cultura escópica”.

Os autores Gomes, Pedrosa Filho e Teixeira (2021) fazem uma distinção entre o dar-se a ver e a exibição. No primeiro, muito frequente entre os adolescentes, eles se colocam à prova do olhar dos pares na busca por uma validação sobre si. Na esteira do luto do corpo infantil, do lugar ocupado na infância onde se sentia amado incondicionalmente pelos pais, e na premente necessidade de alcançar sua nova versão para se apresentar perante a sociedade, ele utiliza as redes sociais na busca por esse reconhecimento de si e do seu valor. A autenticação fornecida pelo outro da cultura toca na dimensão do narcisismo, em plena efervescência nessa etapa de vida. Por outro lado, a exibição comporta um viés adicto, por responder a um imperativo do gozo, ao prazer escópico que não se questiona sobre o que o Outro deseja ou sobre o que se quer mostrar, é pura ação repetitiva, deslocada de uma mensagem endereçada a um destinatário. O sujeito vai do mais-de-gozar para o mais-de-olhar.

A propagação de conteúdo nas redes sociais é infinita, um verdadeiro *looping*, pois está à serviço tanto do usuário que deseja aparecer, quanto da lógica algorítmica cujo esforço e investimento vão na direção de manter o indivíduo “enganchado” (Bentes, 2019), na plataforma oferecendo mais e mais informações do mesmo conteúdo apreciado por ele. O funcionamento torna-se rapidamente adicto, levando os usuários a ficarem bastante tempo conectados e sem nem ao menos perceberem esse excesso.

A rede social possibilita que os adolescentes permaneçam ligados aos seus amigos mesmo que esses estejam fisicamente longe, essa é justamente a nova modalidade de “estar juntos” ao qual se referia Pierre Lévy ao conceituar sobre o mundo virtual. Como desdobramento, o uso contínuo das redes sociais responde ao imperativo da ansiedade para estar por dentro dos conteúdos compartilhados pelos amigos, elevando à máxima potência a impossibilidade de se desgrudar do celular. Recentemente foi nomeada como FoMO, sigla em inglês que significa “*Fear of Missing Out*”, cuja tradução é “medo de ficar de fora”, visto que os conteúdos são cada vez mais efêmeros, permanecendo disponível na plataforma por poucas horas. Então, se desgrudar um pouco do celular significa perder as informações sobre o que está acontecendo ao redor, na vida dos conhecidos e dos seguidores. Instala-se um estado de

alerta ampliado, sendo impossível desconectar-se completamente. Desconectar-se do celular pode ser vivido como uma morte simbólica por cessar temporariamente sua conexão, interpretada como uma via privilegiada de existência e interação (Le Breton, 2017).

Os próprios adolescentes pesquisados consideraram inadequado o uso contínuo e desmedido das redes sociais, porém confessam não conseguirem se autolimitar, tampouco gerenciar o tempo dedicado às telas. Os alunos do Colégio Central empreendiam esforços para conseguirem liberação para o uso do dispositivo no ambiente escolar e adotavam diversas estratégias para driblar a proibição. Eduardo, referiu diversas vezes se incomodar com o tempo grudado ao celular porque percebe que aumenta seu nível de ansiedade. Além de negligenciar outras atividades que seriam necessárias, como tarefas da escola, participação nos afazeres da casa, do campo, ele se sente aflito querendo descobrir mais e mais informações nas plataformas. A maioria dos participantes sequer conseguem pensar na possibilidade de ficarem sem redes sociais e alegaram que estar no ciberespaço é condição essencial para se informar e participar da vida da comunidade.

Como resultado dessa intensa conexão, a privação temporária do uso do telefone é percebida pelos adolescentes como uma das punições mais severas. As repercussões são tanto psíquicas quanto físicas, assemelhando-se aos sintomas de abstinência observados em casos de dependência de substâncias (Gozlan, 2016). Os dispositivos tecnológicos funcionam como extensões do corpo, e sua ausência é vivenciada como uma interrupção na capacidade de seguir com a própria vida. Emília foi proibida de usar seu celular por um mês, por duas vezes. Ela confessou que na primeira achou que não sobreviveria, ficou aflita, angustiada, mas com o tempo foi descobrindo outras atividades para se distrair e ocupar o tempo. Acabou se reencontrando com opções de lazer outrora descartadas, como pintura, e acredita que foi benéfica essa desintoxicação eletrônica. Entretanto, reconheceu que assim que teve seu celular em mãos novamente voltou ao consumo online contínuo. Esse caso de Emília nos adverte sobre a necessidade de alguma regulação, mesmo à revelia dos primeiros impactos, pois é possível encontrar formas alternativas de interação, distração que não somente àquelas disponíveis no universo online.

Durante a pesquisa, os participantes revelaram que caso fossem flagrados usando o celular nas salas de aula, o aparelho seria apreendido e somente o responsável poderia resgatá-lo na direção. Entretanto, a gestora da Escola Central compartilhou com a equipe de pesquisa o quanto evitam entrar em contato com os responsáveis por esse motivo, pois ao serem acionados eles protestam por terem que parar tudo que estão fazendo para se dirigir imediatamente à instituição. Relatou que uma vez chegou a responder para uma mãe que ela

não precisava comparecer naquele instante porque o celular estaria bem guardado, ela poderia ir quando fosse mais conveniente. Entretanto, a mãe revelou a impossibilidade de a filha ficar uma noite inteira sem o dispositivo, segundo suas palavras ela “*colocaria a casa de cabeça pra baixo*”. Solicitou, em claro desespero, que a gestora pudesse rever a punição, afinal seria uma penalização e um risco para toda a família.

Apesar da ênfase aparentemente exagerada e desproporcional, algumas recentes notícias veiculadas pela mídia apontam para a falta de manejo dos adolescentes em lidar com a limitação do uso do telefone, além de reduzirem situações complexas e criminosas a simples proibição do celular. Seguem dois exemplos de notícias trazidas pela mídia que versam sobre o conteúdo apontado: “Adolescente mata a mãe em Goiás após ser proibido de usar celular e computador” (Sales, 2024) e “Avós que pularam de prédio após neta atear fogo em sofá haviam proibido menina de usar celular” (G1, 2023). Nesta última notícia, os avós justificaram a atitude da neta fazendo referência a um diagnóstico de Transtorno de Personalidade Bipolar, revelando outras condutas inadequadas praticadas anteriormente. Cabe destacar que as próprias manchetes sensacionalistas e reducionistas fomentam o receio dos pais de se sustentarem na função de balizadores da vida dos filhos, inclusive no que diz respeito à gestão dos dispositivos móveis. Assim como a escola prefere “fazer vista grossa” e deixar de cumprir seu regulamento para evitar situações conflituosas com os responsáveis.

Por conseguinte, encontramos os adolescentes abandonados em seus comportamentos inadequados, desmedidos e sem recursos para gerir o uso das plataformas. Le Breton (2017) aponta que o superinvestimento dos adolescentes nas ferramentas digitais não deveria ser rapidamente considerado adicto ou patológico, afinal ele compreende que para a população mais jovem é difícil se controlar. Ao invés disso, propõe um cuidado ampliado na direção de acompanhamento das atividades online, através de uma educação digital ou de psicoterapia, quando necessário, visando que o sujeito redefina significados e valores.

O smartphone, atualmente, é o objeto de consumo mais desejado, de tal forma que os adolescentes fazem todo esforço necessário para adquirir um modelo recente equipado com as funcionalidades mais modernas. Eva, além de experimentar um medo intenso de perder seu dispositivo, inclusive esquecê-lo em cima da geladeira é motivo suficiente para se desesperar, está juntando o dinheiro da sua mesada e qualquer “trocadinho” que recebe para ajudar sua mãe a comprar o tão sonhado iPhone, outrora prometido como presente de aniversário. Eva acredita que através dele que ela poderá se virtualizar no seu perfil nas redes sociais para melhor se relacionar com seus pares: pedir conselhos, aderir às brincadeiras, ostentar uma imagem de riqueza, confrontar suas experiências com as de outras pessoas. Em resumo, a rede

social acessada freneticamente através de um dispositivo móvel acompanha o adolescente em seu processo de subjetivação e construção de si.

Colados ao dispositivo, os adolescentes passam rapidamente de uma imagem à outra, os vídeos não duram mais que poucos segundos, de tal forma que as mensagens propagadas são planas e desprovidas de “qualquer dramaturgia, coreografia e cenografia” (Han, 2017, p. 10). Os adolescentes desejam ser vistos, empreendem tempo e recursos lapidando a melhor versão de si ou camuflando partes do corpo avaliadas como não-atraentes, mas o que conseguem como retorno é, no máximo, serem visualizados. Apresentam uma demanda de amor e como feedback recebem uma curtida. A prática do visualizar, que não adquire status de olhar ou sequer do ver, remete à estagnação do tempo presente, desamarra passado e futuro e alarga a sensação de angústia e desamparo por não conseguir promover o destino adequado dos afetos.

O verbo visualizar é relativamente recente, foi inserido no Dicionário de Oxford em 2015, junto com a palavra emoji (Jerusalinsky, 2017), sinalizando uma ampliação do léxico cuja atualização busca se alinhar aos avanços da linguagem tecnológica. A necessidade de um novo termo aponta para uma transformação na forma de funcionamento de um dos sentidos humanos, o visualizar significa passar o olho rapidamente neste “oceano repleto e saturado de imagens” (Gomes, Pedrosa Filho; Teixeira, 2021). Ele responde ao excesso e entra em dissincronia com a expectativa do usuário que posta sua imagem após um longo tempo dedicado à busca do melhor ângulo e das melhores estratégias de aperfeiçoamento.

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017), nomeia como imagens pornográficas aquelas que promovem o contato imediato entre a imagem e o olho, justamente por estarem abolidas de singularidade, narrativa e serem uniformizadas. O dedo acelerado que passa mecanicamente de uma postagem à outra está situado em uma sociedade positiva na qual o espaço para a negatividade, para o estranho, para o diferente é achatado. Existe um balizamento velado do funcionamento das redes sociais atrelado ao ideal proposto e inatingível. As publicações são dirigidas para uma audiência potencial e atravessada pelo que o adolescente imagina que o seu público deseja ver. Longe de ser um espaço de plena liberdade, é perpassado por diversas censuras que obedecem a regras ocultas de utilização (Del Prete; Pantoja, 2020).

A linguagem adotada nas plataformas tenta imitar o discurso cotidiano, utiliza-se de abreviação de palavras para reduzir o tempo digitando, representa em poucas letras frases frequentemente usadas, seja para revelar espanto (mds: Meu Deus), ou seguir uma tendência, POV (ponto de vista). O modo de funcionamento contribui para contrair o tempo, levando

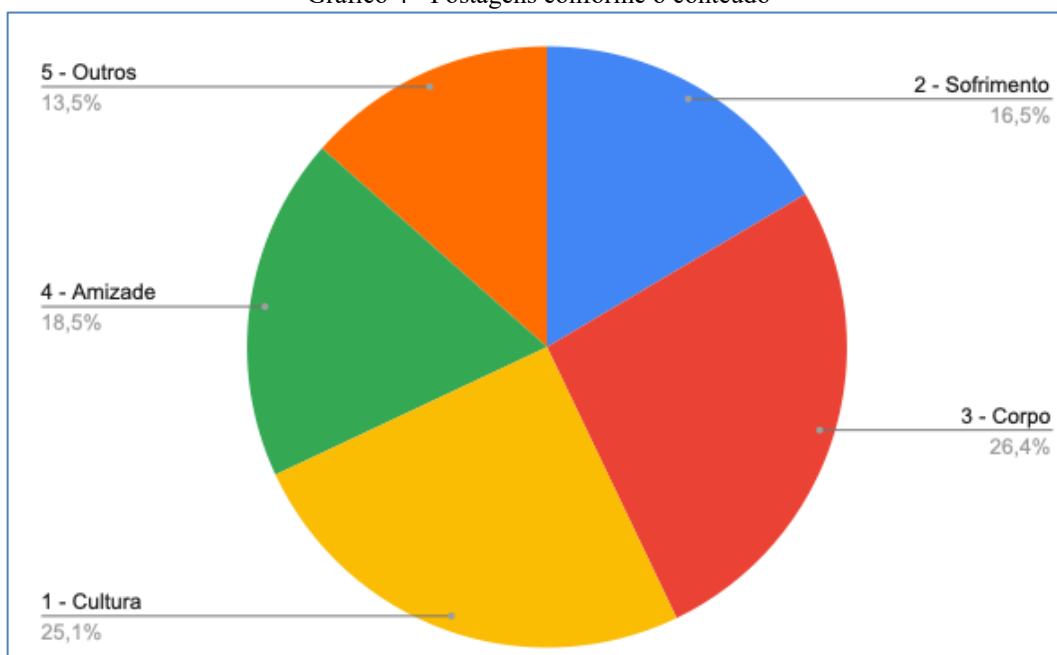
diretamente do instante de ver para o momento de concluir. Não há possibilidade de elaboração do conteúdo visualizado, tampouco a construção de uma narrativa em meio a postagens efêmeras e instantâneas. Diz o ditado que a imagem vale mais que mil palavras e assim suplanta a necessidade de usá-las?

Se na era do Facebook e até certo momento no Instagram, os usuários se dedicavam a expor uma página inicial ou um feed que retratasse cliques significativos sobre si e sobre sua história, agora os adolescentes se recusam a promover postagens que permaneçam, refutando serem congelados no tempo e no espaço, preferindo postagens voláteis e, nas raras vezes em que se arriscam a postar na página principal, não tarda muito para que a arquivem sob a justificativa de que se arrependeram: “Quando olhei de novo, me achei feia, insuficiente”, como explicou Eva. Aos poucos, os usuários das redes sociais vão migrando da função de ator e diretor do seu “próprio show de intimidades”, conforme proposto por Sibilia (2016), para consumidores de conteúdos, normalmente propagados pelos *influencers*, agora nomeados como “produtores de conteúdo”, a profissão mais desejada entre os adolescentes.

A quase totalidade da coleta de dados netnográfica centrou-se em publicações nos Stories, devido ao esvaziamento do feed e da posição reduzida a “consumidores de conteúdo” dos Reels. Classificamos as postagens às quais tivemos acesso¹² em cinco categorias, conforme o conteúdo: (1) Cultura; (2) Simbolização do sofrimento; (3) Corpo; (4) Amizade e (5) Outros. Aqui nos deteremos a esmiuçar as publicações visando analisar a maneira pela qual os adolescentes respondem à exigência de visibilidade nas redes sociais. Algumas postagens poderiam ser incluídas em mais de um tema, entretanto não nos detivemos a esse detalhe porque aqui nos interessa uma análise qualitativa daquilo que se repetiu e se mostrou mais relevante do que uma quantificação dos dados. De qualquer forma, segue-se na próxima página um gráfico da distribuição das postagens conforme o conteúdo.

¹² Destacamos “postagens que tivemos acesso” porque sabemos que os adolescentes empregam inúmeras estratégias para restringir o público que acessa as postagens consideradas mais íntimas, de tal forma que mesmo acompanhando rigorosamente o perfil dos participantes, inferimos que não tivemos acesso ao conteúdo em sua totalidade, mas apenas aquilo que eles quiseram nos mostrar.

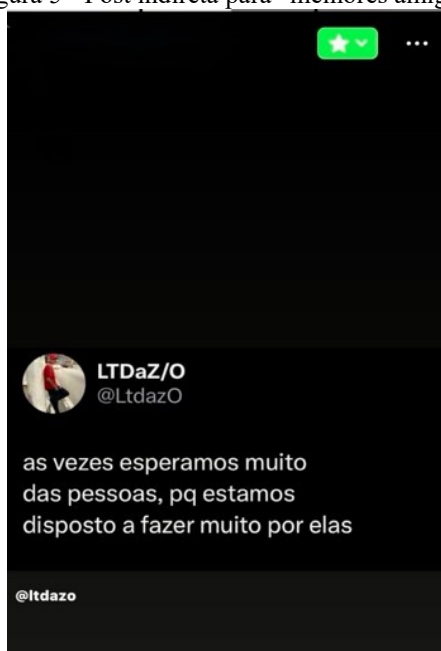
Gráfico 4 - Postagens conforme o conteúdo



Fonte: a autora (2025)

Torna-se pertinente destacar que alguns adolescentes incluíram o perfil da pesquisa em sua lista restrita de “melhores amigos”, possibilitando um acesso mais amplo ao conteúdo compartilhado. Observamos, contudo, que, em alguns momentos, restringiam esse acesso para, em seguida, restabelecê-lo, como foi o caso de Ana. Apesar de não ter tido acesso a lista de “melhores amigos” de todos os participantes, aquelas que foram liberadas foram suficientes para que constatássemos que os conteúdos mais relevantes são publicados exclusivamente para essa audiência reduzida. Nas conversações, os participantes nos relataram que as postagens ocultadas da ampla rede versam sobre imagens em que não se sentem atraentes, mas ainda assim gostariam de compartilhar, a conteúdos de cunho mais íntimo ou a mensagens direcionadas a alguém específico, como as conhecidas “indiretas”. Dessa forma, tais publicações são compartilhadas apenas com indivíduos de sua confiança, ou seja, com aqueles considerados VIPs. Além disso, essa lista restrita também é utilizada para veicular conteúdos que não seriam apropriados para o conhecimento de pais, familiares ou outros adultos. Na próxima página segue exemplo de uma indireta postada para os “melhores amigos” de Rafaela:

Figura 5 - Post indireta para “melhores amigos”



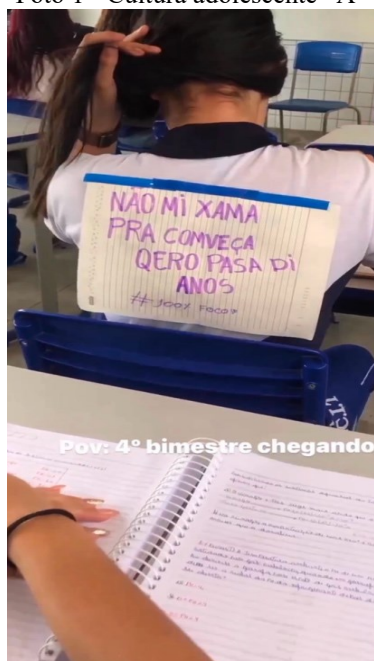
Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Isabelle ilustra esse fenômeno ao relatar que, para sua rede de contatos mais ampla, compartilha conteúdos como mensagens sobre a escola, paisagens e momentos ligados à sua vivência religiosa, apresentando-se de maneira condizente com as expectativas desse público, que a percebe como estudiosa e cristã. Em contrapartida, em sua lista restrita de “melhores amigos”, sente-se mais à vontade para compartilhar conteúdos que correspondem às suas preferências pessoais, como vídeos de dança e poses sensuais, esperando, como retorno, elogios masculinos que reforcem sua feminilidade e a coloquem no lugar de mulher desejada. Importa destacar que a possibilidade de que esses conteúdos ultrapassem os limites do público restrito e alcancem uma audiência mais ampla não é motivo de preocupação para Isabelle. Para ela, trata-se de um espaço íntimo de autoexpressão, onde ela pode se testar e encenar o papel de “mulher atraente e sedutora” e através da interação, mede o efeito a partir da devolução do outro. Neste movimento de dar-se a ver e ser vista pode se construir e se afirmar.

Através das postagens efêmeras, os participantes expõem suas atividades diárias revelando traços importantes da cultura juvenil que podem ser interpretadas a partir de três eixos: cultura adolescente, cultura sertaneja e cultura digital. Apesar dessas subcategorias não constarem na classificação, reagrupamos para melhor caracterização desse nicho. Compreendemos como cultura adolescente as postagens que versaram sobre o cotidiano escolar (registros nas atividades regulares do colégio, como sala de aula, intervalo, fotos

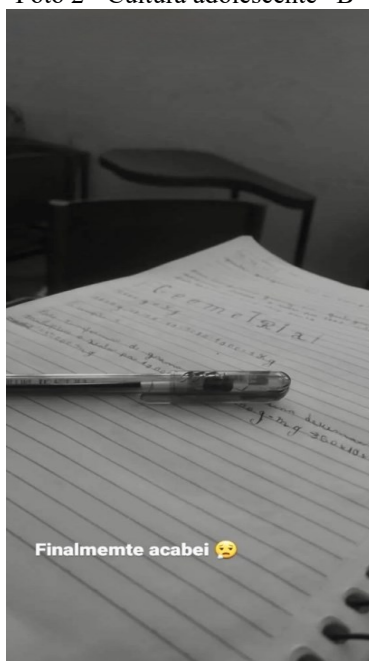
realizando tarefas de casa, trabalhos em grupo ou estudo para as provas, resultado de participação em olimpíadas de conhecimento, bem como frases e reflexões sobre a escola, por exemplo: “partiu 7º ano”, denunciando uma expectativa para avançar para a série seguinte), prática esportiva (fotos e vídeos jogando seus esportes preferidos, recebimento de medalhas por participação em competições, como também torcendo pelo time da escola), envolvimento em atividades religiosas (por ocasião de término do curso de crisma, participação em celebrações como missas, cultos, procissão, referência a uma santa, mensagens com conteúdo bíblico), trechos de música, diversas atividades de lazer, como idas a clubes, banhos de piscina, encontros nas praças, passeio ao shopping. Nesta esfera, ficou evidente não somente postagens autorais, ou seja, aquelas produzidas pelo usuário, mas muitas postagens são republicações de conteúdos consumidos em outros perfis e compartilhado no seu, normalmente por uma identificação ao tema. Apresentam-se, a seguir, alguns exemplos da cultura adolescente. Imagens que exponham os participantes da pesquisa serão evitadas; nos casos excepcionais em que sua utilização for necessária, serão aplicadas técnicas de anonimização, de modo a ocultar ou camuflar qualquer elemento que permita sua identificação, reduzindo ao máximo a evidência de autoria.

Foto 1 - Cultura adolescente “A”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 2 - Cultura adolescente “B”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 3 - Cultura adolescente “C”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Na primeira imagem, observa-se um conteúdo repostado de outro perfil, ou seja, a participante visualizou essa publicação e, por se identificar com a temática abordada, compartilhou-a em seu Story, acrescentando a legenda: “POV: 4º bimestre chegando”. A sigla

“POV” faz referência à perspectiva de Mariana naquele contexto, expressando seu pensamento ou sensação diante da situação retratada. Essa publicação exemplifica o uso do humor como estratégia discursiva nas redes sociais, neste caso, associando o receio de não alcançar a média necessária para aprovação à tentativa de focar nos estudos, afastando-se de conversas paralelas. Contudo, a maneira como a situação é apresentada sugere um tom irônico, indicando que tal postura se trata, predominantemente, de uma forma jocosa de expressar essa preocupação.

Na segunda imagem, Ana busca evidenciar seu empenho na conclusão de uma tarefa desafiadora. Dessa vez, em uma postagem mais autoral, compartilha a imagem de seu caderno. Embora sua corporeidade não esteja presente visualmente, visto que nenhuma parte de seu corpo aparece, a publicação representa um processo de virtualização da experiência de ser estudante.

Por fim, a última imagem foi compartilhada exclusivamente com a lista de “melhores amigos”, como indica o ícone de estrela branca sobre fundo verde, sinalizando um conteúdo restrito. Nessa publicação, Rafaela registra a correção de uma situação ocorrida durante os jogos escolares: inicialmente, ao conquistar o segundo lugar, deveria ter recebido a medalha de prata, mas, diante da indisponibilidade dessa premiação, foi-lhe entregue a medalha de bronze. Posteriormente, o professor de educação física corrigiu a questão, garantindo que sua conquista fosse devidamente reconhecida com a medalha correspondente.

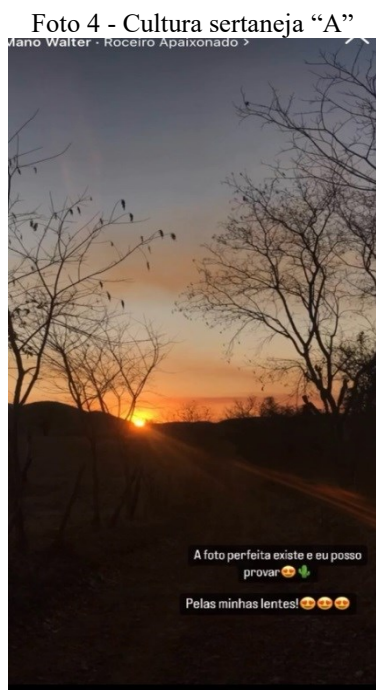
No contexto da cultura sertaneja, observa-se a recorrência de registros visuais da natureza, incluindo paisagens rurais, o céu, a lua e as estrelas. Há também uma quantidade relevante de postagens destacando o clima quente e as dificuldades de sobreviver neste contexto.

A maioria das postagens são engraçadas, abordando com humor os contratempos relacionados ao clima. Também encontramos queixa jocosa às estradas de terra atravessadas para chegar até a escola. Além disso, há uma forte presença de postagens relacionadas à vaquejada, abrangendo desde os trajes característicos — como botas, jeans e chapéus — até a prática esportiva em si e os eventos festivos que envolvem shows e música sertaneja. Na próxima página seguem alguns exemplos de como o tópico é abordado pelos participantes:

A foto 4 apresenta uma paisagem rural ao pôr do sol, retratando uma estrada de terra cercada por vegetação seca e árvores sem folhas, características de um ambiente castigado pelo clima quente. Além de representar o cenário sertanejo, a legenda destaca a qualidade estética da foto, reforçando seu valor como uma captura perfeita realizada pela própria usuária.

A Foto 5 consiste em uma repostagem de outro perfil, o que indica que as pessoas retratadas não pertencem ao círculo íntimo de Luísa, e que ela própria não está presente na imagem. A decisão de compartilhar esse conteúdo, no entanto, sugere identificação com a temática da vaquejada enquanto prática sociocultural, associada ao lazer, à convivência entre amigos e ao consumo de bebidas alcoólicas. A imagem também evidencia um estilo de vestuário típico desse universo, marcado pelo uso de jeans, botas e outros elementos vinculados ao cenário rural. Nesse contexto, ao marcar algumas amigas na publicação, Luísa parece estabelecer um gesto comunicativo que pode ser compreendido como um convite implícito para o evento, ou mesmo como forma de expressar pertencimento a esse grupo social.

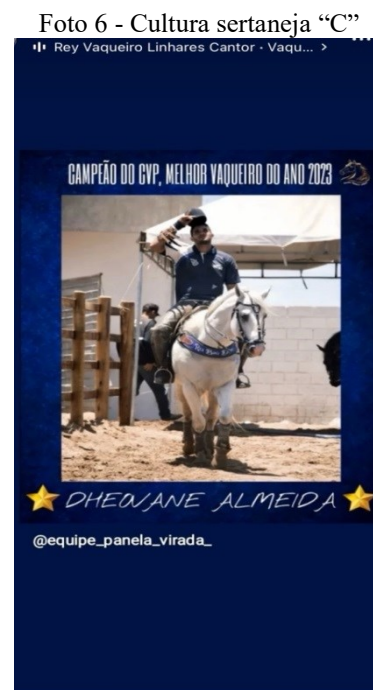
Importa ressaltar que o ato de repostar uma imagem não configura apenas a reprodução de um conteúdo alheio, mas pode representar uma forma de apropriação simbólica. O usuário, ao se reconhecer na imagem, projeta nela aspectos de sua identidade e de seus desejos. Ademais, a recorrência e a organização sequencial desses conteúdos em um perfil funcionam como marcas subjetivas, constituindo uma via relevante de acesso ao universo simbólico e às dinâmicas relacionais próprias de cada adolescente.



Fonte: acervo da pesquisa (2025)



Fonte: acervo da pesquisa (2025)



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 7 - Cultura sertaneja “D”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 8 - Cultura sertaneja “E”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 9 - Cultura sertaneja “F”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

A foto 6 também está relacionada à vaquejada, mas sob uma perspectiva esportiva, destacando o vencedor de um campeonato. Assim como na postagem anterior, trata-se de um conteúdo não autoral, extraído de outro perfil e compartilhado em seu story. Esse gesto configura sua forma de parabenizar o jovem vencedor, evidenciando sua conexão com o universo da vaquejada.

As fotos 7 e 8 retratam as condições climáticas e seus impactos na vida da população local. A foto 7 evidencia o estado precário das estradas de terra durante períodos chuvosos, ressaltando as dificuldades enfrentadas pelos “estudantes da roça” para atravessar a lama e chegar à instituição escolar. Já a foto 8 ilustra a intensidade do calor na região, destacando como o ambiente se torna insuportavelmente quente, a ponto de o ventilador, em vez de proporcionar alívio, amplificar a sensação térmica ao espalhar o ar quente, comparado metaforicamente a uma labareda.

Em contraposição às críticas humorísticas ao ambiente rural, a foto 9 revela o quanto a aproximação com a natureza tem um poder calmante e tranquilizadora. Durante uma das conversações com o grupo campestre, Eduardo se queixou da sensação de se sentir preso ao celular, devido ao enganchamento nas redes sociais, resultando em um agravamento da ansiedade. Luísa, preocupada com o colega, deu-lhe um conselho: desligue o celular e contemple a natureza. Como essa publicação revela, a sugestão de Luísa está alinhada com a sua estratégia para retomar o fôlego, encontrar-se consigo.

Outra dimensão relevante da cultura adolescente sertaneja diz respeito ao envolvimento em condutas de risco, especialmente por meio da realização de manobras perigosas com motocicletas e bicicletas motorizadas. Identificou-se a postagem de vídeos de eventos voltados à exibição dessas práticas arriscadas, nos quais são realizadas acrobacias de grande complexidade. Além disso, a repostagem de conteúdos semelhantes, produzidos por terceiros, indica a atribuição de valor e desejo em relação a essas atividades. Segue-se três representações da temática. A primeira postada por Rafaela (Foto 10), apontando a moto como meio de transporte na área rural e anunciando a aventura que estava prestes a viver através da legenda: “Preparados?”.

Foto 10 - Cultura sertaneja “G”



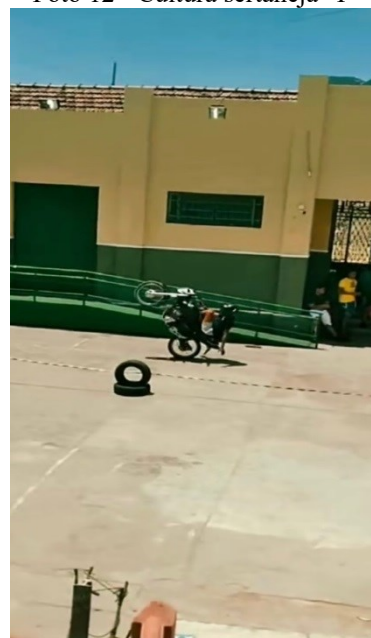
Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 11 - Cultura sertaneja “H”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 12 - Cultura sertaneja “I”

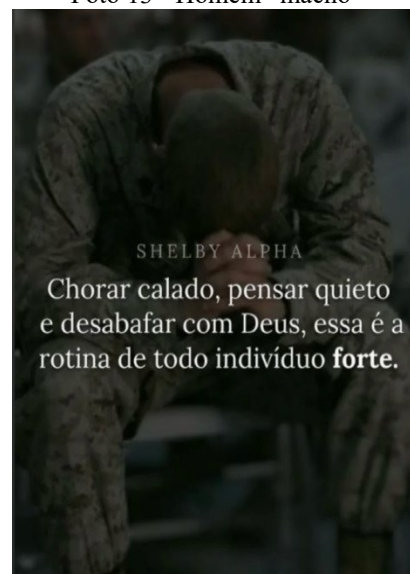


Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Um exemplo significativo dessa identificação é Manuela, participante do grupo Central 02, que se autodenominou “mochilinha” ao relatar sua experiência como passageira na garupa de um motociclista que executava manobras arriscadas. Nas redes sociais, Manuela compartilhava vídeos de casais em situações semelhantes, acompanhados de legendas que expressavam sua identificação com tais comportamentos. A segunda imagem revela justamente uma dessas postagens (Foto 11). De forma análoga, Neymar postava sobre esses eventos, conforme está retratado na última imagem, na qual ele estava compondo a plateia de um evento destinado a acrobacias motorizadas (Foto 12). Neste dia, Neymar fez vários vídeos com as performances exibidas pelos participantes do evento.

Ainda como traço característico da cultura sertaneja vivenciada pelos adolescentes, apontamos o estereótipo de homem “macho”, valente, proibido de chorar, devendo manter uma postura introspectiva. É o que revela a postagem feita por Luigi que retrata um militar fardado com uma roupa camuflada atrelado à ideia de homem forte e corajoso, entretanto a cabeça entre as mãos e a postura sinalizam um momento de fragilidade, sofrimento. A legenda frisa a necessidade de suplantar o choro para manter-se forte (Foto 13):

Foto 13 - Homem “macho”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Outra vertente abordada foi em relação a violência cotidiana, retratada tanto por imagens e vídeos de brigas entre estudantes no contexto escolar. De forma pontual, mas também representativa, Ana compartilhou um vídeo feito por ela mesma na calçada de sua residência de uma abordagem policial aos seus jovens vizinhos em busca de droga. A cena é narrada pela própria Ana que revela com naturalidade aquilo que assiste, sendo uma cena comum tanto a interferência da polícia como o consumo e comércio da droga naquele local. Esse vídeo foi compartilhado com Ana apenas para os “melhores amigos”. As imagens não serão aqui retratadas para preservar os indivíduos envolvidos.

No âmbito da cultura digital, incluem-se as postagens que respondem a desafios, através de provocações, como “Você em quatro versões”, bem como as populares interações nos Stories, tais como PPP, OPN e “Escolha entre dois”, que frequentemente desempenham a função de testar a própria valorização perante o outro. Além dessas dinâmicas, destacam-se as postagens de felicitações e homenagens por ocasião do aniversário de amigos ou familiares. Essa prática configura-se como a forma contemporânea de expressar parabéns, utilizando-se do espaço digital não apenas para celebrar a data, mas também para reafirmar vínculos de amizade, enaltecer qualidades e compartilhar impressões sobre o aniversariante, em uma espécie de testemunho público. Segue-se na próxima página postagens que versam sobre a resposta a caixinhas de perguntas, as brincadeiras nos stories e felicitações de aniversário.

Foto 14 - Resposta a desafios “A”



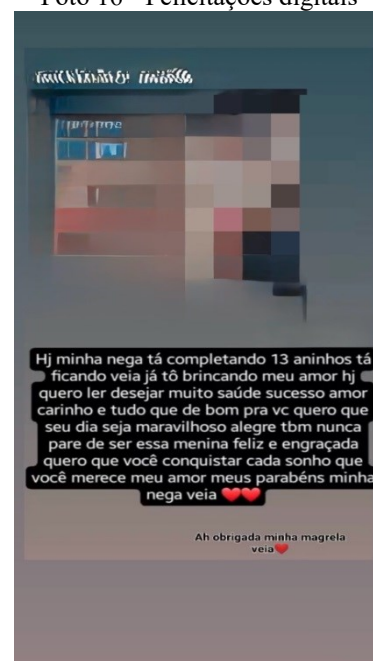
Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 15 - Resposta a desafios “B”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 16 - Felicitações digitais



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

As postagens que mais interessavam a presente pesquisa pois estão atreladas ao objetivo principal de compreender as expressões de sofrimento compartilhadas pelos adolescentes nas redes sociais foram agregadas no tópico “simbolização do sofrimento”. Inicialmente, essas postagens foram denominadas “performances de ruptura” porque, ao revelar o sofrimento, rompiam com aquilo que se espera que seja exposto nas redes sociais: beleza, poder, status, riqueza, alinhado com a “melhor versão” do indivíduo. Compreendíamos que expor o sofrimento estava na contramão dos conteúdos normalmente compartilhados. Entretanto, o acompanhamento do perfil dos participantes e sua análise nos sinalizou que expor as mazelas vivenciadas faz parte do momento adolescer repleto de incertezas, angústias, solidão, decepção, não se tratando, portanto, de um rompimento da lógica de publicações, mas um alinhamento da experiência adolescente exposto nas redes sociais. A partir dessa constatação e leitura do fenômeno, renomeamos aquilo que havíamos chamado de “performances de ruptura” para “simbolização do sofrimento” por compreender que se trata de uma maneira usar as possibilidades da virtualização justamente como “espaço psíquico ampliado” para circunscrever e contornar o sofrimento.

A terceira categoria de análise foi chamada “o corpo nas redes sociais”. Ao lado da cultura, representam as principais publicações dos adolescentes. Chamou-se a atenção de que, apesar de serem frequentes as exposições do corpo, ele raramente era retratado tal como é. As possibilidades de camuflagem e lapidação da imagem, através dos filtros, permitem que, ao se virtualizar, o usuário possa aprimorar a imagem de si. Conforme nos situa Bianca, nem todo

filtro promove beleza, mas todos eles são usados para suavizar aquilo que incomoda. Essa ideia foi resumida na frase trazida pela própria Bianca: “*Enquanto houver filtros, só serei feia pessoalmente. Paz!*”. A frase revela o efeito alcançado através dessa ferramenta de ocultar a feiura, melhorar a imagem e, dessa maneira, promover um alívio interior.

O corpo projetado na tela através do processo de virtualização, pode ser modificado para minimizar o mal-estar com a imagem. Como os adolescentes enfrentam problemáticas com a aparência cuja modificação está em curso, deixando-os passivos e reféns do corpo, nas redes sociais eles podem assumir o papel de agentes dessas alterações construindo para si uma melhor versão e camuflando os traços que incomodam. Essa ferramenta é altamente explorada em decorrência da fragilidade narcísica típica da adolescência. Em respeito à ética, visando resguardar a privacidade dos participantes, não será possível compartilhar aqui as selfies para demonstrar os usos que são feitos dessas ferramentas.

Na era do Facebook, a possibilidade de lapidação da imagem de si já encantava seus usuários. No entanto, com as novas ferramentas do Instagram, essa dinâmica foi intensificada, especialmente pelos filtros, que se tornaram facilmente acessíveis. A análise dos dados digitais coletados revelou que os filtros mais utilizados foram aqueles que modificam traços faciais, como nariz e orelhas com contornos de animais (vaca, cachorro), os que clareiam a pele, simulam maquiagem, suavizam feições (nariz, olhos) ou adicionam efeitos lúdicos, como brilhos e raios roxos.

O corpo, nesse contexto, torna-se o palco dos conflitos psíquicos, e os filtros funcionam como amenizadores dos desconfortos com a autoimagem, que permitem ao adolescente atenuar ou ocultar traços considerados indesejáveis. A virtualização do corpo nas redes sociais possibilita a experimentação de outras formas de existência, promovendo um certo distanciamento do corpo vivido como inquietante, desarmônico ou insuficiente. Ao recorrer às imagens filtradas, o adolescente engaja-se em uma prática de criação de si, na qual o corpo físico é, em alguma medida desvinculado, em favor de versões idealizadas ou fantasmáticas. Os filtros, ao oferecerem uma multiplicidade de possibilidades visuais, viabilizam processos de suavização, modificação e reinvenção de traços corporais, funcionando como ferramentas de construção identitária e de manejo do mal-estar que o corpo real pode suscitar.

O rosto, como lugar primordial das primeiras identificações, assume um papel central na adolescência, período em que a autoimagem tende a ser fonte de intenso questionamento. Essa perspectiva pode ser compreendida a partir do conceito do “estádio do espelho” formulado por Lacan (1949/1998), no qual o autor descreve como a criança, ao reconhecer

sua imagem no espelho, constitui um primeiro esboço de identidade baseada na percepção do próprio corpo. Nesse momento precisa do olhar de sua mãe que lhe nomeia a imagem projetada: “Olha só, esse é você Joãozinho”. No contexto das redes sociais, essa dinâmica é ressignificada: a mediação dos filtros pode atuar como uma tentativa de ajustar a imagem do eu à expectativa do olhar do outro. Isso se reflete na alta incidência de selfies modificadas ou em que o rosto aparece encoberto, seja pelas mãos, pelo próprio celular ou pelo ângulo da foto (por exemplo: quando aparece de costas). Alguns participantes relataram preocupação com o uso excessivo dos filtros, temendo o distanciamento entre a imagem virtual e seu eu físico. Outros, no entanto, expressaram uma dependência desses recursos, considerando inviável a exposição sem sua mediação. Essa questão foi motivo de risadas entre o grupo Campestre, uma vez que Luísa mostrou uma imagem em que havia usado um filtro que modificava “até sua alma”. Sua tia ridicularizou o resultado e ressaltou sua beleza natural. O comentário da tia ecoou no grupo e outros participantes o enfatizaram, destacando que Luísa não precisava dos filtros para parecer bonita, ela já era.

Esse episódio evidencia como a utilização de filtros, embora frequentemente envolva em humor e leveza, pode também revelar conflitos mais profundos relacionados à imagem de si. Ao buscar incessantemente a modificação do rosto — lugar privilegiado das primeiras identificações e da constituição da identidade — o sujeito adolescente se vê diante de uma versão idealizada que escapa às imperfeições do corpo real. O encantamento com essa imagem filtrada pode representar uma tentativa de atender às expectativas do olhar do outro, mas também configura uma forma de afastamento da própria corporeidade. À medida que essa identificação com o eu virtual se intensifica, emerge o risco de ruptura com o corpo vivido, instaurando uma dificuldade crescente em reconhecê-lo e aceitá-lo. Assim, os filtros não operam apenas como estratégia de aprimoramento da imagem, mas como mediadores psíquicos que tensionam a relação entre o corpo real e o corpo imaginado, influenciando diretamente os processos de subjetivação e as experiências de si na adolescência.

O recurso de clareamento da pele foi utilizado por participantes que, em suas falas, relataram vivências marcadas por questões raciais. Alana, integrante do grupo Campestre, demonstrava uma postura mais reservada durante as atividades, chegando, em diversas ocasiões, a se emocionar e chorar. Observou-se que temas como preconceito e bullying despertavam nela uma sensibilidade acentuada, sugerindo um impacto subjetivo significativo. Esse aspecto tornou-se ainda mais evidente quando Eduardo compartilhou seu sentimento de culpa por ter reproduzido atitudes preconceituosas em relação ao avô negro. Diante dessa

confissão, Alana e Valéria ficaram visivelmente afetadas, embora não tenham conseguido verbalizar o mal-estar provocado pelo relato do colega.

De maneira semelhante, Ana e Neymar, adolescentes negros, relataram os efeitos profundamente danosos das experiências de discriminação racial vividas. Neymar descreveu ter enfrentado um período particularmente difícil, marcado por conflitos familiares e ofensas recorrentes na escola em relação à sua cor de pele e ao seu peso. O impacto dessas agressões foi de tal magnitude que o levou a cogitar um ato extremo: durante o trajeto de volta para casa, pensou em se lançar, com sua bicicleta, em frente a uma carreta. O suicídio surgiu, nesse contexto, como uma alternativa para escapar do sofrimento psíquico insuportável.

Por sua vez, Ana, ao participar de uma atividade sobre bullying, mencionou que algumas vítimas de xingamentos frequentes chegam a tirar a própria vida. Seu posicionamento, aliado à presença de autolesões corporais e à forte identificação com uma jovem suicida retratada no vídeo exibido durante a atividade, sugere um risco aumentado de comportamento suicida. Suas manifestações indicam que sua subjetividade se encontra em um estado de vulnerabilidade, o que coloca sua existência em uma posição de fragilidade iminente.

O uso intenso de recursos de lapidação do corpo virtualizado, com o objetivo de aproximar-se de uma aparência idealizada, apresenta o risco de o adolescente desenvolver um encantamento pela imagem aprimorada de si, dificultando o retorno à materialidade de seu próprio corpo, marcado por suas imperfeições. Gozlan (2016) destaca que o deslumbramento diante das modificações pode levar o usuário das plataformas digitais a se perder nas múltiplas possibilidades de aprimoramento. Essa dinâmica tornou-se evidente durante uma falha no sistema do Instagram, que resultou na interrupção temporária do uso dos filtros, evidenciando a dependência desses recursos na virtualização de si.

Em maio de 2022, os filtros do Instagram ficaram inacessíveis por um curto tempo. Nesta inusitada circunstância, ao verificar o mal-estar das pessoas a respeito da supressão dos filtros, foi buscado no antigo Twitter, atual X, o que os usuários estavam publicando sobre a ausência do recurso e será destacado algumas postagens que apontam a dependência dos filtros e seus desdobramentos: (1) *“O Instagram não permite mais filtros nos stories. Que tipo de ditadura é essa que sou obrigada a me aceitar?”*; (2) *“Como assim o Instagram não vai ter mais filtro? Quer dizer que além de ser feia na vida real, eu vou ter que ser feia na internet também?”*; (3) *“Se o Instagram acabar com os filtros eu não tiro foto é nunca mais”*; (4) *“O Instagram ilude a gente de um jeito, né? Eu acreditando que tenho aquela cara*

bonita”; (5) “*Sem filtro eu não me garanto Instagram, pare com essa palhaçada*”; (6) “*Mano, o Instagram tirou os filtros, eu espero que isso seja um pesadelo*” (Lorena; Donard, 2023b).

Uma análise preliminar sobre as repercussões da ausência temporária dos filtros aponta para a dependência dos usuários em relação aos recursos de modificação e aprimoramento de imagem. O impedimento de usá-los e a ameaça de sua extinção revelou reações que vão desde o rechaço à própria aparência até uma sensação de estranhamento de si. Interessante que essa necessidade dos filtros veio à tona desde o primeiro momento das conversações. Vicaelly abriu a atividade se apresentando e, naturalmente, pontuou que só se considerava bonita com os efeitos do Instagram. Precisa dos recursos, caso contrário se enxerga feia e por isso usa emojis para esconder seu rosto. Através dos dados digitais coletados, verificamos que essa percepção não se restringe a Vicaelly, é um recurso compartilhado e freneticamente utilizado.

Mesmo entre os participantes que não utilizam filtros, há o desejo de encontrar um recurso capaz de aprimorar sua aparência. Esse foi o caso de Eduardo, apesar de já ter experimentado inúmeros filtros, nunca obteve um resultado satisfatório que o aproximasse da imagem desejada de si. Diante dessa frustração, evita tirar fotos de si mesmo e, consequentemente, expor-se nas redes sociais. Essa experiência não é isolada, visto que outros participantes também relataram evitar qualquer forma de compartilhamento de sua própria imagem devido ao desconforto com a aparência. Ainda que sejam usuários ativos das plataformas digitais, a insatisfação com a autoimagem se apresenta como um fator limitante para a exposição. Esse fenômeno nos conduz à reflexão sobre os impactos do uso de filtros na percepção de si e seus possíveis limites diante da insatisfação corporal. Para alguns adolescentes, o desconforto consigo não é atenuado a ponto de permitir uma exposição confortável no ambiente digital, sugerindo que tal insatisfação ultrapassa a esfera da aparência e envolve um descontentamento mais amplo.

Antonela, integrante do grupo Central 01, não realizou nenhuma postagem ao longo da pesquisa. Durante as conversações, revelou que, mesmo tendo publicado fotos em seu feed anteriormente, decidiu apagá-las no início do ano. Apesar de não ter conseguido explicar com precisão os motivos dessa escolha, demonstrou identificação com os comentários que surgiram após seu relato: insatisfação com a aparência após revisar as imagens publicadas e o receio da exposição de comentários negativos acessíveis a toda rede de contatos.

O momento em que Antonela decidiu excluir suas postagens se mostra significativo: sua entrada em um novo colégio, marcando o início do 6º ano. Conforme observado por uma professora, os alunos recém-chegados à instituição ainda se apresentam como crianças e, por

isso, enfrentam a exigência de um amadurecimento acelerado para se adaptarem ao novo ambiente. Pode-se inferir que as postagens anteriores de Antonela revelavam traços infantis que passaram a ser rejeitados, de modo que a exclusão dessas imagens possibilitaria a construção de uma nova identidade condizente com essa transição.

Além desse aspecto, a própria personalidade de Antonela é um fator relevante. Descrita como tímida e com dificuldades em se expressar nas conversações, sua postura reservada se manifestava tanto no ambiente digital quanto no presencial. No entanto, sua participação constante na pesquisa evidenciou uma observação atenta do contexto, sugerindo que sua inibição não significava ausência, mas sua forma particular de interação. Após a finalização das conversações, retornei ao colégio e sua tia fez questão de me agradecer a inclusão da sobrinha na pesquisa porque havia tido um importante efeito nos seus relacionamentos interpessoais tanto na escola como em casa. Ainda em outra circunstância, eu estava dirigindo e, ao ceder a vez a um carro estacionado para entrar na minha frente, fui surpreendida com Antonela no assento traseiro me acenando vigorosamente para que eu a reconhecesse e cumprimentasse.

Um fenômeno específico foi observado nas postagens de Silva e Mariana: a frequência de selfies com enquadramentos parciais do corpo, geralmente focando a região do tórax até a coxa. Esses recortes inusitados destacavam áreas altamente erotizadas – como seios, cintura, pelve e nádegas – evidenciando os caracteres sexuais secundários que emergem com intensidade durante a puberdade. As imagens não apenas registravam as transformações corporais próprias da adolescência, como também sinalizavam uma transição simbólica do corpo infantil para uma forma mais sexualmente marcada, socialmente lida como feminina.

Nesse período do desenvolvimento, o corpo torna-se um eixo central na constituição identitária, funcionando como espaço privilegiado de expressão e de busca por reconhecimento. A imagem corporal, sobretudo nas redes sociais, opera como linguagem visual para se comunicar com o outro, expondo tanto desejos quanto conflitos. Em contextos como esse, a exposição fragmentada do corpo pode ser compreendida como uma tentativa de elaborar simbolicamente as mudanças corporais, ao mesmo tempo em que revela zonas de incômodo e vulnerabilidade. No caso de Silva, observou-se que as postagens evitavam mostrar o rosto, o cabelo, o sorriso e os dentes – partes com as quais demonstrava insatisfação – enquanto enfatizavam regiões marcadas pela sexualidade. A repetição desse tipo de enquadramento, apresentado de diversas formas (fotografias em sequência, montagens sobrepostas ou vídeos curtos), sugere uma elaboração subjetiva frente às transformações corporais e aos afetos despertados por elas.

Em uma dessas postagens, Silva escreveu a legenda “Postei e saí correndo”, o que expressa, de forma implícita, a ambivalência entre o desejo de reconhecimento e o medo do julgamento pelos pares. Trata-se de uma oscilação comum na adolescência, em que a necessidade de pertencimento convive com a angústia diante da exposição. Em momento posterior, durante um dos encontros do grupo, quando cada participante foi convidado a escolher um nome fictício para ser utilizado na pesquisa, Silva perguntou se poderia optar por um nome masculino. Diante da resposta afirmativa, hesitou, rabiscou algumas possibilidades e, ao final, escolheu “Silva” – nome ambíguo, mais comum como sobrenome do que como prenome, e que não remete diretamente a um gênero específico. Tanto a pergunta quanto a escolha evidenciam um movimento subjetivo em curso, marcado por ambivalências e indícios de conflito quanto à identidade de gênero.

A adolescência é, segundo a psicanálise, um momento crítico de reorganização subjetiva, no qual a identidade sexual se consolida de forma mais estável. Freud (1905/1996) aponta que, até então, a criança se estrutura em uma posição de bissexualidade psíquica, e é somente na adolescência que se dá a “organização genital definitiva”, momento que pode gerar intensas angústias identitárias. Assim, o corpo em transformação, os recortes parciais das postagens e a escolha de um nome ambíguo tornam-se pistas importantes para compreender as vivências subjetivas que atravessam a experiência adolescente, revelando um campo simbólico denso e ainda em processo de elaboração.

Embora a categoria “simbolização do sofrimento” seja uma categoria específica, é importante reconhecer que expressões de sofrimento psíquico atravessam também outras categorias, como “o corpo nas redes sociais”. Em diversas postagens, observa-se que o mal-estar do adolescente com seu corpo em transformação se manifesta de maneira sutil ou explícita, revelando conflitos ligados à autoimagem, ao desejo de pertencimento e à constante comparação com corpos perfeitos e inatingíveis. Esses conteúdos não podem ser negligenciados, pois apontam para processos subjetivos em curso, nos quais o sofrimento é elaborado – ou, por vezes, encoberto. Assim, mesmo quando não nomeado diretamente, o sofrimento se inscreve nas imagens, nos gestos e nos silenciamentos, constituindo uma via importante de acesso ao universo emocional dos adolescentes.

A quarta categoria, “amizade”, foi incluída devido à alta frequência de postagens que evidenciavam os laços estabelecidos entre os adolescentes. Observou-se a recorrência de selfies com amigos em diversas ocasiões, assim como a ênfase nesses vínculos por meio de frases reflexivas em que um amigo marcava o outro na publicação. As amizades são majoritariamente construídas no ambiente escolar, e sua exposição ocorre nas redes sociais.

Durante as conversações, os participantes manifestaram desinteresse em estabelecer amizades exclusivamente digitais, ou seja, relações mantidas apenas por meio das redes sociais ou de jogos virtuais. Exceção a essa tendência foram Maria Alice e Luigi. A primeira relatou ter desenvolvido vínculos com adolescentes que compartilhavam seu interesse por animes, utilizando comunidades no YouTube como meio de interação. Já Luigi mencionou manter conversas íntimas com pessoas de diferentes localidades, nas quais discutiam dificuldades pessoais, e ele oferecia conselhos. Esse tipo de relação foi identificado pelos demais participantes como um possível risco digital, o que levou a alertas dirigidos a Luigi, além da reafirmação de que evitam esse tipo de contato.

A seguir, são apresentados alguns exemplos de postagens sob o tema amizade, excluindo aqueles que poderiam identificar os participantes. As marcações dos perfis também foram removidas com o propósito de preservar a identidade dos envolvidos.

A primeira imagem (Foto 17) retrata a troca de mensagem entre duas pessoas cujo conteúdo se complementa, como se ambas estivessem compartilhando a mesma promessa de cuidado e permanência apesar da distância. A postagem evidencia a construção de um vínculo de amizade que adquire contornos de uma “paixão fraterna”, conforme conceituado por Corso, D. e Corso, M. (2018). A relação é exaltada por meio de declarações e promessas de amor eterno, tornando-se um elemento central na vivência afetiva dos adolescentes.

Foto 17 - Amizade “A”



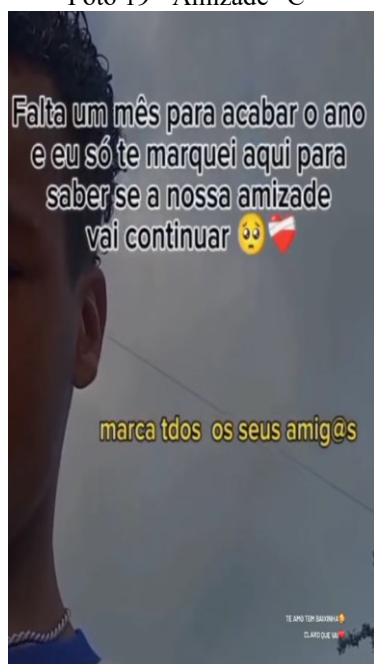
Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 18 - Amizade “B”



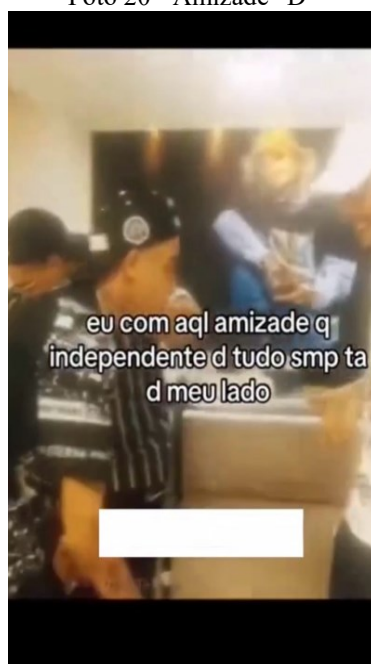
Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 19 - Amizade “C”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 20 - Amizade “D”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 21 - Amizade “E”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Diante do desencanto com os pais, a amizade é experienciada como um refúgio, uma alternativa para enfrentar a necessária e esperada separação da família. A promessa de eternidade, frequentemente presente nesses vínculos, pode ser compreendida como um efeito das perdas inerentes ao processo de adolecer. Perde-se o corpo infantil, a posição anteriormente ocupada no contexto familiar e, diante dessas transformações, a intensidade das relações amistosas oferece um sentido de permanência, funcionando como um amparo para minimizar as dores dessa transição.

As duas mãos unidas articuladas para formar um só coração, conforme ilustrado na segunda imagem, representa a colagem entre os amigos, como se a junção entre eles formasse um só coração. A identificação maciça aponta para o efeito de duplo, através do qual o outro torna-se uma extensão e parte de si. Em algumas circunstâncias, quando se trata de um grupo de amigos, ao invés de uma dupla, as identificações são compartilhadas entre os membros e se torna mais diluída e fluída. Entre os participantes identificamos alguns elos cujo funcionamento apontava para o efeito de duplo, principalmente entre Ana e Bárbara, Neymar e Hariel, Yasmim e Valéria. Enquanto Eva e Mariana eram muito amigas, mas faziam parte de um grupo mais amplo, diluindo o contato intenso com outras garotas. Através das postagens de Silva, sempre com outras garotas em diferentes contextos, foi possível inferir que ela também fazia parte de um grupo coeso. De forma semelhante, Aurora.

Através das postagens com marcações entre os amigos e seus desdobramentos em repostagens, conforme destaca a terceira imagem, foi possível deduzir alguns elos amistosos dos participantes. A lógica presente em uma provocação como esta é apontar sua rede de amigos e eles, uma vez tendo sido lembrados e marcados, também devem evidenciar, em seus stories, a confirmação do laço. Ser marcado e apenas curtir, sem repostar, revela a não correspondência do vínculo. Assim, repostar torna-se um ato de confirmação e validação. Na imagem aqui evidenciada, a convocação para apontar os amigos parte de uma fragilidade, um receio: será que o laço amistoso sobreviverá ao término do ano ou junto com o calendário que se tornará obsoleto, assim serão as amizades construídas nesse tempo? O fim do ano significa, para os estudantes colegiais, o fim de um ciclo, uma turma que se desfaz para que uma nova possa recomeçar. Devido à montanha-russa de emoções que enfrentam, é natural se sentirem inseguros e precisarem dessas demonstrações públicas de afeto.

Devido às intempéries próprias do adolecer, a permanência do laço com os amigos torna-se um fator de sobrevivência. Quanto mais as situações forem devastadoras, mais importante é o suporte encontrado nas amizades. As postagens revelam a intensificação dos vínculos nos momentos caóticos, como foi o caso de Ana e Bárbara. Ao serem flagradas beijando na escola, uma falta considerada gravíssima, ambas foram chamadas pela direção que entrou em contato com seus pais e foram suspensas. Os pais de Bárbara ameaçaram tirá-la da escola para que trabalhasse e ajudasse nas despesas de casa, afinal não estava mesmo aproveitando o tempo para se dedicar a aprender e “ser alguém na vida”. Mediante a ameaça, que ganhou contornos de um possível afastamento entre as duas, ocorreu uma enxurrada de postagens com juras de amor eterno, apesar das adversidades e prováveis distanciamentos. A quarta imagem revela justamente essa ideia: aquela amizade que permanece e independente de tudo está sempre ao seu lado.

Fazer parte de um grupo de amigos na adolescência, representa a expansão de experiências para além do cenário familiar e é resultado do afrouxamento identificador com os pais. Somente ao sair da “barra da saia da mãe” torna-se possível investir em outras relações. A gradual separação dos filhos com os pais é decorrente do desencanto pela percepção de que esses são falhos, impotentes. A decepção parental empurra o adolescente a se refugiar próximo daqueles que compartilham os mesmos desgostos e a mesma maneira de responder ao desapontamento. Nesta fase, as características que conectam os integrantes do grupo tornam-se uma segunda pele: gosto musical, estilo de se vestir, uma preferência por determinado esporte. Atualmente, é comum as vinculações a partir de rótulos sintomáticos: transtorno alimentar, comportamentos autolesivos, uso excessivo de álcool (Freda, 2015). Por

vezes, os adolescentes precisam “forçar a barra” para se encaixar nos moldes do grupo, assumindo posicionamentos incompatíveis com seu modo de ser e pensar, pois, ser aceito e fazer parte do agrupamento é condição de existência. As amizades ganham contornos de um vínculo familiar. Antes, inclusive, eram comuns os “pactos de sangue”, quando se furava as pontas do dedo para selar um elo através da substância vital. Na última imagem aqui retratada, o vínculo de “melhores amigas” é interpretado pelo coração com contornos de irmandade: “A vida diz que você é minha melhor amiga, mas meu coração diz que você é minha irmã”.

Nesse contexto, a categoria "amizade" revela não apenas os modos de vinculação próprios da adolescência, mas também as mazelas inerentes a esse período do desenvolvimento. Os laços amistosos configuram-se, simultaneamente, como uma nova forma de pertencimento e identificação, além de funcionarem como refúgio diante dos conflitos psíquicos característicos do adolecer. No entanto, esses vínculos também se constituem como potenciais fontes de sofrimento, dada a frequência com que surgem decepções, conflitos e rupturas que comprometem a estabilidade das relações. Foram recorrentes, nas conversações e nas postagens, expressões de tristeza e frustração associadas à confiança depositada em alguém que, posteriormente, demonstrou não ser merecedor desse investimento afetivo. O rompimento desses laços provoca um sofrimento particularmente intenso, uma vez que, na adolescência, as amizades podem assumir uma dimensão simbólica tão significativa que o outro é vivenciado como um duplo de si. Assim, quando o vínculo se desfaz, é como se uma parte do próprio sujeito também se perdesse.

A importância conferida ao “grupinho de amigos” ficou evidente no vídeo feito por Aurora, no qual a adolescente compôs uma montagem com imagens de personagens de desenhos animados acompanhados de seus respectivos grupos, como Mônica e seus amigos da Turma da Mônica, Scooby-Doo com sua equipe e Robin com outros super-heróis. Em seguida, Aurora insere fotos suas com colegas da escola, sugerindo, de maneira criativa e afetiva, uma equivalência simbólica entre esses personagens e seu próprio grupo de pertencimento. A escolha narrativa evidencia a centralidade do laço com os pares na construção da identidade adolescente, bem como o valor atribuído à sensação de estar inserido em um coletivo. A montagem realizada por Aurora ilustra como, para o adolescente, fazer parte de um grupo vai além de uma simples convivência social — trata-se de uma forma de nomear e afirmar um lugar no mundo. Nas redes sociais, esse gesto ganha ainda maior potência, pois não apenas representa o vínculo, como também o performa publicamente, conferindo-lhe visibilidade e reconhecimento. Assim, o “grupinho” torna-se,

simultaneamente, continente afetivo e espelho identitário, ocupando uma função estruturante na travessia adolescente.

Foto 22 - Mônica tem seu grupinho



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 23 - Scooby tem seu grupinho



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 24 - Robin tem seu grupinho



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 25 - Meu grupinho



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Inúmeras postagens versavam sobre conteúdos diversos, não se encaixando nas categorias analisadas acima. Sendo assim, elas foram reunidas na categoria “Outros”, incluindo postagens de pensamentos aleatórios, alguns memes, conteúdo humorístico sobre algum tema que estivesse em alta, fotos de comida, ocasionalmente em viagem. As postagens

com a família, apesar de relevantes, foram escassas, postadas principalmente pelos participantes mais novos, como Aurora, Eduardo, Maria Luiza e dessa forma foram incorporadas nessa categoria. Conteúdos de cunho social, fotos de comida estiveram presentes e foram aqui incluídos. Segue-se alguns exemplos:

Foto 26 - Categoria Outros – “A”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 27 - Categoria Outros – “B”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 28 - Categoria Outros – “C”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Mediante as categorias aqui expostas e analisadas, concluímos que a exigência da visibilidade imposta pela lógica escópica e amplificada pelas redes sociais, é respondida pelos adolescentes através da virtualização do seu corpo, das suas relações interpessoais, do seu sofrimento que inclui questões do adolecer, mas também vivências singulares (perda de uma pessoa querida, o fracasso em um jogo, um desentendimento, não alcançar o resultado esperado), aspectos do cotidiano representados pela cultura que estão inseridos.

A dinâmica da virtualização nas redes sociais oferece aos adolescentes uma superfície na qual podem se ver e serem vistos. Esse processo, no entanto, depende da alteridade, ou seja, do olhar do outro que responde, interage, aprova ou critica. O percurso adolescente exige o deslocamento do investimento narcísico para a relação com o outro, marcando uma mudança fundamental na direção pulsional: a pulsão autoerótica se desloca em direção a novos objetos. Quando essa transição não se efetiva, o sujeito permanece fixado na própria imagem e, ao recusar a alteridade, compromete a constituição de sua subjetividade. Esse dilema encontra eco no mito de Narciso, que, fascinado pelo próprio reflexo — inicialmente

percebido como uma alteridade—, lança-se ao rio na tentativa de abraçá-lo e, nesse movimento, encontra sua ruína.

A aposta narcísica colocada na tela através das redes sociais adquire uma função para além do si mesmo. Trata-se do imperativo de se colocar em relação com o outro virtualizado, dotado do olhar e da voz para reconhecer e validar o sujeito adolescente. Segundo Gozlan (2016, p. 149): “Se o adolescente se embala na ilusão de sua grandeza, é porque ele é carregado por todos os outros virtualizados que se formam em um todo, o Outro virtual. Essa é a base narcísica de se mostrar no Facebook”¹³.

Seguindo com as ideias propostas pela autora, a compreensão da tela como espelho adquire seu pleno significado a partir justamente da sua dimensão alteritária: o outro da rede social não está simplesmente “atrás da tela”, está diante de si, cumprindo a função de responder suas demandas. Mas o que pensar dos adolescentes que são usuários ativos das redes sociais e evitam postar sobre si?

Apesar da expressiva quantidade de postagens catalogadas nesta pesquisa, chamou-nos atenção justamente a ausência de publicações por parte de vários participantes. Embora seja possível que alguns tenham optado por não conceder acesso às suas postagens, o tema do apagamento de fotos e da não publicação emergiu com frequência nas conversações. Muitos relataram limitar-se ao papel de “consumidores de conteúdo”, ou seja, usuários que apenas observam o que os outros expõem. As justificativas para essa postura convergiram em três direções principais: (1) a insatisfação com a própria imagem, não conseguindo aprimorá-la nem mesmo por meio dos filtros; (2) o receio de receber feedbacks depreciativos; e (3) a necessidade de preservar a intimidade.

A dinâmica das redes sociais, estruturada na lógica da alteridade, permite uma aproximação com o espelho mágico da madrasta em “Branca de Neve”, que incessantemente o interpela com a pergunta: “Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?”. A resposta inesperada do espelho, apontando para a princesa como a mais bela do reino, desencadeia uma crise na identidade da rainha. Da mesma forma, a interação nas redes sociais expõe o sujeito ao olhar do outro, que pode confirmar ou questionar a imagem idealizada de si. Assim, seria o receio de uma resposta indesejada, tal como a da madrasta, que tem levado alguns adolescentes a evitarem a exposição digital? Ao considerar o peso atribuído ao julgamento do outro nesse espaço de visibilidade, compreende-se o temor de que a

¹³ Tradução livre do trecho: “En effet, si l’adolescent se berce de l’illusion de sa grandeur, c’est qu’il est porté par l’ensemble des autres virtualisés qui forment un tout, un Autre virtuel. Ceci fonde l’intérêt narcissique de se montrer sur Facebook”.

autoimagem cuidadosamente construída não encontre a validação esperada, tornando-se motivo de insegurança e retraimento.

O excesso de postagens não autorais, aqui denominadas “repostagens”, evidencia uma outra dimensão da alteridade presente nas redes sociais: o “teatro de identificações”. Ao navegar pela plataforma e consumir os conteúdos compartilhados, o usuário é impactado pelo que visualiza, experienciando um processo de “identificação transferencial” (Assoun, 2006). As publicações repercutem subjetivamente por meio de um “efeito de ressonância”, no qual o indivíduo se reconhece nas reflexões elaboradas pelos outros.

Nesse movimento, o adolescente encontra na experiência do outro um meio de atenuar sua própria solidão, sentindo-se cercado por pares que expõem suas vivências difíceis e suas dores. A constatação de que o sofrimento não é exclusivo, mas compartilhado, pode gerar um efeito de alívio. Gozlan (2016), ao teorizar sobre esse fenômeno, sugere que, ao se identificar com o relato de outra pessoa, o adolescente pode vivenciar uma forma de purificação dos afetos, permitindo um processamento psíquico mais elaborado das próprias angústias. Esse tema será abordado com maior aprofundamento no próximo capítulo, mas cabe aqui anunciá-lo.

Ainda de acordo com as proposições da autora francesa Gozlan (2016), o feedback recebido pelos usuários ao postarem nas redes sociais configura um coro composto por múltiplas vozes: “Linda!”, “Maravilhosa!”, além de comentários expressos por meio de emojis, como palmas, corações e rostos apaixonados. Esse retorno é fundamental para a construção da autoestima, em obras no momento puberal. A interatividade proporcionada pela plataforma atua, assim, como um “holding psíquico” para o adolescente, que constrói sua existência a partir do contato contínuo e frenético com os pares.

Ao teorizar sobre essa dinâmica, Gozlan analisou as interações promovidas no Facebook, destacando o papel desse espaço na sustentação subjetiva dos adolescentes. No entanto, os dados digitais desta pesquisa apontam para um fenômeno distinto: a crescente redução de postagens no feed, a preferência pelos stories — que oferecem maior discrição ao restringirem as reações a retornos privados — e um número expressivo de usuários que sequer se revelam na plataforma. Diante desse cenário, surge o questionamento: na transição do “livro das faces” para a “promoção do instante”, sustentada agora pelo mero ato de visualizar, o que antes funcionava como um dispositivo de contenção e proteção teria perdido sua função essencial? Teria esse deslocamento levado os usuários a se ausentarem desses espaços ou a optarem por interações privadas como estratégia para evitar a exposição de uma possível depreciação da própria imagem?

4.4 As duas faces complementares da virtualescência

A autora Angélique Gozlan (2016) propôs o termo virtualescência para marcar a indelével relação entre a adolescência e o virtual, porém considerou que esta vinculação pode adquirir tanto contornos subjetivantes como dessubjetivantes. No primeiro polo, chamado de virtualescência positiva, o uso adequado do ciberespaço é capaz de auxiliar na produção de sentido da existência, permitir uma elaboração dos conflitos pubertários, bem como regular as dinâmicas pulsionais que entram em efervescência. Ao aderir ao processo de intimidade compartilhada com os pares, o adolescente pode encontrar nas redes sociais uma forma de expressão midiaticizada de seus afetos e das suas representações, apoiado nos processos de se mostrar, dar-se a ver e de ser visto. Ao publicizar aspectos da sua vida e da sua imagem, o adolescente faz um apelo ao olhar do outro demandando um reconhecimento.

Ao estudar esses processos especificamente na rede social Facebook, Gozlan (2016) compreendeu que a plataforma funcionava como uma memória externa, capaz de guardar as passagens da existência em momentos que ficavam ali registrados, permitindo um movimento de ida e volta entre o atual e a realidade psíquica. No Facebook, é possível tecer uma existência através das imagens, tomando distância da morte física e da materialidade do corpo cujos descompassos, típicos dessa idade, causam certo mal-estar. A permanência das imagens no perfil do usuário é capaz de promover uma sensação de continuidade psíquica e corporal em meio ao turbilhão descontínuo e incerto da adolescência. Ao promover o espaço digital para uma historicização e uma narração de si, a rede social pode atestar as transformações que estão em curso.

A análise dos dados netnográficos, articulada às interações observadas, revelou modificações nas formas de utilização das redes sociais pelos adolescentes na contemporaneidade. A insegurança quanto à exposição nas plataformas, motivada pelo receio de feedbacks públicos potencialmente prejudiciais, tem levado os usuários a preferirem formas de publicação mais efêmeras e interações em espaços privados. Ainda que a busca por visibilidade permaneça, conforme analisado anteriormente, os adolescentes adotam estratégias diversificadas para se protegerem: priorizam postagens em stories, utilizam listas de distribuição restritas, desativam contas para se afastarem de usuários considerados “tóxicos” e concentram suas interações nas plataformas com pessoas que já convivem presencialmente. Dessa forma, amizades construídas em contextos offline encontram expressão e continuidade no ambiente digital.

O esvaziamento do feed tem gerado impactos significativos na plataforma, a ponto de o Instagram, na forma como é utilizado pelos adolescentes investigados, não desempenhar a função de memória externa — um álbum digital que narrava e atestava o percurso e as transformações da puberdade, tal como descrito por Gozlan (2016) sobre o uso dos adolescentes do Facebook. O processo de metamorfose, frequentemente vivenciado com desconforto, tende a ser ocultado pelos usuários, que evitam comentários sobre seu crescimento por temerem a exposição da imagem infantil que um dia representaram. A prevalência das postagens efêmeras nos stories, que desaparecem automaticamente, dificulta a construção de uma narrativa coesa sobre si e a historicização das experiências vividas. No entanto, o potencial interativo da plataforma é preservado, garantindo a continuidade da participação dos adolescentes nas redes sociais.

Segundo Gozlan (2016), a intimidade compartilhada busca não somente o olhar, mas adeptos, identificação e validação, possibilitadas através da interatividade com os demais usuários. Os comentários adquirem uma forma de expressão próxima à língua falada como se fosse construído justamente um diálogo. Neste sentido, a autora compreende que existe um desafio para exercer uma escrita vivaz e autêntica no seu perfil e aponta três funções da apresentação de si nas redes sociais: (1) servir de suporte para os conflitos pubertários que estão em ebulição dentro de si, afinal as postagens expõem os dramas atravessados nesta fase, como os desencontros amorosos, os conflitos familiares e entre os pares; (2) utilização da rede social como espaço psíquico ampliado, através do qual o próprio adolescente pode se ver com algum distanciamento; (3) servir como inscrição no lugar social de vivência com os pares, em uma demanda de pertencimento e reconhecimento nos grupos. Em resumo, contar de si através das imagens compartilhadas é uma via para dar sentido às experiências dessa fase de vida.

A escrita vivaz se constrói a partir da articulação entre o íntimo e a alteridade, ou seja, o compartilhamento das vivências pessoais só se completa quando é visto e validado pelo outro, neste caso, pelos usuários que interagem entre si. A utilização das redes sociais e a exposição na plataforma oferecem suporte aos remanejamentos identitários, pois, por meio da imagem publicada, o adolescente pode tanto se enxergar com certo distanciamento e sob a proteção da tela quanto ser visto pelos outros, que são convocados a oferecer um retorno sobre o que percebem. Dessa forma, a interação nas redes sociais pode funcionar como um reforço narcísico, uma vez que o púbere busca a aprovação dos pares, relegando a validação familiar a um segundo plano. Nesse contexto, o feedback digital é descrito por Gozlan (2016) como um “holding psíquico”, fornecendo contenção e contorno à subjetividade em formação.

O adolescente necessita do apoio do grupo para construir um sentido de pertencimento e continuidade da existência. Como discutido anteriormente, os laços de amizade são fundamentais para que ele não sucumba ao caos característico desse período. A cada dificuldade enfrentada, o vínculo amistoso emerge como um vetor de sustentação e sobrevivência. A garantia do amor entre os pares exerce um efeito apaziguador diante das turbulências da adolescência e favorece um progresso criativo.

Entretanto, apesar de lançarem suas postagens para uma ampla rede de contatos, os adolescentes percebem que sua audiência, em grande parte, apenas consome os conteúdos de forma rápida e sem maior elaboração. Estabelece-se, assim, uma dinâmica em que todos se mostram, mas poucos são verdadeiramente vistos — exceto pelos amigos mais próximos. Nesse sentido, Han (2023, p. 17) denuncia que a expansão e efemeridade das imagens compartilhadas nas redes sociais reduziram a narratividade, promovendo um modo de visualização superficial. Em suas palavras, “o olhar longo, lento e demorado se perdeu”, sendo substituído pela mera informação e deslocando a atenção para a curiosidade. Ainda que as imagens divulgadas não sejam capazes de capturar a profundidade e a complexidade da experiência vivida, os adolescentes continuam a consumir, de forma intensa, conteúdos sobre a vida alheia, sejam de conhecidos ou de celebridades. Teriam, então, compreendido a lacuna inerente à espetacularização diante de uma grande plateia, a ponto de agora direcionarem suas postagens, por meio da lista de “melhores amigos”, apenas àqueles a quem realmente desejam alcançar?

Esse movimento revela que o valor atribuído ao conteúdo publicado depende essencialmente do feedback recebido, que pode ou não atender às demandas de reconhecimento dos adolescentes. No entanto, como destaca Dunker (2017), a rede social digital gera um valor agregado extremamente baixo, pois essa busca incessante por validação nunca é plenamente correspondida, resultando, invariavelmente, em uma sensação de vazio. As interações mediadas pelas plataformas são marcadas por trocas superficiais, incapazes de oferecer a profundidade esperada. Han (2023, p. 49) reforça essa ideia ao apontar que as postagens nos stories carecem de duração narrativa, sendo apenas “meras sequências de fotos que não narram nada. Na realidade, eles não passam de informações visuais que desaparecem rapidamente. Nada permanece.” Assim, a fugacidade do conteúdo compartilhado nos stories revela-se insuficiente para satisfazer a demanda dos adolescentes por visibilidade e reconhecimento, tornando-se, paradoxalmente, um espaço de intensa exposição e, ao mesmo tempo, de frustração.

Neste mesmo sentido, Gurski e Pereira (2012) recorrem às reflexões de Walter Benjamin para destacar a distinção entre experiência (*Erfahrung*) e vivência (*Erlebnis*). A experiência se constitui a partir da capacidade do indivíduo de assimilar uma determinada circunstância, decantar o vivido e transmiti-lo por meio da narrativa, compartilhando ensinamentos e lições de vida. Já a vivência, por outro lado, refere-se a momentos fragmentados que, devido à pressa imposta pelo ritmo industrial, não se sedimentam como experiência, tornando o sujeito refratário à elaboração e à transmissão de sentidos. A diferença central entre ambas reside na possibilidade de nomeação: enquanto a experiência demanda um outro que escuta e se afeta pelo discurso, a vivência permanece silenciada, pois não se traduz em palavras, impedindo a construção de uma narrativa sobre si. Nesse contexto, a impossibilidade de narrar resulta, segundo os autores, em uma sensação profunda de desamparo.

Diante desse cenário, como podemos compreender a realidade contemporânea, amplamente atravessada pelo digital? Se antes a experiência era transmitida pela palavra e pelo discurso, permitindo a elaboração e a transmissão de sentidos, hoje os indivíduos constroem sua apresentação de si majoritariamente por meio de imagens, reduzindo a dimensão simbólica e ampliando a predominância do imaginário. O que antes se configurava como experiência, capaz de ser narrada e partilhada, converte-se em vivência instantânea, registrada e exibida, mas sem um fio condutor que a organize. A fragmentação dos registros e a efemeridade das interações levantam um questionamento crucial: teríamos ultrapassado a dualidade entre experiência e vivência, adentrando um novo regime de existência digital? Como nomear este presente marcado por uma comunicação predominantemente visual, onde a palavra cede espaço ao espetáculo da imagem e à volatilidade das interações?

Nesse contexto, os adolescentes encontram-se profundamente engajados na virtualização de si, de tal modo que interpretam a mediação promovida pela tela como uma forma de proteção. Dois aspectos observados na pesquisa evidenciam esse efeito de defesa proporcionado pelo digital: (1) a preferência por conversas via direct do Instagram em detrimento do diálogo face a face, sobretudo quando o conteúdo é delicado. Muitos participantes relataram recorrer a essa modalidade de interação em momentos de insegurança quanto ao que seria dito. A possibilidade de escrever, reler, refletir, apagar, adiar a resposta ou até mesmo evadir-se foi apontada como estratégia para evitar a exposição e a imprevisibilidade de uma conversa presencial. O direct torna-se uma nova forma de socialização entre os adolescentes; (2) a adesão a brincadeiras anônimas nos stories, utilizadas como um recurso para expressar o que dificilmente seria dito com autoria. Para os usuários

que recebiam essas mensagens, havia a expectativa de acessar percepções sinceras sobre si mesmos. No entanto, a experiência revelou-se amplamente insatisfatória, pois as mensagens não promoviam uma comunicação significativa; pelo contrário, tornaram-se um espaço propício para xingamentos e acusações, gerando mal-estar e desconforto.

Esses elementos demonstram como a tela pode operar de maneira ambivalente: ao mesmo tempo em que oferece uma barreira protetora contra a exposição direta e a imprevisibilidade do contato presencial, pode também se converter em um canal de hostilidade e violência simbólica. A forma como essa proteção é experimentada e as consequências que dela decorrem variam de acordo com o contexto e a dinâmica estabelecida entre os usuários, revelando que a virtualização das interações não apenas transforma a forma como os adolescentes se expressam, mas também impacta diretamente sua experiência subjetiva e suas relações interpessoais.

Angélique Gozlan resgata a teoria freudiana a respeito do narcisismo, especificamente a construção do sentimento de autoestima para propor sua hipótese de que o Facebook participa da construção do Ideal do Eu. Como esta ideia é importante no presente trabalho, esmiuçaremos o que foi proposto pela autora em interlocução com a teoria psicanalítica. Segundo Freud (1914), em seu célebre texto “Para introduzir o narcisismo”, a autoestima é construída ao longo da vida, tendo início ainda na primeira infância e caminha lado a lado com a construção da noção de si. No primeiro tempo desse processo o bebê está alienado à imagem que a mãe lhe nomeia, sendo ele próprio o eu ideal: completo, suficiente. O bebê é tudo para quem lhe cuida, mas essa relação completa não se sustenta por muito tempo. No momento seguinte, ocorre a entrada de um terceiro que provoca um buraco, uma fratura na relação imaginária dual entre a díade mãe-bebê, pois o infante já não ocupa esse lugar de ser tudo para a mãe, tampouco se sustenta colado ao ideal. Freud nomeia o narcisismo secundário por esse rompimento do eu ideal e ascensão do ideal do eu, quando o sujeito passará a buscar incessantemente viver novamente esse momento anterior de completude para o Outro. Somente na adolescência, ocorre o terceiro tempo dessa operação quando o púbere buscará formas de dar-se a ver ao Outro da cultura, buscando ser reconhecido pelos pares e por quem está ao seu entorno como um novo sujeito. Acompanhamos a hipótese levantada por Gozlan (2016) de que um uso benéfico das redes sociais propicia o processo de remanejamento narcísico sendo o local privilegiado para manifestação do dar-se a ver para validação do sentimento de autoestima e criação de si. Entretanto, o uso benéfico e suas consequências construtivas não são garantidas. Inclusive verificamos que o conteúdo consumido nas redes

sociais apresenta entraves no processo de construção de si e efeitos danosos na autoestima das participantes.

A interação online entre usuários nas plataformas, quando marcada por feedback positivo, pode promover uma construção valorizada de si. A validação recebida, expressa por meio de curtidas, aplausos e engajamento, incentiva no adolescente o alinhamento com um Ideal do Eu — uma busca narcísica por uma versão de si mesmo alinhada às expectativas dos outros. Esse processo reforça o desejo de continuar recebendo aprovação, nutrindo um sentimento de reconhecimento e aceitação.

Freud esclarece que o caminho do narcisismo primário em direção ao Ideal do Eu implica o afastamento do Eu-Ideal, porém engendra uma aspiração para recuperar o narcisismo outrora perdido. Nas palavras de Freud (1914, p. 117):

O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização deste ideal.

Na era digital contemporânea, as redes sociais desempenham um papel central na formação do Ideal do Eu entre adolescentes, funcionando como agentes de construção desse ideal e sendo também o espaço privilegiado de exibição de um “eu virtual” aprimorado que busca atender ao padrão estabelecido. Conforme proposto por Freud, atender à expectativa e à realização desse ideal favorece o sentimento de autoestima. Entretanto, o ideal proposto está cada vez mais inacessível, tornando-se fonte de sofrimento justamente pela impossibilidade de correspondê-lo.

Diante dessa frustração, o adolescente não apenas enfrenta a pressão de se adequar a um modelo inalcançável, mas também lida com as transformações do próprio corpo, ainda em processo de modificação e distante de uma imagem plenamente integrada. Nesse contexto de vulnerabilidade, o corpo, enquanto materialidade de si, é atacado quando o adolescente se encontra em um momento de fragilidade. Jeammet e Corcos (2005) apontam que todo golpe à identidade convoca uma tradução corporal cuja expressão ganha contornos através de picos de ansiedade, crises hipocondríacas, angústia de fragmentação e até momentos de despersonalização. A relação do adolescente com o corpo é frágil, porque neste momento o corpo é tanto o que lhe representa no mundo, o que tem de mais íntimo, mas ele também se sente estrangeiro nesta constituição física em obras. Conforme o ciclo do eu adolescente proposto por Gozlan e detalhado anteriormente, fica evidente que a relação entre o eu-físico e

o eu-virtual, construído ativamente pelo adolescente em suas atividades online, se retroalimentam. Qualquer ataque a uma das duas facetas do eu ressoará na outra. Uma ofensa através de comentários, um uso inadequado de sua imagem divulgada nas redes ou até mesmo mensagens recebidas podem ressoar com efeitos destrutivos para os adolescentes que ainda estão em processo de construção de si e da autoestima.

Os adolescentes alimentam o sonho de alcançar visibilidade nas plataformas digitais e alcançar o status de “produtor de conteúdo” ou “influenciador”, papéis capazes de conferir reconhecimento máximo e a validação social almejada dentro desse ambiente. Os heróis efêmeros, nomenclatura proposta por Gozlan (2016), são justamente as pessoas comuns que se destacam e passam a ser vistas como heróis e modelos a serem seguidos. Eles encarnam um ideal, compartilhando e ostentando a realização do desejo que está nos outros.

No caso dos adolescentes da pesquisa a principal celebridade apontada foi Hytalo Santos, um homem por volta dos 30 anos, natural do interior nordestino, cidade de Cajazeiras, na Paraíba. Abertamente homossexual, se diz desprezado pela família de origem, o que lhe levou a construir a sua própria, sendo casado com um rapaz e morando com vários adolescentes. Através da produção de conteúdo para internet, principalmente coreografias sensuais para as músicas que estão em evidência, ficou rico.

Comunica-se bastante com seu público como se fossem próximos, chama-os de “carregadinhos”, posta vídeos em situações das mais inusitadas às mais íntimas, por exemplo enquanto toma banho. São frequentes as festas regadas à álcool, música, interação com os seguidores e distribuição de brindes (iPhones, objeto mais desejado), em resumo, o que ele põe em exibição é “o espetáculo obsceno da banalidade” (Quinet, 2002, p. 284). Existe uma identificação dos adolescentes pesquisados com aquilo que Hytalo mostra no seu dia a dia, sua origem humilde, ascensão pela produção de conteúdos banais. O ideal vislumbrado através dele é um estilo de vida, no qual é possível enriquecer com publicações nas redes sociais, pertencer a uma família estruturada de forma horizontal, sem choque geracional e viver um cotidiano de festas e diversão.

Uma das adolescentes da casa de Hytalo Santos que ganhou mais visibilidade foi Camilinha, tratada como a “queridinha” e a “filhinha de papai” em que tudo lhe é permitido. Vários vídeos da adolescente fazendo birras ao se jogar no chão, tal como uma criança, para ganhar itens de luxo viralizaram na internet. O “papai” cedia, registrando e divulgando toda a cena. O destaque na aparência de Camilinha é usar o blush de maquiagem como uma faixa de um lado a outro do rosto, algo que lembra as pinturas indígenas. Inclusive no primeiro dia de visita à Escola Central para convocação dos estudantes para a pesquisa, várias alunas estavam

com fitas coloridas no rosto, em um movimento de imitação da Camilinha. Entretanto, quando os adolescentes foram questionados nas conversações sobre o poder da influência do que consomem online, eles não conseguiram perceber os efeitos em si.

O modo de funcionamento das redes sociais digitais estimula a identificação entre os usuários e promove a ideia de vínculo social por meio do digital. Os adolescentes se sentem próximos a Hytalo Santos e o enxergam como um ideal a ser alcançado. Quinet (2002) destaca que a plateia precisa se identificar de alguma forma com o espetáculo para se envolver e explica que nos “filmes da vida” o espectador se identifica com as celebridades porque esse posto está acessível a qualquer um que caia nas “graças da mídia”. Em tempos de redes sociais, alguns usuários se destacam tornando-se celebridades, agora nomeados como influenciadores ou produtores de conteúdo. O psicanalista sublinha que, ao ocupar esse papel, o herói efêmero torna-se mais íntimo e próximo do que qualquer parente e completa: “não só se admira e se ama a celebridade como, no cogito da sociedade escópica, todos aspiram a sê-lo como condição de ser alguém nesta grande novela que é a vida: ‘Sou visto logo existo’. *Visus ergo sum*”.

A referência que outrora servia de baliza na construção de si dos adolescentes, cede lugar para as influências, com conotação mais fraterna, uma relação horizontalizada que evita a castração. De acordo com Kelles e Lima (2017), uma das dificuldades ao atravessar a adolescência é justamente a ausência de referências claras sobre o que significa ser adulto nos dias atuais. A identificação ao pai entra em declínio enquanto a identificação transferencial ganha potência. Essa identificação é consequência daquilo que os usuários mostram de si nas plataformas online, seus dramas, sua encenação performática cotidiana, sendo capaz de gerar uma ressonância em quem lhe acompanha. As autoras Kelles e Lima (2017) resgatam à ideia de Lipovetsky de que na hipermodernidade a juventude é idealizada, tornando-se a fase da vida mais desejada, de tal forma que se torna difícil para os adolescentes encontrarem motivos para crescer e superar esse momento de transição.

O consumo massivo de conteúdos online que promovem e reforçam um Ideal do Eu inalcançável tem gerado impactos significativos sobre os adolescentes desta geração. Uma queixa recorrente entre os participantes da pesquisa era a sensação de estar “sem autoestima”. A autoavaliação frequentemente assumia contornos negativos, sendo descrita, de maneira recorrente, como uma percepção de si mesmo como “insuficiente”. À luz da teoria freudiana, compreende-se que a autoestima ainda está em processo de construção nessa fase da vida, tornando-se especialmente frágil diante da comparação constante com celebridades e outros usuários que exibem realidades idealizadas. Ainda que essas figuras operem como modelos a

serem seguidos, a exposição contínua a tais padrões inatingíveis pode aprofundar sentimentos de inadequação e desvalia.

A lógica algorítmica das redes sociais intensifica esse processo ao direcionar e ampliar o acesso a determinados conteúdos. Em “A virtualização da experiência de si”, Primo (2024) resgata relatórios vazados da empresa Meta, nos quais a companhia admite ter implementado mudanças em seu funcionamento com o propósito de oferecer aos usuários conteúdos considerados relevantes, promovendo, assim, “interações sociais mais significativas” (Primo, 2024, p. 30). No entanto, o resultado dessas alterações não se limitou ao aumento do tempo de permanência na plataforma. Os impactos emocionais decorrentes dessa exposição revelaram efeitos adversos, como maior irritabilidade, intensificação da raiva, amplificação da sensação de temor e uma postura mais reativa, especialmente em relação a conteúdos de cunho político. Diante disso, é necessário considerar que a forma como os algoritmos operam não apenas influencia os interesses e engajamentos dos adolescentes, mas também incide diretamente sobre seus processos de subjetivação, potencializando fragilidades já presentes nesse período da vida.

Com base nesse relatório, Primo destaca o efeito subliminar da lógica algorítmica na orientação e direcionamento das condutas dos usuários, o que torna essa influência um fator inegável no debate sobre o uso das redes sociais e seus desdobramentos subjetivos. Embora a presente pesquisa não tenha como objetivo a análise da governabilidade algorítmica, ignorá-la significaria desconsiderar uma força invisível que opera de maneira ampla, exercendo controle sobre os usuários e incidindo diretamente nos na maneira como os adolescentes se avaliam.

O perfil no Instagram criado especificamente para a pesquisa, informou como idade 13 anos, justamente para ter mais acesso ao público almejado. Apesar de não fazer buscas de conteúdos específicos, afinal o perfil era apenas para acompanhar as atividades online dos participantes, foram frequentes anúncios patrocinados sobre cirurgia plástica, alguns veiculando imagens de antes e depois, vendendo a ideia de ser um procedimento acessível, simples e rápido. Essa mensagem chega a ser violenta com os adolescentes que a consomem, pela incongruência entre o conteúdo e a realidade vivida por eles. A impossibilidade de se submeterem aos procedimentos é dupla, tanto pela questão do alto custo incompatível com a realidade financeira deles e pela idade, não são intervenções estéticas destinadas a quem ainda está em processo de tamanha modificação corporal.

A alternativa é alcançar através dos filtros do Instagram a sua versão com nariz afilado, pele radiante, rosto simétrico, silhueta mais fina e proporcional. Ao falarem sobre a

idealização de si, os adolescentes pontuaram como desejáveis efeitos alcançados apenas por procedimetnos estéticos como rinoplastia, harmonização facial. Inclusive uma das propagandas divulgadas no Instagram iniciava justamente propondo ao usuário encontrar sua melhor versão definitiva, não apenas através dos filtros mágicos que desaparecem. Em seguida era oferecida a possibilidade de alcançar os resultados desejados através das intervenções médicas.

Compreende-se a valência positiva e subjetivante da virtualescência, expressa através da relevância da participação no ciberespaço por meio da construção de perfis em redes sociais, da criação de novos nomes para apresentação e interação, e da identificação com os conteúdos consumidos. Esse processo contribui para a ampliação da experiência de construção de sentido para o sujeito. A virtualização por meio das redes sociais constitui, na contemporaneidade, um meio essencial de manutenção dos vínculos estabelecidos e de inserção nos acontecimentos do entorno e do mundo. No entanto, a identificação dos efeitos positivos desse fenômeno não deve obscurecer a análise crítica dos impactos adversos que também o acompanham.

O primeiro efeito danoso identificado refere-se aos feedbacks, tanto pela sua insuficiência para promover os contornos identitários almejados pelos adolescentes, como pela ameaça de comentários maldosos capazes de destruí-los. Embora demandem reconhecimento, muitas vezes são apenas visualizados, sem receber interações significativas. O tipo de postagem de preferência dos usuários, stories, não permitiu o acesso aos feedbacks recebidos devido ao seu caráter privado. Além disso, nas conversações, esse tema não foi aprofundado pelos participantes. No entanto, de forma pontual, alguns adolescentes compartilharam suas experiências com os retornos recebidos.

Bárbara e Isabelle relataram a predominância de comentários masculinos que enaltecem a aparência, com ênfase nos contornos femininos e na noção de um “corpo de mulher”. Bárbara, em particular, reconheceu que nem sempre obtinha o reconhecimento desejado, o que gerava frustração, tristeza e a interpretação de que deveria se esforçar ainda mais para conquistar a aprovação dos outros no ambiente virtual. Esse esforço se traduzia na busca por emagrecimento, intensificação de exercícios físicos e aperfeiçoamento de poses que a favorecessem esteticamente.

Além desses compartilhamentos específicos sobre os feedbacks recebidos, pode-se inferir um receio em relação aos comentários públicos, evidenciado pela preferência pelos Stories como ferramenta quase exclusiva de publicação no Instagram. A recusa em utilizar o feed como modalidade de postagem está diretamente relacionada à sua natureza permanente e

à visibilidade dos comentários, que ficam acessíveis a toda a rede de contatos, tornando a exposição mais suscetível a julgamentos e interpretações indesejadas.

Esse aspecto sugere que, mais do que a própria imagem corporal, as frases reflexivas ou registros do cotidiano, o que os adolescentes consideram verdadeiramente íntimo é o feedback dos pares. A avaliação do outro, expressa por meio de curtidas, comentários e reações, adquire um valor significativo, pois tem o efeito de impactar a maneira pela qual o próprio sujeito se avalia. Dessa forma, a escolha pelos Stories pode ser compreendida como uma estratégia para gerenciar essa exposição, permitindo um controle maior sobre quem interage e reduzindo o impacto de possíveis julgamentos públicos.

Outra vertente abordada em relação ao feedback recebido refere-se às interações nos Stories que envolvem brincadeiras e desafios demandando uma avaliação do outro sobre si. Segundo os participantes, para aderir a esses jogos, é necessário estar preparado para receber qualquer tipo de retorno, independentemente de seu teor. Nas postagens analisadas, como OPN, PPP e “Escolha entre dois”, as avaliações compartilhadas eram, em sua maioria, superficiais e tendiam a ser positivas, muitas vezes permeadas por um tom humorístico e bem recebidas pelos adolescentes. No entanto, as mensagens mais ofensivas eram enviadas de forma anônima, impossibilitando a identificação de seus autores.

A possibilidade de obter uma opinião considerada “verdadeira” incentivava os adolescentes a abrirem as “caixinhas anônimas”; entretanto, os relatos indicaram, de maneira unânime, que essa experiência resultava em frustrações e decepções. Grande parte das mensagens limitava-se a insultos, como “marmita”, um significante pejorativo que reduz as garotas a meros objetos sexuais. Algumas meninas do grupo receberam esses comentários e apesar de não se identificarem com eles, ainda assim ficaram chateadas, abaladas por terem sido reduzidas, injustiçadas e vistas daquela maneira. Conforme Gozlan (2016) esclarece, a exposição do corpo feminino em uma dimensão erotizada desperta, simultaneamente, o desejo nos rapazes e a angústia diante da impossibilidade de possuí-lo e de sustentar esse desejo enquanto sujeitos. Esse descompasso entre o desejo, sua realização e sua sustentação desencadeia uma reação colérica, que se manifesta na agressividade direcionada ao próprio objeto do desejo. Nesse contexto, as mensagens anônimas tornam-se um veículo para a externalização dessa frustração, funcionando como um meio de descarga pulsional por meio da hostilidade e do ataque ao outro.

Os participantes conseguiram reconhecer o impacto negativo dos comentários destrutivos, mas também se identificaram como autores dessas mensagens ofensivas. Rafaela compreendeu que a mediação da tela exerce um efeito protetivo, tornando mais fácil escrever

um comentário depreciativo do que expressá-lo em uma interação face a face. A partir dessa percepção, pôde compreender a atitude disseminada entre os colegas, que recorrem às redes sociais para destilar “doses envenenadas” de agressividade. Na coleta de dados netnográfica tivemos acesso a uma postagem que evidenciava o comportamento disseminado entre os adolescentes de “falar mal” dos colegas. Segue imagem ao lado:



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Vicaelly, por sua vez, reconheceu-se como alguém que critica os colegas de maneira ofensiva e discriminatória, não apenas nos ambientes online, mas também no contexto escolar, nas interações cotidianas e no ambiente familiar. Essa postura revela uma posição subjetiva marcada pela agressividade em relação ao outro, tornando-se um traço distintivo de sua identidade. Avaliamos que sua atitude revela, por outro lado, sua fragilidade narcísica exacerbada de tal forma que precisa atacar aos outros para se defender. Torna-se relevante destacar que, na atividade em que deveria descrever uma idealização de si, expressou o desejo de ter uma aparência mais bonita e ser mais gentil, indicando que seu comportamento agressivo é um fator de incômodo.

Manuela admitiu não apenas que apreciava “falar mal” das meninas de sua sala, mas também reconheceu que essa prática é amplamente adotada pelos adolescentes como uma estratégia para se sentirem superiores. Segundo ela, a fragilidade vivenciada nesse período da vida os leva a desvalorizar o outro como um meio de compensação, permitindo-lhes realçar possíveis qualidades em si mesmos. Manuela compartilhou uma confusão generalizada entre os alunos do 9º ano, pois as meninas da sua sala abriram um grupo de WhatsApp somente para falar mal das outras meninas. Eram comentários depreciativos, principalmente, sobre aspectos pontuais do corpo: o calcanhar de Aquiles. Ao serem descobertas, a vingança e revanche das meninas atacadas foi virulenta ao ponto de a escola ter precisado intervir.

Atenta aos conflitos que se passam nas redes sociais, Gozlan (2016) resgata a segunda tópica freudiana para explicar que o supereu do adolescente se encontra fragilizado e é insuficiente diante das transformações da puberdade, não ocupando uma posição moral capaz

de restringir e conter os impulsos característicos desse processo de metamorfose. Como desdobramento, as redes sociais ampliam os limites e flexibilizam as normas, criando um ambiente propício para a manifestação de expressões perversas.

Nesse contexto online, a ausência de responsabilização direta favorece a manifestação de impulsos destrutivos, permitindo que sujeitos ajam sem enfrentar as consequências psíquicas da culpa e da vergonha. Assim, o ambiente virtual torna-se um espaço propício para a externalização de agressões, muitas vezes impulsionadas pelo prazer sádico de criticar e desqualificar a imagem do outro. Além disso, as plataformas de interação digital intensificam o fenômeno do “narcisismo das pequenas diferenças”, no qual determinados grupos reforçam sua identidade por meio da exclusão e da violência simbólica, direcionando ataques àqueles que percebem como diferentes. Esse mecanismo foi observado, por exemplo, no relato de Manuela, que reconheceu a prática de depreciar colegas como uma estratégia amplamente utilizada pelos adolescentes para sustentar uma posição de superioridade frente à própria fragilidade egóica.

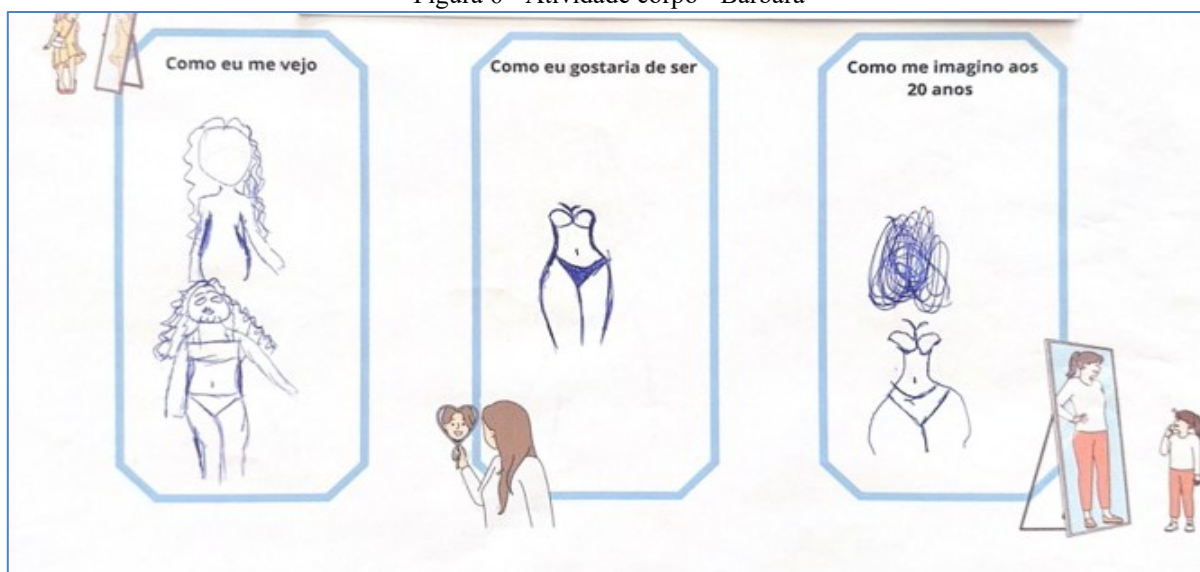
As consequências desse tipo de agressividade digital podem ser devastadoras, conforme evidenciado por Fucuta (2018) em “Hipnotizados: o que nossos filhos fazem na internet e o que a internet faz com eles”. A autora entrevistou dezenas de adolescentes sobre seus usos do ambiente virtual e identificou casos extremos de cyberbullying, alguns dos quais culminaram em desfechos trágicos, incluindo suicídios. Um dos relatos apresentados ocorreu nos Estados Unidos, onde uma adolescente de 14 anos foi surpreendida pela chegada da polícia à sua casa após a morte de uma colega que, ao longo de semanas, havia recebido mensagens insistentes afirmando que não era útil para ninguém e que deveria morrer. A repetição incessante dessas mensagens levou a vítima a acreditar na veracidade das agressões, resultando no suicídio. A autora das mensagens, por sua vez, demonstrou surpresa diante da repercussão do caso, pois não havia concebido a gravidade de seus atos, percebendo-os apenas como uma “brincadeira”. Esse episódio ilustra o potencial destrutivo da violência disseminada online e a forma como a desinibição propiciada pelo ambiente virtual pode levar à naturalização da crueldade pelos adolescentes, afastando os sujeitos da percepção de sua responsabilidade ética sobre o outro.

A virtualização de si nas redes sociais também acarreta impactos subjetivos significativos, especialmente devido à exposição constante a corpos idealizados e a padrões de beleza inatingíveis. A imersão nesse ambiente digital não apenas reforça ideais estéticos normativos, mas também intensifica a fragilidade narcísica, à medida que os indivíduos se veem confrontados com modelos irreais aos quais dificilmente podem corresponder. Esse

processo contribui para a construção de uma autoimagem marcada pela insatisfação, muitas vezes associada a sentimentos de inadequação e sofrimento psíquico.

Essa dinâmica foi evidenciada na atividade proposta sobre o corpo, na qual os participantes deveriam expressar como se veem, como gostariam de ser e como se imaginam no futuro. Os relatos revelaram, de maneira recorrente, avaliações extremamente negativas de si, especialmente em relação ao peso, cabelo e pele. Uma expressão frequentemente utilizada foi: “me vejo sem corpo”, sugerindo não apenas a sensação de inadequação em relação ao ideal estético dominante, mas também a ideia de que um corpo que não atende ao padrão idealizado — forte, definido, magro — é desvalorizado, podendo ser simbólica ou subjetivamente descartado. Esse sentimento reflete a lógica excludente das redes sociais, na qual a visibilidade e o reconhecimento estão atrelados à aderência a determinados modelos estéticos. Assim, a ausência de um corpo que se encaixe nesses padrões pode ser vivenciada como uma anulação subjetiva, intensificando angústias e fragilizando ainda mais a constituição narcísica dos adolescentes. É o que podemos concluir e inferir da produção de Bárbara na atividade do corpo. Ela se representa com um corpo completo, porém insatisfatório, incômodo, inútil. Seu desejo e sua expectativa em relação ao futuro é conquistar um corpo com contornos bem definidos, malhado, sensualizado, porém sem cabeça! Seria esse o preço a ser pago para conquistar o corpo ideal? Bárbara eleva à máxima potência a redução de si mesma ao seu corpo, sinalizando o protagonismo exacerbado que o confere.

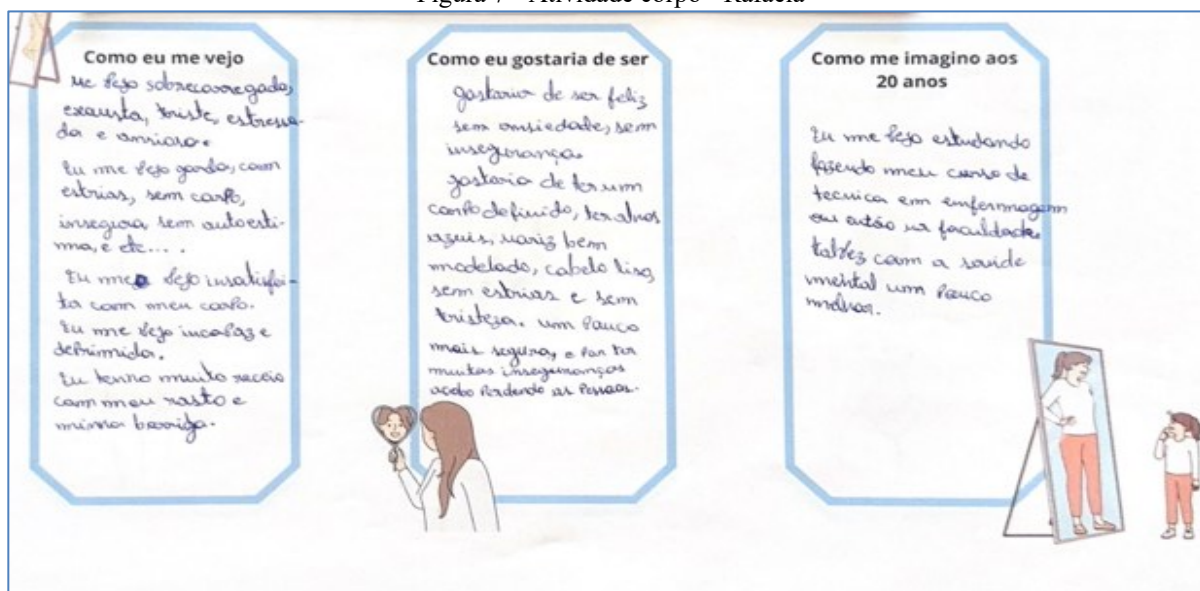
Figura 6 - Atividade corpo - Bárbara



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Em seguida será apresentada a produção de Rafaela, do grupo Campestre, visando uma análise mais profunda dos dados trazidos por ela:

Figura 7 - Atividade corpo - Rafaela



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Quando Rafaela leu como se via, descrevendo-se como “sobrecarregada, exausta, triste, estressada e ansiosa” e afirmando: “Eu me vejo gorda, com estrias, sem corpo, insegura, sem autoestima, etc. Eu me vejo insatisfeita com meu corpo. Eu me vejo incapaz e deprimida. Eu tenho muito receio com meu rosto e com minha barriga”, o grupo que a ouvia foi profundamente impactado. Muitas participantes optaram por não compartilhar suas próprias produções, pois se identificaram de maneira tão intensa com as palavras de Rafaela que as consideraram suficientes para expressar o sentimento coletivo.

Nesse momento, observou-se um fenômeno que também se manifesta nas redes sociais: a identificação transferencial, em que o sujeito escuta o relato do outro e se reconhece nele, sentindo-se representado. No ambiente virtual, essa dinâmica se expressa na recorrente apropriação de conteúdos postados por terceiros, compartilhados em perfis pessoais devido à identificação com a mensagem transmitida. Diante da dificuldade de articular pensamentos e sentimentos, os adolescentes navegam pelas redes sociais em busca de discursos que ressoem com sua própria experiência subjetiva. Ao se reconhecerem nessas mensagens, repostam-nas como forma de expressar algo que, por si só, talvez não conseguissem verbalizar.

Essa mesma lógica se reproduziu na atividade de conversação, em que as participantes do grupo Campestre demonstraram uma identificação coletiva com o relato de Rafaela, resultando em um silêncio generalizado. No entanto, uma contradição significativa foi

percebida a posteriori: muitas das adolescentes que haviam se alinhado ao discurso de Rafaela e se absteúdo de compartilhar suas próprias percepções de si, na verdade, haviam produzido descrições com conteúdos distintos. Um exemplo emblemático foi Bianca, que, ao ouvir o relato de Rafaela, prontamente declarou: “*Rafaela já disse tudo, ninguém precisa falar mais nada*”. No entanto, sua produção pessoal revelava uma imagem de si positiva, descrevendo-se como feliz, alta, bonita e magra. Ainda assim, apesar dessa percepção favorável, Bianca também expressou insegurança, evidenciando uma característica marcante da adolescência: a fragilidade egóica, marcada pelas transformações corporais e psíquicas.

Esse episódio sinaliza que, mesmo entre aquelas que conseguem reconhecer boas qualidades em si mesmas, há uma sensibilidade aos significantes negativos apontados por Rafaela — ansiosa, gorda, insegura, sem autoestima, insatisfeita com o corpo, incapaz, deprimida. Dessa forma, a identificação com discursos de sofrimento pode operar como um fenômeno subjetivo e coletivo, no qual os significantes circulam e atravessam as experiências individuais, reforçando percepções de vulnerabilidade e insegurança próprias desse período de vida.

Em uma das últimas conversações com o grupo Campestre, Rafaela compartilhou sua insegurança com sua própria imagem e a necessidade de alcançar um registro perfeito de si. Ao falar sobre sua expectativa pela formatura do 9º ano, Rafaela disse que não bastava se maquiar, se produzir, se sentir bonita ao olhar para seu reflexo no espelho, se não conseguisse uma “foto perfeita” na cerimônia, todo o esforço terá sido em vão. Corso, D. e Corso, M. (2018) interpretam a expectativa da perfeição presente nos adolescentes como o resto da fantasia infantil. Ela precisa ser abandonada porque vai se apresentar como impossível de ser conquistada, funcionando apenas para ampliar o desconforto e a insegurança.

Para Rafaela, a tão desejada “foto perfeita” representaria um meio para fortalecer sua autoestima. No entanto, a literatura científica aponta um efeito contrário: a exposição recorrente a imagens manipuladas e aprimoradas por meio de técnicas como os filtros do Instagram está associada a uma piora na avaliação da própria imagem corporal (Kleemans *et al.*, 2018). A experiência narrada por Rafaela ilustra esse processo de maneira emblemática. Ao descrever-se com uma série de atributos negativos, fica evidente que sua autoavaliação ocorre em comparação ao ideal estético amplamente propagado nas redes sociais.

A própria adolescente confessou arquivar fotos de “meninas perfeitas” para usá-las como referência de comparação, um comportamento que reforça a insatisfação com a própria aparência. No contexto da conversação, ficou evidente que essa comparação não se restringia a outras pessoas, mas também se estendia a sua própria imagem editada. Rafaela relatou a

experiência de observar sua foto manipulada na tela do smartphone e, ao confrontá-la com o reflexo no espelho, concluir: “Não pode ser a mesma pessoa!” Esse descompasso entre a imagem idealizada e a corporalidade real evidencia o impacto psicológico dos filtros e edições, que não apenas distorcem a percepção de si, mas também elevam o padrão estético a um nível inatingível.

Como desdobramento desse processo, nenhuma maquiagem ou peça de roupa, por mais valorizadora que seja, é capaz de proporcionar a Rafaela o que os filtros lhe oferecem: a suavização de traços considerados indesejados, a ilusão de procedimentos estéticos como a rinoplastia e o apagamento de qualquer marca facial que remeta à sua singularidade. Assim, mais do que realçar sua beleza, Rafaela busca, através das ferramentas digitais, anular suas particularidades para se aproximar de um ideal imaginário de perfeição.

O movimento identificatório seguiu quando Rafaela expôs como gostaria de ser: *“Gostaria de ser feliz, sem ansiedade, sem insegurança. Gostaria de ter um corpo definido, ter olhos azuis, nariz bem modelado, cabelo liso, sem estrias e sem tristeza. Um pouco mais segura e por ter muitas inseguranças acabo perdendo as pessoas”*. Interessante observar que o Ideal vislumbrado por Rafaela é atravessado por questões físicas e emocionais, apontando entraves nessas duas esferas, como é de se esperar de uma “adolescência normal”. Aqui questionamos: a ampla utilização das redes sociais e o contato constante com esse ideal inatingível estaria intensificando questões próprias da puberdade e da adolescência ampliando o mal-estar ao ponto de ser considerado para além da normalidade? Esse seria um viés do mal-estar no ciberespaço?

Na parte dedicada à idealização de si, foram frequentes os melhoramentos no que se referia ao corpo e à imagem, sempre para atender ao padrão estético estabelecido: ter um corpo malhado, altura adequada. Para os meninos ser musculoso é o principal aspecto, Bruno se desenhrou muito forte e Gabriel se desenhrou fazendo musculação, levantando uma barra com pesos. As meninas ainda referiram desejo de ter um cabelo mais bonito, uma pele sem marcas de acne, “ser bonita”. As participantes que fizeram referência aos aspectos psíquicos, idealizaram uma vida com menos ansiedade e mais confiança em si.

Haidt (2024), em seu livro que rapidamente se tornou um best-seller nos Estados Unidos, “A geração ansiosa”, problematiza a hiperconexão desde a infância e aponta suas repercussões na vida de crianças e adolescentes. Embora adote uma perspectiva reducionista ao tratar o fenômeno quase exclusivamente como uma epidemia de transtornos mentais — reforçando rótulos psicopatologizantes com os quais não concordamos —, alguns de seus apontamentos convergem com os achados da presente pesquisa, especialmente no que diz

respeito aos efeitos do uso intenso das redes sociais sobre o mal-estar psíquico na adolescência. Segundo ele, as meninas estão mais suscetíveis aos danos do amplo uso das redes sociais, em primeiro lugar porque são elas que passam mais tempo nas plataformas de interação, enquanto os rapazes dividem seu tempo online com jogos. Para Primo (2024) quanto mais tempo dedicado a uma plataforma social, mais o indivíduo é afetado por ela.

Além disso, Haidt (2024) aponta quatro razões para os efeitos adversos mais intensos nas garotas: (1) elas são mais afetadas pela comparação social e pelo perfeccionismo o que eleva a incidência e a gravidade da ansiedade decorrente; (2) as meninas tendem a uma agressividade mais relacional, apesar de ser mais raro partirem para agressões físicas, elas criticam através de palavras buscando atingir os relacionamentos e a reputação das outras garotas; (3) elas dividem mais suas emoções e dificuldades e as mazelas compartilhadas apresentam um efeito contagioso; (4) as meninas estão mais sujeitas a predadores e assédio. Essa questão é particularmente séria e a maioria das participantes desta pesquisa revelou ter recebido fotos impróprias de homens mais velhos e sequer sabiam como agir porque caso contassem aos pais ou responsáveis ainda seriam penalizadas ficando proibidas de acessar às plataformas.

As projeções dos participantes em relação ao futuro atendem parcialmente às idealizações, contudo, a maioria se imagina inserida no contexto acadêmico ou profissional, alguns já constituindo família e tendo filhos. Essa perspectiva futura desloca o foco das preocupações centradas no corpo e na imagem, permitindo a construção de uma visão que remete à transição para a vida adulta, à superação dos impasses característicos da adolescência e à busca por um lugar no mundo. Um exemplo dessa dinâmica é o relato de Rafaela, que se descreveu no futuro da seguinte forma: “Eu me vejo estudando, fazendo meu curso de técnica de enfermagem ou então na faculdade. Talvez com a saúde mental um pouco melhor”.

Por fim, será apresentada a produção de Maria Alice para destacar o atravessamento do que os adolescentes consomem online na maneira como eles se enxergam.

Na produção de Maria Alice, ela se enxerga baixa, “*um pouco gordinha só na barriga*”, com óculos e cabelo bagunçado. Gostaria de ter o cabelo mais arrumado e ser um pouquinho mais alta. No futuro se imagina mais magra. Maria Alice fez questão de sublinhar que seu desejo pelo emagrecimento não tem nada a ver com os padrões de beleza estabelecidos, mas se refere a um cuidado com sua saúde, já que na sua família todos são hipertensos. Sua crença chega a ser drástica, acredita que se não emagrecer vai morrer antes dos 15 anos. Entretanto, o aspecto a ser destacado aqui é a apresentação de si através de

contornos semelhantes aos personagens de anime, principal conteúdo online consumido por ela.

Figura 8 - Atividade corpo - Maria Alice



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

A partir da análise cruzada das produções da atividade sobre o corpo, das conversações e das postagens que revelam o mal-estar com a própria imagem, concluímos o quanto o padrão de beleza largamente propagado nas redes sociais afeta negativamente a percepção de si dos adolescentes. Rafaela referiu seguir “meninas perfeitas” e salvar as imagens para se comparar e tentar atender ao modelo. Emília compartilhou sobre sua busca pontual sobre maneiras para emagrecer quando se sentiu mal com seu peso e depois ficou sendo “bombardeada” com informações sobre técnicas para perda de peso, procedimentos estéticos e cirurgias plásticas. O conteúdo veiculado como propaganda, seja patrocinada ou infiltrada, provoca efeitos em indivíduos que estão em formação e atravessando mudanças e insatisfações com o corpo próprias da idade, sendo estas potencializadas pelo que consomem online. As comparações foram pontuadas pela pesquisadora nas conversações como desleais, pois além das técnicas de manipulação da imagem, essas pessoas vivem uma realidade completamente diferente no aspecto socioeconômico, além de que estão em outra fase de vida, normalmente adultos jovens que já atravessaram o turbilhão da adolescência.

Após detalhar a valência subjetivante da virtualêscencia, inclusive levantando alguns aspectos prejudiciais como efeitos colaterais mais ou menos danosos a depender do adolescente e dos usos que fazem do dispositivo, passaremos a expor a vertente oposta, a

virtualescência negativa. Ela é compreendida como dessubjetivante como consequência de uma experiência desestabilizante, desvalorizante ou até aniquiladora vivida online, porém com amplas repercussões na existência do adolescente. Acontece quando o que foi vivenciado através do seu eu-virtual retorna para o eu-físico de forma disruptiva, causando entraves no processo subjetivo e na sua autonomia. A classificação como negativa vai além do oposto ao positivo e pretende apontar no sentido daquilo que existia e foi subtraído, marcando um antes e depois, uma passagem do ser ao nada, sinalizando o vazio egóico. A virtualescência negativa é o efeito da “desintimidade pura”, situação em que há uma abolição do pudor, um levantamento do véu do íntimo e apaga os limites entre o outro e o si mesmo em favor da transparência (Gozlan, 2016).

O exemplo mais frequente dessa desintimidade pura é quando uma imagem íntima, normalmente um nude, escapa do sujeito e é disseminada na rede. Quem tem um nude vazado e exposto dessa maneira sente como se uma parte de si tivesse sido perdida, algo que não retorna jamais porque ela é irrecuperável. A tela ilude, promovendo a sensação de uma barreira protetora entre os usuários e os conteúdos compartilhados, entretanto os usos deturpados dessa interação podem levar a sensação da perda de si na tela e acarretar consequências vitais.

Existe uma dificuldade própria para elaboração psíquica do ataque sofrido pela desintimidade pura porque seus efeitos não conseguem ser contidos, tampouco calculados. De forma adicional, existe a impossibilidade de atacar quem lhe destruiu, sendo difícil seguir o rastro dos usuários autores da viralização devido à propagação e difusão do conteúdo como um vírus. A hostilidade que não encontra o objeto-alvo para destruí-lo, retorna para o adolescente, que ataca a si mesmo. O vacilo identificatório com o algoz leva a uma angústia de desintegração que pode ocasionar em um risco de suicídio para o adolescente. O instante catastrófico é vivido como *loop* contínuo quando vias alternativas de elaboração estão impossibilitadas. A história do sujeito fica reduzida ao momento presente que passa a ser vivido como um buraco negro sugando o sujeito. Frente ao colapso total, a única via de escape encontrada é através do ato suicida. Para acabar com aquilo que lhe destrói, o adolescente mata a si mesmo. O suicídio funciona como ato que liberta o sujeito e interrompe sua dependência do outro (Gozlan, 2016).

Na pesquisa não nos deparamos com nenhuma circunstância aniquiladora a esse ponto, os adolescentes parecem mais conscientes do risco de compartilhamento de imagens íntimas, entretanto nos deparamos com situações delicadas a respeito de exposição do corpo que corre o risco de sair do controle das participantes. Foi o caso de Bárbara e de Isabelle. Ambas

publicaram imagens mais sensualizadas para uma lista de melhores amigos, contando que elas permaneceriam restritas, porém elas desconsideraram o fato que qualquer um da lista pode gravar sua imagem e fazer usos deturpados ou, simplesmente, divulgá-los amplamente. O uso que, à princípio foi benéfico – o que elas receberam como feedback validou-as no lugar de mulher desejada, poderia ter desfechos mais comprometedores. Apontamos esses casos para sinalizar a sutileza entre os polos da virtualescência descritas como positiva e negativa.

Outra faceta apontada por Gozlan (2016b, p. 446) para a virtualescência negativa é a reclusão em si mesmo, quando o adolescente ficaria “fechado, prisioneiro da sua imagem virtual e existiria potencialmente apenas no enquadramento da tela”¹⁴. A autora sugere que esse congelamento indica uma fixação no retorno ao narcisismo primário. A dificuldade em se desvincular dessa fusão com a tela depende tanto da qualidade do ambiente quanto das características individuais de cada sujeito.

Na pesquisa em questão aproximamos Maria Alice de uma virtualescência negativa, nesses termos de uso exacerbado dos dispositivos eletrônicos e um fechamento em si mesmo, apesar de não ter adquirido contornos aniquiladores, uma vez que a participante ainda frequenta a escola e deseja o contato com os pares. Na atividade sobre o corpo, Maria Alice se representou através de desenhos que se aproximam das representações de anime, desenho animado japonês repetidamente abordado por ela nas conversações. Nos encontros do seu grupo, Maria Alice era rechaçada por falar demasiadamente sobre aquilo que não interessava aos demais, o conteúdo versava sempre sobre o que se passava nas comunidades do Youtube das quais faz parte, sendo um membro em destaque, com poderes de moderação dos vídeos postados. Nesse espaço, Maria Alice é reconhecida e se coloca em interação com pessoas que lhe compreendem e compartilham da mesma linguagem e interesses. Na atividade proposta sobre cyberbullying, Maria Alice pontuou sobre os xingamentos online que sofre com seu avatar porque não tem os acessórios desejados que custam dinheiro. Sua representação virtual apresenta “skins” com recursos mais simples, gratuitos e essa questão não passa despercebida pelos demais usuários. O avatar de Maria Alice é atacado e ela como um todo sofre os impactos dessa humilhação.

Maria Alice, apesar de apresentar habilidades sociais limitadas, demonstrou discernimento ao perceber a hostilidade do ambiente e solicitar sua saída da sala, evidenciando um mecanismo de defesa eficaz. Ao longo dos encontros, manifestou

¹⁴ Tradução livre do trecho: “prisionero de su imagen virtual y existiría potencialmente sólo en el marco de la pantalla”.

dificuldades em diferenciar fantasia e realidade. No encontro final, foi surpreendida pelo encerramento das conversações e, de forma inesperada e amistosa, reagiu positivamente à situação. Optou por descer para comprar alimentos e distribuí-los aos colegas, sinalizando um desejo de participação ativa. A “hora do lanche” tornou-se, assim, uma oportunidade para estabelecer vínculos e demonstrar afeto por meio da partilha de doces e salgados.

Outro caso interpretado como manifestação de uma valência negativa e desubjetivante da experiência nas redes sociais é o de Rafaela, cuja relação com as imagens publicadas revela a busca incessante por uma versão idealizada de si mesma — uma imagem perfeita que, paradoxalmente, permanece sempre fora de alcance. Sua dificuldade em aceitar a própria aparência é intensificada pela exposição constante a representações hipereditadas e estetizadas de outras meninas nas plataformas digitais, o que contribui para a formação de um ideal inatingível. Esse impasse subjetivo encontra ressonância em uma publicação feita na rede X (antigo Twitter), que satiriza e critica a pressão pela autoaceitação em meio ao colapso dos filtros de imagem: “Que tipo de ditadura é essa que sou obrigada a me aceitar?”. A ironia contida nessa frase evidencia a tensão vivida por muitos adolescentes diante da expectativa contraditória de serem autênticos em um ambiente que valoriza, cada vez mais, a performance de uma estética artificial. O uso exacerbado de filtros, nesse contexto, pode conduzir a uma experiência de esvaziamento de si, dificultando a construção de uma imagem integrada e coerente da própria identidade. Trata-se, portanto, de uma expressão daquilo que aqui se conceitua como uma vertente negativa da virtualescência — aquela que, longe de ampliar possibilidades subjetivas, impõe entraves e produz impasses na constituição do eu. Com base na análise dos dados coletados, interpretamos que as valências positivas e negativas da virtualescência não operam de maneira excludente, mas sim de forma complementar. Isso significa que os aspectos benéficos e prejudiciais da interação digital coexistem e podem influenciar simultaneamente o desenvolvimento subjetivo dos adolescentes. Dentre os fatores analisados, destacamos o impacto da governabilidade algorítmica, cujo avanço acelerado nos últimos anos tem intensificado a disseminação de um ideal inatingível. Para adolescentes em processo de transformação identitária, essa exposição contínua pode ter efeitos potencialmente desestruturantes, minando a construção da subjetividade. Esse foi o principal efeito dessubjetivante identificado na pesquisa.

5 SIMBOLIZAÇÃO DO SOFRIMENTO

A partir do que foi discutido no capítulo anterior, compreendemos que os adolescentes utilizam as redes sociais para interagirem com os colegas, para pertencerem a esse espaço largamente ocupado por sua geração. Eles dedicam tempo à plataforma para se informar sobre a vida alheia, ausentar-se quando o ambiente não lhes parece conveniente, adiar tarefas indesejadas (Corso, D; Corso, M., 2018). Eles têm a expectativa de através do feedback digital de suas postagens se sentirem validados e reconhecidos, porém essa demanda normalmente não acontece a contento, afinal a profusão de imagens reduz o olhar ao mero visualizar. A rapidez aliada à enorme quantidade de publicações, reduz o olhar tornando-o ineficaz para cumprir a expectativa de validação ou de reconhecimento. Nas redes sociais todos se mostram, elevando a quantidade de espetáculos para um público, na maioria das vezes desinteressado, restrito e desatento. Os adolescentes publicam demandando uma resposta de amor, recebem como retorno corações virtuais em forma de curtida, reações que animam a tela com emojis e no máximo comentários curtos. Esse retorno, apesar de insuficiente para atender à demanda, é o combustível para seguirem na plataforma, muitas vezes de maneira adicta, justamente por ela nunca entregar exatamente o que o adolescente deseja.

Neste capítulo, visamos analisar a categoria específica de postagens interpretadas como sinalização do sofrimento dos participantes da pesquisa. Para isso, articularemos as postagens das redes sociais e o material produzido nas conversações. Interpretamos que as publicações são tentativas de compreender o que se passa consigo. Ao recorrer a uma publicação que expõe suas mazelas, o adolescente está buscando um sentido em sua vivência e interlocutores.

Buscando compreender como esse sofrimento adolescente foi apresentado nas redes sociais, a análise deste conteúdo será organizada em sete eixos. O primeiro abordará a simbolização do sofrimento articulado à descarga pulsional e atrelado a questões pubertárias. O segundo analisará o consumo de mídias com conteúdos de violência extrema e crueldade como uma reversão da pulsão escópica e, assim, uma outra vertente que aponta para o sofrimento. O terceiro abordará a intensidade dos afetos, destacando postagens que associam as experiências adolescentes a rótulos psicopatológicos. O quarto analisará as postagens que apontam para a estratégia de dormir como forma de minimizar o desamparo. O eixo seguinte fará referência ao sofrimento materializado no corpo através dos cortes como expressão da dor psíquica. O sexto retratará o caso específico de um adolescente com condutas

delinquentes. Por fim, o último eixo abordará o caso de Eduardo, considerando a particularidade de seu rompimento com a pesquisa e seus desdobramentos.

5.1 A simbolização do sofrimento adolescente

Acompanhamos a tese de Gozlan (2016) de que a rede social funciona como espaço psíquico ampliado, através da qual o usuário publica e consome conteúdos na tentativa de elaboração dos seus conflitos pubertários, tanto através da publicização do que lhe acontece, como também na tentativa de se identificar com aquilo que está sendo vivido por outros usuários para compreender a si mesmo. Em seu perfil, habitualmente nas postagens efêmeras, o adolescente vai registrar momentos do seu cotidiano, sua versão melhorada, fotos com os amigos, vídeos jocosos, memes, pensamentos retratando o seu ponto de vista acerca de questões filosóficas, sociológicas, indiretas amorosas. Conforme constatamos, os conteúdos não são autorais, o usuário reposta o que outro escreveu ou falou por se identificar com a temática. Além dessas postagens esperadas e habituais, a proposta da presente pesquisa foi compreender um tipo específico de publicação: aquela que rompe com esses conteúdos previstos e revela a dor de existir. Essas postagens são feitas quando o adolescente está em sofrimento vivenciando uma angústia de difícil tradução simbólica. Essas publicações fogem do habitual para encenar os desafios do adolescer e a dor intrínseca ao processo de metamorfose adolescente, sempre único para cada indivíduo.

A análise dos dados netnográficos nos levou a inferir que o uso das redes sociais pelos adolescentes inclui a virtualização do sofrimento desta fase de vida que se expressa através de postagens, aqui nomeadas como “simbolizações do sofrimento”, justamente porque representa uma tentativa de dar vazão à angústia, ao excesso pulsional, possibilitando a construção de sentidos para a experiência subjetiva. Além disso, a postagem opera como um apelo, na expectativa de atingir um destinatário que seja capaz de compreendê-la e acolhê-la. Nem sempre tem êxito em estabelecer a conexão com quem seja capaz de traduzir e amparar sua manifestação de sofrimento, porque a profusão de imagens aliada à baixa atenção do público e à banalização deste conteúdo é interpretado como um simples: “quer chamar atenção”.

A conotação de apelo ficou evidente no caso clínico que motivou a presente pesquisa: a publicação dos bilhetes suicidas de Fabrício, acompanhada de imagens impactantes de seu braço ensanguentado após múltiplos cortes. Suas postagens foram interpretadas pelo público como um pedido de ajuda, o que resultou em intervenções que possibilitaram seu

encaminhamento para tratamento psicológico e psiquiátrico. Com base nesse caso, esperávamos identificar postagens semelhantes, nas quais o sofrimento fosse expresso de maneira explícita, por meio de autolesões, mensagens suicidas ou atos brutais que indicassem um momento de urgência subjetiva extrema.

No entanto, os dados coletados revelaram um padrão distinto na manifestação do sofrimento. Diferentemente do caso inicial, as postagens analisadas, embora expressassem angústia e mal-estar em tom apelativo, passaram por um processo de estetização que atenuava o desespero e o pessimismo, conferindo-lhes uma aparência mais suavizada. Observou-se a predominância de conteúdos resgatados de outros perfis, tais como cenas de filmes, ilustrações e trechos de músicas, frequentemente acompanhados de mensagens metafóricas.

Essa mudança na forma de expressão do sofrimento, anteriormente caracterizada por uma exposição mais direta, como a exibição de autolesões sob a hashtag “*cutting*” (Lorena, 2016; Stenudd, 2010), pode estar relacionada a três fatores principais: (1) a regulação de conteúdo da própria plataforma, que censura postagens explícitas de autolesão (Mosseri, 2019) e direciona usuários que mencionam temas como suicídio, ansiedade e depressão para canais de apoio; (2) a restrição de acesso a conteúdos mais íntimos, que podem ser compartilhados apenas com a lista de “melhores amigos”, o que possivelmente nos impediu de visualizar determinadas postagens; e (3) a preocupação estética nas publicações, motivada pelo receio de “passar vergonha” ao expor aspectos pessoais, frequentemente banalizados pelo público, que pode interpretar tais postagens como uma tentativa de “chamar atenção”.

A publicação de conteúdos que expressam sofrimento pode ser compreendida à luz da teoria pulsional. Segundo Freud (1915), a pulsão situa-se na fronteira entre o somático e o psíquico, percorrendo um trajeto que se inicia como uma força impelente presente em todo ser vivo e se manifesta, no indivíduo, como um impulso ou tendência a agir. Trata-se de uma força poderosa que provém do interior do próprio corpo, indeterminada, atemporal e arcaica, que se expressa continuamente. Freud enfatizou a pluralidade das pulsões, concebendo-as dentro de modelos dualistas que se transformaram ao longo de sua teoria. Inicialmente, diferenciou as pulsões em duas categorias: as de autopreservação do eu e as sexuais. No entanto, com a virada conceitual de 1920, apresentada no texto “Para além do princípio do prazer”, reformulou essa oposição, substituindo-a pelo dualismo entre pulsão de vida (*Eros*) e pulsão de morte, ampliando a compreensão dos processos psíquicos e da dinâmica do sofrimento humano.

O circuito de circulação pulsional descreve o percurso da pulsão desde sua origem até sua descarga. Inicialmente, manifesta-se no corpo como uma energia-estímulo de natureza

nervosa, que é processada pelo sistema nervoso central e transformada em sensações e representações psíquicas (imagens ou ideias). Para reduzir a tensão gerada, a pulsão busca uma via de descarga, que pode ocorrer por meio de ações mentais ou motoras, permitindo a regulação do equilíbrio interno do sujeito. O funcionamento da pulsão busca o prazer no sentido de satisfação, diferente de alegria ou bem-estar, mas um alívio resultante da redução de uma tensão excessiva, cuja intensidade se aproxima da dor interna.

A pulsão contém quatro elementos: fonte, pressão, meta e objeto. A fonte refere-se à origem da excitação no corpo, geralmente associada a uma tensão interna que demanda descarga. A pressão diz respeito à força ou intensidade da pulsão, caracterizando sua insistência no funcionamento psíquico. A meta corresponde ao objetivo da pulsão, que é a redução da tensão, sentida como desprazerosa, por meio da satisfação. O objeto representa o meio pelo qual a pulsão busca sua realização, sendo sua parte mais variável. Um mesmo objeto pode satisfazer diferentes pulsões, assim como uma pulsão pode se deslocar para diferentes objetos, que podem incluir uma pessoa, um comportamento ou um substituto simbólico.

O sofrimento sentido pelo adolescente pode ser compreendido como um aumento da tensão interna provocado por uma representação psíquica dolorosa. Esse desconforto gera uma pressão (*Drang*), que impele o sujeito a buscar uma ação de descarga para reduzir a tensão e alcançar algum grau de satisfação. Diante dessa urgência, ele recorre a práticas motoras e procura objetos capazes de proporcionar a liberação dos estímulos acumulados.

Nesse contexto, as redes sociais emergem como um espaço privilegiado para essa dinâmica. Quando a pressão interna atinge seu auge, o adolescente refugia-se no seu celular e ao navegar pelas plataformas digitais encontra uma publicação com a qual se identifica, reconhecendo nela a representação simbólica de seu sofrimento. O ato de repostar esse conteúdo para sua rede de contatos funciona, então, como um mecanismo de descarga pulsional, permitindo-lhe expressar e, de certa forma, externalizar sua angústia.

Segundo Hanns (1999), a pressão pulsional se manifesta somaticamente como um aperto e, psiquicamente, como uma ânsia ou ímpeto para agir em direção a um objeto que possibilite a descarga. Essa pressão carrega um afeto de urgência e aflição, ligando-se a imagens que evocam alívio. No ambiente digital, essas imagens e mensagens funcionam como mediadores desse processo, tornando-se veículos de expressão e regulação do sofrimento psíquico dos adolescentes.

Trata-se de uma simbolização ainda precária, elaborada com base em imagens e afeto, o que nos permite compreender como um processo primário de descarga pulsional. Nesta

circulação pulsional existe uma disposição imediatista para sair do estado de “desprazer” para o “prazer” mediante a descarga do excesso de estímulo – sofrimento. Hanns (1999, p. 88) esclarece:

Apesar de sua precariedade, o funcionamento do processo primário serve como uma espécie de guia imagético-afetivo para que o organismo não sucumba à inundação de estímulos e a reação motoras confusas e espásticas. Além disso, as imagens e o pensamento primitivo (que Freud denomina como ‘pensamento inconsciente’ por imagens) servem aqui como elementos condutores que guiam a pulsão da fonte à meta, quando está já disponível.

Freud identificou diversos destinos pulsionais, entendidos como formas de defesa contra as pulsões que o indivíduo experimenta ao longo do desenvolvimento. Dentre eles, destacam-se: (1) reversão no seu contrário; (2) retorno em direção à própria pessoa; (3) recalque; e (4) sublimação. Em seu texto de 1915, Freud limitou-se a discutir os dois primeiros destinos.

Neste contexto, interessa-nos especialmente compreender as postagens nas redes sociais como uma forma de descarga pulsional, em que o adolescente “dá a ver” seu sofrimento por meio de seu perfil digital. Além disso, analisamos o movimento de reversão no seu contrário, que ocorre quando, em vez de expor suas angústias, o adolescente consome conteúdos tóxicos, caracterizados por cenas de intensa violência. Esse último aspecto será aprofundado no próximo item deste capítulo.

A análise das postagens permite compreender que a irrupção da puberdade evidencia experiências de sofrimento, solidão e incompreensão, sendo um período marcado por processos de luto e pela necessidade de reorganização identitária. Muitos desses conflitos estão associados à “pane do Outro”, ou seja, à decepção com as figuras parentais, o que leva os adolescentes a buscarem novas referências. Esse processo intensifica a sensação de desamparo, fazendo com que, em alguns momentos, sintam que não podem confiar em nada nem em ninguém (Rassial, 1999). Conforme Lacadée (2011), a puberdade constitui uma das transições mais delicadas da vida, caracterizando-se como uma passagem turbulenta na qual o sujeito, de maneira apressada, busca ser autenticado e reconhecido. Esse processo implica tanto o afastamento da infância e dos significados a ela atribuídos quanto a nostalgia em relação ao passado, evidenciando a ambivalência própria dessa fase.

Nessa perspectiva, Tubert (1999b) destaca que a adolescência é atravessada por intensas angústias, decorrentes da necessidade de realizar simbolicamente dois movimentos fundamentais: a “morte” dos pais e a “morte” da criança que um dia se foi. Em diversas

sociedades tradicionais, ritos de passagem marcam essa transição, simbolizando a separação definitiva da criança em relação ao corpo materno, condição necessária para a entrada na adultez. De maneira análoga, no tempo lógico da adolescência, esse afastamento ocorre para que o sujeito possa sustentar-se como desejante.

A complexidade desse processo revela que crescer dói. Garcia (2000) reforça essa ideia ao resgatar a etimologia do termo “adolescente”, derivado do latim *adolescere*, que significa “crescer” e, como tal, carrega consigo um certo mal-estar. A psicanalista utiliza a metáfora da dor nos membros inferiores, uma queixa recorrente entre crianças, interpretada pelos ortopedistas como “dor do crescimento”, para ilustrar as dificuldades vivenciadas pelos adolescentes. Segundo Garcia (2000), essa dor se manifesta em três dimensões centrais.

A primeira refere-se ao declínio da autoridade parental e à consequente ruptura desse laço, exigindo do adolescente a construção de novas referências. Enquanto esse processo está em curso, ele vivencia uma tensão entre autonomia e dependência. Nesse contexto, Rassial (1999) destaca a centralidade do movimento identificatório na adolescência, evidenciando a necessidade de pertencimento ao grupo de pares. Ao mesmo tempo em que busca reconhecimento coletivo, o adolescente enfrenta o desafio de afirmar sua singularidade, num duplo movimento de pertencimento e diferenciação, essencial para a construção de si (Soler, 2018). Os relacionamentos estabelecidos com os amigos, colegas, paqueras (*crush*) é a principal fonte de sofrimento retratada nas postagens e revelam como os adolescentes criam uma altíssima expectativa desses vínculos, como substitutos da relação com o Outro.

A segunda dimensão da dor está relacionada ao estranhamento em relação ao corpo puberal, transformado abruptamente pela ação dos hormônios. Essas mudanças ocorrem em uma velocidade que ultrapassa a capacidade psíquica de elaboração, gerando dificuldades de simbolização. Rassial (1999) ressalta que o corpo adolescente não apenas sofre transformações físicas, mas também adquire um novo estatuto e valor. Ele passa a se assemelhar ao corpo do genitor do mesmo sexo, enquanto modifica seu funcionamento (genitalidade, menstruação, voz) e atributos (pelos, silhueta). Além disso, o corpo assume um papel central na busca pelo olhar do outro, tornando-se um elemento essencial nas dinâmicas de reconhecimento e trocas amorosas. Segundo Rassial (1999), essa questão atinge particularmente as garotas, que enfrentam a necessidade de corresponder aos padrões culturais e sociais e de obter a confirmação de que seu corpo amadureceu – uma inquietação simbolizada pela clássica pergunta ao espelho: “Sou bonita?”. Essa questão ganha novos contornos com os perfis em redes sociais, uma vez que elas dirigem inconscientemente essa pergunta para a sua plateia e não recebem uma resposta à altura.

Por fim, a terceira dimensão diz respeito ao desafio de posicionar-se como sujeito desejante. As pulsões parciais da infância agora convergem para a genitalidade, mas sem alcançar a harmonia esperada; ao contrário, o que emerge são desencontros, desajustes e frustrações. Assim, é justamente a experiência da falta que constitui o sujeito desejante, evidenciando a dor de existir (Garcia, 2000). Entretanto, essa condição de incompletude é frequentemente vivida pelos adolescentes como uma injustiça, pois, durante a infância, foram levados a acreditar que, ao crescer, alcançariam aquilo que lhes era negado em função de sua imaturidade. Ao se depararem com a permanência da falta, experimentam frustração e desorientação, intensificando os conflitos próprios dessa fase.

Conforme elucidado, o movimento de ruptura com a ordem previamente estabelecida lança os púberes em situações de desamparo e vivências solipsistas. Em busca de compreensão sobre si mesmos, seus desejos e expectativas, muitos adolescentes recorrem às redes sociais como um espaço de interação e reconhecimento, onde acompanham a vida cotidiana de seus pares e figuras públicas, além de expressarem suas próprias experiências. A postagem torna-se um meio de sinalizar o sofrimento, na tentativa de obter suporte social, compartilhar vivências e dar vazão a estímulos psíquicos compreendidos como desprazerosos – descarga pulsional. Nesse sentido, as redes sociais operam como um “espaço psíquico ampliado”, onde os adolescentes elaboram seus conflitos e constroem narrativas sobre si mesmos (Gozlan, 2016).

A simbolização do sofrimento evidencia o rompimento do conteúdo habitual das redes sociais cujas mensagens banais e repetitivas apresentam tons humorísticos, selfies, pensamentos, cenas cotidianas, paisagens porque a própria adolescência comporta um viés disruptivo. Utilizando as redes sociais para elaboração de seus conflitos pubertários e na tentativa de se constituir como sujeito portador de uma voz única – mesmo que a partir de falas e conteúdos produzidos por outros, as postagens adolescentes ultrapassam a lógica capitalista presente nas plataformas de apresentar predominantemente beleza, riqueza e luxo para versar também sobre as mazelas típicas do adolecer. A intensidade do conteúdo de sofrimento pode variar, sendo mais sutis ou mais devastadora, segundo as características peculiares de cada usuário.

Na pesquisa, encontramos algumas postagens que foram compreendidas como sinalizadoras de sofrimento, publicadas principalmente pelos participantes Ana, Bárbara, Bruno, Valéria, Rafaela. Todas essas postagens, com exceções pontuais, foram divulgadas para a lista de melhores amigos, sinalizando que há um cuidado com a plateia para qual vão dirigir mensagens mais íntimas. Por esse motivo, acreditamos que tivemos acesso a um

número restrito dessas postagens, pois a maioria dos participantes não incluíram o perfil da pesquisa na lista de melhores amigos e mesmo os que incluíram em momentos considerado oportunos por eles, podem ter nos retirado. Suspeitamos de algumas ocasiões em que essa supressão pode ter acontecido, entretanto nada foi abordado sobre essa questão, afinal se por um lado, os participantes deveriam manter seu senso de liberdade, por outro a pesquisa deveria manter um cuidado ético de evitar qualquer interferência no material publicado.

Para além das postagens expressivas de sofrimento analisadas, os participantes do grupo Campestre relataram que frequentemente sentem vontade de compartilhar mensagens que evidenciam as dificuldades enfrentadas. No entanto, afirmam conseguir “se conter”, evitando recorrer a essa forma de descarga pulsional para não se tornarem alvo de chacota entre seus contatos. Rafaela, Eduardo e Luísa mencionaram a necessidade de autocontrole para não caírem na “cilada” de expor seus dramas publicamente.

Essa revelação evidencia a tendência dos adolescentes de recorrer às redes sociais em momentos de turbulência emocional, embora alguns optem por canalizar esse excesso pulsional por outras vias ou adiar sua expressão. Como estratégia alternativa, Luísa compartilhou a prática de postagens mais sutis para manifestar o sofrimento sem expor-se diretamente. Esse tipo de publicação, caracterizado por mensagens motivacionais, permite expressar vulnerabilidades de forma socialmente aceita, ressaltando a esperança e a capacidade de superar desafios.

As postagens que abordaram o sofrimento não indicam necessariamente uma experiência desestruturante, elas estão mais articuladas ao mal-estar inerente ao processo adolecer, conforme explicado ao longo deste estudo. Esse sofrimento, em determinados momentos, pode apresentar uma intensidade exacerbada, uma vez que a adolescência é marcada por uma interpretação amplificada das vivências. As decepções com amigos, por exemplo, podem levar o adolescente a uma descrença generalizada nas relações interpessoais.

Por fim, ainda que o objetivo desta pesquisa não seja aprofundar-se nas políticas das plataformas de redes sociais, torna-se necessário considerar esse aspecto. Observa-se que as simbolizações de sofrimento apresentam variações conforme a regulamentação e a moderação de cada plataforma. Anteriormente, por exemplo, era permitido publicar imagens de automutilações no Instagram e a partir de 2019 a plataforma reviu sua política e passou a censurá-las. Redes sociais com políticas mais permissivas em relação ao controle de conteúdo tendem a impor menos restrições às postagens que expressam sofrimento, permitindo uma maior visibilidade dessas manifestações. A postagem aqui relatada como motivadora para o estudo foi divulgada no X, conhecida por ser uma rede social que expõe de maneira mais crua

o sofrimento e as opiniões. Como esta pesquisa coletou dados somente no Instagram, não teremos uma comparação entre diferentes plataformas, mas não ignoramos sua existência.

Em janeiro de 2025, Mark Zuckerberg, CEO da Meta, anunciou mudanças na política de verificação de conteúdo do Instagram, transferindo aos próprios usuários maior responsabilidade na sinalização de postagens potencialmente sensíveis e flexibilizando algumas diretrizes de censura. Essa nova abordagem pode representar uma abertura para a intensificação das postagens reveladoras de sofrimento, uma vez que conteúdos antes restringidos podem ganhar maior visibilidade na plataforma.

Embora a empresa tenha adotado medidas mais rigorosas para a moderação de contas de usuários menores de 16 anos, observamos que essas restrições podem ser facilmente contornadas por meio da simples alteração da data de nascimento no cadastro. A ausência de um sistema eficaz de verificação desse dado permite que adolescentes tenham acesso a conteúdos destinados ao público adulto, o que pode influenciar a forma como expressam seu sofrimento e interagem nas redes sociais. Esse cenário ressalta a importância de uma regulação mais robusta e de um debate aprofundado sobre os impactos da flexibilização das políticas de moderação para esse público.

5.2 Consumo de conteúdo tóxico

O desenho metodológico híbrido da presente pesquisa foi proposto para atingir o objetivo de compreender as expressões de sofrimento vivenciadas e compartilhadas pelos adolescentes nas suas redes sociais. O cruzamento dos dados produzidos nas conversações - a partir dos encontros nas escolas com os grupos de estudantes - e o acompanhamento das publicações no Instagram pretendia vislumbrar o sofrimento adolescente nas redes sociais, dado a ver no perfil dos usuários, e compreender suas mensagens criptografadas. Entretanto, a atividade investigativa da conversação nos permitiu conhecer uma forma mais velada de sofrimento: o consumo repetitivo de mídias com conteúdos de violência extrema.

A segunda conversação com o grupo Central 01 revelou essa relevante vertente da vivência digital dos participantes que a metodologia netnográfica traçada não alcançaria: o consumo de vídeos que retratam cenas de crueldade extrema, incluindo tortura, chacinas, estupro e exposição de corpos ensanguentados e dilacerados. Ao discutirem sobre os conteúdos expostos nas redes sociais que são tóxicos, nomenclatura trazida pelos próprios participantes, Ana explicou que inclui nessa temática conteúdos racistas, além de tudo aquilo

que fere, machuca e desperta sentimentos negativos. Ana tentou explicar um vídeo que havia recebido, mas não encontrava palavras capazes de descrevê-lo. Como alternativa, pediu para mostrar ao grupo e a mim. Na cena, uma jovem andava à noite pela estrada escura e repentinamente se jogava na frente de uma carreta, cujas rodas passaram por cima dela, dilacerando-a. Ficava evidente sua finalidade suicida. A cena do atropelamento, seguido do ato de lançar-se em frente ao imenso veículo, já havia sido bastante intensa, entretanto ainda se seguiu a imagem do corpo dilacerado após ter sido esmagado.

A morte física traz o buraco negro da palavra, o silêncio mais radical da vida. Freud afirmou que a morte não tem inscrição no inconsciente. Entendo que ele apontava para o que Lacan, posteriormente, conceituou como o real, aquilo que não se inscreve (Luna, 2009, p. 33-34).

Conforme Dulce Luna nos sinaliza, o inconsciente não reconhece a morte, sendo, portanto, difícil encontrar uma via simbólica para contorná-la. Além disso, quando a morte é apresentada em sua face mais crua, provoca um efeito de paralização, uma suspensão na capacidade de simbolização, por conter justamente o inassimilável.

O horror retratado na cena de suicídio e na exposição do corpo dilacerado, deixou Ana sem palavras. O real é retratado sem lei e desprovido de sentido. O véu que normalmente recobre cenas de violência é retirado, expondo-as de maneira despudorada. Esse movimento aponta para a banalização da violência, na qual imagens cruéis são consumidas compulsivamente, revelando um modo particular de gozo. Melman (2008) aponta para uma transformação na economia psíquica resultante da relativização das referências simbólicas. Se antes a organização psíquica era estruturada pelo recalque, atualmente, passa a ser regida pela exibição do gozo¹⁵. Nesse contexto, observa-se um gozo escópico da morte, marcado pela transgressão do que outrora era proibido e inacessível, mas que agora se encontra disponível a um clique, na palma das mãos de qualquer usuário de plataformas digitais. Esse acesso irrestrito promove o apagamento do lugar de esconderijo, espaço antes destinado a abrigar o

¹⁵ Na teoria psicanalítica lacaniana, o termo “gozo” é utilizado de forma distinta de sua conotação habitual, mas não está completamente dissociado dela. Segundo Melman (2008), o gozo está relacionado ao prazer, mas o ultrapassa, indo “para além” dele. Para ilustrar essa ideia, Melman recorre à metáfora do consumo de vinho: beber uma taça pode proporcionar prazer, mas, para o alcoolista, o álcool torna-se uma fonte de gozo que o aprisiona, subvertendo a questão do prazer e deslocando-o da satisfação da necessidade. Nessa dinâmica, o sujeito se vê impelido a repetir incessantemente o mesmo comportamento, sem perceber o que o mantém preso a esse ciclo, que ultrapassa os limites do princípio do prazer e se inscreve no campo da compulsão. O gozo aponta para o desejo inconsciente, por isso articulado com a linguagem e a relação com o Outro.

sagrado e a sustentar a dimensão do sexual e da morte. Assim, o gozo se inscreve na repetição compulsiva, congelando o sujeito em um modo específico de vivência.

Dentre os inúmeros vídeos violentos consumidos e armazenados por Ana, um em especial a deixou sem palavras: o suicídio de uma jovem em um cenário semelhante ao que ela atravessava diariamente. Apesar da impossibilidade de nomear a experiência, tal como ocorre com o inenarrável da pulsão de morte, Ana compartilhou a cena como um pedido velado de intervenção.

Profundamente impactada pelo vídeo, pelo real da morte e pelo horror da exposição do corpo esmagado, o que mais me chamou a atenção foi a naturalidade com que os adolescentes assistiram à cena e a ausência de reação. Não estavam imobilizados ou assustados; ao contrário, demonstravam indiferença, como se estivessem anestesiados, desafetados. Iniciei nomeando o horror presente naquelas imagens, desdobramento da ruptura da censura e da ausência de limites sobre o que pode ser exibido. Minha tentativa foi de atribuir palavras ao que fora exposto com tamanha banalização, evocando o pacto civilizatório que estabelece normas implícitas de velamento de corpos violados, resgatando, assim, o componente de humanidade que deveria impedir a exposição de tais cenas.

Ao observar a discrepância entre as reações, passei a questionar a aparente banalização do consumo de conteúdos tóxicos. O grupo revelou não apenas a alta frequência com que assistia a vídeos dessa natureza, mas também o distanciamento afetivo em relação à tragédia. Bárbara exemplificou essa postura ao afirmar: “É algo distante, como se não fosse comigo”. Em contraste com a apatia do grupo, Gabriel expressou indignação diante daqueles que registravam e divulgavam tais cenas sem tentar intervir para evitar o desfecho trágico. Atualmente, as pessoas não se limitam a assistir à tragédia; elas “sacam o celular” e registram cada detalhe mórbido, atuando como testemunhas da brutalidade e compartilhando o conteúdo com um público sedento por mais.

Em resposta à postura crítica do único participante da pesquisa não usuário de redes sociais, Ana declarou enfaticamente: “Se ela fez, ela tinha um motivo. É normal, natural sentir dor e querer dar um fim à vida”. Aquele era o desejo de Ana, expresso em ato pela jovem suicida. Ana vivencia o suicídio por procuração e, de algum modo, sobrevive à tragédia, ainda que não encontre palavras capazes de descrevê-la.

Na tentativa de contextualizar a fala da amiga, Bárbara mencionou a predileção de Ana por conteúdos marcados por uma violência intensa. Ao ter sua preferência revelada, Ana reagiu com constrangimento, tornando evidente sua desregulação pulsional. Em resposta silenciosa, lançou um olhar recriminativo para Bárbara, que prontamente percebeu a

necessidade de silenciar para evitar expor a amiga. Apesar disso, Bruno compartilhou que, assim como Bárbara, sempre que se depara com um vídeo semelhante, lembra de Ana e encaminha o material para ela. Diante do clima de tensão instaurado, os participantes recorreram ao humor, comparando essa dinâmica entre amigos a um “sistema de recomendação”, em referência ao funcionamento dos algoritmos amplamente presentes nas redes sociais.

No caso de Ana, o consumo repetitivo de conteúdos tóxicos aponta para um excesso de pulsão destrutiva e ocorre por meio de uma dupla indicação: por um lado, ela recebe tais vídeos enviados por seus amigos; por outro, o próprio sistema de recomendação algorítmica reconhece seu padrão de interesse e passa a sugerir mídias semelhantes, ampliando o acesso a esse tipo de material. Essa dinâmica, evidenciada na conversação com o grupo, reflete a confluência entre escolhas individuais e a influência dos algorítmicos, que não apenas reforçam preferências preexistentes, mas também intensificam a exposição a conteúdos potencialmente nocivos.

A pesquisadora Bentes (2019, p. 222) retoma a concepção de Shoshana Zuboff sobre o capitalismo de vigilância para destacar o propósito central das plataformas digitais: prolongar ao máximo o tempo de conexão dos usuários em seus dispositivos. Esse processo é impulsionado pela necessidade de manter os indivíduos “enganchados e engajados”, de modo a fornecer um grande volume de dados que serão coletados e armazenados, com o objetivo de aprimorar “a acuidade preditiva dos mecanismos algorítmicos”. Bentes (2019, p. 222) faz uma crítica significativa ao expor que a gestão algorítmica busca “explorar as vulnerabilidades cognitivas e emocionais dos usuários, a fim de influenciar e persuadir suas escolhas comportamentais”.

A dinâmica do marketing digital tem implicações que ultrapassam as escolhas comerciais, uma vez que os algoritmos orientam as postagens para que os usuários continuem a consumir conteúdos semelhantes de forma constante. Dessa forma, quando adolescentes começam a se interessar por cenas de violência e espetáculos macabros, as plataformas passam a promover repetidamente materiais com esse teor, classificados sob a denominação de “cultura gore” e inseridos no contexto da necromídia.

Valencia (2010) conduziu uma pesquisa na cidade fronteiriça de Tijuana, caracterizada por elevados índices de violência e tráfico de drogas, o que a levou a identificar essa região como o “Lado B” da globalização. A autora argumenta que a faceta sombria do capitalismo é caracterizada por elevados índices de criminalidade, denominando esse fenômeno como “capitalismo gore”. Segundo Valencia (2010), essa lógica violenta se sustenta em três pilares:

a violência como ferramenta de mercado, como meio alternativo de sobrevivência e como mecanismo de autoafirmação masculina. A partir desse conceito, a terminologia é ressignificada nas redes sociais digitais, onde postagens contendo cenas de crueldade extrema são compartilhadas sob a hashtag “cultura gore”, evidenciando um consumo repetitivo de conteúdos violentos.

A cidade de Serra Talhada, contexto empírico desta pesquisa, apresenta semelhanças com Tijuana ao compartilhar características estruturais que favorecem a normalização da violência. Como discutido anteriormente, trata-se de um espaço onde crimes brutais ocorrem a céu aberto, em locais movimentados e sob o olhar da população. Além disso, a região está situada próxima ao chamado “triângulo da maconha” e mantém uma tradição de cultivo da planta. Culturalmente, carrega traços de um imaginário machista, historicamente associado ao cangaço e à figura de Lampião. Nesse contexto, adolescentes são cotidianamente expostos à violência, ao contato precoce com drogas e à legitimação da agressividade como expressão da masculinidade e meio de resolução de conflitos.

A análise de Valencia (2010) dialoga diretamente com a proposição de Melman (2008, p. 64), segundo a qual ingressamos no campo da barbárie quando “a relação social está organizada por um poder não mais simbólico, mas real”, ou seja, quando o poder se sustenta em si mesmo e tem como única referência a manutenção de sua própria força. O capitalismo gore exemplifica essa dinâmica, na medida em que a violência se torna um elemento estruturante das relações sociais, não mediado por leis ou princípios simbólicos, mas legitimado pelo próprio exercício da brutalidade.

O filme *Vitória* (2025) retrata a trajetória de Dona Nina, uma idosa que, em 2005, vive na Ladeira da Misericórdia, no Rio de Janeiro, um espaço marcado pela proximidade entre Copacabana e uma comunidade dominada pelo tráfico de drogas. Em seu apartamento, ela se vê constantemente exposta à violência, sendo atravessada pelo barulho incessante dos tiroteios e pelo impacto de um território onde fuzis, metralhadoras e um vasto arsenal bélico fazem parte da paisagem cotidiana.

Inconformada com a situação, Dona Nina empreende esforços para denunciar a realidade local às autoridades. Escreve cartas, faz denúncias, tenta mobilizar os moradores do edifício, mas todas as suas tentativas se revelam frustradas diante da indiferença e da inoperância policial. A violência que testemunha diariamente parece um problema grande demais para que qualquer instância institucional intervenha.

Determinada a fazer sua voz ser ouvida, a idosa insiste em buscar ajuda na delegacia e no batalhão da polícia, mas percebe que, para ser levada a sério, precisa apresentar provas

concretas do que é, para ela, uma evidência incontestável. Decidida a agir, ela investe mais do que o dobro de sua renda mensal na compra de uma filmadora – na época, o único equipamento acessível capaz de registrar a realidade que se desenrola diante de seus olhos.

A situação se agrava quando Dona Nina presencia um assassinato iminente e clama por intervenção policial. No entanto, não apenas sua denúncia é ignorada, como os próprios agentes informam os traficantes de que eles estão sendo observados. De mera espectadora e refém da violência, Dona Nina se transforma em uma produtora de provas irrefutáveis, documentando não apenas o tráfico e a presença de armamento pesado, mas também o envolvimento de menores e a convivência da polícia, que se revela como um dos vértices de sustentação desse sistema de violência. Com as provas em mãos, ela retorna à delegacia, convencida de que, desta vez, suas imagens serão suficientes para desencadear uma operação. Entretanto, sua denúncia é novamente negligenciada.

Persistente, Dona Nina recorre a instâncias superiores, mas sua queixa sequer é escutada. No entanto, um jornalista criminal, ao perceber um sentido subjacente à aparente “loucura” da idosa, solicita ao agente as fitas que ela havia deixado para ser avaliada pela inspetora. Após assistir a suas gravações, ele reconhece a força do material produzido. Entra em contato com Dona Nina, que pela primeira vez tem sua voz legitimada.

Enquanto isso, a violência se intensifica ao seu redor: sua vizinha é baleada dentro do próprio apartamento, e Marcinho, um garoto que frequentava sua casa em busca de acolhimento e pequenos trabalhos, é tragado pelo tráfico. O jornalista se torna um facilitador para que Dona Nina seja finalmente escutada pela inspetora responsável, mas, para que a operação policial seja deflagrada, a idosa precisa ingressar no programa de proteção à testemunha, o que exige renunciar a sua identidade, de seu lar e de toda sua rotina. Entretanto, a implicada relação da polícia com a criminalidade lança Dona Nina em uma situação irreversível.

O filme se passa nas ruas cariocas de 2005, período em que as possibilidades de gravação eram limitadas e financeiramente inacessíveis para grande parte da população. Diante da negligência das autoridades e da escalada da violência ao seu redor, Dona Nina investe mais do que possui na compra de uma filmadora, na esperança de que suas gravações sejam capazes de expor a brutalidade cotidiana e mobilizar uma resposta efetiva. Através de seus registros, torna-se possível evidenciar um poder que se sustenta em si mesmo, caracterizando um campo de barbárie, conforme elucidado por Melman (2018). Atualmente, com a disseminação dos smartphones e a acessibilidade das ferramentas de registro audiovisual, cenas como as denunciadas por Dona Nina estão amplamente propagadas na

internet. Esse material, que expõe a violência de forma crua e sem mediação, exerce um fascínio particular sobre os jovens, especialmente aqueles carentes de instâncias balizadoras que lhes ofereçam referências simbólicas estruturantes.

A adolescência é o momento em que o sujeito deve buscar na cultura novas referências para se distanciar dos significantes paternos através dos quais se identificava. Nesse tempo lógico, o adolescente se depara com a inconsistência estrutural do Outro. Miller (2015) destacou, no contexto europeu, a atração exercida pelo discurso radical do islamismo sobre os adolescentes ao oferecer referências sólidas sobre os papéis de homem e mulher, em clara contradição com o esvaziamento do lugar do Outro. Jovens desorientados são seduzidos pelo triunfo propagado pelo fundamentalismo islâmico, que exhibe seu poder incontestável por meio de vídeos brutais, sendo esses capazes de convocá-los à integração no grupo. Embora a internet tenha minimizado as fronteiras entre países e continentes, a circulação de conteúdos assume características regionais. Bruno observa que, no Brasil, esse tipo de material é frequentemente produzido por facções criminosas, especialmente em grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, e divulgadas como estratégia para reafirmar seu domínio, disseminar medo e atrair novos adeptos.

Ainda que não constitua o foco central desta tese, a realidade dos Incels (celibatários involuntários) não pode ser desconsiderada, dada a ampla disseminação de seus discursos misóginos e os efeitos potencialmente devastadores que acarretam. A minissérie “Adolescência” (Netflix, 2025) ilustra com contundência essa problemática, ao retratar o drama de uma família desestruturada após um trágico evento: um adolescente de 13 anos esfaqueia uma colega de escola.

Entre as diversas questões denunciadas pela narrativa, destaca-se a forma como os meninos, durante o processo de adolecer, vivenciam desconfortos corporais, dificuldades na construção de vínculos de amizade — especialmente em contextos escolares marcados por hostilidade — e insegurança diante da possibilidade de se aproximarem das meninas. Nesse cenário, o ciberespaço surge como espaço de acolhimento simbólico, oferecendo explicações aparentemente coerentes para o mal-estar vivido. Um exemplo disso é a difusão de ideias como a de que “80% das meninas se interessam por apenas 20% dos rapazes”, cujas características físicas estariam alinhadas a padrões hegemônicos de masculinidade.

A frustração gerada por essas vivências encontra ressonância em grupos de pares que se identificam por meio do traço comum de “rejeitados”, reforçando discursos de ódio e misoginia. Tais discursos alimentam fantasias de revanche, frequentemente materializadas em atos violentos e brutais. O impacto causado nos telespectadores decorre, em grande parte, da

incongruência entre a violência perpetrada e a imagem infantilizada e aparentemente frágil do personagem Jamie. Essa dissonância evidencia que, por trás do ato violento, havia um grupo de adolescentes atravessados por sentimentos comuns de desamparo, experiências afetivas fracassadas e uma raiva desproporcional dirigida às mulheres.

Na contemporaneidade, observa-se a formação de uma legião de adolescentes desorientados diante da multiplicidade de referências instáveis, fragmentadas e inconsistentes. Tal cenário os conduz a um mergulho nos dispositivos móveis, aos quais recorrem com perguntas fundamentais sobre o que significa ser homem ou mulher na atualidade. Nesse processo, consomem conteúdos nas mais diversas plataformas digitais, muitas vezes sem qualquer filtro, mediação simbólica ou instância protetora que permita a elaboração crítica do que é visto. Incapazes de assimilar e simbolizar adequadamente essas experiências, tornam-se mais suscetíveis à influência de discursos violentos, radicais e excludentes.

No que se refere aos participantes da pesquisa, além da sobrecarga de informações digitais, a realidade local de Serra Talhada impõe um fator adicional de exposição à brutalidade. A violência cotidiana é parte do tecido social e da experiência subjetiva dos moradores, tornando-se um elemento estruturante da vida na região. A ausência de mediações simbólicas e a legitimação da força como forma de organização social reafirmam as observações de Melman e Valencia, evidenciando como a violência não apenas persiste, mas se reinventa e se consolida dentro do tecido social, tanto em contextos locais quanto no cenário digital.

Apesar do consumo repetitivo do conteúdo tóxico, Ana não conseguia descrever a cena chocante do suicídio através de palavras, precisou recorrer a materialidade das imagens e compartilhá-las para que o grupo alcançasse a dimensão da tragédia e para que ela própria pudesse elaborar seu mal-estar. Toke (2019) nomeia como *trash* o conteúdo que versa sobre violência, ódio e expõe o sexual sem véu, através de cenas brutais e segue apontando para o movimento dos adolescentes que são levados a buscar mais informações sobre aquilo que viram em nome de um desejo de saber, na tentativa de encontrar efeitos de sentido para ligar o real ao simbólico. Diante da exposição do universo chocante, os efeitos da brutalidade persistem e conduzem os adolescentes a elaborar aquilo que foi consumido por três vias: (1) ler os comentários para conhecer a impressão dos internautas, em uma demanda de identificação; (2) explorar mais informações sobre a notícia; (3) compartilhar com os amigos para contar aos outros o que foi visto.

Os adolescentes sertanejos do grupo de Ana confessaram que esse tipo de conteúdo com cenas de acidentes mortais, pessoas cometendo suicídio, situações de tortura, ataques,

chacinas apesar de ser extremamente violento, é largamente buscado e consumido. Aparecem de forma censurada nas redes sociais, como Instagram e TikTok, entretanto deixam as pegadas para serem encontrados na íntegra em outras plataformas com moderação de conteúdo mais branda, basta alguns cliques. Despertados pelo interesse em saber mais sobre o pouco que viram, exploram a notícia. O conteúdo gore é potencialmente viral, justamente porque fomenta sensações e conduz o indivíduo a buscar ajuda no coletivo, compartilhando e disseminando a matéria. Essas cenas de horror trazem consigo um desafio nas suas entrelinhas: eu conseguiria enfrentar? Os adolescentes são atraídos para testar as próprias capacidades de resistência psíquica.

Neste sentido, Toke (2019) aponta que quanto mais frágil for o sujeito, mais tentadora será a ideia de se testar. Atualmente, pela intensa disseminação e fácil propagação, todos os adolescentes recebem e têm contato com essa temática, aqueles que estão em maior vulnerabilidade tendem a ficar mais expostos, devido ao efeito viciante: querem ver sempre mais. Toke (2019) compreende como frágeis aqueles adolescentes que recorrem ao registro simbólico de forma vacilante passando pouco pela linguagem. O psicanalista explica que esses adolescentes, devido à incapacidade de organizar em palavras, preferem algo como um sinal ou ato. Sendo assim, Toke aproxima o consumo de conteúdos *trash* aos comportamentos de risco (um pequeno roubo no supermercado, beber demasiadamente ou se cortar) pois revelam um sentimento íntimo de vulnerabilidade extrema face às ameaças do mundo exterior.

Anaut e Strauss (2004) destacam a atração irreprimível do sujeito pela contemplação de cenas de horror, fenômeno que evidencia a articulação entre o proibido e o prazer. Esses conteúdos, classificados por Toke como *trash* e nomeados pelos participantes da pesquisa como “tóxicos”, alimentam uma insaciável curiosidade sádica e remetem à dimensão da transgressão, ilustrando a proximidade entre interdição e desejo, conforme sintetizado no ditado popular: “tudo que é proibido é mais gostoso”.

A ampla circulação da necromídia, muitas vezes sem censura ou restrição etária, minimiza a barreira do proibido, uma vez que o fácil acesso proporcionado pela internet dilui limites e contribui para a banalização da violência. No período em que Anaut e Strauss (2004) investigaram a relação entre crueldade e prazer escópico na internet, esses conteúdos estavam restritos à *deep web*, acessíveis apenas por meio de sites proibidos ou pagos. Naquele contexto, buscar esse material representava a transgressão de barreiras de censura e interdição.

Embora as regras de moderação tenham se flexibilizado e o acesso a esse tipo de conteúdo tenha se tornado mais simples, os adolescentes ainda reconhecem a carga transgressiva envolvida em seu consumo. Tal percepção se manifesta tanto no constrangimento demonstrado por Ana ao ser exposta, quanto na apreensão expressa pelos participantes da pesquisa diante da possibilidade de que seus pais descubram os conteúdos que acessam.

Ao consumir e compartilhar esse tipo de conteúdo, o usuário contribui diretamente para o aumento do engajamento e do alcance de postagens que retratam violência extrema, incentivando, assim, a produção e disseminação de materiais similares. Anaut e Strauss (2004) argumentam que o espectador, ainda que não participe ativamente dos atos macabros, assume passivamente a posição de cúmplice e testemunha da crueldade praticada, isentando-se, contudo, da responsabilidade sobre tais eventos.

Paralelamente, os autores ressaltam que o fascínio pelo horror e a compulsão pelo olhar são inerentes à condição humana. Como exemplo, mencionam o fenômeno recorrente em acidentes rodoviários, nos quais o tráfego é reduzido em ambas as direções, uma vez que motoristas diminuem propositalmente a velocidade para observar a cena do ocorrido. Com a proliferação das mídias digitais, esse impulso de ver se intensifica já que o acesso a conteúdos violentos se torna imediato, acessível e onipresente, levando alguns usuários a explorar, sem restrições, as camadas mais profundas da crueldade. Ana, não apenas recebia e assistia aos vídeos, ela armazenava em seus arquivos pessoais para facilitar seu contato e acesso a esse tipo de conteúdo.

Insistimos na contradição entre o consumo repetitivo e intenso de vídeos classificados como “tóxicos” e o impacto singular de um deles que deixa Ana sem palavras. Incapaz de nomear ou processar a experiência sozinha, a jovem sente a necessidade de compartilhar a cena com a pesquisadora e o grupo. Esse movimento sugere que, ao trazer a imagem para a esfera da conversação, abre-se uma possibilidade de simbolização e elaboração psíquica daquilo que, até então, permanecia no registro do indizível.

A relação entre violência e linguagem, proposta por Melman (2008, p. 69), esclarece essa dinâmica. Segundo o autor, “a violência aparece a partir do momento em que as palavras não têm mais eficácia”. No entanto, ao exibir o vídeo no contexto da conversação, Ana abre uma possibilidade para ir na contramão desse processo, buscando reintroduzir a palavra onde antes predominava o impacto mudo da imagem. Esse gesto sugere um esforço para recuperar a mediação simbólica, convertendo a brutalidade assistida em um objeto passível de significação e, assim, minimizar os efeitos disruptivos sobre sua subjetividade.

Freud (1920), em seu texto fundamental “Além do princípio do prazer”, interpreta a compulsão à repetição como uma manifestação da pulsão de morte, evidenciando a tendência do psiquismo a reviver experiências traumáticas. Nesse sentido, a exposição reiterada a conteúdos violentos não apenas revela o fascínio pelo horror, mas também pode indicar um mecanismo psíquico mais profundo, em que a repetição opera como uma tentativa inconsciente de lidar com o excesso mortífero de seus conflitos psíquicos traduzidos como angústia.

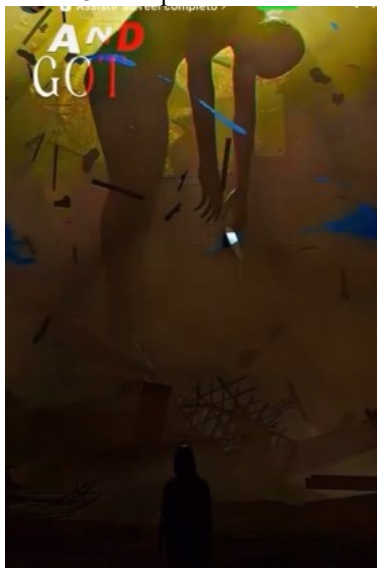
No mesmo dia da conversação em que assistimos a cena do suicídio, Ana publicou, em seu perfil no Instagram, apenas para os melhores amigos, um vídeo acompanhado da música “In The End”, da banda Linkin Park. A canção expressa sentimentos de frustração, decepção e desesperança, porém essa associação não se limita apenas à letra da música, mas também ressoa simbolicamente com a trajetória da banda, marcada pelo suicídio de um de seus vocalistas. O material compartilhado apresentava uma sucessão de imagens compostas por ilustrações de anime e outros estilos de desenho, todas retratando corpos caídos, ensanguentados ou sem vida. As cenas enfatizavam marcas de agressões autodirigidas e expressões intensas de sofrimento, compondo uma narrativa visual que evidencia a articulação entre violência, dor psíquica e representações estéticas da angústia. A seguir, algumas capturas do vídeo:

Foto 30 - Captura do vídeo “A”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 31 - Captura do vídeo “B”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 32 - Captura do vídeo “C”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

A postagem do vídeo com conteúdos que expressam sofrimento, desesperança e ideação suicida, logo após a exibição da cena do atropelamento da jovem na estrada, não

parece ser uma mera coincidência. Esse ato sugere o consumo prévio de mídias tóxicas, que podem influenciar o adolescente a, por identificação, expressar seus próprios desejos mórbidos por meio de postagens.

É importante destacar a diferença significativa entre o vídeo compartilhado na conversação – um conteúdo cru e desprovido de qualquer mediação simbólica – e aquele postado nas redes sociais, ainda que ambos abordem o suicídio. A forma como a morte é representada em cada um desses contextos é fundamentalmente distinta: enquanto o primeiro exhibe a brutalidade da morte de maneira explícita e real, o segundo passa por um processo de estetização, atenuando a violência da cena e conferindo-lhe uma dimensão simbólica, ainda que retrate a desistência da vida.

Além deste vídeo, compreendido aqui como a expressão do sofrimento de Ana nas redes sociais, a adolescente expôs de diversas maneiras sua dificuldade em contornar sua aflição por outra via que não fosse os impulsos destrutivos. Cortava-se com tamanha frequência que as lesões foram se tornando mais profundas e ganhando espaços mais amplos no corpo. Chegou ao ponto de se cortar nas mamas em plena sala de aula, sendo conduzida pelo professor para a direção. Sobre essa ocasião, Ana compartilhou ter sentido uma intensa dor no peito, componente somático da angústia, que revela seu excesso pulsional e sua atitude no real do corpo de cortar-se como uma forma de descarga precária. Ana recorre ao professor, espera por um acolhimento da escola, entretanto a instituição escolar ameaçou comunicar à sua mãe. A conduta foi pavorosa para Ana, pois sua mãe já havia alertado que da próxima vez que surpreendesse a filha se cortando, ela própria pegaria um facão e lhe cortaria profundamente o braço. A advertência elevou a situação lesiva ao ápice da violência, da incompreensão e da ameaça de castração. Ana carece de uma referência sólida, de um Outro encarnado que lhe transmita um saber-fazer com seu gozo, com seu excesso pulsional.

Conforme discutido anteriormente, esta pesquisa teve como objetivo investigar as expressões de sofrimento dos adolescentes por meio de suas postagens nas redes sociais. No entanto, a análise do material coletado revelou um consumo significativo de vídeos caracterizados por extrema brutalidade e violência, desprovidos de qualquer mediação simbólica. Esse fenômeno levou à necessidade de uma ampliação conceitual, redefinindo a expressão do sofrimento adolescente não apenas a partir do que é publicado, mas também considerando os conteúdos consumidos nessas plataformas digitais.

A netnografia não permitiu acesso direto ao material consumido pelos participantes; no entanto, a conversação possibilitou que eles próprios revelassem o consumo de conteúdos tóxicos. Com base nessa análise, sustenta-se a tese de que o sofrimento se manifesta em uma

dupla vertente. De um lado, verifica-se o consumo de conteúdos tóxicos na posição de testemunhas da crueldade, que incluem cenas de extrema violência e brutalidade, de outro, observa-se a externalização do sofrimento pessoal por meio das publicações. Essa dinâmica pode ser compreendida à luz da teoria das pulsões, especialmente no par voyeurismo-exibicionismo, em que ambos os polos, apesar de apresentarem finalidades opostas, originam-se de uma mesma fonte pulsional. Sendo assim, será trazido aqui os balizamentos teóricos que sustentam a ideia da descarga pulsional nessas duas direções, no dar-se a ver e no material visto.

Em seu texto sobre a sexualidade, Freud (1905, p. 197) amplia a função dos olhos para além do olhar, articulando-os como fonte de prazer, segundo suas palavras: “O olho, talvez o ponto mais afastado do objeto sexual, é o que com mais frequência pode ser estimulado, na situação de cortejar um objeto”.

Mais adiante, em 1915, ao aprofundar sua teoria sobre as pulsões, Freud indicará seus diversos destinos: reversão em seu oposto, retorno em direção ao próprio eu, recalque e sublimação. Aqui nos interessa o primeiro destino cuja trajetória pode ir em duas direções: sair da atividade para a passividade e reversão do seu conteúdo de amor em ódio.

A partir dos pares de opostos, sadismo-masiquismo e voyeurismo-exibicionismo, Freud esclarece que a reversão em seu oposto afeta somente a finalidade da pulsão. Especificamente no par olhar e exibir-se, a reversão acontece na trajetória de olhar para ser olhado, obedecendo o seguinte percurso: (1) o olhar é uma atividade dirigida para um objeto estranho; (2) o sujeito desiste do objeto e dirige sua pulsão escópica em sua própria direção, aqui acontece a reversão da atividade para a passividade e surge uma nova finalidade: ser olhado; (3) por fim, ocorre a introdução de um terceiro diante do qual o sujeito se exibe a fim de ser olhado por ele.

Freud (1915) esclarece que, no caso da pulsão escópica, existe uma etapa preliminar que antecede o primeiro momento descrito nessa trajetória, ou seja, olhar para um objeto estranho. O início de sua atividade é caracterizado pelo autoerotismo, no qual o objeto de interesse é uma parte do próprio corpo do sujeito. Somente em um momento posterior, essa pulsão poderá ser direcionada a um objeto externo. A partir desta construção freudiana, Lemos (2018, p.174) conclui que, nesse movimento, se articulam a coexistência dos três tempos da pulsão escópica: autoerotismo, voyeurismo e exibicionismo. Sendo assim, “ver (voyeurismo) e ser visto (exibicionismo) não são destinos excludentes, mas, ao contrário, ambas ações estão presentes simultaneamente e indicam a estruturação e constituição pulsional”.

A dinâmica pulsional adquire novos contornos na puberdade, momento em que a irrupção das transformações corporais confronta o sujeito com a realidade de um corpo genitalizado, exigindo um reordenamento das pulsões. Nesse processo, as pulsões parciais passam a se organizar sob o primado da genitalidade, redefinindo a economia psíquica do púbere. A subversão libidinal que acompanha esse período desestabiliza os marcos psíquicos previamente adquiridos, podendo resultar em diferentes formas de manejo da excitação excessiva, tais como a negação da percepção, a passagem ao ato, a busca por descarga impulsiva ou a fixação em comportamentos adictos. Tais manifestações podem ser compreendidas como tentativas patológicas de lidar com a desorganização pulsional característica desse período (Attigui, 2019).

O consumo repetitivo das cenas de crueldade, sem qualquer filtro ou interrupção, colocam o sujeito em uma posição de vulnerabilidade diante da violência extrema. Nesse sentido, Anaut e Strauss (2004) utiliza a metáfora de que as imagens não possuem pálpebras, permanecendo sempre abertas. Essa exposição contínua afeta a imaginação e enfraquece os alicerces narcísicos do eu, ao mesmo tempo em que dissolve as fronteiras entre o público e o privado. Como consequência, a sensação de ameaça se intensifica, levando a respostas defensivas desproporcionais. É o caso de Ana, que, dominada pelo medo de ser invadida dentro de sua própria casa, adota medidas extremas de proteção, como dormir com uma faca debaixo do travesseiro, evidenciando os efeitos subjetivos da exposição prolongada à violência.

Como testemunhas da crueldade, o consumo frenético desses conteúdos revela que nenhuma imagem é plenamente satisfatória. Ainda que se exponha o horror em sua forma mais crua — corpos dilacerados, brutalidade extrema, torturas e estupro — algo permanece invisível, impelindo o sujeito a continuar buscando. A compulsão pela próxima imagem, idêntica e, ao mesmo tempo, sempre inédita, sugere um ciclo incessante de repetição e insatisfação, evidenciando o caráter viciante desse consumo.

Anaut e Strauss (2004) propõem que a compulsão ao olhar remete diretamente à cena primitiva descrita por Freud (1919), na qual a criança observa ou supostamente observa uma cena de relação sexual entre os pais, geralmente interpretada como um ato de violência cometido pelo pai (Laplanche; Pontalis, 2001). Assim como na experiência infantil de tentar compreender o desejo e o gozo do outro sem nunca os acessar completamente, o consumo compulsivo de imagens violentas subverte limites psíquicos e compromete a integridade subjetiva. O olhar, aprisionado na repetição, busca incessantemente capturar algo que, estruturalmente, escapa.

Retornando para as conversações com o grupo Central 01, em uma discussão posterior, abordou-se o tema do bullying e seus impactos. Os participantes fizeram uma relação com a disseminação de conteúdos tóxicos. Destacou-se que, no ambiente digital, o anonimato e a mediação da tela favorecem a desinibição, incentivando discursos de ódio e comentários maldosos. Ana, ao refletir sobre a gravidade do problema e a possibilidade de uma pessoa chegar ao suicídio devido ao bullying, compartilhou uma fantasia de revanche. Ela imaginou unir-se a um rapaz que havia invadido a escola portando um celular e gravando os alunos no pátio de forma ameaçadora, com a intenção de realizar um massacre. Armados com armas de fogo, Ana visualizava atacar aqueles que, em sua percepção, haviam lhe causado sofrimento e prejudicado seus amigos.

Embora Ana tenha fantasiado sobre a execução do ato, ela não representava uma ameaça consistente à instituição. Sua imaginação refletia um devaneio diurno, uma imaginação de vingança, sem intenção concreta de realização. O espaço de conversação se mostrou essencial para que ela pudesse expressar seu desejo sem ser percebida como um risco. A verbalização de seus pensamentos, ao possibilitar a elaboração simbólica de suas angústias, funciona como um mecanismo de contenção, afastando a necessidade de agir impulsivamente.

Segundo Lima e Santos (2019, p. 280) “os jovens na internet encontram-se desamparados, sem bússola, pois estão sem o suporte de um Outro humanizado. Ficam à deriva, deslizando em um campo sem fronteiras definidas”. Em contraposição ao desamparo e desnorteamto, Ana vivenciou o espaço viabilizado pela conversação. Ainda que tenha apresentado dificuldade de nomeação do seu mal-estar, o ambiente acolhedor e de escuta permitiu que Ana mantivesse a violência dirigida ao outro via massacre em sua fantasia, não precisando passar ao ato, como também apresentou um efeito de contenção no agir agressivo contra si. A escuta oferecida pela conversação operou como uma função de sustentação psíquica, capaz de interromper o circuito mortífero e reinscrever Ana na lógica do laço, transformando a palavra em possibilidade de existência e alargando sua potencialidade de vida.

A imagem seguinte é uma montagem publicada por Ana em seu perfil do Instagram, composta por diversas pinturas que retratam mãos em diferentes contextos. Na primeira imagem trata-se de uma mão segurando uma arma que aponta na direção do espectador. Apesar do impacto dessa primeira cena, a composição revela um esforço para lidar com o mal-estar por meio da arte. Mãos tocando piano, violino e violão indicam uma tentativa de canalizar emoções através da música. Entre essas representações, destaca-se a imagem de uma

mão pousada sobre um peito iluminado, que remete a dor dilacerante expressa por Ana como um peso sentido no peito e a necessidade de expurgar esse sofrimento de alguma forma. Esse gesto, mais do que uma busca por conexão ou alívio, simboliza uma angústia que transborda em sua tentativa de expressão. A justaposição desses elementos cria uma tensão entre o desespero e a sublimação, outro destino pulsional, evidenciando o conflito interno entre o sofrimento e a necessidade de dar forma à dor por meio da arte.

Foto 33 - Diferentes contextos Postagem de Ana



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Apesar de a construção da subjetividade de Ana estar profundamente atravessada por uma orientação voltada para a morte — evidenciada em diferentes manifestações, como seus atos autolesivos, publicações que expressam suas mazelas, consumo reiterado de conteúdos violentos e fantasias de massacres escolares —, ela também se apresenta como artista. Inclusive Ana fez seu perfil no Instagram motivada pelo desejo de ser ouvida e reconhecida, especialmente como cantora.

Uma de suas músicas favoritas, “What Was I Made For”, da artista Billie Eilish, ressoa diretamente com as inquietações típicas da adolescência, em especial a questão

existencial: “Para que eu fui criada?”. A canção, composta para o filme *Barbie*, lançado no Brasil em meados de 2023, dialoga com a crise identitária da personagem, que, ao se confrontar com a noção de morte, questiona o sentido de sua existência, previamente moldada para se encaixar em um ideal frágil e insustentável. A preferência de Ana pela artista, bem como pela música do filme nos aponta algo de um possível movimento de saída da barbárie.

A própria Billie Eilish, então com 22 anos, revelou que a música surgiu em meio a um período de intensa infelicidade e depressão, tornando-se um “instrumento de salvação” (Moratelli, 2024). É esse caminho que tento apontar para Ana, em uma conversa mais íntima e particular, quando a lembro que ela é dotada de uma potencialidade artística e que “quem canta, seus males espanta”, para vislumbrar uma possibilidade de expressão e elaboração de seus sofrimentos que supere essa via mortífera.

Embora suas condutas transgressivas se inscrevessem no corpo e em suas postagens nas redes sociais, onde ocupa repetidamente o lugar de “testemunha da crueldade”, há nela uma potência que vai além da dor. Sua arte não deve se limitar a ser apenas um reflexo do sofrimento, mas também um território de reinvenção. O desejo de ser reconhecida através da música revela que, mesmo em meio ao desamparo e desespero, há um impulso criativo que resiste. Talvez, como na canção de Billie Eilish, Ana ainda esteja buscando a resposta para a pergunta fundamental sobre sua existência e, nesse percurso, a arte possa ser tanto um refúgio quanto um caminho para se reconstruir.

5.3 A intensidade dos afetos e seus contornos psicopatológicos: “Adolescentes no galho da vida e da morte”

O filme de animação “*Divertida Mente 2*”, lançado em 2024, dá continuidade à história de Riley, agora entrando na adolescência e vivenciando o turbilhão emocional característico dessa fase do desenvolvimento. No primeiro filme, foram apresentadas as emoções básicas — Alegria, Tristeza, Raiva, Nojo e Medo — e a forma como influenciavam os pensamentos, memórias e ações da garota de 11 anos, que enfrentava a difícil adaptação após mudar de cidade com sua família.

Na sequência, ocorre uma reviravolta quando o “alarme da puberdade” dispara e novas emoções emergem: Ansiedade, Vergonha, Inveja e Tédio. Entre elas, a Ansiedade recebe um destaque especial, uma vez que Riley inicia o ensino médio e precisa lidar com o desafio de fazer novas amizades. Em momentos críticos, a protagonista experimenta picos de ansiedade que desorganizam suas emoções, resultando em episódios de intensa turbulência psíquica.

O filme retrata, de forma lúdica e acessível, a intensidade dos afetos na puberdade, sendo a personagem Ansiedade — representada visualmente por um tom alaranjado vibrante — aquela que mais gerou identificação no público. Do ponto de vista psicanalítico, a ansiedade é compreendida como um dos afetos constituintes do sujeito, podendo, contudo, adquirir contornos patológicos dependendo de sua intensidade e de seus efeitos na dinâmica psíquica.

A angústia, por sua vez, comporta uma variação e intensificação da ansiedade, é compreendida por Lacan (2005) como o único afeto que não engana, escapa ao simbólico e se aloja no real do corpo. Por isso, o sujeito acometido por uma angústia relata uma série de sinais e sintomas corporais (sudorese, taquicardia, falta de ar, náusea, tontura).

Lima (2020), ao analisar a evolução dos manuais diagnósticos dos transtornos mentais, destaca o impacto de sua abordagem descritiva e objetiva na leitura e compreensão do sofrimento humano. Atualmente, o padecimento de crianças e adolescentes tem recebido maior visibilidade, ao mesmo tempo em que é cada vez mais enquadrado em categorias psiquiátricas, sendo tratado predominantemente com combinações de fármacos e Terapia Cognitivo-Comportamental. Para o autor, esse fenômeno reflete um processo de medicalização, psiquiatrização, patologização e farmacologização da vida.

Essa leitura do sofrimento psíquico está vinculada ao que Lima (2020, p. 71) denomina como o “processo ideológico da nossa época”, responsável por produzir novas formas de nomeação do mal-estar. Nesse contexto, o vocabulário psiquiátrico influencia a construção da identidade do sujeito, que passa a se reconhecer e se definir a partir de rótulos psicopatológicos. Freda (2015) aponta uma mudança significativa no movimento identificatório dos adolescentes, que agora tendem a se agrupar com base nos sintomas que apresentam, como depressão, ansiedade, transtornos alimentares e comportamentos adictos.

Na última conversa com o grupo Central 01, foi solicitado que cada participante escrevesse no verso do seu crachá um novo nome para si, através do qual seria identificado na pesquisa, para proteger a identidade de cada um. Sob muito protesto, porque eles queriam ser nominados, reconhecidos, eles aceitaram e escreveram os novos nomes. Ana e Bárbara, sentadas juntas, coladas uma na outra, escolheram nomes sintomáticos: a primeira, Depressiva, a segunda, Ansiosa. Buscando não reforçar categorias nosológicas para as garotas, a pesquisadora tomou a liberdade de escolher os novos pseudônimos. Entretanto, cabe destacar aqui a identificação ao sintoma, como realmente um nome para si, uma redução ao traço psicopatológico.

Na pesquisa em questão, observou-se que o significante “ansiedade” apareceu de forma recorrente no discurso dos adolescentes sobre si mesmos, além de estar amplamente presente nas publicações relacionadas ao sofrimento psíquico. Os adolescentes seguem perfis no Instagram e no TikTok que fazem referência e reforçam esses dois sintomas e significantes da nossa época. Ao consumir esse tipo de conteúdo, os adolescentes podem compreender seu mal-estar, como se encontrassem uma tradução para seus sentimentos, expectativas, decepções. Nas conversações explicaram que quando se deparam com publicações que se identificam, repostam tornando aquela mensagem a sua própria voz.

Por outro lado, o grupo Campestre sinalizou o descrédito que essas mensagens transmitem. Eles consideram que publicar sobre o sofrimento, as mazelas, é uma forma de “chamar atenção”, entretanto os usuários acabam se expondo de forma bizarra e o que conseguem é “passar vergonha”. Os participantes confessaram “precisar se controlar” para não “cair na armadilha” e acabar sendo alvo de piadas pela *mostração* do sofrimento. Interessante o paradoxo entre a dura avaliação do comportamento daqueles que recorrem às publicações para sinalizar o mal-estar e a necessidade de se autocontrolar para não fazer o mesmo.

Algumas publicações que apontaram para o sofrimento adolescente fizeram referência direta a ansiedade, como um sintoma presente, difuso e de difícil manejo. Um exemplo disso é Valéria, integrante do grupo Campestre, que frequentemente expôs suas crises de ansiedade por meio de frases e vídeos repostados, evidenciando tanto o consumo quanto a identificação com esse tipo de conteúdo. Entre as postagens, destaca-se a seguinte afirmação: *“Nunca diga a alguém que ansiedade é frescura. Você não sabe o que é lutar contra isso todos os dias e ainda ter que colocar um sorriso no rosto”*. Essa declaração evidencia a recorrência de suas vivências de ansiedade, assim como a percepção da condição como uma luta diária contra os desafios que dela decorrem e a falta de empatia e de compreensão das pessoas a respeito do seu mal-estar.

Dentre as postagens apareceu a frase: *“Eu só queria parar de ter crise de ansiedade, mas ultimamente absolutamente tudo na minha vida é gatilho”*. Através de uma linguagem psicológica, Valéria reconhece as diversas fontes de sua angústia (“tudo é gatilho”) e expõe o quanto se sente injustiçada: *“Um dos piores sentimentos é você tentar entender o porquê você está passando por tanta coisa, se você sempre foi boa com todo mundo”*. Revela que se esforça para camuflar suas decepções e sofrimentos, mas eles continuam a lhe atormentar, opta por sofrer sozinha, refugiando-se em si mesma: *“Às vezes a gente engole coisas que nos machucam tanto... só para não causar brigas e no final do dia somos nós que choramos*

sozinhas enquanto tudo se repete na nossa cabeça”. A repetição do vivido enquanto pensamento aponta para uma tentativa sem sucesso de elaboração sobre o que se passou.

Segundo Corso, D. e Corso, M. (2018, p. 62), a velocidade aliada à intensidade desses pensamentos é causadora de ondas de angústia, ampliando o mal-estar ao invés de aplacá-lo. Os autores compreendem que a angústia é suscitada justamente pela incapacidade de lidar com a profusão de ideias desordenadas “para as quais não há encaixe, classificação, quer seja porque ativam conteúdos muito escondidos, quer seja porque não contamos com as premissas necessárias para saber o que pensar a respeito”. Em outras palavras, a angústia surge quando os pensamentos estão desordenados e o adolescente se sente incapaz de pôr uma ordem, encontrar uma explicação coerente para seus afetos bagunçados. A desorientação é consequência da dificuldade de “localizar a si mesmo”, uma vez que o lugar da infância, no qual a criança é amada pelos pais e os considera heróis, se tornou obsoleto, mas os amores substitutos ainda não existem, estão em processo de construção, deixando-os em um “território desértico”. Não se sentir amada, estar desamparada, é justamente o que Valéria nos revela através de uma postagem em que um bonequinho triste travava o seguinte diálogo: *“Por que você tá chorando? Porque sinto que ninguém me ama”*.

A partir dos conteúdos publicados por Valéria e das suas revelações nas conversações, pode-se perceber que a garota oscilava entre dois momentos distintos. No primeiro, quando parecia estar em uma boa fase do namoro, ela costumava expor seus sentimentos pelo amado, através de fotos dos dois, músicas sertanejas falando sobre paixão, alguns memes, paisagens. Em outra fase, suas postagens adquiriam um tom sofrido, versavam sobre sua ansiedade, desilusão amorosa, retratava seu ciúme intenso. Essas fases oscilavam bruscamente. Nas conversações, Valéria costumava se manter mais quieta, fechada, evitava se expor. Entretanto, era visível a diferença no seu semblante, nas palavras, na postura a depender do momento em que se encontrava com o namorado. Quando estavam bem, Valéria estava mais leve, brincalhona, quando brigavam, ela falava sobre se sentir abandonada, rejeitada, humilhada. Era curioso como, mesmo quando o namoro estava acabado, Valéria seguia se sentindo proprietária do companheiro, sinalizando uma colagem quase fusional.

Outro aspecto compartilhado por Valéria com o grupo foi seu relacionamento conturbado com a mãe. Mãe e filha frequentemente se desentendiam e vivenciavam situações de conflito. Apesar das divergências intensas, Valéria fez uma postagem no aniversário da mãe expressando seu amor e pedindo desculpas pelos atritos. Corso, D. e Corso, M. (2018) discutem essa ambivalência característica das relações entre adolescentes e seus pais, destacando como os filhos, ao desejarem maior independência, tendem a projetar nos adultos

os sentimentos de rejeição que, na realidade, partem deles próprios. Diante da dificuldade de assumir a autoria desse afastamento, os adolescentes frequentemente interpretam sua própria busca por autonomia como uma expulsão do espaço familiar, que, embora confortável, passa a ser percebido como restritivo.

A desarmonia entre Valéria e sua mãe foi um tema recorrente nas conversações, com dois episódios particularmente marcantes. O primeiro refere-se à menarca da adolescente: enquanto Valéria reagia com choro, sua mãe ria. Para a garota, esse momento foi vivenciado como delicado, disruptivo e assustador, e a reação materna, incapaz de acolher seu mal-estar, foi interpretada como um sinal de desdém. O segundo ponto diz respeito à sensação de invasão quando sua mãe tomava seu smartphone para verificar conversas e redes sociais. Embora Valéria reconhecesse o direito da mãe de acompanhar suas atividades online, a forma como essa supervisão era conduzida gerava desconforto, sendo percebida como uma intrusão em seu “universo particular”.

Segundo as postagens que tivemos acesso, os participantes da pesquisa seguem perfis denominados pelo rótulo psicopatológico de ansiedade e depressão. Encontramos inúmeras repostagens de perfis como “@ansiedadeconvivendo”, com mais de um milhão de seguidores. Durante todo período de coleta de dados netnográfico, Bárbara incluiu o perfil da pesquisa em sua lista de melhores amigos, de tal forma que tivemos acesso a postagens com conteúdos mais íntimos e reveladores de sofrimento. Uma de suas repostagens era um vídeo que fazia uma paródia da música Alice, de Kamaitachi. A versão original conta a história de Alice, uma garota que oscila entre a vida e a morte, porém em um de seus comportamentos de risco, excedeu-se e entrou em overdose, convulsionando em seu quarto. Na paródia, Alice torna-se indefinido e pluralizado: “adolescentes”, representando toda a categoria que enfrenta crises de ansiedade na sala de aula, no quarto. A overdose cede lugar para a ansiedade, ocasionando um efeito em comum de distorção da visão. O vídeo retrata cenas de uma sala de aula de um colégio, em que a ansiedade se revela de maneira sutil, pés que batem no chão de forma irrequieta, cabeças baixas, mãos que se tocam, movimentando-se como sinal de aflição.

Segue alguns recortes do vídeo:

Foto 34 - Capturas do vídeo “A”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 35 - Capturas do vídeo “B”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Foto 36 - Capturas do vídeo “C”



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Segue versão original da canção:

“Alice agarra no galho da vida e da morte
Dessa vez parece que Alice não teve sorte
Convulsiona no canto do quarto
Lacrima enquanto sua visão distorce
Alice no país da overdose”

E a versão adaptada retratada no vídeo publicado por Bárbara:

“Adolescentes se agarram no galho da vida e da morte
Dessa vez parece que não tivemos sorte
Crises na sala de aula e no quarto
Lacrima enquanto sua visão distorce
Adolescentes no país da ansiedade”

Rafaela, participante do grupo Campestre, compartilhou uma imagem do Coringa¹⁶ com a frase: “Nem a mente do palhaço está tão perturbada como a minha”, ao qual ela

¹⁶ O Coringa é um personagem icônico do cinema, principal antagonista do herói Batman. Nos filmes mais recentes, foi retratado como um homem marginalizado cuja violência surge como desdobramento de profundos conflitos psíquicos. Em Coringa, Arthur Fleck é um comediante fracassado e socialmente excluído, marcado pelo abandono materno e pela constante humilhação pública. Sua transformação no vilão ocorre

acrescentou: “Mais um pouquinho e adeus Rafinha”, revelando se sentir por um fio. Anteriormente, já havia postado uma self com um filtro que lhe deixava com a maquiagem famosa do assustador personagem, rosto branco e detalhes vermelhos e azuis. Para Corso, D. e Corso, M. (2018, p. 62), pequenos incidentes e frustrações são capazes de desencadear intensas reações, segundo suas palavras:

De súbito tudo parece tristemente irremediável aos adolescentes. As falências, desesperanças, que podem decorrer de um simples desentendimento com um amigo, uma conduta impopular, uma desilusão amorosa, têm a força de tsunamis emocionais; varrem até a vontade de existir. O desespero é companheiro de qualquer adolescente que tiver o potencial psíquico de pensar criticamente.

Nas conversações, Rafaela falava frequentemente sobre sua luta contra um quadro ansioso e depressivo, sua insegurança em relação a sua aparência, conflitos no relacionamento amoroso porque o namorado sempre entregava menos do que ela esperava. Sua atividade sobre o corpo, detalhada no capítulo anterior, revelou uma série de insatisfações e sofrimentos típicos do adolecer nas redes sociais atravessado pelos ideais inatingíveis. Em um determinado momento, falou sobre ter piorado dos sintomas, voltado à psiquiatra para rever os medicamentos, após ter ido para o hospital achando que estava com uma queixa cardíaca, mas a palpitação foi compreendida como manifestação da ansiedade. Neste dia, Rafaela postou uma foto com a frase: “Fui no hospital com muita dor no peito, falta de ar, arritmia e saio de lá com o encaminhamento para o psiquiatra”. Tratava-se de uma repostagem e ela completou escrevendo: “Foi desse jeitinho”. Os sintomas foram interpretados pelos médicos como excessivos ao ponto de ter sido encaminhada para tratamento medicamentoso. Entretanto, compreendemos que Rafaela não estava em risco de suicídio, apesar de sua ansiedade ter chegado ao ponto de cogitar uma saída via morte. Acompanhamos a ideia de Corso, D. e Corso, M. (2018) de que os adolescentes estão mais suscetíveis a ondas de desespero, desesperança, fantasias de suicídio, sem que isso represente uma psicopatologia cujo manejo ideal seria medicamentoso.

Um determinado dia, Rafaela postou um poema com o qual se identificou e que será reproduzido aqui na íntegra:

PEDAÇOS DE MIM

Eu sou feito de sonhos interrompidos
Detalhes despercebidos
Amores mal resolvidos

Sou feito de choros sem ter razão
Pessoas no coração
Atos por impulsão

Sinto falta de lugares que não conheci
Experiências que não vivi
Momentos que já esqueci

Eu sou amor e carinho constante
Distraída até o bastante
Não paro por instante

Já tive noites maldormidas
Perdi pessoas muito queridas
Cumprimentos não prometidas

Muitas vezes eu desisti sem mesmo tentar
Pensei em fugir, para não enfrentar
Sorri para não chorar

Eu sinto pelas coisas que não mudei
Amizades que não cultivei
Aqueles que eu julguei, coisas que eu falei

Tenho saudade de pessoas que fui conhecendo
Lembranças que fui esquecendo
Amigos que acabei perdendo
Mas continuo vivendo e aprendendo.

(Martha Medeiros)

O poema aponta para uma lucidez sobre o vivido e o perdido. Uma maturidade para reconhecer e aceitar as limitações próprias da vida, os equívocos, decepções com pessoas e consigo mesmo. Em versos rimados e bem escritos, a autora sinaliza e Rafaela parece se identificar, com a marcha da vida que segue independente daquilo que se conquista, do que foi destruído, é irrecuperável ou simplesmente foi embora. Parece ser um ritmo contrário do colorido intenso adolescente, mas um alvo a ser conquistado. Esse poema foi resgatado para

sinalizar a ambivalência em Rafaela e sua potencialidade de vida, apesar do sofrimento que repetidamente se queixa e ocasionalmente expõe. A adolescente carrega em si um desejo de viver, experimentar, melhorar, é altamente habilidosa em comunicar sobre os seus dissabores e usa essas questões como possibilidade de laço social. Conforme descrito anteriormente, foi frequente a identificação das demais participantes com os relatos trazidos por Rafaela.

No clássico livro “A adolescência normal”, Aberastury e Knobel (1981, p. 58) destacam as flutuações de humor e estado de ânimo como aspectos inerentes a essa fase do desenvolvimento, que não devem ser apressadamente categorizados como patológicos. Segundo o autor, “um sentimento básico de ansiedade e de depressão acompanhará permanentemente, como substrato, o adolescente. A quantidade e a qualidade da elaboração dos lutos da adolescência determinarão a maior ou menor intensidade desta expressão e destes sentimentos”. Diante do atual contexto de crescente patologização das emoções, do sofrimento e das experiências de perda, torna-se fundamental resgatar perspectivas que deslocam o foco do adoecimento para os processos constitutivos da subjetividade.

5.4 “Dormir é o melhor remédio”

Retornando às simbolizações de sofrimento, Ana fez uma postagem na qual retratou uma jovem maquiada e bonita, porém com a seguinte frase: “Pareço estar bem, mas minha maior vontade é de me dopar e dormir por meses”.¹⁷

A postagem revela uma estratégia normalmente usada pelos adolescentes de dormir para aplacar a tristeza. Além desta imagem, o tema foi abordado nas conversações e as opiniões se dividiram, para a maioria dormir alivia o fluxo de

sentimentos negativos, mas às vezes não é suficiente para se sentirem melhor.

Foto 37 - Postagem sobre dormir

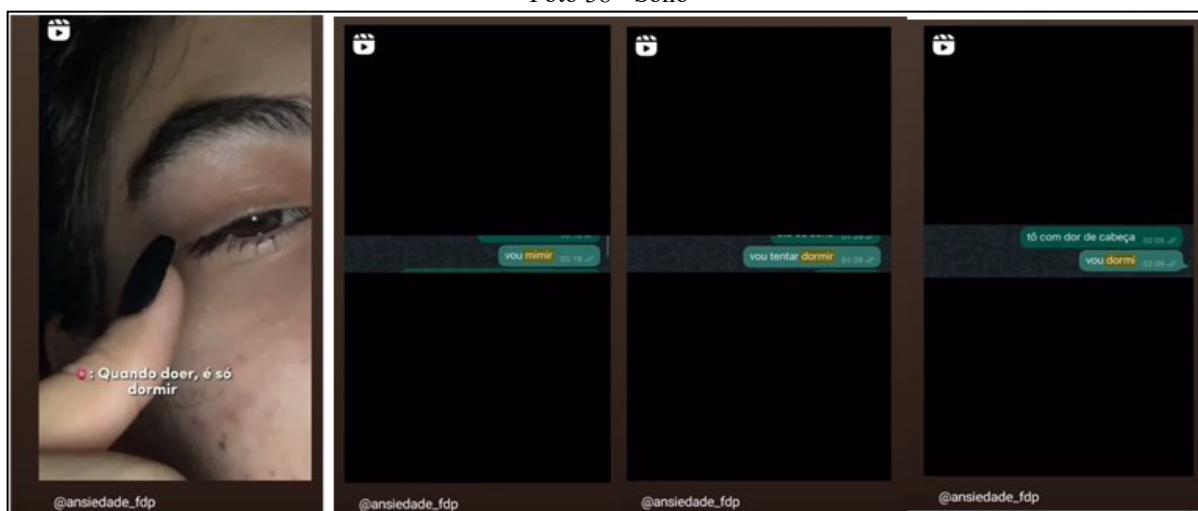


Fonte: acervo da pesquisa (2025)

¹⁷ Importante esclarecer que a moça retratada na imagem não é Ana. Trata-se de uma postagem que ela viu em outro perfil e repostou. Nenhuma das fotos e postagens apresentas nesta tese mostram imagens dos participantes.

O sono é uma forma sutil de desaparecer de si mesmo, funcionando como uma fuga temporária da realidade e dos desconfortos que ela pode trazer. Ao entregar-se ao sono, o indivíduo experimenta uma suspensão da consciência que reduz o impacto de situações que causam mal-estar. Além disso, o ato de dormir pode ser interpretado como uma forma de evitar responsabilidades ou de se desvencilhar das pressões de se alinhar às expectativas alheias. Nesse sentido, o sono não é apenas um estado biológico, mas também um refúgio simbólico, permitindo ao sujeito isolar-se e “fechar as portas” para o mundo austero, uma alternativa para se retirar da realidade. Dormir pode ser uma estratégia para fugir do desafio de sustentar a própria existência. Ausentar-se das intempéries da vida pelo sono, é uma forma de se anestesiarse sem utilizar nenhuma medicação (Le Breton, 2018). O próprio sono é o remédio para os dissabores da vida, como compreendeu Bianca ao explicar que para ela dormir é o melhor remédio. E nessa direção advertiu Bárbara: “Quando doer, é só dormir”. No vídeo em questão, após a imagem da moça que dá esse conselho, seguem-se inúmeras mensagens trocadas pelo WhatsApp em que ela avisa que vai dormir ou tentar dormir.

Foto 38 - Sono



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Neste sentido, o sono é um poder, “ele mantém o mundo na mira para não ser atingido por ele. É o exercício de um controle, como uma porta que alguém abre ou fecha a seu bel-prazer para não ser submergido” (Le Breton, 2018, p. 55). Compreendido como estratégia, suplência e com seu potencial restaurador, ao dormir o indivíduo pode se desvencilhar do que lhe incomoda, das suas mazelas, para, no momento posterior, voltar ao mundo renovado, com sua energia restabelecida, “um apelo à calma, uma moderação”. É assim que Rafaela compreende o sono em meio ao turbilhão avassalador dos acontecimentos que lhe tiram do eixo: dormir para esquecer o que lhe faz mal e acordar melhor, renovada.

Lacadée (2011, p. 20) destaca que os adolescentes vivem ancorados no presente, imersos na lógica do ultimato. Essa característica pode, equivocadamente, impulsionar uma clínica da pressa, na qual o tempo de elaboração é abreviado, conduzindo diretamente do instante de ver ao momento de concluir. Nessa dinâmica, o ato se sobrepõe à palavra, lançando o adolescente em situações de alta intensidade e imprevisibilidade. Como expressa Lacadée, ao parafrasear Rimbaud, o adolescente está “apressado para encontrar o lugar e a fórmula”, buscando um espaço onde possa ser autenticado e reconhecido.

O autor denomina como “modalidades clínicas do desarvoramento” os sintomas que emergem diante do impasse na relação com o Outro. O termo desarvoramento remete tanto a um estado de confusão e desorientação, característico de uma perturbação psíquica, quanto a uma fuga precipitada ou ao colapso simbólico de estruturas anteriormente estabelecidas.

Nas conversações assim como nas postagens, os adolescentes falam do ato de dormir com uma torção. Não se trata apenas de uma necessidade fisiológica, mas de uma forma de evasão, fuga. No vídeo postado por Bárbara, por exemplo, a adolescente recorre ao sono como estratégia para lidar com a dor, comunicando reiteradamente sua intenção de “desaparecer” através do dormir a diversos interlocutores. É interessante que as mensagens estão sendo enviadas na alta madrugada, por volta das 2h, mas ela ganha contornos de uma saída não esperada, conferindo a ação um caráter inesperado e simbólico. Nesse contexto, o dormir rompe com a lógica da impulsividade e da urgência que frequentemente caracteriza a adolescência. Em vez de agir, o sujeito suspende suas ações, adiando qualquer resolução ou enfrentamento do sofrimento. A angústia, a dor e a pressa, ainda que momentaneamente, adormecem.

As postagens que revelam o ato de dormir como uma estratégia para lidar com a dor subjetiva evidenciam, simultaneamente, a urgência de se desconectar das redes sociais como forma de alívio psíquico. Informar à rede de contatos que vai dormir — quase como um comunicado necessário — pode ser interpretado como um gesto de resistência diante da lógica de hiperconectividade, de uso contínuo que sustenta essas plataformas, desenhadas para manter os sujeitos em constante atividade e exposição. No cotidiano dos adolescentes, essa desconexão é particularmente desafiadora: muitos relatam a dificuldade de se afastar do celular mesmo durante a noite, mantendo-o sob o travesseiro, prontos a responder a qualquer notificação. Nesse contexto, o sono se torna mais do que uma necessidade fisiológica — passa a funcionar como uma espécie de refúgio silencioso diante da enxurrada de informações, imagens e demandas relacionais que atravessam o ambiente digital. Não se trata, necessariamente, de um cuidado deliberado de si, mas de uma estratégia de sobrevivência

subjetiva frente ao excesso que ameaça a integridade psíquica. Por isso, ainda que saibamos o quanto é difícil se desconectar, propomos o trocadilho: “quando doer, é só desconectar”, sinalizando para a necessidade de um uso mais consciente e racional dos dispositivos tecnológicos, afim de preservar a saúde psíquica dos adolescentes.

5.5 “Tchau minhas queridas”: cortes silenciosos, dores que gritam

Outra estratégia para contornar a dor de existir e denunciada pelas postagens sinalizadoras de sofrimento são as lesões cutâneas autoprovocadas. Além das referências aos cortes nas postagens, diversas participantes compartilharam nas conversações recorrer aos cortes como estratégia de diminuição do sofrimento, dentre elas: Maria Luiza, Bárbara, Ana, Larissa, Manuela, Rafaela, Valéria. A coleta de dados netnográfica não recolheu um número significativo de postagens com esse conteúdo, entretanto foi recorrente nas conversações referências às autolesões.

A hipótese que levantamos para a reduzida quantidade de publicações a respeito dos cortes se deve a dois motivos. O primeiro tem relação com a moderação da própria plataforma. Em 2019, o Instagram divulgou uma mudança em sua política de moderação de conteúdo e anunciou (Mosseri, 2019, p. 1):

Não permitiremos nenhuma imagem gráfica de automutilação, como cortes no Instagram, mesmo que isso fosse permitido anteriormente. [...] Não mostraremos conteúdo não gráfico relacionado à automutilação – como cicatrizes curadas – em pesquisas, hashtags e na aba explorar, e não o recomendaremos. Não removeremos esse tipo de conteúdo do Instagram completamente, pois não queremos estigmatizar ou isolar pessoas que podem estar em perigo e postando conteúdo relacionado à automutilação como pedido de ajuda.

De acordo com a nova política de moderação de conteúdo, as postagens expondo autolesões seriam censuradas, além de terem medidas para reduzir seu engajamento, como não aparecimento nas buscas e hashtags. A mudança inibe a exposição do conteúdo, porém não suprime completamente, justamente por reconhecer que pode ser uma maneira de pedir ajuda e sinalizar o sofrimento.

O segundo motivo pelo qual acreditamos não termos tido acesso a um número significativo de postagens sobre autolesões é a restrição do público ao qual se dirigem esse conteúdo, normalmente para listas de melhores amigos. O perfil da pesquisa foi incluído nessa lista de uma parcela pequena dos participantes, de tal forma que não tivemos acesso ao conteúdo mais íntimo publicado pela maioria.

Esta pesquisa compreende os cortes como uma das formas mais recorrentes e disseminadas entre adolescentes para a manifestação do sofrimento psíquico. Nesta mesma direção, Lima (2020) identifica a automutilação como uma das expressões contemporâneas desse sofrimento, juntamente com o refúgio em jogos eletrônicos. Na versão revisada do DSM-5 (DSM-5-TR), a Autolesão Não Suicida foi incluída na seção “Outras Condições que Podem ser Foco de Atenção Clínica”, sendo reconhecida como uma condição que pode demandar atenção profissional, embora ainda não seja classificada como um transtorno mental formal. Em contrapartida, o CID-11 categoriza a Autolesão Não Suicida como um diagnóstico independente, sob o código MB23.2. Embora o aprofundamento nas questões diagnósticas relacionadas aos atos de escarificação não constitua o objetivo deste estudo, a elevada frequência e disseminação desse comportamento entre adolescentes não podem ser ignoradas.

A autolesão não suicida, especificamente os cortes, caracteriza-se por lesões auto infligidas com o uso de objetos perfurocortantes, como estiletes, lâminas, vidro e facas. A escolha da área do corpo a ser ferida pode estar relacionada ao desejo de ocultar ou, ao contrário, de tornar visível o sofrimento psíquico. Há uma diferença simbólica significativa entre lesionar regiões expostas, como os braços, e áreas mais discretas, como a parte interna das coxas ou a sola dos pés, que permitem esconder os ferimentos. Na presente pesquisa, a maioria das participantes relatou cortes nos braços, sugerindo a necessidade de expressar externamente a dor interna.

Quando o comportamento autolesivo era menos difundido, os cortes eram associados à ideia de “cortar os pulsos”, sendo interpretados como tentativas de suicídio. No entanto, estudos como os de Le Breton (2010) demonstram que, longe de representar um desejo de morte, a autolesão pode ser compreendida como um recurso psíquico para lidar com a angústia extrema. Nesse sentido, os cortes operam como uma estratégia de sobrevivência psíquica, funcionando como uma tentativa de dar vazão a uma dor insuportável e difícil de simbolizar. O corpo, ao ser marcado, torna-se um meio de expressão para um sofrimento que não encontra outra via de elaboração, e a ferida, um preço subjetivo pago pela manutenção da existência.

A prática da automutilação é compreendida como um comportamento de risco, devido ao seu potencial lesivo. Em geral, as autolesões por escarificação não requerem intervenção médica, pois não acarretam repercussões sistêmicas significativas. No entanto, a repetição compulsiva e o agravamento desse comportamento podem demandar abordagens mais incisivas. Forget (2011) destaca a importância de conter essa expressão de sofrimento, uma

vez que tende a emergir inicialmente no contexto familiar e, na ausência de intervenção, pode expandir-se para outros espaços. Nesse sentido, Lacadée (2011, p. 57) afirma que essas condutas “se originam do abandono, da indiferença familiar, do sentimento de não contar”. Em alguns casos, estão associadas a experiências mais graves, como situações de violência ou abuso sexual. Independentemente da intensidade do fator desencadeante, “trata-se sempre de uma falta de orientação, de limites insuficientemente estabelecidos ou jamais dados”. Assim, tais comportamentos revelam menos um desejo de morrer e mais um esforço para sustentar sua existência.

Esse movimento de inscrição do sofrimento no corpo, conforme apontado por Forget (2011) e Lacadée (2011), manifesta-se de maneira evidente na trajetória de Valéria. Desde o primeiro encontro com o grupo Campestre, ela fez referência aos cortes em seus braços, utilizando-os como forma de expressão diante das frustrações e decepções vivenciadas nas relações interpessoais. Enquanto os demais participantes verbalizavam suas tristezas e sentimentos de falta de confiança em relação a amigos e familiares, Valéria recorreu ao seu corpo como meio de comunicação, exibindo as cicatrizes em seu antebraço como testemunho silencioso de sua dor. Inicialmente, não conseguiu se pronunciar sobre seu desamparo; apenas seus ferimentos pareciam falar por ela. Ao longo das conversações, foi possível compreender a profundidade de seu sofrimento, especialmente em relação à mãe e ao namorado, evidenciando como a autolesão operava como um recurso para lidar com suas experiências de desamparo e decepção.

A relação estabelecida entre a mãe e a filha, conforme abordado anteriormente, era permeada por conflitos e incompreensão. Uma das circunstâncias mais significativas compartilhadas por Valéria foi a respeito da sua menarca. Para ela, tratou-se de um evento dramático e traumático, interpretado como doença, sofrimento. A cada ciclo, o sofrimento se intensificava e Valéria reagia com choro, vergonha, prostração. Sua mãe limitava-se a rir da situação da filha que recusava às regras, como se pudesse fugir delas.

Deutsch (1977) enfatiza a menarca como um evento central na experiência psíquica da adolescente, representando um marco de transição que vai além de uma mudança fisiológica. Para a autora, o surgimento da primeira menstruação não apenas sinaliza a maturação biológica, mas também desencadeia uma série de conflitos emocionais e simbólicos. A menarca pode ser vivenciada como uma experiência intrusiva, associada a sentimentos de agressão, angústia e até impulsos autodestrutivos, uma vez que impõe à púbere a necessidade de lidar com transformações corporais e psíquicas abruptas. Assim, esse momento se insere

em um processo mais amplo de construção da identidade feminina, trazendo à tona ansiedades relacionadas à sexualidade, à feminilidade e à relação com o próprio corpo.

Freud (1933), em “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise”, discute a puberdade como um período em que os impasses do complexo de Édipo são reatualizados, trazendo consigo conflitos entre desejo e interdito. A emergência da feminilidade nesse momento pode gerar movimentos de defesa, entre os quais a recusa do corpo ou o ataque a ele, como forma de lidar com as angústias despertadas.

Valéria desejava se tornar uma “mocinha” e para isso se esforçou para se afastar de tudo aquilo que remetesse à infância. Ela chegou a compartilhar com o grupo uma situação em que sua mãe lhe disse que “tiara era coisa de criança”. Imediatamente, Valéria desprezou o acessório, tomando as palavras da mãe como norteadoras para se tornar uma mulher. Entretanto, diante da marca no real do corpo da emergência da sua condição de mulher através da primeira menstruação, Valéria desmorona, reconhecendo a situação como catastrófica. Ao chorar desesperada, já não encontra na sua mãe palavras diretivas, ou algo sobre o enigma feminino. A risada materna é interpretada como desdém e vivida como desamparo. O estranhamento do corpo é uma vivência solipsista para Valéria que não encontra na mãe um destinatário para sua angústia.

Segundo Tubert (1999b), a primeira menstruação representa tanto uma hemorragia real quanto a materialização simbólica de uma castração imaginária, marcando a separação definitiva da fusão materna e a entrada em um novo estágio de individuação. Essa transição pode gerar intensos sentimentos de angústia, uma vez que a adolescente se vê confrontada com a transformação do próprio corpo e com as exigências simbólicas da feminilidade.

De maneira perspicaz, Alberti (2004) nos lembra que o processo de desligamento parental na adolescência diz respeito ao afastamento das figuras parentais da infância – aqueles que ocupavam o lugar de heróis e detinham o poder decisório. Paradoxalmente, esse afastamento exige a presença ativa dos pais reais, que devem posicionar-se ao lado dos filhos, oferecendo sustentação e configurando-se como um porto seguro. Dessa forma, os adolescentes podem avançar, exercer sua autonomia e lidar com as perdas inerentes a esse percurso. Ao contrário do proposto por Alberti, em um momento de transição abrupta para a condição de ser mulher, Valéria se deparou com a ausência de palavras e de orientação materna. A risada diante de sua experiência, carregada de sofrimento, é vivenciada como profundamente devastadora.

A ausência de respostas sobre a feminilidade impulsiona Valéria na busca pelo amor. Apesar da pouca idade, a adolescente envolve-se em um relacionamento conturbado,

caracterizado por idas e vindas, intensas cobranças e uma dinâmica fusional, na qual se percebe como proprietária do namorado, independentemente do status formal do relacionamento. Essa relação parece lhe conferir um lugar simbólico feminino, funcionando como um suporte identitário e uma tentativa de atenuar o desamparo (Barros; Ligeiro, 2020).

Diante dos desencontros amorosos, das frustrações por não receber afeto na medida desejada e das frequentes decepções, Valéria sente-se injustiçada e abandonada. Nesses momentos, recorre às redes sociais para expressar seu sofrimento, recebendo, em algumas ocasiões, mensagens de apoio dos amigos. No entanto, esse retorno nem sempre se mostra suficiente para conter sua angústia, levando-a a recorrer às autolesões como uma forma de extravasar a dor psíquica e minimizar o sofrimento emocional.

Os cortes foram compreendidos por Lorena (2016), como uma mensagem criptografada, talhada na superfície corporal e endereçada a alguém que seria convidado a intervir na *mostração* do sofrimento, uma espera por alguém capaz costurar aquilo que foi cortado. Neste sentido, podemos interpretar que Valéria fez uma tentativa prévia de sinalização do sofrimento através das publicações em suas redes sociais, mas como a mensagem não alcançou o destinatário previsto ou foi insuficiente para conter e remanejar a angústia, ela avançou para o real do corpo, pagando com seu sangue e rompendo seu invólucro corporal. A dor física, o extravasamento da substância vivaz, promove um alívio temporário, mas suficiente para que ela sobreviva ao caos psíquico.

Tanto Rafaela quanto Manuela justificaram a autolesão como uma estratégia para deslocar a dor psíquica para a dor física, tornando o sofrimento mais concreto e manejável. A explicação parece uma reprodução dos discursos difundidos entre os adolescentes e nas redes sociais a respeito do ato de se lesionar. Para a psicanálise, esse mecanismo é compreendido como uma tentativa de simbolização precária, na qual o corpo se torna o suporte para a expressão de um mal-estar subjetivo que não encontra outra via de elaboração. Nesse sentido, a autolesão opera como uma marca inscrita na pele, uma tentativa de dar contorno a uma angústia difusa e inominável, transformando a dor emocional em um registro corporal visível e sensorialmente localizado, afinal todo golpe à identidade reclama uma tradução corporal (Jeammet; Corcos, 2005).

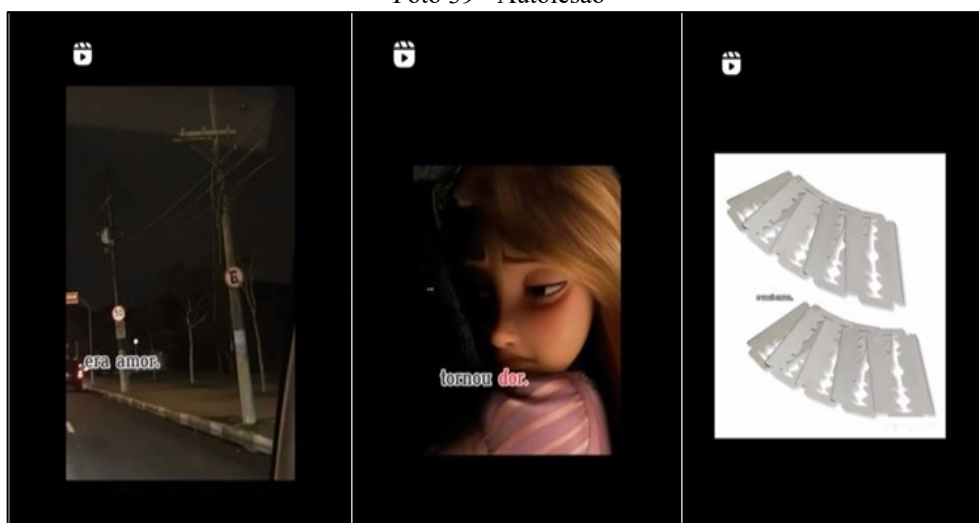
A experiência clínica bem como diversas pesquisas (Araújo *et al.*, 2016; Fortes; Macedo, 2017; Lorena, 2016; Sousa; Haviaras; Carvalho, 2023) indicam que a autolesão não suicida apresenta maior prevalência entre meninas, com início na adolescência. Essa manifestação pode ter uma relação com a menarca, representando uma dificuldade na elaboração simbólica das transformações da puberdade e do necessário processo de separação

do corpo materno. A menstruação marca a transição para a feminilidade, experiência que, segundo Tubert (1999b, p. 80), implica “rivalizar com a mãe, provocando seu ódio, ou identificar-se com ela”. O sangue provocado na autolesão, ao mesmo tempo em que pode expressar resistência à feminilidade imposta, pode também constituir um pedido de reconhecimento, um grito silencioso diante da impossibilidade de traduzir em palavras a angústia do crescimento.

A presente pesquisa identificou que a prática de automutilação tem se tornado cada vez mais presente no ambiente escolar, configurando-se como um dos espaços onde as adolescentes realizam as lesões. Conforme mencionado anteriormente, essa realidade foi constatada na Escola Central em múltiplas ocasiões e referida na Escola Campestre. Tanto os professores quanto os gestores demonstraram desconhecimento sobre como lidar com essa manifestação de sofrimento, que se inscreve no real do corpo e se propaga, especialmente, nos banheiros femininos. Em várias ocasiões, a direção da Escola Central solicitou ajuda da equipe de pesquisa para intervir com as garotas do 6º ano, flagradas provocando os cortes na superfície corporal.

Bárbara foi uma das participantes que sinalizou através das suas postagens o ato de se cortar. Em um dos vídeos que versava sobre essa temática, Bárbara esclareceu a razão de se cortar: “Era amor; se tornou dor e você curou”. O “você” nesse vídeo se refere às lâminas utilizadas para produzir os cortes. A postagem aponta para o potencial curativo dos atos lesivos, nos casos de sofrimento por desilusões amorosas e decepções. Seguem as imagens que compuseram o vídeo:

Foto 39 - Autolesão



Fonte: acervo da pesquisa (2025)

Mais adiante, já no final das atividades de conversação, Bárbara fez outra postagem com referência aos cortes, entretanto agora sinalizando a superação desta técnica para contenção do sofrimento. O vídeo iniciava com uma caixa de papelão, tipo caixa de sapato, sendo utilizada para guardar diversos instrumentos cortantes que vão sendo recolhidos pela casa: lâminas de barbear, apontador de lápis, cacos de vidros, estilete. Ao final aparecia a frase: “Tchau minhas queridas. *War is over*”. A mensagem evidenciada é que as lâminas se tornaram obsoletas porque a situação difícil, nomeada como “guerra” terminou. Há um ponto de basta, de contenção. Enquanto se atravessava as adversidades, elas eram companheiras de jornada, testemunhas das dores profundamente sentidas.

5.6 Cento e cinquenta e sete razões para ser visto: delinquência em ato, laço em construção

Ao ser convocado para se apresentar, Bruno disse: “Eu sou 157” e riu um tanto envergonhado. Aguardamos para que prosseguisse falando de si, mas para ele, revelar-se através de um número era suficiente. Ao passo que precisou ser questionado: “Afinal, o que é 157?”. Bruno recomeça, se descreve como ladrão e o número se refere ao artigo do Código Penal Brasileiro que versa sobre esse crime: “Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência” (Código de Processo Penal). Bruno acreditava que tinha sido indicado como participante para a pesquisa devido ao seu histórico criminoso e antecipou-se ao se revelar como ladrão. Como o tema abordado era sobre redes sociais, Bruno revelou também oferecer o serviço de “travador de WhatsApp”, no qual enviava um vírus poderoso capaz de bloquear o aplicativo. Divulgava seu serviço no Google, mas exigia, além de um pequeno pagamento, uma boa explicação que justificasse causar danos a alguém. O dinheiro era um detalhe com pouca importância, tanto o serviço digital lhe rendia um baixo valor quanto os objetos do furto eram menosprezados. Escolhia furtar mercadorias irrelevantes em grandes estabelecimentos comerciais. Os locais dos furtos foram uma farmácia, um supermercado e uma loja de departamento. Suas “ações criminosas” eram sempre fracassadas porque acabava sendo flagrado e seu pai convocado a comparecer à loja para resgatar o filho. Sofria pesadas sanções paternas, revelou ter parado com os furtos. Apesar de ter se distanciado de tais práticas, Bruno seguia se identificando como 157, inclusive nas redes sociais, seu nome no perfil era seguido deste número para evidenciar seu

potencial criminoso. Nada foi dito pela pesquisadora sobre sua inclusão ter sido ou não por esse motivo¹⁸.

Apesar de Bruno ter uma lista muito restrita de melhores amigos no Instagram, ele incluiu a pesquisa na sua transmissão e lá permanecemos até o final da coleta de dados o que nos permitiu ter amplo contato com aquilo que ele divulgava para um seleto grupo. Essas postagens costumavam acontecer de madrugada e inclusive foi tema de uma das suas publicações: “Mas talvez a madrugada seja para pensar e não para dormir”. E noites adentro, Bruno revelava seu sofrimento de ter sido abandonado, ignorado: “Pessoas entrando na minha vida, fazendo eu me sentir especial e depois me abandonando”; “Respondo rápido porque conheço a sensação de ser ignorado”.

Em um determinado dia, Bruno publicou dois vídeos com as mesmas imagens e sons, porém com mensagens diferentes. O vídeo começava com as frases: “Papai está muito orgulhoso de você, meu filho” e no outro: “Você é muito especial para mim, te amo!”. Após essas frases, o som do despertador tocava e o personagem de anime acordava, visivelmente frustrado por perceber que se tratava apenas de um sonho. Podemos supor que esses são os anseios do próprio Bruno, ser motivo de orgulho para o pai e ser amado. Em algumas conversações, o adolescente falou sobre ter decepcionado seu pai e das sanções que recebeu, normalmente a retirada do celular. Somente nas últimas conversações, Bruno explicou sobre sua dinâmica familiar. Quando era bebê seus pais se separaram e a mãe foi morar em São Paulo, como não tinha condições de cuidar do filho pequeno, deixou-o com o pai que, posteriormente, casou-se e teve mais uma filha. Bruno segue morando com o pai, a madrasta e a irmã. Sua mãe mora em uma cidade a 200 km de Serra Talhada, também se casou novamente e tem duas filhas. Bruno falou com decepção sobre o abandono materno em uma idade precoce, mas conseguiu estabelecer uma boa relação com a madrasta, a pessoa que é mais afetiva com ele, lhe entende, inclusive exerce uma função de aconselhar e reparar alguns excessos paternos. Chegou a pontuar a contradição sobre sua mãe não ter tido condições de cuidar dele, entretanto teve mais duas filhas de quem cuida com zelo e carinho.

¹⁸ Conforme esclarecido na metodologia, os estudantes foram indicados pelos professores após serem informados sobre o objetivo principal da pesquisa. Ficou evidente que os docentes sugeriram alunos que apresentavam dificuldades no ambiente escolar. O corpo estudantil rapidamente interpretou que os participantes da pesquisa eram “problemáticos” e as conversações eram uma forma de psicoterapia de grupo no ambiente escolar. Tal interpretação afastou alunos que haviam sido indicados porque não queriam ser rotulados como desviante. Na situação específica de Bruno, a própria equipe de pesquisa não conhecia seu histórico e não queria ocupar o lugar de confirmar ou refutar sua hipótese.

A partir dessa história de vida, interpretamos que o abandono do qual Bruno se queixa com frequência e tem aparência de uma decepção amorosa, refere-se, sobretudo, ao abandono materno, mesmo que de forma inconsciente e repetido em outros vínculos amorosos. Em uma de suas postagens revela: “Meu coração foi destruído por quem ele mais batia, tem noção de quanto isso dói?”. A referência à pessoa mais amada remete-nos ao amor primitivo. Suas postagens apontam para um laço desfeito, no qual ele se sente abandonado, desvalorizado, desconsiderado: “POV: Você finalmente aceitou que você não é a pessoa preferida de ninguém e as pessoas só falam contigo quando precisam ou porque estão entediadas”. Essa é a narração da sua perspectiva, não ser o preferido, ter sido negligenciado. Abandonado, sente-se sozinho: “E no fim só sobra eu comigo mesmo, me tornando a minha melhor companhia”. Fragilizado, Bruno interpreta os abandonos como consequência de suas repetidas falhas: “Falho como irmão, falho como amigo, falho como filho, falhei como namorado”. O tempo do verbo sempre no presente denuncia a continuidade da sensação de ser insuficiente, enquanto o tempo passado para seu papel de namorado, aponta para um relacionamento rompido.

Apesar da dor de amar e do desamparo, Bruno revela seu comportamento defensivo: “Eu não falo, sabe? Quando estou triste e tals eu fico quieto, solto um sorriso, outro sorriso e pronto, todos acham que eu estou bem”. Esta frase foi retratada em um vídeo mostrando uma autoestrada muito movimentada em direção a Manhattan, uma grande metrópole, tal como a cidade para onde sua mãe partiu. Os carros se movimentam, acelerados, cada um na sua própria jornada. A dor lhe cala, silencia. Outro vídeo inicia com uma pergunta: “Oq foi q você tá assim man?”. O bonequinho responde: “Nada, rlx”, entretanto ao fundo aparecem várias imagens macabras soltas, sem contextos, fazendo referência aos pensamentos acelerados, desordenados e perturbadores. Mais uma vez, Bruno evidencia a discrepância entre o que vivencia psiquicamente do que revela para as pessoas. Segundo sua postagem: “Sou uma pessoa que na frente dos outros brinca e se diverte e dá risada de tudo. Mas no fundo estou quebrado, destruído e com o psicológico fodido”.

Ao se dirigir a uma plateia de magistrados, Winnicott (2012, p. 129) esclarece a importância desses profissionais compreenderem o componente inconsciente presente na delinquência juvenil, apontando como um grande equívoco negligenciar esse viés, uma vez que a atitude tem motivações além do objeto roubado. Para elucidar sua tese, o pediatra psicanalista aborda comportamentos normais presentes em uma criança que deseja se impor, caso ela conte com a confiança dos pais. Nessa tentativa de imposição, a criança apresenta comportamentos ruidosos e indesejáveis, pondo à prova: “o seu poder de desintegrar, destruir,

assustar, cansar, manobrar, consumir e apropriar-se”. Essas atitudes, em outra idade e contexto, seriam encaminhadas ao tribunal, porém na infância fazem parte do desenvolvimento emocional do indivíduo. Caso o ambiente seja eficaz em suportar a agressividade da criança e permanecer, ela “sossega e vai brincar”. Esses testes serão mais frequentes e ruidosos à medida que a criança tiver dúvidas quanto à estabilidade do lar e dos pais. O psicanalista vai além do desenvolvimento considerado adequado e questiona o que acontece com a criança se esse ambiente falhar em lhe proporcionar um quadro de referência segura? Ela deixa de se sentir livre e torna-se angustiada. A reação da criança será procurar no ambiente externo alguma estabilidade. Winnicott acredita ser recorrente a criança encontrar essa suplência de referência na escola e nas relações que estabelece. Dessa forma, o psicanalista aponta que ao transgredir, o indivíduo está buscando uma referência na sociedade, por não a encontrar na família. Nas palavras de Winnicott (2012, p. 130):

Quando a criança rouba açúcar, ela está procurando a boa mãe [...] quando uma criança rouba fora de casa, ainda está procurando a mãe, mas procura-a com maior sentimento de frustração e necessitando cada vez mais encontrar, ao mesmo tempo, a autoridade paterna que pode pôr e porá um limite ao efeito concreto de seu comportamento impulsivo e à atuação das ideias que lhe ocorrem quando excitada.

Quando Bruno rouba a farmácia, o supermercado e a loja de departamentos, ele não anseia pelos objetos em si, ele deseja aquilo que lhe foi furtado, subtraído como consequência da ausência de sua mãe e provocou um vácuo no cuidado no adoecimento, no zelo na alimentação, como também no vestir, brincar, passear. Elementos representados por esses locais escolhidos inconscientemente para o furto. O ato transgressivo torna-se um pedido de ajuda, uma intervenção de alguém “forte, amorosa e confiante” para restaurar o sentimento de segurança. Nos furtos praticados, Bruno deixou os rastros para ser flagrado pelo segurança do estabelecimento que intimou seu pai a intervir. O adolescente foi severamente punido pelo pai, pelo maior dos castigos: ficar sem celular, o que se tornou uma sentença prolongada, afinal quando devolvido, o aparelho estava obsoleto e não funcionava. De forma arbitrária, a mesma punição é imposta simplesmente porque o garoto estava com o celular descarregado justo quando seu pai precisou entrar em casa e havia cometido o lapso de esquecer a chave.

Resgatando a etimologia da palavra delinquente, Rassial (1999) aponta para *delinquere*, no qual *linquere* significa deixar algo, ou alguém no seu lugar, enquanto *de* marca a separação, ou seja, o delinquente é aquele que faz (ou sofre?) uma separação na qual deixa algo ou alguém. Delinquente é aquele que desaloja por estar desalojado. O comportamento através do qual Bruno se apresentou, um ladrão, delinquente, aponta para sua tentativa de

resgatar aquilo que lhe foi tão precocemente retirado. Winnicott (2012, p. 139) aponta que na tendência antissocial, “houve um verdadeiro desapossamento (não uma simples carência)”. Por desapossamento compreende a perda de algo que foi eficaz por um tempo para a criança, proporcionando-lhe experiências positivas e, precocemente foi retirado por um período maior do que a criança pode suportar. O prolongamento da ausência causa na criança o apagamento da lembrança da experiência positiva. O psicanalista faz uma ligação entre a privação e seu efeito traumático cuja marca diferencia um antes e um depois, além de suscitar a persistência da situação traumática.

A tese winnicotiana para a tendência antissocial é apontar uma boa experiência inicial que foi abruptamente perdida. Entretanto, é provável que pelo bom vínculo construído antes da ruptura, o bebê consiga perceber que a origem do desastre está relacionada a uma falha ou omissão no ambiente. No caso de Bruno, todas as suas performances de ruptura apontam para seu lugar de abandonado, rejeitado e refletem justamente uma boa experiência inesperadamente rompida.

No seu serviço clandestino capaz de “travar WhatsApp”, mais do que dinheiro, Bruno solicita uma explicação. Qual a sua motivação para causar esse prejuízo para alguém? Qual a justificativa para cortar surpreendentemente este vínculo comunicativo? A convocação do argumento parece apontar para aquilo que permanece sem explicação para Bruno: como assim minha mãe partiu? Além da partida, da ruptura, da interrupção dessa experiência boa e integradora, sua mãe agora cumpre a missão de maternar duas filhas. Como não se sustentou no lugar materno e tem mais duas filhas?

O furto pode ser lido como uma mensagem criptografada cujo conteúdo é um pedido de intervenção no ambiente externo. Seu pai comparece, pune, porém para Bruno seu pai considera que ele já está “jogado no lixão”. Bruno é o resto, o dejetivo, aquilo que não serviu para nada. Antecipadamente considerado culpado por qualquer incidente ocorrido em sua casa. Entretanto é através da esposa do pai, sua madrasta, que Bruno se sente visto, amparado, cuidado, bem como através da atividade de conversação, interpretado por ele como uma alternativa da escola para conter seu comportamento transgressor.

Quando a pesquisadora pontuou a diferença da postura de Bruno no início da conversação, apresentando-se como ladrão, e agora alguém engajado, com bons vínculos entre os participantes, um filho que escolhe permanecer em casa para ajudar a madrasta cuidando do irmão ao invés de ir para o Halloween na escola, ele concordou e explicou: “isso já passou”. A pesquisadora pede que ele fale sobre o que lhe fez parar. A contenção aconteceu ao perceber que a mãe, corrige-se e retifica “madrasta”, é a única que lhe “ajeita”. A madrasta

lhe dá dinheiro, ocasionalmente, e lhe deu seu celular quando comprou um mais novo para si. A madrasta religa aquilo que estava cortado e através do seu gesto Bruno readquire o aparelho tecnológico. Segundo Rassial (1999, p. 59), o dinheiro para o adolescente é uma demanda ao Outro: “demanda que seu lugar de sujeito lhe seja dado e reconhecido”. Sendo assim, o psicanalista conclui: “se o dinheiro circula, é para que o sujeito permaneça”. A madrasta ao reconectar algo da função materna, inclusive comparecendo ao colégio quando solicitada, apontada para Bruno outras possibilidades inventivas. Agora, “apesar de não ser pintor”, o garoto pinta a casa com seu pai, ajuda-o em uma tarefa que lhe coloca em uma nova função criativa. Bruno torna-se capaz de reconhecer que colocou seu pai em situações constrangedoras, passou dos limites e neste novo tempo, engaja-se ao seu lado para dar novas cores àquele lar.

Winnicott (2012, p. 134) aponta que a psicoterapia para os casos de delinquência deve tomar como direção o desenvolvimento emocional em busca da integração da personalidade individual. Após a conquista desta marca primitiva, “seguem-se os primeiros sentimentos de envolvimento e culpa, bem como os primeiros impulsos a fazer reparações”. Compreendemos a conversação como um método de pesquisa que alia tratamento à investigação e nesse sentido acreditamos que a atividade provocou efeitos terapêuticos para Bruno. Além da sua descolagem da figura do ladrão, ele reconheceu o embaraço que havia causado ao pai com suas condutas transgressivas e empenhou-se em começar a pintar uma nova história.

5.7 Carta descartada, vínculo construído: rascunhos de um eu rejeitado

Na escola Campestre, a diretora indicou os alunos que deveriam participar da pesquisa. Sua escolha foi pautada em identificar os que poderiam se beneficiar de um espaço de fala e escuta. Assim, conhecemos Eduardo, aluno do 6º ano, com 11 anos. Desde o primeiro contato, ele se mostrou falante, curioso, empolgado com o projeto. A equipe ficou surpresa com o choque entre sua fala – madura, questionadora, e sua imagem, ainda um menino: baixa estatura, magrinho, andar flutuante, não parecia ter mais de 9 anos.

Na primeira conversação, Eduardo expôs seu conflito familiar: filho de um pai agricultor, rude, distante dos avanços tecnológicos, ocupa-se da natureza, apresenta ideias atravessadas pela cultura cangaceira: homem precisa ser “macho”, valente, pegar na enxada, falar grosso, ser forte. Não à toa, o ícone masculino da região segue sendo Lampião, destaque do banditismo sertanejo, elevado à posição de herói por ter tido a coragem e ousadia de lutar contra o coronelismo e não se render facilmente à polícia. Eduardo vai na contramão do ideal

paterno de masculinidade, tanto pela aparência física, como por suas preferências. Gosta de dançar frevo, mas é impedido pelo pai com a justificativa de que: *“Isso não é coisa de homem e você não é mariquinha”*. Eduardo discorda silenciosamente, mas obedece a interdição paterna. Saiu do grupo de dança, afinal também na escola escutava comentários maldosos e preconceituosos.

Eduardo se sente decepcionado consigo mesmo. Tem a sensação de que seus sentimentos estão fora de controle e chega a descrevê-los como se lhe consumissem por dentro. Acredita que está se autodestruindo. Relata uma briga mais séria que teve com o pai e este esbravejou: *“Não sei se lhe mato ou se lhe deserdo”*. Sofre por ser uma decepção para o pai, não atingir esse Ideal do Eu. Além das palavras duras vindas de seu pai, relata sobre uma prima mais velha que lhe sussurra ao ouvido: *“Você deveria morrer logo. Que tal tomar veneno?”*. Relata crises de choro que acontecem “do nada”, e agora a voz de condenação não precisa mais vir do Outro: o próprio Eduardo olha para si como um dejetivo, se autocondenando. A ameaça externa, vinda da autoridade parental se interioriza, formando o Supereu, por identificação.

As conversações seguem, e Eduardo, sempre presente, demonstrava grande valorização pelos encontros, aguardando-os com expectativa. A análise netnográfica de seu perfil, no entanto, revelou um número bastante reduzido de postagens, em contraste com o tempo que ele afirmava dedicar à plataforma. Esse dado aponta para um padrão de uso predominantemente passivo, característico de usuários que consomem conteúdos sem se engajar ativamente nas dinâmicas de exposição e interação. Tal comportamento, observado em Eduardo, também se repetia entre outros participantes da pesquisa, que, embora presentes nas redes sociais de forma contínua, mantinham seus perfis esvaziados de publicações. Em muitos casos, nem mesmo os Stories — espaço comumente utilizado para interações mais efêmeras e espontâneas — eram acionados. Ainda que se possa considerar a possibilidade de restrições de privacidade que limitassem o acesso do perfil da pesquisa a determinadas postagens, as falas dos próprios adolescentes nas conversações forneceram indícios consistentes de que, de fato, alguns não realizavam nenhuma forma de publicação: nem autoral, nem repostagem, nem mesmo registros neutros como imagens de paisagens. Não se tratava apenas da ausência de autoimagem, mas de uma anulação completa da presença discursiva na plataforma. Essa postura silenciosa pode ser interpretada como expressão de um mal-estar subjetivo relacionado à própria imagem, especialmente no que diz respeito à corporalidade, bem como de uma inibição marcada pelo receio de exposição e pelos possíveis efeitos dos feedbacks alheios. Ainda assim, mesmo sem se exporem diretamente, esses

adolescentes permanecem imersos nas dinâmicas das redes e são profundamente afetados pelos conteúdos que consomem. A comparação constante com padrões idealizados, os discursos normativos sobre corpo, sucesso e felicidade, e a visualização contínua de performances alheias operam como agentes silenciosos na constituição de seu mal-estar. Assim, o não-postar não implica ausência de implicação subjetiva, mas pode, paradoxalmente, intensificar vivências de inadequação e vulnerabilidade diante de um espaço em que todos parecem performar uma vida ideal.

Dentre as poucas publicações de Eduardo, destaca-se uma única postagem autoral: a foto de um amigo com um filtro que deformava seu rosto, acompanhada da legenda “me vinguei de você”, indicando uma possível revanche por algo que havia experienciado anteriormente. Suas demais aparições no Instagram ocorreram por meio de repostagens, quando era marcado por colegas de classe ou familiares, além de uma publicação relacionada a um feriado religioso. A restrição no compartilhamento de conteúdos contrasta com sua postura nas interações presenciais, marcada por uma fala abundante, desejo de vínculo e busca por proximidade.

Uma possível explicação para essa discrepância pode estar em seu mal-estar com a própria aparência. Eduardo mencionou que, apesar de ter experimentado inúmeros filtros, nunca conseguiu encontrar um que o deixasse com uma imagem que considerasse atrativa. Suas repetidas tentativas frustradas sugerem um desconforto com a autoimagem, tal como a atividade do corpo apontou, algo insuportável que o levou a romper com a atividade de pesquisa.

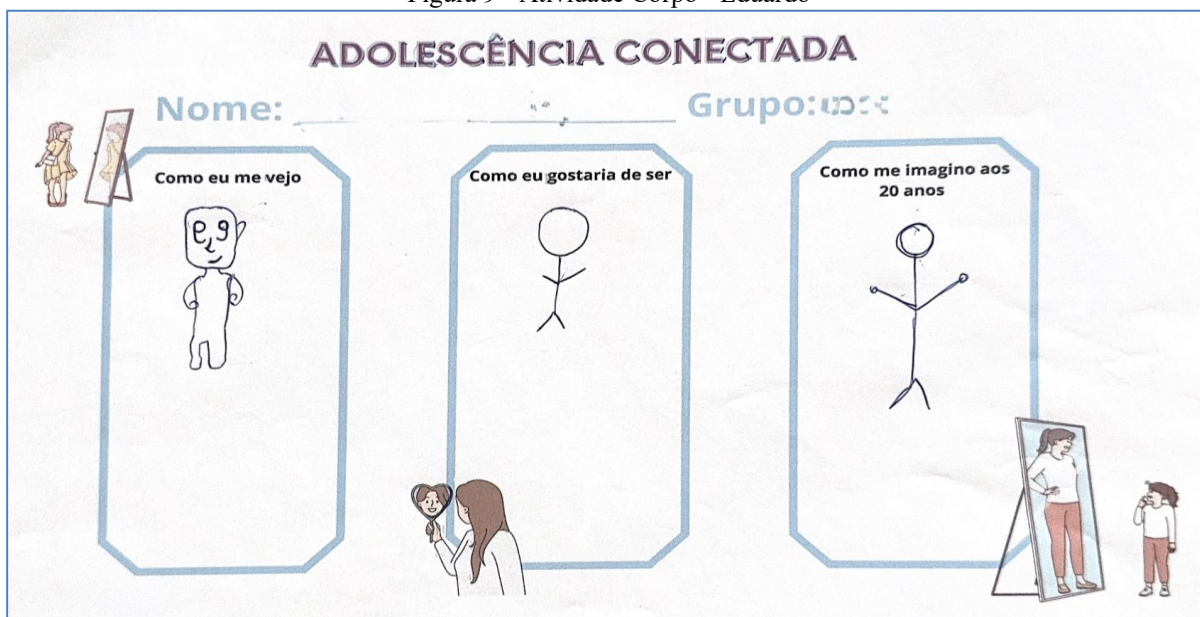
Na quinta conversa, o grupo discutiu sobre o tema de bullying e desse tópico se desdobraram questões acerca da sexualidade. Luísa compartilhou um conflito que vivenciou na escola com uma garota que lhe ridicularizou por exibir seu amor ao pai “morto e gay”, completa: “*Devia ter vergonha na cara*”. A situação deixou Luísa sem ação e sem palavras. É no grupo que pode nomear, relatar, elaborar. Eduardo, sentado ao seu lado, havia anteriormente ensinado ao grupo a diferença entre homo e pansexual, essa descoberta é fruto de suas pesquisas online. Mas o anúncio de Luísa sobre seu pai ser homossexual o detém. Não permite que a colega prossiga com seu relato, insiste na pergunta: “*Como assim seu pai era gay? Não pode*”. A pergunta com traços de inocência e curiosidade, leva Luísa a se explicar melhor. Falou sobre o pai ter sido casado com sua mãe, tiveram ela como filha, mas o romance não se sustentou. Ele passou a viver outras nuances da sexualidade e sua mãe o descobriu em uma “Parada Gay”. Apesar dos conflitos iniciais, o pai permaneceu firme em sua decisão e a partir dali sustentou relacionamentos homoafetivos publicamente, o que não

lhe impediu de se manter na função paterna. Encontrava Luísa periodicamente, sustentava financeiramente, participava das reuniões escolares, produzia suas festas de aniversário. Também foi um bom filho, o único que ajudava a mãe, chegou a lhe comprar uma casa. Tinha muitos amigos, era querido por onde passava, desempenhava um trabalho artístico admirável de produção de festas. Sua morte precoce gerou uma comoção na cidade. A pesquisadora/psicanalista aproveitou para pontuar que, além do rótulo de “gay”, o pai de Luísa foi um homem digno, manteve suas responsabilidades, sustentou ser diferente em um ambiente opressor, de tal maneira que a garota deveria sim sustentar com orgulho o amor ao seu pai. A intervenção foi no sentido de ampliar o olhar e não reduzir o sujeito ao seu traço da diferença, como nos ensinou Freud em “Psicologia das massas e análise do eu”.

Eduardo aproveitou a pauta para formular questionamentos e compartilhar que conversa frequentemente no WhatsApp com uma professora lésbica. Eles trocam segredos, falam sobre o que acontece na escola. Ela escuta e acolhe as dúvidas e questões do garoto. A relação estabelecida entre Eduardo e a professora aponta um laço bem-sucedido. Ele encontra na cultura pontos de identificação, novas figuras de autoridade capazes de transmitir algo do ideal, fazendo interrogar o Eu-Ideal advindo do Outro primordial.

Na conversação seguinte, foi proposta uma atividade na qual os participantes deveriam escrever ou desenhar como se viam, como gostariam de ser e como se imaginavam no futuro. Eduardo apresentou dificuldade em executar a atividade e quando convocado a falar sobre sua produção, se limitou a dizer que fez de “qualquer jeito” e eram todos iguais. Segue sua atividade:

Figura 9 - Atividade Corpo - Eduardo



Fonte: a autora (2025)

A pesquisadora pontuou que estava percebendo diferença entre eles. Eduardo discordou raivosamente, lamentou não ter feito todos iguais e silenciou. Conforme já detalhado anteriormente, para a psicanálise, a adolescência é o tempo lógico de elaboração simbólica, em que cada sujeito é convocado a dizer algo de si. Formulação difícil, uma vez que para construir uma enunciação, é preciso se posicionar na partilha do sexo e se distanciar da autoridade parental para se inserir no laço social. Convocado a falar de si e das rupturas entre o eu e o Ideal do Eu, Eduardo tão falante silencia.

Impossibilitado de responder, Eduardo permaneceu calado, quieto e visivelmente incomodado. Instalou-se um mal-estar no grupo, mas a conversa seguiu. Luísa falou sobre a diferença entre quem era na escola e em casa. No ambiente familiar se sentia criticada, reagia com isolamento, tristeza. Muitos concordaram e falaram sobre a experiência de se sentir estranho e rejeitado. Neste momento, Eduardo se levantou e anunciou sua saída, caminhou firme até a porta e evadiu-se. Seu rompante provocou uma surpresa no grupo e seguiu uma confissão de Alana sobre ser vítima de ameaças e xingamentos de Eduardo. Luigi, colega de turma de Alana e de Eduardo, explicou que o garoto é tomado por uma inveja de Alana porque ela é filha de professora, é muito querida por todos, apontada como exemplo a ser seguido. O insuportável para Eduardo é constatar Alana cumprindo o ideal proposto, enquanto ele percebe que não se sustenta nessa posição. Se por um lado ele é agredido, por outro reage com agressão, em um típico movimento defensivo de identificação ao agressor.

A saída de Eduardo, o ato onde as palavras falharam, marcou sua ruptura com o grupo, sua dificuldade de se sustentar no discurso. A pesquisadora tentou uma conversa particular, procurou-o na sala de aula, ele reagiu agressivamente ao ponto de a professora tentar intervir, mas ser interrompida pela psicanalista. No encontro seguinte, Eduardo reafirmou sua desistência. O grupo se mobilizou com a saída colérica de Eduardo, pois ele quebrou o sigilo proposto e revelou aos demais estudantes relatos íntimos da conversa e xingou veementemente a pesquisadora. Os participantes ficaram indignados com a atitude de Eduardo e compartilharam em tom de súplica para que algo pudesse ser feito. Contrariando a expectativa do grupo, a pesquisadora lançou a pergunta do que poderia ser feito para que Eduardo se sentisse acolhido e esclareceu não estar se sentindo diretamente atingida pelos comentários do garoto. Havia algo a ser feito por Eduardo, mas não da ordem da retaliação.

Para surpresa dos colegas, Eduardo bateu na porta da biblioteca, local aonde o grupo se reunia, para buscar dicionários a pedido da professora. Nessa circunstância, a pesquisadora afirmou que Eduardo estava fazendo falta e que seu lugar no grupo permanecia. Ele ficou visivelmente constrangido, mas reagiu com indiferença. Poucos minutos depois retornou, com

um sorriso envergonhado perguntando: “*Posso entrar?*”. Seu pedido é bem-vindo, acolhido com alegria pela pesquisadora, com resistência pelos colegas. A atitude de Eduardo de ter ido na biblioteca “pegar os livros” faz com que ele veja o grupo funcionando sem sua presença. Tal como sua postura nas redes sociais de “só olhar”, sem revelar nada de si. Entretanto, algo faz efeito para Eduardo que o leva a voltar, ele quer participar, se integrar.

Em resumo: Eduardo participou, revelou tanto de si, não se sustentou ao ter evidenciado a distinção entre sua representação atual, a ideal e a do futuro, ele desistiu, se arrependeu, voltou, permaneceu. Sob transferência, a conversa permitiu que Eduardo vivenciasse uma situação em que pôde romper o ideal e ainda assim ser acolhido. Lembro de Winnicott (1969, p. 174) quando brilhantemente afirma a importância de a mãe sobreviver à agressividade do bebê para que o amor possa advir. Nas palavras do psicanalista, o bebê se dirige ao objeto e lhe diz: “Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer, confere valor à tua existência, para mim”.

Nesse momento do retorno, o grupo falava sobre os filtros do Instagram capazes de modificar a imagem real para oferecer contornos mais estéticos e belos. Eduardo se integra ao grupo compartilhando uma frase que viu na plataforma: “*Em uma sociedade que insiste em nos vender um padrão inatingível, se amar incondicionalmente é revolucionário*”. Aproveita para confessar que não utiliza filtros, não porque é contra a estratégia de aprimorar a imagem de si, mas porque já tentou inúmeros e suas tentativas foram todas fracassadas. Nenhum filtro é capaz de lhe deixar com a aparência próxima ao que deseja. Talvez essa seja uma das razões para que o garoto assuma uma postura mais reservada nas redes sociais, somente olhando, em uma postura que contrasta com sua postura nas interações presenciais, caracterizada por uma fala abundante, desejo de vínculo e busca por proximidade. Essa discrepância entre sua expressividade no contexto offline e sua reserva no ambiente digital sugere seu mal-estar com sua imagem, revelada tanto na ausência de postagens, como no rompimento com a atividade de pesquisa ao ser confrontado com a divergência entre seu eu atual e o ideal almejado.

Na última conversa, em clima de despedida sofrida, Eduardo antecipa e mostra uma carta que me escreveu, mas só vai me entregar no final para que eu leia em casa. Tento fazer um acordo de receber a carta, garantindo que só lerei adiante. Ele foi firme e não me entregou. Na conversa, Eduardo agradeceu pelo grupo, perguntou se existia a possibilidade de continuação, resiste em encerrar. Concorde, reconheço que ainda há tanto para se elaborar. No abraço final peço a carta e ele me revela que jogou no lixo. Lamento, pergunto se ele quer me dizer algo, Eduardo limita-se a dizer que a conversa havia sido a melhor experiência de sua vida. Torna-se a carta descartada, talvez pela mensagem que me

chegaria sob transferência, mas tem Outro destinatário. É no lugar de dejetos que se encontra a mensagem que ele rascunha, mas algo foi escrito. Quais mistérios contém a carta que ainda não pode ser revelada?

6 ENTRE O PONTO FINAL E AS RETICÊNCIAS

Encaminhar-se para o final desta tese constitui um desafio considerável, especialmente diante das questões que, embora tenham sido identificadas ao longo do percurso, permanecerão em aberto. Ainda assim, torna-se urgente encerrar este trabalho, construído de forma coletiva e atravessado por diferentes esferas da sociedade. A pesquisa contou com a participação da gestão municipal, de instituições de ensino, de docentes e estudantes do ensino fundamental — estes como sujeitos da investigação —, bem como de graduandos em Psicologia, inseridos na atividade enquanto estagiários em uma proposta acadêmica com caráter extensionista. Diante desse envolvimento amplo e heterogêneo, é necessário apresentar os resultados alcançados até aqui, não apenas como forma de devolver à comunidade o que foi construído, mas também como possibilidade de inaugurar novos caminhos de reflexão e ação no campo da psicologia, da educação e das políticas públicas voltadas à adolescência.

A presente pesquisa inscreve-se no campo da Ciberpsicologia, uma área emergente do conhecimento que se dedica a investigar os modos de subjetivação e as expressões da experiência humana no contexto digital. Ao buscar compreender as novas configurações do sofrimento psíquico na adolescência, adotamos como referencial teórico a psicanálise, cuja leitura dessa etapa da vida a reconhece como um sintoma, em resposta à irrupção da puberdade. Trata-se de um momento atravessado pela ruptura com a infância e pela convocação a um ingresso no universo adulto — convite que não implica um destino previamente delineado, mas uma travessia singular, constituída por incertezas, tensionamentos e reinvenções subjetivas.

Partimos da noção de virtualescência, um neologismo proposto por Gozlán (2016) que busca levar às últimas consequências a compreensão da relação dos adolescentes com a tecnologia, especialmente com seus smartphones, concebidos como extensões do próprio corpo. Nesse contexto, as redes sociais configuram-se como vetores de virtualização da experiência adolescente no ciberespaço, operando como um espaço psíquico ampliado. É nesse ambiente que, na condição de usuários, os sujeitos podem expressar seus conflitos próprios da puberdade, tanto por meio dos conteúdos que consomem quanto por aquilo que escolhem tornar visível aos outros.

Apesar das novas formas de interação social e das repercussões inegáveis que estas produzem no psiquismo, compreendemos que a adolescência se ancora em bases estruturais que permanecem relativamente constantes ao longo do tempo, ainda que se expressem sob

novas roupagens. Essas bases podem ser elencadas em cinco dimensões fundamentais: (1) as transformações físicas e psíquicas próprias do período; (2) o despertar da sexualidade; (3) a busca por autonomia; (4) as interrogações existenciais, que emergem como desdobramentos das questões identitárias em ebulição; e (5) o colapso na relação com o tempo, manifestado pela vivência da urgência, da pressa, e pelo incômodo diante de um limbo temporal que exige esperar pelo momento em que, enfim, poderão ser reconhecidos como homens e mulheres.

Certamente, essas bases estruturantes da adolescência se atualizam conforme o contexto histórico, social e cultural em que estão inseridas. Nesse sentido, esta tese foi construída com o propósito de compreender as novas manifestações adolescentes, especialmente considerando o vínculo intenso que estabelecem com o universo virtual, no qual estão “enganchados e engajados” (Bentes, 2019). Essa inserção no mundo digital impacta diretamente a construção de si e das respostas aos enigmas do adolescer, como interfere nas condutas típicas dessa etapa do desenvolvimento. Constatamos a permanência de um empuxo à transgressão, evidenciado em comportamentos já conhecidos, como o furto, o consumo excessivo de álcool e a exposição a riscos, como na prática de direção perigosa. A autolesão, embora não seja um fenômeno recente, adquiriu nova visibilidade nas redes sociais, seguida de posterior censura. Além disso, a expressão do sofrimento psíquico por meio de postagens tem se configurado como uma forma atual de pedido de ajuda, bem como uma tentativa de dar forma — em imagens ou palavras — ao mal-estar vivenciado.

Uma das questões centrais do processo de adolescer manifesta-se no corpo — palco privilegiado onde a irrupção dos caracteres sexuais secundários expõe o púbere a uma experiência passiva e, muitas vezes, desconfortável. A insatisfação com esse corpo em transformação não se limita às alterações de volume e proporção, mas estende-se à atribuição de um novo estatuto simbólico e valor social. Diante da metamorfose pubertária, vivida como um processo invasivo e inevitável, o sujeito encontra, nas redes sociais e em seus recursos de virtualização de si, uma possibilidade de intervenção sobre a própria aparência, modificada, sobretudo com os filtros e outras estratégias para camuflar os traços que mais incomodam. Contudo, essa tentativa de modificação da aparência não elimina o mal-estar; ao contrário, tende a intensificá-lo, mediante as comparações com as diversas imagens “perfeitas” que se apresentam na tela. De um lado, emerge o desejo de conformar-se aos padrões estéticos vigentes e ser aceito socialmente; de outro, a angústia diante das transformações corporais que escapam ao domínio do eu. Nesse contexto, o corpo passa a ser vivenciado como um objeto que deve ser moldado, corrigido e exibido, ao mesmo tempo em que se configura como fonte de inseguranças e desconfortos subjetivos.

A emergência do “novo corpo” na puberdade inaugura questões centrais do campo da sexualidade e do encontro amoroso. Trata-se de um encontro marcado pela falta e pela incompletude, que suscita dúvidas, inseguranças e a busca por respostas que ofereçam algum contorno simbólico a essas inquietações. No entanto, os pais não são convocados a ocupar o lugar de endereçamento dessas questões. O sujeito adolescente, em seu processo de subjetivação, necessita de outros referenciais para modular seus ideais, os quais são construídos por meio da identificação com traços significativos de figuras com quem estabelece relações. Nesse contexto, as redes sociais desempenham um papel decisivo, uma vez que se constituem como o primeiro espaço ao qual os adolescentes dirigem suas dúvidas e expectativas. Entretanto, a forma como essas plataformas operam evidencia uma mudança estrutural: observa-se o declínio da função de referência simbólica e a ascensão da lógica da influência. Os chamados “produtores de conteúdo” oferecem modelos de estilo de vida e modos de existência — os chamados lifestyles —, mas sem estabelecer laços, vínculos efetivos. Trata-se de uma presença imaginária e idealizada, que orienta, mas não sustenta o sujeito no enfrentamento de suas questões fundamentais.

A maneira como os conteúdos são apresentados nas redes sociais atesta a ascensão da imagem em detrimento da palavra, a intensificação do imaginário e o enfraquecimento das mediações simbólicas. Esses efeitos tornam-se ainda mais marcantes em crianças e adolescentes, que se encontram em uma fase intensa de constituição subjetiva e amadurecimento cognitivo. A enxurrada de conteúdos imagéticos — especialmente vídeos curtos, com cenas recortadas e descontextualizadas — promove um consumo fragmentado da realidade. Os adolescentes deslizam os dedos por um feed infinito, em busca da próxima imagem, do próximo vídeo, de uma atualização incessante.

O uso contínuo das redes sociais aponta para um excesso que traz consequências efetivas: noites sem dormir, desinvestimento das atividades escolares, domésticas e de lazer, dificuldades de concentração e uma sensação permanente de exaustão psíquica. Os pensamentos tornam-se acelerados, confusos, por vezes superficiais, na medida em que estão saturados por imagens intensamente consumidas e esvaziados de recursos simbólicos que permitam organizá-las em palavras. Essa precariedade simbólica fragiliza a elaboração psíquica, dificultando a construção de narrativas que deem sentido à experiência vivida.

Como aponta Lipovetsky (2004), vivemos em uma “sociedade da hipermodernidade”, marcada pela aceleração do tempo, pelo culto à performance e pela centralidade da imagem. Nesse contexto, o sujeito é convocado a se mostrar constantemente, a se atualizar sem cessar, em um movimento que favorece a superficialidade e dificulta os processos de interiorização.

Os adolescentes, imersos nesse fluxo vertiginoso, acabam por vivenciar um mal-estar que, muitas vezes, não encontra canais de simbolização, permanecendo como ruído psíquico ou se expressando por meio de sintomas.

A intensa relação do adolescente com a tecnologia, bem como a constatação dos efeitos do conteúdo consumido sobre a subjetividade — por vezes tão significativos quanto os efeitos das postagens que ele próprio realiza —, nos levou a propor uma nova formulação ao ciclo do eu adolescente apresentado por Gozlan (2016): o ciclo do adolescente conectado, ainda sustentado nos processos descritos nesta tese de virtualização e atualização (Lévy, 2011). Nessa configuração, superamos a dicotomia entre o eu-físico e o eu-virtual, reconhecendo que as experiências analógicas e digitais estão profundamente imbricadas, produzindo efeitos reais, ainda que se diferenciem em termos de riscos e desdobramentos.

O adolescente conectado se movimenta nas redes sociais através de dois movimentos complementares. De um lado, virtualiza-se no “dar a ver” aspectos de si em seu perfil digital. Observamos que essa exposição ocorre, sobretudo, por meio dos Stories — ferramenta volátil, que se apaga automaticamente em 24 horas e permite um retorno privado, reduzindo a exposição de comentários que podem ser destrutivos ou inoportunos. Nota-se, ainda, um movimento de redução da audiência, com os adolescentes direcionando seus conteúdos para grupos mais restritos, como a lista de “melhores amigos”, o que configura uma distribuição mais seletiva da imagem, voltada a um público mais íntimo. Nesse ambiente mais controlado, a postagem se apresenta menos como um enunciado a ser comunicado e mais como um gesto que visa convocar o outro à interação, levando Le Breton (2017) a classificar essa comunicação como fática cujo objetivo se reduz a prolongar a interação.

O retorno recebido — mesmo que breve, silencioso ou mediado por reações mínimas — completa o ato de postar, gerando efeitos subjetivos que atualizam o *eu adolescente*. Trata-se, portanto, de um ciclo contínuo de expressão e retorno, no qual o sujeito, ao se expressar, conhece a si mesmo, simboliza suas vivências e se coloca em interação com os pares.

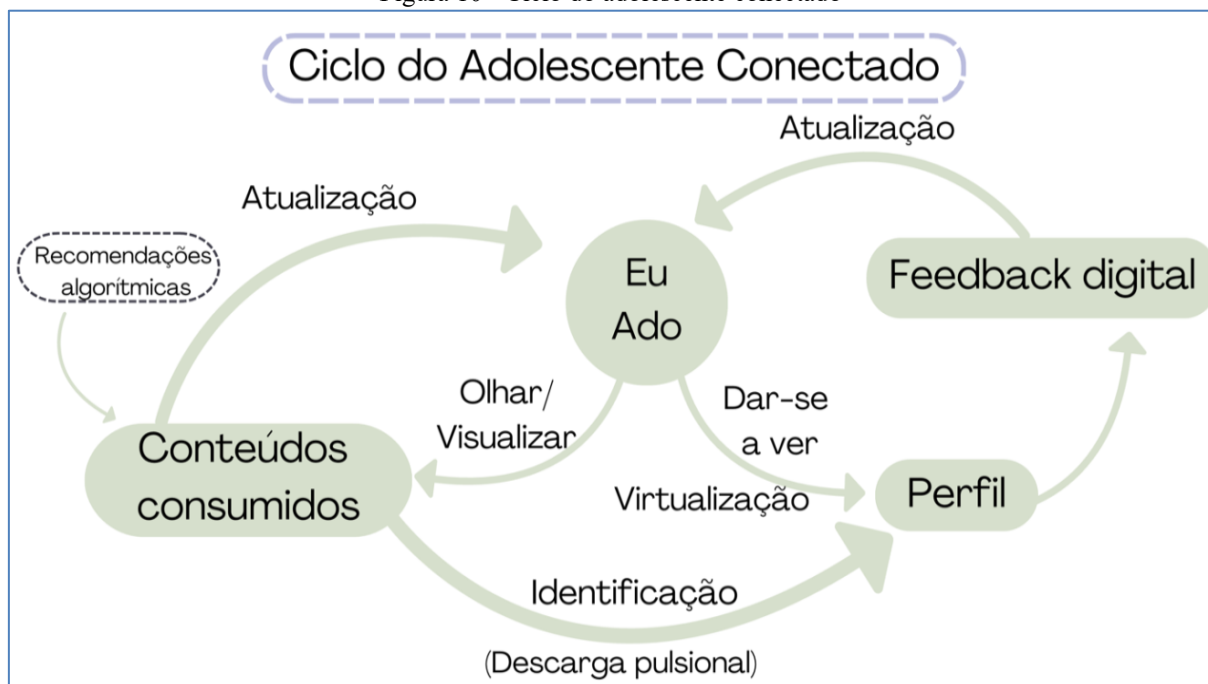
Em um movimento que segue em outra direção, mas nem por isso menos significativo, o adolescente também utiliza as redes sociais na posição de consumidor de conteúdos — sejam aqueles produzidos por sua rede de contatos, sejam os que lhe são ofertados por meio das recomendações algorítmicas. Nessa posição, o usuário ocupa um lugar de “somente ver” aquilo que aparece em sua tela, na forma de fotos, vídeos e frases que surgem de maneira aparentemente aleatória ou por meio de buscas ativas, como a navegação por hashtags e tendências temáticas.

Alguns desses conteúdos exercem impacto subjetivo relevante, especialmente quando o adolescente se identifica com o que está sendo exposto. Em determinadas circunstâncias, essa identificação conduz ao gesto de repostar, promovendo uma articulação entre aquilo que foi consumido e o que passa a ser exibido em seu próprio perfil. Entre os adolescentes pesquisados, observou-se um número expressivo de postagens que consistiam, na verdade, em repostagens de conteúdos previamente visualizados em outros perfis.

Trata-se, portanto, de conteúdos menos autorais, mas não menos reveladores. Consideramos que o ato de repostar materiais com os quais o adolescente se identifica pode funcionar como uma forma de descarga pulsional e, simultaneamente, como uma tentativa de simbolização. Aquilo que ainda não pode ser dito com palavras próprias — especialmente experiências ligadas ao sofrimento psíquico que marca o adolecer — encontra, nas palavras e imagens formuladas por outros, uma via possível de expressão e reconhecimento.

É importante destacar que apenas uma parcela reduzida dos conteúdos consumidos é efetivamente levada para o perfil individual. No entanto, mesmo aquilo que não é repostado exerce efeitos subjetivos, contribuindo para a atualização do *eu adolescente*. Embora não tenha sido objetivo desta pesquisa avaliar os impactos específicos das recomendações algorítmicas sobre a constituição subjetiva, não podemos negligenciar sua influência nesse processo. Sendo assim, propomos, a seguir, um fluxograma representando o novo ciclo do adolescente conectado.

Figura 10 - Ciclo do adolescente conectado



Fonte: a autora (2025)

Embora não fosse objetivo central desta tese investigar de forma aprofundada o segundo movimento — o adolescente na posição de espectador — , afinal a metodologia netnográfica adotada não seria adequada para acessar os conteúdos consumidos nas redes sociais. No entanto, a escuta promovida pelas atividades de conversação psicanalítica revelou uma vertente significativa do sofrimento adolescente nesse ambiente: o consumo de conteúdos tóxicos. Esse movimento, que vai do exibicionismo ao voyeurismo, pode ser compreendido como uma reversão pulsional (Freud, 1915), na qual, em vez da descarga da pulsão por meio da expressão direta do mal-estar, o sujeito recorre ao consumo de imagens violentas e brutais, como forma de enfrentar, ainda que precariamente, a angústia que o atravessa. Dessa maneira, o adolescente passa a ocupar o lugar de “espectador da crueldade” e sobrevive às tragédias que assiste.

Foram frequentes os relatos de exposição a conteúdos que envolvem cenas de violência extrema — corpos ensanguentados, esfaqueados, torturados — , revelando uma pulsão mortífera em circulação. Um caso particularmente emblemático foi o de Ana, que, diante da impossibilidade de nomear a violência que havia testemunhado, apresentou na conversação um vídeo chocante do suicídio de uma jovem. Esse ato, longe de ser um gesto banal, pode ser interpretado como um apelo: um pedido de decifração, de intervenção, de escuta.

Ana está imersa em uma realidade marcada pelo que Valencia denominou o “Lado B” da globalização — um cenário atravessado por tráfico, pela violência, no qual a brutalidade suplanta a palavra, o diálogo e a mediação simbólica. Sua posição subjetiva revela-se capturada por um excesso pulsional e por uma profunda desorientação. Ainda que aparente banalizar a violência — assistindo repetidamente ao vídeo do suicídio — , Ana permanece sem palavras, presa ao silêncio e à imagem, revelando, nesse ato, algo de seu desejo.

A atividade de conversação, ao propiciar a nomeação do horror, abriu uma via possível de elaboração psíquica. Pela palavra, Ana pôde acessar e compartilhar fantasias relacionadas à violência, como a ideia de revanche por meio de um massacre escolar. Ao invés de ser rechaçada ou rotulada como perigosa, foi acolhida em sua singularidade. Esse acolhimento ético, sustentado pela escuta psicanalítica, possibilitou que algo de seu sofrimento — atravessado pelo mal-estar do adolecer, pela experiência de negritude, pelos desencontros amorosos e pela ausência de suporte familiar — pudesse ser simbolizado.

Compreendemos, a partir da escuta de Ana, que as pulsões de vida e de morte coexistem e permanecem em constante tensão ao longo da adolescência. Ao lado das manifestações mais sombrias, foi possível reconhecer também o desejo por encontros

amorosos, a potencialidade criativa expressa em suas produções artísticas e a aspiração ao reconhecimento, ao aplauso. Quando Freud (1932) é instigado por Einstein a responder à célebre pergunta “Por que a guerra?”, afirma que o ódio e a destrutividade são inerentes à constituição humana e não podem ser eliminados, mas sim regulados por formas de sublimação e pela ação da cultura, capazes de atenuar seus efeitos. Nesse sentido, compreendemos que a atividade de conversação realizada no espaço escolar permitiu que Ana encontrasse, ainda que de modo incipiente, uma forma menos destrutiva de articular essas pulsões, inscrevendo sua dor no campo da palavra e da relação.

Tal constatação nos remete a uma reflexão anterior de Freud (1910, p. 218), para quem a escola não deveria se limitar a evitar ser um fator desencadeante da desistência da vida, mas sim atuar como um espaço promotor do desejo de viver. Embora discorde da ideia de que a instituição escolar seja um precipício que lança seus alunos ao suicídio, o autor enfatiza que ela tem falhado em sua função de sustentação subjetiva. Em suas palavras, a escola deveria “oferecer apoio e amparo numa época de vida em que as condições de seu desenvolvimento os compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e com a família”. No entanto, Freud constata que essa função tem sido negligenciada: a escola não se oferece como “substituto da família” e tampouco consegue “despertar o interesse pela vida do mundo exterior”. A escuta de Ana, nesse contexto, evidencia não apenas o sofrimento adolescente, mas também a necessidade de um espaço efetivo de escuta na escola para possibilitar um remanejamento identificatório consistente.

No encerramento das conversações, foi recorrente entre os participantes a comparação entre a atividade realizada e a disciplina Projeto de Vida. Tal componente curricular tem como objetivo principal estimular os estudantes a refletirem sobre seus desejos, valores, metas pessoais e profissionais, promovendo o desenvolvimento de competências socioemocionais, a autonomia e a capacidade de planejar o futuro de forma crítica e consciente.

Apesar de reconhecerem a relevância da disciplina, os adolescentes relataram que, na prática, ela tem se mostrado limitada em sua efetividade. Apontaram que muitas vezes é conduzida por professores que não se sentem preparados para lidar com temas subjetivos ou para sustentar uma escuta qualificada. Como resultado, as atividades acabam se restringindo a abordagens pedagógicas tradicionais, esvaziadas de afeto, de intervenção e de sentido. Além disso, destacaram que o ambiente da sala de aula frequentemente não oferece as condições mínimas de confiança: quando algum aluno se arrisca a revelar aspectos íntimos de sua vida, corre o risco de tornar-se alvo de chacotas e desqualificações por parte dos colegas.

Em contraste, a atividade de conversação se constituiu como um espaço de escuta sustentado por uma relação transferencial de confiança. Os participantes reconheceram a existência de sigilo, bem como a seriedade com que seus relatos eram recebidos. Diferentemente do que experienciam na disciplina escolar, perceberam que o compartilhamento de vivências não era esvaziado de sentido, pois as intervenções realizadas produziam efeitos subjetivos e simbólicos, possibilitando uma elaboração que ia além da simples exposição de conteúdos pessoais.

Ao apostar na conversação psicanalítica como estratégia de investigação e intervenção social no campo da educação, foi possível reconhecer efeitos significativos nos participantes, de forma geral, e, em alguns casos, de maneira particularmente marcante. Um desses exemplos é o de Bruno, que, inicialmente, se apresentou no grupo através do significante “ladrão”. Ao longo do processo, pôde elaborar o desamparo materno, reconhecer que havia exposto o pai a situações embaraçosas e, com isso, reconfigurar suas relações familiares — movimento que se traduziu simbolicamente no ato de ajudar o pai a pintar a casa com novas cores, indicando uma transformação subjetiva importante.

Outro caso emblemático foi o de Luísa, que compartilhou em grupo a experiência de ter sido acusada de amar de forma “indevida” um pai que era, segundo os que a criticavam, “morto e gay”. A possibilidade de nomear essa dor abriu caminho para que, posteriormente, ela publicasse uma carta aberta ao pai — uma escrita tocante em que expressava orgulho por ser sua filha, saudade por sua ausência e a sensação de ainda se sentir amparada por ele, onde quer que estivesse.

Bárbara, que inicialmente compartilhava com Ana o consumo de conteúdos tóxicos nas redes sociais, pôde falar sobre seus comportamentos autolesivos e os castigos que considerava excessivos. Próximo ao encerramento das conversações, publicou um vídeo em que declarava que a guerra travada consigo mesma havia terminado — e, com ela, a decisão de recolher todas as lâminas, gesto que aponta para a possibilidade de interrupção do circuito mortífero e abertura a uma elaboração psíquica.

Por fim, não se pode deixar de mencionar a chamada “carta descartada de Eduardo”, que aponta para uma relação transferencial bem estabelecida. Eduardo se ausentou do grupo, manifestou sua agressividade, rompeu o sigilo, e, ainda assim, pôde retornar e ser acolhido, reafirmando o vínculo construído e a confiança no dispositivo da conversação.

Diante do mal-estar inerente ao processo de adolecer — que se manifesta, entre outros aspectos, em uma profunda insatisfação com a aparência corporal, marcada por significantes como “horrível”, “sem corpo”, “insuficiente” e “exausto” —, os adolescentes

demonstraram capacidade de estabelecer laços de amizade com os pares. Esses vínculos funcionaram como pontos de sustentação psíquica, permitindo-lhes enfrentar, de modo mais criativo, a turbulência própria dessa fase de transição. A relevância desses laços emergiu como uma das categorias centrais na análise das postagens, dada a recorrência de conteúdos que evidenciavam vínculos criativos e geradores de vida.

Por outro lado, os próprios participantes reconheceram que, no ambiente das redes sociais, a mediação da tela — embora possa oferecer uma aparente proteção — também favorece manifestações agressivas e interações marcadas por hostilidade. Um exemplo significativo dessa configuração aparece nas brincadeiras propostas nos Stories, em que o usuário convida os outros a expressarem opiniões sobre si, num movimento que busca confirmação de valor e reconhecimento, uma espécie de teste para verificar se realmente é amado. No entanto, o que retorna dessas interações são, muitas vezes, respostas atravessadas por hostilidade e desqualificação, intensificando o sofrimento psíquico dos adolescentes.

Compreendemos que, nessa etapa do desenvolvimento o eu está fragilizado frente às transformações da puberdade, enquanto o supereu ainda se encontra em constituição, não sendo capaz de exercer plenamente uma função moral reguladora que contenha os impulsos próprios dessa fase de intensa metamorfose. Como desdobramento, o ambiente virtual — ao ampliar os limites e flexibilizar normas de convivência — torna-se fértil para a manifestação de comportamentos destrutivos. A ausência de responsabilização direta nas redes sociais favorece a emissão de comentários agressivos, muitas vezes sem que os sujeitos tenham de lidar com as consequências psíquicas da culpa ou da vergonha. Nesse contexto, a prática de depreciar colegas aparece como uma estratégia defensiva amplamente utilizada entre os adolescentes, funcionando como tentativa de reafirmação de si frente à fragilidade egóica.

A presente pesquisa se propôs a investigar a expressão do mal-estar inerente ao adolecer nas redes sociais. A análise dos dados fruto das duas metodologias relacionadas permitiu compreender essas expressões através de quatro tipos de postagens: (1) Rótulos psicopatológicos: uso de termos diagnósticos para nomear ou tentar dar sentido ao mal-estar, muitas vezes de forma imprecisa, revelando uma tentativa de simbolização através de significantes como “depressão” e “ansiedade”; (2) Comportamentos autolesivos: referências explícitas à prática de cortes, apresentados como estratégias para lidar com o sofrimento psíquico, funcionando como formas de expressão ou alívio da dor interna; (3) Sono como refúgio: menções frequentes ao ato de dormir como forma de fuga ou suspensão temporária das vivências angustiantes, indicando o desejo de escapar simbolicamente da realidade psíquica; (4) Desamparo: expressões que indicam sentimentos de solidão e vulnerabilidade

frente à reconfiguração dos laços familiares e aos desencontros amorosos, marcando a dificuldade em sustentar vínculos afetivos.

Além de funcionar como espaço de expressão do sofrimento adolescente, ficou evidente que a rede social atua também como catalisadora do mal-estar relacionado à aparência e à construção da autoimagem. A constante exposição a imagens idealizadas e a lógica comparativa instaurada pelas plataformas digitais intensificam sentimentos de inadequação, gerando inseguranças profundas em relação ao corpo e à construção da identidade.

A música “Jealousy, jealousy”, interpretada pela artista Olivia Rodrigo, ilustra de forma sensível os efeitos subjetivos desse processo. A canção aborda sentimentos de inveja e frustração gerados pela comparação com imagens idealizadas de outras pessoas nas redes sociais, evidenciando o impacto direto dessas experiências sobre a autoestima e a autenticidade da narradora. A letra revela o conflito entre o desejo de construir a si mesma com autenticidade e a pressão por corresponder a padrões de perfeição inalcançáveis — conflito que pode ser compreendido como um ruído entre o eu atual e o ideal que se constrói a partir do consumo incessante de conteúdos digitais.

Dessa forma, compreendemos que a virtualescência, teorizada a partir de duas vertentes — uma de caráter subjetivante, com potencial criativo e relacional, e outra de natureza desubjetivante, associada a efeitos nocivos para o psiquismo —, deve ser concebida de maneira integrada. Os limites entre essas dimensões são tênues, fluídos e, sobretudo, não excludentes. Os dados desta pesquisa confirmam que as redes sociais configuram-se como espaços privilegiados de interação, um campo psíquico ampliado no qual o sujeito adolescente pode expressar conflitos típicos do adolecer e encontrar ressonância nas experiências compartilhadas por outros usuários.

Contudo, observou-se que os adolescentes enfrentam dificuldades em regular o tempo dedicado às plataformas, realizando um uso contínuo que se mostra prejudicial à constituição da subjetividade. Além disso, são expostos a conteúdos tóxicos, que rompem o véu protetor daquilo que, no processo de amadurecimento psíquico, deveria permanecer velado, confrontando-os com cenas brutais de difícil simbolização. Soma-se a isso a circulação incessante de ideais inatingíveis de vida e aparência, que fragilizam ainda mais a construção da autoestima em uma fase crítica do desenvolvimento.

Considerando a complexidade dessas questões, torna-se imprescindível que a sociedade como um todo se interrogue sobre quais ações devem ser implementadas para atenuar os efeitos potencialmente devastadores que recaem sobre uma geração de

adolescentes hiperconectados. Um dos primeiros passos consiste na responsabilização efetiva das plataformas digitais. Assim como no filme *Vitória*, em que parte da força policial mostrava-se conivente com o crime organizado que ocorria diante das janelas de Dona Nina — seja por envolvimento direto, seja por conivência interessada —, as plataformas digitais mantêm-se em uma posição cômoda de omissão, deixando de aplicar até mesmo as poucas normas que elas próprias estabelecem. Um exemplo recorrente é a negligência no controle da idade mínima para acesso a redes sociais como o Instagram, somada à ausência de mecanismos eficazes de mediação dos conteúdos ali veiculados — questão que esta pesquisa evidenciou e problematizou.

Ao adotar posturas marcadas pela desresponsabilização, as plataformas digitais transferem aos responsáveis legais a incumbência de moderar o conteúdo acessado por adolescentes menores de 16 anos, ignorando o papel estrutural que exercem na dinâmica de circulação e legitimação das informações. Tal negligência evidencia, de maneira inequívoca, o interesse econômico que sustenta a permanência e a disseminação de conteúdos tóxicos, os quais, justamente por seu caráter sensacionalista ou extremo, apresentam alto potencial de engajamento e viralização.

Essa transferência de responsabilidade recai sobre pais e responsáveis que, na maioria das vezes, desconhecem tanto o funcionamento técnico das plataformas quanto as regras implícitas e os códigos comunicacionais utilizados pelos adolescentes. A série “Adolescência” (Netflix, 2025) ilustra essa problemática de forma contundente: em determinada cena, os investigadores presumem uma relação de amizade entre Jamie e a garota assassinada, quando, na verdade, tratava-se de uma interação marcada por tons de cyberbullying. Um comentário aparentemente banal, ao receber múltiplas curtidas, foi interpretado não como aprovação, mas como um gesto coletivo de desprezo, ampliando de forma significativa a sensação de inadequação vivida pelo garoto.

Diante desse cenário, torna-se urgente e absolutamente necessária a formulação e a implementação de legislações que atribuam às plataformas digitais a devida responsabilidade sobre o conteúdo que veiculam. Isso inclui a censura de materiais inadequados, a criação de canais de denúncia eficientes, a checagem rigorosa de informações e a verificação efetiva da idade dos usuários.

Diante da dificuldade de autorregulação frente ao uso das tecnologias, torna-se urgente a implementação de medidas, normas e legislações que ofereçam suporte aos adolescentes nesse processo. Nesse sentido, a recente aprovação da Lei nº 15.100/2025, que proíbe o uso de aparelhos eletrônicos portáteis em salas de aula, representa um avanço importante. Ainda

que não resolva, por si só, a complexidade da questão, constitui um passo relevante na direção de uma regulação mais consciente e protetiva do uso da tecnologia por crianças e adolescentes. Ressalta-se, contudo, que o empuxo à transgressão, característico dessa faixa etária, impõe às instituições de ensino o desafio de implementar estratégias efetivas para assegurar o cumprimento rigoroso da legislação vigente.

É imprescindível o envolvimento do campo educacional na mediação dos efeitos das redes sociais sobre os adolescentes, especialmente no que se refere à promoção da cidadania digital. Para tanto, faz-se necessário preparar o corpo docente para fomentar discussões críticas e reflexivas sobre o uso das tecnologias, estar atento aos comportamentos dos estudantes no ciberespaço e, sobretudo, não se eximir da responsabilidade de intervir em conflitos que, embora ocorram fora dos muros escolares, envolvem diretamente os alunos no ambiente virtual.

Como exemplo inspirador, destaca-se a iniciativa de uma escola francesa que, por meio da disciplina de linguagem, propôs aos alunos uma problematização em torno da disseminação de conteúdos tóxicos nas redes sociais. A atividade viabilizou a expressão do mal-estar psíquico por meio da escrita, abrindo espaço para que experiências subjetivas fossem simbolizadas. Ações como essa permitem trazer à tona aquilo que tende a permanecer silenciado, possibilitando a elaboração de vivências em um momento marcado pela sobrecarga de imagens mudas e vazias de significação.

Nesse sentido, não é suficiente restringir o uso de aparelhos eletrônicos no ambiente escolar. Tal medida, embora relevante, deve ser compreendida como o primeiro passo em direção a estratégias mais amplas de reversão da hiperconexão desorientada. Os efeitos do uso contínuo das redes sociais ressoam profundamente na forma como os adolescentes percebem a si mesmos, interagem com os outros e organizam seu pensamento. Diante disso, a escola não pode se omitir de seu papel formativo: é urgente que assuma a responsabilidade de instruir e acompanhar criticamente os sujeitos em processo de formação, oferecendo-lhes ferramentas simbólicas para lidar com as complexidades do mundo digital.

Por outro lado, torna-se igualmente necessário pensar em estratégias e orientações voltadas aos pais e responsáveis, que muitas vezes se encontram desorientados diante dos desafios impostos pelo uso excessivo de dispositivos digitais pelos adolescentes. É fundamental oferecer subsídios que possibilitem aos adultos viabilizar formas menos danosas de uso da tecnologia, bem como estratégias para o gerenciamento do tempo de conexão e do conteúdo consumido pelos filhos.

Na maioria dos casos, os responsáveis detêm um conhecimento limitado sobre o funcionamento das plataformas digitais e, frequentemente, desconhecem ferramentas de mediação parental que poderiam auxiliá-los nesse processo. Diante disso, acabam recorrendo a medidas restritivas, como a simples proibição do uso, o que também se reflete em iniciativas legais de caráter proibitivo, como a mencionada lei federal. No entanto, tais medidas, por si só, mostram-se insuficientes para contornar uma problemática que exige escuta, diálogo intergeracional e construção de novos modos de presença e orientação no mundo digital. Ainda que a adolescência seja uma etapa marcada pela busca de autonomia, é fundamental que os pais mantenham uma presença ativa, cultivando formas de comunicação que favoreçam a escuta mútua. Para que possam alçar voo, os adolescentes necessitam da existência simbólica de um “porto seguro” — um lugar de acolhimento ao qual possam retornar sempre que necessário.

A partir do caso clínico que motivou a elaboração desta tese, sustentei a orientação de que psicólogos e psicanalistas que trabalham com adolescentes não devem segui-los nas redes sociais com o intuito de monitorar possíveis expressões de mal-estar. Mantenho essa posição, uma vez que tal prática comprometeria os princípios éticos da escuta clínica e poderia invadir o espaço de intimidade do paciente, produzindo efeitos transferenciais indesejáveis.

No entanto, ressalto a importância de que a inserção digital dos adolescentes seja tematizada no interior da clínica. Desde a anamnese, é fundamental investigar as preferências de uso do ciberespaço, os tipos de conteúdos acessados e os efeitos subjetivos decorrentes dessa imersão digital. Essa tarefa não se apresenta como difícil, já que, frequentemente, os adolescentes chegam ao setting analítico com seus smartphones em mãos — quase como um prolongamento corporal. Ainda que as constantes notificações possam interferir no ritmo da associação livre, é possível estabelecer acordos clínicos que minimizem tais interrupções, sem, contudo, excluir da escuta as vicissitudes desse “espaço psíquico ampliado”. Ao contrário, trata-se de acolher esse fenômeno como um elemento constitutivo da experiência subjetiva contemporânea, convocando o analista a escutar, também, o que se estrutura na interface entre o eu e a tela.

Antes de chegar ao ponto final desta tese, desejo expressar minha mais profunda gratidão a todos os adolescentes que participaram desta pesquisa. Com generosidade e coragem, permitiram que o perfil @pesq.adolescenciaconectada se aproximasse de suas postagens, abrindo, ainda que virtualmente, as portas de sua intimidade. Mais do que aceitar o convite para participar das conversações, foram protagonistas de encontros marcantes, nos quais a escuta psicanalítica pôde se fazer presente dentro do espaço escolar. A atitude de cada

um deles revelou não apenas a urgência do mal-estar que pulsa nas redes, mas também a potência transformadora que emerge quando se oferece um espaço de fala, acolhimento e escuta.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**. Tradução de Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- ADOLESCÊNCIA. Direção: Philip Barantini. South Kirkby; South Elmsall; Sheffield: Netflix, 2025. Minissérie. Disponível em: <https://www.netflix.com.br>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- ALBERTI, Sonia. **O adolescente e o outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.
- ANAUT, Marie; STRAUSS, Marc. Cruauté et plaisir scopique sur internet: entre scène médusante et persersion? **Cahier de Psychologie Clinique**, Bruselas, n. 22, p. 187-204, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/cpc.022.0187>. Acesso em: 12 fev. 2025.
- ARAÚJO, Juliana Falcão Barbosa de; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CARVALHO, Isalena Santos; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 497-515, 2016. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v21i2p497-515. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/131020>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- ASSOUN, Paul-Laurent. L'inconscient théâtral: Freud et le théâtre. **Insistance**, [France], n. 2, v. 1, p. 27-37, 2006.
- ATTIGUI, Patricia. Entre aliénation et « désaide »: l'adolescent face au pouvoir des images. In: JEHEL, Sophie; GOZLAN, Angélique. **Les adolescents face aux images trash sur internet**. Paris: Éditions in Press, 2019. p. 55-56.
- BARROS, Rita Maria Manso de; LIGEIRO, Vivian Martins. “O que é ser mulher?”: entre o enigma e o desamparo. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 3-13, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.18379/2176-4891.2020v1p.3>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912020000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 mar. 2025.
- BENTES, Anna. A gestão algorítmica da atenção: enganchar, conhecer e persuadir. In: POLIDO, Fabrício; ANJOS, Lucas; BRANDÃO, Luisa. **Políticas, internet e sociedade**. Belo Horizonte: IRIS, 2019. p. 222-234.
- BRAGA, Adriana. Usos e consumos de meios digitais entre participantes de *weblogs*: uma proposta metodológica. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 26., 2007, Curitiba, PR. **Anais [...]**, Curitiba, PR: UTP, 2007. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2007/trabalhos/usos-e-consumos-de-meios-digitais-entre-participantes-de-weblogs-uma-proposta-me?lang=pt-br>. Acesso em: 04 jul. 2024.
- CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2014.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Adolescência em cartaz**: filmes e psicanálise para entendê-la. Porto Alegre: Artmed, 2018.

COSTA, Luiza Cesar *et al.*. Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 25, p. e200801, 2021.

DANS, Isabel. Identidad digital de los adolescentes: la narrativa del yo. **Revista de Estudios e Investigación em Psicología y Educación**, [Portugal], v. 13, p. 1-4, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.17979/reipe.2015.0.13.145>. Acesso em: 22 nov. 2024.

DE ARAÚJO CLEMENTE, Marcos Edílson. Cangaço e cangaceiros: histórias e imagens fotográficas do tempo de lampião. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, MG, v. 4, n. 4, p. 1-18, 2007. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/654>. Acesso em: 24 nov. 2024.

DEL PRETE, Annachiara; REDON PANTOJA, Silvia. Las redes sociales on-line: espacios de socialización y definición de identidad. **Psicoperspectivas**, Valparaíso, v. 19, n. 1, p. 86-96, mar. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol19-issue1-fulltext-1834>. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-69242020000100086&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 24 out. 2024.

DESLANDES, Suely; COUTINHO, Tiago. O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Manguinhos, v. 25, p. 2479-2486, jun. 2020.

DEUTSCH, Helene. **La psicología de la mujer**. Tomo I. Buenos Aires: Editorial Lousada, 1977.

DIAS, Vanina. “**Morando na rede**”: novos modos de constituição da subjetividade de adolescentes nas redes sociais. Curitiba: CRV, 2016.

DIAS, Vanina. *et al.*. Adolescentes na Rede: riscos ou ritos de passagem? **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 39, p. e179048, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003179048>. Acesso em: 17 jun. 2024.

DONARD, Véronique. A contratransferência como instrumento norteador da pesquisa. *In*: PINHEIRO, Nadja; PERES, Rodrigo; CORDEIRO, Silvia. **Pesquisas acadêmicas em psicanálise**: reflexões teóricas e ilustrações práticas. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022. p. 51-60.

DONARD, Véronique. Fundamentos epistemológicos e novos paradigmas de uma revolução tecnoexistencial. *In*: FERNANDEZ, Elaine; DONARD, Véronique (org.). **O psicólogo frente ao desafio tecnológico**: novas identidades, novos campos, novas práticas. Recife: Editora da UFPE, 2016.

DUARTE, Alexandre; DIAS, Patricia. TikTok: usos e motivações entre adolescentes em Portugal. **Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación**, v. 147, p. 81-102, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.16921/chasqui.v1i147.4419>. Acesso em: 23 mar. 2025.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da psicanálise**: políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FERREIRA, Tânia. Pesquisa em psicanálise: a conversação e a entrevista clínica como ofertas de palavra – a aposta na invenção subjetiva. *In*: FERREIRA, Tânia; VORCARO, Ângela

(org.). **Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FORGET, Jean-Marie. **Os transtornos do comportamento: onde está o rolo?** Tradução de Maria Nestrovsky Folberg. Porto Alegre: CMC Editora, 2011.

FREDA, Damasia Amadeo. **El adolescente actual: nociones clínicas**. San Martín: UNSAM Edita, 2015.

FREUD, Sigmund. A pulsão e seus destinos (1915). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREUD, Sigmund. **Contribuições para uma discussão acerca do suicídio**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 11.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 19.

FREUD, Sigmund. **Para além do princípio do prazer**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 18.

FREUD, Sigmund. **Por que a guerra?** Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 22.

FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 14.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 7.

FREUD, Sigmund. **Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 17.

FUCUTA, Brenda. **Hipnotizados: o que nossos filhos fazem na internet e o que a internet faz com eles?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

G1. **Avós que pularam de prédio após neta atear fogo em sofá haviam proibido menina de usar celular**. Patos de Minas, 16 out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2023/10/16/avos-que-pularam-de-predio-apos-neta-atear-fogo-em-sofa-haviam-proibido-menina-de-usar-celular.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2024.

GARCIA, Arlete. A dor do adolescer. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES. **O adolescente e a modernidade**. Tomo III. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

GOMES, Alice; PEDROSA FILHO, Raimundo; TEIXEIRA, Leônia. Nem ver, nem olhar: visualizar! Sobre a exibição dos adolescentes nas redes sociais. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 91-99, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-44142021001011>. Acesso em: 17 mar. 2024.

GOZLAN, Angélique. **L'adolescent face à Facebook**: enjeux de la virtualité. Paris: Éditions In Press, 2016.

GOZLAN, Angélique. La virtualité: aspects psychiques de la relation de los adolescentes com los espacios virtuales. **Psicoanálisis**, 38, n. 2-3, p. 437-456, 2016.

GOZLAN, Angélique; MASSON, Celine. Le théâtre de Facebook: réflexion autour des enjeux psychiques pour l'adolescent. **Adolescence**, v. 31, n. 2, p. 471-481, 2013.

GURSKI, Roselene; PEREIRA, Marcelo. Adolescência e laço social: uma busca no tempo. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 13, p. 8-16, abr. 2012.

GUTTON, Philippe. **Le pubertaire**. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, Quadrige, 2013.

HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa**: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Tradução de Daniel Guilhermino. Petrópolis: Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Gianchini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HANNS, Luiz Alberto. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

JEAMMET, Philipe; CORCOS, Maurice. **Novas problemáticas da adolescência**: evolução e manejo da dependência. Tradução de Mônica Amaral. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

JERUSALINSKY, Julieta. Que rede nos sustenta no balanço da web?: o sujeito na era das relações virtuais. In: BAPTISTA, Ângela; JERUSALINSKY, Julieta (org.). **Intoxicações eletrônicas**: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma, 2017.

JESUS, Eduardo; SALGADO, Tiago; SILVA, Polyana. Performances e produção de efeitos subjetivos no Instagram e no Youtube. **Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos**, Minas Gerais, v. 16, n. 3, p. 243-256, set./dez. 2014.

KELLES, Natália Fernandes; LIMA, Nádia Laguárdia de. Adolescentes no ciberespaço: uma reflexão psicanalítica. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, p. 202-233, dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 nov. 2024.

KLATAU, Perla; PACHECO, Eduardo; MACEDO, Maria Manuela. O uso da pesquisa-intervenção em trabalhos psicanalíticos: construção de espaço de escuta para sujeitos trans. In: PINHEIRO, Nadja; PERES, Rodrigo; CORDEIRO, Sílvia. **Pesquisas acadêmicas em**

psicanálise: reflexões teóricas e ilustrações práticas, São Carlos: Pedro e João Editores, 2022. p. 111-126.

KLEEMANS, Mariska; DAALMANS, Serena; CARBAAT, Ilana; ANSCHÜTZ, Doeschka. Picture perfect: The direct effect of manipulated Instagram photos on body images in adolescent girls. **Media Psychology**, v. 21, n.1, p. 93 – 110. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15213269.2016.1257392>aberto_em_novo. Acesso em: 15 fev. 2025.

KOZINETTS, Robert. **Netnografia:** realizando pesquisa etnográfica online. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LACADÉE, Phillipe. No espírito da conversação interdisciplinar: um jogo da vida. **Cien Digital**, n. 1, 2007, p. 7-9. Tradução de Cristiana Pittella de Mattos. Disponível em: <https://ciendigital.com.br/wp-content/uploads/2018/11/CIEN-Digital01.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2024.

LACADÉE, Phillipe. **O despertar e o exílio:** ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Tradução de Cássia Rumenos Guardado e Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). *In:* ESCRITOS. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu (je) tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). *In:* ESCRITOS. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro X:** a angústia (1962/63). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise Laplanche e Pontalis.** Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si:** uma tentação contemporânea. Tradução Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2018.

LE BRETON, David. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 157-172, 2010. Disponível em: www.scielo.br/j/ha/a/KJyqh8ryDjNzrsdJx7wF7wv/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 4 mar. 2023.

LE BRETON, David. **Una breve historia de la adolescencia.** Buenos Aires: Nueva Visión, 2014.

LE MOS, Patrícia. Entre o olho e o olhar: o gozo escópico no Facebook. **Revista Affectio Societatis**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 28, p. 169-195. jan./jul. 2018.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2011.

LIMA, Nádia; SANTOS, Tânia. O crescimento da exposição do real traumático na adolescência: o declínio do pudor no imaginário contemporâneo. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 34, p. 265-284, 2015.

LIMA, Rossano Cabral. Infância e adolescência em tempos de DSM-5 e CID 11: trajetórias da classificação e perspectivas da investigação crítica. In: CATÃO, Inês (org.). **Mal-estar na infância e medicalização do sofrimento**: quando a brincadeira fica sem graça. Salvador: Ágalma, 2020.

LORENA, Renata Guaraná. **Um corpo para (de)marcar-se**: estudo psicanalítico acerca das escarificações na adolescência. 2016. 168 f. (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2016.

LORENA, Renata Guaraná; DONARD, Véronique. Adolescência nas redes sociais: dinâmicas identitárias e subjetivas. In: PASSOS, Maria Consuelo; CAMINHA, Iraquitán (org.). **No limiar do humano**: inquietações psicanalíticas. Curitiba: CRV, 2023b.

LORENA, Renata Guaraná; DONARD, Véronique. Expressões midiáticas de adolescentes em urgência subjetiva. Em: **Reunião Lacanoamericana de Psicanálise de Recife**. Recife: Bklyn Digital, 2023a. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/12SJP4eqQ1b7eCrtCpMlZtx3qwIB8u7ts/view?pli=1>. Acesso em: 21 nov. 2024.

LUNA, Dulce. Quem tem medo de alma? In: LUNA, Dulce; RODRIGUES, Eliene (org.). **Real gozo**: textos psicanalíticos. Recife: UFPE, 2009.

MANSOUR, Zein; HAZA, Marion. Espaces numériques, une opportunité de reencontre non charnelle pour les adolescents? **Les journal des psychologues**, Paris, n. 397, p. 32-35, 2022.

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade**: gozar a qualquer preço. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MEZAN, Renato. Que significa “pesquisa” em psicanálise? In: SILVA, Maria Emília Lino da. **Investigação e psicanálise**. Campinas, SP: Papiros, 1993. p. 49-90.

MILLER, Jacques-Allain. **Em direção à adolescência**. Minas Gerais, 2015. Disponível em: <https://minascomlacan.com.br/blog/em-direcao-a-adolescencia/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

MILLER, Jacques-Allain. Problemas de pareja, cinco modelos. In: MILLER, Jacques Alain. **La Pareja y el Amor**: conversaciones clinicas en Barcelona. Barcelona: Eólia, 2003.

MIRANDA, Margareth; SANTIAGO, Ana Lydia. As conversações e a psicanálise aplicada à educação: um estudo do mal-estar do professor e o aluno considerado problema. In: MIRANDA, Margareth; SANTIAGO, Ana Lydia. O declínio dos saberes e o mercado do gozo, **Col. LEPSI IP/FE-USP**, São Paulo, v. 8, 2011. São Paulo. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032010000100039&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 4 jul. 2024.

MIRANDA, Margareth; VASCONCELOS, Renata Nunes; SANTIAGO, Ana Lydia. Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa. **Col. LEPSI IP/FE-USP**, São Paulo, v. 6, 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100060&script=sci_arttext. Acesso em: 24 out. 2024.

MORATELLI, Valmir. Billie Eilish diz que a música a salvou da “infelicidade e depressão”. **Revista Veja**, São Paulo, n. 2875, jan. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/>

veja-gente/billie-eilish-diz-que-musica-a-salvou-da-infelicidade-e-depressao.
Acesso em: 07 mar. 2025.

MOSSERI, Adam. **Mudança na política do Instagram a respeito das postagens de autolesões**. 2019. Disponível em: <https://about.instagram.com/blog/announcements/supporting-and-protecting-vulnerable-people-on-instagram>. Acesso em: 13 fev. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. (CID-11). 11. ed. rev. Genebra: OMS, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/pt>. Acesso em: 23 mar. 2025.

PATRIOTA, Rhassano; SÁ, Lucilene; SATTO, Simone. Origem, características e distribuição espacial da *Cannabis* do Polígono da Maconha no estado de Pernambuco. **Anuário do Instituto de Geociências**, [Recife], v. 44, 2021.

POLIANOV, Beatriz; CARRERA, Fernanda. Rupturas performáticas em sites de redes sociais: um olhar sobre fissuras no processo de apresentação de si a partir de e para além de Goffman. **Intexto**, Uberaba, MG, v. 44, p. 74-98, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201944.74-98>. Acesso em: 22 maio 2024.

POLIDO, Fabrício; ANJOS, Lucas; BRANDÃO, Luíza (org.). **Políticas, internet e sociedade**. Belo Horizonte: Instituto de Referência em Internet e Sociedade, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/35hiqms>. Acesso em: 13 ago. 2024.

PRIMO, Guilherme. **A virtualização da experiência de si**: novos modos de subjetivação na era dos algoritmos. São Paulo: Dialética, 2024.

QUINET, Antonio. **Um olhar a mais**: ver e ser visto na psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

RASSIAL, Jean-Jacques. **O adolescente e o psicanalista**. Tradução de Leda Bernardino. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

SÁ, Giovanni. Serra-talhadense César Adriano Leite é assassinado na PE-365. **Farol de Notícias**, Serra Talhada, 11 jun. 2024. Disponível em <https://faroldenoticias.com.br/serra-talhadense-e-assassinado-a-tiros/>. Acesso em: 5 jul. 2024.

SALES, Ana Luiza. **Adolescente mata a mãe em Goiás após ser proibido de usar celular e computador**. Itatiaia, 22 ago. 2024. Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/brasil/2024/08/22/adolescente-mata-a-mae-em-goias-apos-ser-proibido-de-usar-celular-e-computador>. Acesso em: 15 out. 2024.

SANTIAGO, Ana Lydia. O mal-estar na educação e a conversação como metodologia de pesquisa-intervenção na área de psicanálise e educação. *In*: CASTRO, Lúcia Rabello; BESSET, Vera Lopes (org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Editora Nau: Rio de Janeiro, 2008, p. 113-131.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SOLER, Colete. **Rumo à identidade**. São Paulo: Aller, 2018.

SOUSA, Antônio Edervaldo Pereira; HAVIARAS, André Coelho; CARVALHO, Emanuela Rocha. Análise epidemiológica de crianças e adolescentes com autolesão atendidas em um hospital referência em Santa Catarina nos anos de 2018-2021. **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 1-21, 2023. DOI: 10.25118/2763-9037.2023.v13.424. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/424>. Acesso em: 23 mar. 2025.

STENUDD, Hans. The Discourse of Cutting: A Study of Visual Representations of Self-Injury on the Internet. In: FERNANDES, John (org.). **Making sense of pain: critical and interdisciplinary perspectives**. [S.l.]: Editor: Jane Fernandez, 2010. p. 237-248.

TIC KIDS ONLINE. Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil**: TIC Kids Online Brasil, ano 2023 - Relatório de coleta de dados. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023. Disponível em: https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/1/20230825142135/tic_kids_online_2022_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 20 nov. 2024.

TIC KIDS ONLINE. Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil** : TIC Kids Online Brasil 2022. 1. ed. -- São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023. Disponível em: https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/1/20230825142135/tic_kids_online_2022_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 20 nov. 2024.

TOKE, Geoffroy. L'adolescent face au trash du numérique: pourquoi regarder, pourquoi partager? In: JEHEL, Sophie; GOZLAN, Angélique. **Les adolescents face aux images trash sur internet**. Paris: Édition in Press, 2019.

TUBERT, Silvia. **A morte e o imaginário na adolescência**. Tradução de Paloma Vidigal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999a.

TUBERT, Silvia. O enigma da adolescência: enunciação e crise identitária. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES. **O adolescente e a modernidade**. Tomo I. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999b.

VALENCIA, Sayak. **Capitalismo gore**. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2010.

VIOLA, Daniela Teixeira Dutra; LIMA, Nádia Laguárdia de; NOBRE, Márcio Rimet. O resgate da narrativa na cultura digital: a conversação psicanalítica com adolescentes na escola. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 20, n. 1, p. 1-13, 2020 . DOI: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i1.e8031>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692020000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 out. 2024.

VITÓRIA. Direção: Andrucha Waddington; Breno Silveira. Rio de Janeiro: Conspiração Filmes, 2025.

VORCARO, Ângela; CAPANEMA, Carla. Chicanas da travessia adolescente. **Psicologia em Revista (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 82-99, abr. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100007&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 23 mar. 2025.

WINNICOTT, Donald. **Privação e delinquência**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

APÊNDICE A – RELATÓRIOS CONVERSACÃO

SUMÁRIO

1	RELATÓRIOS CONVERSACÃO	225
1.1	Grupo Central 01	225
1.1.1	<i>Primeira Conversação – 06/09/2023 – Apresentação dos participantes.....</i>	226
1.1.2	<i>Segunda Conversação – 14/09/2023 – Acesso precoce às redes sociais e aos conteúdos violentos.....</i>	230
1.1.3	<i>Terceira Conversação – 20/09/2023 – Tipos de conteúdo mais curtido</i>	234
1.1.3.1	<i>Coleta de dados digitais no período de 20 a 27/09/2023.....</i>	237
1.1.4	<i>Quarta Conversação – 28/09/2023 – Cancelada</i>	239
1.1.4.1	<i>Coleta de dados digitais no período de 29/09 a 04/10/23.....</i>	239
1.1.5	<i>Quinta Conversação – 04/10/2023 – Brincadeiras nos Stories.....</i>	241
1.1.5.1	<i>Coleta de dados digitais no período de 04 a 18/10/2023.....</i>	246
1.1.6	<i>Sexta Conversação – 18/10/2023 – Da infância para a puberdade</i>	248
1.1.6.1	<i>Coleta de dados digitais no período de 18 a 24/10/2023.....</i>	253
1.1.7	<i>Sétima Conversação – 25/10/2023 – Bullying</i>	256
1.1.7.1	<i>Coleta dados digitais no período de 25 a 31/10/2023</i>	260
1.1.8	<i>Oitava Conversação – 01/11/2023 – Halloween na escola: “beijo ou tapa?”</i>	261
1.1.8.1	<i>Coleta de dados digitais no período de 01 a 07/11/2023.....</i>	267
1.1.9	<i>Nona Conversação – 08/11/2023 – Mito familiar de cada participante</i>	269
1.1.9.1	<i>Coleta dados digitais no período de 08 a 21/11/2023</i>	272
1.1.10	<i>Décima Conversação – 22/11/2023 – Atividade corpo e finalização</i>	276
1.2	Grupo Central 02	279
1.2.1	<i>Primeira Conversação – 21/09/2023 – Apresentação dos participantes.....</i>	280
1.2.2	<i>Segunda Conversação – 04/10/2023 – Posto, salvo, apago e ignoro</i>	283
1.2.2.1	<i>Coleta de dados digitais no período de 04 a 17/10/2023.....</i>	286
1.2.3	<i>Terceira Conversação – 18/10/2023 – Atividade sobre o corpo</i>	288
1.2.3.1	<i>Coleta de dados digitais no período de 18 a 24/10/2023.....</i>	292
1.2.4	<i>Quarta Conversação – 25/10/2023 – “Bullying para expor e ridicularizar o outro”</i>	294
1.2.4.1	<i>Coleta de dados digitais no período de 25/10/2023 até 31/10/2023.....</i>	295
1.2.5	<i>Quinta Conversação – 01/11/2023 – Da desistência ao engajamento.....</i>	297

1.2.5.1 Coleta de dados do período de 01 a 07/11/2023.....	300
1.2.6 Sexta Conversação – 08/11/2023 – Histórias de família e agressões na escola	303
1.2.6.1 Coleta de dados digitais no período de 08 a 22/11/2023.....	308
1.2.7 Sétima Conversação – 22/11/2023 – Fechamento.....	311
1.3 Grupo Campestre	312
1.3.1 Primeira Conversação – 13/09/2023 – Apresentação e estabelecimento da transferência	313
1.3.2 Segunda Conversação – 27/09/2023 – Adentrando na cultura sertaneja	319
1.3.2.1 Coleta de dados digitais no período de 29/09 a 04/10/2023.....	325
1.3.3 Terceira Conversação – 05/10/2023 – Performances de ruptura para “chamar atenção”	328
1.3.3.1 Coleta de dados digitais no período de 05 a 16/10/2023.....	337
1.3.4 Quarta Conversação – 17/10/2023 – Da criança à puberdade	340
1.3.4.1 Coleta de dados digitais do período de 17 a 25/10/23.....	348
1.3.5 Quinta Conversação – 26/10/2023 – Bullying e sexualidade.....	351
1.3.5.1 Coleta de dados digitais do período de 26/10 a 09/11/2023.....	359
1.3.6 Sexta Conversação – 07/11/2023 – O corpo e suas insatisfações	363
1.3.6.1 Coleta de dados digitais no período de 07 a 15/11/2023.....	370
1.3.7 Sétima Conversação – 16/11/2023 – Performance de ruptura invade a cena.....	373
1.3.7.1 Coleta de dados digitais no período de a 16 a 23/11/2023.....	383
1.3.8 Oitava Conversação – 23/11/2023 – Fechamento e passeio pelo distrito	386

1 RELATÓRIOS CONVERSAÇÃO

1.1 Grupo Central 01

A coleta de dados se iniciou com este grupo no dia 06 de setembro de 2023, data mais esperada pela população serra-talhadense por ser comemorado o aniversário da padroeira, Nossa Senhora da Penha. Nessa ocasião, a cidade concentra toda sua atenção para festas, novenas, parques de diversões. Além disso, a Escola Central participou do Desfile de 07 de setembro e neste dia os alunos estavam fazendo o ensaio-geral antes da apresentação. Em resumo, a escola estava agitada, em clima de festa, de feriado, de desfile. Antes de avançar com o relato desse primeiro dia de coleta de dados, será apresentada uma tabela com o nome fictício dos participantes, idade, série e data dos encontros de conversações. Como legenda será utilizada a letra P significando presente na atividade, F para falta, A quando o participante não esteve presente por estar em atividade avaliativa para nota e ? para situações diversas cujas explicações serão feitas ao longo do detalhamento da conversação.

Nome/Idade	Série	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
Vicaelly, 11	6º	P	?	P	Atividade suspensa	P	P	P	P	?	P
Maria Luiza, 11	6º	P	P	P		P	P	P	F	P	P
Maria Alice, 11	6º	P	P	P		?	P	P	F	?	P
Eva, 11	6º	P	P	F		P	P	F	P	P	P
Mariana, 11	6º	P	P	F		P	P	P	P	P	P
Antonela, 12	6º	P	P	P		P	P	P	P	P	P
Gabriel	6º	P	P	P		P	P	A	P	?	P
Ana, 12	7º	P	P	F		F	P	P	P	?	P
Bárbara, 12	7º	P	P	P		P	P	P	F	?	P
Bruno, 13	8º	P	P	P		P	P	P	P	P	P
Larissa, 14	9º	P	P	A		P	P	F	F	P	F

1.1.1 Primeira Conversação – 06/09/2023 – Apresentação dos participantes

Devido ao dia atípico na escola, os alunos chegaram agitados e empolgados com a atividade da pesquisa. Nenhum demonstrou resistência em nos acompanhar, pelo contrário, estavam na expectativa, alguns inclusive falaram que já nos haviam visto durante o intervalo. Ao entrar na sala destinada para a pesquisa, as cadeiras estavam posicionadas para formar um círculo, de tal forma que todos pudessem se ver e se escutar melhor. Demorou para que os participantes tomassem assento e se acalmassem. A pesquisadora se dirigiu para eles apresentando os estagiários de Psicologia que acompanhariam as atividades daquele grupo, distribuiu um crachá para cada um e pediu que escrevessem seus nomes. Alguns pediram ajuda, alegando que a “letra era feia”, outros que estavam sem caneta, de tal forma que a pesquisadora ofereceu auxílio para quem solicitou.

Em seguida, a pesquisadora falou sobre si de forma mais completa, anunciando sua idade, o que gostava de fazer. Curiosos para conhecer mais sobre quem lhe falava, os participantes foram diminuindo os movimentos e agitações. Após concluir, a pesquisadora passou a palavra para quem quisesse se apresentar, sugerindo que todos fizessem para que o grupo pudesse se conhecer. Antes de seguir com o próximo ressaltou dois acordos que precisavam ser feitos e cumpridos por todos. O primeiro foi em relação ao sigilo do que seria ali compartilhado. O segundo, sobre respeitar a vez de cada um falar. Feitos esses acordos, o primeiro integrante do grupo se apresentou.

Vicaelly, 11 anos, pediu a palavra e antes de qualquer coisa falou: “*Tia devia mandar a gente trazer o celular prá cá*”. Os demais riram e concordaram e ela seguiu. Começou dizendo que era inquieta e que gosta de fazer meme com as pessoas que conhece. Só se acha bonita com os efeitos do Instagram, de tal forma que sempre usa esses recursos, diz: “*Na internet eu fico bonita, com os efeitos, claro*”, completa explicando que usa emojis para esconder seu rosto. A pesquisadora aproveitou para perguntar como ela se via e a resposta surgiu imediatamente: “Feia”.

Vicaelly foi indicada pelos professores porque tem dificuldade em se manter na sala de aula, está sempre pelos corredores. Durante a atividade pediu para ir ao banheiro algumas vezes, mas mesmo sendo autorizada, oscilava entre permanecer e se ausentar. Em um determinado momento a pesquisadora lhe esclareceu que ela poderia sair quando quisesse, só precisaria permanecer se desejasse. Ao ser reforçada a oportunidade de escolha, Vicaelly decidiu ficar. É uma garota ativa, com olhar curioso, ainda pequena, magrinha, com um lindo

corte de cabelo curto, cacheado. Parecia desleixada com a imagem, precisava do olhar do outro com frequência para legitimar seu lugar.

Logo após, Bruno se apresentou. Suas primeiras palavras foram; “Eu sou 157” e riu um tanto envergonhado. A pesquisadora não compreendeu e pediu que explicasse melhor. Ele reinicia se descrevendo como ladrão, acreditava estar fazendo parte do grupo por esse motivo. Ele diz gostar de travar o *WhatsApp* das pessoas, enviando vírus capaz de bloquear o aplicativo. Fazia isso por diversão, também quando era solicitado, mas somente executava mediante um bom motivo e por alguma quantia. Anunciava seu “serviço” em links no *Google*, disse que aprendeu porque o *YouTube* lhe ensinou. Fala ter praticado alguns furtos, como no mercado Pajeú, nas Lojas Americanas e na Drogasil e que sua mãe o aconselhava a participar de todas as ações que acontecessem na escola. Bruno afirmou ter parado de travar WhatsApp e de praticar pequenos furtos por achar que isso não é correto e porque sua finalidade não era financeira. Identifica-se através do significante ladrão também em seu perfil digital, no Instagram seu nome é seguido pelo número 157, referência ao artigo do código penal sobre furto e roubo.

De Bruno a palavra circulou para Ana. Ela falou que gosta de ler, desenhar, de fazer aula de música. Quer ser música e tocar violino, já toca diversos instrumentos, canta. Gosta de usar o celular, às vezes vira a noite vendo vídeos no Instagram, um dos influencers que gosta de acompanhar é o Hytalo Santos.

Neste momento os outros participantes do grupo falaram sobre gostar de acompanhar a rotina de Hytalo através de seus vídeos postados nos Stories do Instagram. Quando questionados sobre o motivo de acompanhá-lo, disseram que é por ele ser alguém que era pobre e conseguiu ficar rico produzindo conteúdo para a internet. Além disso, se sentem próximos a ele porque o *influencer* chama seus seguidores de “carregadinhos” e os considera parte de uma grande família.

Ana continua dizendo que assiste e posta coisas da Billie Eilish, cantora e compositora estadunidense, posta coisas bem depressivas no *Instagram* nos melhores amigos direcionadas apenas para pessoas em quem confia, posta também paisagens e frases legais. Sobre o conteúdo depressivo, diz que se identifica e posta como uma forma de se expressar. Fala que ao mexer no celular se desliga do mundo e da sua dor. Gosta de assistir filmes de terror.

Prontamente, Maria Alice que iniciou a conversação “dormindo” na cadeira, tomou a palavra e passou a falar de si, animada para compartilhar suas preferências. Gosta de estudar, assistir *YouTube* no celular, de jogar, ver polêmicas de “Gasha”, participa de comunidades de *animes* e de jogos. Utiliza o celular desde muito nova (desde os 5 anos de idade), afirma que

os pais já sabem que usar o celular a acalma e já entregam para ela quando a percebem irritada ou ansiosa. Realiza também outras atividades, faz terapia. Repete: “*Quando fico estressada, minha mãe me dá o celular*”. Explica que o Youtube é um tipo de rede social para ela porque se envolve em polêmicas nas comunidades sobre gamers. Fica muito interessada em nos explicar como é essa questão das polêmicas e comunidades, porém os demais participantes não querem saber. Como ela é prolixa e estava sendo alvo de dispersão e piada no grupo foi preciso intervir, fazer um corte para minimizar o blábláblá, como também para relembrar aos participantes nosso acordo sobre respeito ao espaço de fala de cada um.

Ainda que timidamente, Gabriel se apresentou somente dizendo seu nome e idade. A pesquisadora, buscando suscitar mais informações, questionou o que ele gosta de fazer, ao que ele responde que não faz nada. Em suas palavras: “*Não faço nada, só vivo*”. Diz também ter parado de usar o celular porque quebrou. Não liga para ficar sem celular. Chama a atenção sua postura apática. Ao longo do encontro falou pouco, mas ficou atento ao que se passava.

A palavra segue circulando com a ajuda da peteca que é lançada entre os participantes, e Bárbara, melhor amiga de Ana se apresenta confirmando que são muito amigas e por isso gosta bastante de conversar com ela, mexer no celular e postar *Reels* depressivos no Instagram. Ela começou a falar sobre cicatrizes no braço, mas foi cortada pela amiga, e por isso mudou de assunto. Foi ela quem convidou Ana para o grupo, inclusive elas mantinham conversas paralelas que atrapalharam o andamento da atividade e sugerimos que mudassem de lugar. A estratégia um tanto pedagógica e pouco condizente com a técnica de conversação, possibilitou que as duas interagissem mais com o grupo.

Em seguida, Mariana se apresentou dizendo que a mãe acha “*uma besteira isso de redes sociais*”, mas ela discorda e até gosta de usar porque o celular a desliga do mundo. A mãe estabelece alguns limites para a filha a respeito do uso das redes sociais, como por exemplo a proibição de falar com estranhos. Ela cumpre.

Eva, que estava ao lado de Mariana, aproveitou sua colocação para concordar que a mãe também lhe proíbe de falar com estranhos nas redes sociais. Nesse momento, o grupo se posicionou a respeito de interagir com desconhecidos e a maioria confirmou que estabelece algum contato (às vezes mais próximo) com pessoas que conhecem online. Eva fica um pouco constrangida e passa a peteca para quem estava ao seu lado.

Muito envergonhada em tomar a palavra, Antonela se apresenta dizendo seu nome e idade, 12 anos, e apontando que gosta de ler a revista “*Seleção*” e escutar música. Esteve bastante atenta na atividade, mas falou rapidamente para se apresentar, mostrando sua timidez como principal traço.

Antonella lança a peteca para Maria Luiza que após dizer seu nome, compartilhou que gosta de biologia e de animais. Contou que tinha ido para a festa da cidade na noite anterior com a família e que viu a pesquisadora nas redes sociais. Sua relação com a pesquisadora teve início antes da conversação, pois no dia em que havia ido na escola para confirmar a aprovação do Comitê de Ética e a autorização para começar a pesquisa, uma aluna havia se cortado no banheiro da instituição e a diretora solicitou que a pesquisadora fizesse um acolhimento. Na ocasião, Maria Luiza falou sobre sua sensação de não se sentir amada. Tinha acabado de “perder uma amiga” por um desentendimento e estava se sentindo deslocada. Queixou-se: “não deixam eu ser quem eu sou”, mas apresentou dificuldade para desdobrar essa afirmação e falar de si. Na primeira conversação também falou pouco.

A última participante a se apresentar foi Larissa, a mais velha do grupo. Manteve-se tímida e atenta ao que falavam. Após dizer seu nome e idade, afirmou gostar de assistir vídeos no TikTok e no Netflix, escrever poemas e tocar teclado. Aos 11 anos foi proibida de usar redes sociais, mas depois voltou.

Os participantes pediram que as estagiárias também se apresentassem e foi aberto um espaço para cada uma falar e elas disseram seus nomes, idade, período da faculdade e o curso de graduação em que estavam. Samara, do 9º período; Maria Fernanda do 8º período e Fabiana do 6º.

Para fechar a atividade neste dia foi lançada a pergunta sobre o que as pessoas pensariam sobre eles se os conhecesse primeiro através das redes sociais, Maria Alice disse que as pessoas pensariam que ela é rica, e Bruno fala que pensariam que ele é ladrão.

Finalizamos o grupo fazendo uma foto. Eles queriam esticar o tempo para terminar horário de aula e não precisarem voltar para a sala. Pediram que a pesquisadora solicitasse a diretora que eles trouxessem o celular no próximo encontro e explicaram que na escola é proibido usar o aparelho. Apesar da proibição alguns participantes estavam com o celular e utilizaram durante o encontro.

Após a conversação a equipe de pesquisa continuou na sala para um momento de troca e reflexão sobre a experiência. Samara pontuou sobre a dificuldade de escutar o que estava sendo dito, principalmente em um momento que havia alunos de outra escola brincando próximos à janela da sala. Fernanda percebeu o movimento de Vicaelly de querer sair da sala com frequência. A sinceridade e fala de Bruno tocou ao grupo, principalmente porque ele fez questão de se apresentar como ladrão, mas a marca que ficou para quem ouviu foi sua sensibilidade, amizade e cuidado com Bárbara e Ana. Discutimos como faríamos com Maria Alice, pois um dos critérios de exclusão de participante era justamente diagnósticos como

TDAH. Entretanto, percebemos que Maria Alice se sentia excluída na escola e considerarmos mais prudente mantê-la no grupo buscando não reforçar seu lugar de segregação.

1.1.2 Segunda Conversação – 14/09/2023 – Acesso precoce às redes sociais e aos conteúdos violentos

O encontro aconteceu após o feriado de comemorações do dia da padroeira da cidade, sendo assim a pesquisadora aproveitou para perguntar o que eles haviam feito nos últimos dias visando se aproximar da realidade vivenciada por cada um. Foi possível perceber que o grupo estava mais articulado, ainda que agitados. Gabriel tinha levado um cubo mágico e passou o tempo todo tentando organizá-lo por cores, mas atento ao que se passava. Ana, Bárbara e Bruno sentaram-se próximos, algumas vezes comentavam algo entre eles e deu para perceber que são amigos. Vicaelly quis se sentar ao lado da pesquisadora e ficou curiosa com as anotações que ela fazia em um caderno. Uma das estagiárias ficou ao lado de Maria Alice para ajudar na condução, conforme acordado previamente.

Alguns participantes falaram sobre ter ido aos shows promovidos pela prefeitura, outros disseram que foram à festa para aproveitar o parque, enquanto Antonella e Gabriel falaram ter ficado em casa. Maria Alice foi várias vezes ao parque, mas decidiu não levar seu celular porque considerou o ambiente perigoso. Ana discordou que fosse um ambiente arriscado e chegou a gravar um vídeo enquanto estava em um brinquedo chamado “surf”. No vídeo ela aparecia se divertindo, rindo e “resenhando”, mas como achou que estava feia postou nos Stories do Instagram apenas para a lista de melhores amigos. Servindo-se dessa fala sobre restringir a postagem, perguntou-se qual o critério usado para destinar a publicação para o grande público ou para um mais restrito. Ana foi enfática ao esclarecer que quando se sente feia em um registro, direciona apenas aos melhores amigos. Sendo assim, partimos para investigar quem eram os melhores amigos dos participantes.

Bárbara foi a primeira a nos responder, falando que tinha cerca de 500 usuários na sua lista restrita de melhores amigos e essas são as pessoas com que mais interage nas redes sociais. Já Bruno, de maneira completamente diferente da amiga, riu e disse que tinha apenas dois amigos nessa lista.

Larissa, por sua vez, nos esclareceu que utiliza dois perfis no Instagram, um para todas as pessoas e outro para suas “leseiras”. Excluiu seu perfil anterior que tinha mais de 2000 seguidores e no novo foi mais criteriosa em aceitar que usuários tivessem acesso ao seu perfil, de tal forma que atualmente tem apenas 200 seguidores no perfil “para todas as pessoas” e

restrito para quem ela conhece realmente. Costuma postar fotos de si mesma, do céu e vídeos com os quais se identifica.

O grupo estava disperso, pouco interessado no que estava sendo abordado. Então, Maria Alice falou que também tem dois perfis, um que dedica somente a suas viagens e outro perfil pessoal. Buscando esclarecer melhor, foi perguntado o que ela costumava postar em seu perfil pessoal, uma vez que o outro era específico para suas viagens e, para nossa surpresa, ela disse que nada. Maria Alice usa mais seu tempo online no Youtube e voltada para o conteúdo que lhe interessa de animes, gasha.

Resgatou-se o que Maria Alice havia dito anteriormente sobre não ter levado o celular para festa por receio do ambiente e perguntou-se como era para eles deixarem o smartphone em casa. Bárbara concordou com Maria Alice dizendo que era um alívio porque sabia que não seria roubada. Mas Maria Alice confessou que apesar da atitude de cuidado, ficava nervosa quando não estava com seu celular, se sentia insegura. Eva falou que fica ansiosa e com medo de perder o telefone até quando está dentro de casa, porque já aconteceu de deixar o aparelho em algum lugar e demorar para encontrá-lo. Nessas circunstâncias, fica aflita até reencontrar o aparelho. Conta que uma vez o esqueceu acima da geladeira e demorou muito para achar. Foi perguntado o que mais lhe amedronta nessas situações sem o celular, mas Eva não conseguiu colocar em palavras a sua angústia, só repetia que ficava aflita, ansiosa, levava a mão ao peito.

Nesse momento Bruno estava disperso “mexendo no celular” e a pesquisadora aproveitou para lhe perguntar como era ficar sem o telefone. Ele respondeu que “nada demais”, e completou: “*Oxe! Já passei um ano sem celular!*”. Pedimos que nos explicasse o que tinha acontecido para uma punição tão drástica e ele explicou que tinha sido pego fazendo “umas coisas erradas” e lhe deixaram um tempo sem acesso ao celular. Ao ser devolvido, o aparelho não estava funcionando e por isso o “castigo” se estendeu por um longo tempo, até que a mãe comprou um telefone novo e lhe deu o seu antigo.

Nesse momento, havia uma dispersão no grupo, com muitas conversas paralelas e desatenção com o que estava sendo dito. A pesquisadora principal que conduzia o grupo sentada numa cadeira se levantou para tentar uma maior interação e aderência. Foi preciso fazer mais intervenções e convocações para que o grupo funcionasse como unidade e ficasse menos disperso.

Aproveitando o que havia sido dito por Bruno que recebeu o celular antigo da mãe, lançou-se a pergunta sobre quando ganharam o primeiro celular. Maria Alice ganhou em 2021 com 10 anos, não precisando mais compartilhar com a irmã, mas antes disso já usava tablet

desde os cinco anos. Bárbara ganhou aos 3 anos, usava para assistir vídeos; Eva ganhou aos 2 anos e usava principalmente o Youtube; Ana, aos 7 anos ganhou um tablet e usava-o para jogar; Bruno, ganhou em 2018, aos 8 anos, porém ficou um tempo sem acesso ao aparelho; Mariana, ganhou aos 9 anos, usava para assistir e mandar mensagem; Maria Luiza e Gabriel, ganharam aos 6 anos; Larissa aos 11 e Antonela aos 7 anos.

Como eles responderam sobre celular e tablet, aproveitou-se para questionar se o uso que faziam dos dois eletrônicos eram semelhantes, eles responderam que mais ou menos. Todos disseram preferir o celular ao tablet, pelo tamanho.

Como percebemos que eles gostaram de falar sobre os primeiros contatos com a tecnologia, foi levantado o questionamento sobre quando criaram o primeiro perfil na rede social e qual a finalidade. Bárbara disse que foi aos 11 anos, no Instagram para conhecer novas pessoas, porque a irmã não gosta de conversar e ela queria interagir com outros adolescentes; Eva aos 8 anos entrou no TikTok para ver os vídeos e no Instagram para vender as pulseiras que confeccionava; Antonela aos 11 anos no Instagram e TikTok para assistir vídeos, passar o tempo e seguir os youtubers que gostava; Maria Alice criou aos 5 anos no Twitter e Facebook, disse ter criado sem autorização, porque queria baixar os pinceis para pintar, posteriormente passou a usar as redes sociais para seguir suas celebridades favoritas. Maria Luiza entrou no Instagram aos 6 anos também sem autorização; Larissa entrou no TikTok aos 11 anos e somente depois, aos 12, criou um perfil no Instagram; Ana criou um perfil aos 10 anos, por influência de uma amiga *“que queria que eu fosse cantora”* para divulgar sua habilidade musical; e Mariana aos 9 anos para interagir com as pessoas que conhece e com a família; Bruno apenas entrou no Instagram na pandemia, pois ficou muito tempo ocioso em casa.

Aproveitando o que Bruno falou sobre ter feito o perfil na pandemia, foi questionado sobre o uso que eles fizeram do celular nesse período. Todos concordaram que passaram a usar muito mais as redes sociais. Maria Alice disse que usou mais o celular porque em casa não tinha muito o que fazer, logo: *“fiquei viciada”*.

Seguiu-se uma série de revelações sobre o período pandêmico. Eva aproveitou para confessar que matava as aulas online. Bruno só assistia as aulas que mais gostava, as chatas ele gravava, para assistir depois, mas nunca assistia. Bárbara disse que desligava a câmera e ia assistir TikTok. Maria Alice gravava as aulas, mas diferente de Bruno, ela disse que realmente assistia depois. Ana disse que nunca ligou a câmera numa aula online porque ficava comendo, assistindo, cantando. Eva confessou que ficava riscando os slides usados nas aulas, pois a professora era *“velhinha”* e não sabia apagar.

Após o momento de revelações pandêmicas, Maria Alice falou sobre o Youtube, segundo ela uma rede social: “*participo de várias comunidades de anime (Yaoi)*” e que na comunidade as pessoas conversam entre si. Eva riu com certo desdém e disse achar anime uma leseira, chato. Parecia expor não somente o que pensava, mas a insatisfação do grupo com esses conteúdos trazidos por Maria Alice. Entretanto, a participante não conseguia perceber que o assunto não interessava ao grupo, seguiu falando sobre as comunidades de anime e explicando que existe uma “parte tóxica” da comunidade e que alguns membros tentam combater. Essa parte é um conteúdo que deveria ser classificado para pessoas acima de 18 anos.

Aproveitando a fala de Maria Alice sobre toxicidade, a pesquisadora perguntou se eles conseguem perceber nas redes sociais o que é tóxico, qual seria o tipo de conteúdo ofensivo, pesado e que não deveria ser postado. Eva começou expondo que tóxico é conteúdo abusivo, violento, pessoas que tratam mal os outros para “subir a fama”.

Maria Alice completou dizendo que tóxico é aquilo que estraga a comunidade, fora do seu conteúdo esperado, pareceu que falava sobre temas ligados à sexualidade.

Para Ana são os conteúdos racistas, e tudo o que “fere, machuca e traz sentimentos negativos”. Ana tentou falar sobre um vídeo muito forte, mas não conseguia encontrar palavras para descrevê-lo. Como estava armazenado no seu celular, disponibilizou para que a pesquisadora o assistisse. No vídeo, uma jovem andava à noite pela estrada escura e repentinamente se jogava na frente de uma carreta, cujas rodas passaram por cima dela. Sua finalidade foi claramente se matar. A cena do atropelamento já foi bastante intensa, porém ao final ainda aparecia o estado do corpo após o acidente. Alguns participantes tinham se aproximado para assistir.

A pesquisadora ficou bastante impactada com o vídeo e lhe chamou a atenção a naturalidade com a qual os adolescentes assistiram à cena. Diante da discrepância reativa, a pesquisadora perguntou como era para eles assistirem vídeos como aquele.

Bárbara foi logo explicando: “*É algo longe como se não fosse comigo*”. Sinalizando uma baixa empatia e distanciamento afetivo com a tragédia. Em contraposição, Gabriel, que até então estava quieto, mostrou sua indignação com as pessoas que gravavam essas tragédias, mas não tinham coragem de ajudar quem estava em sofrimento.

Ana discordou de Gabriel dizendo que “*Se ela fez ela tem um motivo (...) é normal, natural, sentir dor e querer dar um fim à vida*”. Bárbara explicou que Ana gostava muito de consumir esse tipo de conteúdo, elas trocaram olhares, e nesse momento Ana parece ter ficado constrangida. Entretanto, Bruno e Bárbara revelaram que quando assistem vídeos como

aquele, lembravam de Ana e enviavam para ela. Brincou-se dizendo que era um sistema de recomendação entre amigos.

Ainda impactada pela cena assistida, a pesquisadora questionou onde eles tiveram acesso a esse vídeo porque ele seria banido das redes sociais. Bárbara explicou que tinha visto um pedaço do vídeo no Instagram e foi buscá-lo completo no Google. Encontrou e mandou por WhatsApp para Ana, quem arquiva a maioria desses vídeos.

Apesar da importância do tópico abordado, o tempo já havia encerrado e os participantes precisavam voltar para a sala de aula para se dirigirem ao almoço. A conversa foi finalizada, o momento foi registrado com uma foto, solicitada pelos participantes.

1.1.3 Terceira Conversação – 20/09/2023 – Tipos de conteúdo mais curtido

No encontro desta semana o grupo estava incompleto. Alguns faltaram a aula deste dia, enquanto outros estavam fazendo provas. A conversa teve início com a pesquisadora comentando que, ao chegarmos à escola os estudantes ainda estavam no pátio, cantando o hino nacional antes de se dirigirem às salas de aula. Ela perguntou o que eles pensavam sobre esse momento. A resposta foi unânime: eles não gostam e acreditam que seria melhor se todos permanecessem em silêncio, pois consideram que isso atrasa a entrada nas salas de aula. Essa insatisfação levou à crítica de ser proibido celular na escola porque atrapalha, enquanto esse momento inicial perde bastante tempo.

A pesquisadora em tom de brincadeira e provocação disse perceber que eles usam sim o telefone na escola. Eles explicaram que é proibido, mas eles deixam escondido. Entretanto, nas aulas de sábado pode usar o celular, o que deixa o momento mais legal. É quando gravam vídeos e fazem memes deles mesmos e dos amigos na escola. Maria Alice comentou sobre um vídeo que fez “coroando os destaques da sala”, onde fizeram uma coroa de papel e entregavam para o colega que eles consideravam o mais inteligente, por exemplo, ou o que mais falta às aulas.

Foi feito um comentário pela pesquisadora sobre as postagens terem mudado nos últimos anos. Antes se escolhia a melhor foto, a mais bonita e agora, além disso, há também as publicações com conteúdos mais engraçados, tipo meme. Eles comentaram que essas são as postagens que fazem mais sucesso. Foi questionado qual era o tipo de conteúdo que fazia mais sucesso, menos. Como eles medem o sucesso de uma postagem.

Eles falaram sobre o conteúdo engraçado ser mais curtido, gerar mais comentários. Deram alguns exemplos, alguns soaram muito pesados. Então foi questionado qual era o limite entre engraçado e constrangedor e Maria Alice pontuou que o sucesso dos memes pode incentivar as pessoas a continuarem fazendo esse tipo de conteúdo apesar de deixar outras pessoas constrangidas. A pesquisadora interpreta: “perde o amigo, mas não perde a piada?” Eles reconhecem que há maldade em algumas postagens e chegaram a falar: “Vai de tobogã pro inferno”.

Falaram sobre vídeos que veem no Instagram e Tiktok e vão atrás para ter mais informações porque eles aparecem de forma censurada. Foi questionado sobre as publicações que eram bem-vistas e má-vistas pelos usuários. Eles citaram que o vídeo que tinham mostrado no encontro anterior, é malvisto, mas eles gostam e vão atrás de mais. Apesar de ter sido solicitado que explicassem o que estavam considerando como malvisto, eles não conseguiram elaborar.

Um outro participante falou sobre um vídeo de uma menina que devia ter por volta de três anos e estava andando sozinha na rua. De repente, uma bala perdida atingiu sua cabeça e a criança morreu. A história impactou a todos e a pesquisadora aproveitou para questionar o que eles pensavam que tinha acontecido, como era para eles assistirem esse conteúdo, na intenção de trazer à tona o horror presente no vídeo e na tentativa de inscrevê-lo em uma narrativa.

Maria Alice mais uma vez fez uso do espaço de fala nos dando sua interpretação: a mãe não queria mais cuidar da filha e mandou alguém lhe matar. Sua perspectiva escandalizou os demais integrantes. Maria Alice seguiu falando, em sua associação de ideia, e contou uma história que assistiu no Youtube sobre um assassino dos Estados Unidos ter roubado uma criança e a submetido a uma cirurgia, na qual mutilou suas pernas e as substituiu por uma bicicleta. Seu relato apresentava contornos bizarros, sendo difícil até compreender. A narrativa acontecia sem ordem, contrariando uma lógica de começo, meio e fim, despertando desinteresse dos colegas e algumas piadas.

Diante do mal-estar no grupo causado pelo conteúdo trazido por Maria Alice, a pesquisadora fez uma intervenção sinalizando que a participante aborda muitos tópicos que os outros colegas não compreendem e não se interessam, como seus jogos favoritos e aproveitou para perguntar se Maria Alice percebe quando está falando sobre um tema que os demais não se envolvem na conversa. A resposta de Maria Alice foi negativa, afirmando que não consegue perceber, e em seguida expressou: “*Ninguém gosta de mim*”. Logo após, ela tentou sair da sala, mas Bárbara compartilhou sentimentos semelhantes, destacando que também se

sente da mesma maneira quando as pessoas demonstram desinteresse. Logo em seguida, Gabriel afirmou que consegue se adaptar à situação e, quando percebe esse desinteresse, muda de assunto para algo que acredita ser do interesse da pessoa em questão. O clima dentro do grupo ficou mais leve e através da identificação Maria Alice se mostrou mais confortável.

A pesquisadora resgatou a pergunta sobre quais foram as postagens que eles consideram ter tido mais sucesso nas redes sociais. Bárbara respondeu que normalmente as postagens que mais têm sucesso são as fotos dela e do seu corpo, ela diz receber muitos elogios, “me chamam de gostosa”, e que se sente bonita com isso, também comentou que quando era mais nova era mais “cheinha” e se sentia muito mal nessa época quando alguma foto não fazia sucesso. Agora Bárbara diz que se alimenta pouco, pula refeições, começou a fazer exercícios físicos na academia. “*Só tenho 12 anos, mas tenho corpo de mulher*”. Parece deslumbrada com a nova imagem.

Aproveitando o comentário de Bárbara a pesquisadora questionou se eles usavam as redes sociais para se aproximar de quem estavam interessados amorosamente e a resposta foi unânime, todos falaram que não. Em contraponto, trouxeram que beijar na escola é igual trazer o celular, todo mundo faz escondido e que esses encontros acontecem em locais mais discretos e são “arquitetados” pelos amigos. Chegaram a comentar sobre os contatos que acontecem no Instagram, curtir ou comentar a postagem de um *crush*, mas preferem o que se passa na escola. Maria Alice mostrou desinteresse por questões de paquera, falou que nunca vai namorar, mas depois disse que foi atrás de um casal de meninos que suspeitou da situação de envolvimento entre eles, acabou flagrando os dois se beijando. Falou com muita empolgação.

Durante o tópico sobre paquera, beijar escondido, Vicaelly estava ao lado de Bárbara que lhe contava em segredo as coisas que aconteciam e ela ficava deslumbrada. A pesquisadora perguntou algo sobre romance na escola e Vicaelly respondeu que não tinha nada de romance nesses envolvimento, já que os garotos não eram educados, não davam um pirulito sequer, “*Não tem nada de romance não*”, falou esclarecendo enquanto revelava seus desejos.

Antes de finalizar a conversa, a pesquisadora falou sobre a coleta de dados para a pesquisa incluir o acompanhamento do perfil digital dos participantes que se sentissem à vontade e autorizassem. Sendo assim, foi compartilhado com eles o usuário da pesquisa e solicitado que quem quisesse participar desta etapa da coleta, deveria entrar em contato através da rede social pedindo para segui-lo e mandar uma mensagem por direct se identificando como participante.

Após a despedida dos alunos e da famosa foto do grupo, a equipe de pesquisa se reuniu para discutir sobre os efeitos da conversação. O que mais se destacou foi o mal-estar envolvendo Maria Alice por sua necessidade de fala, de atenção, de compartilhamento de histórias sem nexos e que não dialoga com o grupo. Uma das estagiárias esclareceu um pouco sobre a linguagem utilizada por ela que é característica dos animes e apontou o Yaio como referência a relacionamentos homoafetivos e Yoshi à versão feminina.

1.1.3.1 Coleta de dados digitais no período de 20 a 27/09/2023

Alguns participantes entraram em contato com o perfil da pesquisa, se identificando e pedindo para seguir. Ana, Bárbara e Bruno incluíram a pesquisa na lista de “melhores amigos” e Larissa permitiu o acesso aos seus dois perfis, o mais público e o restrito aos usuários com quem ela tem mais intimidade.

No mesmo dia da conversação, Ana postou um vídeo com a trilha sonora da música “In The End” de Linkin Park. No vídeo apareciam várias cenas de corpos, representados por figuras de anime, mas também outros tipos de desenho, sempre decaídos, mortos, ensanguentados, retratando vestígios de cenas de agressão autodirigidas e personagens em intenso sofrimento. A postagem foi incluída na categoria “performance de ruptura” por sinalizar uma possível denúncia do sofrimento da própria Ana representado pelas imagens. Além dessa postagem, Ana compartilhou sobre seu hobby por futebol, a paixão pelo time do São Paulo. No dia seguinte, ela retirou o perfil da pesquisa da lista de melhores amigos, de tal forma que, a partir de então, só tivemos acesso às publicações que versaram sobre futebol.

Bruno fez várias publicações direcionadas apenas aos melhores amigos, onde revelava seu sofrimento por ter sido abandonado e estar sofrendo por amor, denunciando suas decepções amorosas. Os vídeos apresentaram algumas mensagens do tipo: “*Eu não desisti de ti, só te deixei em paz, porque essa era tua vontade*”.

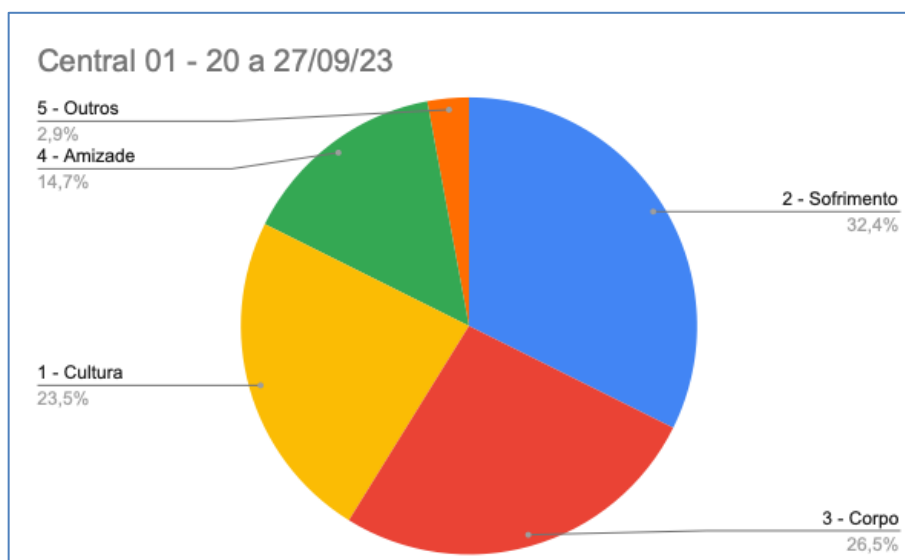
Larissa postou foto revelando que estava aproveitando o domingo em um clube com piscina, apontando para uma atividade de lazer. No registro aparecia apenas a paisagem. Postou selfies com filtro, no qual aparecem brilhos no rosto e orelha e focinho de vaca. Também postou uma selfie maquiada com a legenda apontando sua facilidade em maquiar um olho e a dificuldade em fazer o outro. Foi marcada em fotos e vídeos de amigos, os quais repostou. E ainda postou uma frase, dizendo: “*Você é maior que todas as coisas que um dia já te diminuíram*”.

Bárbara fez algumas postagens revelando seu laço de amizade com Ana, como as duas assistindo jogo de futebol, com a camisa do time. Bárbara postou um vídeo dançando uma coreografia sensual que rebolava até o chão. Compartilhou outro vídeo mostrando alguns rapazes no seu bairro sendo revistados pela polícia. Ela interpretou que as autoridades procuravam drogas e assistiu a cena registrando e falando com Ana sobre suas impressões.

Vicaelly fez algumas postagens de fotos com a família, selfies, músicas sertanejas; é marcada e reposta vídeo de colegas de turma com mensagem: “Nunca vou esquecer”, evidenciando seus laços de amizade. Além disso, abriu uma caixinha de perguntas “OPN”, demandando que seus seguidores apontassem pessoas para que ela compartilhasse sua opinião. Responde às demandas apontando características das pessoas de forma cordial, mas sem aprofundamento: legal, divertida, gosto muito.

Mariana também foi marcada em vídeo dos colegas da turma anunciando faltar pouco tempo para o término do ano letivo e anunciando uma saudade antecipada. Algumas selfies com amigas e somente sua, sempre com uso de filtros. Usa principalmente filtros de animais, como vaca e cachorro, que coloca brilho intenso no rosto e altera as orelhas e o nariz substituindo as características humanas pelas dos animais.

Abaixo segue gráfico apontando as publicações dos participantes nesse período dividido pelas categorias:



1.1.4 Quarta Conversação – 28/09/2023 – Cancelada

Apesar da equipe de pesquisa ter se dirigido ao Colégio Central para o encontro com os estudantes, não foi possível realizar as conversações porque ao mesmo tempo estava acontecendo diversas atividades na instituição. O 9º ano estava em um clube desfrutando de um dia festivo destinado aos alunos que haviam alcançado a média no trimestre. O 8º ano estava em uma atividade de educação financeira, chamada Educamática e o 6º e 7º ano estavam em provas. Encontramos no pátio alguns participantes da pesquisa e esclarecemos que não seria possível a conversação, mas na semana seguinte voltaríamos para dar continuidade.

1.1.4.1 Coleta de dados digitais no período de 29/09 a 04/10/23

Ao longo dos dias, Ana compartilhou algumas postagens com sua família e amigos. Também publicou conteúdos humorísticos, como um vídeo de uma garota aflita, com a mão no rosto, acompanhado da legenda: *“eu quando minha mãe entra no meu insta”*. Esse conteúdo veio à tona em conversação, quando Ana e Bárbara falaram sobre o controle dos pais sobre o uso do celular, sugerindo que Ana realiza atividades nas redes sociais que provavelmente não teriam a aprovação de sua mãe. Além disso, Ana publicou postagens que indicam estar passando por desilusão amorosa, e, nos melhores amigos, compartilhou um vídeo com uma mensagem romântica, porém com um tom melancólico e levemente assustador.

Bárbara fez poucas postagens, uma delas chamou atenção: um vídeo compartilhado com seus melhores amigos sobre adolescentes enfrentando ansiedade. O vídeo retrata momentos de ansiedade e angústia entre jovens, e, por expor o sofrimento intenso vivido por eles, foi classificado como uma performance de ruptura. Além disso, Bárbara postou algumas selfies com amigos, todos com o rosto escondido; sendo frequente o uso de figurinhas para cobrir a face. Em outra publicação, Bárbara repostou selfies tiradas em frente ao espelho, seja sentada na cama, em pé ou de costas, mas sem mostrar o rosto, apenas seu corpo. São imagens mais sensualizadas, uma inclusive somente de roupas íntimas.

A maioria das postagens de Bruno consistiu em pensamentos e frases reflexivas. No entanto, também houve publicações que refletiram uma performance de ruptura, como diversos stories com mensagens sobre tristeza e silêncio. Destaca-se uma postagem que menciona a razão pela qual ele responde rápido: entende a sensação de ser ignorado. Outro

vídeo denunciou sua sensação de falhar em várias relações interpessoais. Ao longo da semana, Bruno também fez várias postagens sobre a dor de amar e ser abandonado, sempre publicando essas mensagens durante a madrugada. Duas postagens repetem o mesmo vídeo, aparentemente uma cena de anime em que o personagem acorda subitamente após o som de um despertador. Em uma versão, foi inserida a frase “papai está muito orgulhoso de você, meu filho”; na outra, a mesma cena traz a frase “você é muito especial para mim, te amo”, sugerindo que essas palavras só poderiam ser ouvidas em um sonho.

Mariana repostou uma brincadeira feita por uma amiga com a inicial do seu nome e compartilhou um vídeo no qual foi marcada, mostrando uma amiga “mexendo no celular” junto à frase: “Fofoqueiras, nunca”, sugerindo que passa muito tempo no celular observando e comentando a vida das pessoas. Além disso, Mariana postou um vídeo com um trecho de uma música que diz: “Beijou a boca errada, lembrou da boca certa. Entrou numa gelada” expondo seus desencontros amorosos.

Larissa utiliza dois perfis nas redes sociais: um mais geral, com mais seguidores, onde se sente à vontade para compartilhar conteúdos com um público maior, e outro mais restrito, com menos seguidores, que funciona como um perfil para melhores amigos. No perfil mais restrito, Larissa publicou um vídeo que mostra um rapaz, com a seguinte frase: “Se ele é um *serial killer*, qual o problema para uma moça que já está machucada?”. A frase reflete a banalização da violência, sugerindo que, por já estar machucada, a moça não teria nada a perder ao se envolver com alguém perigoso, como um assassino em série, naturalizando a violência.

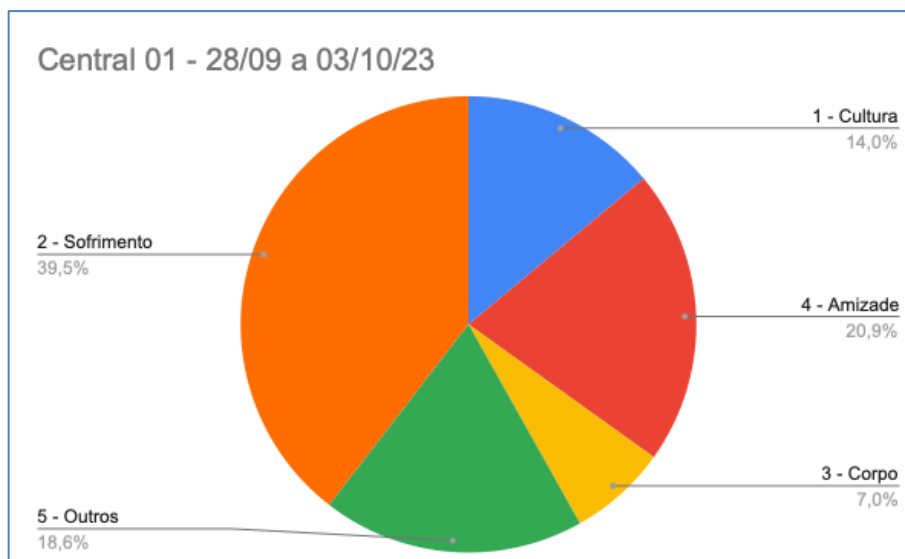
Além disso, Larissa fez postagens humorísticas no perfil restrito, como um vídeo com a frase: “Nossa, você só tira notas boas em matemática, deve prestar muita atenção na aula”, enquanto na cabeça dela, durante a aula, surgem pensamentos aleatórios. Outra postagem mostra a foto de uma moça bocejando, com horários variados e uma música de fundo, sugerindo que ela está sempre cansada e com sono.

No perfil mais aberto, Larissa repostou uma foto em que foi marcada durante um dia ensolarado no clube, com piscina, e compartilhou a imagem de uma onda com a frase: “*Lembre-se que és filha do mar. E aproveite as ondas ao invés de tentar controlá-las.*”

Eva fez apenas uma postagem durante esses dias, a foto de uma medalha dos jogos da juventude e escreveu: “Primeira de muitas por aí”.

Maria Luiza postou algumas fotos, uma delas foi com uma amiga, outra foto sozinha e a imagem de um coração em formato anatômico e não romântico. Também repostou uma foto em que foi marcada pela mãe, na foto aparecem as duas juntas.

Segue gráfico com as postagens do grupo nesse período:



1.1.5 Quinta Conversação – 04/10/2023 – Brincadeiras nos Stories

Ao chegar na escola, a pesquisadora se apresentou na direção e pediu ajuda da gestora para chamar os alunos nas salas, uma vez que nas semanas anteriores houve dificuldade para os professores liberá-los. Ao encontrar os alunos do 7º Ano, Bárbara informou que Ana estava “matando aula”. A professora se dirigiu à pesquisadora para falar sobre sua preocupação com Ana. Tentamos entrar em contato com ela por mensagens do Instagram, mas não obtivemos resposta. Bárbara mandou mensagem para uma amiga que estava com Ana e ela própria respondeu com um áudio para a pesquisadora pedindo desculpas por não estar na escola e falando que estava mal.

Maria Alice não quis participar da atividade, alegando não querer perder a aula do tio que é professor do colégio. Os participantes ficam felizes por ela não participar, pontuando ficarem entediados com os seus excessos. Porém, ao longo da conversação eles sentiram sua falta, lembraram que se ela estivesse ali estaria falando e preenchendo o silêncio.

Para começar a atividade, a pesquisadora explicou o motivo de não ter tido encontro na semana anterior, a escola estava com muitas atividades extras e apresentou Natália, uma participante de outro grupo da pesquisa, mas que iria participar deste encontro com eles. Todos os participantes já a conheciam e gostaram da sua participação. Houve, entretanto, uma discussão entre ela e Vicaelly, na qual Natália acusou Vicaelly de ter sido racista com uma menina da sua sala. Vicaelly tentou se defender dizendo que foi atacada primeiro e a

pesquisadora precisou intervir para que a discussão não ficasse mais acirrada. Ficou claro que Vicaelly estava constrangida pelo que havia feito. Usou-se esse exemplo para falar um pouco sobre corpo, imperfeições, insatisfações e acusações entre os adolescentes.

Na reunião desta semana, a pesquisadora iniciou perguntando como os jovens estavam e perguntou sobre algumas brincadeiras que observou no *Instagram* deles. Um exemplo é o PPP, que é uma abreviação para Passo, Pego, Penso. Nesse jogo, um determinado adolescente abre uma caixinha de perguntas no seu *story* com a abreviação PP. Os usuários interagem sugerindo nomes de pessoas que ele deve responder se “passa”, “pensa” ou “pega”, pode ser seu nome ou sugerir de um amigo, conhecido. Outra brincadeira mencionada foi a Opina, que envolve abrir uma caixa de perguntas nos stories, com a abreviação OPN. Quem interage nessa brincadeira aponta seu nome, ou de um amigo, ou de uma turma e quem abriu a brincadeira deve responder dando sua opinião sobre a pessoa em questão. Todas essas explicações foram dadas pelos participantes porque a pesquisadora havia visto no *Instagram*, mas não tinha compreendido o funcionamento, nem sequer as siglas.

Bárbara explicou que a brincadeira é para falar o que acha da pessoa, se é legal, bonita. Vicaelly complementa explicando que podem também tecer comentários negativos, em suas palavras: “*Ou feia*” e segue relatando já ter ficado chateada com o que falaram dela nessas caixinhas e diz que acontece também na escola, colocam apelidos chatos nela. Maria Luiza concorda com Vicaelly e diz também ficar chateada com as coisas que dizem sobre ela.

Depois os participantes ficaram mais calados e a pesquisadora explicou que ao observar essas brincadeiras nas redes sociais criou uma atividade diferente para o grupo. Então iniciou a dinâmica, em que foi entregue a cada adolescente uma folha com as palavras Posto, Apago, Salvo e Ignoro. Nessa brincadeira eles deveriam escrever sobre o que eles costumam postar, apagar, salvar e ignorar no *Instagram*. Alguns mostraram mais facilidade para iniciar a escrita, outros passaram um tempo maior pensando sobre o que colocar.

Bruno foi o primeiro a acabar e se vangloriou disso dizendo: “Acabei em tempo recorde”. Compartilhou que está sem celular, pois um dia o pai saiu e ele ficou em casa, não percebeu que o celular havia descarregado e dormiu. O pai tinha esquecido a chave, tentou ligar para ele várias vezes, mas ele não ouviu, o pai ficou bravo e tomou o celular, justificando que quando realmente precisava, o filho não estava usando. Bruno disse não se importar com o castigo, pois já está acostumado a ficar sem o aparelho. Apesar de ter falado com indiferença, pediu o celular de Bárbara durante a conversa e perguntou para a estagiária se no seu celular tinha joguinho. Sua atitude, diferente de sua fala, sinalizou a falta que sentia do dispositivo eletrônico.

Bárbara começou apresentando o que havia escrito na atividade. Disse ignorar vídeos de racismo porque odeia isso, posta fotos dela e vídeos depressivos e salva vídeos de uma pessoa “perfeita”. Compartilha que se estiver triste e vir um vídeo, ou uma frase com a qual se identifica, ela reposta, e entende que quando alguém curte é porque se identificou também.

Mariana escreveu que apaga suas fotos depois de publicá-las no feed porque quando se vê de novo se acha feia, mas não quis compartilhar com o grupo.

Gabriel atualmente está sem rede social, mas disse que se tivesse postaria suas “loucuras” e ao ser questionado sobre o que era relata que algumas vezes pulava o muro das casas, para pegar laranja e, se tivesse os equipamentos adequados (go pro, celular) filmaria e postaria em suas redes sociais. Ao expor suas aventuras, a pesquisadora percebeu uma grande cicatriz em seu braço e lhe perguntou se havia sido em uma dessas loucuras. Ele falou que foi ao pular um muro e quando caiu se cortou. Foi socorrido às pressas para o hospital porque estava sangrando muito e precisou levar inúmeros pontos. Em seguida disse que ignora vídeos de racismo e salva vídeos engraçados. Como Gabriel não está usando celular, ele falou de maneira idealizada sobre o que faria. É possível perceber que ele é um garoto que aprecia as aventuras na rua, interage com outros meninos da sua idade. Suas cicatrizes revelam algumas “brincadeiras” mais arriscadas de um menino levado. O espaço para que ele falasse sobre si e as aventuras que acontecem distante da tela, foi bem aproveitado e tivemos um relato sobre suas características e preferências.

Vicaelly seguiu e compartilhou que posta músicas de funk ou sofrência, vai passando as opções e escolhe a mais chamativa, também posta caixinhas de perguntas com as brincadeiras citadas anteriormente. Salva fofocas, do tipo “quem beijou quem”, músicas e coisas do Carlinhos Maia. Além disso, ignora vídeos de músicas feias com palavrões, porque afirma ir para igreja.

A pesquisadora considerou curioso postar sobre fofocas e perguntou se eles costumam postar informações sobre os colegas ou outras pessoas. Bárbara explicou que apenas quando flagram alguém se beijando na escola. Outros participantes discordaram de Bárbara e falaram que evitam postar o que consideram mais íntimo. Aproveitando a oportunidade, a pesquisadora questionou o que seria mais íntimo para eles, mas o tópico não se desenvolveu.

Maria Luiza posta fotos com a família, de paisagens e de si. Apaga indiretas e pornografia, confessa que chegou a ver até no celular de sua mãe.

A partir do que Maria Luiza falou sobre pornografia, os participantes foram provocados a falarem desse tema. Larissa falou que já recebeu fotos de homens nus no seu Instagram, pelo direct, sem nunca ter tido contato com eles. Normalmente são homens do

Oriente Médio e já começam o contato enviando as fotos. Ela se disse surpreendida porque viu sem querer. Outras participantes do grupo afirmaram terem passado pela mesma situação de Larissa e terem recebido os nudes de homens velhos e estranhos.

A pesquisadora falou que se acontecesse com ela, se sentiria invadida. Natália nomeou a situação como “assédio virtual”, que viola a privacidade das pessoas e quando aconteceu com ela, ficou bastante assustada. As participantes concordaram com Natália e falaram sobre as sensações de invasão, medo, fragilidade. Perguntou-se qual a conduta delas nessas situações e todas somente apagaram a conversa, sem seguir com nenhuma denúncia. Mariana chegou a pensar em contar para a mãe, mas desistiu porque ficou com receio que ela a proibisse de usar as redes sociais.

Na tentativa de explorar mais o tema, a pesquisadora pontuou que algumas meninas receberam nudes, mesmo sem terem pedido e então questiona se alguém já mandou nudes. Bárbara confessa ter enviado, mas completa: “Somente uma vez”. Natália, em tom de crítica à Bárbara afirma achar desnecessário mandar fotos que podem vazarem a qualquer momento e acontecer “coisa pior”.

Nesse momento ficou um clima pesado por Natália ter discordado veementemente de um comportamento de Bárbara. As duas perceberam o mal-estar e tentaram se justificar. Bárbara enfatizou que havia sido somente uma vez e Natália que cada um sabia de si.

Gabriel falou que nunca recebeu nudes, mas demonstrou vergonha quando Natália perguntou se ele gostaria de receber.

Percebendo o constrangimento de Gabriel, Bruno tomou a palavra e falou já ter namorado alguém de forma on-line, que foi bom, foi “massa”, e chegaram a trocar nudes, porém somente depois de terem estabelecido uma relação mais íntima. Confessou ter escolhido uma foto no Google para enviar como se fosse sua. Quando acabaram o namoro excluiu as fotos dela, não quis ficar com elas porque não eram dele.

Bárbara continuou se explicando, disse que quando mandou as fotos tinha somente 10 anos. Ela recebeu de um rapaz e ele pediu que ela mandasse “nudes”. Ela não sabia o que era exatamente, chegou a procurar no Google. Tirou as fotos e mandou sem pensar nas consequências. No seu caso, as fotos íntimas não vazaram, mas ela aprendeu que era arriscado e não deveria repetir.

Encorajada pelo espaço de fala e compreensão que recebeu, Bárbara compartilhou que enfrentou assédio e ameaças na escola, durante uma atividade extraclasse que aconteceu em um anfiteatro. Na ocasião buscou a direção para relatar o ocorrido, mas a escola negligenciou a situação por não lhe dar credibilidade. A resposta da escola foi culpar a vítima, insinuando

que ela permitiu que isso ocorresse. Houve um fracasso da escola em proteger a aluna e a pesquisadora questionou se haveria outras formas dela se defender, ao que Bárbara responde: “com uma faca peixeira”. A escuta atenta do grupo e a validação da sua situação serviram para Bárbara como suporte. Ela concluiu explicando que mesmo após a saída do garoto da escola, ela ainda se sentia amedrontada pelos olhares de acusação dos colegas.

Após um certo silêncio, a pesquisadora perguntou a Antonela se ela gostaria de compartilhar sobre sua atividade, ela diz que ficou muito indecisa sobre o que escrever. Compartilhou que antes gostava de postar fotos só que agora não posta mais nada. Além disso, apagou todas as suas fotos do Instagram. A pesquisadora fez algumas perguntas para entender o movimento de Antonela, mas a participante se limitou a responder que “não sabe” e lembra somente que apagou todas no início do ano. Outros participantes concordaram com Antonela e confessaram que também apagam ou arquivam as fotos do feed. Mariana explicou que quando se olha novamente se acha feia, péssima e prefere apagar. Eva concordou dizendo que outro motivo para apagar as fotos do feed é o receio dos comentários.

Em seguida, Larissa falou sobre suas preferências. Posta boomerangs, fotos e vídeos depressivos. Evita fotos pessoais porque sabe que geram comentários maldosos. Em suas palavras: “*Não gosto das pessoas que ficam julgando o corpo das meninas, me afastei de muita gente por isso*”. Trouxe também que evita demonstrar suas fraquezas, entretanto já fez cortes nos braços e nas coxas, como uma tentativa de fugir do sofrimento. Afirma que a escola é um ambiente muito tóxico.

Tocada pela fala de Larissa, Natália diz não ter autoestima, que uma pessoa da escola começou a desmerecer do seu corpo e em contrapartida, ela também fez bullying com a menina, embora tenha ficado mal com isso depois e ter achado que deveria ter resolvido de outra forma. Relata que tinha grupo de WhatsApp da turma em que ficavam resenhando, falando do corpo das meninas, os pontos fracos de cada uma. A situação se agravou quando descobriram e chegou a acusações físicas, uma briga grande, sobre a qual a escola precisou intervir.

A pesquisadora aproveitou o tema de bullying trazido à tona por Natália e tentou aprofundar o tópico, mas toda pergunta que fazia questionando ou provocando caía em um profundo silêncio. Nenhum participante fazia qualquer comentário. À princípio, podíamos pensar que era um tema que não ressoava neles, entretanto a sensação é que era um tema sensível e difícil de pôr em palavras. Mediante a não responsividade dos participantes a respeito do tópico, a pesquisadora seguiu convocando quem ainda não havia falado sobre a atividade.

Eva mostrou sua atividade e falou sobre as postagens “biscoitando”, termo utilizado para postagens sem muito significado e que servem somente para fazer publicação e interagir com as pessoas. Apaga fotos nas quais aparecem seu corpo, pois se sente insegura e salva vídeos engraçados.

Natália falou sobre não gostar de postar sobre fraqueza porque corre o risco de ser julgada como se fosse besteira. E essas fraquezas são sempre sobre menino. Tem como refúgio se cortar.

Ao finalizar a conversa, a pesquisadora falou sobre ter percebido que muitas questões trazidas diziam respeito ao corpo e que poderiam abordar com mais profundidade a temática. Eles se entusiasmaram.

1.1.5.1 Coleta de dados digitais no período de 04 a 18/10/2023

Ana realizou várias postagens durante a semana, expressando diferentes aspectos de sua vida. A primeira postagem é um vídeo da música “João e Maria” de Chico Buarque, especificamente o trecho que diz: “Agora era fatal. Que o faz de conta terminasse assim. Pra lá deste quintal. Era uma noite que não tem mais fim.” Embora o contexto original da música refira-se a um relacionamento amoroso, a mensagem ficou dúbia pelas imagens que apontavam de forma adicional para uma desistência de vida.

Em seguida, Ana compartilhou fotos com amigas, publicações sobre o time de futebol e algumas fotos de uma criança. Além disso, algumas postagens de Ana remetem a um sofrimento amoroso. Ela publicou uma imagem do céu acompanhada de um coração machucado e a música “Quando bate aquela saudade”, e em seguida, compartilhou um vídeo com cenas do filme Elementos, acompanhado de uma legenda sobre o amor: “Se amar alguém, fale, mesmo que cause problema”. Essas postagens parecem expressar saudade e arrependimento, reforçando a ideia de que Ana está enfrentando desafios relacionados à vida amorosa.

Ela também compartilhou um vídeo sobre amizade íntima, o vídeo falava sobre aquela amizade que chega ao ponto de promover tanto conforto que não é necessário fazer sala e mesmo que a bateria social acabe, é possível continuar bem ao lado dela. Esse vídeo parece refletir a relação próxima entre Ana e Bárbara.

Ana publicou conteúdos afetivos com familiares, como um vídeo com sua mãe, onde expressa gratidão e arrependimento por eventuais erros cometidos, a postagem foi de um vídeo com a mãe na cama, alisando o cabelo dela carinhosamente e uma mensagem de

parabéns: “Parabéns mainha! Que Deus te abençoe, muito obrigada por cuidar de mim, por me ajudar quando eu preciso, me desculpa por qualquer coisa que fiz, mas te peço perdão, me arrependo muito de ter feito, te amo muito, minha rainha”. Além disso, há um vídeo mais descontraído com o primo, sugerindo um relacionamento leve e brincalhão, no vídeo ela pede para ele contar o que aconteceu e ele fica envergonhado pedindo para ele parar de gravar: “Dali primo Mateus”.

Bárbara compartilhou um vídeo repostado de uma amiga que exibia várias fotos suas tiradas em frente ao espelho, em poses mais sensuais, acompanhadas de uma carinha de emoji babando. Além disso, ela publicou um vídeo que mostra alguém chorando e se preparando para dormir, com a frase: “Quando doer é só dormir”, seguido por várias mensagens de WhatsApp que também faziam referência ao ato de dormir para driblar a tristeza. Isso sugere que essa é uma maneira recorrente de lidar com momentos difíceis, algo que ressoa com o que foi discutido entre os adolescentes nas conversações sobre usar o sono como uma fuga emocional quando não estão bem. Além desses posts, Bárbara também compartilhou vídeos descontraídos, dançando com suas amigas dentro da sala de aula, revelando um lado mais leve e divertido de sua rotina escolar.

Bruno compartilhou um vídeo durante a madrugada, acompanhado de uma música em inglês com a letra traduzida: “1, 2, 3, 4, amanhã não quero ir pra escola, porque estou pensando em você, e você sabe”. O vídeo traz também a imagem de dois pirulitos em formato de coração, sugerindo um clima romântico e possivelmente refletindo seus sentimentos por alguém.

Mariana fez diversas postagens de selfies, algumas sozinha e outras com amigas, sendo que a maioria utiliza filtros ou esconde parte do rosto. Além das selfies, ela também compartilhou algumas músicas. Uma de suas postagens mais notáveis foi uma foto de pessoas caminhando na frente, a foto foi tirada da pessoa que está atrás delas, com uma mão fazendo um sinal de “legal”. A legenda dizia: “Eu sou o amigo que sempre que não tem espaço na rua, fica atrás.” Ela também compartilhou um vídeo humorístico sobre meninas comendo, com a legenda: “Quando todo mundo já terminou de comer, mas sempre tem aquela que é a última”. Essa ideia de “ficar atrás” ou ser “a última a terminar” se reflete em suas postagens, sugerindo uma possível percepção de si mesma de alguém que muitas vezes se sente deixada de lado ou menos visível em certos contextos.

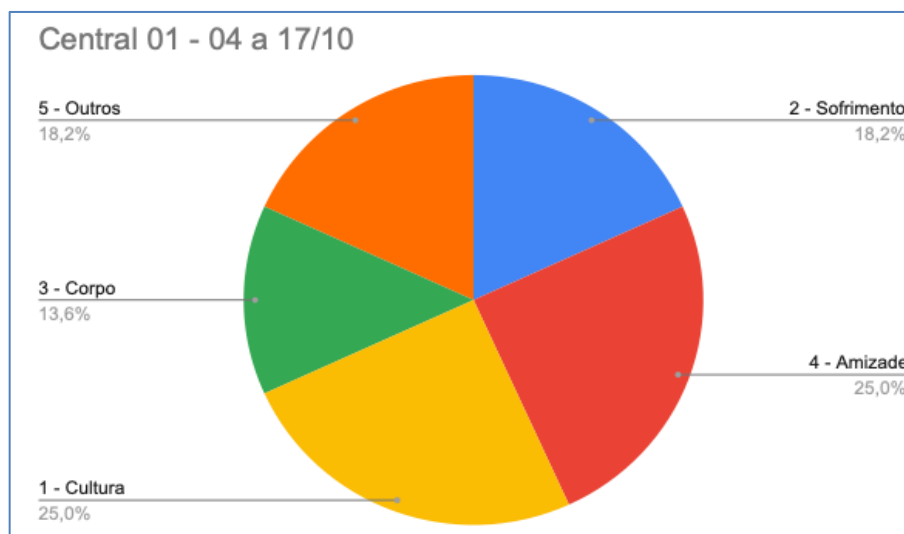
Mariana interagiu com seus seguidores respondendo a uma caixinha de perguntas sobre o Dia das Crianças, com a solicitação: “Poste sua criança favorita”. Ela se inclui nas fotos, sugerindo uma identificação com a infância.

Larissa postou um vídeo reflexivo com áudio em espanhol e legenda em português falando sobre querer aprender a viver mais devagar, aproveitar o tempo, respeitar as circunstâncias. Além disso, ela publicou algumas selfies, tanto sozinha quanto com amigos. Nas fotos com amigos, eles aparecem em ângulos incomuns, enquanto suas selfies individuais mostram apenas metade do rosto, em preto e branco.

Uma de suas postagens mais marcantes foi uma foto de mães com seus filhos em um parque, acompanhada da legenda: “Talvez ninguém tenha lhe dito isso hoje: você é uma mãe incrível e tem feito o seu melhor”. Essa publicação, feita em seu perfil mais restrito, pode apontar sobre a ausência de sua própria mãe, algo que Larissa mencionou em conversas anteriores.

Maria Luiza fez apenas duas postagens durante esses dias. A primeira foi um vídeo com uma música sertaneja, e a segunda foi o repost dos stories de seu pai, que incluía uma foto dela com a legenda: “Todo mundo tem uma Maria. Mostre a sua”.

Segue gráfico com as postagens nesse período:



1.1.6 Sexta Conversação – 18/10/2023 – Da infância para a puberdade

Enquanto os participantes gradativamente chegavam na sala para dar início à conversação, Maria Alice percebeu que a pesquisadora tinha tatuagens e comentou “Tia, a senhora tem tatuagem!”. A pesquisadora mostrou outras tatuagens além da que estava mais visível e Maria Alice disse nunca ter conhecido uma mulher com tatuagem, que costumava ver apenas homens. Depois disso, Vicaelly passou uma boa parte do tempo na roda de conversa fazendo desenhos nos braços de Maria Clara, como se fossem tatuagens.

O encontro iniciou-se às 8h da manhã no dia 18 de outubro de 2023 e a pesquisadora aproveitou para falar sobre o feriado do Dia das Crianças que havia passado; explica porque é comemorado essa data e inicia as discussões do grupo perguntando se eles se consideram crianças.

Bárbara iniciou com a seguinte constatação: *“Durante o ano todo sou criança para meus pais, mas no Dia das Crianças, não sou mais”*. Segue explicando que para seus pais ela é “criança” para fazer algumas coisas, mas é velha demais para outras. Completa dizendo que tem uma série de limitações impostas pelos seus pais, e como não cumpre todas, é frequente ficar de castigo. Sua punição é não sair de casa, nem para ir à calçada e diz *“Eu tô igual a uma prisioneira”*. A pesquisadora pergunta sobre o que ela faz quando está em casa e ela responde que mexe no celular o tempo todo, até mesmo quando o aparelho está carregando.

Maria Alice interrompe Bárbara para comentar que não pode mexer no aparelho no carregador e que algumas pessoas já haviam sofrido acidentes. A pesquisadora escuta, mas direciona a fala novamente para Bárbara indagando-a se ela preferia ficar sem o celular ou ficar sem sair de casa, ela responde que, se pudesse escolher, ficaria sem o celular e com o direito de sair de casa mantido. Aproveita para dizer que se encontra com os amigos na calçada de casa, vai para praça, andam pela cidade.

Sua fala se desdobra para namoro na escola, afinal na sua condição de “prisioneira” só lhe resta o ambiente escolar como meio de interação com os pares. Novamente Maria Alice interrompe para compartilhar em tom de segredo e mistério que já havia encontrado vários alunos do 8º e 9º ano namorando embaixo de uma determinada árvore na escola. Mediante esse interesse de Maria Alice, a pesquisadora perguntou se o pessoal do 6º ano também namora e Gabriel respondeu que eles namoram escondidos.

Após isso, a pesquisadora perguntou para Larissa, a participante mais velha, se ela se considera uma criança e ela responde que se considera uma criança em tudo, afinal não namora e ainda brinca muito. Completou dizendo: *“Não acho que minha idade seja pra namorar, é mais para estudar e aproveitar a vida”*. Vicaelly concordou e disse que as meninas não deviam ficar “sofrendo por macho escroto”. A pesquisadora apontou o fato de ver muitas meninas de 13, 14 anos namorando e pergunta se é isso mesmo ou se está enganada. Larissa não acha estranho as meninas da sua idade namorar, mas na sua percepção é preciso organizar direitinho, para namorar e continuar empenhada nos estudos.

Com isso, a pesquisadora ampliou a questão para os outros participantes. Vicaelly respondeu: “Eu sou criança”, Maria Alice também se considerava criança, alguns participantes concordaram, outros não; os que responderam que sim disseram que se

consideram crianças porque brincam. Aproveitou-se o tema para perguntar quais as brincadeiras preferidas: Pique-esconde, pega-pega..., verdade e desafio. Neste momento Maria Alice compartilhou uma situação vivenciada na qual participou da brincadeira verdade ou desafio com os primos e para não comer uma pimenta de verdade, preferiu comer uma de algodão. A cada comentário de Maria Alice, Vicaelly agia com desdém, muitas vezes revirando os olhos ou trazendo falas sarcásticas em baixo tom para que os demais participantes não a escutassem.

A pesquisadora seguiu investigando e perguntou se eles consideravam “Verdade ou Desafio” como brincadeira de criança e a maioria dos participantes riram e responderam que não, mas Maria Alice discordou, desde que não role beijo entre os integrantes da brincadeira. Complementa que se brincar for coisa de criança, todos eles são, já que todo mundo gosta de brincar de alguma coisa.

A pesquisadora seguiu perguntando o que, para eles, é ser criança. Maria Alice disse que o que faz ser criança ou não é a maturidade, já para Bárbara, a questão é cronológica, e explica que aos 13 anos é pré-adolescente, aos 15 é adolescente e aos 18 é jovem. Completa articulando brincadeira à infância e acredita que quando param de brincar já deixam um pouco de ser criança, apontando para um processo gradativo.

Em seguida, a pesquisadora falou sobre as mudanças corporais devido à idade e questionou o que eles conhecem sobre o tema. Maria Alice respondeu que a voz engrossa ou afina, oscilando entre si, aparece bigode e espinhas. Ana tomou a palavra para explicar que surgem “os desejos estranhos”. A pesquisadora perguntou o que são desejos estranhos e Maria Alice se antecipou respondendo: “S”, se referindo ao sexo. A pesquisadora foi mais específica e perguntou o que mudava no corpo dos meninos. Todos ficaram envergonhados e Maria Alice contou sobre um primo que não sente vergonha em conversar com ela sobre o tema e lhe contou que surge uma circulação estranha no “saco”, além de criar pelos no rosto. Todos os participantes riram constrangidos e tocados pela maneira leve e sem cerimônia com a qual Maria Alice respondeu.

Bárbara completou, compartilhando a ideia trazida anteriormente por Maria Alice, de que a diferença entre os adultos e os adolescentes são as atitudes. Foi questionado quais são essas atitudes. Ana explicou: deixar de ser “moleque”, deixar de “criancice”, saber conversar, parar de “brincadeiras idiotas” e dar valor às coisas da vida. Maria Alice concordou e concluiu que para virar homem ou mulher se trata de atitude e não somente das mudanças corporais da puberdade.

Neste momento a conversação foi interrompida porque Maria Alice se retirou dizendo que precisava voltar para sala para anotar as explicações da professora e não perder conteúdo. Após sua saída alguns integrantes comemoraram, mas a pesquisadora interrompeu lembrando que eles precisam respeitar os colegas e que a participação de Maria Alice era importante, inclusive ela tinha falado coisas que os outros participantes estavam com vergonha de compartilhar. Após isso, Gabriel denunciou que Maria Alice é uma criança. A pesquisadora questionou o que a torna uma criança na visão dele e Gabriel rapidamente retrucou que Maria Alice costuma fazer muito drama. Mariana complementou dizendo que ela chora por qualquer coisa, uma atitude muito infantil. Os participantes comentaram sobre a imaturidade emocional da colega.

Para evitar que o grupo seguisse falando de Maria Alice enquanto ela estava ausente, a pesquisadora perguntou se eles percebem as mudanças da puberdade em si e quase todos responderam que sim. Bárbara observou que nas mulheres a primeira mudança ocorre nos seios. Então foi perguntado com que idade elas perceberam esses primeiros sinais em seus corpos, Bárbara e Ana responderam que começaram aos 9 anos de idade. Já para Larissa o que mudou foi seu pensamento, ela acredita que a mulher cria maturidade mais rápido que o homem, inclusive percebeu que esse assunto continua sendo um tabu, mas discorda, acha que deveriam falar com mais naturalidade sobre isso. Ana completou que bater nos colegas é coisa de criança e a pesquisadora provocou perguntando: “Até quando bate no menino que gosta?” E todos riram.

Ana comentou que a menstruação é quando a menina está virando mocinha, mas para ela aquilo era desconfortável por causa dos pais, a maioria das mães das participantes comentavam com outras pessoas que suas filhas “viraram mocinha” e isso as deixava envergonhadas. Vicaelly concordou e completou pontuando que é feio falar da intimidade do povo. O comentário gerou burburinho porque a característica marcante de Vicaelly é justamente ser fofqueira.

A pesquisadora perguntou com quem elas conversam quando estão com dúvidas sobre as mudanças no corpo, na imagem. Bárbara explicou que costuma compartilhar com Ana, evita falar com a família. Quando a dúvida permanece, perguntam a Bruno. Larissa geralmente pergunta à mãe ou busca em seu celular. Ana compartilhou a informação de que após a primeira menstruação, *“se a mulher quiser fazer alguma coisa errada, ela engravida”*. Aproveitando essa fala de Ana, a pesquisadora levantou questões sobre sexualidade e gravidez.

Vicaelly considera feio engravidar e ainda completa que “*engravidar cedo acaba com a vida da pessoa*”. Para Larissa “*tem que ter estabilidade*” para poder engravidar e cuidar de uma criança. Bárbara confessou que sente vontade de engravidar aos 18 anos para ser a mãe mais bonita e mais jovem da escola, conta que seu maior sonho é se casar. A pesquisadora perguntou se mais alguém compartilhava o desejo de Bárbara de engravidar cedo e formar uma família. Ana se identificou. Larissa falou que ainda não consegue pensar em ter filhos. Vicaelly disse enfaticamente: “*Deus me livre*”.

Como algumas sinalizaram repúdio à gestação na adolescência, a pesquisadora perguntou o que eles sabiam sobre métodos para evitar a gestação e deu o exemplo do preservativo. Larissa completou dizendo que a camisinha serve, também, para prevenir IST's (infecções sexualmente transmissíveis). Os participantes comentaram sobre outros métodos contraceptivos que conhecem, como anticoncepcional e DIU. Em seguida, Ana comentou que depois da festa de Halloween que teve na escola no ano anterior, os alunos encontraram várias camisinhas espalhadas pelo pátio, na arquibancada da quadra. O assunto suscita curiosidade e comentários dispersos.

A pesquisadora citou o filme “Red, crescer é uma fera” e perguntou aos alunos se conheciam outras séries que abordam o tema da puberdade. Ana apontou Riverdale cujo conteúdo versa sobre os desejos que afloram na puberdade, trouxe também Wandinha e completou dizendo que todos passam por uma fase assim. Logo após se levantou um debate sobre quem era Wandinha e sua personalidade, onde na série ela não demonstra emoções, muito menos tristeza. Ana e Bárbara comentaram que “chorar não adianta de nada” e a pesquisadora perguntou o que elas fazem quando estão tristes. Ana disse que posta vídeos tristes em suas redes sociais. Larissa compartilhou que cortar os pulsos é uma forma de externalizar a dor. Ana compartilhou como se sente incompreendida a respeito do seu sofrimento e dos cortes: “*Minha mãe acha que quem faz isso só quer se amostrar, que é só drama para chamar atenção, mas se eu me corto é porque sinto uma dor imensa no meu peito*”. Bárbara relatou já ter cortado os pulsos.

A pesquisadora compreendeu o endereçamento da demanda de Ana e abriu espaço para falar com ela em particular, após o término da conversação. Ana imediatamente aproveitou a oportunidade. O grupo foi finalizado.

Em particular, Ana contou que no dia anterior estava na sala de aula se cortando com uma lâmina, mais especificamente no peito. Bárbara resolveu contar para o professor o que estava acontecendo com Ana porque em um momento anterior havia dito a ele que se cortava e ele abriu espaço para conversarem. Achou que o professor faria o mesmo com Ana, foi

claramente um pedido de ajuda, mas ao contrário, o professor encaminhou Ana para direção que queria ligar para sua mãe. A situação saiu do controle das meninas, Ana se desesperou porque não queria que a mãe soubesse. A mãe já tinha dito que se soubesse de novos cortes, ela mesma pegaria uma faca e cortaria o braço de Ana bem fundo. Ana completou dizendo que seria até bom porque dessa forma sangraria até morrer. Questionei que sofrimento era esse que fazia Ana ver na morte uma alternativa, porém Ana se limitou a dizer que gostaria de morrer, sem conseguir elaborar as causas da sua dor. Falou apenas que os cortes são uma estratégia para se livrar da dor que sente. Questionei sobre o que levou Ana a se cortar nessa situação específica da sala de aula, explico que me pareceu sério ter se cortado nos seios, ela não conseguiu desenvolver, disse apenas que foi uma dor muito grande, um aperto no peito. Bárbara, que escutava a amiga, confessou um tanto indignada que Ana sofre por causa de “macho”, perde aula para encontrar com os meninos e sempre se decepciona. Se passa um pequeno conflito entre as duas, a pesquisadora aproveitou para sinalizar para Ana que são comuns desencontros amorosos e que isso causa realmente sofrimento, mas aproveitou para reforçar suas características fortes, lhe lembrou que “quem canta seus males espanta”, encorajando Ana a encontrar outras maneiras de lidar com seus sentimentos. Ofereceu um encaminhamento para psicoterapia que foi recusado, afinal “todos pensam que é besteira”.

1.1.6.1 Coleta de dados digitais no período de 18 a 24/10/2023

Ana compartilhou algumas fotos de uma amiga para lhe desejar parabéns. Na maioria das fotos, as duas aparecem com as mãos cobrindo o rosto. Além disso, ela postou um vídeo estilo selfie com a amiga, acompanhado de uma música que falava sobre um brinde às mulheres que não dependem de homens. Nesse vídeo, Ana também apareceu com a mão no rosto. Em seguida, ela compartilhou alguns conteúdos de humor, como um vídeo de uma aula de etiqueta que ensina como as mulheres deveriam rir com classe, seguido de outro vídeo de uma garota rindo exageradamente, com a legenda: “Eu com as bests” e a frase: “Pior que nem é meme”.

Logo depois, Ana publicou uma série de postagens sobre decepções amorosas. Um dos vídeos falava sobre a relação entre amor e dor, seguido de fotos de um casal nos EUA e outro vídeo de um casal idoso conversando em um banco de igreja, com a legenda: “Meta”. Ela também postou um vídeo de um casal se beijando sob fogos de artifício, acompanhado de um coração machucado, e outro de uma mulher numa festa com a legenda: “Meu coração diz sim, minha mente diz não, e minha amiga diz: tô avisando, depois não vem chorando”. Em outro

vídeo, um casal está conversando e a garota diz: “Sabia que isso ia acontecer, é sempre assim, me aproximo das pessoas e elas se afastam de mim”, enquanto o rapaz caminha em sua direção e ela se afasta. Fica evidente a contradição entre a cena, ela se afasta, e o pensamento, as pessoas que se afastam.

Ana também fez uma postagem que evidenciava seu desejo de se apagar por um tempo, ela postou a foto de uma moça maquiada, bonita, um meio sorriso e a frase: “Pareço estar bem, mas minha maior vontade é de me dopar e dormir por meses”.

Em seguida, Ana postou um vídeo em formato selfie, sentada na cama em frente ao espelho, sem mostrar o rosto, apenas o corpo, com a legenda de uma flor murchando e um coração machucado. Logo depois, ela compartilhou uma montagem com quatro fotos suas, desta vez maquiada e com o cabelo arrumado, exibindo seu rosto, acompanhada de dois emojis: um coração brilhante e uma carinha apaixonada. O contraste entre essas duas últimas postagens chama a atenção: uma delas mais sensual e romântica, com a legenda triste de um coração machucado e uma flor murcha, seguida de uma postagem mais positiva, com emojis que indicam brilho e paixão.

Bárbara fez uma postagem bastante chamativa repostando um vídeo de uma amiga, mas o conteúdo era composto apenas por imagens dela mesma. O vídeo começava com uma selfie de Bárbara sentada na cama, vestindo calcinha vermelha e top laranja, sem mostrar o rosto. O vídeo continuava com outras imagens de seu corpo, sempre sem exibir o rosto. Essa publicação foi feita por Bárbara apenas para os melhores amigos.

Bruno fez algumas postagens engraçadas, mas também compartilhou outras que indicam suas decepções amorosas. Entre as postagens de humor, há um vídeo de um rapaz dançando muito mal com a legenda: “Ela só gosta de garoto que sabe dançar. Eu dançando”, e outro vídeo de um rapaz bebendo água de um garrafão e se molhando todo, com a legenda: “Dessa água não beberei. Água: saudades. Eu: tomando o garrafão inteiro todo empolgado”. Já entre as postagens sobre as decepções, compartilhou um vídeo de um casal se separando e devolvendo a aliança, com a frase: “A pior dor do mundo é essa” e uma foto de um gatinho muito triste, com a legenda: “Quando a única pessoa que tem minha atenção por completo demora para responder”, e um emoji de carinha triste.

Mariana repostou um vídeo com uma música ao fundo e uma paisagem, com a legenda: “A sua voz é luz, eu sou quase cego”. Em seguida, compartilhou uma selfie no espelho, sem mostrar o rosto, com uma música de Marília Mendonça tocando ao fundo.

Larissa compartilhou um print da tela da galeria do seu celular, mostrando fotos dos amigos da sala. Ela também postou um vídeo com várias selfies dela junto com os amigos.

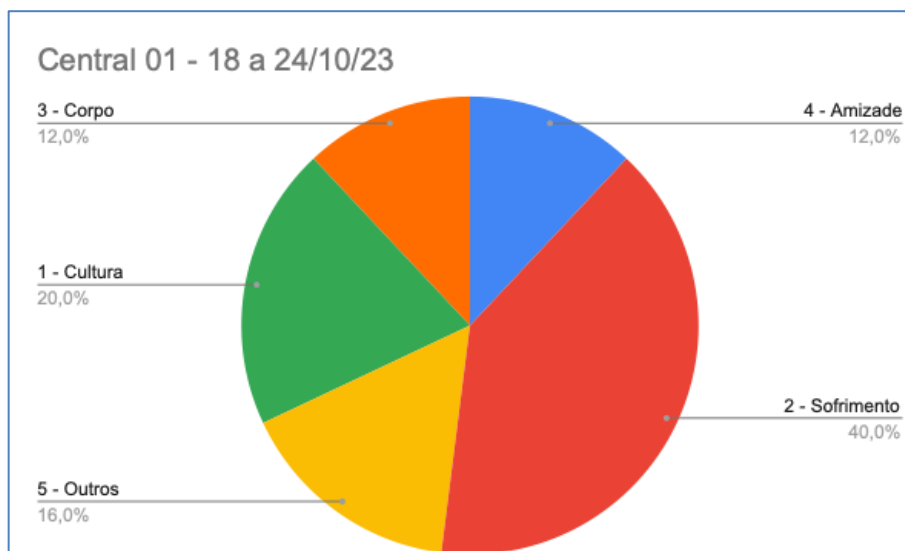
Além disso, publicou um vídeo engraçado com a foto de um rapaz e a legenda: “Nega, eu te quero (férias em dezembro)”, e o emoji de uma aliança.

Eva fez várias postagens com caixinhas de perguntas. Na primeira, ela postou uma selfie com várias figurinhas no rosto e abriu a caixinha: “Fala”. Recebeu várias respostas pedindo sua opinião, e ela respondeu uma por uma. Em outra postagem, ela brincou com “envie-me mensagens anônimas”, e respondeu às seguintes mensagens:

- “Tua turma só se acha.” Ela respondeu: “Ema, emma, emma, cada um com seus problemas.”
- “Menina veia.” Ela respondeu com emojis de duas bombas.
- “Linda.” Ela respondeu com um coração.
- “E o dinheiro, nada ainda?” Ela respondeu: “Nada.”
- Depois, ela abriu outra caixinha de perguntas: “Fala”, acompanhada de uma foto sua com filtro de raio roxo no rosto. Ela respondeu as seguintes perguntas:
- “OPN/msc de Iguinho e Lulinha.” Resposta: “Linda, perfeita, inteligente, doida, louca.”
- “OPN nossa turma?” Resposta: “A melhor que já teve, depois do 5º ano.”
- “OPN.” Resposta: “Linda, perfeita, inteligente, doida, perturbada, irritante, adora tirar meu juízo, minha 001, já falei que é perturbada?” (acompanhada de uma foto das duas).
- “OPN.” Resposta: “Legal, sei lá.” Ela compartilha uma selfie com filtro de sardinha e marca uma pessoa.
- “OPN/MSC?” Resposta: “Parece ser gente boa, bonita, legal, divertida.”

Por fim, Eva postou um vídeo de um rapaz com a pergunta: “Você estará por mim?”. Logo depois outra foto do rapaz em um hospital, parado em frente a uma cama com uma moça entubada, com a legenda: “Sempre.”

Segue gráfico com as publicações desse período por categoria:



1.1.7 Sétima Conversação – 25/10/2023 – Bullying

Antes de iniciar o encontro desta semana, Samara, uma das estagiárias que acompanha a atividade com o grupo, pediu ajuda à gestora para chamar os participantes, ela disse que precisava esperar que eles retornassem do intervalo. Enquanto esperava, a estagiária teve a oportunidade de observar os alunos formando uma grande fila para voltar até suas salas, a equipe da escola tentava organizar a fila com muitos gritos. Uma das funcionárias gritava “ordem!” quando os alunos se distraíam e ficavam para trás. Eles rapidamente corriam para acompanhar os demais colegas. Apesar da fila estar organizada, a situação parecia caótica. Uma das funcionárias batia várias vezes na porta da sala da gestora, para pedir uma extensão, em certo momento a gestora saiu muito irritada, avisando que estava em reunião com a mãe de um dos alunos, pediu que procurassem a extensão em outra sala e que alguém acompanhasse a estagiária para chamar os alunos do grupo.

Após todos se acomodarem na sala, a pesquisadora perguntou como estavam. Maria Alice disse estar bem, mas com o pé machucado e para evitar a fila do almoço, levou sua comida de casa. Os outros responderam que estavam bem. Bruno disse que está “vivendo”, e nesse momento Ana esclareceu que ele está sofrendo por amor. Depois Ana e Bárbara começaram a atualizar sobre o que aconteceu durante a semana e Bárbara envergonhada disse que postou um vídeo nos melhores amigos do Instagram, percebeu que o perfil da pesquisa tinha visto, mas confessa que foi um lapso porque ele estava direcionado para os meninos. Ana complementou que um menino comentou a foto dizendo que ela é “gostosa”. Maria Alice interveio para falar que considera muito arriscado postar fotos assim, porque um chefe da máfia pode ver o número da casa dela e sequestrá-la para se casar com ela. Maria Alice também disse “*Ela (Bárbara) fala como se eles fossem uns gostosos, mas quem são mesmo são os filhos deles*”, acreditando que quem havia falado na foto de Bárbara havia sido um velho, e em seguida disse que quando os rapazes são bonitos têm um coração ruim e quando são feios tem um coração bom. Em meio aos comentários de Maria Alice, Ana disse não se sentir segura em seu bairro e por isso dorme com uma faca embaixo do travesseiro, acha que alguém pode invadir sua casa. Maria Alice interrompeu: “*Se alguém invadir minha casa eu meto bala*”. A pesquisadora questionou sobre o risco onde moram, se é comum situações semelhantes e eles negaram. O local que Ana mora é mais violento, entretanto o risco real não é alto.

Em seguida, Bruno começou a falar sobre um vídeo que enviou para Bárbara, mas que sua real intenção era de enviar para Ana porque achou que ela gostaria. O que ele explicou é

que o vídeo era de uma facção e nele uma criança e outras três pessoas estavam sendo mortas. A pesquisadora questionou mais sobre o vídeo que lhe pareceu muito violento, enfatizando a qual seria o motivo de uma cena como essa ter sido gravada e compartilhada. Bruno acredita que os chefes da facção criminosa registravam as cenas para disseminar o medo nas pessoas, como se fosse uma maneira de dizer que ninguém pode mexer com eles. Bruno encontrou esse vídeo e vários outros desse tipo em um site chamado “Portal Zacarias”. Neste site não há nenhuma censura para os vídeos compartilhados. Aproveitando o comentário do participante, a pesquisadora questionou o que é censura para eles. Responderam que censura é quando algum vídeo ou foto aparece borrado, ou com pixels. Bárbara diz que acha que esses vídeos não deveriam ser censurados porque tem gente que gosta de ver. Maria Alice acha que a censura deveria ser apenas para menores de 12 anos, que é quando começam as aulas de biologia.

A pesquisadora questionou quais os tipos de vídeos os deixam assustados, e responderam que são os vídeos de susto. Nesse momento, Maria Alice disse: “Eu dou risada em filmes de terror”, mas complementou dizendo que quando os vídeos são reais ela fica com um pouco mais de medo. Logo em seguida, Maria Alice contou que tem um tio policial que já deu algumas armas para ela, também disse que atualmente tem uma espingarda guardada em seu quarto, e perguntou se queríamos que ela trouxesse para o próximo encontro do grupo.

Após essa informação sobre a arma, Ana confessou que já chegou a planejar um massacre na escola junto com Bruno e que buscava atingir várias pessoas que já fizeram algum mal a ela ou a algum de seus amigos. Vicaelly contou uma situação que aconteceu na escola e deixou os alunos muito assustados. Um homem invadiu a escola e teve um comportamento muito suspeito, ficou filmando os alunos, o pátio, os corredores e disse que queria matar todos os professores. Ela compartilhou entre risadas e disse que chegou a pensar: “*Oba! Vai ter greve*”. Ana falou que queria conhecer esse homem e conversar com ele. Maria Alice disse que já pensou em matar uma pessoa da escola, mas que depois rezou e a vontade passou.

A pesquisadora aproveitou para dizer que ter vontade de fazer o mal, de ferir alguém quando está com raiva é natural e uma boa opção para não precisar machucar literalmente alguém e depois se prejudicar é justamente poder falar sobre as circunstâncias, os sentimentos. Eles concordam. Ana falou que já não pensa mais nessa alternativa.

O assunto dispersou e como a pesquisadora estava com uma atividade pronta sobre Cyberbullying¹⁹ decidiu que era uma boa oportunidade para seguir adiante com o planejamento. Distribuiu as folhas, nas quais os participantes deveriam escrever o que eles pensam sobre o tema, se já passaram por situações caracterizadas como bullying ou se já presenciaram cenas como essa. Alguns desenharam na folha, outros preferiram escrever. Quando todos já haviam terminado, a pesquisadora pediu que falassem sobre o que haviam produzido. Antonella disse que escreveu sobre xingar as pessoas pela aparência, e citou quando as pessoas falam em relação ao peso, se é gordo ou magro, e observou: “sempre encontram defeito, até nas coisas pequenas”, as meninas concordam enfaticamente e a pesquisadora perguntou se os xingamentos são sempre relacionados com a aparência, a maioria concordou, ao contrário de Maria Alice que se justificou dizendo que nos jogos não dá para ver o corpo, mas sofre bullying quem não tem dinheiro para comprar “skins” novas e com mais recursos.

Bruno mostrou o desenho que fez de um vídeo que havia visto de uma pessoa sendo atacada com vários xingamentos racistas. A pesquisadora aproveitou para falar sobre discurso de ódio e os participantes concordam que isso está cada vez mais presente na internet. Bruno conseguiu distinguir o discurso de ódio do bullying, mas acredita que os dois estão relacionados porque esse tipo de postagem pode influenciar as pessoas a praticarem o bullying. A pesquisadora perguntou onde eles acham que acontece com mais frequência práticas de bullying. Responderam que acontece na escola, no emprego e em casa. Vicaelly é sincera ao compartilhar que já sofreu bullying, mas que também já praticou. Abre-se espaço para falar mais sobre isso e Vicaelly diz que frequentemente é chamada de várias coisas na escola, então ela reage atacando as pessoas. Reconhece que se tornou tão frequente que agora nem espera lhe chamarem de nada, vai logo acusando, irritando e falando mal das pessoas. A pesquisadora falou compreender a atitude de Vicaelly como uma maneira de se defender, mas lhe convidou a pensar em outras alternativas. Tentou fazer o grupo pensar com Vicaelly maneiras de contornar as situações. Bárbara acredita que ter amigos, se afastar de quem lhe faz mal.

A pesquisadora questionou se todo xingamento é bullying e eles sinalizaram compreender que não. Bruno falou que depende da situação e para explicar usou o exemplo

¹⁹ Desde a quinta conversa que a pesquisadora tinha percebido a dificuldade dos participantes em abordar o assunto e deixou pronta a atividade para ser usada em um momento adequado.

de um amigo que tem um apelido, mas que esse apelido não tem a intenção de ser ofensivo para ele, por isso ele acredita que sempre depende da forma como a pessoa fala.

Vicaelly pediu novamente para sair da sala e dar uma voltinha e Maria Alice comentou que dava a impressão que Vicaelly não gostava de participar do grupo. A garota se apressou para explicar que gostava, mas que nesse dia específico estava tendo aula de matemática que é uma das suas favoritas. Pouco tempo depois, Vicaelly se despediu do grupo e foi para a aula.

Maria Alice compartilhou que a maioria das pessoas da escola já fizeram bullying com ela, e cita que Mariana, uma das participantes, foi uma delas. Apesar da acusação, explicou que acredita no futuro ser possível uma grande mudança: as pessoas que praticam bullying e as que sofrem se tornarem amigas. Para isso, segundo ela, a pessoa que sofreu precisa perdoar. Nesse momento Bárbara questionou: “*E quando amigos viram inimigos?*”, em seguida ela compartilhou sobre uma antiga amiga que “*Estragou a amizade*” por ter ficado com o ex de Ana. Maria Alice impactada, respondeu: “*Mulher não deve ligar para macho*”.

Maria Alice continuou falando sobre o bullying sofrido e explicou que cantaram uma música que ela não gosta quando estavam na fila do intervalo. Maria Alice reagiu de forma explosiva e chegou a torcer o braço de uma menina. Nesse momento, Mariana e Maria Luiza explicaram que ninguém sabia que Maria Alice não gostava dessa música e que não tiveram a intenção de provocá-la. Maria Alice acredita que Vicaelly sabia e fez de propósito. A pesquisadora questionou por que essa música a incomodou tanto, Maria Alice não conseguiu responder, abaixou a cabeça, quis sair e chegou a se levantar. A pesquisadora explicou que ela não precisava sair, só estava tentando entender o que se passou com Maria Alice, mas ela pediu para não falar sobre isso. Depois ela continuou falando bem baixo de tal forma que somente a estagiária que estava ao seu lado escutou e registrou: “*Se eu estivesse com minha espingarda matava todo mundo*”, “*Sinto muita raiva quando cantam essa música*”, “*fico agitada, parece que tomei litros de café*”.

Ana pediu a vez para falar sobre o que havia desenhado. Explicou que é uma pessoa querendo se matar por sofrer bullying, além disso ela escreveu algumas frases como “você é feia”, “nojenta”, “fedorenta”, “ninguém gosta de você”. Para Bárbara, a pior frase entre essas são as que falam sobre o peso.

A pesquisadora perguntou sobre o que poderia ser feito para combater essas condutas. Eles responderam que essas pessoas deveriam ser presas, sofrer maldades para sentir o mesmo que fizeram o outro sentir. A pesquisadora sugeriu que a melhor forma de lidar com essas

²⁰ A música fez sucesso naquele ano, se reduzia praticamente a uma frase: “caneta azul, azul caneta”.

situações é indo na contramão dele, isso porque muitas pessoas que praticam ações agressivas, de xingamento, já foram vítimas dessas situações, então, quando se responde à agressividade com mais agressividade, o ciclo está sendo alimentado e não interrompido. Depois disso Maria Luiza disse: “*Ao contrário do que falam quando me ofendem, minha vida é valiosa*” e Ana completou “*O que importa é quem eu amo*”.

1.1.7.1 Coleta dados digitais no período de 25 a 31/10/2023

Ana postou uma montagem com várias imagens de quadros que mostram elementos como arma, bebida, música e referências à angústia, sugerindo um sofrimento intenso. Segue uma selfie no espelho, sentada na cama, sem mostrar o rosto, ao som da música “fala na cara.” Em seguida, há um print de uma conversa no WhatsApp com Bárbara, onde as duas prometem cuidar uma da outra, reforçando o vínculo de amizade entre elas. Também postou um vídeo cantando com um controle remoto como se fosse um microfone, acompanhada pelo irmão. Em outra postagem, um vídeo mostrou uma pessoa andando na rua com vestido azul e salto, com a legenda: “Eu serei a heroína da minha própria história / Eu escolho a mim mesma / E assim jamais ficarei decepcionada”. Por fim, há um vídeo de uma moça cantando: “Não sou nem quero ser o seu dono”. Essas postagens revelam um misto de emoções, desde o sofrimento intenso e a busca por apoio na amizade, até a busca por liberdade.

Bárbara repostou foto de Ana em que aparece as duas ouvindo a mesma música no status do Instagram. Ela também repostou a mesma tela da conversa entre ela e Ana.

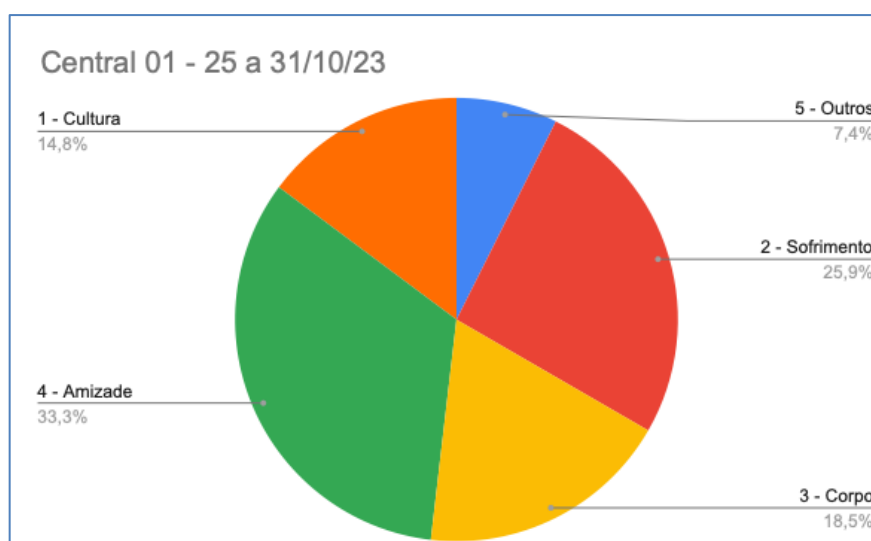
Bruno fez todas as postagens nos melhores amigos. Ele compartilhou um vídeo sobre amizade, seguido de um vídeo de Neymar com a frase: “*Às vezes dá vontade de chegar, te agarrar, beijar, ter você... mas, somos só amigos, né?*” Em outra postagem, ele compartilhou um vídeo de um carro na estrada com a legenda: “*Ahhh mano, eu só queria que desse certo uma vez, só uma vez... poha, eu também mereço ser feliz*”, revelando sua frustração.

Mariana compartilhou uma foto do céu escuro com a lua atrás das nuvens, acompanhada de uma música de João Torres. Ela também postou uma selfie do pescoço para baixo, em que aparece vestindo um *cropped* e um short preto com o botão aberto. Em seguida, publicou uma selfie com um filtro que deforma o rosto, ampliando os olhos e a boca. Ainda compartilhou uma imagem do céu laranja, registrada às 17h56, com a música “Grão de Areia” de Xande de Pilares ao fundo. Neste mesmo dia, fez um print da tela do celular, mostrando que é meia-noite, com a mesma selfie do tórax até a coxa como tela de fundo do seu celular.

Larissa postou em seu perfil mais restrito uma selfie com filtro de vaquinha e muitos brilhos no rosto. Ela também fez uma montagem com quatro fotos de amigas da escola, respondendo à caixinha: “*O que é o amor?*”. Além disso, compartilhou uma imagem de um rapaz fazendo um sinal de “legal” com a legenda: “*Eu explicando que não vejo maldade nas pessoas, e se alguém chegar em mim com segundas intenções, eu não vou nem perceber, porque para mim todo mundo é meu amigo*”. Postou também uma foto de uma amiga de costas. No perfil com mais seguidores, ela postou uma foto de uma turma em frente a uma casa, fazendo referência a uma série da Netflix.

Eva postou uma música e escreveu: “essa dói na alma”.

Segue gráfico com os conteúdos postados nesse período pelos participantes:



1.1.8 Oitava Conversação – 01/11/2023 – Halloween na escola: “beijo ou tapa?”

Assim que a pesquisadora entrou na escola foi chamada pela gestora que queria lhe comunicar que Bárbara tinha sido suspensa porque no dia anterior antes da festa de Halloween ela havia sido flagrada no colo de um rapaz beijando. A gestora havia entrado em contato com seus pais e sua mãe foi na escola para buscá-la. A gestora compartilhou que quando Bárbara foi avisada sobre a suspensão, chegou a pedir para participar da conversação, alegando que: “*Hoje é o dia que tia Renata vem. Deixa eu conversar com ela, participar só do grupo*”. Entretanto, a gestora foi firme na decisão. A pesquisadora chegou a perguntar se não haveria outra medida para contornar a situação, uma vez que a infração de Bárbara é comum entre os adolescentes, reflete o momento de vida que estão atravessando, era um dia festivo. A gestora disse que precisava cumprir as regras e normas da escola porque senão daqui a pouco

teria um monte de “aluna buchuda” na instituição. Acrescentou que Ana teria a mesma punição porque foi flagrada junto com Bárbara, mas ela tinha chorado muito e estava aguardando para falar com a mãe dela. Mais uma vez a pesquisadora pediu que singularizasse as demandas, sendo possível pensarem juntas em uma alternativa. Não obteve sucesso.

A pesquisadora iniciou a conversação perguntando como os adolescentes estavam e se Eva estava melhor, pois no último encontro havia faltado porque estava doente. Perguntou também sobre o dia anterior que teria acontecido o Halloween da escola, e como tinha sido, mas apenas Eva e Mariana disseram que haviam participado. Questionou-se por que os outros não tinham ido. Vicaelly disse que ficou com medo das pessoas estranhas na festa, e que não foi porque: “*Vai que um velho doido me levava*”. A festa aconteceu na escola, mas foi aberta para pessoas de fora.

No início do encontro Vicaelly disse: “*A pior faltou hoje*” referindo-se a Maria Alice. Contou que pegaram seu “caderno da fofoca”, e uma das meninas noticiada nas anotações teve acesso ao caderno, ficou com raiva, e a ameaçou dizendo que se ela contasse para a diretora “*ela ia ver só*”. Vicaelly arrancou as outras folhas para que não gerasse mais problema. Na conversação anterior, Vicaelly estava com um caderno de capa dura, semelhante ao da pesquisadora e durante o encontro fez algumas anotações. Uma das estagiárias chegou a lhe perguntar o que era o caderno e ela disse que agora fazia suas próprias observações.

Eva falou que foi para a festa e que o Halloween da escola não era só para os alunos, mas sim aberto ao público, essa liberação para pessoas externas parece ter sido uma questão para a maioria dos alunos. Antonela explicou que os alunos da escola pagavam dois reais e o público externo pagava cinco, mas ela fala que não foi porque preferiu ficar em casa. Eva afirma que deveriam colocar um limite de idade, pois podia entrar todo mundo e que entrou até crianças de 7 anos de idade. Antonela concordou e completou: “*Pelo menos com idade até 15 anos que é o que tem na escola*”. Vicaelly relatou que ficou sabendo que entrou até um “maconheiro”, um homem sem camisa que ficou rondando pela escola. Eva completou impressionada: “*Tia, tinha gente até mostrando a cueca*”.

A pesquisadora perguntou se eles conseguiram aproveitar o Halloween e Eva disse que tocou funk e forró, foi animado, mas que havia pessoas fumando no banheiro da escola. Impressionou-se com o descumprimento de algumas regras. A pesquisadora perguntou sobre as fantasias e o que deixou Eva ficou um pouco envergonhada. Mariana explicou que Eva estava fantasiada de demônio.

Nesse momento, a participante Ana chegou atrasada e apesar de estar abalada, quis participar do grupo, a pesquisadora perguntou se ela queria compartilhar o que estava se passando, mas ela negou e pediu para conversar em particular. Ana ficou a maior parte do tempo voltada para Bruno, em conversa paralela. Ele segurou sua mão e em determinado momento revelou para a pesquisadora: *“Olha tia, ela está tremendo”*. A pesquisadora o tranquilizou dizendo que conversaria com Ana no final do encontro e perguntou se ela foi para a festa, tentando inclui-la no assunto abordado. Ana explicou não ter ido para a festa e que estava preocupada porque havia acontecido algo com Bárbara, mas não queria abrir para o grupo.

Bruno também não foi para o Halloween, chegou a combinar com um amigo de irem juntos, mas cancelou quando percebeu que prejudicaria sua mãe, uma vez que ela precisaria faltar ao trabalho, pois ele é responsável por ficar com a irmã quando chega da escola. Gabriel disse que também iria com um amigo, mas que desistiu por preguiça. Mariana entregou dizendo que Eva pegou (beijou) cinco ou sete, e relatou sobre uma brincadeira que aconteceu na festa do Halloween. Faziam uma rodinha e perguntavam “beijo ou tapa?”. A pesquisadora associou com a brincadeira típica do Halloween “Doces ou Travessuras”, mas Eva falou que essa brincadeira acontecia em todas as festas. A pesquisadora perguntou como eram as rodinhas e ela explicou que às vezes eles iam em duplas e acontecia de haver beijos entre menina e menina. Vicaelly conta que ouviu dizer que Gabriel teria beijado uma menina da sala dela, mas Gabriel nega pois não tinha nem ido para a festa “Beije quem? Que não estou nem sabendo”. A pesquisadora alertou Vicaelly sobre ter cuidado com as informações que passa adiante sem saber a veracidade. Vicaelly respondeu que gosta mesmo de fofoca, mas não havia contado para ninguém estava só perguntando a Gabriel, que respondeu: *“Aqui pode, porque não sai daqui”*.

Então, a pesquisadora perguntou se no dia anterior podia beijar na festa e Eva respondeu que a escola tem regras e beijar não é permitido. Quando um aluno é flagrado pela direção, a escola entra em contato com o responsável pelo aluno e ele é suspenso. Entretanto, no dia anterior muita gente beijou, tinha professores e funcionários por perto e ninguém fez nada. Concluíram que foi uma exceção por ser momento festivo. Gabriel disse: *“Só o nono ano que pode”*. A pesquisadora questionou o que os responsáveis fariam caso soubessem que seu filho estava beijando na escola. Eva respondeu imediatamente: *“Daria uma surra”*, já Antonela não sabe o que a mãe faria, Vicaelly também acha que a mãe brigaria, tiraria o celular e a deixaria de castigo, mas por outro lado gostaria da punição da escola de suspensão: *“Queria mesmo que me deixasse uma semana sem aula”*. Mariana expôs ter receio de que sua

mãe brigasse. A mãe de Bruno sugeriria que ele levasse a menina para a praça, porque escola não é local ideal para isso.

A pesquisadora perguntou com que idade eles começaram a beijar. Eva falou que deixou de ser BV com 8 anos e Gabriel falou que foi aos 7 anos, Bruno 7 ou 8 anos e perguntou a Vicaelly se ela já beijou e ela afirma que sim, mas baixou o tom de voz e ficou um pouco envergonhada. Eva compartilhou sua percepção de que existe uma diferença entre os gêneros e uma menina beijar causa mais confusão na família. Ana concordou e relatou que o seu irmão pode fazer tudo, que ela não pode fazer nada, nem pequenas coisas, como falar com meninos, pois o seu pai não deixa e já olha feio, segundo suas palavras: *“Menino pode fazer o que quiser, mas se for menina tá lascada”*, Gabriel interpreta que isso pode ser ciúmes do pai em relação à Ana, e amplia *“Ciúmes dos pais com as filhas”*.

A pesquisadora perguntou: *“Então há essa diferença entre homens e mulheres?”* e eles responderam em coro que sim. Vicaelly aproveitou para reproduzir uma fala de sua mãe para ela: *“Você tem que dar exemplo, para ser uma médica, doutora...”*. Eva se identificou e aproveitou para compartilhar o que escuta de seu pai: *“Você tem que dar exemplo, seu irmão não”*. Explica também que as meninas que são rapidamente chamadas de “marmita” quando ficam com todo mundo. Bruno completa: *“Quando as meninas ficam com a escola toda elas são marmitas e quando os meninos fazem o mesmo são exaltados como “raparigueiros”*.

Eva ratifica a ideia de Bruno: *“Se ficou com um menino bonito já é chamada de marmita”*. A pesquisadora perguntou como é ser chamada de marmita e ela responde que é triste e constrangedor, que nas caixinhas de mensagens anônimas é o que mais tem. Ana, em tom de revolta levantou a ideia de que as meninas deveriam fazer o que quisessem da vida, sem se importar com o que os outros pensam. A pesquisadora perguntou sobre a expectativa deles ao abrirem essas caixinhas de mensagens anônimas, Eva respondeu: *“Receber o que quer que seja, de quem for”*, questionou, então se ela fica triste quando recebe coisas ruins e Eva revela que não se abala porque sabe que não é uma marmita. A pesquisadora indaga se existe alguma maneira de se proteger desses comentários, enquanto Eva não vê solução, Bruno, de forma simples e direta, disse que é somente não abrir as caixinhas.

Eva explicou o objetivo das caixinhas: *“As pessoas usam as mensagens anônimas para se esconder e quem abre a caixinha, para saber o que falam dela pelas costas”*. Aproveitou para trazer um relato de uma situação que vivenciou com a prima. Essa prima ligou para uma amiga em alto-falante e perguntou por que ela falou mal de Eva, mas quando a menina percebeu que a própria Eva estava ouvindo a ligação, desligou e foi conversar com ela em particular. Eva, por sua vez, sequer respondeu, estava ainda muito chateada. Mariana

completou dizendo que isso acontece de onde menos se espera. Seguiu-se alguns relatos e comentários das participantes de situações semelhantes e da lição que aprenderam sobre não confiar em ninguém.

A pesquisadora perguntou se era frequente “falar mal do outro pelas costas”. Eva concordou e apontou que sempre com muitos xingamentos. Vicaelly considera normal falarem “por trás”, e justifica: “As pessoas não têm coragem de falar na cara”, mas segundo ela seria muito melhor falar pessoalmente o que acha de outra pessoa. Eva concordou: “Melhor falar logo na cara, tirar satisfação e resolver”. Gabriel contou que Vicaelly é bem conhecida na escola por ser barraqueira, Eva a defende: “Ela é famosa, deixe ela”. Em seguida, compartilhou sobre uma menina da sua sala “que é insuportável”, chamou-a de “cobra”, e agora faz de tudo para ser sua amiga e entrar no seu grupinho e de Mariana. Como não consegue, continua falando mal das meninas.

A pesquisadora perguntou se essas brigas entre os colegas de sala, da escola, aparecem nas redes sociais. Eles esclarecem que somente por indireta, alfinetada e nas mensagens anônimas.

Eva disse estar cansada dessas confusões no colégio e na expectativa pelo feriado. A pesquisadora aproveitou para perguntar quais os planos para os dias sem aula. Ana é a primeira a responder e se lamenta dizendo que vai: “*Deitar e chorar*”. Eva disse: “*Vou tirar fotos com a minha mãe, porque ela é fotógrafa*”. Bruno compartilhou: “*Cinco horas da manhã vou acordar para ir pra piscina*”. Eva comentou que na sexta vai para a pizzaria comemorar o aniversário do seu primo, Gabriel diz que já cansou de ir nessa pizzaria. Vicaelly falou: “*Vou para o mato, porque é a melhor coisa ir para o mato*”.

Voltando ao tópico dos desencontros e decepções entre os adolescentes, a pesquisadora perguntou como eles escolhem quem vão ser seus amigos. Ana compartilhou que bastou olhar para Bárbara e pensou: “*Ela vai ser minha amiga*”.

Foi perguntado para Vicaelly se ela tem amigas, apesar das pessoas que falam mal dela, ela confirmou que sim e saiu listando o nome de algumas, nesse momento Gabriel comentou: “*Só as pestes*”. Perguntou-se então como ela se defende e Gabriel respondeu por ela: “*Na base do cacete*”. Vicaelly riu, mas concordou explicando que briga muito e não só na escola, mas também em casa com a irmã de 17 anos e às vezes até na rua. Eva se identificou com as brigas entre os irmãos e contou que agora seu irmão morre de medo dela, pois deu “um croque nele que rapidinho aquietou o faixo”.

A pesquisadora aproveitou para perguntar sobre a família e as relações fraternas. Gabriel tem um irmão caçula. Mariana tem duas irmãs uma de 1 ano e a outra de 7 anos.

Bruno conta que mora com o pai desde os 2 anos porque a mãe dele não tinha condições para cria-lo, foi para São Paulo e sente falta dela, mas conversam com frequência, agora ela mora em Caruaru e está se preparando para visitá-la no fim do ano. O seu pai se casou novamente e teve uma filha, já a mãe tem mais duas filhas. Ana tem um irmão de 22 anos, que já é casado, são mais amigos, conta que sentiu muita falta quando ele se casou e foi embora, que ele era uma boa companhia. Já Antonela é filha única.

Vicaelly voltou a pedir algumas vezes para sair, mas as perguntas e os tópicos abordados despertavam seu interesse e ela ficava mais um pouco, entretanto não aguentou esperar o término da conversação, saiu um pouco antes.

A pesquisadora perguntou se há diferença entre as amizades da rua, da escola e as amizades que se estabelecem nas redes sociais. Mariana disse: “Não tenho mais amigos nas redes sociais”. Explicou que é muito melhor as amizades que faz na escola, na rua e acaba interagindo nas redes com quem já é seu amigo. Eva e Bruno concordam. Apesar da pesquisadora tentar investigar mais sobre essas diferenças, não ressoa para os participantes.

Eva perguntou sobre a pesquisa, se ela vai continuar no próximo ano. A pesquisadora explicou o processo de construção de sua tese. Agora está produzindo os dados, mas que passará o próximo ano escrevendo. Aproveitou para destacar a importância dos participantes nesse processo e falou que sem eles não haveria nenhuma linha sequer. Eles ficaram interessados em ler “o livro” que será escrito sobre eles. A pesquisadora esclareceu que apresentará os resultados da pesquisa primeiro na sua universidade e será avaliada por vários professores. Eles consideraram um grande desafio. Eva comentou que eles estão famosos. A pesquisadora disse que esse processo de “defesa de tese” será em Recife, caso fosse em Serra Talhada os alunos seriam convidados para assistirem. Eles ficaram encantados com a magnitude do que estão participando e Eva perguntou se esse estudo está acontecendo em Recife também. A pesquisadora esclareceu que somente em Serra, apesar de ter recebido convites para ampliar a pesquisa para a capital. Eva retrucou: “*A senhora não vai, é só nossa*”. Mariana completou: “*Eva iria desistir no mesmo dia porque ela não escreve nada*”. Logo após essa interação a pesquisadora anunciou o fim daquela conversação e Ana que pouco interagiu caiu no choro e reclamou: “Não, não tia”.

Após a saída dos alunos, Ana conversou com a pesquisadora explicando que no dia anterior a diretora flagrou ela e Bárbara com uns meninos, mas que não estava “acontecendo nada demais”. A diretora não quis sequer ouvi-las, entrou em contato com os pais de Bárbara, que já havia sido suspensa e agora ia ligar para os seus. Ela estava muito aflita e com medo das consequências. Já sabia que os pais de Bárbara ameaçaram tirá-la da escola porque já que

ela estava indo somente “se agarrar” era melhor ficar em casa ajudando na limpeza ou ir trabalhar. Ela ainda estava com receio de que proibissem a amizade entre as duas, alegando uma ser má influência para a outra. Ana clamava que a pesquisadora conversasse com a diretora para amenizar a punição e dar uma alternativa à comunicação aos pais. A pesquisadora explicou a Ana que já havia falado com ela, compreendia a demanda de Ana, mas não podia intervir nas decisões escolares. Prontificou-se a acompanhá-la até a direção porque Ana havia acordado que quando acabasse a conversação se dirigiria para a sala da diretora.

Na Direção, a pesquisadora entrou com Ana, mas a diretora pediu que a garota aguardasse lá fora. Uma funcionária da limpeza ficou ao lado de Ana, consolando-a e dando conselhos. Chegou a dizer que já havia alertado as duas meninas de que a diretora podia flagrá-las e que a conduta seria diferente e mais dura. Elas não ouviram e seguiram com o comportamento. Ana estava triste e envergonhada, mas se deixava consolar pela funcionária.

No mesmo dia mais tarde, a pesquisadora mandou uma mensagem para Bárbara e para Ana para saber como estavam e apontar que esse era um momento difícil, mas passaria. Apostava nos recursos e estratégias das duas para se manterem de pé e unidas. Essa foi uma quebra do que tinha sido acordado anteriormente, de que a pesquisadora não interagiria com os participantes de forma online.

1.1.8.1 Coleta de dados digitais no período de 01 a 07/11/2023

Ana compartilhou o vídeo de duas meninas dançando até o chão: “*eu e a best na festa da prefeitura dps de julgar e falar mal até do papagaio do prefeito*”, marcou Bárbara. Depois Ana publicou outra foto de duas meninas em motos: “*Marca aquela amiga que vai estar assim com vc*”, ela novamente marcou Bárbara na postagem, mostrando a relação próxima entre as duas. Ainda publicou: “*Se eu chorar na tua frente, se preocupe/ se eu te pedir desculpas, você é importante/ se eu disser eu te amo, acredite*”. Ana também compartilhou uma foto com uma amiga, celebrando seu aniversário e enfatizando que, mesmo com a desaprovação dos outros, a amizade delas continuará forte. Ela publicou uma frase sobre a diferença entre pessoas que ficam por conveniência e aquelas que fazem esforço para estar ao seu lado: “*Tem uma frase que diz assim: ‘tem gente que fica com você quando sobra tempo e tem gente que arruma tempo para ficar com você’*”, refletindo sua busca por relações significativas. Em seguida, colocou um desenho de um coração enfaixado e abriu uma caixa de perguntas, sugerindo um desejo de *feedback* e interação dos seus seguidores. Postou um

vídeo que falava sobre não ser mais o mesmo, seguido por um clipe de um robô azul cantando sobre ser desprezado no amor, revelando um lado mais melancólico e introspectivo.

Mudando a categoria de postagens de amizade para pensamentos introspectivos, Ana postou a foto de uma mulher cuidando da casa e a mensagem: *“Depois de uma certa idade, é necessário substituir o ‘Por que isso está acontecendo comigo?’ por ‘O que eu posso fazer para melhorar a situação?’”*. No mesmo dia, pouco tempo depois, Ana postou uma foto de um casal de moto, o piloto empinando e a moça tocando a mão no asfalto, ela escreveu: *“A meta”*, e depois outra postagem com a foto de uma máscara assustadora e a mensagem: *“Se me ver olhando para um ponto fixo não me tire de lá porque o ódio está me consumindo”*, mostrando um lado mais obscuro e indicando sua raiva.

Bárbara postou a foto de um rapaz com legenda: *“11 meses, 0 bocas beijada”*, depois ela postou a foto de uma moça e legenda: *“O galo dá 20 mil para quem foi trocada por marmita”*.

Bruno fez apenas uma publicação de um vídeo: *“Você me pediu um tempo. Mas nem o tempo acaba uma história de amor. Estou com raiva desse amor”*.

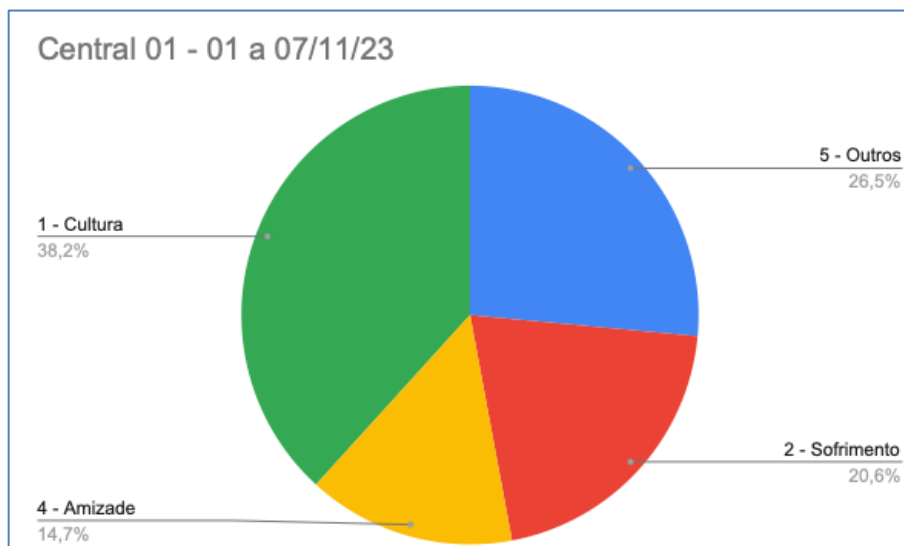
Mariana fez a postagem da foto de uma moça com cabelo cacheado: *“kkkk quando finalizo meu cabelo e ele fica bonito, nossa!! por uma noite desisto da ideia de fazer progressiva”*. Mariana também postou uma selfie em que aparece parte do seu corpo: do tronco até a coxa, com a caixinha de pergunta: *“me faça escolher entre duas pessoas”*, e seus amigos mandaram mensagens na caixinha sempre com dois nomes. Ela postava a caixinha e respondia entre os dois nomes sugeridos. Depois Mariana postou uma mensagem de parabéns para uma amiga com quatro fotos dela. Repostou uma foto em que é marcada, resposta à caixa de pergunta: *“Quem é tua best? Marca elas?”*, sinalizando ser a melhor amiga de alguém. Em seguida, repostou outra foto com uma menina, selfie com filtro de vaca. As postagens apontam para seu bom vínculo com os amigos.

Larissa repostou um *reel* de um garoto falando sobre cair a ficha de que o ensino médio não é festas, romances, mensagens de ameaças, bailes de todo final de semestre e *glow up's* extraordinários. Esse compartilhamento demonstra que Larissa consegue reconhecer que o tempo de escola é repleto de desafios e responsabilidades que vão além da superficialidade que muitas vezes é retratada, por exemplo, nos filmes.

Larissa também compartilhou a foto de um bebê e a mensagem: *“Eu depois de perceber que já faz 5 minutos que to sendo carinhosa com alguém, sendo que sou mais ignorante que tudo”* e em seguida outra postagem com a mensagem: *“Fui criado para tratar a tia da limpeza da mesma forma que trato o dono da empresa”*.

Eva repostou um vídeo sobre jogos e competições entre times que fazia referência a quebrar o ego de uma escola que fala muito e na quadra não faz nada e um emoji rindo.

Segue gráfico das postagens desse período, por categoria:



1.1.9 Nona Conversação – 08/11/2023 – Mito familiar de cada participante

Neste dia, a escola estava passando por um reparo na rede elétrica, então todas as aulas estavam temporariamente suspensas e os alunos aguardavam a finalização do serviço e a normalização da energia na quadra ou no pátio. Estava sendo um momento de lazer e diversão, de tal forma que a convocação dos participantes foi mais difícil – eles estavam dispersos, e alguns não quiseram participar. Sendo assim, somente estiveram presentes: Bruno, Larissa, Eva, Mariana, Antonella e Maria Luiza que chegou atrasada.

Deu-se início perguntando como tinha sido o feriado. Bruno respondeu que ajudou seu pai a pintar a casa, apesar de não ser pintor, mas teve uma folga no domingo. Relatou que mora com o pai, a madrasta e a irmã de 4 anos. Além de duas irmãs por parte de mãe que moram em Caruaru com ela. Explicou que aos dois anos foi morar com o pai, se sente mais próximo da madrasta do que de seu pai, chega ao ponto de chamá-la de mãe. Foi possível perceber o semblante de tristeza em Bruno ao relatar que havia sido abandonado pela mãe, que não tinha condições de cuidar dele, mas depois teve duas filhas e cuida bem delas. Apesar de ter dito de forma irônica, a contradição e a interpretação apontam a dificuldade em elaborar esse traço de sua história.

Após o compartilhamento íntimo de Bruno sobre sua dinâmica familiar, os demais participantes falaram sobre suas famílias. Eva relatou que os pais são separados e que tem um

irmão de 11 anos. A separação é muito recente, faz apenas 8 dias. Relata que os pais já haviam se separado outra vez, mas reataram, só que dessa vez não vão reatar. Conta que o pai chegou a agredir a mãe. A pesquisadora abriu espaço para Eva falar mais sobre a experiência, mas ela se limitou a dizer que ficou triste com o pai. Mariana que estava ao seu lado disparou: “Só isso?!”. Estranhando que em uma situação tão grave, Eva relate apenas se sentir triste. Eva prosseguiu dizendo que sua mãe está muito bem sem ele e que ficaram em paz desde que ele saiu de casa. A situação de violência doméstica era frequente e causava muito sofrimento em todos. Continuou falando sobre sua mãe ser muito trabalhadora: faz estampas de camisas, garrafas, serviços de gráfica, de brindes personalizados, “cada festa linda”. Enquanto seu pai é construtor e por isso não fica muito tempo em casa. Tem um relacionamento distante com o pai, mas ele lhe dá uma mesada que ela está juntando para comprar um celular.

Mariana mora com a mãe e a irmã. Relata que os pais são divorciados, a mãe se casou de novo e teve uma menina, Hilary. Não convive com o pai já que o mesmo mora na Bahia e vive viajando, mas tem contato com ele pelo celular, também diz que o pai vem no final do ano, mas não chega a vê-la, pois fica na casa da sua avó.

Antonella compartilhou que seus pais também são divorciados. Ela mora com a mãe e o tio, seu padrinho. Não tem irmão, mas se sente bem sendo filha única. Também não tem contato com o pai.

Larissa, mora com a avó e a bisavó, o pai teve outra filha e morreu há 6 anos. A mãe de Larissa também tem outra filha. A partir dos olhares que buscavam entender sua dinâmica, Larissa relatou ter passado um momento de muita aflição. Um dia, dois homens chegaram em um carro, invadiram sua casa atirando em direção ao seu padrasto. Ainda que estivesse em perigo, ele tentou protegê-la e proteger sua esposa. Correram, se esconderam. Enquanto contava, começou a rir lembrando de um momento inusitado em que o padrasto agrediu um dos atiradores com uma vassoura. Apesar de bizarro, ninguém ficou ferido, mas muito assustados. Logo em seguida, a família precisou fugir da cidade e ela foi morar em Custódia com uma tia. A mãe, o padrasto e a sua irmãzinha foram morar na Bahia. Larissa diz que não tem contato com eles há dois anos. Conta que além da saudade e do sofrimento decorrente da situação, ainda sofre bullying, onde dizem que ela é tão insuportável que nem a mãe dela lhe quis. Acredita que as informações sobre o ocorrido se disseminaram porque na sua casa havia câmeras e as imagens do ocorrido foram midiaticizadas. Justificou que o padrasto era uma pessoa de coração bom, ao contrário de seu pai que quando era vivo agredia a esposa. Ela compartilhou outras vivências de violência, quando tinha 1 ano o pai tentou matar um colega, ele se fingiu de morto e sete anos depois o colega se vingou matando-o. Já o padrasto foi

envolvido em uma briga de família, era ex-detento, andava de tornozeleira eletrônica. Concluiu apontando para o paradoxo. O pai, visto como uma pessoa do bem, agredia a esposa, era violento também com a filha, não tinha afetividade, enquanto o padrasto julgado como bandido, era um homem de verdade dentro de casa. Ofereceu a ela a experiência de um pai afetivo e cuidadoso que nunca tinha tido. Por esse motivo, sente muito mais falta do padrasto do que do pai.

Enquanto Larissa estava falando, Eva estabeleceu conversas paralelas com Mariana e tentou conversar com a estagiária. Eva e Mariana seguiram cochichando, conversando e brincando. A pesquisadora precisou intervir, lembrando que é preciso ter respeito pelo espaço de fala de cada um e ainda pede que escutem o que Larissa tem a dizer por que ela está compartilhando uma vivência séria e íntima.

Eva escutou o que Larissa falou sobre as diferenças entre o pai e o padrasto e comentou que de maneira geral os filhos acham ruim quando os pais se separam, mas para ela, a separação está sendo vista como um alívio. Larissa relatou que seus pais chegaram a se separar e por ser criança, achava que era ruim, mas agora consegue entender que foi a melhor opção para todos. Seguiu dizendo que hoje sua relação dela com a avó é complicada, elas não se entendem, a avó reclama de tudo. Para Larissa a melhor fase da sua vida foi quando morava com o padrasto, a mãe e a irmã.

Maria Luiza chegou na conversação atrasada e a pesquisadora explicou que todos estão compartilhando suas vivências familiares. Ela considera que sua família é mais ou menos. Sua mãe engravidou quando seus pais ainda namoravam, não foi uma gestação planejada e ela nasceu. A mãe tem dois filhos mais velhos de um relacionamento anterior (23 e 24 anos). Hoje, ela mora com um tio porque não quis viver com a mãe, mas não convive bem com a da esposa dele.

A pesquisadora perguntou se a casa é um local onde eles se sentem bem. Todos responderam que sim, mas Maria Luiza completou, “O meu pai é muito tóxico porque ele bate na esposa dele, e em mim só bateu uma vez”. Eva diz que se sente bem depois que o pai saiu de casa.

Eva pediu para contar algo que aconteceu na sua rua. Começou relatando com muita empolgação que um homem entrou em uma residência e em seguida dois homens chegaram em uma moto, atiraram no rapaz recém-chegado em casa e fugiram. A esposa ficou pedindo ajuda para levá-lo ao hospital, mas ele já estava morto. Foi uma enorme agitação nas redondezas e em pouco tempo chegaram a polícia e o IML. Eva ficou impactada com a cena, e surpresa com a reação da esposa que não derramou nenhuma lágrima. Diz que o homem não

era ninguém, ninguém o conhecia. Para ela, a cena mais pesada foi quando o filho do rapaz saiu do carro e disse que não tinha mais pai. A pesquisadora pediu para Eva falar o que havia imaginado sobre o motivo da esposa não ter chorado, ela respondeu que achava que a esposa não gostava do marido e tinha se livrado dele.

Em seguida, a pesquisadora comentou que seus pais são separados e atualmente encontra o pai poucas vezes, eles moram em cidades diferentes, suas filhas convivem com suas novas irmãs como primas e estabeleceram uma relação saudável, depois de alguns anos de conflito. A fala da pesquisadora sobre seu pai, incentivou os participantes a falarem mais sobre suas vivências com seus familiares. Bruno disse que em sua casa ele é o culpado por tudo de ruim que acontece, tudo que some ou se perde é culpa dele, mesmo que ele não tenha feito nada. Larissa e Mariana compartilham da mesma sensação. Maria Luiza disse que sua mãe “está pouco ligando” para as reuniões que acontecem na escola, quem vai é a irmã e a escola agora nem liga para ela, mesmo quando precisa entrar em contato com seu responsável.

A pesquisadora faz uma ponte entre a maneira que Bruno se apresentou na primeira conversação, como “ladrão” e ser acusado sobre tudo que some em sua casa. Ele se defendeu dizendo que isso já passou. A pesquisadora confirma que percebeu uma diferença em sua postura ao longo desse tempo e perguntou o que lhe fez parar com os furtos. Ele contou que pensou na mãe, corrigiu-se e falou “madrasta”, e completou: *“Ela é a única que me ajeita, porque para meu pai eu já tô jogado no lixo”*, porém entende que já colocou o pai em muitas situações constrangedoras e que passou dos limites. A pesquisadora perguntou o que é “lhe ajeitar”, ele respondeu que a madrasta lhe dá dinheiro, se preocupa realmente com ele e comparece na escola quando é chamada.

Finalizamos a conversação e acertamos o próximo encontro, o último da pesquisa. Os participantes lamentam, pediram para continuar “até nas férias”. Acertamos que teríamos um lanche e um momento de fechamento. A pesquisadora reforçou que seria muito importante a presença de todos os participantes e pediu ajuda de quem estava presente para incentivar a participação dos demais. Instalou-se um clima de saudosismo e despedida.

1.1.9.1 Coleta dados digitais no período de 08 a 21/11/2023

Em uma foto, Ana adicionou a frase: *“queria dizer mil coisas, mas prefiro dizer ‘tá tudo bem’*,” sugerindo que, apesar de querer se expressar, ela prefere se manter calada. Em outra publicação, ela compartilhou a reflexão: *“o segredo é nunca esperar nada de ninguém, é melhor ser surpreendido do que criar expectativas”*. Ela também postou um vídeo sobre o

perdão, sugerindo que o ato de perdoar beneficia aquele que perdoa. Além disso, compartilhou um vídeo de uma mulher cantando uma música que aborda a dor de perder um amor, evidenciando sentimentos de perda ou desilusão.

Ana segue fazendo postagens para sinalizar seu vínculo próximo com sua amiga Bárbara, postando uma foto com o mesmo status e a mensagem: *“te amo bicha”*. Ela marcou Bárbara em um vídeo de animação sobre amizade, destacando o valor do relacionamento entre elas com a legenda: *“pov: amor de irmãs.”*

Compartilhou outro vídeo que fazia uma reflexão humorística sobre ter sobrevivido a vários eventos globais, como a pandemia de Covid-19 e outras crises que marcaram a vida dos adolescentes nos últimos anos, como baleia azul, fenômeno disseminado nas redes sociais. Ela também postou um vídeo de uma briga entre estudantes no ginásio, acompanhada da legenda: *“os mlk bota pra arrombar no ginásio”*, com esse vídeo é possível perceber a violência no cenário escolar, que foi um assunto recorrente durante as conversações.

Ela também compartilhou uma frase que aponta sobre a importância de valorizar a si mesma: *“Menina, deixe que vá. Quem não valoriza o seu lindo coração, certamente não merece ficar”*. A postagem aponta como se fosse o conselho de alguém que precisa lembrar o seu valor.

Ana entra no clima de despedida de sua turma da escola com uma selfie e a legenda: *“Vou sentir falta dessa turma”*, mostrando como se sente afetada pelos ciclos de mudança e despedidas. Além disso, ela repostou várias fotos que Bárbara a havia marcado, como uma montagem de momentos no shopping, reforçando mais uma vez a proximidade entre as duas amigas. Postou uma selfie no espelho, com pouca iluminação, de forma que seu rosto ficou camuflado.

Bárbara compartilhou um vídeo que mostra várias lâminas sendo recolhidas e colocadas dentro de uma caixa, escreveu: *“tchau minhas queridas, war is over”*. Em outras postagens ela demonstra grande afeto por sua amiga Ana, repostando uma publicação em que as duas estão com o mesmo status e escrevendo: *“também te amo minha preta”*. Esse vínculo é reforçado em várias postagens, como em uma *printscreen* de uma chamada de vídeo em grupo com Ana e outro amigo às 3h13 da madrugada, onde Bárbara comenta brincando: *“Olha a hora que eles querem conversar”*. Bárbara também se despede de sua turma com uma foto em preto e branco, onde um emoji cobre seu rosto, e a legenda: *“vou sentir falta dessa turma”*, repostando a publicação de Ana em que foi marcada. Em outra publicação, Ana se refere a Bárbara com uma mensagem de carinho: *“Ela é meu mundo, ela é meu lugar, minha casa, amo ela demais, e independente de tudo estarei com ela até meu último suspiro”*,

demonstrando um laço intenso entre as duas. Postou ainda uma montagem com quatro fotos suas e de Ana com a legenda: “*Nós construímos pontes indestrutíveis*” concluindo com “*te amo bicha*”.

Em uma outra postagem, Bárbara compartilhou bonequinhos e a legenda: “*tá querendo ficar comigo e não tá sabendo pedir? É só curtir esse STORY*”.

Bruno postou uma selfie com um amigo da escola, ele aparece normalmente na foto, enquanto o rosto do amigo está coberto por um emoji falando palavrão. Ele também postou um vídeo com dois rapazes brindando, acompanhado da mensagem: “*valorize os meus boa noite, durma bem, elogios; antes que se tornem: hm, ok, tá,*”. Seguindo com o mesmo conteúdo, postou outro vídeo com a seguinte mensagem: “*Aproveite minha personalidade engraçada, pois ela está sumindo aos poucos*”. As postagens indicam suas decepções amorosas agora com possibilidade de superação através da indiferença. Publicou um vídeo, que já havia sido postado por Ana, com uma pessoa usando uma máscara assustadora e a legenda: “*se me ver olhando para um ponto fixo não me tire de lá porque o ódio está me consumindo*”. Ele também compartilhou um vídeo que retrata duas situações como consequências de um amor vivido ou rechaçado: no plano A, um casal se encontra no aeroporto e cai no chão após um abraço empolgado, enquanto o plano B mostra um carro em alta velocidade.

Bruno ainda compartilhou um vídeo com a mensagem: “*Sou inimigo da minha mente. Penso em me matar*”, revelando sua luta interna com seus pensamentos, vontades.

Ele também repostou uma foto na piscina onde foi marcado, aparentando ser um momento com sua família.

Mariana compartilhou um vídeo de bonecos com a legenda: “*lerda e grossa*”, identificando-se com essas características. Postou fotos suas alteradas com filtros que deformam o rosto. Em outra postagem, ela usou um filtro de cachorro e brilho no rosto em uma selfie. Compartilhou um vídeo com uma selfie em que seu rosto não aparece, apenas o tronco, ao som da música “*até o amanhecer*”. Fica evidente suas estratégias para não mostrar partes do seu corpo que a incomodam. Ela continuou com vídeos de selfies suas, acompanhados de músicas, como: “*eu tenho consciência dos defeitos que ela tem, mas acho ela perfeita como ninguém...*”. Outras selfies mostram Mariana com filtros variados, como sardinhas, vaca, e brilho no rosto. Em mais algumas selfies no espelho, ela aparece usando *cropped*, novamente deixando o rosto de fora, mas enfatizando parte do corpo, mantendo o estilo que explora diferentes ângulos, mas ainda assim sem mostrar o rosto.

Em outra postagem, ela brincou sobre seu cupido ser “burro” por acertá-la, mas não flechar a pessoa amada. Mariana também compartilhou uma mensagem carinhosa para uma amiga, marcando-a em uma publicação sobre a continuidade da amizade e expressando seu afeto. Mariana participou de brincadeiras nos stories com as amigas, como também respondeu várias caixinhas de perguntas com pequenos desafios: *“Poste uma foto ou tenha 7 anos de azar”*.

Entre suas postagens, há também momentos familiares, como uma foto da formatura de sua mãe, cuja importância dessa conquista é destacada. Além disso, ela celebra o fim do ano letivo com uma montagem de quatro fotos de farda e diversos filtros, bem como uma mensagem escrita em um quadro escolar: *“Partiu 7º ano”*.

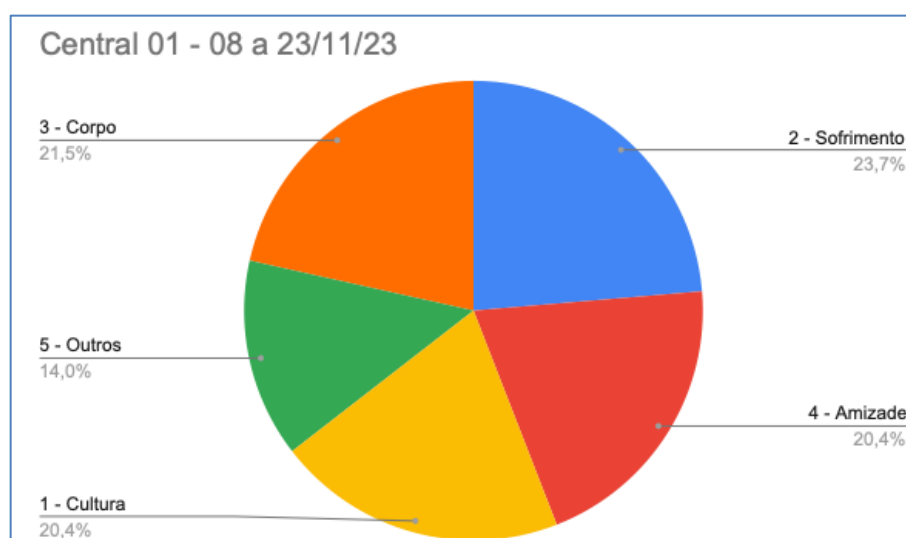
Larissa compartilhou uma mensagem em um painel de carro que diz: *“Passou rápido, mas marcou pra sempre”* sugerindo um evento significativo, ainda que passageiro. Larissa refletiu sobre a felicidade com uma mensagem: *“A responsabilidade da nossa felicidade é só nossa”*. Em uma selfie com uma camisa de futebol, ela escondeu o rosto. Compartilhou a mensagem: *“Alguns ciclos precisam de tempo, outros precisam de fim”*, sugerindo uma fase de mudanças ou encerramentos em sua vida. Em outra postagem, ela compartilhou a mensagem: *“Sou perturbado da cabeça ao ponto de não gostar de ser chamado pelo meu próprio nome”*. Traz um toque de humor ao postar um vídeo de uma moça dançando em casa, dizendo que essa é sua reação depois de ficar sem celular pela vigésima vez no ano. Essa é uma referência ao castigo imposto pelos pais de ficar sem celular, no caso de Larissa, é a avó quem a pune.

Larissa compartilhou momentos com amigos, como uma selfie em preto e branco com a legenda carinhosa e outra selfie com uma amiga da escola. Também postou um vídeo sinalizando que tende a recusar todos os convites para sair, neste um rapaz diz: *“Perguntei onde era o rolê que talvez ia comparecer”*, na sequência eles deram risada e falaram: *“Rick, logo você?”*. No vídeo, Larissa escreve: *“Rapunzel, logo você?”*, o trocadilho faz referência a um de seus apelidos porque seu cabelo é muito comprido. A postagem revelou sua evitação em sair de casa.

Larissa ainda mostrou seu lado descontraído em um vídeo de meninas dançando de óculos escuros e farda, com a legenda: *“Vocês não podem ignorar o 4º bimestre só porque já tem nota para passar de ano”* mostrando ser inteligente e reconhecida por ser alguém que tira boas notas. Ela ainda compartilhou selfies com partes do seu corpo, e uma delas é acompanhada da música de Tarcísio, com a legenda: *“Até teve sua boca na minha”*.

Eva publicou uma selfie do seu rosto camuflado por raios roxos e abriu uma caixinha de perguntas com a frase: “melhores momentos que a gente postou junta(o)s”. Em seguida compartilhou as respostas dos amigos sempre com clicks divertidos mostrando uma boa conexão com as pessoas ao seu redor e recordando os momentos engraçados em sala de aula. Eva ainda respondeu a uma caixinha sobre funk de 2017 com uma selfie onde seu rosto aparece deformado. E publicou a imagem da tela do seu celular que mostrava uma conversa com uma amiga onde prometem cuidar uma da outra mesmo à distância.

Segue gráfico com as postagens dos participantes nesse período por categoria:



1.1.10 Décima Conversação – 22/11/2023 – Atividade corpo e finalização

Neste dia, ao chamar os alunos nas salas, eles se juntavam ao grupo com palavras de lamentação por ser o último encontro. Maria Alice se surpreendeu com essa informação porque tinha faltado o encontro anterior e não sabia nem que teria um lanche, ficou constrangida por não ter trazido nada para contribuir e os demais alunos lhe tranquilizaram explicando que não precisava trazer. O clima, desde o início foi de saudosismo.

Na sala, a pesquisadora falou que aquela seria a última conversação, mas que antes de abrir espaço para cada um falar um pouco sobre como foi participar da pesquisa, gostaria de realizar uma atividade que havia realizado com os outros grupos e não tinha tido oportunidade de desenvolver com esse. Os participantes toparam, animados em prolongar o contato. A pesquisadora explicou que se tratava de uma atividade para refletirem sobre a maneira como se veem. As folhas foram distribuídas e foi explicado que eles poderiam escrever ou desenhar como se veem, como gostariam de ser e como se imaginam no futuro.

Enquanto todos desenhavam, Ana e Bárbara conversavam baixinho, aparentemente compartilhando segredos. Bárbara pediu que Ana lhe ajudasse desenhando como ela se via, ela passava as orientações e Ana desenhava.

Maria Alice foi a primeira a terminar e logo começou a explicar sobre seu desenho. Ela se via baixa, um pouco gordinha só na barriga, com óculos e cabelo bagunçado. Gostaria de ter o cabelo mais arrumado e ser um pouquinho mais alta. No futuro se imagina mais magra, e começa a explicar que em sua família existe o risco de ataque cardíaco, e por isso precisa emagrecer, frisa que não tem nada a ver com os padrões de beleza, somente por saúde mesmo, explicou: *“Aos 15 anos ou eu fico mais magra, ou provavelmente eu vou morrer até lá”*.

Gabriel confessou que ficou com vergonha de mostrar seu desenho depois que viu o de Maria Alice. A pesquisadora elogiou o desenho de Maria Alice e comentou que parecia uma personagem de anime. Maria Alice concordou e disparou a falar sobre diversos personagens. A pesquisadora esclareceu que a intenção da atividade era dar oportunidade para eles falarem como se veem e não avaliar a qualidade do desenho. Dessa maneira, tentou deixar os participantes à vontade para compartilhar suas produções.

Bruno pediu para falar sobre seu desenho. Se vê magro, um palito, gostaria de ser malhado e no futuro, rico. A pesquisadora perguntou como ele espera ficar rico e nesse momento Gabriel gritou: *“Roubando!”*. Bruno riu, mas discordou e respondeu que vai ficar rico trabalhando bastante e sendo bom seja lá no que fizer.

Gabriel explicou seu desenho dizendo que se acha normal, gostaria de ser mais forte e no futuro se imagina sendo *“maromba”*. O grupo achou engraçado.

Em seguida, Ana mostrou seu desenho, muito caprichado, e explicou que se vê sem corpo, bochechuda e com o cabelo horrível, olhos grandes. Nesse momento Maria Alice perguntou: *“Como sem corpo? Você é só uma cabeça flutuante?”* Ana ficou irritada com a pergunta de Maria Alice e seguiu explicando que se vê sem um corpo definido, ela gostaria de ser mais *“corpuda”*, ter os olhos mais fechados e pequenos e rosto simétrico. No futuro, quando estiver com 15 anos, quer estar com o corpão porque vai para a academia, concluiu: *“Enfim tia, quero ser linda”*. Maria Alice completou: *“Linda segundo a sociedade, né?”*

O grupo estava muito agitado, conversando enquanto os colegas tentavam explicar seus desenhos. Maria Alice começou a cantar, enquanto Vically e Maria Luiza tiravam selfies. Vically não quis falar sobre seu desenho, tampouco como se via. Gabriel fez uma piada sobre ela que a deixou envergonhada.

Eva compartilhou que o que gostaria mesmo era dar orgulho aos pais, mas sabe que é impossível porque eles sempre apontam defeitos em tudo que ela faz. No futuro, se vê formada em direito ou em medicina e trabalhando em seu consultório.

Mariana se vê magra, alta, com o corpo fino, ela queria ter mais corpo, e no futuro se vê com mais corpo e formada.

Maria Alice atrapalha a fala das colegas o tempo todo.

Ninguém mais quis falar sobre seus desenhos e a pesquisadora seguiu abrindo espaço para que compartilhassem como foi a experiência de participar do grupo para eles.

Ana começou dizendo que *“foram como uma segunda família”*, gostou muito da ajuda que recebeu da pesquisadora e que não queria que a equipe de pesquisa fosse embora.

Vically não gostou da participação de Maria Alice e gostou da atenção e do carinho, do amor e do respeito que recebeu da equipe.

Maria Alice disse que gostou das histórias interessantes, citou quando Bruno contou sobre o roubo e que se surpreendeu com Ana, pois achava que ela era muito segura e bem resolvida e percebeu que ela não é. Completou dizendo: *“Gostei do amor e carinho e não preciso ouvir grito”*. Falou a última frase olhando para Vically e outras pessoas que tinham sido grosseiras com ela.

Eva constatou que nunca se abriu tanto com outras pessoas. Compartilhou que tinha muitas crises de ansiedade causadas por problemas domésticos (brigas entre os pais). *“A pessoa mais importante da minha vida é meu irmão”*. Relatou que a pesquisadora um dia lhe encontrou na escola quando ela estava em uma crise de ansiedade, chorando e não foi simplesmente embora. Chamou para conversar, quis realmente entender o que estava acontecendo e falar naquele momento fez muita diferença. Sentiu-se acolhida.

Gabriel concordando com Maria Alice frisou ter gostado de saber das fofocas. Já Mariana gostou de poder desabafar. Nunca tinha nem pensado que falaria tanto de si na escola. Falou surpreendida: *“Logo na escola!”*.

Antonela gostaria que a pesquisa continuasse no próximo ano e Eva complementou dizendo que até lá já terão mais problemas e precisarão de novo do suporte do grupo.

Maria Alice falou estar se sentindo mais confiante. Comparou com o início dos encontros e acredita que ficou mais calada porque não sabia o que iriam pensar dela. Vically riu e disse que podia ter continuado quieta. A pesquisadora, ao contrário, comentou que todas as participações foram muito importantes e contribuíram uns com os outros.

Ana e Bárbara compartilham com o grupo que Ana vai mudar de escola. As duas se emocionaram e o grupo lamentou a saída de Ana.

A pesquisadora pontuou sobre este estar sendo um momento de despedida e também uma oportunidade para avaliar o que recebemos e entregamos ao grupo. Destacou que inicialmente o crachá era necessário porque a equipe não conhecia os participantes, mas gradativamente foram se conhecendo muito além do nome. Aproveitou para salientar características e qualidades dos participantes, como a sensibilidade de Ana, o acolhimento de Bruno, os comentários engraçados de Gabriel, a timidez de Antonela que apesar de caladinha, estava atenta ao que era abordado. E, por fim, como gesto de agradecimento, entregou uma lembrancinha personalizada para cada participante com seus nomes. Eles ficaram surpresos em receber um presente delicado e fizeram questão de tirar fotos, alguns disseram que nunca haviam recebido um presente com seu nome. Ana falou que sempre admirava a garrafinha de água da pesquisadora e jamais poderia imaginar que receberia uma igual.

Enquanto esperavam o lanche ser entregue pela padaria, os alunos tiraram fotos no bolo personalizado com a logomarca da pesquisa, fizeram fotos e vídeos entre eles. Maria Alice pediu para sair e voltou minutos depois com doces, sorvetes que distribuiu entre os colegas. Por fim, todos lancharam, agradeceram pela oportunidade de participar da pesquisa e pelo presente. Gabriel brincou dizendo que agora queria ver se os colegas ainda iam rir dele por participar do “grupinho”, chamando-o de “doido”. Gabriel achava que agora eles ficariam com inveja do lanche e da garrafa personalizada.

1.2 Grupo Central 02

O segundo grupo levado adiante na Escola Central iniciou as atividades duas semanas após o primeiro. Esse tempo foi necessário para convocar os alunos a integrarem a pesquisa e receber os documentos assinados por aqueles que aceitaram. Em determinado momento, tivemos um impasse sobre seguir ou não adiante com o grupo, pois havia alguns participantes na expectativa para começar as conversações, porém o número reduzido nos levou a insistir na convocação de mais alunos, pois já tínhamos a experiência com o grupo que estava em andamento ao qual nem todos os participantes puderam comparecer em todos os encontros.

Antes de avançar com o relato deste primeiro dia de coleta de dados, será apresentada uma tabela com o nome fictício dos participantes, idade, série e data dos encontros de conversações. Como legenda será utilizada a letra P significando presente na atividade, F para falta, A quando o participante não esteve presente por estar em atividade avaliativa para nota, D que desistiu de participar e ? para situações diversas cujas explicações serão feitas ao longo do detalhamento da conversação.

Nome/Idade	Série	01	02	03	04	05	06	07
Emília, 11	6º	P	P	P	P	P	P	P
Everton, 12	6º	P	F	P	P	P	P	A
Adriana, 11	6º	F	F	P	P	F	P	P
Silva, 11	6º	P	P	P	P	P	P	P
Hariel, 13	7º	P	P	P	P	A	A	P
Henrique, 12	7º	P	P	P	P	A	A	P
Neymar, 12	7º	P	P	P	P	A	P	P
Isabelle, 14	8º	P	P	F	P	D		
Cecília, 13	8º	A	P	P	P	P	P	A
Carlos, 14	8º	A	P	D				
Paulo, 14	9º	A	A	A	P	P	P	F
Aline, 15	9º	A	A	A	P	F	P	A
Manuela, 14	9º	P	A	A	P	F	P	A

1.2.1 Primeira Conversação – 21/09/2023 – Apresentação dos participantes

Chegamos na escola aproximadamente às 7:30h. Logo em seguida nos dirigimos às salas para convidar os alunos inscritos para participação no primeiro encontro do segundo grupo de conversação formado. Nesse encontro participaram oito adolescentes, quatro meninos e quatro meninas, que se mostraram atentos e abertos nas suas participações. Alguns participantes que haviam sido convidados e tinham entregado os documentos (TCLE/TALE), não puderam participar porque estavam fazendo prova (alunos do 9º ano) ou estavam em aula de revisão para prova e o professor resistiu para liberar.

Iniciamos a conversação às 08:10h, com a apresentação da equipe do projeto, e com informações a respeito de como se daria a dinâmica dos encontros, regras, questões relacionadas a respeito, sigilo e confidencialidade.

Foi proposta para apresentação dos participantes uma dinâmica com uma peteca, na qual a pessoa para quem a peteca fosse jogada deveria se apresentar. Cada participante recebeu um crachá para se identificar e usar durante as conversações. A peteca foi lançada para Henrique.

Henrique, 12 anos se apresentou dizendo gostar de ler, estudar e jogar no celular e no notebook, principalmente jogos de tiro, geralmente joga sozinho. Usa como redes sociais Instagram e Tik Tok. Jogou a peteca para Manuela.

Manuela, 14 anos, estudante do 9º ano, disse gostar de jogar bola, sair e dançar, falou que usa muito as redes sociais, principalmente o Instagram. Gosta muito de dançar vaquejada, inclusive costuma gravar e postar nas redes sociais. Às vezes grava e não posta. Expôs ter crises de ansiedade e de pânico, considerando-se uma pessoa explosiva e estressada, porém disse estar se cuidando melhor agora, pois antes se cortava. Citou que um dos professores a inspira e a ajudou a passar pelas crises de ansiedade ensinado técnicas de respiração. Disse se sentir bem no ambiente escolar na maior parte do tempo, tendo facilidade para fazer amizades, porém reconheceu suas dificuldades pedagógicas de tal forma que não acompanha a turma. Jogou a peteca para Neymar.

Neymar, 12 anos, gosta de andar de bicicleta, moto e carro, disse ter aprendido com o pai, citando ‘meu pai é doido igual eu’. Posta nas redes sociais coisas relacionadas a seus hobbies. Disse estar aprendendo a empinar.

Nesse momento Manuela disse também gostar de andar de moto e como “mochilinha” se referindo a prática de ficar na garupa de alguém que empina motos.

Neymar seguiu dizendo que sofreu um acidente de bicicleta sério, ao ir para a escola no qual quebrou os dentes, explicou: “*Cair de bicicleta ou de moto é normal para mim*”, depois desse acidente postou no Instagram dicas de segurança para servir de exemplo e alertar os outros para não sofrerem a mesma coisa.

Neymar e outro integrante do grupo, chamado Hariel, demonstraram ser amigos muito próximos. Neymar contou que todos os dias ao ir para escola, sai de casa no bairro da COHAB, e passa pelo bairro do IPSEP para pegar Hariel na sua bicicleta e irem juntos para a escola. Hariel disse que era o fotógrafo de Neymar que filmava e tirava fotos dele andando de bicicleta. Vários integrantes do grupo falaram sobre o hábito de andar de moto e bicicleta de forma recreativa e arriscada, usavam termos que eram desconhecidos para os pesquisadores (cultura partilhada pelos adolescentes dessa classe social?).

Em seguida, Neymar jogou a peteca para Isabelle.

Isabelle, 14 anos disse gostar de andar de moto e carro sozinha. E que a principal atividade quando está em casa “é só mexer no celular” vendo Instagram e Tik Tok. Disse ter muitas crises de ansiedade e nervoso “*Tive ontem e não vim para a escola*”. Foi questionado se nesses momentos de crise ela costumava usar as redes sociais, mas ela negou dizendo que se tranca no quarto e espera passar. Jogou a peteca para Hariel.

Hariel, 13 anos, gosta de jogar futebol, brincar, “*Fazer coisas legais*”, aprender coisas novas e conhecer pessoas. Quando perguntado se preferia conhecer pessoas online ou pessoalmente, respondeu que gosta de conhecer pessoas novas pessoalmente. A maneira como falou fez o grupo cair na risada porque ficou evidente uma intenção camuflada nesse “pessoalmente”.

Quando está em casa gosta de ficar mexendo no celular, gosta mais de rede social do que de jogos e usa o Instagram mais do que o Tik Tok, disse “*Postar coisas*”. Perguntado sobre o que postava respondeu que raramente postava, mas quando fazia eram coisas sobre si “*Sobre eu mesmo, coisas minhas, brincando*”. Não usa os melhores amigos, esclarece: “*O que posto é pra todo mundo*”.

Nesse momento Isabelle, expôs que gostava de usar a opção de melhores amigos e diz: “*Sou outra pessoa para os melhores amigos*”. Explica: “Para o público posto coisas da igreja, fotos minhas na igreja, já nos melhores amigos, posto vídeos dançando, rebolando”. Utiliza o recurso dos melhores amigos para evitar que esse conteúdo seja visto pela família e pelas pessoas da Igreja. Posta os vídeos rebolando porque gosta de receber elogios, principalmente aqueles mais “pesados”, mas ficou constrangida para nos explicar como são esses tipos de comentários. Isabelle também explicou que no TikTok posta somente para si, sem deixar seus vídeos acessíveis, são privados, mas inseridos na plataforma.

Perguntando ao grupo se eles também usavam a opção melhores amigos a maioria falou que sim, só não Hariel.

Hariel jogou a peteca para Everton, 12 anos, que falou gostar de mexer no celular, Instagram, sair, jogar, principalmente jogo de tiro. Em seguida a peteca foi jogada para Emília.

Emília, 11 anos, disse gostar de pintar, cozinhar, escutar música. Disse não gostar de usar muito redes sociais, mas usa Instagram. Compartilhou que estava sem redes sociais nos últimos dias, devido a um castigo que durou um mês, disse que se acostumou sem redes sociais e que começou a fazer outras coisas. Reconheceu que estava mesmo muito “viciada” e nos primeiros dias se sentia até perdida sem saber o que fazer para ocupar seu tempo. Aos pouquinhos foi se encontrando com outras atividades offline e se acostumando. Voltou a pintar, cozinhar, ouvir música. Apesar de ter ficado chateada com o castigo, acredita que foi uma boa experiência. Questionada sobre como está agora com o celular de volta, relata que tem usado menos do que antes do castigo, mas já percebe algo da ordem da necessidade de estar conectada.

Manuela disse que também já ficou muito tempo sem usar o celular, primeiro devido a um castigo de dois meses e por isso num surto de raiva o jogou na parede, ficando por volta de um ano sem celular. Disse que assim como Emília também começou a fazer outras coisas como sair mais, sair com os amigos, considerando que ficar sem celular acabou sendo uma boa experiência para ela.

Emília apontou que assim como Manuela também se considera estressada e frágil, segundo suas palavras: “Choro por tudo porque eu sou sensível. Às vezes tenho crises existenciais pensando sobre coisas do passado”. Disse ainda que a mãe é muito restritiva, e que é muito apegada ao pai, mas ele é separado da mãe e mora em outra cidade.

Emília jogou então a peteca para Silva, 11 anos, que afirmou gostar de mexer no celular e Instagram, olhar vídeos de outras pessoas, citou seguir Hytalo Santos.

Aproveitou-se para perguntar ao grupo se eles conheciam o influencer Hytalo Santos, a maioria afirmou que sim, dois disseram o seguir nas redes sociais, Emília não gosta mais dele, anteriormente o acompanhava, mas que começou a achar entediante.

Foi perguntado ao grupo se era “chato” estar na mesma rede social que a família, e muitos consentiram que sim. Isabelle disse ter bloqueado muitas pessoas da sua família, principalmente do lado paterno. Falaram que muitas vezes utilizam postagens como indireta.

A conversa foi finalizada, informando sobre a frequência dos encontros com o grupo. Eles foram convidados para uma foto, de modo a registrar o momento, todos se despediram e se dirigiram as suas respectivas turmas.

1.2.2 Segunda Conversação – 04/10/2023 – Posto, salvo, apago e ignoro

A equipe de pesquisa chegou à escola no horário em que os alunos ainda estavam no pátio principal, divididos em filas e se organizando para se dirigir para as salas de aula. Logo depois se encaminharam para a sala destinada para a pesquisa e dessa vez a vice coordenadora chamou os alunos em suas turmas e os levou para o grupo de conversação. Oito adolescentes estavam presentes, quatro meninos e quatro meninas, dois deles faltaram e outros dois novos participantes que não puderam estar presentes no anterior.

Iniciamos a roda de conversa com uma breve apresentação dos novos participantes e da proposta da pesquisa, assim como os acordos sobre sigilo, respeito ao próximo.

Carlos, 14 anos, disse utilizar o celular para assistir filmes e séries e que a rede social mais usada por ele é o Instagram.

Cecília, 13 anos, disse gostar de assistir e usar redes sociais, e concordou com Carlos sobre o Instagram ser sua rede favorita.

Como muitos disseram que gostam de assistir filme, foi perguntado se já haviam ido no cinema local e Hariel, Neymar e Emília responderam que sim.

Em seguida houve uma discussão sobre quem são as celebridades e produtores de conteúdo que eles preferem acompanhar nas suas redes sociais, Hariel, prefere seguir o jogador de futebol Neymar Jr e citou “*O direct dele é um cardápio*” se referindo à quantidade de mulheres que estão a sua disposição, comentou sobre a polêmica recente a respeito de uma traição envolvendo o jogador e partiu em sua defesa “*Ele é fiel, poderia trair mil vezes, mas não trai*”.

Falou também sobre o medo de ser hackeado e ter suas conversas privadas expostas. Os outros participantes concordaram e comentaram que isso é algo recorrente na escola e já aconteceu com alguns deles. Em seguida foi questionado quais seriam os desdobramentos de ter seu perfil nas redes sociais invadido. Everton e Emília responderam que seria normal, Neymar disse que ia sentir falta, já hackearam sua conta do Instagram e postaram “Eu sou veado” e teve que se explicar para toda sua família que perguntaram se aquilo era verdade.

Em continuidade, a pesquisadora interrogou acerca de se evitarem se expor nas redes sociais. Hariel evita postar print de conversas. Como só ele compartilhou, a pesquisadora perguntou ao grupo sobre a “Brincadeira do PPP”, porque havia visto nos stories e não entendeu do que se tratava. Eles explicaram que é uma brincadeira comum, uma abreviação para Pego, Penso ou Passo. Como eles gostaram de explicar sobre as brincadeiras, a pesquisadora perguntou o que era “OPN”, Neymar e Hariel esclareceram que é dar a opinião sincera sobre a pessoa que pergunta e Henrique alertou: quem participa dessa brincadeira precisa estar disposto a ouvir qualquer coisa.

Desta vez os outros participantes estavam mais tímidos e calados, então propusemos uma dinâmica para auxiliar na conversação. Foi entregue para eles uma folha, onde deveriam escrever sobre o que postam, salvam, apagam e ignoram em suas redes sociais.

Neymar, 12 anos, disse gostar de postar fotos dele, apagar “coisas bestas”, “o que não dá futuro para a minha vida”, salvar músicas de funk e vaquejada e ignorar “fotos e vídeos bestas”.

Isabelle, 14 anos, disse que posta fotos e vídeos dançando, frases sobre a vida e repostas fotos com os amigos. Costuma apagar fotos “sem necessidade” e com o menino que ela gosta, justificando: “*É melhor deixar em off*”. Em seu Instagram, salva frases, reflexões e contas de fanfics, citou que já tentou escrever fanfics também.

Henrique, 12 anos, gosta de postar fotos dele e de viagens. Apaga as fotos que acha feia e ignora “coisas desnecessárias, sem sentido e vídeos de dança”.

Cecília disse que posta fotos e vídeos dela e com os amigos, apaga fotos antigas ou feias, costuma salvar reels de músicas (forró) e ignora “coisas chatas” e stories.

Carlos posta músicas que ele gosta, citou a cantora Billie Eilish, disse apagar fotos dele, salvar memes e geralmente ignora vídeos longos.

Emília, 11 anos, disse que posta fotos dela sozinha e acompanhada dos amigos, apaga fotos desnecessárias e citou foto “zoada” dos amigos, salva frases e músicas e disse ignorar famosos como o jogador Neymar e a influencer Beca.

Silva, 11 anos, comentou que gosta de postar fotos dela em suas redes sociais e vídeos de músicas, geralmente forró ou funk, disse que não costuma apagar nenhuma publicação e ignora vídeos de cachorro.

Por fim, Hariel posta coisas sobre a sua vida, coisas engraçadas, indiretas, lugares e reels. Não costuma apagar nenhuma publicação, salva reels, vídeos de músicas, citou Mc Hariel, Mc Kevin e disse ignorar a Mc Pipokinha.

Ainda comentando sobre a forma que utilizam as redes sociais, a participante Emília falou a respeito de publicações que apareciam no seu Instagram sobre peso e emagrecimento, disse que já pesquisou sobre isso em momentos em que não se sentia bem com seu corpo e afirmou que postagens assim a influenciam. Silva concordou e comentou também sobre como se sente em relação a essas publicidades e disse “*Gostaria de mudar tudo no meu corpo*”.

Aproveitamos a fala de Silva para perguntar como os participantes se sentiam em relação ao corpo, a imagem. Neymar afirmou que gostaria de mudar sua aparência, disse que “*Eu queria mesmo era nascer de novo para ser igual a Hariel*”. O amigo que está ao seu lado ficou surpreso com o elogio e disse estar satisfeito com sua aparência e em tom de brincadeira falou: “*Só tenho a agradecer*”, comentou que foi mister estudantil no ano anterior e ficou “*famosinho*”.

Após concluirmos a conversa, a pesquisadora falou sobre a coleta de dados digitais através do acompanhamento das postagens. Eles aceitaram imediatamente e foi acordado que eles entrariam em contato com o perfil pedindo para seguir e se identificando como participante da pesquisa. Foram convidados para registrar o momento tirando uma foto, em seguida nos despedimos e eles voltaram para suas turmas.

1.2.2.1 Coleta de dados digitais no período de 04 a 17/10/2023

Hariel postou um vídeo em que um rapaz faz uma expressão de admiração em referência a uma moça, porém a descreve de forma genérica: *“Eu olhando para uma garota que o nome termina com A e tem o sorriso mais lindo que já vi”*. Compartilhou vídeos com alguns conselhos através de lições numeradas: *“Lição 119: O amor é mágico, porém mágica é apenas uma ilusão”*; *“Lição 449: Muitos falsos, poucos são amigos”*. Ele publicou uma selfie com um amigo, ambos fazendo o sinal de “legal”, e a legenda “irmãos”. Em uma selfie com raios rosas no rosto, ele refletiu sobre seguir a vida como pode, nem sempre estando forte e destacou a importância de se comparar apenas consigo mesmo.

Em uma foto, ele aparece andando e fazendo o sinal de “legal” em uma casa. Hariel também compartilhou uma selfie com um menino mais novo, possivelmente seu irmão, e fez uma homenagem a uma professora, desejando “Feliz Dia dos Professores” e mencionando que ela é a sua preferida. Em outra postagem, ele respondeu a uma caixinha de perguntas com a mensagem “curtiu, devo um abraço”, aparentemente referindo-se a um amigo.

Em um vídeo, Silva brincou com o contraste entre a expectativa das outras pessoas sobre ela gostar de romances e, na sequência, mostra vários filmes de terror. Postou uma foto de paisagem com música de fundo, a legenda reflete sua individualidade: *“Existe um monte, mas eu sou eu”*. Ela utilizou sua caixinha de perguntas de forma criativa, com respostas que são apenas letras maiúsculas, às vezes acompanhadas de emojis, sempre com música de fundo. Em outro vídeo com música em inglês, ela sugere que, se alguém estiver mal, pode chamá-la, e na sequência, postou selfies com uma amiga.

Silva também fez várias selfies. Uma delas responde à caixinha de perguntas com *“meus ralés”*. Outra selfie com uma amiga usando um filtro que deforma o rosto, e uma selfie no banheiro mostra apenas seu tronco e parte das pernas. Há várias selfies em que aparece do pescoço até as coxas, e em uma dessas, onde está de biquíni, a legenda diz: “postei e saí correndo”. Em um vídeo, ela brinca com a frase: *“Me? Obsessed by me? Yes, I am”*, mostrando várias selfies sem o rosto, focando em partes do corpo, até que no final revela seu rosto com um filtro de vaquinha.

Silva também compartilhou fotos de ambientes, como mesas e uma piscina, marcando a localização no Tunas Clube. Em outra selfie, ela cobriu o rosto com o celular e mostrou até abaixo da cintura. Em outra selfie ela usou o filtro de cachorrinha e comentou: *“dá pro gasto”*. Postou um vídeo com uma música que diz: *“agora são três da manhã e estou*

tentando te tirar da mente. Te liguei, mas você não atendeu. Só me atende quando está chapada”, escrevendo: *“minha preferida”*.

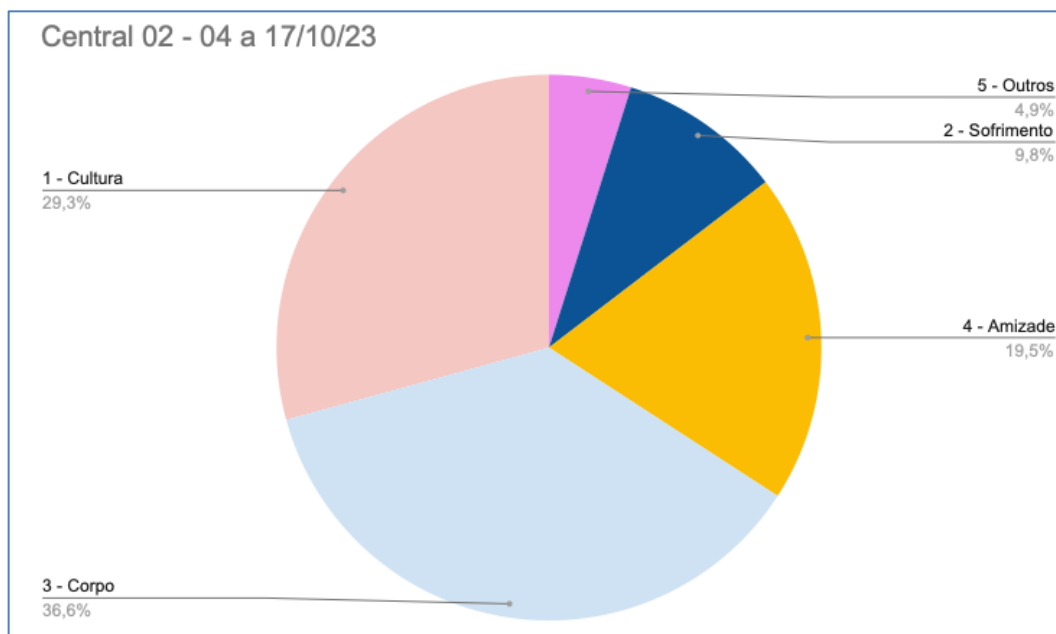
Neymar compartilhou uma foto de uma mesa em um clube, onde ele não aparece, mas a imagem parece registrar sua visão do local. A foto é acompanhada de uma música e uma legenda. Além disso, Neymar divulgou um evento de motocicletas em Serra Talhada. O evento é voltado para a geração 244.

Manuela repostou um vídeo em que aparece dançando forró com uma amiga e compartilhou uma foto sensual de costas, respondendo ao desafio da caixinha de perguntas com a provocação: *“uma de Tarciso ou 7 anos de azar”*. Em um vídeo, ela brincou com a frase: *“Falar que esqueceu é fácil. Quero ver tu parar de pegar o celular da tua mãe para ver meus stories”*. Manuela também publicou uma selfie com filtro de vaquinha e brilho no rosto, ao som da música *“me deixou louco de amor”*. Outra foto na beira da piscina mostrou ela ajeitando o cabelo, sem revelar o rosto. Fica evidente que Manuela segue a tendência de postar fotos que destacam partes do corpo, evitando mostrar o rosto sem filtro.

Em um vídeo, Manuela mostra um casal andando de moto, empinando e abrindo os braços, revelando seu interesse por condutas de risco. Comemorou o Dia das Crianças com um vídeo cuja dedicação foi feita para uma criança específica, escreveu: *“Você adora essa criança! Feliz Dia das Crianças, meu amor”*, seguido por várias fotos do pequeno ao seu lado. Em uma foto da sua própria infância, ela apareceu rindo no colo do pai, marcando-o e deixando claro o vínculo paterno.

Em uma selfie no espelho, Manuela usou um vestido preto curto, cobrindo o rosto com o celular, desta vez sem filtro. Nos stories, ela fez uma montagem com quatro selfies, focando apenas no rosto, com uso de filtro de maquiagem. Além disso, Manuela repostou um vídeo de uma conversa em grupo no WhatsApp, com a frase: *“Quando nós se junta, até o diabo corre”* e a legenda *“nós bota é furando”*. Ela também repostou um vídeo de uma amiga com a legenda *“meus melhores momentos em 2023”*, que inclui vários registros delas juntas, principalmente na escola.

Segue gráfico com as postagens dos participantes classificadas por categorias nesse período:



1.2.3 Terceira Conversação – 18/10/2023 – Atividade sobre o corpo

Neste dia, estiveram presentes oito adolescentes, dos quais tivemos a inclusão de uma nova integrante, Adriana, que tinha faltado aula nos últimos encontros. Duas integrantes faltaram, Manuela e Isabelle e o participante Carlos desistiu.

Inicialmente, portanto, o grupo começou com a nova integrante Adriana, sendo informada dos combinados que regem o grupo sobre sigilo e respeito ao espaço de fala dos colegas.

A conversação começou falando sobre o feriado da semana anterior. Alguns falaram que o feriado foi em referência ao “Dia das Crianças” e “Dia dos Professores”. Henrique esclareceu que o feriado é da padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, que foi encontrada no rio Tietê em São Paulo. Seguiu-se uma série de comentários sobre adorarem os feriados porque não tem aula.

Aproveitou-se a oportunidade para perguntar se eles tinham recebido presente no Dia das Crianças. Cecília disse que ganhou uma bota e um microfone, porém teve que dar aos irmãos. Ganhou no evento que aconteceu na praça da cidade. Cecília contou que tinha cinco irmãos por parte de pai e oito por parte de mãe. Nesse momento, Hariel perguntou se eles (os pais de Cecília) não tinham o que fazer, a pesquisadora fez um corte em sua fala, reforçando o respeito à fala da colega.

Em seguida, foi perguntado o que gostam de fazer nos finais de semana, feriado. Emília disse não estar gostando de sair, “*Sair para ficar sozinha*”? Depois esclareceu que gosta muito de sair, mas sua mãe não deixa, ainda mais sozinha, prefere que ela saia com amigos.

Cecília falou que diferente de Emília gosta de sair sozinha, porém está ficando mais trancada dentro de casa, pois os pais não a deixam sair como ela gostaria. Silva disse que gosta de sair para a praça e vai até sozinha.

Perguntou-se se eles se consideram criança. Silva discordou e Hariel explicou que depois de ter feito 13 anos deixou de ser criança e agora é adulto. Silva não quis explicar por que não se considerava mais criança.

Adriana disse que só se deixa de ser criança quando vira adulto e que ainda se considera criança. Neymar disse que tem hora que é adulto e tem horas que é criança, no momento adulto fica mais sério, no momento criança brinca mais.

Nesse momento percebeu-se a dificuldade deles de se definirem em relação a fase de vida que se encontram. Sendo assim, perguntou-se se eles se sentiam perdidos em relação a fase de vida, ao corpo.

Emília falou que se sentia diferente, por exemplo, percebe que está mais alta. Os outros não citaram nenhuma outra mudança, aparentemente não ficaram confortáveis em citar as transformações no corpo.

A pesquisadora comentou que essa dúvida entre “criança” e “adulto” podia soar como fases muito diferentes e perguntou: “Já ouviram falar em puberdade? Em seguida, explicou um pouco sobre como essa fase de transição entre criança e adulto, pode ser confusa e conturbada.

Hariel falou que sente um aumento de responsabilidades. O grupo, porém, não se colocou e nem desenvolveu a questão. Nesse momento, devido à dificuldade de se manter e aprofundar a conversa e os pontos que eram trazidos, a pesquisadora propôs uma atividade para que o grupo se engajasse mais.

A atividade proposta consistiu em três quadros distribuídos em uma folha, nos quais o primeiro perguntava “Como eu me vejo”? O segundo “Como eu gostaria de ser? “, e o terceiro “Como me imagino aos 20 anos”?

Nesses quadros eles poderiam desenhar ou escrever buscando responder às perguntas.

Enquanto respondiam o participante Henrique mostrou-se preocupado em voltar para sala, pois segundo ele e os seus colegas Neymar e Hariel a professora é muito exigente, e não

gostava da ideia de liberá-los para o grupo. De tal forma que Henrique respondeu a sua atividade, entregou e voltou para a sala de aula.

Neymar não gostou de Henrique ter saído da conversação para voltar à sala de aula e explicou que a professora devia pensar no bem-estar dos alunos e não colocar obstáculos para os liberarem para esta atividade. Ela deveria pensar que os alunos enfrentam dificuldades, podem não estar “bem da mente” e nesse caso o grupo pode ajudar.

A pesquisadora sentou-se perto dele para ouvi-lo melhor e perguntou se ele estava bem da mente. Ele respondeu que no momento sim, mas que já tinha passado por muita “merda”, em um momento que estava brigado com a família, “*Pra mim eu tava certo em tudo, não era errado em nada*”. Além disso disse que quase entra em depressão, pois na escola também estava sofrendo bullying, “*Me chamavam de fofão*”. O que lhe ajudou a não desmoronar foi fazer amigos como Hariel, que estuda na mesma sala. Quando estava passando por essa fase chegou a pensar em se matar, explicou: “*Quase ia fazendo merda, me jogando de bicicleta em frente a uma carreta*”. A pesquisadora perguntou como ele foi saindo dessa fase e ele falou sobre as amizades terem sido importantes para não se sentir sozinho, como também para lhe defender na escola. Neymar e Hariel decidiram permanecer na conversação, apesar da professora por perceberem a riqueza desse momento no ambiente escolar. Hariel, apesar da sua postura mais brincalhona, disse que somente ali no grupo os alunos eram escutados.

Aproveitando o compartilhamento íntimo de Neymar, a pesquisadora falou sobre o movimento da vida, em que há momentos mais difíceis e desafiadores, tanto que é possível pensar que não vai ter saída. Mas a própria vida recupera seu ritmo, aos pouquinhos se reorganiza. Pontuou sobre a importância dos laços e amizades no momento da adolescência, quando os conflitos com os pais tendem a aumentar e os amigos podem ser abrigo e suporte.

Em seguida, os participantes começaram a falar sobre suas atividades.

Emília iniciou dizendo que se vê como normal, mas gostaria de ser mais alta e mais magra e com cabelo curto. A pesquisadora perguntou o que seria normal. Entretanto, ela não soube explicar. Sobre como se imagina aos 20 anos, não faz ideia, considera tão distante que não consegue se imaginar. Depois verificamos que na folha da atividade ela escreveu: “*Se eu ainda estiver viva*”, denunciando sua dúvida sobre a continuidade da vida.

A dinâmica seguiu com a peteca, quem terminava de falar deveria jogar para o próximo participante. Emília jogou a peteca para Hariel.

Hariel disse que se via como “normal”. Nesse momento a pesquisadora, de maneira descontraída proibiu o uso da palavra “normal”, alegando que assim todo mundo iria copiar

Emília e normal não quer dizer nada porque o normal para um é diferente para outro. Hariel então mostrou o desenho, disse que se vê como humano, como simples, tentando palavras alternativas para continuar sem explicar. Seguiu dizendo que gostaria de ser como uma pessoa que admira, Xolo Maridueña, um ator norte americano, e que aos 20 anos se vê grande e só.

Hariel jogou a peteca para Neymar, que disse se ver como feio, horrível e burro, que gostaria de ser bonito e inteligente e mas que aos 20 anos se imagina feio do mesmo jeito, só que com uma boa profissão. A pesquisadora pediu que ele falasse mais sobre ser feio, se tinha alguma parte do corpo que gostava. Neymar falou apenas que já ouviu muitas vezes as pessoas lhe chamando de feio e entendeu que isso é um fato. A pesquisadora perguntou se ele se parecia com alguém da sua família. Ele se considera parecido com o pai, explica que até as pessoas na rua dizem: *“Esse menino é a cara do pai”*. Então, a pesquisadora perguntou o que ele achava de seu pai, ele não reconheceu o pai como feio e completou: *“Pareço com meu pai, mas ele é bonito e eu não”*. Voltou a falar que gostaria de ser como Hariel, colega a quem ele sempre elogia a beleza e se compara. A pesquisadora perguntou o que ele admirava em Hariel e no que gostaria de ser parecido com ele. Neymar respondeu: *“Tudo, a cor da pele, o cabelo, o corpo, o rosto”*. A pesquisadora ressaltou que assim ele deixaria de ser ele e que há uma beleza na diferença entre as pessoas. Como ele também se nomeou como “Burro”, a pesquisadora perguntou sobre esse aspecto, ele respondeu: *“As pessoas dizem que sou bom, sabido, mas pra mim não sou”*. A pesquisadora retrucou dizendo que ele está sendo muito duro consigo. Ele riu envergonhado e lançou a peteca para Cecília.

Cecília disse se considerar como uma garota bonita, mas gostaria de ser inteligente e mais bonita e em como se imagina aos 20 anos, mostrou o desenho, no qual havia feito uma mulher com o corpo curvilíneo, mais feminino quando comparados aos desenhos anteriores.

Perguntou-se se eles usavam filtros no Instagram, Cecília disse que usava e que os filtros serviam: *“Pra o que for deformado ficar mais bonito”*, falou ainda que usava filtros para clarear o rosto. Emília disse que usava filtros que alteravam as paisagens, não usava filtro com maquiagem a não ser para lhe dar sardas.

Cecília jogou a peteca para Adriana que disse se ver como burra, feia, baixa e muito magra, gostaria de ser bonita, esperta e alta e que aos 20 anos parece tão distante que não sabe como se imaginar.

Adriana jogou a peteca para Silva que disse se ver como “ridícula, estúpida, demônio” e outras coisas que não conseguiram ser ouvidas. A pesquisadora perguntou se alguém já lhe havia dito essas coisas e ela disse que escuta isso da irmã e que concorda por que é mesmo tudo isso. Disse que era deformada em tudo, que não gosta do cabelo e nem do seu rosto,

porém demonstrou na fala que gosta do seu corpo. Sobre como deseja ser disse que gostaria de ter uma aparência boa e ser inteligente. Emília disse a Silva que a achava bonita, e inclusive o cabelo dela era mais bonito que o seu. Emília adotou uma postura empática com Silva e as duas conversaram um pouco.

Silva jogou a peteca para Everton, que disse se ver como uma criança pequena, meio maluco, meio burro e meio inteligente, gostaria de ser “mais grande”, mais maluco e mais inteligente e que aos 20 anos se imagina ainda pequeno, mas com uma boa profissão e mais inteligente.

Em seguida, a pesquisadora concluiu a conversação, pontuando que tinha considerado o grupo disperso. Pediu um feedback sobre as conversações, eles pontuaram estar gostando bastante e queriam continuar. Neymar esclareceu que às vezes o grupo fica mais calado e quieto porque “*Dá vergonha de falar*”. Após esse momento, tirou-se uma foto do grupo e os adolescentes voltaram para a sala.

A pesquisadora pediu para falar com Hariel, dizendo que tinha percebido que ele é brincalhão, tem muita leveza para abordar os assuntos, mas que às vezes é necessário ter mais respeito pelo que os colegas estão dizendo. Ele concordou, falou que já havia sido chamado atenção por professores, sabe que atrapalha muito as aulas e que tinha percebido que havia sido “chato”, no sentido de inconveniente. A pesquisadora pontuou que a participação dele era muito importante que Neymar tinha até destacado o quanto a amizade com ele tinha sido fonte de vida, então esperava por ele no encontro seguinte.

Por fim, a equipe se reuniu para discutir o que acharam do encontro e discutir alguns pontos importantes sobre a falta de coesão do grupo, eles ainda não estão em sintonia. Percebemos que havia alguns “grupinhos” e por isso estavam ainda constrangidos para falarem. Falou-se sobre Neymar e como suas falas tinham um tom depressivo, seu mal-estar atrelado à negritude e seu desejo de se embranquecer, parecer com Hariel.

1.2.3.1 Coleta de dados digitais no período de 18 a 24/10/2023

Hariel postou um vídeo que mostra uma moça com a mensagem: “*tá muito viciada nesse celular*”, seguida da frase: “*o vício não é o celular, é a pessoa do outro lado da tela*”. Ele respondeu ao desafio: “*Uma foto de bota ou 10 anos de azar*”. Outra postagem foi um vídeo onde apareceu em uma selfie com raios violetas no rosto. Além disso, Hariel publicou dois vídeos no TikTok, ambos são selfies, mantendo o foco em si mesmo, sem distorcer seu rosto através de filtros.

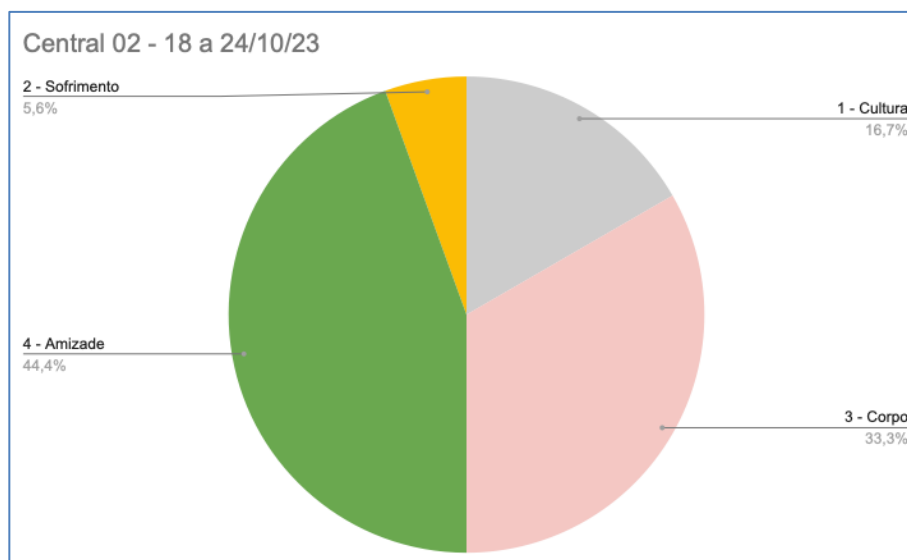
Silva compartilhou diversas selfies, sempre com filtros para que não apareça seu rosto tal como ele é, frequentemente sua selfies são com amigas e com legendas bem-humoradas que revelam sua insatisfação com a imagem de forma jocosa. Em uma foto desfocada, sem mostrar o rosto, aparece a legenda “*de um dia ótimo*” e música de Mc Don Juan. Em seguida, postou uma foto de uma paisagem e uma selfie com a farda e filtro de cachorro, com a legenda: “*Mds kkkk*”. Outra selfie com uma amiga, onde seu rosto está cortado e a amiga aparece em primeiro plano com mais destaque, acompanhada da legenda: “*com essa feiosa de volta*”. Em uma outra selfie, com outra amiga, ela escreveu: “*@XX mais a maninha puta*”. O “mais” nessa frase é uma linguagem coloquial local, para dizer que está com alguém.

Silva também repostou uma foto em que aparece com mais duas meninas sentadas na cama, e publicou outra foto com amigas na rua, em que a luz incide sob o rosto deixando a imagem sem nitidez. Postou um vídeo no qual dois adolescentes aparecem vestidos de preto com a legenda: “*eita depressivos*”. Ela também fez uma homenagem de aniversário a uma amiga, chamando-a de irmã, em uma foto em que a amiga cobre o rosto com a mão.

Em outras selfies compartilhadas, Silva está no banheiro sem mostrar o rosto, e outra com três meninas sentadas na cama, todas com a mão no rosto, com a legenda “*com as gatas*”. Há também uma selfie com outra menina, onde seu rosto aparece mais e a amiga é vista apenas do pescoço para baixo. Mais fotos mostram Silva na cama com duas meninas, focando mais no seu rosto e com a legenda: “*esquece boy*”. Em outra selfie, ela aparece do pescoço para baixo com a legenda: “*bem sides*”.

Emília postou uma foto de um desenho de um braço como se estivesse recebendo transfusão de sangue, com a legenda: “*Mano, real, eu! Palavrões toda hora. Não adianta está no sangue*”.

Segue gráfico com as postagens dos participantes classificadas por categorias nesse período:



1.2.4 Quarta Conversação – 25/10/2023 – “Bullying para expor e ridicularizar o outro”

O encontro contou com a participação de todos os integrantes do grupo. Inclusive Aline e Paulo, alunos do 9º ano, que ainda não tinham conseguido participar por estarem envolvidos em atividades escolares. Eles começaram se apresentando e foram compartilhadas as duas regras do grupo: 1. Toda e qualquer informação exposta por eles deverão ser mantidas em sigilo entre os integrantes; 2. Ninguém é obrigado a falar, mas todos precisam respeitar o espaço de fala do colega.

A pesquisadora iniciou a conversação trazendo à tona a fala de Neymar sobre ter passado por situações de bullying na escola e como isso teve um impacto negativo em um momento que ele já estava fragilizado. Sendo assim, a pesquisadora explicou um pouco sobre bullying e cyberbullying, termos como “vítima”, “agressor”, “plateia” e expôs um exemplo para abordar a temática. Em seguida provocou o grupo com algumas questões disparadoras. Eles começaram falando que o bullying acontece na escola, na rua e em casa. A pesquisadora aproveitou o último exemplo para enfatizar a agressão que ocorre entre irmãos e suas sérias consequências.

Apesar das questões propostas, o grupo nada dizia. Sendo assim, a pesquisadora mudou a abordagem e perguntou qual seria a forma mais eficaz de combater o bullying. Emília acredita que a forma mais eficaz é falar com os pais, diretor ou pessoas responsáveis sobre a situação. Manuela apontou que conversar com quem pratica o bullying também era uma boa opção.

Como os integrantes do grupo se mostraram tímidos e retraídos para a discussão, foi proposta uma atividade que consistia em entregar uma folha de papel com a imagem de um celular e um espaço em branco para que anotassem o que seria bullying e cyberbullying.

Everton compartilhou que bullying seria xingar alguém. A pesquisadora o indaga se ele já sofreu bullying e ele respondeu que não, mas já xingou amigos na brincadeira. Sendo assim, a pesquisadora pergunta se existe diferença entre bullying e xingamentos. Eles não conseguem responder, mas trazem exemplos de xingamentos frequentes na escola: gordo, girafa, “tomar no cu!”.

Neymar disse ser comum bullying na escola porque uns querem “ser mais” que os outros. Aproveitando a fala de Neymar, a pesquisadora questiona se praticar bullying faz o agressor se sentir bem. Manuela concorda, acha que o agressor se sente bem, superior ao outro. Segue sua colocação compartilhando uma situação vivenciada na escola, em que um colega falou mal dela e de suas amigas e um grande conflito se instalou. Os comentários

maldosos versavam sobre as falhas do corpo das garotas, sobre o cabelo, peso. A situação saiu do espaço escolar e avançou para “indiretas” nas redes sociais. Para Manuela a protagonista dessa maldade quer ser mais que os outros e quer “destruir” a imagem das meninas: “*Ela quer ser mais do que nós*”. A pesquisadora pergunta o que Manuela faz para se proteger e ela responde que já tentou conversar com a menina, mas a confusão só aumentou.

Paulo compreende bullying como comentários maldosos. A pesquisadora trouxe um exemplo que aconteceu em sua infância, onde foi repetidamente motivo de chacota e brincadeiras inconvenientes por causa do seu sobrenome. À princípio, os comentários lhe machucavam e precisou de um tempo para aprender a driblá-los. Recentemente, esteve em uma escola e ao se apresentar percebeu o zumzumzum entre os alunos, até que um deles se levantou e fez um comentário desrespeitoso. Em seguida, indagou o grupo sobre o que leva as pessoas a fazerem bullying. Manuela acha que esses comentários partem de brincadeiras com finalidade de expor e ridicularizar o outro. A pesquisadora perguntou se além de terem sido alvo desses comentários, se alguém já esteve no lugar de quem fazia esses comentários. Apenas Hariel se acusou, mas não quis desenvolver o assunto.

Emília associou bullying à agressão verbal e Hariel concordou dizendo que na sua sala os comentários versavam sobre aparência, jeito de se comportar.

A pesquisadora perguntou o que parecia ter efeitos mais negativos para os adolescentes: o bullying que acontece no ambiente escolar, na rua, em casa ou aquele que se passa online. Hariel responde prontamente que o cyberbullying tem mais efeito, porque ele tem um maior potencial de expor a vítima. Aline compartilha a informação de que o cyberbullying pode levar ao suicídio e que já ouviu um caso que teve esse desfecho. Emília compartilha já ter sido vítima de agressões verbais e que fizeram uma figurinha dela, deixando-a constrangida.

Silva disse ser comum as pessoas “morenas” serem chamadas de “macaco”.

Manuela fala que sofre bullying até hoje e acha desnecessário; e ainda relata que uma vez brigou na escola porque foi defender a menina que estava sofrendo bullying: “*Parti logo pra porrada*”.

1.2.4.1 Coleta de dados digitais no período de 25/10/2023 até 31/10/2023

Hariel compartilhou um vídeo com as meninas na escola imitando Joelma dançando. Em resposta ao desafio de uma caixinha de perguntas, ele postou uma foto de uma cesta de basquete pontuando e escreveu: “*coloca aí os teus amigos que tu leva no emoji de coração*”.

Hariel também publicou selfies, uma delas sem camisa na qual além de só aparecer metade do seu rosto, ele ainda está coberto por uma figurinha. Outra selfie mostra seu rosto com um filtro de vaca e brilho e a imagem ainda aparece sem nitidez. Em outra foto, a imagem ficou bem escura, parecendo uma sombra, somente aparecendo o símbolo da Nike em sua camisa.

Além disso, Hariel fez uma montagem de quatro fotos de um bebê, com a legenda: “desde pequeno 244 kkkk”. Ele também compartilhou uma selfie com um raio no rosto, acompanhada da música “Corpo e Alma”, e uma foto de um bebê.

Silva compartilhou várias selfies, muitas vezes com filtros divertidos. Em uma delas, usou o filtro de cachorro, enquanto em outra respondeu a uma caixinha de perguntas, mencionando amigos especiais, novamente com o filtro de cachorro e o rosto desfocado.

Ela também postou uma foto respondendo à questão “Desde que eu era criança tenho pensamentos sombrios”, com a resposta “Concordo”. Em um vídeo, Silva reuniu selfies na frente do espelho, todas são imagens que ela já havia compartilhado antes. Além disso, há várias selfies mostrando apenas parte de seu corpo, do tórax até o início da coxa, incluindo uma com a música “*sex, drugs, etc*” e a legenda “*só pq gostei*”.

Silva compartilhou outra selfie com um filtro que deforma o rosto, deixando os olhos e a boca enormes, com a legenda: “*aieee que linda... MDS kakakakaka*” e um trecho de uma música que diz: “*essas são as meninas que os meninos gostam*”. Ela também publicou um vídeo com cartas de personagens de anime, e outra selfie em que aparece com a farda da escola, filtro de cachorro e brilho no rosto, ao som da música: “*Ritmadinha trajando de lacoste*”. Além de outro vídeo que mostra suas fotos sempre em estilo selfie, com partes do corpo (do tórax até a coxa).

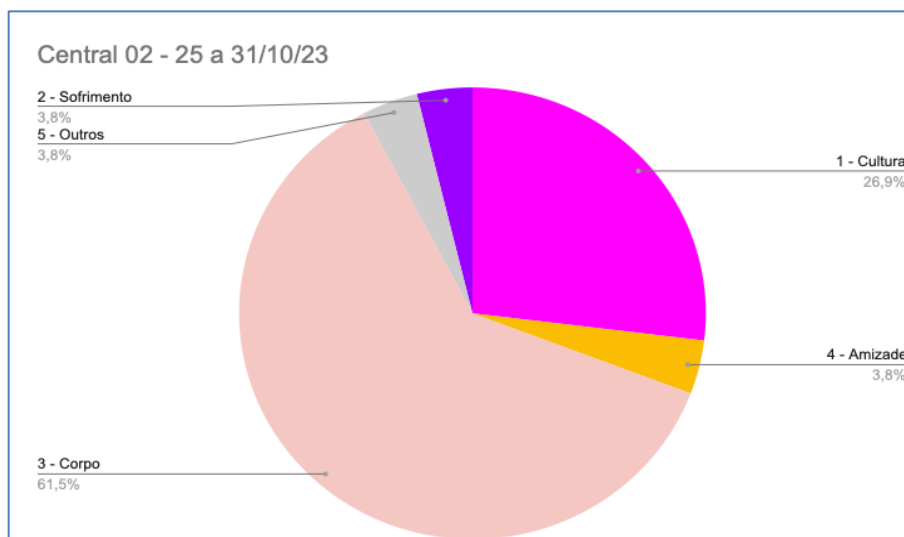
Emília compartilhou uma selfie no espelho destacando o horário que foi clicada, às 23h, e o celular foi usado para cobrir seu rosto. Outra selfie mostrou seu rosto com um filtro cheio de beijos vermelhos, enquanto o espelho ao fundo revela seu cabelo de costas. Além disso, Emília publicou um vídeo de um trecho de um filme de terror que mostra um boneco lilás com olhos acesos.

Neymar compartilhou um vídeo do evento de motos.

Isabelle postou uma selfie com filtro de vaca e em uma pose sensual, apenas para os melhores amigos.

Paulo compartilhou uma foto dele de costas tirada por alguém enquanto jogava futebol e uma foto de Messi com um prêmio.

Segue gráfico com as postagens dos participantes classificadas por categorias nesse período:



1.2.5 Quinta Conversação – 01/11/2023 – Da desistência ao engajamento

O encontro desse dia contou com a participação de apenas cinco participantes. Boa parte dos adolescentes não pôde comparecer ao grupo devido ao envolvimento com outras atividades da escola ou simplesmente porque faltaram no dia.

Devido às faltas, a sala estava mais vazia e Everton falou sobre a sensação de que os colegas estavam desistindo ou pensando em desistir. Emília falou que estava considerando desistir de vir por que “todo mundo está querendo sair”. Então percebeu-se que parte dos adolescentes estava desmotivado para participar da pesquisa e que quando um demonstra desinteresse afeta a motivação dos outros. Cecília, em contrapartida, demonstrou querer continuar no grupo, de tal forma que os participantes que estavam presentes concordaram. A pesquisadora falou que a equipe estava ali muito interessada em dialogar com eles, mas reforçou que a participação é livre e, caso quisessem, poderiam desistir, inclusive sem precisar justificar. Reforçando a liberdade na participação, os adolescentes ficaram mais à vontade e permaneceram.

Em seguida, foi perguntado o que eles iriam fazer no feriado. Paulo e Everton disseram que iriam jogar bola. Everton contou que costuma sair para jogar bola em diversos lugares e costuma jogar no SESC com seu pai.

Henrique contou que no dia anterior teve uma festa de Halloween na escola e que foi horrível, foram surpreendidos com alunos bebendo e fumando. Cecília falou que não foi

porque é da igreja e seu pai não deixou, até já participou de outras festas, mas que na sua Igreja o Halloween é considerado o “aniversário do diabo”. Emília compartilhou ter ouvido que se trata de uma “seita satânica”. Para Everton, o Halloween é mais uma festa boba. Emília disse que é um dos dias que as pessoas mais gostam de ir para a escola e que considera uma “festa comum”.

Paulo falou que todas as festas do colégio são ruins, criticou o horário, das 16h às 20h. Emília falou que foi chato porque não podia fazer nada e que tinham que pagar por tudo, até pelo refrigerante. Porém citou que tinha pessoas bebendo uma bebida chamada “safadão” e que tinha bebido energético. Silva falou que tinha um pouco de cerveja no energético. Paulo disse que não bebe e Emília contou que encontraram camisinhas usadas no banheiro.

Em algum momento, Silva e Emília deram a entender que tinham beijado nessa festa, mas depois disfarçaram. Falaram de uma brincadeira que os adolescentes fizeram na festa e que costumam fazer também na escola chamada beijo ou tapa. Emília falou que as meninas aceitam mais beijos do que os meninos. Paulo considera a brincadeira muito besta e, portanto, não participava. Completou dizendo que as meninas do 6º ano são sem futuro “*Que nem a tal de Vicaelly*” considera ela horrível, mas ela “*Se acha a última bolacha do pacote e quer ser melhor que todo mundo*”. Citou que não participava dessas brincadeiras e que tinha uma namorada que não estudava na Escola Central.

Falaram que nessa festa também entraram pessoas de fora, Paulo explicou que as pessoas de fora costumavam usar drogas. A pesquisadora perguntou se alguém havia oferecido drogas para eles, mas todos negaram. Perguntou-se também se eles foram fantasiados, Silva foi fantasiada de coelhinha e roupa preta e Emília se vestiu de Bruxa, Henrique e Everton foram vestidos de roupa normal.

Sobre o Halloween Paulo continuou dizendo: “*Ano passado foi bom porque tinha uma galera melhor*”. Continuou dizendo: “*Odeio o povo da minha turma, povo idiota, leso*”. Ao ser solicitado que explicasse por que pensa assim, justificou contando que eles colocaram cola na cadeira de uma professora. Silva disse que eles não gostam dessa professora, Emília a considera muito chata, insuportável. Para Paulo, a professora é “bestinha” e não sabe se defender, por isso os alunos mexiam com ela, resume: “*Ela é um saco de pancada para os alunos*”. Everton disse que na sua sala ninguém a respeita, Emília disse que na dela era do mesmo jeito. Paulo acredita que talvez o melhor para a professora seria ir embora. Nesse momento, a pesquisadora buscou refletir com eles sobre a situação de bullying.

Sobre o bullying Silva disse: “Comigo fazem pior”. Nesse momento, Silva e Emília pediram para ir ao banheiro. Alguém citou um outro menino, Alex que sofre bullying

constantemente. Falaram que ele apanha dos outros meninos e vive roxo, cheio de hematomas. Cecília reage e disse que ele apanhava por que queria, segundo suas palavras: “Apanha por que gosta”, pois Alex continua procurando a companhia desses meninos que o agredem, senta perto deles, passa o intervalo juntos.

Paulo citou novamente Vicaelly dizendo que ela apronta muito e que há poucos dias tinha jogado um menino da escada, além disso jogou uma rã no bebedouro coletivo. Mostrou sua indignação pela ausência de punição para ela, comparando consigo que já tinha sido suspenso porque um dia no jogo de futebol levou um chute de um jogador e reagiu “partindo pra cima”. Apesar da suspensão, não se arrependeu, porque foi ensinado pelo irmão que deve revidar se for machucado. O irmão completa a lição com uma ameaça: “Se apanhar na escola e chegar em casa apanhado, apanha aqui também para aprender a se defender”. Seguiu explicando que é o caçula, porém se considera o que tem “mais visão”, dando a entender que seria o mais responsável.

Sobre o seu irmão, explicou que é como um pai, fazem muitas coisas juntos, compram roupas, saem etc. Perguntado sobre o pai, justificou que ele é muito rígido, mas concorda com as regras impostas. O pai explica os comportamentos certos e errados, mas lhe dá liberdade para fazer suas escolhas.

Seguindo com as histórias de sua vida, Paulo compartilhou a incompreensão das pessoas com sua religião, disse: “*Me sinto julgado porque sou umbandista*”, as pessoas criticam dizendo que a religião “é coisa do diabo” e o orientam a sair dessa “seita”. Aproveita-se a oportunidade para perguntar como foi sua aproximação com a Umbanda e Paulo explicou que estava precisando, foi, gostou, continuou indo e levou seu irmão, que também gostou. Hoje frequentam juntos.

Emília se dirige para Paulo e diz que ele tem sorte porque apesar da crítica das pessoas, ele tem liberdade para continuar indo, enquanto ela não pode fazer nada, nem sair de casa ou fazer atividades simples, mesmo tendo vontade. Enfatizando suas proibições disse que nem as roupas do seu estilo podia usar. Ao ser perguntada sobre o seu estilo, não conseguiu explicar, mas citou gostar de roupas mais largas. Cecília, ao contrário, gosta de roupas apertadas.

A pesquisadora então lhe perguntou se seus amigos podem ir para sua casa, uma vez que ela não pode sair. Emília disse que vão com frequência para assistir e para festas de pijama. Os demais participantes confirmam ser comum receber os amigos em casa. Sobre a permissão para sair, Everton falou que pode sair a hora que quiser e para qualquer lugar. Nesse momento refletiu-se sobre como as questões de gênero interferem na autonomia das

meninas, enquanto Henrique e Everton falaram da sua liberdade para sair e fazer suas atividades, as três meninas sofrem diversas restrições.

Sobre a questão de gênero, Paulo acredita que os pais restringem pois acham que precisam preservar as meninas. A pesquisadora provocou perguntando o que exatamente os pais queriam preservar. Emília respondeu imediatamente com outra questão para Paulo: “*Dos homens?*” Paulo acredita que seria uma forma de cuidado para evitar que as filhas engravidem, porque “*Todos os pais têm medo de que as filhas engravidem*”. Afinal: “*Tem cara idiota que não assume e a menina fica com a bronca sozinha*”. Silva compartilhou que seu pai impõe muitas regras porque acha que ela é igual a sua mãe. Pedimos que fale o que seria ser igual a sua mãe e Silva justifica que a mãe é irresponsável e “*Vive botando filho no mundo*”, sem assumir a função de cuidar. Explica que sua mãe teve dois filhos (incluindo ela) muito nova, e os abandonou para morar em São Paulo.

Do tópico sobre gestação e suas proibições, o assunto deslizou para influências e participação no grupo de pares. Emília explicou que para serem aceitos num grupo os adolescentes eram capazes de fazer tudo. Emília confessou que se considera “antissocial”, mas age como uma amiga psicóloga, ouvindo os outros. Só que não se sente escutada por ninguém. Conclui “ser o que não é” somente para agradar e se sentir aceita.

Tocada pela fala de Emília, Silva falou que o seu pai a compara com suas primas, ressaltando que elas são mais inteligentes e ainda ajudam nas atividades domésticas. Emília se identificou e falou: “Minha mãe me compara o tempo todo e considera todo mundo melhor do que eu”, Cecília concordou, se sente da mesma maneira. Everton disse que só foi comparado uma vez. Silva disse que também sente o peso da comparação com os outros, sendo sempre destacada em desvantagem. A pesquisadora aproveitou para perguntar se elas também costumam se comparar com outras pessoas. Elas concordaram, fazem isso com frequência e acreditam ser impossível fugir das comparações nas redes sociais.

Antes de encerrar o grupo, a pesquisadora comentou que apesar de eles terem começado desanimados e terem pensado em desistir, a conversa tinha sido muito profunda, com compartilhamentos íntimos. Silva disse que perdeu a vontade de sair e os participantes concordaram.

1.2.5.1 Coleta de dados do período de 01 a 07/11/2023

Hariel fez várias postagens sobre a festa de Halloween da escola, dentre eles um vídeo mostrou como estava fantasiado com destaque para uma pintura em seu tronco remetendo ao

sangue. Em outra apareciam várias pessoas, aparentemente depois que a festa tinha acabado. Ainda teve uma foto sua no painel temático com a legenda: “o tanto que traí ontem era brincadeira”. Em um vídeo, ele mostrou mais detalhes sobre a festa, e em outra foto, apareceu na bicicleta com uma figurinha de quimono de judô cobrindo seu rosto. Todas as postagens foram feitas em um momento posterior ao vivenciado, como se ele tivesse feito os registros enquanto estava na festa, mas postou somente depois, talvez pela falta de acesso à internet naquele instante.

Silva também fez uma série de postagens sobre a festa de Halloween da escola. Na primeira usando uma tiara de gatinha e cobrindo o rosto com a mão. Em outra selfie sozinha, seu rosto aparece, mas com uma sombra na boca. Silva publicou uma imagem de dois copos brindando, marcando uma amiga, com a legenda: “*de ontem antes ir pro Halloween*”. Ela também compartilhou várias selfies com amigas, a maioria usando filtros que deformaram seus rostos. Um vídeo contém a mensagem “tudo volta”.

Nos dias seguintes, Hariel postou uma selfie usando óculos escuros e farda, com a música “*Quando a chuva passar*”. Uma selfie destaca seu corte de cabelo, com dois riscos, enquanto outra mostra uma menina ao seu lado, com corações nos olhos dela e um coração na boca dele. Além disso, ele compartilhou uma foto com um conselho que já havia publicado anteriormente: “*Lição 119: o amor é mágico, porém mágica é apenas uma ilusão*”, e um vídeo de um rapaz cantando: “*quando eu ligar chamando pra ir pra sua casa e não é para tomar café, você já sabe qual é*”. Publicou outra indireta revelando sua decepção com amigos: “*Lição 461: se amizade fosse dinheiro, eu estaria preso por tantas notas falsas*”. Por fim, Hariel respondeu ao desafio de uma caixinha de perguntas: “só os melhores de 2023” na qual compartilhou uma selfie com um amigo na escola.

Em um vídeo mais introspectivo, Silva mostrou um quarto acolchoado, simulando um ambiente de internamento psiquiátrico, com a legenda: “*Perdi o controle, cortei o cabelo. Onde eu estaria se tivesse perdido o controle?*”, enquanto uma pessoa aparece em uma camisa de força. Logo em seguida, respondeu a uma postagem de uma amiga que dizia “o único sorriso que te cura”, de forma afetiva escreve: “*ti amo, minha mona*”.

Outras postagens neste período incluem uma selfie do queixo para baixo com a legenda: “Amei essa foto”. Reposta a foto de uma amiga que brinca sobre sua aparência através da seguinte frase: “*Eu nas fotos*”, seguido de uma foto bem bonita; “*eu pessoalmente*”, um desenho animado de um dragão. Em cima da repostagem escreveu: “*E vdd boy kakakaka*”. Revelando o quanto havia se identificado com o conteúdo que enfatiza a diferença entre a imagem postada nas redes sociais e a aparência física. Ela também postou

uma selfie toda de preto, sem mostrar o rosto, com a legenda: “bem bnt a ft”. Enfatizando que sua beleza estava apenas na foto.

Silva também compartilhou um vídeo de uma menina com cara fechada, que abre um sorriso ao ouvir seu apelido favorito. Em uma foto dela e outra pessoa, com muitos efeitos e chapéu de Mario Bross, a legenda dizia: “*nois no dia do Halloween*”, acompanhada da música “montagem porção mágica”.

Ela publicou uma foto com a música “Suck it and see” e um vídeo com uma selfie usando um filtro que destaca seus olhos e boca de maneira deformada. Também postou uma foto sua na escola, em um momento do cotidiano, além de um vídeo com várias selfies no espelho, mostrando pedaços do corpo, algumas já haviam sido postadas. Ela também compartilhou uma selfie com parte do rosto e a legenda: “bem plena na sala”.

Emília compartilhou um vídeo com um clipe musical que expressa um desejo de escapar de uma situação difícil, com a seguinte legenda: “*você já não aguenta, quer sair disso tudo*”. Postou uma foto de uma pessoa dentro de um caixão, acompanhada da legenda: “*daqui uns dias vou tá dormindo nesse quarto, olha que chique*”. Outro vídeo mostrou um rapaz com o cabelo platinado visivelmente alterado, em sofrimento e angústia, vestido todo de preto. Ela também postou um vídeo em animação em que dizia: “*Eu gosto daquela menina, magrinha, parece um grafite, branquinha, de cabelo preto, parece Michael Jackson. Como é o nome dela? Pomni. Eu adoro o programa dela, é ela. A ruivinha? O irmão dela é um noia do caralho*”.

Emília também fez outros tipos de postagens com amigos e pessoas pelas quais tem afeto. Compartilhou uma montagem com quatro fotos de uma menina mais nova, que descreve como “minha princesa”. Uma foto de comida retrata um momento de lazer em que foi tomar um sorvete em uma lanchonete. Há também uma selfie com um rapaz, acompanhada da música “Sorri, seu rei” da banda Natiruts, sinalizando vínculos de amizade.

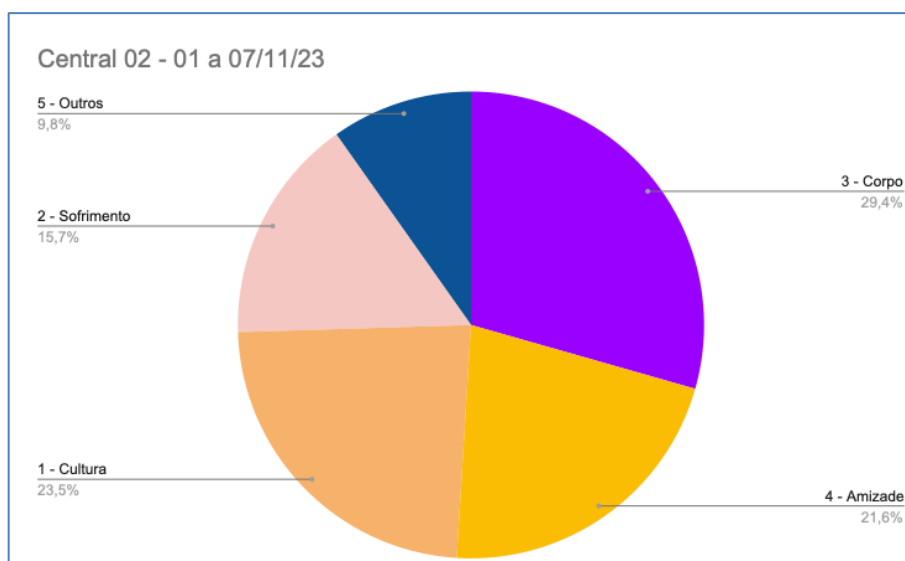
Em outra postagem, Emília tirou uma foto no espelho, mas não mostrou o rosto, na legenda colocou apenas um emoji de uma meia lua. Ela também repostou uma foto em que foi marcada por uma amiga, onde ambas estão maquiadas de palhaço. Na imagem, ela colocou uma figurinha de pintinho na boca, respondendo: “*kkkk tb te amo (tu só pega as piores fotos minhas mas te amo muito)*”.

Neymar postou um vídeo no qual um rapaz realizava manobras arriscadas na moto. Compartilhou uma imagem em que aparece um checklist de qualidades, ele se identifica como: caprichoso, cuidadoso, amoroso, bom moço. E não se avalia como: estudioso, atencioso, corajoso, companheiro, verdadeiro, escudeiro, sem receio, (se precisar) perigoso,

faz almoço, serve a mesa, beija seu corpo inteiro. Postou um Reels em que aparece um rapaz com corações no lugar dos olhos, acompanhada da legenda romântica: “*o cabelo dela, o sorriso dela, a boca, o nariz, a risada dela, o jeitinho dela, ela dela*”, enfatizando sua admiração por alguém especial. Todas as postagens de Neymar são no final de semana ou em feriados, revelando um baixo uso das plataformas de rede social durante a semana.

Paulo compartilhou o placar de um jogo do Palmeiras e uma foto ao lado de uma menina, parabenizando-a de forma carinhosa. Outra imagem mostrou Paulo jogando futebol com um menino, acompanhado da legenda: “*irmão bola de futebol*” com um emoji de coração. Ele também publicou uma foto jogando sozinho, capturada por outra pessoa, e um vídeo de uma jogada divertida em que ele e um amigo terminam no chão, com a legenda “*passa aqui*”, e um emoji chorando de rir. Além das postagens relacionadas ao futebol, Paulo fez uma declaração amorosa em uma foto de uma menina, chamando-a de garota incrível e encerrando com a legenda: “*eu te amo*”.

Segue gráfico com as postagens dos participantes classificadas por categorias nesse período:



1.2.6 Sexta Conversação – 08/11/2023 – Histórias de família e agressões na escola

O encontro teve início no primeiro horário de aula e contou com a presença de alguns participantes enquanto outros não puderam estar presentes por envolvimento em atividades escolares ou porque haviam faltado.

A pesquisadora deu início à conversação perguntando como eles estavam, a maioria se manteve em silêncio. Henrique falou sobre o feriado e contou ter visto Neymar e Hariel (participantes do grupo) andando de bicicleta pela cidade. Emília também os viu.

Após o compartilhamento, o grupo voltou a ficar em silêncio. A pesquisadora falou sobre um caso que aconteceu em uma escola em Recife e tomou uma repercussão grande de duas meninas que tiveram a imagem de seus corpos expostos nas redes sociais, como se fossem nudes que tivessem vazado. O curioso, nessa circunstância, é que havia sido os colegas de turma que manipularam fotos delas, através de aplicativos e postaram como se fossem reais. O grupo não teve nenhuma reação à questão e como não gerou nenhum tipo de comentário, a pesquisadora perguntou se tal situação parecia para eles uma realidade distante, improvável de acontecer com eles. Neymar disse que não gera nenhum receio para ele, afinal ele não tira foto. Emília disse que nunca aconteceu de vazarem nudes dela, mas que já tiveram situações assim na escola. Outros participantes perceberam que ela não havia entendido que o caso compartilhado não era simplesmente nudes que vazaram, mas uma manipulação da imagem. Emília ficou constrangida por não ter compreendido e disse que nunca tinha imaginado uma situação assim, afinal quem tira nudes e envia assume o risco que pode sair do seu controle, mas no caso dessas meninas elas não tinham sequer tirado as fotos.

Como o tópico não desenvolveu, a pesquisadora perguntou se eles já haviam vivenciado alguma situação ruim na internet. Todos responderam que não. Logo em seguida a pesquisadora perguntou se eles já viram no Instagram brincadeiras do tipo: “Escolha entre duas pessoas”? Seguiram respondendo que não e se mostrando muito fechados ao diálogo.

A pesquisadora tentou uma estratégia diferente: *“Tem alguma coisa que vocês queiram conversar hoje?”*. Henrique fez um comentário que na semana anterior tinha tido mais assunto. Após um tempo em silêncio, Emília contou: *“Encontrei meu pai no final de semana, ele conseguiu me ver”*. Ela falou que foram no shopping, na casa da avó, mas infelizmente a madrasta também tinha vindo, o que atrapalha o contato com o pai porque não tem uma boa relação com ela. Emília falou um pouco sobre a dinâmica da família, seu pai mora em outra cidade, após a separação conjugal com sua mãe, se mudou e reconstruiu sua vida, casou-se novamente, tem uma filha da relação atual. Ela reconhece que sente ciúmes, sente também muita falta do pai que vem na cidade uma a duas vezes no ano. Nessas ocasiões, eles se encontram, mas apesar de sentir muita falta dele, quando estão juntos, não tem assunto. Eles se afastaram e descreve como tendo um abismo entre os dois.

Os participantes se envolveram no compartilhamento trazido por Emília, de tal forma que a pesquisadora abriu espaço para quem quisesse falar sobre sua família. Everton começou dizendo que mora com a mãe e o padrasto e tem nove irmãos, sendo que por parte de mãe e com quem convive são somente dois. Relata ter tido contato com o pai até os dois anos, mas agora faz anos que não o vê e nem sabe dele.

Em seguida, Aline contou que tem uma família “supernormal”, mora com o pai, mãe e a irmã de 22 anos que cursa medicina. Ela e a irmã são muito amigas, mas agora estão se desencontrando porque passa o dia na escola e a irmã trabalha à noite. Relata que os pais lidam com as filhas com sabedoria e evitam comparações entre elas, de tal forma que pretende cursar psicologia ou ser policial. Confessa que essa hipótese de ser policial não agrada sua mãe. A pesquisadora comenta que decidiu cursar psicologia quando viu o trabalho de uma psicóloga policial, depois que estava na faculdade teve outros interesses, mas nada por acaso seu primeiro emprego foi nas Forças Armadas. Everton se identifica com o desejo de Aline, diz que também quer ser policial, mas sua mãe, além de não incentivar, quer que ele faça medicina, para ter um filho “doutor”.

Paira um certo silêncio que é quebrado por Neymar contando que mora com o pai, mãe e a irmã de 17 anos. Confessa que não convive bem com a irmã: “*De vez em quando a gente se pega no murro*”. Quando eles brigam, os pais precisam intervir. Everton concorda com Neymar e diz que também briga muito com os irmãos, principalmente com a irmã de 6 anos. O irmão é mais quietinho, então é raro brigarem.

Adriana começa falando de sua família pelos irmãos, tem dois. Todos moram com a mãe que é “meio doente”. Seus pais se separaram e adianta que para ela o momento de separação foi vivido sem sofrimento. Mantém contato com o pai e frequentemente passa uns dias na casa dele. Apesar de ter sido perguntado mais sobre o adoecimento da mãe e da separação conjugal, Adriana evitou falar, tendo ficado muito constrangida por todos do grupo terem olhado para ela aguardando saber um pouco mais sobre sua história de vida.

Um novo momento de silêncio se instalou no grupo.

Os participantes ficaram aguardando em silêncio, se entreolhavam. A pesquisadora perguntou se os pais deles têm o hábito de olhar o celular dos filhos, conhecer o que eles fazem na internet. Todos responderam que sim, concordando que os pais devem ter liberdade para pegar e mexer no celular dos filhos, exceto Neymar, que adiantou enfaticamente que seus pais não olham seu celular e justifica: “*Eles não olham porque eles confiam em mim*”, e que não faz nada de errado. Emília, ao contrário, disse que seu Whatsapp é clonado: “Minha mãe olha tudo”.

A pesquisadora perguntou o que seria “coisa errada”? Eles pontuaram que é arrumar briga, ser suspenso ou expulso, mexer no celular na aula, pegar algo que não é seu, entre outros. Continuou interrogando o que eles pensam sobre a atitude dos pais de conhecerem o que os filhos fazem online, chega a perguntar: “*Os pais de vocês sabem mesmo o que vocês*

fazem na internet?” Eles começam a rir e somente Emília diz que não tem sossego, sua mãe vê tudo mesmo.

Logo em seguida, Everton contou que se envolveu em uma briga e quebrou um cano na perna do colega. Neymar também falou sobre “arrumar briga” porque um colega falou “merda” e ele rapidamente reagiu “sapecando” a garrafa na cabeça dele. A pesquisadora faz cara de espanto, tentando levar Neymar a refletir sobre seu comportamento, mas ele aproveita para contar que já “arrumou briga” até com Henrique do 6º ano (integrante do grupo), apontou para Henrique que ficou visivelmente constrangido. Falou que Henrique passou a mão na sua cabeça e ele o “esmurrou”, bateu sua cabeça na grade de ferro da quadra que chegou a sangrar. Neymar narrou achando engraçado o que havia feito, mas a pesquisadora pontuou que lhe pareceu uma reação desproporcional. Ele concordou, mas disse: “Comigo é assim mesmo!”. A pesquisadora questionou quais foram os desdobramentos, Neymar falou que levaram Everton para a diretoria, mas lá não fizeram nada. A pesquisadora propõe que o grupo e Neymar reflitam sobre a situação, questiona se teria uma alternativa. Emília respondeu que Neymar era “maluco da cabeça”. Neymar ficou rindo e passou a contar outra situação de agressão na escola: “A única vez que eu me envolvi numa briga mesmo foi no início do ano nos jogos escolares, por causa de um short”. O rapaz chegou a dar um tapa na cara dele e ele devolveu com um murro. A pesquisadora perguntou como foi levar esse tapa, ele respondeu que “Nem doeu”, mas foi suficiente para ele se defender, reagir e bater ainda mais no rapaz.

Nesse momento Manuela entrou abruptamente na sala aos prantos. A pesquisadora lhe perguntou se ela queria falar sobre o que havia acontecido, mas Manuela apenas balançou a cabeça negativamente e se sentou. Após poucos minutos saiu da sala.

A pesquisadora falou sobre ter ficado impactada com as histórias narradas sobre brigas no ambiente escolar, completou perguntando: “Vocês acham que tem muita violência nessa escola?” Todos responderam em uníssono que sim. Manuela voltou a entrar na sala, ainda chorando, entretanto mais contida. A pesquisadora perguntou como essa violência os afeta. Eles falaram que a violência tem início desde os professores com os alunos, e explicam que nessa relação a violência é mais verbal. Alguns professores são grosseiros, dizem que os alunos não aprendem, não se interessam, comparam com outros alunos e gera um clima pesado. A pesquisadora perguntou se esse tipo de relação entre os professores e alunos era generalizado. Aline nega, dizendo que dependia do professor e que alguns não eram ignorantes. Henrique falou que a grosseria dos professores começa por qualquer motivo besta e contou uma situação que aconteceu com ele. Ele queria se sentar em uma cadeira específica,

mas a professora queria que ele ficasse em outra e isso foi motivo suficiente para ela reclamar muito com ele. Neymar disse que a pior professora era Bernardete e Everton citou o nome de outra professora que também costuma ser muito grosseira.

Em meio as acusações às professoras, Neymar comentou: “*O Halloween foi muito doido*”. A pesquisadora pediu que ele explicasse o que era muito doido e Neymar pontou sobre como foi diferente estar na escola em um momento de festa, sem pressão, tantas regras. A pesquisadora comentou que foi um momento importante de distração e todos concordam. Segundo Aline foi um momento divertido e: “*O que deixou melhor foi a companhia dos amigos*”. Logo em seguida, foi perguntado sobre as relações de amizade na escola e todos os participantes responderam que têm amigos, se sentem bem com os colegas e enxergam a escola como espaço primordial para socialização. Aline chegou a dizer que passa mais tempo na escola do que em casa.

Como os adolescentes estavam falando sobre as boas relações na escola, a pesquisadora questionou se havia também professores que estabeleciam bons vínculos com os estudantes, resgatando uma fala de Manuela que outrora havia falado sobre a importância do olhar cuidadoso de um educador com ela. Os alunos concordaram que havia professores que se envolviam com a turma, estabeleciam relação de afeto e cuidado, chegavam a perceber quando um aluno estava triste ou estava faltando muitas aulas.

Em seguida, a pesquisadora perguntou o que poderia ser feito para diminuir a violência verbal na escola, as agressões entre os alunos. Silva respondeu prontamente que para melhorar a escola a vice-diretora precisava sair da escola. Cecília completou dizendo: “*Ela só sabe brigar*”. Neymar relatou que uma vez se atrasou 10 minutos e ela ligou para os pais dele. A pesquisadora perguntou como era a escola antes da vice-diretora assumir a função. Os alunos comentaram que a escola era mais liberal, mais flexível. Em contraposição, agora tanto a nova direção é mais rigorosa com as regras, principalmente no que se refere a cumprimento de horário, proibição de celular e apresentação pessoal, precisa estar com fardamento completo. Qualquer quebra dessas regras, os pais são comunicados.

Nesse momento, a diretora chegou na sala para dar um aviso e todos ficaram receosos que ela tivesse escutado o que falavam. A pesquisadora informou que eles precisariam interromper a atividade de conversação porque a escola ia passar por reparos elétricos e precisariam interromper o fornecimento de energia. Enquanto isso, os alunos deveriam aguardar na quadra o término do serviço, com previsão em torno de 2h para sua execução. Silva soltou que queria que a escola explodisse ou “bem que podia ter um atentado aqui”. A pesquisadora perguntou o que eles pensavam sobre os atentados. Henrique respondeu que não

tem “*um pingo de medo*”, afinal “*Serra Talhada é o fim do mundo, um negócio desse não aconteceria por aqui*”. Então a pesquisadora pontuou que seria improvável acontecer em Serra, provavelmente ali ninguém pensou em fazer um massacre. Neymar riu do comentário e justificou dizendo que já fez e viu tanta coisa naquela escola que ninguém imagina.

Apesar do tópico ter sido interessante para os participantes, a conversação precisou ser encerrada, começou uma grande movimentação no corredor com os alunos saindo das salas e se dirigindo para a quadra. A pesquisadora lembrou a eles que o próximo encontro seria o último e fez alguns acordos sobre esse momento de finalização.

1.2.6.1 Coleta de dados digitais no período de 08 a 22/11/2023

Hariel compartilhou uma homenagem emocionada a Jorginho, um árbitro de futebol que faleceu tragicamente, escreveu: “*Vai com Deus Jorginho, eu agradeço tanto que você me ajudou. Meus pensamentos*” e um emoji chorando.

Em seguida, Hariel compartilhou várias selfies, incluindo uma com raios roxos no rosto e um coração azul, e depois postou a mesma foto, mas com a legenda “*Vão lá da uma mr!*”. Ele também postou uma foto com uma medalha, onde cobre a boca com um coração e outra selfie mostrando o sinal de “legal”, com figurinhas de coração nos olhos e uma música de Tarcísio do Acordeon ao fundo.

As selfies continuaram com efeitos diversos, incluindo uma com um filtro que deixa raios roxos e um emoji chorando para cobrir seus olhos. Hariel também publicou uma foto de bicicleta com a música “Deus do impossível” e uma montagem de quatro fotos suas com amigos, intitulada “*tbtzin esquece*”. Outras postagens seguem com os mesmos conteúdos, incluem selfies com música de fundo, uma com um filtro de cachorro e a frase “*o som no talo ouvindo Tarcísio*”, e uma captura de tela que revela a conversa com uma menina na qual ele diz: “vou caçar mais de um milhão de vagalumes por aí. Selfie com coração nos olhos e a legenda: “*mais um dia de iskola*”.

Silva compartilhou uma selfie com uma parte do corpo e o sinal de “legal”, além de uma selfie no espelho de lado com uma amiga, onde aparece um macaco cobrindo os olhos com as mãos, acompanhada da legenda: “*do dia que ela veio pra cá*”. Em outra postagem, Silva publicou uma selfie borrada com parte do corpo e a frase “*Linda dmss*”, e uma selfie: “*soft dmss boy*”, com filtro de cachorro. Também publicou uma selfie com uma amiga ambas com filtro de vaca, com a música “Velha Infância”.

Os vídeos que Silva compartilhou incluem um com música e selfies, que já haviam sido postadas anteriormente, e outro onde uma moça faz caretas com a legenda: *“nossa, pq minha orelha tá queimando tanto, hein?”*. Em outro vídeo apareceu com um diadema de coelhinho, no qual ela diz: *“bem sides boy”*. Outros vídeos mostram animes com mensagens que revelam sofrimento, como: *“meu cupido deve ter cometido suicídio”* e *“maior sonho: morrer; maior medo: morrer”*. Ela também postou um vídeo do TikTok com a música *“Do I Wanna Know”*, incluindo legendas em português, e uma mensagem dizendo *“chorar é pros fracos, aqui a gente ri da própria desgraça kagakaka”*. Revelando justamente sua atitude de fazer piada com aquilo que lhe causa sofrimento.

Silva também compartilhou mensagens sobre suas inseguranças, incluindo: *“droga... eu meio que sou... insuportável, insuficiente, burra...”*. Ela revelou sobre como se sente nas interações sociais, mencionando: *“tô começando a achar que as pessoas só falam comigo por dó”*. Por outro lado, postou selfies com colegas de classe e uma foto na escola, ressaltando momentos divertidos juntos. As postagens incluíram também capturas de tela que mostram conversas com amigos, além de fotos em uma livraria, enfatizando: *“amei esse lugar é mttt bom”*. Nas selfies com amigos, geralmente usa filtros de animais ou outras edições divertidas, e postou um vídeo voltando do shopping andando com as amigas.

Emília utiliza suas postagens para revelar seus vínculos de amizade. Compartilhou um vídeo com amigas na escola, onde aparecem desfocadas, e uma foto de um mapa da sala de aula, com a legenda: *“juntos somos uma família”*.

Em outro vídeo postado, Emília revelou sua insegurança em demonstrar seus sentimentos. O vídeo retratava um homem com a mensagem: *“eu olhando para a pessoa que tem medo de demonstrar e ser trocada dnv (eu to olhando pro espelho)”*. Ela também respondeu uma foto em que foi marcada, na qual apareciam duas mãos e uma música que remetia à infância. Em outra postagem, um vídeo em animação retrata espermatozoides tentando chegar ao óvulo, e na legenda apareciam as possibilidades que cada gameta carregava: *“médica, advogada, bilionária, inteligente”*. Depois aparece um super-herói caído: *“eu (super burra)”*. O conteúdo revela a sua ideia de que está, desde sua concepção, fadada a fracassar.

Emília postou conteúdos que rapidamente mudavam a temática indo de amizades para postagens revelando seu sofrimento e depois desilusões amorosas, as imagens de si cobrem seu rosto com estratégias de filtros e figurinhas. Compartilhou um vídeo de desenho animado que mostra seus amigos reagindo às coisas aleatórias que ela lhes envia, seguido por uma selfie na qual um emoji cobria seu rosto. Um vídeo apresentou a frase: *“literalmente eu na*

escola”, intercalado com imagens desconexas, como se revelasse o quanto ela se sente perdida e deslocada, incluindo um gato que trazia a mensagem: “*mi mato, me jogo, me enforco ou vo dormi?*”.

Ainda publicou conteúdos divertidos, como um clipe de um filme e uma selfie com uma amiga em uma loja do shopping, ambas fantasiadas, dizendo: “*Nois duas pra sempre*”. Também postou um vídeo romântico, com a mensagem: “*eu amo tanto você / sorrio ao te ver / não me esqueça jamais*”.

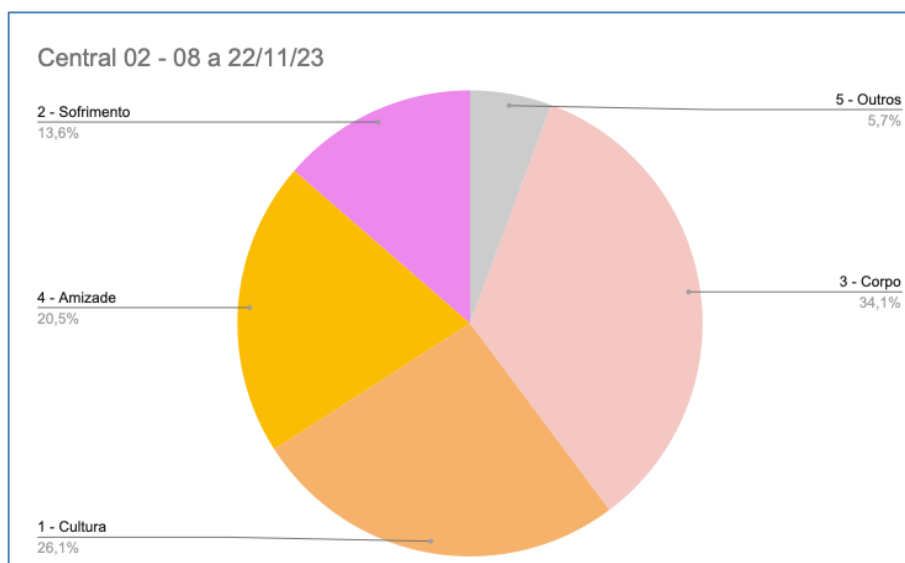
Neymar compartilhou um vídeo de uma barbearia no qual o barbeiro e o cliente apareciam dançando com a seguinte mensagem: “*quando o último cliente do dia trás a coca*”.

Paulo compartilhou uma homenagem a Jorginho, com uma foto acompanhada da mensagem: “*Futsal está de luto. Deus coloque você em um bom lugar, Jorginho*”. Ele também compartilhou uma selfie com um amigo, ambos usando um filtro de vaca, celebrando um aniversário.

Outra postagem mostrou uma foto da turma com uma professora. Paulo publicou também uma selfie sentado, com a música “*os opostos se atraem*”, na qual seu rosto está bem visível, sem nenhum filtro. Ainda compartilhou uma foto de uma mesa em um clube, marcando algumas pessoas, e uma imagem do jogador Messi em ação.

Aline postou uma foto com amiga desejando parabéns e repostou uma foto em que foi marcada com sua turma.

Segue gráfico com as postagens dos participantes classificadas por categorias nesse período:



1.2.7 Sétima Conversação – 22/11/2023 – Fechamento

A conversação deste dia teve início com um lanche coletivo, no qual o grupo Central 01 também participou. Os participantes estavam eufóricos, agitados, conversaram bastante entre si, interagiram com os estudantes do outro grupo e tiraram muitas fotos entre si, registrando o momento de despedida. Eles perceberam que os participantes do outro grupo haviam sido presenteados e chegaram a perguntar se também receberiam o mimo. Após o lanche, os participantes do primeiro grupo deixaram a sala e ficaram apenas os componentes do segundo grupo. Entretanto, Cecília e Aline não puderam permanecer após o lanche, pois iam apresentar trabalho valendo nota. Manuela não pôde comparecer nem para o lanche, nem para a conversação porque estava fazendo prova.

A pesquisadora começou esclarecendo que aquele seria o último encontro, os participantes reagiram pedindo que a pesquisa se prolongasse até o final do semestre, pelo menos. Aproveitou-se o pedido de continuidade para pontuar o movimento importante que havia acontecido com aquele grupo, quando pensaram em desistir e que estavam desmotivados a continuar na pesquisa, os temas se tornaram mais profundos, passaram a se escutar melhor e agora estavam relutando com o encerramento. Passou-se a palavra para os adolescentes para que falassem sobre como foi participar das conversações. Neymar começou dizendo o quanto havia sido importante ter o espaço para falar sobre o que pensava, compartilhar seu sofrimento porque ali era um dos únicos lugares que se sentiu escutado e acolhido. Emília concordou dizendo que muitas vezes estava triste, se sentindo insuficiente e ficava esperando o dia da conversação para falar com o grupo. Lembrou do dia que estava muito mal e aflita e teve a oportunidade de conversar em particular com a pesquisadora. Aquele momento lhe ajudou bastante e inclusive depois participou da conversação, momento que se sentiu respeitada pelos colegas. Olhou para Silva, esperando que a amiga continuasse a falar. Silva ficou envergonhada, limitando-se a dizer que foi muito bom.

Hariel falou de maneira descontraída que havia sido importante para ele que chegou a se chatear com alguns professores que lhe impediram de participar das conversações, que segundo sua avaliação, teria sido muito mais benéfico do que ficar na sala fingindo que estava aprendendo alguma coisa. Reconheceu que em alguns momentos foi inquieto e levou na brincadeira, mas que na verdade tinha aprendido com os colegas e gostou de escutar o que se passava com cada um. Olhou para Neymar e disse que as amizades ficaram mais fortes.

A pesquisadora esclareceu que as conversações fizeram parte de sua pesquisa de doutorado e que a próxima fase será escrever uma tese que é como um livro sobre o que ela

aprendeu com os participantes. Eles ficaram empolgados querendo saber mais sobre o livro, quando estaria pronto, e animados em saber que contribuiriam para uma publicação formal. A pesquisadora reforçou que não usaria o nome deles para protegê-los e preservar o sigilo. A maioria não gostou dessa informação, sinalizando que podia sim usar o nome deles. A pesquisadora explicou a respeito da ética em pesquisa e propôs que eles mesmos escolhessem outro nome para si que ela preservaria na escrita. Eles gostaram bastante da ideia. Fizeram alguns questionamentos, como por exemplo Silva perguntou se poderia escolher um nome “de menino”, depois desistiu da ideia e escolheu um nome de um personagem de anime, mas por fim se decidiu por um sobrenome, sinalizando um gênero indefinido.

Os estagiários também falaram sobre como foi para eles a experiência de participar das conversações, o que haviam aprendido e o mesmo sentimento de não querer que terminasse. Por fim, a pesquisadora distribuiu as lembrancinhas para cada participante, eles ficaram muito felizes, alguns chegaram a comentar que nunca haviam recebido um presente personalizado. Fizeram vários registros com fotos entre os participantes, com a equipe.

1.3 Grupo Campestre

As atividades com o grupo localizado na área rural de Serra Talhada tiveram início no dia 13/09/2023, tendo sido acordado que os encontros seriam quinzenais devido à distância e necessidade de apoio da prefeitura com motorista e veículo para transportar a equipe de pesquisa. A solicitação da ampliação da coleta de dados para incluir a referida escola aconteceu através da coordenadora das escolas integrais do município que considerou a pesquisa-interventiva uma forma de cuidado com os adolescentes. A direção da Escola Campestre forneceu um apoio à pesquisa que fez diferença na aderência dos alunos convocados, na permanência e na presença a cada encontro. A percepção da equipe de pesquisa foi que tanto os educadores como os alunos perceberam o investimento dos pesquisadores e contribuíram com responsabilidade, envolvimento e confiança. Após o segundo encontro, a equipe reprogramou e ajustou a frequência das conversações para encontros semanais.

A seguir será apresentada uma tabela com os nomes e frequência dos participantes, onde P significa presença e F, falta.

Nome/Idade	Série	01	02	03	04	05	06	07
Luigi, 11	6º	P	P	P	P	P	P	P
Aurora, 11	6º	P	P	P	P	P	P	P
Eduardo, 11	6º	P	P	P	P	P	P	P
Luísa 12	7º	P	P	P	P	P	P	P
Alana, 12	7º	P	P	P	P	P	P	P
Valéria, 12	7º	P	P	P	P	F	P	P
Kelvin, 15	8º	P	P	P	P	P	P	P
Bianca, 14	8º	P	P	P	P	P	P	P
Yasmim, 14	9º	F	P	P	P	F	P	F
Rafaela, 14	9º	P	P	P	P	P	P	P

1.3.1 Primeira Conversação – 13/09/2023 – Apresentação e estabelecimento da transferência

Chegamos na secretaria de educação às 8h e em pouco tempo nos organizamos para sair. Além da equipe da pesquisa, a Profa. Evani foi conosco.

A equipe chegou na escola às 9h30, pouco depois do intervalo ter acabado, foi bem recebida pela diretora que já tinha recolhido os documentos de autorização (TCLE e TALE) e entregou tudo organizado. Fomos convidadas para um lanche no refeitório e nos dirigimos para a biblioteca, local disponibilizado para a atividade. A própria diretora chamou os participantes nas salas.

Iniciamos nos apresentando, os alunos estavam reservados, atentos, em silêncio. Fizemos um acordo sobre respeitar o espaço de fala de cada participante e sobre tratar com confidencialidade tudo que fosse dito nos encontros. Foi entregue um crachá para que todos pudessem ser identificados e com a ajuda de uma peteca, foi aberta a atividade convocando cada um para se apresentar.

Rafaela, 14 anos: É da Paraíba, gosta de “mexer no celular”, usa as redes sociais para postar o que viraliza, reproduz vídeos. A rede social que mais usa é o Instagram, não gosta muito de usar o Whatsap. Gosta de conversar com seus amigos no Instagram, assistir Reels e usa bastante o Tiktok bastante para assistir vídeos. Reposta frases com as quais se identifica para se expressar. Gosta de gravar vídeos e postar, mas dificilmente/raramente posta vídeos de dancinha, mas posta mais alguma trend que viralizou no Tiktok, deu um exemplo: “Compartilhe seu sorriso”. Sua última postagem no Instagram foi uma foto no seu feed, nos stories foi uma publicação. Adverte que o conteúdo mais íntimo é lançado somente para os “melhores amigos”, sua lista tem 65 perfis.

Valéria, 12 anos. Não gosta de se expor nas redes sociais. Questionada sobre o que seria se expor, tem alguma dificuldade para responder, mas exemplifica através dos vídeos dançando, isso seria se expor. Por outro lado, posta muitas fotos, na maioria das vezes selfies e não posta fotos com amigos, isso também seria se expor (expor os vínculos, expor o outro), mas se eles a marcarem, ela reposta.

Bianca, 14 anos. É do Pará, veio para Serra Talhada há quatro anos. É usuária de redes sociais, adora o TikTok, WhatsApp e Instagram, mas se considera uma usuária que “só olha”.

Já Rafaela disse que diferente de Bianca, posta muito nos melhores amigos: frases, fotos suas, fotos com música. Quando não está se sentindo bem procura frases buscando se expressar e no Tiktok procura e republica vídeos de pessoas falando coisas com as quais ela se identifica (sobre ansiedade, tristeza, decepções).

A última frase que Rafaela postou em seus melhores amigos por ter se identificado foi: “Comecei o ano prometendo dar tudo de mim, meu máximo em tudo e agora estou tão exausta mentalmente que não estou conseguindo nem dar meu mínimo”.

Aproveita para contar que está se sentindo exausta. Tem ansiedade, faz tratamento psiquiátrico. Tinha parado de tomar os remédios e voltou a tomar na segunda-feira dessa semana, porque não estava se sentindo bem e agora se sente exausta emocionalmente.

Alana recebe a peteca, mas não quis falar. Ficou envergonhada. As amigas ainda tentaram incentivar, mas ela resistiu e a deixamos à vontade para participar e falar quando lhe for mais conveniente.

Aurora, 11 anos: Gosta mais de usar o Whatsapp, Instagram, Kwai e o Canva para fazer slides, frases. No Instagram gosta de olhar os stories, reels das pessoas. Não usa mais Tiktok. Reposta frases, selfies somente dela, fotos com a família. Usa mais as redes sociais nos finais de semana porque passa o dia na escola. Questionada se em sala de aula também usava o celular, confessa que sim, mas somente para responder mensagens de amigos.

Eduardo, 11 anos. Não se apresenta, mas fala sobre ficar pior quando usa rede sociais. Gosta de usar o Pinterest, Instagram e o Youtube. Sente-se preso quando usa o celular porque não consegue parar e depois se sente culpado por ter passado tanto tempo na tela. A rede social lhe deixa mais exausto e mais ansioso porque fica na expectativa do que vai acontecer depois. Segundo suas palavras: *“Usar redes sociais só me deixa mais ansioso e exausto mentalmente, evito o insta, não me acalma, só piora minha situação”*. Quando está triste fica rolando e vendo os vídeos no Instagram, às vezes nem assiste os vídeos completos, apenas passa, até se sentir melhor, afirma ficar hipnotizado, porém depois se sente ainda mais triste. À princípio pensa que recorre às redes sociais quando está triste, chega a chamar de “válvula de escape”, uma forma de se distrair, mas depois de um tempo percebe que lhe fez mal, deixando-o pior. Compartilhou sobre ver coisas aterrorizantes como imagens de cobra.

Nesse momento, Luísa dá um conselho para Eduardo: Faça algo para distrair sua mente, vá olhar o jardim, ver as plantas. Olhar coisas coloridas, ficar sozinho, observar a natureza.

Luísa aproveita para se apresentar e falar de si. Gosta muito de usar o Instagram e posta bastante coisa, afirma usar 24h por dia o TikTok, mas somente para ver. Todo dia posta foto sua o que acaba sendo uma maneira de interagir com as pessoas. Prefere falar pelo Instagram ao Whatsap. Diz que não consegue dormir se estiver triste, precisa antes se distrair. Perguntado sobre o que lhe deixa triste, responde imediatamente que pessoas, atitudes, decepção com os rapazes (envolvimento amoroso). Confessa não saber lidar com suas emoções, sente-se triste consigo. Refere baixa autoestima e se autodestrói por dentro.

Aproveitou-se para questionar se eles conseguem identificar o motivo da tristeza. A maioria respondeu que são as pessoas, suas atitudes. Falaram sobre ser difícil conviver com pessoas imaturas que não conseguem se colocar no lugar do outro, ter empatia. E apontaram ser difícil lidar com as próprias emoções. Reconheceram que depositam confiança em quem não merece e terminam machucados ao serem decepcionados.

Rafaela relatou que essa decepção acontece com os pais, mas também com pessoas de sua idade, colegas e principalmente com seu namoro. Rafaela se reconhece como insegura e ansiosa, não sabe controlar as suas emoções, acaba tendo reações desproporcionais. Aguenta muito, mas quando estoura é demais.

Eduardo relatou que se sente mais decepcionado consigo mesmo, está relacionado com a sua baixa autoestima, pois não consegue controlar os seus sentimentos e é como se eles estivessem o comendo por dentro, se autodestruindo e autossabotando.

Valéria mostrou os seus braços cortados, indicando que se automutila. A pesquisadora pediu que falasse sobre seus cortes, o que lhe levava a se machucar daquela forma. Valéria respondeu de forma subjetiva dizendo ser: “*Um sentimento que sinto por dentro*” e por não ter controle ou forma de expressão se corta para minimizar sua dor.

Durante as falas de Rafaela e Eduardo, Alana chorou e pouco depois se retirou da sala, sendo acompanhada por uma estagiária que se ofereceu para escutá-la de forma individualizada.

A estagiária acompanhou Alana até um banco próximo à sala onde acontecia a reunião, ofereceu para se sentarem um pouco. Ela concordou afirmando que precisava de um tempo para se acalmar. Depois de um tempo, a estagiária reforçou que estava ali e, caso Alana quisesse, poderia ouvi-la. Apesar de não ter conseguido falar, perguntou se a estagiária sabia que ela namorava com outro participante do grupo, Kelvin. Ao receber a resposta negativa, permaneceu em silêncio. A estagiária perguntou se o motivo dela estar tão abalada era algo relacionado ao namoro. Ela negou e conseguiu dizer que estava se identificando com o que estava sendo dito no grupo. Comparava-se bastante no Instagram também, o que acabava sendo uma fonte de sofrimento. A estagiária falou sobre dicas para um uso menos danoso das redes sociais, Alana concordou, mas a estagiária sentiu que havia outras causas de sofrimento, só que Alana não estava confortável para lhe dizer. Voltaram para a sala.

Kelvin, 15 anos. Contou que morava em São Paulo, se mudou para Serra Talhada há dois anos. Mantém contato com amigos paulistas pelo Instagram. Gosta bastante de morar em ST, nem pensa em voltar para São Paulo.

A partir da questão sobre amizade, questiona-se sobre amigos virtuais. A maioria fala que tem contato com pessoas que conhece apenas das redes.

Luísa falou sobre postar a respeito da sua vida diária, seu cotidiano e essas postagens lhe aproximarem das pessoas que ficam conhecendo sua vida mais de perto.

Luigi, 11 anos, aproveita o comentário de Luísa para dizer que costuma conversar com amigos de forma mais íntima através das redes sociais. Recebe com frequência mensagens de pessoas dizendo que não estão bem e ele conversa para tentar ajudar. Fala sobre contato com pessoas do Rio de Janeiro e outras cidades distantes e da relação de confiança que estabelece quando estão em vulnerabilidade. Também afirmou que só se sente próximo dessas pessoas que estão distantes e que não tem nenhum parentesco. Com esses “desconhecidos próximos” se sente protegido e confia bastante. É uma experiência diferente do que se passa entre ele e seus pais, pois sente que seus pais não lhe apoiam e sempre estão lhe julgando. Falou sobre a relação com os pais ser tão difícil que chegou a ter sintomas de depressão como consequência.

O comportamento pareceu de risco e aproveitando a oportunidade foi perguntado ao grupo se aquela situação acontece com eles também. A maioria mostrou conhecimento sobre o risco que Luigi corre por confiar em pessoas que não conhece face-a-face e Eduardo falou sobre não ter amigos virtuais, principalmente nos dias de hoje quando existem vários golpes, protege-se porque já viu um vídeo ensinando técnicas de pedofilia que incluía se aproximar falando intimamente sobre si.

Luigi se defendeu dizendo que agora quando se sente mal por alguém ter lhe decepcionado, publica uma frase em seu Instagram apenas para os melhores amigos, mas aproveita e inclui a pessoa que lhe decepcionou para que ela possa receber e entender a “indireta”.

Aurora aproveita para dizer que quando recebe uma mensagem estranha pede orientação à mãe. Aproveita-se a fala de Aurora para perguntar ao grupo se os pais interferem, veem o que eles fazem no celular. Rafaela responde que tem intimidade com a mãe suficiente para ela não precisar olhar o que ela faz no celular. Confirma que seus pais não têm acesso ao seu telefone. Os pais de Luigi também não têm acesso, os de Luísa têm um pouco, mas esclarece que não esconde nada de sua mãe. Entretanto, todos os participantes concordam que os pais têm direito de olhar o celular dos filhos.

Valéria fala que sua mãe olha seu celular, mas ela não gosta disso. A relação entre elas é péssima, não se sente apoiada pela mãe e quando ela vê seu telefone se sente invadida. Para se proteger usa estratégias para esconder algumas coisas, coloca senhas. Já seu pai, com quem tem uma relação melhor, não pede o celular para olhar.

Começou uma discussão sobre segurança na internet, proteção dos dados. Aurora compartilhou que usa um diário virtual, mas é secreto total, não tem interação com outras pessoas.

Luigi falou que os pais brigam muito com ele e que não o apoiam em nada. Frequentemente o comparam aos outros e ele está sempre em desvantagem. Segundo seus pais ele deveria ser igual às pessoas que são melhores do que ele. Falou isso com tristeza.

Eduardo aproveitou e disse que já escutou do seu pai que é uma decepção para ele. Esclareceu que o pai é agricultor, muito machista. Eduardo se reconhece ainda como menino, sabe que é magrinho, tem esse jeito falante, gosta de ler, estudar, faz muitas perguntas, mas seu pai valoriza o estereótipo de homem forte, macho, de tal forma que sabe que representa uma decepção desse ideal.

Luigi se identifica com a fala de Eduardo e disse que seu pai grita para ele: “*Você é muito burro! Você devia morrer!*”. O relato é duro, impacta os demais participantes. Alguns falam mais sobre a relação conflituosa com os pais.

Em seguida dizem que tem acontecido muitas brigas entre meninas, apontando que elas não estão mais ocupando o lugar de menininha, inclusive falaram de duas participantes do grupo que se envolveram em uma briga corporal recentemente. Esclareceram que uma namora o ex-namorado da outra e se chamaram de “rapariga”, daí partiram para a agressão física. Os participantes falaram que tem sido mais frequente brigas entre meninas do que meninos. Aproveitou-se para questionar se as brigas tinham repercussões nas redes sociais. Negaram, falaram que os conflitos acontecem apenas na escola e se resolvem lá mesmo.

Alana, 12 anos, uma das participantes citadas como tendo se envolvido na briga, aproveitou para se apresentar. Falou que é usuária do Whatsapp, TikTok, Instagram. Usa o TikTok para mandar indiretas, o que pareceu uma forma digital de continuar o conflito, diferente do que havia sido dito sobre a restrição ao ambiente escolar.

Luísa, era de uma cidade próxima e foi morar em Serra Talhada. Posta no Instagram todo dia fotos suas, acredita ser uma forma de comunicação, nas horas vagas gosta muito de usar o celular. Sempre foi criada pela avó, perdeu o pai há dois anos, sente falta porque ele era um pai presente. Além de “mexer no celular”, gosta de falar, canta bem.

Luigi pede para se apresentar, diz que tem 11 anos, já morou na Paraíba, mas agora está em Serra Talhada. Usa o Instagram e publica bastante sobre jogo de futebol. É frequente passar a noite no celular, no outro dia fica muito cansado.

Finalizamos a roda de conversa com os participantes ainda desejosos por mais espaço de fala, foi confirmado que voltaríamos em 15 dias para seguir com as atividades. Foi visível uma grande diferença para o início da atividade em que eles estavam mais quietos, receosos. Foram convidados para uma foto, todos aceitaram, pediram para receber o registro.

Como a relação foi bem estabelecida com o grupo, aproveitou-se para abordar sobre a coleta de dados digital que seria iniciado posteriormente. Foi perguntado se eles aceitariam o perfil da pesquisa lhes seguindo. Eles gostaram da ideia e anotaram o nome do perfil para buscar depois porque a maioria não estava com celular em mãos e na escola a internet não funciona bem.

1.3.2 Segunda Conversação – 27/09/2023 – Adentrando na cultura sertaneja

Da mesma maneira do encontro anterior, a equipe chegou na escola logo após o intervalo dos alunos. Foram convidadas para um lanche antes de dar início à atividade. Ao entrar na biblioteca, organizamos as cadeiras e os participantes foram chegando.

Os participantes comentaram sobre terem seguido o perfil da pesquisa e terem encontrado o perfil da pesquisadora, mas que ficaram com vergonha de enviar mensagem. Eduardo relatou que como tem vergonha de estabelecer o contato, aguarda que outras pessoas falem com ele, inclusive nas redes sociais. Valéria, Alana e Kelvin se identificaram com esse tipo de constrangimento (ser difícil falar com as pessoas) e Bianca disse que para ela era impossível, se considera muito tímida e seja na escola, nas redes sociais tem vergonha de estabelecer contato, até com os colegas de turma que convive diariamente e o dia todo.

Luigi e Eduardo dizem que às vezes conversam, mas não enviando mensagens, e sim Reels que se identificam e mandam para um amigo. Os vídeos que Eduardo havia mandado para Luigi era sobre algo motivacional e um meme.

A pesquisadora perguntou se esse tipo de “conversa” através de vídeos que enviam um para o outro acontece pelo próprio Instagram ou é enviado por aplicativos específicos para conversa, como Whatsap. Todos responderam que enviam por Instagram e que preferem as conversas estabelecidas por essa rede social. Aproveitou-se o tópico e foi perguntado quais vídeos eles receberam e mais gostaram. Alana respondeu que o vídeo que mais gostou tinha a frase “Eu me comparei com outra pessoa, a que eu mais brigo”. Já Eduardo gostou do vídeo sobre uma mulher que falava sobre personagens da literatura, serviu como inspiração porque está criando um livro para o show de talentos da escola. É um livro de comédia cujo título leva o nome da personagem principal, Melissa.

A pesquisadora comentou que tinha visto muitos vídeos das turmas de classe com frases que faziam referência ao ano estar acabando. Aurora postou sobre isso, mas as imagens eram com seu irmão e não com a turma da escola e Luigi postou com seus amigos.

Luísa estava fazendo prova e chegou na biblioteca pedindo desculpas e falando que estava com pressa para vir para a atividade.

Luigi falou que gosta muito de vaquejada e a pesquisadora perguntou se era um interesse em comum entre eles. A maioria concordou e completaram dizendo que iam mais pela festa do que para acompanhar as competições. Já Eduardo falou que não gosta muito, não se identifica com a vaquejada nem como esporte, tampouco como festa.

Alguns participantes falaram sobre gostar de festas, vão sempre para o centro de Serra Talhada quando tem festas, aproveitaram recentemente a festa de setembro, tanto os shows como os parques.

Eduardo percebeu que o nosso encontro estava previsto para acontecer na sexta-feira, dia 29 e perguntou o motivo de ter sido antecipado para a quarta, dia 27. A pesquisadora explicou a logística de transporte e a impossibilidade de acontecer nas sextas-feiras porque não tem motorista disponível, sendo assim adaptamos para manter a atividade. Nesse momento, a pesquisadora perguntou o que os participantes estavam achando da frequência das conversações. Eduardo disse que ficou ansioso para o próximo, Valéria falou que ficou contando os dias e os outros também disseram que estavam na espera. A pesquisadora falou sobre sua expectativa de encontrá-los novamente e sobre a ideia de aumentar a frequência dos encontros, inclusive já havia comentado com a secretaria de educação e eles acharam muito boa essa ideia.

Rafaela chegou com Yasmim, pois estavam fazendo prova escrita de educação física. Yasmim ainda não tinha se apresentado ao grupo pois no último encontro havia faltado para ir ao médico. Yasmim tem 15 anos e mora próximo à escola.

Eles começam a discutir o que realizam na aula de educação física. Tem jogos, dança, mas nem todos participam; principalmente os meninos nas atividades de dança. A justificativa é que quando os meninos dançam sofrem preconceito dos que não dançam, principalmente em relação ao frevo, segundo Eduardo.

Eduardo disse que dança frevo, mas ultimamente ele está evitando, por ser chamado de “veado”, “gay”. Essa situação o fez desistir. Eduardo aproveitou para expor outras situações embaraçosas, como pessoas o chamando de “sapo” e cita o nome de Daniel, um colega de sala que o atormenta frequentemente, chamando de “saco de leite em pó” e “Zé da manga”, ainda ameaçou contar aos pais de Eduardo a situação ao inverso: Eduardo que o atormentava e batia nele. A pesquisadora perguntou como ele reage quando passa por essas situações e ele respondeu que geralmente desconta sua raiva em outras pessoas, que não estão envolvidas, acaba xingando quem não tem nada a ver.

Eduardo completou dizendo que outro motivo para ter parado de dançar foi o preconceito da sua família, principalmente seu pai, que já esbravejou dizendo que não sabia se o matava ou o deserdava. Ele contou outra situação conflituosa com uma prima mais velha, que o xinga, diz que ele não vai ser nada na vida, que é muito ignorante, que ele deveria morrer logo e que era para ele tomar veneno. Ela faz esse tipo de comentário quando não tem ninguém olhando.

A pesquisadora perguntou se Eduardo consegue pensar nos efeitos dessas falas e ele respondeu que o deixa mal. Diz como é ruim ter essa prima em sua casa cerca de três vezes na semana. Eduardo não consegue falar com os pais porque acha que ninguém dá valor a suas palavras e se sente incompreendido.

A pesquisadora questionou se mais alguém passou por essas situações de ser xingado, de ouvir coisas pesadas a seu respeito. Yasmim conta que quando seu pai está bêbado sai de si e começa a xingar ela e sua mãe, dizendo que elas não prestam. Eduardo pergunta se ele já chegou ao ponto de agredi-las. A pesquisadora percebeu o constrangimento de Yasmim e aproveita para falar que existem diversas maneiras de se agredir alguém: psicológica, verbal, física, entre outras. A pesquisadora perguntou se eles estão expostos a algum tipo de violência. Eles citaram mais a verbal, porém Yasmim pontuou sobre duas – verbal e física. Relatou sobre uma situação em que o pai partiu para cima de sua mãe e ela entrou no meio. Foi necessário chamar outras pessoas para intervirem e apartarem a confusão. Completou alegando que esses episódios estão menos frequentes, pois o pai tem escutado os conselhos da mãe dele. Por outro lado, as agressões verbais continuam. Pontua sobre a diferença do comportamento do pai quando ele está sóbrio, fica carente, carinhoso, chama sua mãe de “meu amor”.

Rafaela falou que seu pai também bebe, mas bêbado ele fica um amor de pessoa, bem carinhoso, de tal forma que não a amedronta.

A pesquisadora perguntou se é frequente e um problema a questão da bebida para os familiares. A maioria falou que é comum os pais beberem, mas não ao ponto de se tornar um problema familiar. Os pais de Aurora bebem vinho na semana santa, nem é cachaça nem cerveja. Eles não ficam bêbados, mas de vez em quando tomam um pouco de vinho.

Luigi disse que o seu pai bebe, mas não é muito de agredir, só uma vez que ele bebeu e foi agredir a sua mãe e ele entrou no meio para defendê-la.

Quando a pesquisadora questionou se eles – os alunos - consumiam álcool, eles se olharam entre si, mas depois confirmaram. Luigi disse que bebe champanhe, energético e faz uso do álcool junto com sua família, só não consome cerveja. Kelvin disse que bebe de tudo, Bianca disse que não consome bebida alcoólica. Eles esclarecem que bebem mais em casa, na casa de algum parente, com amigos.

Eduardo disse que pode beber vinho na semana santa com a família. Todas as pessoas podem beber. Para as crianças, eles só colocam para experimentar, mas não consumir muito.

Rafaela consome cerveja e seus pais sabem que ela bebe. Luísa bebe às vezes, consome mais ice e cerveja. Eles reforçam sobre consumir álcool em casa, com os amigos e

em almoço de família. Valéria e Alana ficaram com vergonha de falar.

A pesquisadora perguntou com que idade começaram a beber e Kelvin responde que começou aos 10, quando ainda morava em São Paulo, inclusive lá era mais fácil de comprar, aqui é sua mãe quem compra para ele. Yasmim começou aos 14, Luigi com 10, Eduardo não bebe. Alana bebe só um pouco, começou aos 10, Rafaela, aos 12.

A pesquisadora perguntou sobre as circunstâncias em que consomem álcool. Eles responderam que para se divertir, ficar alterado, “doidão”, solto. Mas reconhecem que tem gente que bebe para arrumar confusão.

Luigi disse que já chegou a beber até cair no chão. Luísa discorda, não bebe para ficar bêbada. Rafaela contou que quando bebe tem mania de se declarar para as pessoas. Abriu live se declarando, mandou áudios.

A pesquisadora aproveitou o comentário de Rafaela e perguntou se a bebida trouxe repercussão nas redes sociais. Rafaela disse que posta foto com uma cerveja na mão para mostrar que está bebendo. Só uma vez abriu live quando estava alterada pelo consumo alcoólico. Não lembra do que aconteceu nesse dia, mas sua amiga lhe relatou sobre a live para se declarar para o seu namorado e sobre ter caído no chão do banheiro. Na sua cabeça tinha sido um sonho e quando acordou ainda tonta, desorientada, a sua amiga lhe falou sobre a noite anterior. Luísa também já abriu live no Instagram alterada e começou a falar o que sabia e pensava das pessoas. Por causa dos comentários, se meteu em enrascada.

Eduardo comentou que quando as pessoas bebem, revelam seus segredos mais profundos e Rafaela complementa a frase de Eduardo trazendo uma frase que leu no Instagram: “A gente fala bêbado aquilo que não teve coragem de dizer enquanto estava sóbrio”. Rafaela posta que está bebendo para um público selecionado, apenas para os melhores amigos.

Rafaela aproveitou para dizer que vai seguir o perfil da pesquisa, ainda não havia feito porque havia desativado a sua conta do Instagram. A pesquisadora lhe perguntou o que lhe levou a desativar. Ela explicou: “*Eu não sei, simplesmente surtei, apaguei todos os meus contatos, minhas fotos do feed*”. Não soube explicar, mas simplesmente sentiu a necessidade de apagar tudo.

A pesquisadora tentou investigar o que havia lhe levado a apagar seu perfil e Rafaela explicou sobre a diferença entre desativar e apagar a conta. A partir daí falou sobre estar passando por um momento de muita ansiedade e insegurança, com consequências danosas em seu relacionamento amoroso, por isso sentiu a necessidade de se afastar de muita gente e de apagar tudo. Recomeçar, rever as amizades, rever com quem ela conversava e com quem

deixava de conversar. Desativar a conta e abrir outra foi como uma espécie de recomeço. Agora seu perfil é privado, decidiu aceitar como seguidor somente as pessoas que devem permanecer na sua vida. Antes o seu perfil era público e agora sentiu a necessidade de fechar, reduzindo sua exposição e visibilidade. Só aceita pessoas íntimas e quem acredita que não vão lhe prejudicar. No mesmo dia que ela desativou uma conta já fez outra.

A pesquisadora perguntou quais seriam as consequências para eles, caso desistissem de estar nas redes sociais. Eles responderam que seria melhor. Rafaela acredita que poderiam aproveitar mais a vida, as coisas boas, brincar mais, teriam mais infância.

A pesquisadora perguntou como ela aproveitaria mais a vida caso não usasse tanto o celular. Rafaela acredita que aproveitaria brincando de pega, pique esconde, tomaria banho na chuva, viveria uma vida de criança. A pesquisadora perguntou por que ela acha que o celular a impede de apreciar esses momentos. Rafaela supõe que estando com celular perde o interesse por essas coisas porque passa a ficar mais interessada em acompanhar a vida das pessoas, ver vídeos, em resumo se distrai de outra forma.

Valéria e Luísa disseram nunca ter gostado de brincar de boneca. Mas Luísa gostava de brincar com terra, bolinho de terra, de correr, ficava muito em contato com a natureza.

A pesquisadora pontuou sobre ter achado interessante os efeitos de desativar as redes sociais terem remetido a memórias de infância. Rafaela respondeu que era mais feliz nessa idade quando não tinha acesso ao celular e nem conhecia o que era ansiedade. Rafaela falou sobre os efeitos adversos de ter começado a usar o celular. Já se considerava uma garota precoce, evoluída, mas com o acesso aos conteúdos através do aparelho, exacerbou ainda mais sua evolução. Parou de brincar de boneca cedo, como se o telefone tivesse substituído os brinquedos de forma precoce.

Ela falou sobre ter iniciado relacionamento amoroso muito cedo, nova e imatura e isso lhe prejudicou emocionalmente. Seu namoro tem uma relação próxima com as redes sociais, pois se comunica com ele através das plataformas. As conversas entre o casal se passam de forma online, pois não consegue ter conversas sérias pessoalmente e isso tem repercussões no namoro. Percebe que as conversas conflituosas pelo celular aumentam seu nível de ansiedade. Refere não ter maturidade para ficar vendo tudo que o namorado faz nas redes sociais. Reconhece também que o celular tem aumentado as dificuldades para falar face a face, olhar no olho. Os demais participantes que escutavam atentos, concordam com Rafaela e dizem ter a mesma impressão.

Rafaela contou que havia terminado o namoro e isso contribuiu para ter apagado sua conta na rede social. A pesquisadora faz um gancho perguntando quais as repercussões nas

redes sociais quando um namoro termina. Rafaela explicou que depende do casal, alguns postam indireta e no seu caso é o namorado quem faz isso, ela não gosta de indiretas.

Retornou à pergunta sobre quais seriam os impactos na vida deles de desativarem completamente as redes sociais. Eduardo acredita que seria muito melhor, pois as redes sociais trazem uma sensação ruim. Eduardo relatou sobre crises de choro, ao pensar que ele não vai ser ninguém na vida, que deveria se suicidar. A pesquisadora fez uma observação sobre o que as pessoas falam sobre ele e como ele se vê. Ele comenta sobre não se sentir capaz de aproveitar a presença das pessoas importantes em sua vida. Culpa-se por ser racista e ter tratado mal seu avô por ele ser negro.

Alana e Valéria se emocionam. Eduardo e Luigi também são afetados. Abre-se espaço para falar sobre as emoções despertadas e eles pontuam sobre não ter aproveitado o tempo com as pessoas que amavam e agora ser tarde demais.

O tópico da conversa avança e eles falam sobre gostar dos encontros porque eles podem se expressar. A pesquisadora lança uma pergunta se eles desativaram alguma vez a rede social e alguns disseram que sim. O que levou Luísa a desativar a rede social, era o fato de ter vários seguidores, inclusive pessoas das quais já tinha se afastado, e por isso não valia a pena continuar consumindo informações da vida delas, como também elas saberem da sua. Então ela criou outro perfil, seguindo só coisas/pessoas que ela gostava e que valeria a pena ter no seu Instagram e ter acesso a sua vida. Luísa acredita que desativar a conta na rede social e criar uma nova é como começar um novo ciclo mais restrito, se afastando de pessoas tóxicas. Os participantes comentam sobre outras estratégias para se afastar sem desativar como bloquear as pessoas, deixar de seguir, silenciar as publicações.

A pesquisadora percebeu que falaram bastante sobre como seria hipoteticamente desativar o perfil nas redes sociais e o que ganhariam com a atitude. Pergunta, então, o que os faz permanecer nas plataformas. Rafaela comentou que nem se imagina sem rede social. Luísa concordou. A rede social é uma maneira de estar em contato com as pessoas e “por dentro” do que acontece.

Entretanto, Luísa considera que ganhou um celular muito cedo e teve acesso ao que pessoas mais velhas faziam e queria repetir. Queria fazer coisas que pessoas mais velhas faziam: namorar, beber, sair, ser independente. Rafaela e Luísa falaram sobre o impacto que tiveram ao perceber que nas redes sociais existiam as “meninas padrão”, que são meninas que tem um corpo considerado perfeito, patricinhas, cabelo bonito, fazem academia, parecem “Barbiezinhas”. São uma espécie de modelo a ser seguido.

Devido ao avançar da hora, o grupo é encerrado com a promessa de tentar fazer o próximo encontro na semana seguinte, ampliando a frequência.

1.3.2.1 Coleta de dados digitais no período de 29/09 a 04/10/2023

Como foi abordado na última conversa sobre mandar mensagem se identificando como participante do grupo e eles puderam falar sobre a vergonha que sentem em fazer essa conexão, a maioria dos membros do grupo mandaram mensagens e a coleta dos dados digitais foi iniciada.

Aurora compartilhou uma foto sua com sua mãe quando ainda era um bebê como resposta a caixinha com a provocação: *“Só quem não tem vergonha da mãe”*. Em outra publicação, segue expressando seu carinho pela mãe: *“Orgulho mesmo eu tenho é da minha mãe, ela sim fez tudo por mim e não pediu nada em troca, só juízo”*.

Aurora compartilhou diversas selfies, incluindo duas com uma amiga e três usando a farda escolar. Ela repostou um vídeo com várias fotos de sua turma, onde Eduardo e outros colegas foram marcados. Além disso, publicou um *reel* mostrando três selfies, com filtro de corações no rosto, e outro *reel* mostrando um desenho de uma mulher com flores no cabelo e óculos. Não dá para saber se o desenho é de sua autoria ou se ela se limitou a pintá-lo. De qualquer forma, há uma excelente qualidade artística e criativa.

Nos stories, Aurora postou duas sequências de fotos: uma com um filtro de cachorrinho no rosto e outra com as mesmas fotos, mas sem filtro. Ela também compartilhou várias selfies feitas por ela e por uma amiga, em paisagens do sertão, e uma foto dela criança com a legenda: *“Dia das crianças chegando. Mostre como você era”*.

Eduardo compartilhou duas fotos de colegas de classe usando filtros que deformam o rosto, com a legenda: *“nos vingamos de você.”* Além disso, Eduardo foi marcado e repostou um vídeo que reúne várias fotos dele com seus colegas de turma. Ele também repostou uma foto em que foi marcado, mostrando uma mulher e uma criança, que aparentam ser parte de sua família.

Valéria repostou frequentemente stories do namorado, incluindo uma declaração de amor com música romântica e frases como *“No momento em que te vi, vi que era amor”*. No Dia Mundial do Casal, publicou uma selfie com o namorado, acompanhada da legenda *“te amo, vida”*. Já no Dia do Amor Próprio, postou uma selfie na escola com farda e um boné do Corinthians, brincando: *“Menos esse boné”*. No Dia do Amor destacou momentos vividos a dois.

Em meio a postagens que falavam sobre amor, música e coisas do cotidiano, Valéria postou sobre suas lutas e sofrimento do cotidiano, por exemplo uma selfie com a legenda *“Exausta, mas de pé”*, acompanhada de uma música evangélica sobre superação. Ainda fez algumas postagens sobre ansiedade: *“Nunca diga a alguém que ansiedade é frescura. Você não sabe o que é lutar contra isso todos os dias e ainda ter que colocar um sorriso no rosto”*. Outra postagem falava sobre seguir em frente e depois olhar para trás e perceber que foi forte. Outro conteúdo publicado foi uma montagem de fotos em homenagem ao aniversário de sua mãe com uma mensagem sobre recomeço e perdão, coerente com o que comenta nas conversações sobre a difícil relação entre elas.

Luigi compartilhou postagens pontuando sobre pessoas mais introspectivas e que preferem manter um distanciamento social. É frequente o uso de frases que expressam um estereótipo do “homem forte” cujos sentimentos são ocultados. Ele publicou uma foto de um homem em farda camuflada com a legenda: *“Chorar calado, pensar quieto e desabafar com Deus, essa é a rotina de todo indivíduo forte”*. Em outras postagens ele publica frases como: *“Aprendi na marra que somente eu posso me fazer bem, os outros podem no máximo me proporcionar bons momentos”*, e *“Vida privada, poucos amigos e vivendo em paz. Não quero ser visto, quem dirá lembrado, quanto menos souberem de mim, melhor”*. Ele também menciona seu afastamento de pessoas através da frase: *“Pedi pra Deus me afastar de todo mal e Ele me afastou de muita gente”*. Entre suas postagens, há também várias músicas de amor e desilusão amorosa, incluindo uma que menciona a intenção de postar uma foto com uma moça apenas para seus melhores amigos.

Luigi compartilhou selfies com figurinhas, como um diabinho roxo e um dragão em seu nariz. Ele também repostou uma foto em que foi marcado com sua prima. Todas as postagens de si incluem elementos para esconder partes do seu rosto.

Rafaela postou uma selfie no espelho da escola com a legenda *“De uns dias aí”* e, em outra publicação, mencionou ser sensível: *“um dos meus defeitos é ser muito sentimental, tudo me afeta, até o modo que a pessoa me responde”*.

Além disso, Rafaela compartilhou momentos em família, como uma foto de um bebê com a legenda *“gostosinho da titia”*, e repostou uma imagem com mulheres e uma criança em um ambiente familiar.

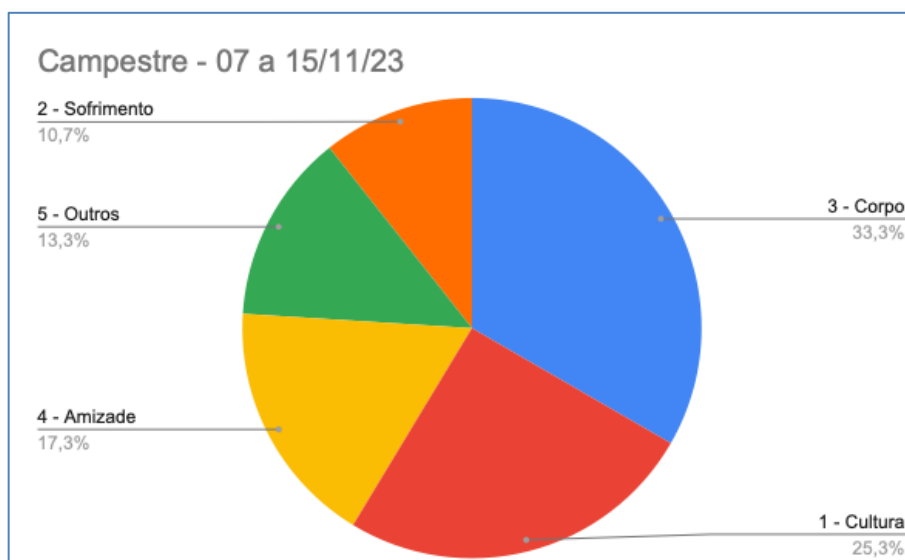
Ela também registrou sua chegada a Serra Talhada para um evento escolar destinado aos alunos do 9º ano que atingiram a média esperada. Dentre as publicações deste dia estão várias selfies: imagens no espelho de biquíni durante um “Dia de lazer”, fotos no ônibus com óculos de sol e outro do seu rosto com óculos escuros. Rafaela também publicou uma foto da

paisagem em “Carnaúba Seca” e uma imagem de uma senhora costurando, com a legenda: “*alguns minutinhos de prosa sobre a vida, com meu amorzinho*”, que parece ser sua avó.

Em relação à vida social, Rafaela repostou uma foto em que aparece apenas as pernas de pessoas em torno de uma mesa com petiscos, refrigerante e bebida alcoólica. Relembro os relatos sobre o consumo de álcool no grupo. Ela também compartilhou fotos com duas amigas, escrevendo “*eita cachaça. Só em ver as fotos me dá vontade de vomitar*”, sinalizando o excesso do uso do álcool. Outra postagem revela sua socialização através de brincadeiras, por exemplo jogando Uno com amigos, onde comenta brincando: “*Minha realidade*”, porque na imagem alguém estava com muitas cartas, perdendo muito.

Alana começou o mês de outubro com uma mensagem otimista: “Que outubro nos traga em dobro: cores, vida aos nossos dias, afeto sem medidas, boas energias e sentimentos de paz. Seja muito bem-vindo”. Ela também repostou uma foto com um menino, mas sem mostrar o rosto, apenas do pescoço para baixo, e publicou uma mensagem de parabéns para ele. Além disso, Alana compartilhou uma selfie divertida com um filtro de vaquinha e brilho no rosto. E uma foto do grupo de dança da escola, mostrando seu envolvimento com atividades escolares.

Segue gráfico com as postagens dos participantes classificadas por categorias nesse período:



1.3.3 Terceira Conversação – 05/10/2023 – Performances de ruptura para “chamar atenção”

Neste dia, a prefeitura não pôde dar suporte com o carro e o motorista para conduzir a equipe ao colégio. Entretanto, a pesquisadora decidiu utilizar o próprio veículo para garantir o transporte da equipe e manter a atividade conforme previsto. Chegamos um pouco mais cedo que o habitual, os alunos estavam no intervalo e como sempre fomos bem recebidas, seguimos para o refeitório. Enquanto comíamos, alguns adolescentes ainda estavam lanchando, inclusive alguns participantes da pesquisa – estes falavam conosco e seguiam para pegar a refeição. Rafaela se sentou na mesma mesa onde estávamos e Valéria ficou um pouco mais a frente.

Assim que terminamos, nos direcionamos para a biblioteca onde a conversação acontece. Ao chegarmos, fomos surpreendidas com a sala toda organizada e quase todos os adolescentes sentados, nos aguardando. Eles já haviam tirado as mesas do centro da sala e colocado as cadeiras em forma de círculo. As meninas tinham nos encontrado no refeitório, informaram aos alunos que já estávamos na escola e todos se dirigiram à sala.

A conversação teve início com uma das estagiárias, Wiliany, se apresentando e explicando o motivo de não ter participado dos últimos encontros, ela estava doente.

A pesquisadora perguntou sobre como estavam, se tinham algo para compartilhar. Eles falaram sobre duas atividades que tinha acontecido na escola, um dia de lazer em um clube para os alunos do nono ano e uma apresentação do grupo de dança. A pesquisadora comentou sobre ter visto postagens em alusão aos dois eventos e aproveitou para perguntar se eles achavam que quem os conhece somente pelas redes sociais, realmente sabe sobre suas vidas. A maioria respondeu enfaticamente que não.

Eduardo falou que não, pois ele nem posta muita coisa sobre si e quando posta, ele próprio não aparece. Rafaela concordou e disse que se as pessoas criarem a expectativa de conhecê-la pelas coisas que posta, eles vão ficar “doidos”. Luísa achou graça e disse que as pessoas vão dizer que ela é uma coisa pelo celular e pessoalmente é outra.

A pesquisadora questionou qual impressão as pessoas teriam ao conhecê-los pelas redes sociais ou o que vão conhecer sobre eles nas plataformas digitais. Luísa acredita que aqueles que a conhecem somente pelo celular vão pensar que ela é muito calma, ao invés de agitada. Vão pensar: “*Essa menina é bem good vibes*”, mas quando conhecerem pessoalmente vão ver que ela “*não bate muito bem da cabeça*”. Pois ela se considera “muito aleatória”. Pelo

celular ela demonstra ser uma pessoa muito séria, que não gosta de brincadeiras, que tem um comportamento sério, mas pessoalmente é o contrário disso

A pesquisadora questionou a Luísa se existe algum motivo ou se é de forma consciente e planejada que ela se esforça para passar essa impressão de “menina séria” nas redes sociais. Luísa negou e justificou dizendo que não vai mostrar quem realmente é, suas características de forma tão pública, precisa conviver com ela para conhecê-la realmente. Discorda de quem se expõe muito nas redes sociais, sem saber quem está “do outro lado”.

Rafaela discorda de Luísa e diz que é totalmente o oposto, demonstra como ela é mesmo sabendo que é “doidinha da cabeça”. Gosta muito de tirar brincadeiras, rir e é uma pessoa muito extrovertida, principalmente com pessoas com quem tem intimidade. Acaba demonstrando pelo celular aquilo que ela é justamente para que as pessoas não estranhem quando a conhecerem. Inclusive acredita que é uma maneira de evitar assustá-las com seu jeito de ser.

Como Rafaela falou sobre sua preocupação em não assustar as pessoas com seu jeito extrovertido, a pesquisadora questionou se o receio de conhecer pessoalmente tem relação com a questão da aparência, porém a adolescente discorda e justifica alegando que usa poucos efeitos de lapidação da imagem, como os filtros. Então no que se refere a sua aparência, aquilo que mostra nas redes sociais é muito próximo da sua imagem de fato. Luísa aproveita o comentário de Rafaela para dizer sobre sua impressão de que os filtros podem mudar bastante a imagem das pessoas, porém não percebe isso na colega, ela é bem natural e não abusa dos efeitos.

Rafaela confessa que usa um efeito só para dizer que entrou na moda e aproveita para retocar seu nariz para ele ficar mais delicado. Luísa usa filtros que dão aparência de maquiagem, tipo blush, mas nada que altere muito sua fisionomia.

A pesquisadora conclui em forma de pergunta que apesar de usarem os filtros elas se preocupam em continuarem sendo elas mesmas, apenas com algum aprimoramento. As duas concordam. Rafaela percebeu que não se modifica muito com os filtros porque as pessoas que a conhecem inicialmente pelo celular, a reconhecem pessoalmente. Por exemplo: quando ela tinha o Instagram aberto, ela postava muitas fotos e uma vez ela foi na rua e várias pessoas a reconheceram por terem visto no Instagram. As pessoas diziam “Nossa, eu já te vi no Instagram”, “Eu te sigo no Instagram”.

A pesquisadora compartilhou uma experiência pessoal quando, em uma viagem postou várias fotos, mas nem sabia usar os filtros do Instagram. Um dia ela adoeceu e só saiu do hotel para comer, saiu “de qualquer jeito” e no caminho passaram por um lugar muito bonito.

Tentou registrar, mas nenhuma foto prestava porque ela estava muito desarrumada mesmo, com cara de doente. Então ela resolveu experimentar um filtro chamado “pele natural”. Ela tirou a foto com o marido, o filtro foi usado apenas no rosto dela e ao postar ficou impressionada com o melhoramento da sua imagem. A postagem teve uma repercussão enorme com muitos comentários, curtidas. Inclusive um dos comentários falava sobre o lugar estar lhe fazendo muito bem porque ela estava mais bonita. Só que a realidade era completamente diferente daquilo que a rede social estava mostrando. Ela usou o filtro porque realmente estava se sentindo muito mal.

Após contar essa história pessoal a pesquisadora perguntou se isso já havia acontecido com eles e eles responderam que sim. Rafaela disse já usou filtros quando estava mal e os efeitos melhoraram a sua autoestima.

Eduardo compartilhou sua impressão de que até os filtros que prometem deixar um efeito natural, mudam até a sua alma. Mas diferente de Rafaela, se ele estiver com a autoestima baixa e tirar uma foto com efeito, ele se compara consigo mesmo e piora.

Bianca falou que quando está com autoestima baixa evita tirar foto. A pesquisadora perguntou quais são essas situações que chega a evitar fotos, mas Bianca falou que normalmente não costuma tirar foto. Aproveitando a participação de Bianca, a pesquisadora lhe perguntou o que ela faz para se sentir melhor, ela acredita que dormir é o melhor remédio, quando acorda as coisas melhoram mais ou menos.

Rafaela compartilhou que quando dorme é como se esquecesse tudo que lhe faz mal e acorda melhor. Entretanto, confessa que é possível dormir para esquecer o que incomoda, mas ao acordar continuar se atormentando com a mesma situação.

Para Yasmim e Valéria dormir não funciona, elas acreditam que até piora. Yasmim diz que quando não encontra nada nenhuma alternativa para melhorar nessas situações, ela procura alguma coisa para comer.

A pesquisadora questionou o que eles estavam chamando de autoestima baixa e Rafaela respondeu ser a impressão de se sentir insuficiente, se achar feia, ter conflitos e queixas com sua aparência, se comparar com outras pessoas, se incomodar com a pele, o corpo, rosto, cabelo, tudo. Resume: autoestima baixa é se avaliar negativamente e se achar insuficiente.

Foi questionado sobre esse momento em que eles estão se sentindo insuficientes e com a autoestima baixa, se eles acreditam que as redes sociais melhoram, pioram a situação, não ajudam em nada, ou se elas são uma maneira de se expressar. A pesquisadora questionou se eles usam para expressar o mal-estar e primeiramente eles responderam que piora.

Rafaela disse que gosta de expressar o que está sentindo, uma vez que se considera expressiva, mas aí ela diz a si mesma: “Se controle para você não passar vergonha”, e consegue evitar.

Bianca concordou com Rafaela que muitas vezes demonstrar o que está sentindo nas redes sociais é passar vergonha. Rafaela completa dizendo que expor o que você está sentindo na internet para os outros verem, é mal interpretado e a pessoa que se expõe acaba passando vergonha.

Luísa contou sobre perceber o comportamento das pessoas que vão no Tiktok quando estão se sentindo mal, salvam um vídeo super triste e postam com a frase: “Ai que ódio da vida”, “Não gosto de viver”, “Tô triste”. Ela acredita que isso é passar vergonha, porque a pessoa pensa que postando alguém vai ajudar, mas não vai. Ao contrário, vai fazer as outras pessoas rirem, então ela acredita que não faz muito sentido.

A pesquisadora perguntou o que eles achavam que levou aquela pessoa a postar o vídeo super triste, qual seria a finalidade. Luísa respondeu que conhece algumas pessoas que fazem isso constantemente – “conheço bem esse tipo de pessoa” –, frisa: “*Elas postam para chamar atenção*”. Completa dizendo que postam porque acham que alguém vai ficar com pena e vai mandar mensagem, se preocupar, mas acaba que ninguém manda. Postar isso é passar vergonha e as pessoas chegam até rir.

Luísa continuou falando que quando está triste posta frases motivacionais de arrobas no Instagram como “pense positivo”. Ela se expressa por frases que vê no Instagram. Já chegou a postar nos melhores amigos uma frase que dizia “Ela passou o dia rindo e foi dormir chorando”. Ela fala que posta alguns vídeos também, mas não são os mesmos que as outras pessoas postam – uma menina chorando e músicas tristes, que são considerados os mais bregas. Esses estilos de vídeos são postados com uma legenda do tipo: “Estou prestes a acabar com a minha vida”.

Bianca concordou que muitas vezes fazem essas postagens para chamar atenção. Às vezes não é para demonstrar o que está sentindo, mas para chamar a atenção das pessoas. Luísa completa: “*Para que as pessoas venham perguntar o que ela está sentindo, se ela precisa de ajuda*”. E repete conhecer muitas pessoas que são assim. Bianca compreende que as pessoas podem ter problemas, mas estranha quando alguém posta uma frase desse tipo e depois de uma hora ou duas já está toda animada.

Nesse momento eles discutem sobre várias pessoas da escola que fazem isso, inclusive uma menina que postou que deveria acabar com sua vida e pouco tempo depois estava postando um vídeo dançando forró.

A pesquisadora perguntou se eles consideram que é possível os adolescentes sentirem algo de forma muito intensa e ao mesmo tempo passageira. Como eles ficaram em silêncio, a pesquisadora continuou perguntando de forma a levá-los a refletir se seria possível alguém vivenciar uma situação que lhe fez muito mal e usar a rede social para compartilhar sua tristeza, conseguir respirar, pensar em outras coisas e depois ter vontade de ir para uma festa se divertir. Alguns concordaram, mostraram empatia pela oscilação.

Luísa insistiu na contradição de uma situação específica dizendo que achou estranho porque não foi nem dez minutos que a menina tinha postado que estava triste e em seguida já postou um vídeo dançando.

A pesquisadora falou distinguir duas situações: (1) uma pessoa que tem uma personalidade depressiva ou está passando por momento depressivo que não encontra alegria em nada de viver, tudo é cinza e sem graça; (2) uma pessoa que passa por uma situação pontual mais difícil que lhe toca de uma maneira muito intensa, mas minimamente consegue seguir em frente, se autorregular. Enfim, há sofrimento com tonalidade patológica e outros que são pontuais e seguem adiante.

Luísa falou que em 2021 passou por um momento difícil quando seu pai faleceu. Ela começou a pensar “Eu preferia morrer do que estar passando por isso” e foi um tempo de muito sofrimento. Começou no final do mês de setembro e durou até dezembro, não sentia nenhum prazer na vida, chegou a se isolar. Não apreciou o Natal, ano novo, não tinha mais coragem para fazer nada. Nesse tempo ela não postava muitas coisas – tinha 10 anos e o que postava era sobre o pai, lembranças dele.

A pesquisadora questionou se eles conseguem perceber quando alguém está postando muita coisa triste e é somente para “chamar atenção” e quando, de fato, aquela pessoa está sofrendo. Eles acreditam que dá para perceber. Rafaela explicou que uma pessoa em sofrimento intenso não fica postando várias coisas, a pessoa vai postar uma frase pequena e não exagerada. Bianca falou que eles percebem, pois como passam mais tempo na escola do que em casa, passam a conviver muito com os colegas de classe e percebem quando há diferença, fica mais quieto.

Rafaela citou uma frase que salvou no seu TikTok e esclarece que a maior parte do conteúdo que aparece no seu TikTok são frases, algumas ela republica. As pessoas que sofrem postam frases do tipo: “Ninguém se desculpou pelas coisas que me fizeram, só me culparam pela maneira como reagi”. As pessoas sofrendo realmente não postam frases como “tô mal, tô triste, vou morrer”. Se as pessoas realmente estivessem sentindo essas coisas, elas não postariam nas redes sociais, elas pegariam mais leve.

Quando questionada a razão das pessoas chamarem atenção dessa maneira, os participantes responderam que hoje em dia é muito frequente sintomas de ansiedade e depressão. Acreditam que as pessoas fazem questão de destacar e publicar sobre essas patologias que acabam sendo explicação para tudo que vivem.

Eduardo apontou que essas pessoas devem estar passando por problemas, porque se elas estão postando isso para chamar atenção, então deve ter algo errado com elas.

Os participantes silenciaram e a pesquisadora contou sobre sua pesquisa de mestrado que versava sobre adolescentes que se cortavam e quando ela ia se encontrar com os pais ou fazer entrevista com a escola, as pessoas diziam que os adolescentes estavam fazendo aquilo só para chamar atenção. E ela questionava: por que será que eles precisam fazer tudo isso para chamar atenção? O que será que ele tentou fazer antes e não foi visto, de tal maneira que ele precisou agir contra si ao ponto de se lesionar? Faz uma aproximação entre os cortes e as postagens perguntando: “Quando uma pessoa chega a postar sobre seu sofrimento nas redes sociais, será que ela já tentou fazer algo diferente antes?”

Eduardo respondeu que já devia ter tentado, porém não foi tão eficaz e a pessoa não conseguiu chamar a atenção que queria. Luísa trouxe que quando a pessoa se corta, não é para chamar atenção, já que é algo sério e se estiver fazendo tal ato para chamar atenção corre muitos riscos. Eduardo comentou de casos em que as pessoas não conseguem mais parar de se cortar.

Rafaela disse que as pessoas que fazem isso para aliviar uma dor interna e que precisa transformar em dor física. Daí a ideia de cortar os pulsos.

A pesquisadora explicou que alguns adolescentes referem uma sensação de sufocamento, sem conseguir colocar em palavras o sofrimento. Frente à angústia sem possibilidade de contorno, acabam se cortando para gerar um alívio rápido. E falou que muitos escolhem os pulsos por serem um local mais visível, porém é frequente já existirem outros cortes, em locais mais escondidos do corpo. Eduardo relatou que conheceu uma pessoa que cometeu suicídio, tomou todos os remédios que encontrou e cortou os pulsos.

A pesquisadora perguntou se publicar sobre vídeos tristes nas redes sociais é uma maneira de expressarem o que estão pensando. Rafaela discorda, uma pessoa que está passando por isso não precisa se expressar muito, pois a maioria do povo que vê, ridiculariza e não vai ajudar. Luísa concordou com Rafaela e disse que era melhor se as pessoas mudassem a frase “quero me suicidar” para algumas coisas mais leves, do tipo “eu estou cansada e acho que não aguento mais”. Eduardo rebateu: “E se o sofrimento dela não for leve?”

Luigi disse que tem pessoas que abrem live com o objetivo de desabafar sobre as mazelas da vida e compartilhou o caso de uma prima que fez recentemente e foi um comentário geral na família. Ele considerou que a prima se expôs desnecessariamente.

Rafaela disse que se segura para não postar suas dores, para não passar vergonha, pois ninguém vai compreender o que ela está sentindo. Trouxe um relato de sua vida, compartilhando que foi diagnosticada com síndrome do pânico e ao perceber que vai ter uma crise, toma remédio e vai dormir.

Eduardo compartilhou a questão de pessoas que postam que estão tristes e depois felizes em um curto tempo. Depois falou sobre um dia que passou a manhã toda chorando, pois na sua cabeça estava se repetindo uma frase que sua prima tinha lhe dito: “Você já deveria ter morrido de câncer” e era como se essa frase ficasse gritando no seu ouvido.

A pesquisadora questionou se ele sabia a razão dessa frase ter ficado reverberando no seu ouvido e ele respondeu que já fazia tempo que a prima tinha lhe dito isso, mas nesse dia especificamente tinha estudado sobre leucemia e lembrou das palavras da prima.

Alguns participantes quiseram saber quem era essa prima de Eduardo que havia dito uma coisa tão horrível, mas a pesquisadora cortou as indagações dizendo que esse não era o foco.

Em seguida, a pesquisadora questionou se eles conseguiam distinguir o que consideravam íntimo e o que não deveria ser exposto nas redes sociais. Para Eduardo são os momentos de tristeza. Rafaela concordou, disse que posta mais frases, que não gosta de expor seu namoro nas redes, porém pensa assim agora, antes postava muito e tudo.

A pesquisadora perguntou a Kelvin e Alana, o casal de namorados do grupo, se eles divulgavam o namoro nas redes, ambos responderam que não.

Rafaela fez referência aos blogueiros que expõem suas vidas inteiras nas redes. Citaram exemplos como: Virginia Fonseca, Hytalo Santos, Vih Tuber, as gêmeas lacrações e MC Loma, Camilinha. Falaram que os influenciadores postam literalmente tudo nas redes, desde coisas do dia a dia, até coisa “forçadas” só para poder aparecer e ganhar visualizações, seguidores, engajamento e chamar atenção da mídia.

A pesquisadora perguntou se eles seguiam influenciadores da idade deles. Yasmim respondeu que seguia Camilinha, já Rafaela e Eduardo não conseguiram lembrar. A pesquisadora perguntou se na escola havia alguém que fosse considerado famoso nas redes. Luísa disse que tem uma pessoa que posta bastante sim, mas não consegue recordar quem.

A pesquisadora questionou se as pessoas que postam bastante nas redes são exatamente aquilo que postam, e a resposta unânime foi que não, o que é postado nas redes é

mais uma ficção para chamar atenção da mídia. Eduardo compartilhou sua impressão de que tudo que vê dos influenciadores postando considera falso, até mesmo o rosto, devido a tantas plásticas.

A pesquisadora pontuou sobre as blogueirinhas que postam sobre suas vidas e são consideradas influencers, justamente pela capacidade de influenciar pessoas e questiona se eles sentem que são influenciados pelos conteúdos que consomem nas redes sociais. Novamente há uma unanimidade na resposta, pois afirmaram não serem influenciados de jeito nenhum.

A pesquisadora questiona se quando se sentem mal e se comparam não tem relação com os conteúdos consumidos na internet, como, por exemplo, o querer ser aquilo que o outro está mostrando. As respostas começam a se dividir, alguns responderam que sim, um pouco, outros insistiram que não.

Rafaela afirmou que não acontece com ela, pois primeiramente se olha no espelho e, é justamente o não gostar do que vê que a faz se comparar com outras pessoas, como mulheres no Instagram que ela considera perfeitas. A pesquisadora indagou se isso que ela traz não é de certa forma uma influência, afinal ela vê pessoas perfeitas no Instagram e depois quando se olha no espelho tem como referência o ideal que viu na rede social. Rafaela pensou e, surpresa, concordou.

Luísa compartilhou que quando está se sentindo bem percebe as outras pessoas de forma “normal”, não se compara com elas. Entretanto, quando não se sente bem, realmente se compara. Rafaela concordou e disse que quando não está bem, se olha no espelho, encontra mil defeitos e fica triste. Procura então esquecer o que está sentindo através do celular, como forma de fugir da realidade. Porém, justamente nesses momentos acaba vendo pessoas de sua idade com um corpo mais “estruturado” que o dela e fica se comparando. Luigi esclareceu que quando está com a autoestima baixa não pega nem no celular.

A pesquisadora explicou sobre os algoritmos utilizados nas redes sociais, que fazem com que posts e conteúdos curtidos ou pesquisados apareçam sugestivamente outras vezes. Por exemplo, um conteúdo postado ou consumido quando estavam se sentindo tristes, fica aparecendo sistematicamente. Então, perguntou se a visualização repetida desse conteúdo que “aparece” lhes influencia de alguma maneira. A pesquisadora conta sobre algo que aconteceu com uma participante de outro grupo, no qual uma menina estava se sentindo acima do peso e pesquisou nas redes sociais métodos para emagrecer. Depois, quando já estava se sentindo bem com seu corpo, percebeu que o algoritmo continuava sugestionando aquele tipo de

conteúdo sobre emagrecimento e passou a se questionar novamente sobre seu peso. A pesquisadora perguntou se isso já aconteceu com eles.

Bianca compartilhou que pesquisa um determinado conteúdo, depois mesmo que perca o interesse no tópico, o algoritmo continua sugestionando os conteúdos que aparecem “aleatoriamente”. Não consegue seguir adiante e percebe que é influenciada sim pelo conteúdo das redes sociais.

Rafaela disse que no seu caso, realmente se acha “gorda” e por se olhar no espelho e não gostar do que vê, já sentiu a necessidade de emagrecer, passando a comer pouco, uma quantidade que, segundo ela, não era suficiente para suprir suas necessidades nutricionais. Ela disse que sempre quis o corpo “padrãozinho”. A pesquisadora perguntou onde ela viu esse corpo padrãozinho. Rafaela viu na internet. A pesquisadora questionou novamente se isso não seria uma influência. Alguns responderam que sim. Rafaela, ainda resistindo, disse que depende da mentalidade.

A pesquisadora aborda sobre o uso crítico das redes sociais, pois muitas vezes as pessoas não se dão conta que estão sendo influenciadas, mas aquilo vai entrando, de alguma forma, se tornando uma referência.

A pesquisadora ainda os lembrou que o momento da vida em que estão é de mudanças no corpo, sendo um processo de transformação custoso. Cada um pode ter algo que não gosta no próprio corpo, mas que aquilo que é mostrado nas redes sociais nem sempre corresponde a realidade. É preciso lembrar que algumas imperfeições são transitórias, fazem parte do processo, o qual diz respeito à passagem do corpo de criança para o corpo adulto.

Os comentários da pesquisadora foram no sentido de fazê-los perceber que estão se comparando com pessoas mais velhas, que estão muito à frente, já passaram pelas transformações da adolescência. A maioria dos influenciadores que seguem não tem a mesma idade que eles. Consciente que havia falado demais, a pesquisadora lembrou que estavam ali para escutá-los, mas que quando necessário, precisava intervir na direção de um cuidado com a saúde deles. Rafaela destacou a importância do cuidado em saúde mental, pois influencia em muita coisa, inclusive na saúde física, afetando o corpo.

A pesquisadora afirmou não ser a favor das teorias que trazem as redes sociais como único fator causador de ansiedade e depressão nos adolescentes. As redes não são suficientes para suscitar esses sintomas, mas os adolescentes compõem um público mais vulnerável devido ao próprio atravessamento desta fase. O uso exacerbado das redes pode ser um fator adicional que amplia esses sintomas, essa sensação de inferioridade. Rafaela aproveitou para relatar que teve algumas crises de ansiedade, com desdobramentos corporais, em forma de

alergias e coceiras, precisou ser tratada por uma psiquiatra, também em decorrência das crises de pânico.

Por fim, a reunião é encerrada com alguns avisos a respeito da próxima conversação, a qual ocorreria em quinze dias devido ao feriado.

1.3.3.1 Coleta de dados digitais no período de 05 a 16/10/2023

Entre as publicações de Aurora, ela faz muitas selfies e posta fotos de paisagens rurais, em uma delas publicou um vídeo da paisagem em frente à sua casa, comentando: “o jardim está calmo hoje”. Dentre as inúmeras selfies postadas por Aurora, uma delas está sentada na cama e lança uma enquete sobre sua idade, perguntando se os seguidores acham que ela tem 11, 12 ou 13 anos.

Um vídeo destaca a importância das amizades na adolescência e retrata várias fotos suas com seus amigos, sinalizando quem é seu “grupinho”. Em outra selfie, Aurora aparece com algumas crianças, expressando seu carinho com a mensagem “*amo vocês*”. Celebra o Dia das Crianças com fotos do irmão e de outras crianças com a legenda: “*pequena parte dos meus dengos*”, com uma trilha sonora infantil. Homenageia os professores com uma foto e a mensagem: “*Aos mestres que não só ensinam, mas fazem diferença na vida dos seus alunos*”, marcando seus professores. Depois ela reposta a foto da professora agradecendo um chocolate que ganhou com a frase: “*Você é especial para mim*”.

Eduardo postou uma foto em homenagem ao feriado religioso, com a imagem de Nossa Senhora. Em outra publicação, ele celebrou o aniversário da avó, posando ao lado dela em frente ao bolo. Além disso, Eduardo também compartilhou uma foto em família, onde aparece com a mãe, a irmã e a avó, todos juntos na celebração do aniversário.

Valéria compartilhou um vídeo de si mesma, ao som de uma música de louvor, respondendo a caixinha: “*Digite o louvor e o terceiro será resposta de Deus para você*”. Em outra selfie, ela opta por não usar filtros, acompanhada de uma música de fundo.

Nos stories, Valéria fez uma montagem com quatro selfies no espelho, respondendo a uma caixinha sobre as idades que fará em 2024, 2025 e 2026, mencionando que completará 13, 14 e 15 anos. Ela publicou um vídeo de uma mulher cantando uma música sertaneja que expressa saudade.

Outros vídeos incluem um casal ao som de uma música brega funk, com a legenda: “*Um relacionamento é composto por um engraçadinho que não tem medo da morte e uma estressada doida da cabeça*”. Valéria também compartilhou um vídeo divertido de uma moça

dançando na rua, com a frase: *“O parafuso que me falta eu não perdi. Tirei de propósito para poder ser feliz”*. Postou fotos e vídeos com frases reflexivas, abordando temas como vingança, sobre ter sido uma criança bondosa e ter se modificado com o tempo e sobre a brevidade da vida. Ainda fez uma postagem com a frase: *“Ah, você não dura com ninguém”*, e explica que não tolera ser enganada. Por fim, Valéria repostou uma foto em que foi marcada por uma amiga, expressando seu carinho com a frase: *“A vida diz que você é minha melhor amiga, mas meu coração diz que você é minha irmã”*. É possível perceber através do conteúdo de suas postagens a crise no relacionamento amoroso.

Luigi postou um vídeo apontando sua decepção com pessoas e suas consequências: *“As pessoas fodem a tua vida, e depois vem dizer: ‘nossa como você está estranho’. Quando a gente muda, não voltamos a ser o mesmo de antes. Aprendemos a viver assim, as pessoas aceitando ou não”*. Esse vídeo parece estar conectado ao tema discutido na última conversa sobre a expressão de sofrimento de maneira discreta, inclusive foi postado logo após o encontro do grupo.

Além disso, Luigi compartilhou momentos importantes de sua vida em suas postagens. Ele iniciou com uma foto de sua primeira eucaristia, ao lado da professora, acompanhada da legenda: *“Obrigada @xx pelos dois anos que me ensinou para eu ter esse dia especial”*. Ele também repostou uma foto em referência ao Dia das Crianças, além de responder uma montagem com quatro registros de sua primeira eucaristia, que parecem ter sido postadas por sua mãe. Luigi também compartilhou um vídeo com cenas de um filme, destacando a mensagem: *“Seja humilde para reconhecer seus erros, inteligente para aprender com eles e maduro para corrigi-los”*.

Rafaela compartilhou a postagem de uma foto no ginásio de uma escola e, em seguida, uma selfie com a legenda: *“vamos de chá de espera”*, marcando a localização em Serra Talhada. Outras postagens incluíram uma foto do campo de futebol e uma imagem com duas medalhas, onde explica que conquistou o 1º lugar em arremesso e o 2º lugar em distância, recebendo uma medalha de bronze devido à falta da de prata.

Ela também publicou uma foto de paisagem, uma com um bebê desejando feliz Dia das Crianças, e várias selfies, incluindo uma com filtro de maquiagem e outra de uma amiga com filtro de vaquinha. Rafaela também compartilhou uma foto de salgadinhos e bebida alcoólica.

Rafaela postou no dia do seu aniversário uma selfie com a legenda: *“happy birthday to me”*. E em seguida repostou várias mensagens de parabéns de amigos e familiares, destacando o carinho que recebe. As mensagens incluem elogios e referências a sua personalidade, como

ser “*a menina mais doida e incrível*” que alguém já conheceu. Também há repostagens de amigos e do namorado, além de um primo que lhe deseja “juízo”.

Outras postagens incluem selfies e amigos. Uma foto sua com touca e boné, uma da mesa com comida e bebida e um vídeo em uma varanda que começa com uma paisagem no campo e depois mostra pessoas reunidas. Rafaela também compartilhou uma selfie com celular cobrindo o rosto, com a legenda: “*bem mocinha*”.

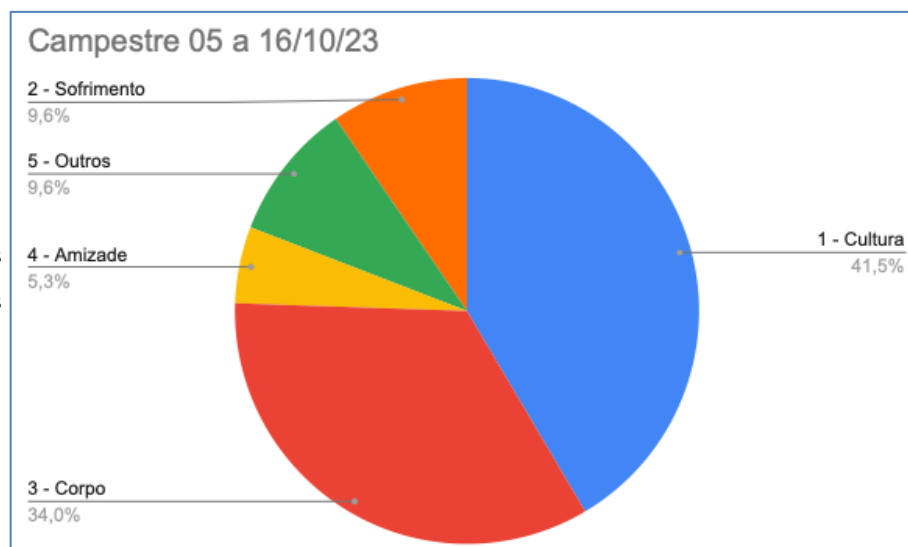
Alana postou uma selfie ao lado de um amigo, usando filtro de vaquinha, desejando parabéns a ele. Em seguida, publicou uma foto com seu namorado celebrando os dois meses de relacionamento, os dois abraçados, ele de costas, ela de frente com filtro embranquecendo a pele. Em outra selfie, Alana usa novamente o filtro de vaquinha e música de fundo, além de uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, em referência ao feriado religioso. Ela postou uma foto de uma procissão com várias pessoas e a legenda: “*Viva nossa padroeira*”.

Em suas reflexões, Alana destaca a frase: “*Não é sobre tornar-se uma pessoa fria. É sobre cuidar de si mesmo e não esperar nada dos outros*”. Ela continua com uma mensagem de motivação: “*Comece a semana acreditando que tudo será possível...*”

Luísa compartilhou várias selfies tiradas no quarto, incluindo uma com filtro de vaquinha. Em seguida, publicou uma foto de uma paisagem marcando sua localização em IPSEP, bairro na área urbana em Serra Talhada. Ela celebrou o Dia das Crianças com a mensagem “*Feliz Dia das Crianças, Luísa ama vocês*”, acompanhada de fotos dela com crianças, todas com efeitos que camuflam seu rosto.

Luísa divulgou um evento de vaquejada e entre os vídeos publicados sobre o tema, a maioria com música e cenário rural, há um com vários jovens em uma vaquejada e um litro de whisky, onde ela anuncia: “*prepara a bota que hoje tem vaquejada*”.

Segue gráfico com as postagens dos participantes classificadas por categorias nesse período:



1.3.4 Quarta Conversação – 17/10/2023 – Da criança à puberdade

A equipe de pesquisa chegou à escola quando os alunos estavam no intervalo. Após um rápido lanche, seguiram para a biblioteca que estava sendo usada por uma professora e uma aluna. Imediatamente elas cederam o espaço. Os participantes ajudaram a organizar para comportar o grupo, de forma que todos pudessem se ver. Para iniciar as atividades, a pesquisadora perguntou como foi o feriado (na semana anterior não houve encontro devido ao feriado de 12 de outubro).

Valéria disse que o feriado não foi muito bom e alguns concordaram que é pior ficar em casa do que ficar na escola. Luísa discordou porque aproveitou o feriado para fazer muitas coisas. Aurora não fez nada e Valéria disse que para ela pelo menos tem a mãe em casa que cuida dela com carinho. A mãe de Aurora é professora da escola, muito querida pelos alunos e pela maneira como Valéria falou ficou evidente que reconhecia o bom vínculo entre mãe e filha.

A pesquisadora perguntou se para Valéria era melhor estar com ou sem sua mãe, ela respondeu: *“Com minha mãe, lógico, mas...ela pega no pé demais”*. Explicou que quando passa muito tempo perto da mãe, as duas acabam entrando em conflito, sempre por motivo “besta”, mas que se transforma em uma grande discussão.

A pesquisadora lembrou que foi um feriado religioso, da padroeira do Brasil, mas também é comemorado o Dia das Crianças e perguntou sobre o que pensam dessa comemoração, se eles se identificam, se se sentem crianças, se eles acham que foi o dia deles. A maioria respondeu que “Sim”.

Kelvin disse que ainda se considera criança e rapidamente Valéria rebateu dizendo: *“Mas criança não namora”*, o que gerou risos em todos os presentes.

Apesar da brincadeira, a pesquisadora incentivou Kelvin falar sobre o que ele pensa sobre ser criança e ele confirmou que ainda se sentia um pouco criança porque gosta de brincar. Brinca de queimada, rouba-bandeira. Por outro lado, não gosta de pega-pega nem de se esconder.

Rafaela chegou nesse momento e explicou que estava ocupada vendendo lanches para arrecadar dinheiro para festa de conclusão do ensino fundamental. A pesquisadora resumiu o tema que estavam abordando.

Rafaela acredita que para as mães, os filhos nunca deixam de ser criança, então ela ainda se sente uma criança. Eduardo também ainda se sente uma criança, ama tanto desenhos animados que chega a dizer que tem “fissura” pelas animações. Todos os participantes

confirmam amar desenhos animados. Entretanto, Eduardo destacou que gosta de desenhos cuja indicação de idade é bem menor do que a idade dele, por exemplo: “Clarêncio o Otimista”. Ele diz que é pra crianças de 6 anos, mas ele não perde um episódio.

Luísa achou natural e disse que assiste Peppa Pig, o que gera risadas na roda e Eduardo comenta que ama as músicas da galinha pintadinha. Rafaela confessou que gosta de assistir Marsha e o Urso, Bob Esponja e Kelvin citou Tom & Jerry. Aurora já abusou Bob Esponja porque seu irmão de três anos só assiste esse desenho.

Rafaela comentou que até hoje ganha presente no Dia das Crianças, mas a justificativa é porque seu aniversário é dia 14 de outubro. Sempre ganhou um presente com referências às duas datas.

Yasmim também ganhou presente de Dia das Crianças, mas considerou inadequado porque não se sente mais criança. Ela falou que quando as meninas lhe chamam para brincar, ela nunca vai porque não tem nenhum interesse em brincadeiras. Rafaela concordou e comentou que também não gosta mais de brincar. Antes brincava de casinha, de boneca, mas hoje não gosta mais.

Luísa nunca gostou de brincar de boneca. Ela brincava com terra, fazendo bolo de terra. Ela confessou rindo: “*Minhas brincadeiras eram muito estranhas*”. Gostava de brincar de peteca. Ela inventava brincadeira com objetos, sucata, mas não brincava com brinquedos, nunca achou graça em bonecas, mas sempre teve uma admiração por casinhas. Relatou que o único brinquedo que realmente gostava era de cozinha e de panelinha. Rafaela complementou dizendo que faziam comidinha com esses brinquedos. Pegava a terra, colocava água e pedra, mexia e virava feijão, tudo faz-de-conta.

A pesquisadora então esclareceu que por um lado eles ainda se sentiam crianças, mas por outro, alguns aspectos do universo infantil estão se tornando desinteressantes, como algumas brincadeiras. Rafaela concordou dizendo que não gosta de brincar de boneca, de pique-esconde, nem de pega-pega.

Eduardo disse que gosta de todas essas coisas e Luísa acrescenta que já gostou, passava o dia brincando, mas agora perdeu o interesse. Antes quando chegava em um lugar e encontrava pessoas de sua idade, se aproximava logo para fazer brincadeiras, agora não é mais assim.

A pesquisadora questionou quando Luísa deixou de se interessar pelas brincadeiras e como são agora os encontros com as pessoas da mesma idade. Ela relatou que foi perdendo o interesse gradativamente a partir dos 10 anos, foi evoluindo, até que não tinha mais graça, até

porque chegando nos 10 anos já começou a entrar na puberdade e deixou algumas coisas infantis de lado, percebeu que mudou seu comportamento.

A pesquisadora aproveitou o tópico trazido por Luísa sobre a irrupção da puberdade e abriu o assunto com o grupo através da pergunta: “Como foi para vocês essa passagem de criança para a adolescência?”. Bianca respondeu que foi ruim.

Rafaela reforçou concordando que foi muito ruim porque tem saudade da sua infância, brincar de casinha. Aproveita para compartilhar que fazia casinhas com as coisas que encontrava em casa, pegava as panelinhas e fazia bolo de lama, por exemplo.

Bianca ressaltou que foi difícil se acostumar com o corpo, deixar de brincar, deixar de ter mais energia (mas que sua energia não diminuiu muito, talvez tenha redirecionado). Rafaela, por outro lado, disse que perdeu toda a sua energia; ressaltou que era uma criança muito ativa e “malina” e hoje é uma pessoa “morta e sedentária”.

A pesquisadora resgatou o comentário de Bianca sobre as mudanças do corpo e questionou o que foi mais difícil nesse processo. Bianca destacou a comparação de ver meninas mais novas “criando corpo” e o seu ainda magrinho. É mais difícil constatar o corpo das outras pessoas mudando e o dela ainda estar meio infantil. Eduardo prontamente se identificou com Bianca.

Luísa disse que com 10 anos começou a perder o interesse nas brincadeiras e com 11 anos foi começando a criar mais corpo. Para ela foi algo mais gradativo, primeiro foi perdendo o interesse nas coisas mais infantis e depois o corpo foi mudando. Foi parando de brincar, não vendo mais graça em desenhos, começou a ter um comportamento “melhor”, seu corpo foi mudando, a voz foi mudando, aprendendo a fazer mais coisas e assim se tornando outra pessoa e saindo do “jardim da infância”.

A pesquisadora perguntou aos demais participantes quem teve experiência semelhante ou diferente de Luísa. Rafaela explicou que tem uma prima mais velha (dois anos mais velha) com quem convive bastante. Por ser mais nova, acompanhou as mudanças que foram se passando com a prima e ficou na expectativa de vivenciar essas transformações. Acredita que acabou entrando muito cedo na puberdade, devido ao seu desejo. Por ter ficado na maior expectativa, não esperava que quando finalmente vivenciasse essa fase iria se decepcionar. Não gostou das mudanças e, com saudosismo, ressaltou que quando era criança tinha uma inocência tão boa. Percebeu que desde pequena foi uma criança “pra frente”, tinha ânsia de viver precocemente os marcos do desenvolvimento, de tal forma que amadureceu de uma maneira precoce, era muito adiantada. Aos 10 anos já queria ter um corpão, voz, ter virado

mocinha, pois tinha sua prima como exemplo e se perguntava “*Por que isso não está acontecendo comigo?*”.

Valéria, Alana, Kelvin e Yasmim pontuaram ter vivido experiências diferentes de puberdade, mas ficaram com vergonha de compartilhar as experiências. A pesquisadora convidou os participantes mais novos – Luigi, Eduardo e Aurora – a falarem o que pensam sobre essa passagem, visto que as meninas que falaram até o momento eram as mais velhas do grupo.

Eduardo acredita que às vezes até mesmo os adultos fazem as crianças saírem da infância, porque quando ela vai começando a crescer, os adultos vão dizendo “Isso é coisa de criança, não é mais para sua idade”. Eles acabam se sentindo constrangidos de permanecerem nas atividades apontadas como infantis, tipo assistir desenhos. Luigi se identificou e compartilhou que seu pai fala exatamente dessa forma com ele.

Rafaela ressaltou que o marco crucial para parar de assistir desenhos foi quando começou a usar o celular.

Valéria compartilhou que gostava de usar tiara, mas sua mãe lhe disse que isso era coisa de criança, então agora ela não usa mais. Ela percebe que foi abandonando as coisas de criança para não parecer mais uma criança. Ela não queria mais ser criança, então tudo que era apontado como característico dessa fase, ela deixava de fazer propositalmente porque queria ser uma adolescente.

A pesquisadora perguntou como eram os adolescentes que eles admiravam e Valéria respondeu que eles não usavam mais tiara, iam para as festas, andavam só, namoravam. Ela começou a pensar nessas questões quando tinha 11 anos. A mudança no corpo foi acontecendo um pouco antes, a partir dos 10 anos. Inicialmente, ela se esforçava para não parecer uma criança e agora ela percebia que já não tinha mais nenhum interesse nessas coisas de criança.

Rafaela retomou seu comentário anterior falando que parou de assistir desenhos e de fazer essas coisas de criança a partir do momento que começou a usar o celular e ficou mais interessante assistir vídeos no TikTok, estar no Instagram e ver séries no Netflix.

Eduardo discorda porque usa o celular para assistir desenho animado e filmes. E Luigi procura o que deseja assistir no celular, mas o conecta na televisão.

Rafaela reforça o paralelo entre sua desconexão da infância e o uso contínuo do celular. Desde que passou a usar o aparelho com autonomia seu amadurecimento foi acelerado, porque a partir do conteúdo que consumia foi aprendendo muitas coisas que estavam além do seu cotidiano naquele momento. Tudo que tinha curiosidade, pesquisava.

Completa dizendo que até hoje é assim, se tem uma dúvida sobre algo ela vai imediatamente ao celular para pesquisar. Ela prefere pesquisar no celular a perguntar para alguém.

Eduardo destacou que o celular afeta muitas coisas na sua vida.

A pesquisadora apontou que o momento da transição entre a infância e a adolescência é marcado pelas mudanças corporais, uma avalanche de hormônios, repercussões na imagem, na voz, sendo comum o surgimento de muitas dúvidas. Então perguntou aos participantes onde eles buscavam as informações para esclarecer suas dúvidas: com amigos, com familiares (irmãos, pais), ou como Rafaela, buscavam imediatamente na internet?

A maioria falou que geralmente pesquisava/pesquisa na internet. Rafaela esclareceu que buscam esse recurso por vergonha de perguntar, além de que percebe que os pais também ficam constrangidos em abordar com os filhos os assuntos que envolvem puberdade, sexualidade.

Luísa acredita que como os pais foram criados em uma época antiga, eles não tinham facilidade no acesso à informação. Reconhece como natural a dificuldade em falar com sua mãe sobre essas questões e vice-versa. Acredita que eles não são muito abertos para conversar porque eles próprios não tiveram essa abertura com seus pais e, sendo assim, só reproduzem a forma como foram criados. Rafaela destacou que hoje é aberta com sua mãe e conta tudo. Porém, todos os participantes concordaram que o constrangimento para falar sobre esse conteúdo é dos dois lados: dos pais e deles.

Rafaela contou que na época de sua mãe, quando as meninas viravam mocinha, ninguém e homem nenhum poderia saber, porque era uma coisa que deveria ser segredo absoluto e ninguém deveria saber quando as mulheres estavam menstruadas. Entretanto, percebe que atualmente esse assunto é mais aberto.

A pesquisadora questionou às meninas como foi a experiência de “virar mocinha”. Foi um marco público?

Valéria foi logo dizendo que não gosta nem de falar, chegava a chorar a noite toda. Enquanto isso, sua mãe ficava rindo porque ela estava chorando. Já Rafaela comentou que ficou na maior expectativa de menstruar, então vivenciou com alegria e entusiasmo.

Luísa acredita que o desejo de toda menina é de chegar aos 10 anos para vivenciar essa fase: “*Vou virar mocinha, vou ter corpão*”, mas quando acontece não é assim, se arrependem tanto de ter desejado entrar na puberdade. É uma frustração enorme. Rafaela comentou que foi uma experiência horrível e que muita coisa não conseguia fazer.

Luísa contou que sua menarca aconteceu na escola. Ela já tinha celular e ligou para sua mãe chorando dizendo que estava com hemorragia. Essa fala gerou riso das meninas e a

pesquisadora questionou se Luísa não tinha ideia do que era e ela respondeu que não, mas presenciava as meninas que estudavam com ela falando sobre e ficava pensando “o que é isso?”. Mas quando sua menstruação desceu, ela foi atrás de Valéria, de Alana e as amigas a ajudaram.

A pesquisadora questionou se elas não tiveram informações sobre o que era menstruação e a maioria respondeu que não. Aurora, ao contrário, disse que sua mãe conversou diversas vezes com ela e a explicou direitinho.

Valéria acredita que sua mãe queria conversar sobre isso, mas ela própria evitava, por vergonha, quando a mãe abordava o assunto, ela já saía de perto.

Rafaela confessou também ter vergonha de conversar sobre puberdade, mas como pesquisava tudo que tinha curiosidade, soube o que era menstruação por volta dos 11 anos. Quando menstruou, não ficou preocupada porque sabia do que se tratava.

Valéria e Luísa compartilharam sobre o desconforto que sentem quando as pessoas perguntam se elas já viraram mocinhas.

A pesquisadora comenta de forma descontraída que parece que da geração de suas mães para a delas não mudou tanto assim. E Luísa pontuou não ver necessidade de os homens saberem dessas coisas; até porque os meninos não sabem como lidar com as informações e então, sem saber o que dizer, tiram muita onda.

Kelvin se defende e diz que não tira onda, nem Luigi. Mas as meninas falam que muitos fazem isso sim. Elas dizem que eles perguntam “O que é isso?”, apontando para absorvente. Rafaela interfere dizendo que acredita que eles têm curiosidade de saber sobre o que se passa no corpo feminino.

Valéria compartilha que quando a escola fornecia os absorventes, elas não queriam mostrar, colocavam dentro da roupa e saíam com eles escondidos.

Aurora lembrou que a professora já falou sobre as mudanças da puberdade, abordando sobre questões de higiene e cuidado consigo.

Eduardo diz que na sua opinião os homens já deveriam saber como tratar as pessoas.

A pesquisadora perguntou como elas gostariam que os meninos tratassem essas questões. Luísa respondeu que se ela fosse um homem e soubesse que sua namorada estava “nesses dias”, ela levaria uma cesta com chocolates, pois é tudo que a mulher deseja.

A pesquisadora indagou se nesse exemplo hipotético o desejo é pelo chocolate, objeto ou gesto de carinho. As meninas são enfáticas e respondem que ambos: querem o doce e a atitude.

Rafaela compartilhou que antes da menstruação as meninas passam por uma montanha russa de sensações e emoções, de mudanças de humor, por exemplo: chorar do nada, sentir raiva, estresse, rir, depois chorar novamente.

A pesquisadora pergunta o que mudou para elas após a menstruação. A resposta unânime é que tudo mudou. Luísa disse que ter virado mocinha mudou muitas coisas. Primeiro foi o desenvolvimento dos seios, seguido por uma mudança do cabelo o que trouxe desdobramentos na autoestima. Também adquire mais maturidade para lidar com certas coisas, *“É uma passagem de criança para uma formação de mulher de verdade”*. Segundo ela, é por isso que as pessoas repetem frases como: *“Agora que virou moça, não é mais criança, já é uma mulher”*.

Rafaela explicou que a partir do momento que ocorre a primeira menstruação, o corpo já está se preparando para uma possível gravidez. A pesquisadora concorda e pergunta como é para elas essa ideia de que, do ponto de vista corporal, já estão preparadas para uma gestação.

As meninas se assustam como se não tivessem feito a relação entre a menarca e a possibilidade de uma gestação. Surge a pergunta: *“Gestação? Como assim?”*. Elas não acreditam e Rafaela confirma. Todas seguem surpresas e incrédulas.

Nesse momento, a pesquisadora explicou alguns conceitos básicos sobre a puberdade ser um momento de mudanças corporais, e nas meninas a principal marca dessas mudanças é a menstruação. Ela explica que já com os meninos não existe algo tão marcador, tão claro como nas meninas, mas há algumas mudanças na voz, ereção noturna, etc. Abordou um pouco sobre sexualidade e alguns cuidados necessários que devem tomar, como métodos contraceptivos, tanto para prevenir uma gravidez indesejada, quanto para se proteger de doenças sexualmente transmissíveis.

A pesquisadora retomou que do ponto de vista corporal, as meninas já estão prontas para gestar, mas uma gestação vai além do corpo, e o momento de vida em que estão, estudantes, adolescentes, dependentes dos pais, não é necessariamente o momento ideal para uma gravidez. Rafaela compartilhou que usa um calendário para acompanhar seu ciclo menstrual e percebeu que os dias que antecedem a menstruação tem muitas mudanças de humor.

Segue-se uma conversa sobre métodos contraceptivos. Rafaela aponta que o mais confiável seria camisinha, mas nem sempre os homens querem usar. Completa que só se relacionaria sem proteção se realmente conhecesse a pessoa e tivesse intimidade com ela. Luísa concordou dizendo que se conhecesse a pessoa, tudo bem se relacionar sem proteção, mas teria o cuidado de tomar pílula do dia seguinte. De forma descontraída, a pesquisadora

pergunta se não é melhor prevenir do que remediar. As meninas concordam rindo. A pesquisadora reforça sobre a importância do preservativo para a saúde do casal e como método contraceptivo, sendo responsabilidade de todos os envolvidos.

Rafaela explicou que algumas pessoas substituem a camisinha por anticoncepcional ou pílula do dia seguinte. Mas a pesquisadora reforça que a pílula do dia seguinte não deve ser considerada como método contraceptivo, mas usada apenas em emergências, pois desregula completamente o ciclo menstrual e tem um risco associado.

Foi perguntado se eles conhecem alguém que engravidou na adolescência. Rafaela diz que conhece, Luigi falou que sua mãe engravidou de sua irmã aos 15 anos e Luísa conhece alguém que engravidou aos 13 anos.

A pesquisadora perguntou o que eles pensam sobre casamento, gravidez. Rafaela gostaria de vivenciar essa etapa quando tivesse formada, com sua casa, emprego, mas agora não. Luísa disse que tem tudo planejado: após terminar o ensino médio, vai cursar agronomia, e com 23/ 24 anos se casar e após um ano ter o primeiro filho.

A pesquisadora perguntou se eles compartilham esse desejo de Luísa de se casar por volta dos 20 anos e ter filhos. Rafaela conta que admira uma menina que se casou e teve um filho ainda no ensino médio. Acredita que ela consegue aproveitar a vida normalmente e se deslumbra com a situação.

Aurora discorda e diz que se casar muito cedo não é viável, Eduardo e Luigi concordam. A pesquisadora pergunta ao casal do grupo, Alana e Kelvin. Eles respondem que pensam em se casar, quando estiverem mais velhos.

Rafaela acredita que para um relacionamento ser saudável é preciso dialogar, afinal o casal é composto por duas pessoas quem pensam diferente, sendo comum discordar. Para dar certo é preciso compreensão de ambos os lados. Valéria concorda e diz que precisa “ser muito cabeça” para aguentar manter um casamento.

O tópico sobre puberdade, menstruação e relações sexuais deixou o grupo inquieto, curioso, mas também desconfortável. A pesquisadora mudou de assunto trazendo à tona uma publicação que viu no Instagram deles, onde dizia “eu não duro com ninguém”. Eduardo concordou com a frase e justificou dizendo que não deixa ninguém lhe fazer de ‘otário’. A pesquisadora questionou o grupo: “O que é fazer de otário?”

Para Rafaela é brincar com os sentimentos do outro e eles debatem o assunto. Apontam sobre traição, não ter responsabilidade.

Luigi disse que para se envolver amorosamente com alguém primeiro estabelece uma conversa e depois se a pessoa manda uma foto, quem recebe não pode mostrar para ninguém.

A pesquisadora perguntou se ele estava se referindo a imagens íntimas. Antes que Luigi respondesse, Valéria falou que já recebeu nudes sem pedir. A pesquisadora perguntou se aconteceu com mais alguém de receber nudes sem pedir e eles negaram.

A pesquisadora se voltou para Valéria que aproveitou para falar que seu namorado não gosta quando ela usa roupa curta. Rafaela diz que acha isso muito tóxico. O namorado de Valéria é mais velho que ela, ela disse que quando começaram, ela tinha 12 e ele 23 anos. Para ela, a idade é apenas um número. A pesquisadora indaga o grupo sobre a afirmação, alguns discordam falando que idade importa sim, outros dizem que o importante é o que sentem pela pessoa.

A pesquisadora levanta a questão do nível de experiência de cada um e as diferentes fases da vida que suscitam desejos distintos. O grupo concorda e os participantes começam a falar que na maioria das vezes os homens mais velhos só querem usar a menina. Explicam que “usar” é ter relações sexuais sem comprometimento afetivo.

A pesquisadora perguntou ao grupo se os envolvimento amorosos eram mais do tipo “ficar” (sem compromisso) ou namorar.

Rafaela explicou que só fica com uma pessoa se tiver sentimento por ela. O grupo ficou dividido em relação a isso, as opiniões foram diferentes. E Rafaela justifica dizendo que não vê graça em ficar com muita gente. Para Luísa só é namoro depois que o rapaz conversar com seu pai e formalizar um pedido à família. Antes disso não é um relacionamento sério.

A pesquisadora pergunta a Valéria quais as repercussões nas redes sociais de um namoro que acaba. Ela disse que não bloqueia ninguém. Yasmim completa dizendo que fazer isso é falta de consideração.

Para finalizar a conversação, os integrantes indicam filmes que abordam as questões da puberdade. A pesquisadora fala de Red: crescer é uma fera. Eles indicaram: Através da minha janela, Cinquenta tons de cinza, Hormônios à flor da pele, Sexy Life. Eduardo completa e indica Marcelo, marmelo, martelo.

1.3.4.1 Coleta de dados digitais do período de 17 a 25/10/23

Aurora compartilhou uma selfie sentada na cadeira de balanço e outra com uma amiga, usando um filtro de cachorro. Uma foto com sua turma na escola com a legenda “já estávamos com saudade madrinha”. Em um vídeo, Aurora refletiu sobre a transição da infância para a adolescência, mostrando uma foto dela quando criança e outra atual, o que se conecta à discussão da semana sobre puberdade.

Ela também publicou um vídeo de bom dia mostrando a paisagem da sua casa. Aurora registrou momentos com uma criança através de fotos e vídeos. Ela compartilhou uma foto com uma mensagem de parabéns para sua “segunda irmã”, além de fotos de paisagens rurais ao entardecer e ao amanhecer. Fez inúmeras selfies e publicou uma captura de tela mostrando uma chamada de vídeo com uma amiga com a legenda “*matando saudades pelo celular*”.

Valéria compartilhou uma selfie de corpo inteiro em casa, acompanhada da música “bem maravilhosa”. Em seguida ela postou um vídeo com um casal se beijando com música dizendo sobre viver esse amor em outras vidas também, marcou o namorado.

Com uma selfie, ela respondeu a uma caixinha sobre seu aniversário e repostou uma publicação de uma amiga com uma foto dela de rosto pintado, mencionando que o carnaval já passou, mas está perto de voltar, marca novamente seu namorado. Ela também postou uma selfie na frente do espelho que parece ser em casa na qual cobriu uma parte do rosto.

Valéria compartilhou o placar de um jogo do Flamengo, além de uma selfie com vários recortes e uma música de Tarcísio do Acordeom ao fundo. Ela postou uma frase sobre a importância de ser tratada como uma princesa e expressando a dor de engolir coisas que machucam para evitar brigas, o que acaba lhe levando à solidão. Ainda mencionou suas crises de ansiedade, revelando que tudo em sua vida tem sido um gatilho. Valéria questiona o porquê de passar por tantas dificuldades, apesar de sempre ser boa com todos, fez postagens com frases como: “*Eu só queria parar de ter crise de ansiedade, mas ultimamente absolutamente tudo na minha vida é gatilho*”.

Seguiu compartilhando fotos com seu namorado e algumas indiretas como a foto de um gatinho com a legenda: “*O dia que o homem entender que tudo que uma mulher quer é atenção e se sentir segura, ele entendeu tudo*”. Em outra postagem ela expressa seu carinho pelo namorado, prometendo amor, mesmo em tempos difíceis. As publicações revelam os altos e baixos da relação amorosa, sempre permeada por muitos desencontros e frustrações, conforme ela relata também nas conversações.

Rafaela publicou paisagens, incluindo um belo pôr-do-sol e uma foto do céu tirada de dentro do carro, acompanhada da legenda: “*a louca do céu*”. Em uma selfie com uniforme e filtro de cachorro, Rafaela faz uma brincadeira sobre experimentar bebidas, escreve “- *Pai, deixa eu provar. Só a espuminha, por favor. Ou morre de beber ou de desgosto, agora ficar viva tá sendo difícil. E foi assim que nasceu uma cachaceira para dar desgosto à família*”. A postagem revela a relação de Rafaela com o álcool que começou no cenário familiar de forma discreta e expandiu para usos com os amigos de forma mais intensa.

Em contraposição ao conteúdo sobre álcool, ela compartilhou uma selfie sem filtro e em seguida uma foto na igreja com a legenda “*crismada e confirmada no batismo*”. Rafaela também fez uma postagem com uma citação de Ariano Suassuna sobre a simpatia por pessoas que fogem à normalidade: “*Eu gosto é de gente doida, tenho simpatia por gente doida. Como sou do ramo identifico os doidos logo*”. Ela também fez uma postagem citando um poema de Martha Medeiros que fala sobre impulsos e vontade de desistir. Nessa mesma direção, compartilhou uma foto com a frase: “*Nem a mente do palhaço está tão perturbada como a minha*”. E postou uma foto de um amigo fazendo carinho em seu cabelo, aproveitou para pedir mais gestos de cuidado como esse.

Alana compartilhou uma mensagem de parabéns para um amigo com uma selfie dos dois na sala de aula, utilizando um filtro de cachorro e com o rosto repleto de pontos de luz. Além disso, publicou uma paisagem rural e uma selfie com filtro de vaca.

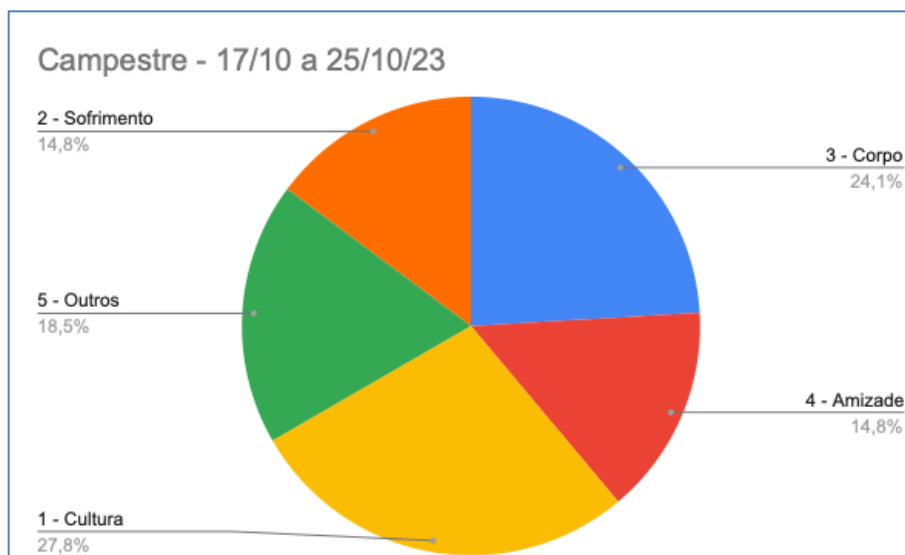
Luísa compartilhou uma selfie de um amigo usando um filtro que deforma o rosto, acompanhada de uma mensagem de parabéns. Um dia à noite, abriu uma live onde apareceu sozinha com um filtro de cachorro. Pouco depois, postou uma foto da paisagem em frente à sua casa.

Outro dia, fez uma montagem com quatro fotos de crianças, com a mensagem: “*Luísa ama vocês, pequenos*”, e compartilhou uma foto andando a cavalo, com a localização: “*Onde a mente tranquiliza*”. Postou um vídeo com música evangélica que abordava sobre enfrentar momentos de desânimo e pensar em desistir. Luísa aproveitou o vídeo para incentivar a perseverança com a frase: “*Você não veio até aqui para desistir*”. Essa postagem parece refletir o que foi abordado na conversa sobre compartilhar mensagens de encorajamento ao invés expor o sofrimento quando estiver enfrentando um momento de desesperança. Em outra publicação, ela apresentou uma imagem de fundo preto com a frase: “*tá chorando por quê?*” e versículos bíblicos que falam sobre proteção e confiança em Deus.

Luísa também postou uma foto dela e de um rapaz na frente do espelho, com a mensagem: “*vai dar certo nego*”, além de uma montagem de quatro fotos de suas mãos e as do rapaz, com a legenda: “*a mãozinha toda machucada*”. O rapaz na foto era seu irmão. No dia seguinte ainda faz outra postagem com ele machucado, porém reconhecendo a ação de Deus por ter sobrevivido ao grave acidente de moto.

No dia seguinte, Luísa postou uma série de selfies com filtro de cachorro, em diferentes versões, e outra com um emoji de coração em chamas.

Segue gráfico com as postagens dos participantes classificadas por categorias nesse período:



1.3.5 Quinta Conversação – 26/10/2023 – Bullying e sexualidade

Antes do grupo iniciar, Rafaela falou em particular com a pesquisadora informando que o tópico sobre os posts exagerados abordando sofrimento e vontade de morrer vazou do grupo e os alunos da escola ficaram sabendo do que havia sido discutido. A pesquisadora solicitou que Rafaela abordasse essa questão na conversação para resolverem com todo o grupo.

Assim que o grupo se reuniu, percebemos a falta de Valéria e de Yasmim que haviam faltado aula naquele dia. Rafaela pediu a palavra para informar que uma das regras do grupo tinha sido quebrada, o sigilo. Luísa reagiu sinalizando sua chateação sobre o que está sendo conversado no grupo da pesquisa estar saindo para a escola, quando eles combinaram que o que fosse conversado no grupo, ficaria entre o grupo. Esclareceu que disseram a uma menina que ela e Rafaela estavam falando sobre seus posts e caracterizando como exagerado e sem noção. Mas ela e Rafaela não haviam citado nenhum nome. Como vazou essa informação, se instalou uma rivalidade entre elas.

Luigi lembrou que no último encontro tinha uma menina do lado de fora, escutando através da porta e levanta a questão se não poderia ter sido dessa maneira que as informações escaparam do grupo. A pesquisadora acredita ser difícil porque o assunto foi discutido no encontro anterior ao último, na terceira conversação.

Eles perguntam quantos encontros já aconteceram e quantos serão nesse projeto e a pesquisadora explicou que este é o quinto encontro e que a priori seriam cinco ao todo, porque ocorreriam de 15 em 15 dias, mas como aumentou a frequência, pretende continuar com a atividade no mês de novembro, ampliando a quantidade de encontros, porém questiona qual o desejo deles. Todos os participantes concordam em continuar.

A pesquisadora retoma a questão trazida por Rafaela e Luísa sobre a quebra de sigilo no grupo e reforça que para darem continuidade precisam seguir com os combinados.

Luísa explicou que quase aconteceu uma confusão. Na primeira aula da tarde, a menina a abordou no banheiro e perguntou “Que história é essa que você e Rafaela estão citando meu nome em rodas de pesquisas?”. Luísa disse que ficou pensando um tempo, pois ela não citou nome de ninguém. A menina queria impressá-la na parede. Luísa afirmou que ela não é a única pessoa no mundo que faz esse tipo de postagem. Dessa maneira se livrou da garota. Luísa disse não compreender por que ela sentiu tão tocada nesse assunto.

Rafaela e Luísa falam que não sabem quem comentou sobre o assunto do grupo com as meninas, mas citam Yasmim e Valéria porque elas têm uma amizade com essa menina. As duas participantes citadas não estavam presentes. Bianca lembrou que no grupo ninguém citou nomes.

A pesquisadora reforçou a importância do compromisso com o sigilo, pois eles só vão conseguir falar o que pensam e o que acontece, se eles sentirem que aquele é realmente um lugar seguro para compartilhar suas informações.

Luísa e Rafaela destacaram sua preocupação das informações compartilhadas desencadearem novas brigas e confusões e sugerem que a pesquisadora converse com Yasmim e Valéria sobre o que aconteceu porque elas não estavam presentes para ouvir. A pesquisadora combinou reforçar novamente com o grupo sobre o compromisso com o sigilo para evitar novos conflitos e fofocas.

Luísa esclareceu que os participantes estão falando no grupo coisas muito pessoais, que não têm coragem de falar para ninguém. Então do mesmo jeito que elas disseram isso, elas podem falar qualquer outra coisa íntima que está sendo compartilhada. A pesquisadora enfatiza que a proposta do grupo é ser um lugar seguro para falar e o sigilo é fundamental.

Eduardo retoma as indicações de filmes e séries da conversa passada e falou que estava assistindo “Alice através do espelho”. Luísa assistiu “Através da minha janela”. A pesquisadora tentou recordar o filme e Luísa falou um pouco sobre ele.

A pesquisadora compartilha que pensou em abordar o tema do bullying e fez uma conexão com o que Luísa compartilhou sobre a menina ter tentado encurralá-la, mas Luísa

conseguiu se defender, nenhuma agressão física aconteceu, tampouco foi algo que se tornou recorrente. Em contraponto, apontou que existem situações de humilhação, agressão recorrentes ligadas a uma vítima específica.

A pesquisadora referiu que não sabe se isso já aconteceu com eles, mas como a pesquisa trata sobre redes sociais queria abrir espaço para se falar sobre cyberbullying e perguntou se eles conheciam o termo. A maioria negou, mas Eduardo explicou que é o bullying no ambiente virtual. Ela também questionou se eles conseguem imaginar como acontece o bullying digital. Eles concordam em refletir sobre o tema e a pesquisadora falou que preparou uma coisa diferente para o encontro. Distribuiu um papel para escreverem o que quisessem sobre o tema. Esclareceu que apesar da nomeação distinta (bullying e cyberbullying), ela observou que um é prolongamento do outro, ou seja, um bullying que acontece dentro da escola, na rua, avança e se passa também na internet. Foi pedido que eles se identificassem na atividade e escrevessem o que vem à cabeça sobre o tópico, bullying e cyberbullying. Explicou que após esse tempo de produção individual, eles podem conversar sobre o tema de forma coletiva.

Bianca pergunta se eles vão precisar ler e a pesquisadora respondeu que os deixaria à vontade para ler ou não.

Quando discussão foi retomada em grupo, Rafaela começou falando que cyberbullying é ofender, zombar, humilhar, colocar apelidos inapropriados, fazer figurinha como chacota e acabar constrangendo uma pessoa por mensagem. Isso ocorre muito pessoalmente, mas também acontece pelo celular. Pelo celular as pessoas se sentem mais confortáveis para dizer o que pensam e ser cruéis e normalmente a pessoa vai lá e fala mesmo que a pessoa é isso ou aquilo; feia, bonita, uma cobra. Rafaela reconheceu que às vezes faz isso.

A pesquisadora frisou o que Rafaela pontuou sobre ser mais fácil criticar o outro pelo celular do que pessoalmente. Tem uma pessoa na sala de Luísa que a escola quase toda implica. Luísa acrescenta que a chamam de cobra.

A pesquisadora quis entender o que se passava da escola com a menina, Rafaela respondeu que essa pessoa é duas caras, é feia, faz comentários inapropriados. Luísa contou que no ano passado, assim que seu pai faleceu, essa menina ficou dando notinha por Luísa admirar e falar do pai, afinal ele já tinha morrido e ela deveria ter vergonha por ele ser gay e reforçou ser inacreditável Luísa ter admiração pelo pai. Luísa completou afirmando que realmente não tem vergonha do seu pai.

A menina disse que o pai de Luísa era um cachorro e Luísa não entende o que ela e o seu pai fizeram para essa menina ter tanta raiva deles. Os alunos souberam desse comentário

maldoso da garota e passaram a criticá-la e se afastar dela, mas essa não foi a primeira vez que ela foi destrutiva e maldosa. Rafaela explicou que a menina é falsa, duas caras, feia, da boca podre, mas depois se arrepende e pede desculpa. Reafirmou que se trata de uma pessoa extremamente insuportável.

A pesquisadora concordou que o comentário foi muito cruel e que esse relato tocou em um ponto que é motivo de muito bullying, que são as questões relacionadas à sexualidade.

Eduardo estava sentado ao lado de Luísa e não entendia como ele era gay e ao mesmo tempo pai. Luísa então explicou que seu pai e sua mãe se relacionaram por quatro anos, quando sua mãe engravidou dela. Tempos depois seu pai foi para uma parada gay no centro da cidade e sua mãe descobriu e foi atrás dele. Eles se encontraram e conversaram, ele contou sobre sua sexualidade, mas não renunciou ao lugar de pai. Reafirmou que cuidaria da filha deles com todo empenho e quanto ao casal, eles seguiriam como amigos e pais de Luísa. Ele foi um pai presente e atencioso. Em 2021, aos 33 anos, faleceu de tuberculose em consequência de um câncer de pulmão. Luísa destacou a importância da convivência com seu pai e com a família paterna. Seus pais formavam uma grande família, mesmo separados.

A pesquisadora questionou a Luísa se essa questão da sexualidade do seu pai era um tópico falado abertamente na família ou se era um assunto mantido como segredo. Ela esclareceu que o pai fez questão de contar primeiro para sua mãe sobre sua sexualidade para depois se assumir para o resto da família. Ela relatou que foi um pouco difícil para sua avó, ela teve dificuldade em aceitar e entender, mas depois desse passo eles falavam abertamente e todos na cidade sabiam, deixou de ser um segredo familiar. Ela confessou que sua avó sempre teve uma preferência pelo seu pai e tinha muito orgulho dele. Ele comprou carro, casa, moto para ela e era uma pessoa realmente incrível. Contou que ficou sabendo que seu pai era homossexual quando tinha três anos de idade, mas não entendia muito. Com cinco anos ela entendeu um pouco e agora ela entende e aceita numa boa. Não foi algo escondido dela, eles foram esperando-a crescer, ter capacidade de compreender o que se passava com seu pai e gradativamente abordando o assunto.

A pesquisadora explicou para Eduardo o que é uma parada gay: um dia que é como se fosse um carnaval, aonde as pessoas vão para celebrar, se reunir. É um momento de celebração, mas também de luta pelos direitos, porque por muito tempo os homossexuais eram invisíveis e se escondiam por não serem aceitos pela sociedade. À medida que o tempo foi passando as pessoas foram querendo viver essa sexualidade sem se esconder, sem sofrimento. Com a parada gay, a parada do orgulho gay, ao invés deles precisarem se esconder, eles podem coletivamente lutar.

Luísa completou explicando que em Serra Talhada aconteceu a primeira parada gay em 2011. Compartilhou seu incomodo ao ouvir piadinha sobre tal pessoa ser gay. Ela não consegue se controlar e responde ao comentário, se posiciona. Acredita que essa sua atitude é uma forma de luta pelo direito das pessoas. Caso não fizesse assim, ela se sentiria deixando de ser “ser humana”.

A pesquisadora pontua o quanto é importante para Luísa defender as pessoas, mas questiona se a própria Luísa já usou nomes pejorativos para se referir a alguém. Luísa concordou e contou que uma vez estava sentada com seus colegas e Patrick passou. Elas disseram “olha como Patrick tem jeito de mulher”. Na ocasião, Luísa além de ter concordado ficou imitando o jeito dele de mexer no cabelo, de caminhar, de falar e completou destacando que era tudo como se fosse uma mulher. Alguém falou sobre ele ser gay e Luísa concordou. Rafaela disse que isso já aconteceu em sua sala e confessa que também já brincou com seus amigos até no Instagram com posts dizendo: “Essa coca é fanta”.

Rafaela explicou que, apesar de fazer uma brincadeira ou outra, não tem nada contra e até admira as pessoas assumirem seu desejo e sua posição sexual, mesmo não sendo o que se espera. Luísa se justifica que não é para julgar, mas percebe quando a pessoa tem características ou evidenciam ser homossexual. Relatou conhecer um homem que quer ser mulher e que ela consegue perceber isso, porque tem todo o jeitinho. Quer vestir roupa de mulher, quer ser igual a uma mulher e não se preocupa em esconder.

Nesse momento, Rafaela pediu para falar algo contanto que respeitasse o sigilo dentro do grupo, porque é um assunto que ainda fica meio constrangida. Diz que além de não ter nada contra, ela própria se relaciona com homem e com mulher. Explica que isso é ser bissexual, sente atração tanto por homem quanto por mulher.

Eduardo comentou que também poderia ser pansexual. A pesquisadora perguntou qual a diferença e ele respondeu que o bissexual gosta dos dois gêneros e o pansexual gosta de todos os gêneros, não importa como ele se identifica, por exemplo uma mulher é pansexual e gosta de outra mulher não como ela se identifica nem como lésbica, nem pansexual nem bissexual. Luísa completou explicando que pansexual é todos os gêneros em um só, trans, bissexual, hétero.

Rafaela disse que sente atração só por homem e por mulher. A pesquisadora perguntou se Rafaela se sente confortável em compartilhar sobre isso e ela respondeu que é uma coisa que guarda para si para evitar constrangimento e bullying na escola, local onde acontece com frequência chacota por esse motivo.

A pesquisadora concluiu que Rafaela mantém privado para evitar comentários maldosos dentro da escola e ela concorda. Caso essa informação vazasse, ela acredita que seria julgada, com comentários sobre ir para o inferno, ser chamada de “sapatona”. Ela contou que seus pais têm dificuldade de aceitar vivências mais amplas da sexualidade e não gostaria que eles soubessem de suas preferências. No momento certo, gostaria de, ela mesma poder falar abertamente com eles.

Eduardo fala que o “homossexualismo” é usado como forma de ofensa, de piada. É um xingamento: veado, sapatão, baitola. As vivências da sexualidade são apontadas de forma pejorativa e discriminatória. Luigi compartilhou que na sua sala um monte de gente fica tirando onda sobre isso.

Luísa acredita que caso Rafaela se assumisse como bissexual seria julgada e apontada toda vez que uma menina chegasse perto dela. Outra situação seria julgarem as meninas que estivessem próximas a Rafaela, por exemplo se a própria Luísa andasse com Rafaela, já iam dizer que Luísa também é homossexual e que as duas estariam namorando ou se relacionando amorosamente.

Rafaela contou que, para se defender, já se afasta quando percebe que uma pessoa é muito preconceituosa. Entende que, caso se assumisse abertamente, a informação poderia chegar aos seus pais de uma forma muito inapropriada. Ela pode ser bi, mas o seu respeito é o mesmo. Na escola nunca tirou liberdade com nenhuma mulher, só se ela der realmente ousadia. Ela se considera respeitosa, mas brinca com os meninos sobre isso.

Ainda sobre esse assunto, Luísa percebeu a necessidade da escola abordar temas sobre preconceito, sexualidade. Em seguida, Eduardo relatou que tinha um professor gay na escola e que havia boatos que ele assediava os estudantes e que ele entrava no banheiro masculino para olhar os órgãos genitais dos meninos. Luigi concordou com Eduardo e disse que esse professor já “deu em cima” dele, e ele respondeu mandando o professor “se lascar”.

Em seguida, a pesquisadora questionou o grupo sobre o professor, como isso acontecia, se já tinha sido abordado em alguma situação específica e se ele ainda trabalhava na instituição. Ninguém sabia de nenhuma história concreta, mas muitas fofocas. A pesquisadora perguntou se seria possível o professor ser mal interpretado por demonstrar carinho, pois segundo Luigi ele apenas passou a mão em seu ombro.

Eduardo falou sobre uma professora LGBT da escola e que, se o pessoal descobrisse mudaria totalmente com ela. Eles conversam bastante através do celular. O grupo ficou se questionando quem era essa professora e alguns até deram palpites, porém a pesquisadora

pediu discrição, considerou mais prudente não revelar o seu nome para evitar expor a profissional.

Luigi disse que por morar na zona rural os pais são mais fechados para esses assuntos e que ele tem uma prima lésbica que é proibida de andar na casa dele. Eduardo fez um relato semelhante ao de Luigi. Rafaela concordou que os moradores da zona rural continuam muito preconceituosos, chegaram a nomear como “um pensamento travado”. Luigi disse que tem um primo que precisou ir para muito longe para se assumir gay. Rafaela contou que muitos pensam que as pessoas LGBT não vão ter um futuro, porém muitas vezes essas pessoas têm até uma vida melhor. Eduardo compartilhou que seus pais têm uma cultura diferente, para eles é inadmissível aceitar alguém ser homossexual, bi ou qualquer desvio do esperado.

A pesquisadora perguntou se as redes sociais se articulam com esse tópico. Eduardo disse que de forma positiva e negativa. Por um lado, as redes ajudam as pessoas gays a se agruparem e tem também uma função explicativa para as pessoas, por outro lado, é um meio de espalhar o ódio.

A discussão avançou e os participantes trouxeram a ideia que entrelaça a homossexualidade com a falta de Deus. Entretanto, Luísa prontamente argumentou que apesar do seu pai ser gay, ele era uma pessoa de grande fé. A pesquisadora confirmou que era um excelente exemplo.

Rafaela disse que tem uma amiga lésbica, que mora com outra mulher há 12 anos e sempre vai à igreja. Relatou que essa amiga é bem recebida na igreja, inclusive até participa do ritual litúrgico.

A pesquisadora perguntou se eles assistiram a série Sex Education, pois o último capítulo retrata sobre um rapaz gay que entra em conflito com a igreja tradicional por não aceitar a sua opção sexual. Ela até explica que esse termo não é mais usado hoje em dia, o correto seria orientação sexual* e que esse personagem não se sente bem-vindo na igreja, mas conserva sua fé, sua aproximação com Deus. Isso o leva a pensar que é preciso uma comunidade cristã cujos pastores e líderes religiosos sejam gays ou que tenham outras orientações sexuais, justamente para acolher esse público. Continuou dizendo que a discussão sobre ser pecado ou não e Deus não aprovar outras orientações sexuais é muito antigo e ultrapassado, e que talvez praticar homofobia seja fazer o contrário do que Deus ensinou, como acolher e amar o próximo como a si mesmo. Citou ainda a parábola em que Jesus acolhe uma prostituta, dizendo que aquele que não tem pecado, atire a primeira pedra.

A pesquisadora compartilhou um assunto pessoal, no qual vivenciou com sua irmã, que desde nova se percebia diferente das outras meninas e por um tempo duvidou da

existência de Deus, pois orava para que Ele tirasse esse “pecado” dela e isso nunca aconteceu, colocando sua fé em questão. Hoje ela pensa diferente, acredita em Deus, se sente bem com sua sexualidade, recentemente foi acolhida por um pastor que se ofereceu para casá-la quando ela desejasse.

Eduardo pediu para falar sobre um assunto que foi abordado no primeiro encontro, sobre o tipo de conteúdo que postavam nas redes quando estavam se sentindo tristes. Ele lembrou de terem falado que a depressão seria a falta de Deus, e sem ânimo o indivíduo perde a fé, não lê mais a bíblia... A pesquisadora explicou que na depressão as pessoas perdem a esperança sendo mais complexo do que somente uma explicação religiosa. Luigi compartilhou que “caiu em depressão” quando o avô faleceu, ele passava dias sem ir para escola, implorava a Deus que o levasse, não queria sair do quarto...

Rafaela percebeu que ultimamente tem regredido muito nos estudos, que anda muito sobrecarregada, triste, com exaustão mental e isso tem atrapalhado muito seus estudos, suas notas caíram e seu relacionamento está indo “pelos ares”. Sente-se mal com isso, fica muito preocupada, tenta achar uma forma de conseguir cumprir suas obrigações, mas nem sempre consegue. Aproveita para falar sobre sua rotina. Acorda por volta das 5h para ir para escola e retorna apenas no final da tarde, quando chega ajuda sua mãe nos afazeres de casa e cuidando dos irmãos mais novos. Ela acaba se esquecendo dos estudos e se culpa bastante. Diz não ter “coragem para nada, devido à exaustão mental”.

A pesquisadora questiona se, além de passar o dia inteiro na escola, ela sente a necessidade de estudar quando chega em casa também. Rafaela explicou que tem muitas atividades acumuladas e não consegue ter tempo e disposição para realizar. Acredita que “perde tempo na internet” e o fato de namorar também a sobrecarrega, pois briga muito com o namorado e fica atenta ao que ele está fazendo nas redes sociais.

Luigi também fala de sua rotina puxada, acorda ainda de madrugada, escuro, por volta das 3h da manhã para ajudar seu pai, tendo dormido muitas vezes meia noite. Deita-se mais cedo, mas fica no celular e quando percebe já é muito tarde. Eduardo compartilha do mesmo cansaço mental, cansou de ir para escola, das mesmas aulas, que uma professora indagou o motivo dele estar tão calado na aula, quando o habitual é ele interagir muito.

Luísa também está muito exausta, acorda 5h30 para ir para a escola e volta às 16h30 para casa, muitas vezes está tão cansada que nem troca de roupa antes de começar a sua rotina doméstica. Chega da escola e tem muitas coisas para fazer: faxina, cuidar do irmão mais novo autista e ainda está acordando algumas vezes na madrugada para auxiliar o irmão mais velho

que sofreu um acidente. Luísa explicou sobre o acidente que o irmão sofreu no último domingo e como está sendo sua recuperação.

A conversa é finalizada anunciando a data do próximo encontro e uma foto com o grupo. Os participantes ajudaram a organizar a biblioteca para prolongar um pouco o contato com a equipe.

No caminho de volta para a cidade, a equipe teve oportunidade de discutir os tópicos abordados na conversa. Uma das estagiárias ficou muito tocada pelo que falaram sobre sexualidade e a condenação aos homossexuais. Ela compartilhou ter vivenciado muito preconceito na família por essa questão, era discriminada na escola, se sentia sempre perseguida. Precisou se afastar, decidiu estudar em outra cidade. Aos poucos foi se reconciliando com os pais e conquistando o respeito deles. Destacou que o preconceito ainda é muito grande nas cidades pequenas e reviveu através dos relatos dos adolescentes suas vivências. Agradeceu a pesquisadora ter falado sobre a experiência de sua irmã, foi importante para fazer “furos no discurso” e levá-los a pensar sob outros primas.

1.3.5.1 Coleta de dados digitais do período de 26/10 a 09/11/2023

Aurora publicou uma foto de seu caderno de anotações da aula e uma imagem de rapazes competindo em atletismo com a legenda: “Estou orgulhosa de você João”. Em outra publicação, apareceu em uma selfie com uma amiga e outras pessoas. Há várias selfies tiradas na escola com sua turma durante a comemoração do Halloween, além de uma foto de uma criança e uma selfie com sua família. Em uma das postagens, ela expressa carinho pela mãe com a legenda: “Mãe é mãe né? Não sei o que seria de mim sem ela”, marcando a mãe e escrevendo “te amo”.

Em uma interação com seus seguidores, Aurora responde a uma caixinha de perguntas com “*fim de ano chegando, selecione os seus*”, marca 11 pessoas, entre primos e amigos. Publicou uma foto de uma menina com a legenda “*bem... bem... plena...*”, e um registro de uma paisagem com o céu alaranjado, com a legenda: “*quem é seu piloto?*”. Além disso, ela publicou uma mensagem de parabéns para o irmão, com fotos deles juntos, e várias selfies com outras pessoas em diferentes ocasiões.

Valéria compartilhou uma foto com a frase: “*Tudo começa no Oi; para no eu te amo; termina no espero que você seja feliz*”. Em outra postagem, ela compartilhou uma foto escura de uma moça com a legenda: “*Não me pergunte se estou bem. Nem eu sei como estou. Uma hora bate uma tristeza tão grande, em outras uma alegria passageira. Às vezes tudo fica meio*

a meio, sabe?”. Valéria também publicou uma imagem de um bonequinho triste com o diálogo: *“Pq vc tá chorando? Pq sinto que ninguém me ama”*. Ela postou a frase *“Deixe ir, se voltar é seu. Se não voltar, nunca foi”*, e compartilhou reflexões como *“Ultimamente não anda batendo a cabeça com mais nada, se você acha certo vai lá e faz”* e *“Tem gente me perdendo aos poucos e nem percebe”*. Segue compartilhando frases sobre desencontros amorosos, como: *“Se quiser ficar comigo, esqueça o resto, se não quiser, fique com o resto e esqueça de mim”* e *“Quando a pessoa gosta mesmo de você, ela fala contigo mesmo sem ter assunto”*.

Depois de um certo dia as publicações mudaram de conteúdo e Valéria compartilhou uma foto com seu namorado, com a legenda: *“Assim, de repente, o inesperado aconteceu. Por mais você na minha vida todo tempo. Por mais vida nesse amor, mais sentimento”*. Ela acrescenta “Amor” com o emoji de um coração e uma aliança. Em outra postagem, ela compartilhou uma imagem de duas pessoas discutindo a perspectiva de ver o número 6 e 9, com a legenda: *“Só pq você está certo, não significa, eu estou errado. Você apenas não viu a vida do meu lado”*.

Valéria também refletiu sobre suas emoções, postando uma imagem de uma pessoa com o olhar perdido e a frase: *“O problema é que quando eu me apego demais a uma pessoa, meu humor depende de como ela me trata”*. Depois ela postou uma selfie com filtro de maquiagem e a legenda: *“Meu amor, minha cara metade, me entreguei, te mostrei quem eu sou, a minha verdade”*, e também uma foto dela de farda na escola, respondendo a caixa de perguntas: *“Sua idade, mas ninguém acredita”*, responde *“12y”*.

Ela publicou uma montagem com quatro fotos suas, além de uma selfie e a contagem regressiva para seu aniversário, marcando a aproximação da data com legendas como: *“tá mais perto”*, faltando 14 horas. Em uma postagem mais descontraída, ela compartilhou um vídeo de duas mulheres dançando forró, marcando a amiga e escrevendo: *“sempre será nós”*. Ela celebra seu aniversário com a legenda *“happy birthday to me!”* e em seguida várias postagens relacionadas ao seu aniversário, com pessoas marcando-a em mensagens de parabéns, além de capturas de tela revelando as mensagens recebidas.

Valéria seguiu com suas reflexões sobre relacionamentos, publicando uma mensagem que diz: *“ASSUMIR não é só apresentar para a família ou postar foto, assumir é dizer com todas as letras que a pessoa é sua, fazer dela prioridade em sua vida, não trair, não desrespeitar, não humilhar, apoiar, cuidar, honrar e valorizar, isso sim é assumir”*.

Luigi repostou uma montagem de quatro selfies feitas junto com uma moça. Também repostou uma foto em que foi marcado durante a comemoração de Halloween com sua turma

da escola. Além disso, ele repostou uma imagem relacionada a uma caixinha de perguntas com o tema “fim do ano chegando, selecione seus favoritos”, em que também foi marcado. Por fim, compartilhou um vídeo de uma música.

Rafaela publicou uma foto com a frase: *“uma pessoa cheirosa, engraçada, que beija bem, bebe pouco e te dá atenção... é difícil de achar, mas eu existo sim!”*. Ela também fez uma comparação entre uma foto de alguém contemplando a natureza na varanda e outra foto sua no escuro, dizendo: *“Como eu queria tá X; como eu tô”*. Rafaela mostra seu lado vaidoso com selfies arrumada e maquiada outra selfie acompanhada de emojis e a legenda: *“Tão meiguinha”*.

Ela compartilhou momentos com a família, postando uma foto no carro em uma área rural com a legenda “Família” e um emoji de coração. Outras postagens incluem fotos mais descontraídas, como jogando sinuca e momentos de sua rotina com reflexões, como uma foto deitada na cama às 1h49 com a legenda *“haja coragem meu Deus...”*.

Rafaela repostou um vídeo de UNO em que foi marcada, onde está escrito “Rafaela, preciso dizer algo?” e respondeu: “Precisa ã, mas os humilhados serão exaltados! Tenho fé ainda!”. A postagem faz referência a ela não ser uma boa jogadora de Uno, o assunto já tinha vindo à tona em postagens anteriores.

Em outras publicações, Rafaela exibiu sua vaidade com selfies, uma delas com o comentário: *“vamos admitir que eu sou gata dmd vei”* e outra com um filtro de coração pegando fogo nos olhos. Rafaela mostrou momentos divertidos com sua prima e amigas, com fotos e vídeos gravados para o TikTok, além de fotos de Halloween com acessórios de diabinha

Em contraponto, Rafaela postou uma foto com mensagem: *“Fui no hospital com muita dor no peito, falta de ar, arritmia e saí de lá com o encaminhamento para o psiquiatra”*, escreve: *“foi desse jeitinho”*. Apontando para seu sintoma de ansiedade e o tratamento indicado.

Alana compartilhou em uma de suas publicações uma foto de um jogador do Real Madrid, demonstrando seu interesse por futebol. Ela também repostou um vídeo em que foi marcada, mostrando um rapaz de costas com a frase: *“Aquele primo que cresceu junto com você”*. Alana compartilhou uma reflexão com a frase: *“Você vai sentir saudades dela quando você perceber que nenhuma é como ela”*. Além disso, ela faz duas postagens parabenizando um amigo e uma amiga. Todas as fotos ela aparece com os aniversariantes com filtro de vaca e brilho no rosto. Usou o mesmo filtro para postar uma foto com um colega na sala de aula.

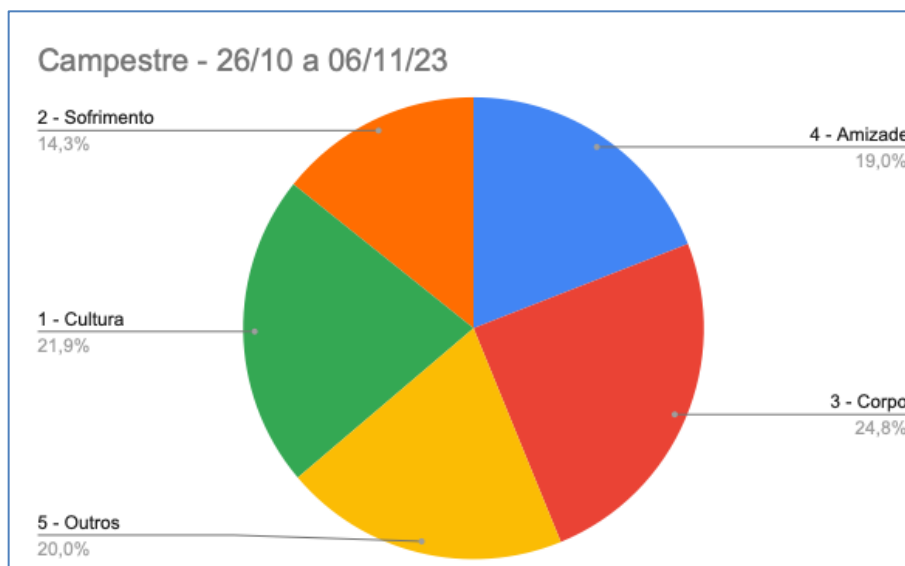
Alana ainda fez uma postagem com uma montagem com quatro fotos suas, todas com filtros de animal que adicionam orelhas, focinho e brilho ao rosto.

Luísa compartilhou uma foto montada em um cavalo, destacando uma paisagem rural, e menciona que, embora a foto tenha ficado estranha, está valendo. Ela fez uma postagem de uma foto de seu irmão na rede, com o rosto machucado, fazendo um coração com as mãos enquanto toca a música “Dias de Luta” de Charlie Brown Jr., acompanhada pela legenda de emojis de coração. Luísa também expressou seu amor pelo irmão em uma selfie, dizendo: “Amo vc, Bau”.

Luísa compartilhou uma foto dela na infância, vestida de gala ao lado do pai, com a legenda: “*Me proteja daí de cima, pai. Eu te amo, papai*”, em seguida escreve uma carta aberta ao pai, segue carta na íntegra: “*Quero te falar francamente, mesmo com você ausente o quanto é importante ter você presente. Quero agradecer a você por ter passado em minha vida. Deus me deu a ti para vivenciar e com você aprender a amar. Queria te dar um beijo mais não encontro jeito. Queria te dar um abraço, mas cadê os seus braços? Sei que não tens culpa e não tem a quem culpar. Mas fostes embora, e partiu, foi morar na casa de Deus, onde ainda não posso te visitar. Mas sei que onde está sempre estará me guiando nos passos que vou dar. Quando a saudade aperta e machuca, elevo meus pensamentos ao vento para que ele leve um forte abraço através do espaço, pois não sei onde te acho. Apesar da distância separar dois corpos, ela jamais separa dois corações. Assim, me pego pensando em você e viajo em um sonho de amor e carinho, nesta hora eu sinto a brisa do vento trazendo de volta o teu abraço achado no espaço. Quando a brisa do vento toca delicadamente em minha face sinto a sua presença, seu cheiro, apesar de não me tocar, você veio através do vento me abraçar. Neste momento, deixo a imaginação tomar conta do meu sentimento. Você não sai da minha cabeça, de ti não me esqueço, lembro de você em todos os momentos. E deixo que o vento me aproxime de você lentamente, passo a passo até você me encontrar para que possamos nos abraçar e a saudade matar. A saudade se faz na sua ausência. Desejaria por toda a minha vida voltar ao tempo atrás para te dizer: “Eu te amo demais porque você é o meu herói, te amarei para sempre”*”.

Além disso, Luísa compartilhou fotos de uma vaquejada, um bebê em Juazeiro do Norte que ela chama de “romeirinho” e uma montagem com quatro selfies dela na frente do espelho. Em uma postagem mais descontraída, ela aparece na cadeira de balanço, com filtro de maquiagem e música de fundo, e publica uma montagem com quatro fotos dela aparecendo por inteiro. Por último, ela posta uma selfie enquanto ouve música de Heitor Costa.

Segue gráfico com as postagens dos participantes classificadas por categorias nesse período:



1.3.6 Sexta Conversação – 07/11/2023 – O corpo e suas insatisfações

A equipe de pesquisa chegou à escola no horário do intervalo dos alunos, de tal forma que fizeram um lanche e seguiram para a biblioteca. A pesquisadora perguntou a Luísa como estava o seu irmão e ela confirmou que ele está melhorando.

O grupo estava mais quieto que o normal de tal forma que a pesquisadora foi perguntando como eles estavam. Rafaela respondeu que está bem, mas não tão bem – está mais ou menos. Em suas palavras retrucou: “Estamos na peleja”.

A pesquisadora se dirigiu a Valéria e Yasmim, que não estavam presentes no encontro passado, e comentou ter sentido falta delas. Valéria explicou que seu pai estava doente e teve que ficar em casa, enquanto sua mãe o levava na rua. Yasmim justificou sua ausência dizendo que teve que ir à psicóloga em Serra Talhada.

Os participantes ficaram em silêncio e em seguida, Luísa comentou que eles estão tensos e Rafaela completou dizendo que eles estão com vergonha de falar.

A pesquisadora reforçou que para que eles se sintam à vontade para falar no grupo é importante rever o que foi estabelecido desde o começo. Tudo que é falado no grupo deve permanecer somente ali. Em respeito aos colegas, à atividade da pesquisa, devem preservar a confidencialidade. Pontuou que para estabelecer a confiança no grupo é fundamental manter o sigilo.

Luísa completou que se continuar “vazando informações” compartilhadas no grupo, vai gerar uma confusão e pode ser até que cancelem os encontros porque todos assinaram um termo confirmando que os assuntos abordados eram sigilosos. Bianca destacou que os assuntos tratados no grupo são muito íntimos. Luísa concordou e reforçou que coisas que falou no encontro passado, nunca havia falado para ninguém.

A pesquisadora pontuou que foi importante o compartilhamento de Luísa na conversa anterior. Inclusive percebeu o desdobramento em uma carta que a adolescente havia postado para seu pai no Instagram. Luísa compartilhou com o grupo que a foto que ela postou foi em seu aniversário de 7 anos – estava vestida de princesa. Luísa disse que seu pai chamou pessoas fantasiadas de princesas para seu aniversário e fez uma grande festa. Ele trabalhava com festas e ficou realizado por ter feito a mais linda para sua filha. Luísa completou dizendo que somente depois de ter falado no grupo sobre sua relação com o pai que conseguiu escrever a carta e colocar no Instagram de forma tão pública. Luísa mostrou fotos da festa de aniversário e disse que seu pai costumava dizer para as pessoas que se elas gostaram dessa festa de 7 anos, iriam se surpreender com a de 15 anos. Luísa ficava superfeliz e na maior expectativa. Completou dizendo que ainda espera seus 15 anos para fazer a festa que seu pai tanto queria. Hoje Luísa tem 13 anos.

A pesquisadora recordou que na semana passada eles haviam falado bastante sobre família, bullying, questões que tocam sobre a sexualidade e perguntou se eles queriam falar um pouco sobre a família deles.

Luísa concordou animada, mas os demais somente consentiram. Luigi falou que seu avô está internado e ele está na casa de sua avó para lhe fazer companhia. Todos ficaram em silêncio. Foi possível perceber que não se animaram em falar sobre isso.

A pesquisadora propôs uma atividade em que abordariam sobre como eles se veem. A atividade tinha três espaços como se fossem três espelhos. Eles poderiam desenhar ou escrever. No primeiro espelho eles deveriam produzir algo sobre como eles se veem; no segundo como gostariam de ser, o que eles não têm, mas gostaria de ser – nessa poderiam constar características físicas, mas também da personalidade; o terceiro, como eles se imaginam no futuro. A pesquisadora explicou que na atividade teria como eles se imaginam com vinte anos, mas como podia ser difícil se imaginar nessa idade, então eles poderiam trocar a idade pelo que eles consideram adequado. O grupo falou em 17 anos que é o período em que estão terminando a escola, sendo o futuro mais fácil de se projetar.

Eles se animaram em fazer a atividade. A pesquisadora percebeu que Eduardo estava pensativo e distante e perguntou se estava tudo bem. Ele disse que estava só pensando em

como executar. Ela ressalta que o que vier na cabeça, podem colocar. Eduardo avisou que seu desenho será de bonequinho de palito pois é a única coisa que sabe desenhar.

Quando eles terminaram, a pesquisadora perguntou a Eduardo se ele quer falar sobre os seus desenhos e ele disse que não sabia, só desenhou qualquer coisa. A pesquisadora brincou e disse que ele não é “qualquer coisa”. Ele se defende dizendo que desenhou qualquer coisa. A pesquisadora percebeu diferenças entre os desenhos e questionou qual seria a diferença entre os bonecos que representavam como ele é e como gostaria de ser. Eduardo pontuou que não havia diferença nenhuma. A pesquisadora disse que achou eles diferentes e Eduardo retrucou que deveria ter desenhado todos iguais. O garoto falante silencia.

Ficou um certo mal-estar no grupo porque todos perceberam o incômodo de Eduardo e a pesquisadora perguntou quem queria continuar mostrando seu desenho. Rafaela disse que não tinha desenhado, mas escrito. Ela se vê sobrecarregada, exausta, triste, estressada e ansiosa. Se considera gorda, com estrias, sem corpo, insegura, sem autoestima, insatisfeita com seu corpo, tem muito receio com seu rosto e sua barriga.

A pesquisadora se surpreendeu com tantos pontos negativos sobre si e questionou se não tem ao menos um ponto positivo como ela se vê. Rafaela respondeu que não e se emocionou. Algumas meninas do grupo como Valéria, Alana, Bianca se identificaram com Rafaela, chegando a dizer que ela conseguiu resumir tudo.

Rafaela gostou de ter sido a voz das meninas e seguiu dizendo como gostaria de ser: sem ansiedade, sem insegurança, gostaria de ter um corpo definido, olhos claros, nariz mais modelado, cabelo liso, sem tristeza. Aos 20 anos se vê estudando, fazendo curso técnico de enfermagem, na faculdade, com a “*saúde mental um pouco melhor*”.

Luísa ficou preocupada com Rafaela e comentou que a amiga não está bem.

A pesquisadora questionou a Rafaela se ela conseguia pensar quando começou a se ver de forma negativa, mas ela não soube responder. A pesquisadora indaga de outra forma, perguntando se ela se lembra a última vez que esteve mais satisfeita consigo. Rafaela respondeu: “*Quando eu era criança*”. A pesquisadora tenta perguntar como foi esse processo, quais mudanças lhe afetaram, mas Rafaela não conseguiu pôr em palavras. A pesquisadora compreendeu e comentou que algumas situações são difíceis de expressar.

A pesquisadora pontuou que apesar dela se ver no negativo, há uma clara esperança que a situação melhore. Ela faz planos, tem expectativa de cursar enfermagem, estar melhor consigo. Inclusive pontuou sobre ser sinal de saúde se projetar de maneira melhor no futuro. Rafaela concordou, acredita que o tempo pode melhorar, afinal até nem consegue se imaginar pior do que está.

A pesquisadora passou a palavra de volta para o grupo e Aurora confessou que sua barriga congelava quando a pesquisadora perguntava quem queria ser o próximo. Foi um momento descontraído e todos riram se identificando.

Luísa pediu para falar, mas não gostaria de ler o que colocou no papel. Iniciou dizendo que se vê como uma pessoa extremamente feliz, tenta se dar bem com todo mundo, não gosta de brigas, confusões. Se vê bonita – até porque autoestima é tudo, mas também se sente um pouco cansada, exausta, compreende que são coisas da vida.

Continua dizendo como gostaria de ser: ter sorriso, nariz, corpo e cabelo perfeitos. A pesquisadora pergunta como é esse perfeito e Luísa explicou que queria ter o nariz mais afinado, pois acha o seu um pouco estranho, queria ter o sorriso mais reto, pois o seu é um pouco torto, queria que seu cabelo fosse melhor e maior. Sobre seu corpo diz que queria ter o corpo mais cheio, forte pois está magra demais. No futuro, se imagina cursando agronomia ou medicina veterinária, provavelmente morando sozinha ou morando com seus pais, se imagina uma pessoa totalmente responsável.

A pesquisadora aproveitou para perguntar onde Luísa encontra esse ideal de perfeição para se espelhar. Luísa confessa que vê frequentemente nas redes sociais e nas pessoas do seu dia a dia.

A pesquisadora insistiu em perguntar como essas pessoas alcançaram o ideal vislumbrado por Luísa. Luísa acredita que realmente não é bom se comparar com as pessoas nas redes sociais porque algumas não são o que postam, um famoso, por exemplo, Eduardo Costa. Ele não nasceu com as bochechas ou o nariz daquele jeito, ele passou por muitos procedimentos.

Em resposta a Luísa, a pesquisadora aponta que muitas pessoas estão se submetendo a procedimentos estéticos para atingir um ideal de perfeição e quem está do outro lado da tela e vê a imagem projetada, pensa que a pessoa nasceu e cresceu daquele jeito. Além de ter muitos recursos de manipulação da imagem que camuflam os traços singulares de cada um. Aproveitou para destacar que essas características de um nariz que não é perfeito é que proporciona a singularidade de cada um. Os participantes concordam, mas ficam em silêncio.

Luigi falou sobre sua produção. Ele se vê brincalhão, pouco inteligente, às vezes muito estressado e cansado. Gostaria de ser um pouco mais magro, ter uma vida mais comum, mais tranquila, porque ele fica muito cansado quando chega em casa. Além de fazer companhia a sua avó e seu avô estar doente, ele precisa atualizar em casa as atividades que não conseguiu fazer na escola. Uma vida mais tranquila seria uma vida sem tantas demandas. Luigi se imagina no futuro casado, com um filho, fazendo faculdade de direito e trabalhando em casa

pela internet. Ele falou sobre executar um trabalho para uma loja em Serra Talhada. Seu trabalho é editar vídeos e imagens para serem postadas no Instagram. Pretende ampliar esse trabalho para ser uma forma de se sustentar financeiramente.

A pesquisadora questionou se eles conseguiam pensar no que influencia na maneira como se veem. Rafaela acredita que tudo é uma questão de comparação e nessa equação é frequente se sentir insuficiente. Ela sempre se compara com pessoas que são mais bonitas, que tem uma vida melhor que a dela.

A pesquisadora questionou a Luigi se ele já tinha escutado alguém falar sobre ele com as características que se descreveu. Luigi negou, mas Luísa e Bianca acreditam que os comentários da família influenciam na maneira como se descrevem.

Alana ficou bastante emocionada com o comentário de Rafaela e pediu para ir ao banheiro. Beatriz, uma das estagiárias, a acompanhou. Fora da sala, Alana confessou que também não gostava do seu corpo, que se compara muito com as meninas que vê no Tiktok, elas são perfeitas, têm os corpos perfeitos, cabelos perfeitos. Ela disse que achava seu corpo gordo e para emagrecer costumava fazer somente uma refeição no dia, o jantar ao chegar em casa. Compartilhou que tem outras dificuldades, também está cansada da rotina escolar, se sente exausta, mas seus pais acham que é besteira. Diz que houve um momento em que eles disseram que iriam levá-la ao psicólogo, mas depois não falaram mais nada. Reconhece que precisa de tratamento e pensa em pedir a eles para iniciar uma terapia.

O clima no grupo estava pesado. Bianca relatou que se identificou com tudo que Rafaela falou, pois se acha muito magra, alta demais.

Valéria, em contrapartida, disse que aceita seu corpo como ele é, pois se Deus lhe fez assim, tem que aceitar. Entretanto, um pouco mais adiante, Valéria ficou tocada e começou a chorar.

Rafaela compartilhou que já perdeu muitas pessoas e amigos por ser insegura e ansiosa. Questionada como isso aconteceu, ela respondeu que percebe quando alguém muda com ela. Não costuma falar quando algo lhe afeta, porém chega em um momento que transborda, citou o namoro como exemplo.

Bianca novamente se identifica com Rafaela e aproveita para falar como se vê: feliz, porém às vezes se sente triste. É insegura, magra e alta demais, queria ser mais “cheinha de corpo”, sem insegurança, mais estudiosa, gostaria de ter o corpo perfeito.

Nesse momento, quase todas as meninas estavam tocadas pelo assunto que envolvia corpo, imagem, relacionamentos interpessoais.

Luísa confessou que na escola demonstra ser feliz, porém em casa é totalmente diferente, se sente esnobada por sua avó. É alguém com quem tem uma convivência diária, chega a lhe chamar de mãe. Apesar de ajudar na limpeza da casa, fazer a comida, agora estar acordando frequentemente para administrar as medicações do irmão, basta pegar no celular para a avó lhe chamar de preguiçosa.

A pesquisadora compreendeu que Luísa se sente muito cobrada em casa e ainda tem muitas demandas da escola. Luísa concordou e os demais participantes se identificaram. Rafaela também é chamada de preguiçosa, para evitar contribui em tudo, mas sua contribuição não é valorizada.

Eduardo pediu para sair da sala e não retornou. Luísa reagiu dizendo que parecia que Eduardo não estava gostando dos encontros, pois nos últimos o grupo debateu mais coisas sobre meninas. Rafaela concordou, mas acredita que a principal causa pode ser por eles serem mais novos e ainda não terem cabeça para isso, que eles não têm todas essas inseguranças que os mais velhos do grupo possuem – outras meninas mais velhas do grupo concordaram.

A pesquisadora pontuou que Eduardo apresenta alguns sofrimentos. Luigi concordou e completou dizendo que ele enfrenta muitos conflitos com os julgamentos do pai. A pesquisadora pediu para evitarem falar de Eduardo, pois ele não estava presente e perguntou o que eles poderiam fazer para acolher melhor Eduardo no grupo.

Luigi compartilhou que Eduardo e Aurora não se dão muito bem. Aurora pediu para falar e explicou que não era isso. Contou que às vezes Eduardo lhe xinga sem ela ter feito absolutamente nada com ele. Aurora relatou ficar muito abalada e se questionar qual a razão de Eduardo ser tão grosseiro com ela. Nesse momento, Aurora começou a chorar e entre lágrimas falou que se sente muito insegura, compartilha das mesmas dificuldades que as meninas relataram.

Luigi, tentando compreender o comportamento de Eduardo, compartilhou que uma vez ele lhe falou que por Aurora ser filha de professora, os outros professores tentavam lhe agradar mais ela. Aurora retruca dizendo que é uma pessoa normal, que se sente igual aos outros alunos no colégio.

Aurora relatou que uma vez Eduardo lhe disse que ia meter um murro nela. Ela que não fazia ideia do porquê. A pesquisadora lembrou que Eduardo já havia compartilhado no grupo que quando se sentia mal pelo que ouvia das pessoas a seu respeito, normalmente xingamentos, não conseguia se defender e acabava descontando em quem não tinha nada a ver. Aurora concordou dizendo que ele só faz essas coisas quando estão brigados. Rafaela

explicou que Aurora é muito elogiada na escola por ser bem estudiosa e Eduardo gostaria de ser visto dessa maneira.

Aurora gostaria de compartilhar com o grupo os xingamentos de Eduardo, mas pediu ao grupo para ninguém perguntar nada e nem comentar – disse que ele a chama de quenga, cobra, prostituta, puta.

A pesquisadora perguntou a Aurora como ela se vê, apesar das coisas que Eduardo diz sobre ela. Aurora se considera uma pessoa boa, cheinha, feia. Nesse momento, volta a chorar. A pesquisadora acolheu o sofrimento de Aurora e sinalizou ao grupo que os mais novos também enfrentavam dificuldades que mereciam ser escutadas e consideradas.

Luísa concluiu que são as pessoas que causam as inseguranças no próximo.

A pesquisadora aproveitou para destacar que esse momento da puberdade e da adolescência traz muitas mudanças, principalmente em relação ao corpo. Está fora do controle deles e por insegurança acabam se comparando a outras pessoas nas redes sociais que são mais velhas e já passaram por essa fase. Reforçou que este é um momento de travessia e existiam circunstâncias mais turbulentas na jornada. É preciso se manter em frente.

Percebendo o grupo abalado pelo tópico abordado, a pesquisadora propôs uma atividade para encerrar o encontro. Cada participante recebeu um papel em branco. Foi pedido que de maneira alternada eles ficassem de frente e de costas no círculo. Em seguida, cada um colocou seu nome na parte superior da folha e devolveu o papel. Os papéis foram novamente distribuídos, de forma aleatória. Essa atividade se chamava leque de elogios, eles receberiam o papel com o nome de outra pessoa do grupo e deveriam escrever um elogio sincero para essa pessoa. De tempos em tempos, a pesquisadora ia bater palma e seria o sinal para passar a folha para pessoa ao lado, assim sucessivamente. Os participantes gostaram da dinâmica e tiveram mais dificuldade para escrever o elogio para si mesmo. Ao final da atividade, foi pedido que cada um entregasse a folha para o dono. O momento de entrega do leque dos elogios foi emocionante porque eles aproveitaram para se abraçar, encorajar um ao outro.

Apesar do clima pesado que havia se instalado, o grupo foi finalizado de forma mais branda e acolhedora. A pesquisadora falou rapidamente sobre a importância do estabelecimento de bons vínculos e lamentou Eduardo não estar presente nesse momento.

Antes de finalizar a atividade na escola, a pesquisadora procurou Eduardo na sala de aula para falar com ele de forma reservada. Eduardo, de forma muito grosseira, respondeu que estava em aula e não ia perder nem um minuto de seu tempo para falar com a pesquisadora e informou que tinha saído da pesquisa. Sua reação hostil levou a professora a intervir,

solicitando que ele acompanhasse a pesquisadora, mas ela informou que Eduardo não era obrigado a vir, ele deveria vir somente se desejasse. Eduardo se manteve firme na sua decisão.

Como a diretora tem uma boa relação com os alunos e sempre está informada sobre o que acontece na escola, a pesquisadora comunicou sobre a desistência de Eduardo e sua preocupação com a postura dele. Ficou evidente que as conversações tinham tido um efeito sobre ele, tocado em assuntos delicados e a pesquisadora gostaria de dar um suporte, entretanto ele havia se recusado. Foi informado que, caso ele desejasse, poderia ser providenciado um encaminhamento para um profissional para prestar assistência.

1.3.6.1 Coleta de dados digitais no período de 07 a 15/11/2023

Aurora compartilhou várias selfies do rosto sempre bem maquiado. Um vídeo engraçado mostrou estudantes da roça enfrentando a lama para chegar à escola. E sobre a escola, postou uma selfie com uma amiga no ônibus escolar. Em outra selfie, ela repostou um vídeo que começa com uma pergunta divertida: *“Você é debochada?”*, seguido de uma bebê fazendo careta, com a frase indicando o que ela estava pensando: *“Quando a pessoa que fala mal de mim chega conversando toda simpática”*.

Entre as postagens, ela mostrou uma foto de uma massa de bolo com a legenda: *“E lá vamos nós... bolo para a mamãe”*. No mesmo dia, publicou uma mensagem de parabéns para a mãe e uma foto das duas juntas. Postou também uma foto com uma garota a quem chama de “segunda irmã”, mostrando seu afeto pela criança.

Aurora compartilhou uma imagem engraçada de uma pessoa sendo “queimada” por uma chama que sai do ventilador, com a legenda humorística: *“Vou ligar o ventilador para refrescar um pouco”*. Ela também fez uma montagem com quatro selfies suas com a legenda “4x você”.

Eduardo repostou uma foto de uma mulher que parece ser uma professora, acompanhada da frase: *“Em uma sociedade que insiste em nos vender um padrão inatingível, se amar incondicionalmente é revolucionário”*. Ele complementa a postagem com a mensagem: *“Você é uma pessoa incrível”*.

Valéria compartilhou uma foto de um casal, acompanhada da mensagem: *“Pov: é difícil namorar um engraçadinho, mas sem ele a vida não tem graça”*. Ela também compartilhou uma captura de tela mostrando sua conversa com o namorado. Postou uma foto da sua turma assistindo a um filme na aula e em uma selfie na escola. São postagens que retratam seu dia a dia.

Valéria também fez a postagem de um vídeo dedicado ao namorado com a música: *“Seu amor foi sempre muito mais do que sonhei”*. Já em outro vídeo tinha uma frase como uma indireta: *“Nunca troque um coração que te ama por olhares que apenas te desejam”*. A partir de então Valéria passou a compartilhar muitas selfies, somente sua, com amigas, respondendo a caixinhas com desafios, além de um vídeo em que vai buscar água para uma amiga. Em uma postagem divertida, ela postou uma foto de uma bebê mostrando o dedo, como um gesto obsceno, acompanhada da mensagem: *“Tenho ciúmes mesmo, se é meu é meu, se não é meu, é meu também”*.

Rafaela compartilhou várias fotos tiradas na sala de aula e brinca sobre a situação em que se der bobeira com o celular os colegas o utilizam para tirar muitas fotos, coloca como legenda: *“Impossível deixar o celular 2 minutos sozinho”*.

Fez a postagem de um bonequinho que trouxe a mensagem: *“Você progrediu muito desde que nos conhecemos e tem todos os méritos por isso, mas precisa esquecer o passado e seguir”*.

Rafaela fez algumas postagens de paisagens, com sol se pondo, o horizonte esverdeado, o céu. Esse conteúdo reveza com suas selfies e um vídeo no qual fez pose maquiada usando um diadema de diabinha. Outras postagens incluem diversas selfies, incluindo uma em que solta beijinhos, uma no espelho. Em outra selfie, aparece somente seu corpo, sem mostrar o rosto.

Em um vídeo, Rafaela está na sua casa vestindo um avental, como alguém que estava se dedicando a atividades domésticas e dá uma paradinha para fornecer conselho de maneira descontraída, fala sobre aproveitar a vida mesmo que implique em fazer dívidas: *“Bebam sempre que possível, a morte é inevitável, façam dívidas, do que adianta um nome limpo se você não vive”*. Ela se posiciona como uma referência para o grupo, compartilhando dicas e orientações. Outros vídeos incluem um passeio de moto por um caminho de terra e um momento com sua prima, virando uma bebida, onde ela diz *“essa bixa é uma opala da peste”*.

Rafaela também compartilhou uma selfie com um professor, escrevendo: *“Professor/pai”*, e uma selfie com a farda escolar. Em uma postagem sobre suas conquistas, ela explica que ganhou a medalha de prata e recebeu bronze, mas um professor se preocupou em trocar a medalha para valorizar sua conquista. Também fez uma postagem com a coordenadora do colégio brincando sobre seu posto de chefe das chefes. As publicações sinalizam sua boa relação com os professores e educadores.

Uma citação dela destaca a importância da comunicação: *“Conversem. Conversem sobre tudo, mesmo quando as conversas são difíceis. Porque o silêncio são pedras. E pedras transformam-se em muros. Muros dividem”*.

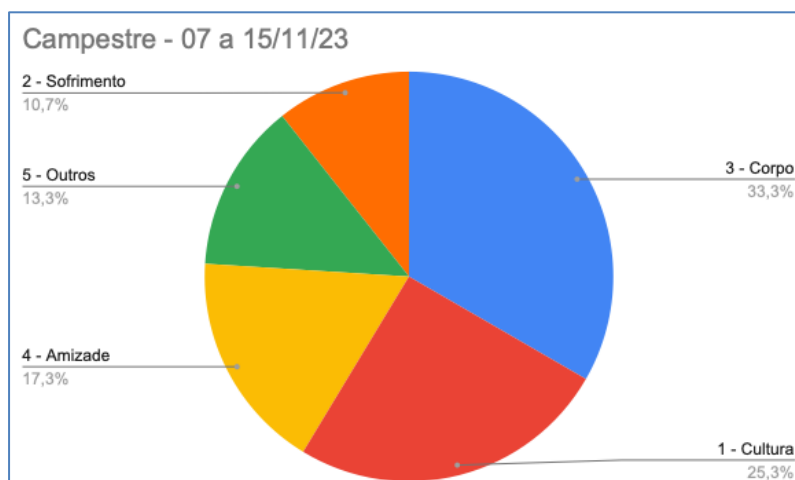
Alana compartilhou uma foto com sua mãe, usando um filtro de maquiagem, na qual expressa seu amor e admiração: *“Minha admiração por você é enorme e meu amor nem é possível medir. Obrigada pelos conselhos e tudo que já vivemos! Eu te amo”*. Em seguida, ela posta uma imagem de uma paisagem rural, marcando sua localização e escreve: *“Lugar de paz”*. Posta uma foto com o namorado, onde ele está de costas e ela mostra apenas parte do rosto, é acompanhada da mensagem: *“3 meses ao teu lado baby, te amo muito”*, com a trilha sonora da música *“Velha Infância”*.

Alana compartilhou uma foto com uma amiga para parabenizá-la, outra foto mostra alguém dando sinal de “legal” com as mãos, com a legenda *“Matando a saudade”*. Em uma montagem, Alana se apresenta em quatro selfies com um filtro que embranquece a pele e faz maquiagem, refletindo questões sobre mal-estar relacionado à cor da pele e preconceito. Postou uma selfie com amigos no colégio usando filtro de vaca. Por fim, Alana postou uma imagem da Pantera Cor-de-Rosa, com a mensagem: *“Nunca espere nada de ninguém”*. Muitas de suas postagens, especialmente aquelas que transmitem decepção, publicadas apenas para os melhores amigos.

As postagens de Luísa consistem principalmente em selfies e ao seu amor por cavalos. Algumas selfies são no espelho algumas com parte do rosto coberta. Uma delas tem um coração sobre um dos olhos e é acompanhada da frase *“o olho torto”* e a música *“Mergulhei Nos Seus Olhos”* de Natiruts. Publicou dois vídeos cavalcando, evidenciando sua conexão com os

animais e uma foto comemorativa de um campeonato de vaquejada. Compartilhou uma montagem com quatro fotos em que responde a uma caixinha, dizendo que *“só vale foto com cavalo”* e nomeia seus animais como Perla e Shady, com emojis de corações azul e amarelo.

Segue gráfico com as postagens dos participantes classificadas por categorias nesse período:



1.3.7 Sétima Conversação – 16/11/2023 – Performance de ruptura invade a cena

Quando a equipe da pesquisa chegou na escola para realizar a atividade, foi informada que Eduardo havia mantido a decisão de desistir de participar das conversações. A equipe respeitou prontamente a sua escolha e novamente a pesquisadora se colocou à disposição para ouvir Eduardo.

Ao entrar na biblioteca, os participantes já estavam no ambiente, tinham organizado as cadeiras e estavam na expectativa para contar o que havia acontecido desde o último encontro. Falaram que Eduardo havia contado para os alunos da escola o que havia sido compartilhado nos grupos e havia xingado a pesquisadora de todos os nomes possíveis, inclusive tinha feito o mesmo com as estagiárias.

Luísa disse que as pessoas estavam perguntando: “*É verdade que o pai de Luísa era gay?*”, “*É verdade que Bianca tem problema com o corpo?*”; “*É verdade que Valéria disse que tinha problema com a mãe?*”, “*É verdade que Rafaela quer terminar o namoro?*”. Diante dessas perguntas, ficou evidente que as informações compartilhadas no grupo estavam se espalhando na escola.

A pesquisadora acordou com os participantes que quando terminassem a conversação, iria falar com Eduardo para comunicar que ele poderia desistir da sua participação, mas seu compromisso com o sigilo deveria permanecer, afinal todos assinaram um termo de compromisso garantindo que as informações ali compartilhadas não poderiam sair daquele espaço, eram informações muito importantes, íntimas e que deveriam ser tratadas com confidencialidade. Aurora alertou que poderia ser difícil falar com Eduardo, pois ele estava muito alterado.

Luísa esclareceu não se importar com o fato de Eduardo estar falando sobre a sexualidade do seu pai, afinal ela não tem vergonha disso, mas estava profundamente chateada por ele ter espalhado informações íntimas dos participantes e ter dito várias coisas horróricas com a pesquisadora e as estagiárias.

A pesquisadora tranquilizou Luísa e os demais participantes esclarecendo que as falas de Eduardo não tinham efeitos danosos para a equipe de pesquisa porque compreendíamos que isso tudo que ele estava falando provavelmente nem era o que ele pensava de fato. O ataque dele ao grupo sinalizava o seu mal-estar e a pesquisadora iria se esforçar para encontrar uma maneira de falar com ele, no sentido mais de cuidado e acolhimento, afinal ele precisava ser ouvido. Os participantes concordaram.

Rafaela disse que não sabia que isso havia acontecido e Luísa compartilhou sua impressão de que Eduardo tem algo muito profundo dentro dele, as pessoas o tratam de uma forma tão ruim, como ele havia dito, e ele acaba fazendo isso com as outras pessoas também. Luísa concluiu que vivenciar essas situações constrangedoras faz com que Eduardo aprenda e reproduza esse tratamento com o próximo.

Luigi contou que estava com Eduardo no intervalo e ao ver a pesquisadora na escola, ele quis falar com ela. A pesquisadora disse que seria muito bom que ele tivesse falado, afinal o diálogo é a melhor maneira de resolver os conflitos. Luigi concordou, mas esclareceu que ele desistiu. A pesquisadora aproveitou para reforçar que não desistiria.

Diante do cenário, a pesquisadora questionou o que o grupo poderia fazer, uma vez que compreenderam que Eduardo deve estar em sofrimento e sua reação tem sido atacar o grupo. Luísa sugeriu conversar com a diretora da escola, pois ela é como se fosse uma psicóloga para eles.

A pesquisadora esclareceu que já havia falado com a diretora sobre a situação de Eduardo, mas voltaria a conversar. Luigi e Aurora contaram que a diretora e a coordenadora haviam chamado Eduardo para uma conversa.

A pesquisadora destacou quanto à importância do grupo não reagir no sentido de devolver com agressividade a Eduardo o que ele tem feito, mas encontrar uma forma de acolher e tentar um movimento diferente. Os adolescentes compreendem, mas não conseguem enxergar uma maneira de reverter a situação de forma amena. Aurora acredita que Eduardo vive em um mundo só dele e o que eles podem fazer é pedir para a diretora chamá-lo para conversar, pois ela sempre acolhe os alunos.

Luísa acredita que uma forma respeitosa seria as pessoas do grupo não espalharem o que Eduardo compartilhou. A pesquisadora aproveita para enfatizar que apesar de algumas informações terem sido expostas fora do grupo, somente quem estava participando conseguiria compreender a profundidade do que ocorreu nos encontros. Por mais que essa circunstância tenha sido invasiva, ela não seria suficiente para abalar o que estava sendo construído no grupo. Rafaela concordou enfaticamente e apontou que haviam estabelecido um nível de intimidade que ela nem esperava, onde cada um teve coragem de falar de si, compartilhar e contar o que eles não conseguiam sequer pôr em palavras.

A pesquisadora falou que todos ficaram muito tocados com o que aconteceu no encontro anterior e como inclusive a equipe de pesquisa havia conseguido revisitar a adolescência naquele momento. A pesquisadora aproveitou para compartilhar que por acaso havia recebido pelo WhatsApp do grupo da família fotos de quando ela era adolescente e ela

se encontrou com questões que os participantes se veem hoje. Isso a fez pensar por que naquela época também havia as insatisfações com o corpo, com as imperfeições, mas não era tão intenso como hoje. Antes se comparava com as meninas da turma, meninas mais velhas da escola – estava dentro daquele ambiente, hoje parece que acontece duas coisas com eles: uma comparação absolutamente desleal com o que eles encontram no TikTok, Instagram (por ser realidades distantes), e desleal pelos filtros, pois eles se comparam com eles mesmos em uma versão que é inatingível.

Rafaela compartilhou que no dia anterior fez uma comparação consigo mesma: tirou uma foto com filtro, colocou-a ao lado do espelho, se olhou no espelho e olhou para foto e concluiu que não tinha condições de ser a mesma pessoa.

A pesquisadora questionou se não era a mesma pessoa e Rafaela garantiu que não, reforçando que não era a mesma imagem. A pesquisadora insiste no questionamento sobre não ser a mesma pessoa e Rafaela explicou que mudou tanta coisa com o filtro: tirou as manchas da pele, ficou com o nariz fino, com os olhos mais claros, clareou a pele, mudou totalmente, de forma que distorceu quem ela era ao ponto de não se reconhecer. Frisou que qualquer imperfeição no seu rosto, foi completamente retirada. A pesquisadora perguntou: *“Então, quem era na imagem?”*. Rafaela se surpreendeu com a pergunta e respondeu: *“Ninguém, porque essa pessoa não existe”*.

Uma nova questão é proposta ao grupo: *“Alterando a imagem altera quem você é?”*. Eles negaram. A pesquisadora questionou: *“Como seria se essa imagem lapidada fosse você, Rafaela?”* Ela respondeu que ficaria muito feliz, pois simplesmente quem não queria ter uma pele tão bonita, um rosto perfeito? A pesquisadora elogiou Rafaela tal como é, não sendo necessário nenhum filtro. Ela ficou constrangida e respondeu que não sabe receber elogios.

Uma das estagiárias compartilhou com o grupo que na semana anterior a equipe de pesquisa voltou para casa comentando como as garotas do grupo eram bonitas e como havíamos nos surpreendido com a maneira pela qual elas se enxergam. Sempre com tantos defeitos, enquanto nós tínhamos dificuldade de pensar sequer qual seria a mais bonita. Todas eram lindas do seu jeito, cada uma com uma beleza singular. Concluímos que elas estavam se comparando com um ideal absolutamente inatingível para qualquer pessoa e assim esqueciam de ver o que existe de bonito em cada uma. A pesquisadora concorda e segue-se uma série de elogios. Primeiro ao cabelo encaracolado de Aurora, depois os olhos castanhos e expressivos de Luísa, o sorriso largo de Alana, o corpo esbelto de Valéria, o corpo longilíneo de Bianca. As participantes seguiram o movimento e fizeram elogios umas às outras. Elas ficaram inquietas, sorrindo e aguardando cada uma pelo que fariam delas, apesar de repetirem

constantemente que não sabiam ser elogiadas. Luísa chegou a dizer que hoje não está normal e acha que sua autoestima subiu! Aurora lembrou da semana anterior dizendo que foi só choro e nessa está sendo de muitas risadas.

Alana e Rafaela enfatizaram que não sabem o que responder quando recebem elogios e até dizer: “Obrigada” é difícil, pois ficam envergonhadas. Luísa fez um movimento interpretando que fica sem jeito e o grupo reagiu rindo de forma leve e íntima.

A pesquisadora perguntou se era muito inusitado receber elogios e elas disseram que na escola sim, inclusive a forma de elogiar chega a ser estranha. Se uma menina está bonita, eles dizem que ela está “apapagaiada”, o que leva ao questionamento: “Então, estou bonita ou feia?”. Eles confessam que também têm dificuldades de elogiar.

Luísa se levantou e foi em direção a porta, pois constatou um movimento diferente pela fresta e ao abri-la se deparou com Eduardo e outro aluno que tinham ido na biblioteca para pegar um dicionário de português que a professora havia pedido. A pesquisadora consente com a entrada deles. O grupo fica calado enquanto os alunos procuram os dicionários, eles não conseguem encontrar os exemplares. Kelvin aponta para o local onde estavam e a pesquisadora aproveita para dizer a Eduardo que tem sentido sua falta no grupo. Ele respondeu surpreso e se limitou a dar tchau.

O grupo ficou impactado com a entrada de Eduardo e a pesquisadora aproveitou para sinalizar o quanto havia sido interessante que ele não tenha ido para participar do grupo, mas precisou vir à biblioteca buscar os dicionários. Ele precisou estar ali presente de alguma maneira. Luísa foi fechar a porta e imitou como eles estavam antes dela os surpreender abrindo a porta. A cena foi engraçada e o grupo se divertiu.

Voltando ao assunto dos filtros Rafaela repetiu o que havia contado sobre sua experiência e reforçou que não se parecia com ela, afinal não tinha uma mancha sequer na pele. Alana ressaltou que Rafaela não tem mesmo manchas na pele. Rafaela seguiu falando que o filtro mudou totalmente a espessura do seu nariz e como ela não se reconhecia. Ela ficava comparando várias vezes olhando para a foto e para o espelho.

Luísa aproveitou para mostrar uma foto dela com filtro e a pesquisadora comentou que a considera mais bonita do que na foto. Outras pessoas concordam.

Rafaela contou que no dia anterior estava se sentindo feia, um rosto horroroso, concluiu que estava com a autoestima baixa. Para melhorar, passou a noite toda se cuidando. Tomou banho, lavou e penteou o cabelo, hidratou a pele, vestiu uma roupa confortável, passou creme no cabelo, secou com secador, quando terminou usou baton e ficou tentando encontrar um bom ângulo para tirar uma foto. Ela contou que mesmo assim, não gostou das

fotos que tirou, nem postou. Era uma tentativa de “aumentar a autoestima”, mas, segundo sua avaliação: “Não deu muito certo”. A pesquisadora perguntou se a imagem a ser avaliada seria apenas aquela que estava projetada na tela do celular. Rafaela concordou que precisava de uma boa foto para se sentir bonita.

Foi questionado ao grupo o que aumenta a autoestima. Alana respondeu que os efeitos são capazes de fazer isso. Já Bianca acredita que seria receber elogios. Aurora não consegue ter uma autoestima alta só com elogios.

De forma inusitada, Eduardo abriu novamente a porta e pediu para conversar com a pesquisadora. Como ela confirmou que falaria com ele, Eduardo perguntou se poderia voltar para o grupo. A pesquisadora combinou que quando terminasse a atividade, conversaria a sós com ele e o convidou para entrar, caso desejasse

Eduardo entrou e sentou e a pesquisadora lhe perguntou se ele gostaria de compartilhar com o grupo o motivo da sua ausência e do seu retorno. Ele respondeu que gostaria de falar primeiro somente com a pesquisadora. O grupo lhe recebeu e as regras sobre sigilo e respeito aos colegas foram enfatizadas e perguntado se ele seguia concordando com os acordos estabelecidos. Eduardo ficou constrangido, mas concordou. Rafaela enfatizou as normas e Eduardo se defendeu perguntando o motivo para estarem repetindo aquele assunto. Bianca lhe respondeu dizendo que o grupo era um momento precioso no qual eles tinham a oportunidade de compartilhar assuntos íntimos e serem ouvidos e respeitados. Eduardo voltou a questionar o motivo de estarem falando aquilo e as meninas responderam que era apenas para lembrar dos acordos. Recordam que esse é o terceiro encontro que reforçam sobre o sigilo.

A pesquisadora explicou que algumas informações compartilhadas no grupo haviam sido comentadas na escola, por isso estavam reforçando essa questão e como Eduardo não estava presente no início dessa conversa, estava sendo necessário repetir para ele. Visando alterar o foco para que não ficasse centrado nesse tópico, a pesquisadora atualizou Eduardo sobre o que o grupo estava abordando. Eduardo aproveitou para repetir uma frase que havia postado no Instagram: “Em uma sociedade que insiste em nos vender um padrão inatingível, se amar incondicionalmente é revolucionário”. A pesquisadora perguntou: “Como seria se amar incondicionalmente?” O grupo debate e concluem que seria se aceitar do jeito que é.

Voltou-se ao tópico do que ajuda a melhorar a autoestima. Luísa se lembrou da resposta de Alana sobre os filtros ajudarem a aumentá-la. Questionou-se: Será mesmo que funciona dessa forma? A pesquisadora pontuou que, mediante os compartilhamentos do

grupo, lhe pareceu justamente o contrário: eles detonam a maneira como as meninas se avaliam.

Yasmim concordou e explicou que isso acontece porque se olham na foto manipulada e quando se olham no espelho sentem falta dos efeitos, passam a observar e se incomodar mais com os traços “imperfeitos” e naturais. Afinal, o efeito não é permanente. No celular é possível manipular a sua imagem, mas na realidade não funciona assim.

A pesquisadora ressaltou uma reportagem na qual Mark Zuckerberg, responsável pelo grupo META, do Instagram, precisou se explicar na justiça americana pois em 2019 quando estavam lançando os filtros, os estudiosos – da equipe do próprio aplicativo - informaram ao CEO que o uso dos filtros seria danoso aos usuários e ele ignorou a informação, continuou investindo nos filtros e agora a sociedade estava recolhendo os efeitos devastadores, principalmente para os jovens.

Seguiu explicando que inicialmente, os filtros foram feitos para pessoas brancas e ocidentais. De tal forma que uma pessoa com uma pele mais escura, não tinha seu rosto reconhecido, ao tentar utilizar os filtros. Gradativamente, essas situações foram ajustadas, ampliando suas possibilidades. Atualmente, existe um lucro proveniente do uso e disseminação dos filtros. Ou seja, por trás dos filtros, existe um sistema capitalista que lucra com as inseguranças que foram provocadas.

Rafaela compartilhou a informação de que o grupo Meta foi processado porque muitos adolescentes estavam com problemas psicológicos devido ao uso das redes sociais.

A pesquisadora problematiza a ideia de Alana sobre os filtros melhorarem a autoestima. Será que melhoram ou apontam para as pessoas o que elas deveriam ser e não são?

Bianca contou que existem pessoas que postam fotos com muitos filtros e os que convivem com essas pessoas, percebem rapidamente as modificações. Diz que a foto que Rafaela mostrou que havia postado, não vê muita diferença mesmo usando o filtro. Concluiu que existem maneiras distintas de usar os filtros, de tal forma que não necessariamente provoca danos na percepção da autoimagem.

Rafaela acrescentou que ultimamente tem visto muitas pessoas postando foto produzidas pela inteligência artificial como se fosse foto de verdade. Os participantes concordam e ridicularizam esse comportamento. Luísa mostrou uma foto com muito filtro que havia tirado, mas esclareceu que não chegou a postar. Falou que na foto seu nariz até sumiu de tanto efeito e Alana concluiu dizendo que nessa foto nem parece ser Luísa. Ela não postou porque antes pediu a opinião de sua tia e ela disse que se ela postasse as pessoas iriam rir dela

para o resto de sua vida. Concluiu: “Pelo menos o rosto que eu posto nas fotos, eu levo quando saio de casa”.

Rafaela acredita que no seu caso, a grande diferença nas fotos é mais uma questão de ângulo. Luísa reagiu à fala de Rafaela imitando como as pessoas fazem poses para tirar fotos e postar.

A pesquisadora contou sobre uma ocasião em que estava na praia e ficou impressionada com o tempo que uma moça muito bonita dedicou a tirar fotos, fazendo poses, fingindo beber, correr. Mudou o cenário, fez várias performances. Ao final, a pesquisadora lhe escutou dizendo estar frustrada porque não gostou de nenhuma.

Luísa e Rafaela se identificaram imediatamente com a situação abordada. Para elas é comum se produzirem com a expectativa de render uma boa foto e se frustram quando apesar do investimento de tempo, do zelo nos detalhes da maquiagem, a foto não corresponde ao que gostariam.

Rafaela contou estar com medo de se arrumar para sua festa de conclusão, ficar bonita, fazer maquiagem e penteado, mas nas fotos seu rosto ficar distorcido – um lado maior do que o outro. Explica que na câmera traseira do celular, seu rosto sai totalmente desconfigurado. A foto registrando o momento é mais importante até do que sua imagem no face-a-face. Não basta se sentir bonita olhando no espelho, é preciso sair bonita nas fotos.

A pesquisadora perguntou se alguém não usa filtro. Bianca confessa que postou só uma vez foto com filtro, Aurora diz que usa, mas prefere fotos naturais. Luísa mostrou uma foto tirada com a câmera traseira do seu celular no começo do ano. Segundo ela, ficou com um olho baixo.

A pesquisadora comentou que uma vez os filtros no Instagram bugaram e as pessoas tentavam usar o filtro, mas nenhum estava funcionando. Nesse dia, os alunos da turma quiseram tirar uma foto e tentaram em todos os celulares usar filtros, mas o de ninguém funcionava. Surpreendida com o efeito nos alunos e na resistência em tirar fotos sem o recurso, a pesquisadora buscou no Twitter as postagens mais relevantes e que tiveram muito engajamento. Encontrou resultados como: “Sem filtro eu não me garanto, Instagram. Pare com essa palhaçada”; “O filtro do Instagram ilude a gente de um jeito né? Eu acreditando que tenho aquela cara bonita”; “O Instagram não permite mais filtro nos stories. Que tipo de ditadura é essas que sou obrigada a me aceitar?”

Luísa acredita que as pessoas precisam começar a se respeitar, até porque vai ter algum momento que o filtro vai acabar. Aurora tem uma madrinha que a incentiva a postar foto sem filtro. Rafaela discorda enfaticamente e disse que se acabarem com os filtros, ela

mesma vai precisar criar. Já Bianca acha legal quem posta foto sem filtro, porque elas estão postando o que realmente são, sem tirar uma olheira ou espinha.

A pesquisadora apontou sobre as possibilidades que as mulheres têm de se maquiar e questionou qual seria a diferença entre a maquiagem e o filtro. Eduardo aposta na duração: o filtro só dura uma foto e a maquiagem permanece por mais tempo. Rafaela mostrou uma foto que tirou quando estava maquiada e mesmo assim usou filtro. Conclui que maquiagem não é suficiente. O filtro lhe permitiu ficar com o nariz bem fininho, parecendo que tinha feito rinoplastia.

Os participantes concluem que o filtro é capaz de modificar mais o rosto. Lembram que alguns filtros deixam o rosto humano com elementos de animais, outros que deformam o rosto, deixando engraçado. Nem todos são para promover beleza, mas todos são para camuflar ou esconder o que eles não gostam em si.

Alana compartilha que gosta do filtro de cachorrinho porque a deixa mais bonita. Ele cobre seu nariz, tem um brilho que esconde as imperfeições da pele e lhe deixa mais clara. Kelvin responde prontamente que considera desnecessário e que prefere que ela tire foto sem os filtros.

O grupo reage à fala de Kelvin com suspiros. A pesquisadora lembrou de outra frase que viu no Twitter: “Quer dizer que além de ser feia na vida real eu vou ter que ser feia na internet também?”. Rafaela concordou e se identificou com a frase, completou frisando que só aceita ser feia na vida real, pelo celular faz tudo para ser bonita.

Beatriz encontra uma frase que estava guardada no seu celular: “Enquanto houver filtros, só seriei feia pessoalmente. Paz!”. Em contrarresposta, Rafaela mostrou uma foto que tirou sem filtro e ficou bonita. E a pesquisadora lembrou de mais uma frase “Se o Instagram acabar com o filtro, eu não tiro foto nunca mais”. Os participantes não concordaram com essa mensagem. Acreditam que encontrariam um jeito de se encaixar sem filtro.

Luísa contou que postou algumas fotos e uma menina que ela chamava de amiga disse: “Mas Luísa não é assim na escola”. Ela fala que não acha certo ir para a escola de *cropped*, short saia e salto. Lembrou de um dia que foi toda arrumada para a escola, de *escarpim*, parecendo as mulheres da Secretaria de Educação. As meninas falaram que ela estava bonita nesse dia, outras disseram que ela estava engraçada. As meninas reagiram comentando sobre a ambivalência em usar salto: dói, mas é bonito. Luísa mostrou uma foto dela com Alana de salto na escola. Elas confessaram que a foto tinha filtro, afinal “não pode faltar”.

A pesquisadora perguntou se eles usam filtros desde que começaram a usar as redes sociais. Alguns disseram que não.

Quando começou a usar o celular, Yasmim não postava foto, nem com filtro e nem sem filtro. Mas depois foi usando de forma mais intensa as redes sociais que passou a postar algumas coisas. Sua madrinha reforçava que ela era mais bonita sem efeito, então começou a postar fotos mais naturais, apesar de postar raramente no Instagram. Yasmim vê vídeos no TikTok, nunca posta nada.

A pesquisadora questionou se eles usam TikTok. A maioria assiste vídeos e só Rafaela e Luísa afirmaram já ter postado algo e normalmente repostam no Instagram para que os amigos vejam.

Luísa falou sobre ter feito um vídeo de uma trend “açúcar não, mamãe passou pimenta em mim” e mostrou para o grupo o vídeo que ela ia postar com essa música. Contou que desde pequena sua tia lhe ensinava a usar maquiagem, porque ela é maquiadora, trabalha com designer de sobrancelhas e sempre chamava Luísa como modelo para divulgação do seu trabalho de maquiagem infantil.

Valéria compartilhou que às vezes usa filtro, mas não sempre. Quando usa, é porque deseja ficar “mais branquinha”.

A pesquisadora perguntou se mais alguém usava o recurso para deixar a pele mais clara, Yasmim achou engraçado e negou usar, acredita que se fizesse isso ficaria parecendo o “homem da neve”. Bianca concordou e completou dizendo que gosta de filtro escuro.

Valéria se defendeu dizendo que se sente bem com sua cor, mas só usa efeito, para estar antenada com o que as outras pessoas estão fazendo, mas também posta foto sem efeito.

Luísa compartilhou que gosta de usar maquiagem *dark* e batom roxo, além disso sua mãe fazia uns penteados de rabo de cavalo de lado. Luísa e os outros se achavam muito bonitos quando eram crianças. Rafaela disse que nessa época era muito vaidosa, hoje nem usa batom. Bianca concordou e explicou que essas mudanças aconteceram depois da puberdade.

Foi questionado se os meninos também usavam filtro e Alana prontamente respondeu que Kelvin nem tira foto quanto mais usar filtro. Luigi raramente tira uma foto e Eduardo não tira muitas fotos, as que tira não posta, mas completou dizendo que gostaria de encontrar um filtro que melhorasse sua imagem porque até hoje não ficou satisfeito com nenhum.

Alana aproveitou para compartilhar que ela e Kelvin não tiravam muitas fotos juntos e as poucas que tiram, não mostram o rosto. Kelvin se defendeu confessando que se incomoda mais ou menos em tirar foto mostrando o rosto. Ficou evidente que ele queria esclarecer que não era uma questão sobre os dois, mas ele consigo.

Bianca lembrou que quando é dia do seu aniversário, as pessoas parabenizam postando foto com o aniversariante, mas ela fica com ódio porque as pessoas escolhem as piores fotos

para postar. Todos os participantes concordam e se identificam.

Valéria contou que hoje terminou o namoro, por causa das meninas que ficam dando em cima dele, ela reclamou e ele não gostou. Brigaram e deram um fim na relação. Isso já aconteceu outras vezes. Valéria disse que cansou de ficar cobrando dele uma postura respeitosa e que ele desse limites às meninas, então terminou o namoro. O ex-namorado percebeu que ela havia se cortado e ameaçou dizendo que da próxima vez terminaria a relação. Valéria confessou que se cortou mesmo no braço, onde ele viu, e em outros cantos, por causa do namoro, por causa de algumas decepções com amigas que não eram amigas de verdade. Após se cortar, se sentiu melhor porque a dor saiu da mente e foi para o corpo e ela considera melhor a dor física do que a mental. O corte aliviou seu sofrimento.

Aurora e Rafaela falaram como reagem quando estão com raiva. Ficam com muita força e sentem que precisam extravasar. Rafaela já chegou a segurar um balde com 30 litros de leite para evitar bater em alguém. Valéria compartilhou que estava pensando besteira quando se cortou, e hoje está ainda pior porque agora não vai ter nem o namorado para dividir sua angústia. As amigas oferecem suporte, dizendo que o sofrimento vai passar, ela vai superar. Valéria concorda, mas é firme dizendo: “Acabou, mas ele é meu. Ninguém toca. Só depois que eu esquecer dele que ele pode ser de outras”. Valéria reconheceu ser ciumenta, possessiva e continuaria assim mesmo com o namoro acabado. De forma contraditória, ontem, assim que terminou o namoro, postou uma frase no status e ele respondeu dizendo que ela não gostava mais dele. Ela apagou as fotos dele do seu perfil, mas ele manteve todas as dela.

A pesquisadora questionou ao grupo e a Valéria quais são as repercussões nas redes sociais quando um namoro termina. Alguns dizem que bloqueia, outros dizem que fazem questão de manter até na lista dos melhores amigos, para postar foto e mostrar o que a pessoa perdeu.

Rafaela compartilhou sobre sua experiência enquanto estava dando um tempo no namoro, ficou com um menino que também estava dando um tempo no namoro e depois a namorada do menino descobriu e bloqueou ela nas redes sociais.

Valéria compartilhou que sua foto até do perfil do WhatsApp era com ele. Ontem postou nos status: “Muitas vezes, por trás de um “tá tudo bem” tem uma mente acelerada, um coração aflito, um aperto no peito e lágrimas quase caindo”. “As vezes a gente engole as coisas que nos machucam tanto, só para não causar brigas, e no fim do dia, somos nós que choramos sozinhos enquanto tudo repete na nossa cabeça”. “Mais uma noite com a mente a um milhão, pensando como fazer para tudo ficar melhor”. Foi questionado quais as repercussões das suas postagens. Valéria disse que alguns amigos mandaram mensagens, mas

ela não queria falar com ninguém. Foi quando se cortou, porque lhe pareceu a única forma de aliviar a pressão que estava sentindo.

Valéria confessou que ainda tem a senha do namorado de todas as suas redes sociais e ele tem as dela. Ainda não teve tempo de mudar a senha. A pesquisadora perguntou se era comum ter as senhas das contas dos namorados e elas confirmaram que sim. Rafaela discordou, não tem a senha do Instagram do seu namorado, nem a do celular dele, mas se ela pedir para ele abrir o aplicativo ou o WhatsApp, ele abre e a deixa ver tudo que quiser. Completa afirmando: “Se está com a consciência limpa, não tem problema”.

Para finalizar, a pesquisadora anunciou que o próximo encontro seria o último, então poderiam pensar algo diferente para marcar o encerramento, eles tiveram a ideia de fazer um piquenique embaixo da árvore perto do açude. Combinaram de levar frutas e refrigerantes e a equipe de pesquisa levaria bolo e salgados.

Após a saída do grupo, a pesquisadora conversou em particular com Eduardo, perguntou o que tinha acontecido para ele ter decidido sair do grupo, mas ele não quis compartilhar. Contou que era frequente se sentir mal na escola porque tinha muitos garotos que lhe xingavam, pelo seu corpo emagrecido, pelo seu jeito de andar, porque gostava de dançar frevo com o grupo de dança. A pesquisadora sinalizou que entendia como essas experiências eram dolorosas e lembrou até que anteriormente ele havia compartilhado no grupo que não conseguia se defender e então atacava outras pessoas. Ele negou veementemente machucar e ofender colegas. A pesquisadora falou que se sentiu agredida pela forma dura e seca pela qual ele havia falado com ela quando ela estava indo em sua direção para compreender o que se passava. Explicou que às vezes Eduardo pode ser explosivo e grosseiro e sequer perceber que sua atitude machuca o outro. Esclareceu que ela sabia manejar essas situações e até compreendia que ele podia ter ficado chateado com ela, mas também sentia o carinho dele e a sua vibração quando chegavam na escola. Eduardo pediu desculpas. A pesquisadora amarrou o cadarço do seu tênis que estava desamarrado. A princípio ele dizia que não precisava e depois aceitou. Enquanto arrumava, Eduardo confessou que não sabia fazer um laço, tinha medo de tropeçar nele desamarrado, mas não tinha ninguém para pedir ajuda.

1.3.7.1 Coleta de dados digitais no período de 16 a 23/11/2023

Aurora compartilhou uma selfie com amigas na sala de aula, legendada como “minhas só minhas”. Em seguida, compartilhou uma foto com a mãe, respondendo a uma caixinha com

a frase “*só quem não tem vergonha da mãe*”. Aurora também interagiu com seus seguidores ao responder uma caixinha pedindo para montar sua inicial com seus favoritos. Em uma brincadeira, ela classifica quesitos como “amizades”, “ciúmes”, “chance”, “beleza”, “importância” e “bônus”, atribuindo valores de 0 a 100.

Posta várias selfies, como de costume, e compartilhou uma foto de uma professora relacionada a um evento sobre a Consciência Negra. Por fim, ela mostra seu certificado de medalha prata na Olimpíada de Raciocínio Lógico e dá parabéns a dois primos, acompanhados de várias selfies.

Valéria compartilhou uma selfie com uma amiga na escola e uma repostagem de uma foto que alguém a marcou ao responder à caixinha: “monte sua inicial com seus favoritos”. Valéria também responde a essa mesma caixinha com uma selfie no espelho, marcando o namorado e a amiga que a mencionou.

Em seguida, ela compartilhou um vídeo de música e fez uma montagem com quatro selfies suas. Uma foto de paisagem é acompanhada pela mensagem: “*eu não to nem ai pra sua condição ou pro que você veste, se vc puder me oferecer lealdade, respeito e sinceridade você terá o melhor de mim*”. Valéria publicou uma selfie sentada em uma cadeira, depois um vídeo com música de vaquejada e mais selfies com amigas. Ela tenta interagir com seus seguidores, postando uma selfie sozinha e respondendo à caixinha: “*Jogue um emoji de telefone. Quem reagir passe seu número*”. Por fim, ela posta outra selfie sozinha, respondendo à caixinha: “*Essa é a nova, curtiu tem ciúmes*”.

Luigi repostou uma foto da mãe com seu certificado de medalha de ouro na Olimpíada Brasileira de Raciocínio Lógico.

Rafaela compartilhou uma mensagem reflexiva sobre a importância de melhorar por aqueles que merecem, desejando um bom dia com um emoji de coração. Em seguida, compartilhou uma foto da Rua 15 em Serra Talhada, marcando a localização, e uma imagem de seu prato de comida, intitulado “pratinho de princesa”, uma forma bem-humorada de mostrar que come bastante.

Rafaela publicou uma selfie com uma amiga, expressando carinho com a legenda “*fotinha de mais cedo com meu amor!*”, além de uma mensagem sobre o signo de Libra e várias selfies somente de si. Em um vídeo, ela fala sobre o calor, fazendo referência ao “fogo do inferno” e aconselhando as pessoas a repensarem suas atitudes, com a frase: “*amostrinha grátis do quinto dos infernos*”. Ela também compartilhou vídeos tomando cerveja ao som da música “Tem pena deu” e andando de moto em uma área rural, descrevendo a moto como

“*minha parceira casca de bala*”. Em homenagem ao Dia da Consciência Negra, Rafaela postou uma selfie de farda e turbante.

As interações com amigos consistem em fotos que capturam momentos engraçados, como na foto de um amigo da escola em que ela escreve “*Essa coca é fanta*” e na foto de mais um amigo: “*Outra coca que é fanta kkkk*”. Uma foto de uma amiga fazendo uma careta é acompanhada pela legenda: “*Simpática toda*”. Ela também compartilhou uma foto antiga com amigos, sinalizando a passagem do tempo através do comentário: “*essa relíquia véi*”, e uma imagem de uma flor, intitulada “*florzinha*”. Rafaela postou uma foto sua dormindo na aula, com a legenda “*a pessoa escapa de um tiro, agr de um queima é difícil*”.

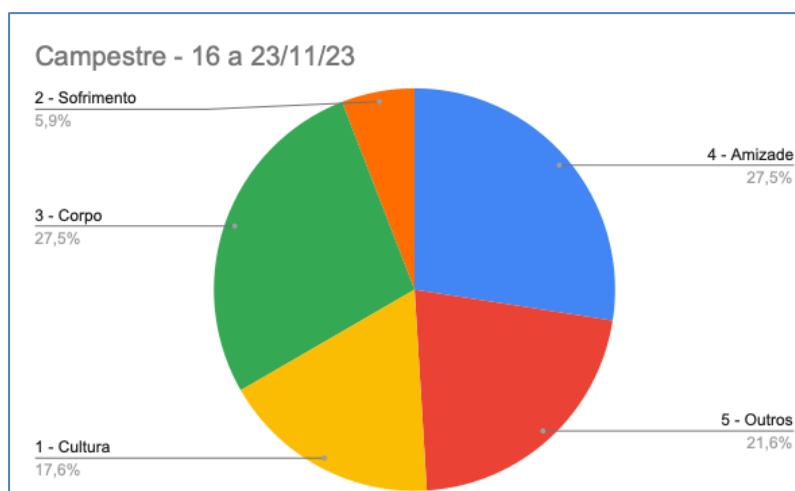
Rafaela posta uma foto usando uma tiara de diabinho e comenta que não é todo mundo, mas que vai entrar na “*modinha*”, abrindo mensagens anônimas para interações. As respostas são variadas e divertidas, com um tom bem-humorado.

Alana compartilhou uma montagem de quatro fotos suas, todas usando um filtro que clareia a pele. Em seguida, compartilhou uma foto acompanhada da frase de Morgan Freeman: “*O dia em que pararmos de nos preocupar com consciência negra, amarela ou branca e nos preocuparmos com consciência humana, o racismo desaparece*”.

Luísa compartilhou uma foto de uma mulher acompanhada da mensagem “11 meses sem ti” e um emoji de um coração branco, demonstrando sua saudade. Em seguida, compartilhou uma selfie com uma amiga, ambas usando máscara facial de tratamento, o que indica um momento de autocuidado. Luísa abriu lives com frequência, geralmente nos fins de semana, para interagir com seus seguidores.

Postou uma foto sua na escola em homenagem ao Dia da Consciência Negra na qual Luísa usou uma figurinha para cobrir parte do rosto. Por fim, compartilhou duas selfies no espelho, uma com flash que capta parcialmente seu rosto e outra que revela seu rosto completo.

Segue gráfico com as postagens dos participantes classificadas por categorias nesse período:



1.3.8 Oitava Conversação – 23/11/2023 – Fechamento e passeio pelo distrito

Para marcar a última conversação como um momento especial, decidimos mudar o local de encontro e realizar um piquenique em contato com natureza. A equipe estacionou na escola e encontrou os participantes reunidos. Cada um tinha trazido algo para contribuir com o lanche: frutas, suco, pipoca, refrigerante. O espaço embaixo da árvore que estava programado para ser o encontro estava inviável devido ao difícil acesso. Tiveram a ideia de usar a quadra poliesportiva que ficava fora da escola e tinha um espaço conveniente voltado para uma paisagem verde. Todos foram caminhando, ajudando a levar o lanche, as sacolas. Eduardo procurou a pesquisadora e lhe disse que tinha uma carta para lhe entregar, mas só o faria no final do encontro porque estava com vergonha. Ele estava feliz em participar e mais integrado ao grupo. A pesquisadora pediu a carta e disse que somente leria depois que fosse embora, se Eduardo ficasse mais confortável, mas ele não entregou e disse que o faria no final do encontro. No caminho, todos conversaram, lamentavam pelo término e fizeram diversos convites para prolongar as conversações.

Depois que todos se sentaram no chão, foi estendida uma toalha e Luísa compartilhou que os encontros representaram para ela uma grande mudança, tendo sido um ponto de apoio. Relatou se sentir relaxada e mais tranquila ao longo desse tempo que durou a pesquisa, pois sabia que teria o grupo para conversar, para ajudar a resolver até os conflitos gerados.

Rafaela concordou com Luísa e encontrou no grupo um espaço para se abrir, falar abertamente sobre suas inseguranças, compartilhar coisas que vinha guardando e que não contava para ninguém. Falou que gostaria muito que os encontros continuassem, mesmo ela saindo da escola porque vai concluir o Ensino Fundamental, gostaria de ter o acompanhamento de um grupo como aquele.

Bianca acredita que deveria ter um profissional de psicologia na escola de forma constante. Comparou as conversações à disciplina de Projeto de Vida. Percebeu que tocam mais ou menos nos mesmos tópicos, mas na disciplina ninguém fala realmente o que pensa porque é na sala de aula, eles têm vergonha de contar para as pessoas que convivem diariamente e o professor não tem o mesmo “jetitinho” de fazer as perguntas e conduzir as discussões. Ela tinha medo da exposição e acredita que outros colegas também.

Luísa enfatizou que é muito estranho contar coisas mais profundas na disciplina Projeto de Vida, porque os alunos não têm maturidade para ouvir sobre a experiência do outro

e respeitar e depois tudo que foi dito vira motivo de chacota. Não existe nenhuma garantia de sigilo. Pelo contrário, ainda são julgados e passam por constrangimentos.

Concordando com Luísa, Rafaela esclareceu que os encontros superaram suas expectativas, ela conseguiu estabelecer uma relação de confiança com o grupo, com as psicólogas e nunca havia vivenciado um espaço de acolhimento e que realmente se sentia considerada, escutada. Rafaela até achava que a disciplina Projeto de Vida era uma tentativa de dar espaço para os alunos falarem e se expressarem, mas ela acredita que ainda não está dando certo.

Luísa confessou que a princípio estava insegura quanto ao grupo, achava que as conversações seriam relatadas para a coordenadora e para a diretora, mas percebeu que realmente existia o sigilo.

Para Luigi foi legal participar da pesquisa. Aurora também gostou dos encontros, pois tinha compartilhado coisas que nunca tinha contado. Repetiu que não queria que acabasse, falou sobre a impressão de ainda ter “assunto” para falarem.

As estagiárias também falaram sobre como foi para cada uma participar do grupo. Relataram o quanto foi importante escutar a história de cada um e o quanto havia ressoado nas experiências pessoais delas. Aguardavam ansiosamente o dia de virem para a escola participar do projeto. Beatriz falou que tinha a expectativa de aprender sobre os adolescentes nas redes sociais, mas aprendeu muito além disso. Aprendeu a escutar, intervir, as experiências compartilhadas foram muito além das redes sociais. Wiliany falou sobre sua felicidade quando os encontros foram ampliados porque cada conversação era muito rica e havia sido um verdadeiro presente a solicitação para expandir a coleta de dados. Os dias das coletas de dados eram cansativos, mas compensava o esforço.

A pesquisadora seguiu falando sobre a importância da equipe ter estado disponível para realmente escutar o que eles tinham a dizer. À princípio foi necessário o uso dos crachás, mas gradativamente eles perderam sua função porque a gente passou a conhecer cada um não apenas pelo nome, mas em sua profundidade e com uma intimidade tecida no convívio e no compartilhamento das histórias de vida. Acredita que os objetivos foram cumpridos e ultrapassados, também gostaria de seguir com os encontros porque foram ricos para todos os envolvidos. A equipe também se sentiu acolhida pela escola, pelos alunos, de tal forma que era realmente difícil concluir.

Em seguida, a pesquisadora falou sobre um trecho do livro do Pequeno Príncipe, resgatando que ele estabeleceu um relacionamento com a rosa que a tornou única no mundo. E assim também tinha se estabelecido o vínculo entre os integrantes do grupo, cada um se

tornou único e especial. Para marcar o término e demonstrar a gratidão pela participação ativa de cada um, eles foram presenteados com uma garrafa de água térmica e personalizada com o nome de cada um e o símbolo da pesquisa (@adolescênciaconectada). Os adolescentes ficaram muito felizes com a lembrancinha.

Após esse momento de conclusão, os participantes lancharam. Cada um foi falando sobre o que tinha se passado durante a semana. Rafaela contou que tinha tido coragem de terminar o namoro porque já fazia tempo que tinha percebido que não estava lhe fazendo bem, mas achava que não sobreviveria sem ele. Relatou que estava sendo menos difícil do que imaginava. Compartilhou que no dia anterior havia aberto uma caixinha de perguntas no Instagram para receber mensagens anônimas. Gostou do que começou recebendo, muitos elogios, várias mensagens de pessoas interessadas nela, mas depois as mensagens ficaram mais pesadas, algumas eram lhe xingando, outras desviaram o foco e falavam sobre sua família. Alana comentou que não teria coragem de abrir para receber essas mensagens anônimas porque as pessoas falam o que querem sem avaliar que podem machucar quem recebe.

Luísa contou que já tinha aberto uma vez e recebeu muitas mensagens inconvenientes, algumas lhe xingando, falando coisas que ela sabe que não tem nada a ver, mas acabava lhe afetando receber. Para Rafaela, o pior era não saber quem estava enviando. Algumas gostaria mais de saber por que pareciam ser de rapazes interessados, mas outras era para saber quem pensava aquelas coisas horríveis sobre ela. Bianca ensinou uma maneira de descobrir qual perfil enviou as mensagens anônimas, mas precisa pagar um valor para ter acesso. Rafaela discorda em pagar só para saber quem foi.

A pesquisadora perguntou qual o objetivo de abrir essas caixinhas de mensagens anônimas e o que eles esperavam receber. Luísa disse que era um método para saber o que as pessoas pensam sobre ela. Rafaela concordou, mas acha que sendo anônimo perde um pouco a confiabilidade. Bianca fala em tom sarcástico: “só um pouco?”. Eles concordam e Luísa completou alertando que: “precisa ter cabeça boa pra receber essas mensagens”.

O grupo terminou o lanche, mas ainda queriam estender o encontro. Sugeriram fazer um passeio pela rua principal da cidade para mostrarem os “pontos turísticos”, falaram isso rindo porque foram logo adiantando que era tudo muito pequeno. Todos ajudaram a guardar os materiais, recolher o lixo e guardar as cadeiras. O grupo foi caminhando em direção à rua principal. Luísa pediu o celular da pesquisadora e foi fazendo vídeos como se fosse uma blogueira em uma viagem turística. À medida que caminhava explicava detalhes pessoais dos lugares percorridos, por exemplo: “Aqui é o lugar onde os adolescentes se escondem para se

beijar”. Nesse momento, todos riram lembrando de diversas histórias. Luísa para de gravar e conta uma história pessoal, seu primeiro beijo naquele lugar.

O passeio seguiu para a igreja, a associação de leiteiros, um bar com sinuca e movimentado à noite. Decidiram ir até o cemitério, passavam pelas casas apontando e explicando quem eram os moradores. No percurso tiraram algumas fotos entre eles, com a equipe de pesquisa. Quiseram entrar no cemitério, Alana e Yasmim ficaram do lado de fora porque não se sentiam bem no lugar. Alguns participantes mostraram seus familiares ali enterrados.

Na volta, o grupo parou debaixo de uma árvore, muitos estavam com sede e decidiram pedir água no posto de saúde que ficava em frente. Encontramos um aluno do colégio que tem um déficit cognitivo e ele estava caminhando com uma caixa de som. Eles falaram sobre a história de vida dele e seguiram falando de outras pessoas conhecidas na região por fazerem “coisas bizarras”. Os participantes compartilharam que gostam do lugar em que vivem, destacaram o contato com a natureza, o lugar ter abrigado suas famílias há algumas gerações.

Voltamos do passeio, Eduardo se aproximou da pesquisadora para lhe agradecer e confessou que jogou a carta no lixo porque ficou com vergonha do que tinha escrito. A pesquisadora lamentou, disse ter ficado na expectativa para saber o que estava escrito, perguntou se ele queria lhe dizer algo, mas Eduardo apenas agradeceu, falou que tinha sido a melhor experiência da sua vida.

Na escola, nos despedimos dos alunos, da coordenadora, da diretora, registramos com algumas fotos. Foi um momento caloroso de abraços, palavras de incentivo, anúncio de uma saudade já sentida.

ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
PREFEITURA DE SERRA TALHADA****CARTA DE ANUÊNCIA**

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos a pesquisadora assistente RENATA GUARANÁ DE SOUSA LORENA, a desenvolver o projeto de pesquisa em nível de doutorado intitulado: “Adolescência conectada: performance de ruptura dos adolescentes nas redes sociais digitais”, que está sob a orientação da pesquisadora responsável Dra. VÉRONIQUE DONARD e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco. O objetivo da pesquisa é realizar rodas de conversa com estudantes entre 12 e 15 anos sobre o comportamento digital nas redes sociais digitais buscando compreender sua relação com os momentos de urgência subjetiva enfrentada pelos adolescentes. A coleta de dados acontecerá nas escolas da rede municipal que oferecem o Ensino Fundamental II.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados a pesquisadora deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Serra Talhada, em 14 / 03 / 23.

Nome/assinatura e **carimbo** do responsável legal onde a pesquisa será realizada

Edivaldo Alves da Silva
Sec. Municipal de Educação
Portaria PMST/GP 001/2023

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



PPGPSI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PSICOLOGIA CLÍNICA DA UNICAP



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

_____(NOME DO/A ADOLESCENTE)
está sendo convidado para participar da pesquisa **Adolescência Conectada: apresentação de si nas redes sociais digitais em momentos de urgência subjetiva**.

O objetivo deste estudo é compreender os usos que os adolescentes fazem das redes sociais digitais quando estão vivenciando um momento de sofrimento psíquico.

_____(NOME DO/A ADOLESCENTE) foi selecionado de forma intencional por ser adolescente, usuário de redes sociais digitais e estudante do _____. A sua participação nesta pesquisa consistirá em integrar rodas de conversa uma vez por semana, durante 10 semanas, mediadas pela psicóloga e pesquisadora assistente Renata Guaraná de Sousa Lorena. Caso _____(NOME DO/A ADOLESCENTE) se sinta confortável, a pesquisadora poderá também observar suas postagens públicas nas redes sociais digitais.

A participação dele/a não é obrigatória, e a sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora, nem com o colégio ou com a universidade em que a pesquisa está vinculada.

O único risco a que _____ (NOME DO/A ADOLESCENTE) estará exposto/a é sentir-se constrangido/a por ser convidado/a a falar sobre si. Neste caso, ele/ela poderá não responder ou até mesmo desistir da participação sem sofrer qualquer tipo de prejuízo. Se o Sr./a Sra. considerar que _____ (NOME DO/A ADOLESCENTE) não está se sentindo à vontade, ou está incomodado/a, e quiser que ele/ela converse com um profissional que não faça parte da equipe de pesquisa, bastará com comunicá-lo e lhe será proporcionada a ajuda solicitada, após encaminhamento à Clínica-Escola da Faculdade de Integração do Sertão – FIS.

Conforme aceite a participação de _____ (NOME DO/A ADOLESCENTE), estará contribuindo significativamente para a compreensão do papel das redes sociais nos processos subjetivos dos adolescentes e para a qualificação dos profissionais que lhes prestam assistência.

Garantimos que as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar a identificação do participante, serão utilizados pseudônimos e descartada as informações que possa revelar a identidade do adolescente.

O principal benefício para _____ (NOME DO/A ADOLESCENTE) em participar da pesquisa é o espaço disponibilizado para falar e refletir sobre os usos que ele/a e seus pares fazem das plataformas virtuais, uma vez que eles as utilizam com frequência, entretanto poucos são os ambientes em que são convidados a falar sobre o que postam.

Faremos uma devolutiva dos resultados da pesquisa em formato de palestras, rodas de diálogos ou oficinas, tanto para os adolescentes envolvidos quanto para os educadores e os pais ou responsáveis.

Sempre respeitando o anonimato dos participantes, os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em congressos ou sob formato de artigo científico. Esperamos proporcionar uma reflexão que possa contribuir com o trabalho de outros profissionais que trabalhem neste segmento.



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Antes de dar seu consentimento e assinar o presente TCLE, convidamos você a acessar a CARTILHA DOS DIREITOS DOS PARTICIPANTES DE PESQUISA, que você encontrará no link: <http://drive.google.com/file/d/1Wugz2p8-akiIN3Q1QnBD0f1nAJV1W-H5/view>. Nessa cartilha, você encontrará as informações necessárias para esclarecer suas dúvidas sobre seus direitos.

Eu, _____, dou meu consentimento livre e esclarecido para a participação de _____ (NOME DO/A ADOLESCENTE como voluntário/a do projeto de pesquisa: **Adolescência Conectada: apresentação de si nas redes sociais digitais em momentos de urgência subjetiva**, sob a responsabilidade da pesquisadora e professora doutora Véronique Donard, da Universidade Católica de Pernambuco.

Assinando este Termo de Consentimento, estou ciente de que:

- 1) Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a participação de NOME DO/A ADOLESCENTE nesta pesquisa.
- 2) Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho exposto acima, incluindo sua publicação na literatura científica especializada.
- 3) Posso contatar a pesquisadora responsável pelo projeto, Véronique Donard, para esclarecer qualquer dúvida. Seu telefone é: (81) 998 88 88 38.
- 4) Terei acesso aos resultados da pesquisa, através da pesquisadora responsável pelo projeto, assim que esta tiver sido encerrada.
- 5) A pesquisadora assistente me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na Rua do Príncipe, 526 – Boa Vista – bloco G4 – 6º andar, sala 609 – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL. telefone: (81)2119-4041 ou 2119-4376 – endereço eletrônico: cep@unicap.br - Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h - segunda a sexta-feira.
- 6) A pesquisadora assistente me informou que havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

Serra Talhada, _____ de _____ de 2023.

Eu, _____, RG nº _____, Pai / Mãe ou Responsável Legal de NOME DO/A ADOLESCENTE, declaro ter sido informado/a e concordo na sua participação do projeto de pesquisa descrito acima.



PPGPSI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PSICOLOGIA CLÍNICA DA UNICAP



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

ASSINATURA DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL (ORIENTADORA)

Profa. Dra. Véronique Donard
(81) 99888-8838
PPGPSI-UNICAP
Rua Almeida Cunha – bloco G4 – 7º andar.
Boa Vista – Recife

ASSINATURA DA PESQUISADORA ASSISTENTE

Profa. Me. Renata Guaraná de Sousa Lorena
(87) 98166-5453
Faculdade de Integração do Sertão – FIS
Rua João Luiz de Melo, 2110
Tancredo Neves – Serra Talhada

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP
SRTV 702, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte
CEP: 70719-000 - Brasília-DF
Telefone: (61) 3315-2951
e-mail: conep@saude.gov.br

ANEXO C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



PPGPSI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PSICOLOGIA CLÍNICA DA UNICAP



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Olá, eu sou Renata Guaraná, psicóloga e estou realizando uma pesquisa sobre como os adolescentes usam as redes sociais, como TikTok, Instagram. Você está sendo convidado para participar desta pesquisa, intitulada **Adolescência Conectada: apresentação de si nas redes sociais digitais em momentos de urgência subjetiva**. Seus pais permitiram que você participe.

Queremos saber como os adolescentes utilizam as redes sociais digitais quando estão não se sentem bem. Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm entre 12 e 15 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita no [REDACTED] onde você e outros adolescentes participarão de rodas de conversa sobre comportamento digital, uma vez por semana, por cerca de uma hora. Teremos dez encontros. Além disso, com o seu consentimento, e se você se sentir à vontade com isso, a pesquisadora poderá visualizar suas redes sociais sem interagir com você on-line.

O uso das informações coletadas é considerado seguro, mas é possível que você sinta desconforto por ser convidado a falar sobre seu perfil digital.

Nesse caso, você pode decidir não participar mais da pesquisa, sem que seja necessário explicar o porquê. Caso aconteça algo errado, você pode contatar a pesquisadora responsável pelo projeto, Véronique Donard, para conversar ao respeito. Seu telefone é: (81) 998 88 88 38. Você também pode falar comigo se preferir: Renata Guaraná de Sousa Lorena, (87) 98166-5453.

Mas há coisas boas que podem acontecer como você refletir e pensar sobre o que você posta e o que vê nas plataformas virtuais e aprender sobre os sinais que os adolescentes dão nas redes sociais quando estão muito tristes.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Se os resultados da pesquisa forem publicados, em livros, revistas, ou comunicados em palestras, você e os outros adolescentes que participaram não serão identificados.

Quando terminarmos a pesquisa voltaremos na escola para contar aos participantes sobre o que descobrimos. Se você tiver alguma dúvida, pode nos perguntar. Os telefones estão na parte de cima deste texto.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa "Adolescência conectada: apresentação de si nas redes sociais digitais em momentos de urgência subjetiva".

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.



PPGPSI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PSICOLOGIA CLÍNICA DA UNICAP



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar chateado.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Serra Talhada/PE, ____ de _____ de 20__.

MINHA ASSINATURA (PESQUISADORA)

Profa. Me. Renata Guaraná de Sousa Lorena
(87) 98166-5453
Faculdade de Integração do Sertão – FIS
Rua João Luiz de Melo, 2110
Tancredo Neves – Serra Talhada

ASSINATURA DA PROFESSORA RESPONSÁVEL POR MINHA PESQUISA (ORIENTADORA)

Profa. Dra. Véronique Donard
(81) 99888-8838
PPGPSI-UNICAP
Rua Almeida Cunha – bloco G4 – 7º andar.
Boa Vista – Recife

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP
Rua Do Príncipe, 526 – Boa Vista – Bloco G4 – 6º Andar, Sala 609
CEP 50050-900 – Recife/PE – BRASIL
Telefone: (81)2119-4041 ou 2119-4376
Endereço Eletrônico: cep@unicap.br
Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h de segunda a sexta-feira

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP

SRTV 702, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte
CEP: 70719-000 - Brasília-DF
Telefone: (61) 3315-2951
e-mail: conep@saude.gov.br